



Gabriela Matos Ferreira Fernandes

JORNALISMO DE ESGOTAMENTO:
A Precarização do Trabalho Jornalístico na Pandemia

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^a. Patrícia Maurício Carvalho

Rio de Janeiro
Setembro de 2021



Gabriela Matos Ferreira Fernandes

JORNALISMO DE ESGOTAMENTO:
A Precarização do Trabalho Jornalístico na Pandemia

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof^a. Patrícia Maurício Carvalho

Orientadora

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof^a. Lilian Saback de Sá Moraes

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof^a. Helena Martins do Rêgo Barreto

Universidade Federal do Ceará – UFC

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Gabriela Matos Ferreira Fernandes

Graduou-se em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2008. Possui o grau de especialista em Comunicação e Imagem, obtido em 2013, pela mesma instituição. É integrante do grupo de pesquisa do CNPq Economia Política da Comunicação da PUC-Rio (EPC-PUC-Rio).

Ficha Catalográfica

Fernandes, Gabriela Matos Ferreira

Jornalismo de esgotamento : a precarização do trabalho jornalístico na pandemia / Gabriela Matos Ferreira Fernandes ; orientadora: Patrícia Maurício Carvalho. – 2021.

335 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2021.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Jornalismo. 3. Precarização. 4. Trabalho. 5. Covid-19. 6. Economia política da comunicação. I. Carvalho, Patrícia Maurício. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para Miguel e Joaquim

Agradecimentos

Esta pesquisa não poderia ter sido desenvolvida sem a existência de algumas pessoas cujo agradecimento aqui é minúsculo perto do que representam para mim.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu filho Joaquim, origem de uma transformação intensa em tantos aspectos da minha vida, e fonte de força, frescor e esperança. Joca me permitiu renascer de tantas formas e abrir caminhos potentes como este.

Ao Miguel, meu companheiro nesta caminhada há quase uma década, com quem dividi, ao longo deste mestrado, alegrias, angústias, descobertas e curas em relação a um tema tão sensível para mim. Agradeço também pelo seu talento com dados e gráficos e as horas dedicadas a me ajudar a cruzar as informações necessárias para a pesquisa.

À minha mãe Regina, não só por ter sempre palavras reconfortantes e incentivadoras em todas as horas, mas por cuidar tão bem do Joaquim, para que eu pudesse escrever sem preocupações, principalmente na reta final do trabalho.

Ao meu pai Mauro, o primeiro a concluir um Mestrado na família, e cuja força e luta de vida me inspiram muito. A ele e à minha mãe, a minha profunda gratidão por terem sempre estimulado os meus estudos.

Às minhas irmãs, Thais e Patrícia, e aos meus amigos queridos, por quem tenho amor profundo, por me apoiarem nas mudanças e terem sempre escuta ativa para minhas dificuldades.

Agradeço aos meus colegas de profissão aqui ouvidos. Alguns chamaram as nossas conversas de “sessão de terapia”, e para mim também foi, para além de poder ouvir, fora da rua e com mais calma, as histórias e questões profissionais e pessoais que nos envolvem. Sou profundamente grata pela abertura de cada um.

À minha orientadora Patrícia Maurício, cuja doçura nas palavras nunca me permitiu desistir, mesmo havendo uma pandemia e tantas outras complicações no meio da minha pesquisa. Tenho certeza de que não seria possível explicar em palavras a sua importância, e a admiração que guardo por ela. A forma como dialoga, encaminha e ensina é muito especial, e foi fundamental para cada linha escrita.

À banca examinadora, formada pelas professoras Lilian Saback (PUC-Rio), Helena Martins (Universidade Federal do Ceará) e Bruna Aucar (PUC-Rio), por quem tenho enorme admiração.

Aos meus professores do mestrado e colegas do grupo de Economia Política da Comunicação (EPC/PUC-Rio), com quem tanto aprendo. Em especial à minha amiga Patrícia Gabrig, com quem dividi a intensidade da reta final deste trabalho.

Um agradecimento também à Marise, secretária do Departamento de Comunicação, que esteve sempre disponível para ajudar.

Agradeço à PUC pela oportunidade de cursar o mestrado nesta respeitada instituição, onde tenho toda a minha formação e pela qual tenho tanto carinho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Fernandes, Gabriela Matos Ferreira; Carvalho; Patrícia Maurício. **Jornalismo de esgotamento: Estudo sobre a Precarização do Trabalho Jornalístico na Pandemia.** Rio de Janeiro, 2021. 335p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta é uma pesquisa do campo da Economia Política da Comunicação, Informação e Cultura (EPC) que dialoga com os estudos que analisam o processo de produção de notícias pensado a partir da categoria trabalho, dentro de uma perspectiva marxista. As empresas de comunicação, no Brasil e em quase todo o mundo, se encontram no contexto capitalista e, por isso, buscam em primeiro lugar o lucro, o qual vem sendo abalado pela disrupção do modelo de negócios dessas empresas, com a chegada da internet e das plataformas digitais. A investigação busca compreender de que maneira as rotinas produtivas do jornalismo dentro deste contexto favorecem a precarização do trabalho e afetam não só a produção, mas as condições físicas e psicológicas dos profissionais da área, principalmente após a chegada da pandemia de covid-19. A pesquisa tem como base métodos quantitativos e qualitativos aplicados sobre uma amostra de 218 respostas de um questionário enviado a jornalistas de todo país e entrevistas em profundidade com 21 repórteres que atuam no Rio de Janeiro no noticiário diário de empresas de comunicação de relevância nacional. Esta dissertação constata forte instabilidade na profissão, crescimento da precarização do fazer jornalístico e desqualificação dos trabalhadores, além do aumento dos sinais de esgotamento entre os jornalistas.

Palavras-Chave

Jornalismo; precarização; trabalho; covid-19; economia política da comunicação.

Abstract

Fernandes, Gabriela Matos Ferreira; Carvalho; Patrícia Maurício (Advisor). **Burnout Journalism: Precariousness of Journalistic Work in the Pandemic**. Rio de Janeiro, 2021. 335p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This is a research in the field of Political Economy of Communication, Information and Culture (EPC) that is in dialogue with studies that analyze the process of news production from the category of work, within a marxist perspective. Communication companies in Brazil are in the capitalist context and, therefore, pursue profit first, which has been affected by the disruption of these companies' business models, with the arrival of the internet and digital platforms. The investigation seeks to understand how the productive routines of journalism within this context favour the precariousness of work and affect not only production, but also the physical and psychological conditions of professionals in the field, especially after the arrival of the covid-19 pandemic. The research is based on quantitative and qualitative methods applied to a sample of 218 responses to an online survey questionnaire sent to journalists across the country and in-depth interviews with 21 reporters who work in Rio de Janeiro with the daily news in media companies of national relevance. This dissertation found strong instability in the profession, a growth in the precariousness of journalistic work and a disqualification of workers, in addition to an increase in the signs of exhaustion among journalists.

Keywords

Journalism; precariousness; work; covid-19; political economy of communication.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução | 11 |
| 1. O capitalismo e a roda do hamster..... | 19 |
| 2. Planeta diário: o jornal feito por (não) heróis..... | 39 |
| 3. Metodologia..... | 60 |
| 3.1. Metodologia Qualitativa | 62 |
| 3.1.1. Entrevistas em profundidade | 65 |
| 3.1.2. Análise dos dados..... | 69 |
| 3.2. Metodologia Quantitativa | 72 |
| 4. O trabalho dos jornalistas durante a pandemia | 78 |
| 4.1. Resultado das entrevistas quantitativas..... | 81 |
| 5. O trabalho dos jornalistas durante a pandemia no Rio de Janeiro | 98 |
| 6. Conclusão | 199 |
| 7. Referências bibliográficas | 204 |
| 8. Anexos | 209 |
| Anexo 1: Respostas abertas do questionário quantitativo sobre conciliar o trabalho e os filhos na pandemia | 209 |
| Anexo 2: Entrevistas em profundidade | 213 |

Lista de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Agressões contra jornalistas | 54 |
|--|----|

Lista de gráficos

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1: Perfil dos respondentes | 82 |
| Gráfico 2: Identidade de gênero | 82 |
| Gráfico 3: Idade..... | 83 |
| Gráfico 4: Anos de prática | 84 |
| Gráfico 5: Localização | 84 |
| Gráfico 6: Veículo de mídia | 85 |
| Gráfico 7: Cobertura da pandemia | 85 |
| Gráfico 8: Impactos no trabalho | 86 |
| Gráfico 9: Alterações no padrão de trabalho | 87 |
| Gráfico 10: Medidas das organizações | 88 |
| Gráfico 11: Sensação de segurança no trabalho | 89 |
| Gráfico 12: Reportagem de rua | 90 |
| Gráfico 13: Violência antes da pandemia | 90 |
| Gráfico 14: Violência depois da pandemia | 91 |
| Gráfico 15: Sintomas de burnout antes e depois da pandemia..... | 92 |
| Gráfico 16: Quantidade de sintomas declarados..... | 92 |
| Gráfico 17: Reações psicológicas | 93 |
| Gráfico 18: Apoio psicológico | 94 |
| Gráfico 19: Apoio corporativo | 95 |
| Gráfico 20: Sintomas de esgotamento dos jornalistas do Rio de Janeiro..... | 190 |
| Gráfico 21: Sintomas relacionados à síndrome de burnout nos jornalistas do Rio | 191 |

Introdução

Até maio de 2021, pelo menos 213 jornalistas brasileiros tinham morrido em decorrência do novo coronavírus.¹ Entre janeiro e abril de 2021, foram 124 mortes de profissionais da área, uma média de 31 por mês. Os números poderiam representar mera fatalidade, mortes após a contração de um vírus de rápida contaminação e que fez milhões de óbitos em todo o mundo. Só que há um pouco mais nesta história. No Rio de Janeiro, depois da morte do editor de imagem José Augusto Nascimento Silva, de 57 anos, infectado com a covid-19, o SBT pediu para que o *compliance* do Grupo Silvio Santos investigasse se a direção obrigou funcionários a trabalharem mesmo com sintomas da doença². Naná, como era conhecido, enviou um áudio dias antes a colegas questionando o fato de ter que manter o expediente junto com outros profissionais com suspeita de infecção. A emissora teve um surto da doença na sucursal carioca em abril de 2020. Trinta e oito funcionários tiveram que se afastar das suas funções. Pouco tempo depois, outro funcionário do SBT morreu com coronavírus.³ Se a primeira e mais urgente medida a ser tomada quando se desconfia ter sido infectado pelo vírus é o isolamento, por que funcionários com suspeita de infecção trabalhavam normalmente na redação do SBT? Que condições de produção e de trabalho estão acordadas entre patrão e empregado numa clara situação de violência como esta?

Uma pesquisa da Federação Internacional dos Jornalistas⁴ (IFJ) sobre as condições de trabalho em meio à pandemia, realizada também em abril de 2020, mostra que os profissionais não só sofriam com o aumento do nervosismo e estafa no exercício da função, como estavam submetidos à diminuição de suas rendas e benefícios. Dos 295 jornalistas brasileiros que contribuíram com a pesquisa, 61,25% afirmaram que tiveram aumento de ansiedade e estresse. Em outra pesquisa

¹ Reportagem do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia sobre o dossiê feito em parceria com a Fenaj. Disponível em: <https://sinjorba.org.br/novo/2021/05/20/covid-19-mata-um-jornalista-por-dia-no-brasil/> Acessado em 06 de Junho de 2021.

² Reportagem da Revista Veja sobre investigações no SBT. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/sbt-aciona-compliance-apos-surto-de-covid-19-no-rio-mp-quer-fechar-sede/> Acessado em 12 de agosto de 2020.

³ Reportagem da Folha de São Paulo sobre a morte do segundo funcionário por covid-19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/morre-o-segundo-funcionario-do-sbt-no-rio-de-janeiro-por-coronavirus.shtml> Acessado em 12 de Outubro de 2020.

⁴ Reportagem da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) com os dados da pesquisa da IFJ. Disponível em: <https://fenaj.org.br/pesquisa-fij-6125-dos-jornalistas-brasileiros-tem-aumento-de-ansiedade-e-estresse-com-o-trabalho-na-pandemia/> Acessado em 5 de abril de 2021.

da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁵, as jornalistas mães relataram sobrecarga de tarefas, por terem que lidar com a disponibilidade quase que sem limites que o trabalho remoto impõe, além de encarar rotinas de tarefas domésticas e acompanhamento dos filhos nas aulas on-line. O surto global de covid-19 trouxe mudanças de formatos, locais de trabalho (a maioria das redações adotou o *home office* ou modelo híbrido de revezamento) e alterações das mais diversas nas dinâmicas de trabalho dentro das redações, agravando um cenário de precarização que já estava presente, e expôs a situação de instabilidade pela qual os jornalistas têm passado. Diante deste quadro, esta pesquisa busca compreender de que maneira a conjuntura da profissão precariza o trabalho e afeta não só a produção, mas as condições físicas e psicológicas dos profissionais da área, principalmente no contexto da pandemia de covid-19.

Investigamos o assunto a partir do marco teórico da Economia Política da Comunicação, Informação e Cultura (EPICC), que posiciona a Comunicação como parte da estrutura capitalista (BOLAÑO, 2002; FIGUEIREDO, 2019). Pensamos a questão a partir da categoria trabalho, dentro de uma perspectiva marxista (ANTUNES, 2020; DRUCK, 2011; MARX, 2013). Neste contexto, a investigação busca esmiuçar a precarização do fazer jornalístico, considerando que as empresas de comunicação estão inseridas na lógica capitalista, comercializando um produto jornalístico, e que dentro de um sistema capitalista, o trabalhador é explorado pelo empregador. A partir desta interpretação, esta pesquisa lista três objetivos principais: investigar o contexto das condições de produção de notícias, principalmente após a pandemia de covid-19; buscar compreender como a tecnologia atuou sobre a aceleração dos processos do fazer jornalístico e a precarização da produção; e observar a relação entre os processos contemporâneos e o aumento da degradação da saúde dos jornalistas, dando voz ao profissional de comunicação e buscando um não silenciamento do trabalhador diante dos paradigmas dominantes. Acredito que o aprofundamento neste tema seja de grande importância para a sociedade, uma vez que os impactos do adoecimento dos jornalistas estarão refletidos no modo com que são apuradas e escritas as

⁵ Fonte: Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: <https://fenaj.org.br/maes-jornalistas-sao-mulheres-esgotadas-pela-sobrecarga-de-trabalho-na-pandemia/> Acessado em 03 de agosto de 2021.

reportagens, tendo em vista, inclusive, a crise de credibilidade pela qual passa o jornalismo atual.

No capítulo I, discutimos os conceitos de mercadoria e força de trabalho (MARX, 2013), e analisamos diferentes ciclos do capitalismo e seus movimentos, que envolvem a entrada de tecnologias, criação de novos produtos e a precarização do trabalho (BOLAÑO, 2002; DRUCK, 2011; HUWS, 2017). A análise aborda as transformações da força de trabalho durante o paradigma taylorista-fordista da Segunda Revolução Industrial, e em seguida na Terceira Revolução, marcada pelas tecnologias de inteligência, que posicionaram a informação no centro do processo de acumulação. Debates sobre as lógicas capitalistas, a redução do tempo de circulação das mercadorias e sobre como a falácia da igualdade de mercado colabora com o agravamento da exploração do trabalhador (BOLAÑO, 2016). Há aqui o que Marx chama de duplo caráter: as tecnologias aceleram os processos e aumentam a produtividade, ao mesmo tempo o valor da mão de obra cai. Segundo Martins e Valente, a análise do capitalismo atual compreende que as formas vigentes de valorização do valor "trazem embutidos novos mecanismos geradores de trabalho excedente, ao mesmo tempo que expulsam da produção uma infinidade de trabalhadores, que se tornam sobrantes, descartáveis e desempregados" (MARTINS; VALENTE, 2020, p.142). Nesta análise, adotamos o conceito de precarização do trabalho de Graça Druck (2011), que o define como um processo que se instala econômica, social e politicamente, e que é caracterizado pela desestruturação no mercado de trabalho e na desproteção pelo Estado. A "inevitabilidade" de se adaptar aos tempos globais leva a uma institucionalização da flexibilidade, e alguns reflexos estão na informalidade, na desregulação e no desemprego. Buscamos entender como esse sistema flexível contribui para um afrouxamento estrutural das organizações, que passam a se tornar "redes" que podem facilmente ser decompostas e rearranjadas (SENNETT, 1999). Junto com o aumento dos trabalhos episódicos ou temporários, discutimos como as novas estruturas trouxeram menor senso de coletividade, uma individualização e maior competitividade, assim como uma perda de relevância dos sindicatos trabalhistas. Na sociedade "líquido-moderna" de Bauman (2007), como as condições mudam num tempo mais curto do que é necessário para sua consolidação, o que vale nesta competição é evitar ser excluído das fileiras dos destruídos e ser jogado no lixo, uma vez que a lógica da acumulação flexível instaura como forma dominante a

relação precária de trabalho. Há uma ansiedade constante em relação ao tempo, uma frequente instabilidade, que mina as relações de trabalho e também a auto-estima dos trabalhadores.

Neste contexto, discutimos ainda o capitalismo de plataforma e a exploração do trabalho, que ganha aparência de não-trabalho (ANTUNES, 2020), como os empreendedores, pejetizados, MEIs (microempreendedores), etc. Como resultado das longas jornadas de trabalho, contratos sem proteção e baixos salários, sintomas físicos e psicológicos acometem os trabalhadores, e a síndrome de burnout⁶, caracterizada pelo esgotamento laboral, passou a ser fator de preocupação em todo o mundo, principalmente com a chegada da pandemia de coronavírus. Entre os sintomas da síndrome estão a sensação de esgotamento físico e emocional (exaustão, dores de cabeça, pressão alta, dores musculares) e perda da eficácia profissional, que se refletem em outros comportamentos como isolamento, ausências no expediente, mudanças bruscas de humor, depressão, lapsos de memória, entre outros. No caso do Brasil, país que sofre uma epidemia de ansiedade, segundo a Organização Mundial de Saúde, trazemos ainda um estudo que mostra os prejuízos para os direitos dos trabalhadores após a aprovação da Reforma Trabalhista, em 2017.

Abordamos, no capítulo II, as questões do trabalho discutidas anteriormente aplicadas ao contexto do jornalismo. Analisamos a conjuntura capitalista onde estão inseridas as empresas de comunicação, e estudamos o produto jornalístico (o jornal, o telejornal, os programas de rádio, etc.) como uma mercadoria dentro do conceito marxista, com valor de uso e de troca, pensado e direcionado para determinados públicos com a finalidade de gerar lucro. Examinamos o campo a partir da adoção do padrão americano de produção de notícias em meados para o fim do século XX e da profissionalização da categoria, e como os veículos no Brasil (que tiveram sua formação com base na articulação política) se mantinham com base em anunciantes, mas também no subsídio público, trazendo os primeiros conflitos conceituais do desenvolvimento do jornalismo brasileiro (RODRIGUES, 2013). Ao longo de debate teórico, tratamos das alterações mais significativas do

⁶ A síndrome de burnout. Fonte: Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/#:~:text=A%20s%C3%ADndrome%20de%20burnout%20%C3%A9,entre%20as%20classes%20mais%20atingidas>. Acessado em 20 de julho de 2021.

jornalismo nos últimos 30 anos: a disrupção do modelo de negócios (MAURÍCIO, 2017) e as mudanças no processo de distribuição das notícias, fenômenos desencadeados pela migração para o digital, a entrada da internet e das redes sociais nas redações e da web móvel privatizada (ANDERSON *et al*, 2013). Os efeitos dos novos processos contemporâneos se refletiram na precarização do fazer jornalístico, com um enxugamento das redações, acúmulo de funções, terceirização de atividades importantes, e altos níveis de estresse entre os profissionais.

Observamos, portanto, que é na crise do capital que está ancorada a precarização do jornalismo, que sofreu mais um baque com os fenômenos mais recentes, envolvendo a dominação do mercado de comunicação por gigantes da tecnologia, como o Google e Facebook (MAURÍCIO & SABACK [Orgs.], 2020). Além de imperar em termos de audiência e publicidade, as empresas de tecnologia passaram a mediar processos entre os veículos de comunicação e o público, assumindo tarefas que antes eram do jornalismo e atuando como *gatekeepers*. Assim, os oligopólios de tecnologia, gerindo bilhões de perfis nas redes, ficam não só com o poder editorial, mas com capacidade de regular o debate público e a percepção dos usuários de si e da sociedade. De acordo com César Bolaño (2017), as plataformas são os novos capitais oligopolistas seguindo uma lógica essencialmente financeira e garantindo a retomada da hegemonia norte-americana. E como o sistema é movido a interesses privados, o ponto é ainda mais grave. Questões como bolhas, filtros e *fake news* envolvem um debate fundamental: a confiança na mídia e o papel do jornalista. Em termos de trabalho, descrevemos este processo de precarização detalhando não só com o afrouxamento dos direitos e contratos trabalhistas e a pesada rotina de trabalho dos jornalistas, como o enfraquecimento dos sindicatos da categoria. Os jornalistas passaram a assumir mais funções, diante da demissão em massa de colegas, a prestar serviços para outros veículos dentro do grupo de comunicação onde atuam, além de lidar com todo tipo de pressão, como nunca se desconectar e cuidar das métricas de cada reportagem. Abordamos o mito da objetividade e o fetiche pela velocidade (MORETZSOHN, 2013), que acabam distanciando os jornalistas de sua função social e promessa de esclarecimento, que contribuem para o processo democrático.

A abordagem metodológica e as técnicas usadas nesta investigação são descritas no capítulo III. Empregamos, nesta pesquisa, a técnica mista, com metodologia qualitativa e quantitativa, optando por fazer entrevistas em

profundidade semi-estruturadas com jornalistas que atuavam no noticiário diário do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que disparamos um questionário quantitativo com 20 perguntas para jornalistas de todo país. Na abordagem qualitativa, 21 jornalistas do Rio de Janeiro foram ouvidos entre agosto e novembro de 2020, em entrevistas por chamada de vídeo (dada a situação da pandemia). As perguntas eram feitas de modo semi-aberto, a fim de explorar as percepções e experiências de cada um. Do total, 19 eram repórteres de hard news⁷. Um deles também cobria o noticiário diário, mas tinha a função de procurar pautas exclusivas e de dar continuidade a matérias de grande repercussão, indo por caminhos mais investigativos e acompanhando, por exemplo, inquéritos policiais ou decisões judiciais. E uma entrevistada, depois de 17 anos atuando na reportagem de rua, havia sido promovida, havia poucos meses, para a chefia de reportagem, e contou também sobre a mudança. Os jornalistas trabalhavam nos seguintes veículos: TV Globo, GloboNews, G1, Jornal O Globo e Rádio CBN, todos do Grupo Globo; SBT, Folha de São Paulo, CNN, TV Bandeirantes, Rádio Band News FM, TV Record, Rede TV!, portal Uol, Agência Reuters e rádio Jovem Pan. Os veículos foram selecionados por representar o jornalismo de mercado, ter orientações editoriais diversas, relevância nacional e internacional, e maior alcance de público. Os caminhos das entrevistas nos levaram a categorias que também estavam presentes na discussão teórica, e foram analisados com base na metodologia de Bardin (2016), que consiste em criar uma sistematização de processos de descrição dos conteúdos das mensagens.

A análise pelo método quantitativo utilizou-se de um questionário, que denominei “Pesquisa nacional sobre as condições de trabalho nas redações pós-covid”. Os jornalistas, localizados a partir da rede social LinkedIn, responderam às questões que buscavam entender o perfil daquele profissional, o tipo de veículo para o qual trabalhava, que tipo de contrato tinha com a empresa, se o profissional estava envolvido com a cobertura relacionada à covid-19 e se, de alguma maneira, seu emprego ou padrão de trabalho havia sido afetado pela pandemia (se havia sido demitido ou se fazia home office, por exemplo). A seguir algumas questões pessoais foram colocadas. Os jornalistas foram perguntados se sentiam segurança para trabalhar, se haviam sofrido violência ou ameaças durante o período e também

⁷ Hard news: em inglês, “notícias pesadas”. Termo usado no jornalismo para as notícias factuais, as mais importantes daquele momento.

foram questionados sobre sintomas ligados ao esgotamento físico e emocional em uma comparação entre os períodos pré e pós pandemia. Do total de perguntas, 19 eram de múltipla escolha e uma única questão, discursiva, indagou como mães e pais lidaram com o trabalho e os filhos em casa durante a pandemia. Recebemos ao todo 218 respostas, que foram catalogadas e analisadas por meio de estatísticas. O objetivo desta aferição foi a de verificar a repetição de padrões, em outras regiões do país, que permitiram fazer considerações sobre as condições de trabalho dos jornalistas de fora do Rio de Janeiro.

O capítulo IV se aprofunda sobre o que a chegada da pandemia de coronavírus significou para redações e jornalistas, e detalha os principais resultados da nossa pesquisa quantitativa, além de outras pesquisas realizadas sobre o trabalho jornalístico neste contexto pandêmico. Na análise quantitativa, destacamos a implantação do trabalho remoto, que atingiu quase 60% da nossa amostra, e o aumento dos sintomas de esgotamento entre os 218 respondentes. A sensação de isolamento quase quadruplicou no período analisado. O alto nível de estresse entre os jornalistas está presente ainda nas respostas que envolvem maior medo de perder o emprego, dificuldades para dormir maior que o normal, chorar mais que o normal e ter pensamentos negativos e sombrios.

O capítulo V descreve com detalhes os resultados das 21 entrevistas em profundidade de jornalistas do Rio de Janeiro, que relatam com detalhes as percepções, sensações e expectativas em relação ao papel do jornalista, rotinas de trabalho, violência dentro e fora das redações, impactos da profissão na vida pessoal, precarização do jornalismo, salários, a cultura do furo, as redes sociais e o futuro da profissão. As jornalistas mães também detalharam as dificuldade de conciliar o trabalho e a maternidade, além das diferenças de gênero nas redações. Tratamos ainda de uma espécie de vaidade que acomete a profissão concorrida de jornalista: o fetiche de estar em lugares importantes e entre pessoas com poder pode culminar numa romantização da precarização do jornalismo, que certamente é incentivada e explorada pelo capital, como detalharemos.

A profissão aparece como função essencial e de muita relevância social na imensa maioria das respostas. Os jornalistas se afligem com a desinformação geral e o fenômeno das *fake news*, e por isso a maioria revelou uma preocupação em “orientar” a população. O momento de polarização é citado por muitos como um entrave: os profissionais se sentem numa espécie de arena com torcedores rivais.

Os repórteres não ignoram que trabalham para veículos de comunicação que têm seus próprios interesses de mercado, e conseqüentemente, editoriais. No entanto, afirmam tentar um caminho de “compromisso com os fatos”. Todos os jornalistas entrevistados atuaram em matérias sobre o coronavírus e relataram mudanças nos processos de produção. Alguns não deixaram de ir às ruas um dia sequer durante toda a pandemia. Outros fizeram um esquema híbrido, variando uma semana ou 15 dias trabalhando na redação ou remotamente. Em outros casos, a empresa decretou o home office, mas o repórter era enviado para pautas na rua, e todo o resto era feito de casa, numa clara situação de precarização. Os processos mudaram significativamente, como a adoção regular de ferramentas como o Zoom e o Skype (mudando também a relação com as fontes, com entrevistas mais rápidas e diretas). O trabalho aumentou, tanto em número de horas como na densidade do trabalho, fosse para cobrir os funcionários de grupos de risco que foram liberados ou pelo descontrole em relação às demandas do trabalho remoto. O estresse também pesou no clima dentro das redações, tanto pelo excesso de trabalho como pelo medo de ser infectado, e a exaustão foi tanta que um dos jornalistas ouvidos pensou em desistir da própria vida.

Todos os 21 jornalistas ouvidos responderam que sentiam excessivo cansaço físico e mental. As alterações repentinas de humor e o sentimento de fracasso e insegurança apareceram em 18 das 21 respostas. Dezesete jornalistas informaram sentir incompetência e 16 afirmaram ter dificuldade de concentração. Outros sintomas também foram registrados e apontados na investigação.

Os resultados das duas pesquisas evidenciam que a pandemia acendeu um sinal de alerta para o aumento dos sinais de esgotamento entre os profissionais. Além das referências bibliográficas e a pesquisa de campo, também incluiu argumentação autoral, baseada nas experiências vividas ao longo de doze anos como repórter de *hard news* em seis das principais redações do país.

1. O capitalismo e a roda do hamster

Quando as condições sociais, que correspondem a grau determinado da produção, se encontram em vias de formação ou quando já estão em vias de desaparecer, sobrevêm naturalmente perturbações na produção, embora em graus distintos e com efeitos diferentes. Marx em Para a Crítica da Economia Política (1857).

No Livro I d'O Capital (2013), Marx traz a mercadoria como essência do sistema capitalista. O filósofo define, em seu conceito, a mercadoria, antes de tudo, como um "objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer", não importando, segundo Marx, se as necessidades vêm do "estômago ou da imaginação" (2013, p.157). As mercadorias só o são, segundo Marx, se tiverem o que ele chamou de "valor de uso", ou seja, uma utilidade, seja ela qual for (até mesmo no campo da fantasia). E todo objeto útil, na teoria marxista, deve ser "considerado sob um duplo ponto de vista: o da qualidade e o da quantidade", ou seja: "o valor de uso" e o "valor de troca" daquele produto (p.158). O valor de uso é a qualidade daquela mercadoria, que só se efetiva no consumo. Para que haja consumo, é necessário que a mercadoria possa ser trocada por outra, ou seja, comercializada por outra de igual grandeza - ou, mais tarde, pelo dinheiro. O "valor de troca" tem como base a quantidade de trabalho humano despendido na produção daquela mercadoria, acrescido de convenções sociais históricas de determinada época.

Marx concebe o trabalho tanto em sua acepção geral quanto em sua concepção particular. Na geral, positiva, trata-se de uma atividade livre e consciente, automediação necessária entre o homem e a natureza. É o trabalho vivo. Na outra, o trabalho abstrato (negativo), "trabalho morto", "trabalho pretérito", contido nas mercadorias, cujo principal fim no capitalismo é a criação de mais-valia, a valorização do valor, a reprodução e autovalorização do capital. Portanto, é através do trabalho que produzimos as mercadorias. Para Marx, o trabalho está no centro da vida, é "condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana" (2013, p.167). Assim, como afirma Bolaño, a mediação para satisfazer as necessidades gerais de uma sociedade está na circulação de mercadorias produzidas a partir do trabalho: "Na verdade, a sociabilidade, nesse tipo de sociedade, se dá exclusivamente no nível da circulação,

pois fora dela, o sujeito se relaciona apenas com os produtos do trabalho na condição de consumidor – seja o consumo improdutivo ou produtivo" (2016, p.3).

Nas relações capitalistas, a força de trabalho também é uma mercadoria, mas uma mercadoria particular, porque produz mais-valor. Segundo Marx, o trabalho abstrato – a média de tempo gasto por todos os trabalhadores que produzem aquela mercadoria – é vendido por determinado preço, que, neste sistema, é expresso em dinheiro. O valor de troca da força de trabalho é relativo, não é absoluto, e varia de acordo com o contexto histórico socialmente definido: "portanto, é apenas a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor" (MARX, 2013, p.162). Isto significa, segundo Marx (2013), que a entrada de tecnologias que facilitem a produção de determinada mercadoria tem um duplo caráter: aumenta o valor de uso (no mesmo tempo em que se produzia um casaco, agora com a ajuda de maquinaria é possível produzir dois casacos, que vão vestir duas pessoas), e diminui o valor de troca (porque cai a média de tempo de trabalho necessário para se produzir aquele casaco). Ou seja, sendo a força de trabalho uma das partes da produção, um determinado trabalhador vende a sua força de trabalho em troca de uma expressão em dinheiro, que é o seu salário. Para obter cada vez mais lucro, quem detém os meios de produção vai pagar sempre o mínimo, o indispensável, para que aquele trabalhador volte ao seu posto no dia seguinte. Marx aponta ainda que não é só desse "roubo", da mesquinha capitalista que advém sua riqueza. É exatamente do fato (o "segredo") de que os trabalhadores produzem mais-valor:

Primeiramente, ele [o capitalista] quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, isto é, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. Em segundo lugar, quer produzir uma mercadoria cujo valor seja maior do que a soma do valor das mercadorias requeridas para sua produção, os meios de produção e a força de trabalho, para cuja compra ele adiantou seu dinheiro no mercado. Ele quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só valor de uso, mas valor,⁸ e não só valor, mas também mais-valor. (MARX, 2013: p.337-338)

Existem duas formas de se obter mais valor: a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa. Na primeira, isso se dá por meio da ampliação da jornada de trabalho. Na segunda, com o incremento de novas tecnologias. Martins e Valente (2020)

⁸ Quando Marx fala só em "valor", ele quer dizer "valor de troca".

trazem a tecnologia para o centro do debate contemporâneo, destacando-a também como um "vetor social relevante" (p.136) desde o início do modo de produção capitalista. Os autores argumentam que Marx centralizou a tecnologia no processo de desenvolvimento do capital a partir do que chamou de "valorização do valor", dentro de uma dinâmica exploratória da força de trabalho, "baseada na extração de mais-valor por meio da exploração da força de trabalho e de mais-valor relativo [uso de maquinário para aumentar a produtividade], em um processo envolvendo produção e circulação" (p.136), como detalharemos em diferentes momentos históricos mais à frente. Isso porque, segundo Marx, a tecnologia amplia o campo e o grau de exploração do capital. "O processo de trabalho é invertido, do sujeito à máquina, com esta assumindo a condição de uma força estranha àquele" (MARTINS; VALENTE, 2020, p.137). Assim, Marx posiciona o maquinário e a tecnologia como forma de capital, meio de produção e força produtiva. Ele atua como um subsistema em interação constante com outros fluxos e pilares do capitalismo (Idem), e que tem fases de expansão e outras de crise, em movimentos cíclicos que afetam o trabalho.

Graça Druck (2011) define a precarização do trabalho como um processo que se instala nos âmbitos econômico, social e político. Segundo ela, a institucionalização da flexibilização e da precarização moderna do trabalho é validada pela "inevitabilidade" de se adaptar aos novos tempos globais. A autora cita algumas dimensões da precarização, como a informalidade, a terceirização, a desregulação e flexibilização da legislação trabalhista, o desemprego, os acidentes de trabalho e a perda salarial, por exemplo. E afirma que o fio condutor destes aspectos está expresso na desestruturação do mercado de trabalho e no papel do Estado e sua "(des)proteção" (p.41), que cria um ambiente de alta vulnerabilidade social:

O conteúdo dessa (nova) precarização está dado pela condição de instabilidade, de insegurança, de adaptabilidade e de fragmentação dos coletivos de trabalhadores e da destituição do conteúdo social do trabalho. Essa condição se torna central e hegemônica, contrapondo-se a outras formas de trabalho e de direitos sociais duramente conquistados em nosso país [no Brasil], que ainda permanecem e resistem. (DRUCK, 2011: p.41)

Pesquisadora de aspectos relacionados ao trabalho há cerca de 50 anos, a professora Ursula Huws (2017) argumenta que, nos vários ciclos de crises financeiras mundiais, o capitalismo usou a tecnologia para sua reestruturação.

Martins e Valente (2020, p.138) analisam que o capitalismo "ascende sempre de forma conflitiva com as inovações consolidadas do anterior, as formas institucionais e de gestão, o regime de regulação e as normas culturais". Ou seja, o movimento cíclico do capitalismo começa em momentos de crise para originar novos ciclos de expansão, e seus novos paradigmas vão afetar de maneiras distintas empresas, países e setores. No entanto, segundo Huws, a cada novo ciclo, duas dimensões são características: a precarização do trabalho existente e o desenvolvimento de novas tecnologias.

A primeira dessas estratégias capitalistas envolve a reorganização do trabalho: usar novas tecnologias para padronizar e simplificar tarefas, quebrar o poder dos sindicatos que representam os trabalhadores qualificados e introduzir uma nova força de trabalho para realizar as atividades destes de maneira mais barata, com contratos mais instáveis e utilizando um exército industrial de reserva que está localizado, em grande parte, no Sul Global. O segundo aspecto da reestruturação capitalista envolve a geração de mercadorias inteiramente novas, retiradas de aspectos da vida ou da natureza que, anteriormente, permaneciam fora do escopo das relações capitalistas". (HUWS, 2017: p.11 e 12)

Bolaño (2002) descreve que a tendência de concentração e acumulação do capital transformou o sistema, que era, nos séculos XVIII e XIX, basicamente concorrencial em termos de preços e salários, para o Capitalismo Monopolista na virada do século XIX para o século XX, uma sociedade de ações e capitais financeiros, cuja matriz tecnológica estava ancorada nas inovações ligadas ao petróleo, ao aço e ao ferro, e ao desenvolvimento das indústrias química e de eletricidade, além da construção de ferrovias que permitiam o escoamento de mercadorias. Este período de forte expansão do capitalismo é chamado de Segunda Revolução Industrial, e, nesta análise, destacamos as profundas transformações do sistema, principalmente para os trabalhadores neste período de mercados organizados sob a forma de oligopólios, que exigiam, sob o ponto de vista de preços e salários, a presença de um Estado intervencionista (Idem, p.54). Nessa época, o trabalhador começou a perder o controle sobre o processo de produção e a atividade laboral passou a ser mais sistemática, por causa da necessidade de se manter um padrão de produção e também pela necessidade da família se sustentar (o que levava até crianças ao trabalho). Os trabalhadores tinham jornadas de trabalho longas e exaustivas, chegando a ser de 17 horas nas fábricas.

Para aumentar a produtividade (e os lucros), a implantação do paradigma tayloristafordista incluía a produção em massa com linha de montagem e

organização científica do trabalho (visando controlar o tempo de cada atividade). Aqui, a estrutura e o ritmo de trabalho passaram a ser ditados pela máquina, numa produção de massa para um consumo também de massa. Como afirma Bolaño (2002, p. 55), a máquina "condensa o conhecimento que o capital extraiu do trabalhador artesanal no período da manufatura e desenvolveu, com o apoio das ciências. Assim, é a máquina que passa a usar o trabalhador — e não mais o contrário". Bolaño (2002, p.54) destaca a importância deste período enfatizado por Marx, um momento de produção de máquinas por máquinas. É neste ponto em que se completa o que Marx chamou de subsunção real do trabalho ao capital, ou seja, é quando o trabalho humano está submetido e incorporado ao capital. Bolaño (2002, p.55) afirma que há um avanço desta subsunção do trabalho em relação à Revolução Industrial original, no período manufatureiro. A partir da Segunda Revolução, a máquina-ferramenta "desqualifica e substitui" o trabalhador especializado. A máquina passa a guiar o processo, e o funcionário é aquele que guarda e vigia o seu funcionamento. A máquina e a ciência são então aplicadas diretamente à produção. Esta fase também marcou o desenvolvimento dos grandes meios de comunicação de massa, estimulados pela propaganda e publicidade no pós-guerra, como veremos no capítulo a seguir.

Diante da enorme exploração, os empregados começaram a exigir aumentos de salários e redução de horas trabalhadas, além de benefícios sociais (saúde, educação, sistemas de transporte, etc). Até pela concentração de capital, as centrais sindicais se tornaram fortes e representativas dos coletivos de trabalhadores, principalmente no período de crescimento do pós-guerra, o que levou ao que se chama de *Welfare State* (Estado do bem-estar social), que garantia condições básicas de vida para os trabalhadores (BOLAÑO, 2002, p.55 e 56). Jonathan Crary (2016), no entanto, observou que o descanso e a recuperação dos trabalhadores também eram componentes do crescimento econômico e da lucratividade. Segundo Crary, para torná-los produtores mais eficazes e sustentáveis, "após os piores abusos no tratamento aos trabalhadores ao longo da industrialização europeia, os administradores das fábricas se deram conta de que seria mais lucrativo oferecer aos trabalhadores quantidades modestas de tempo de descanso" (2016, p.176). E num contexto capitalista onde importa a rapidez da criação de novos produtos para satisfazer às necessidades (que também são criadas), é necessário reduzir ao máximo tanto o tempo de produção de uma mercadoria, como o tempo de

circulação das mesmas. Assim, toda a possibilidade tecnológica fica a serviço do desenvolvimento de mais produtos e serviços, e conseqüentemente da acumulação. Bolaño (2016, p.4) afirma que o ponto de partida para a troca e a igualdade é a diversidade das necessidades. Só que é aí que está escamoteado o caráter exploratório do trabalho. Na teoria marxista, na comercialização de mercadorias, ambas as partes são identificadas como proprietárias privadas de mercadorias, o que não apenas não mostra a disparidade entre elas (social e econômica) como, segundo Marx, "converte antes sua diversidade natural em fundamento da igualdade social" (MARX *apud* BOLAÑO, 2016, p. 9). É como se a relação entre as partes fosse igual, sendo as mercadorias trocadas de acordo com as regras de equivalência. Segundo Bolaño, há uma igualdade construída pelo mercado de fato, mas que só mostra um lado da verdade:

Uma realidade puramente formal que a expansão das relações mercantis generaliza, de modo que a forma mercadoria e a igualdade formal que ela promove atingem tendencialmente todas as relações sociais, enquanto, na essência, a desigualdade se exerce, recorrendo a todas as formas de exclusão, violência, discriminação, dominação e brutalidade (BOLAÑO, 2016: p. 9 e 10).

Ou seja, o capitalismo, desde o início, já se organiza como rede, mas o sistema só representa sua faceta mercantil, que mascara o caráter explorador e despótico da produção capitalista, "ao referendar concretamente, na superfície, a ideologia liberal da igualdade, liberdade e propriedade, negadas no nível da essência, fundada na não liberdade, na desigualdade radical e na desapropriação recorrente do trabalho alheio" (BOLAÑO, 2016: p.3).

Os 30 anos do pós-guerra foram de grande desenvolvimento para o capitalismo, com produção de bens duráveis, crescimento, papel ativo do Estado e formação de grandes grupos empresariais. No entanto, houve uma limitação desse regime de acumulação, e o capitalismo teve que desenvolver outras estratégias até para conseguir extrair a mais-valia (mais-valor) dos trabalhadores. Bolaño (2002) afirma que as origens do processo de reestruturação do sistema que vivemos até hoje devem ser procuradas na crise, iniciada nos anos 1970, do padrão de desenvolvimento respaldado pelos acordos de Bretton Woods⁹, que mantinha a hegemonia do dólar nas relações comerciais:

⁹ O sistema Bretton Woods foi estabelecido em 1944 como um regime monetário internacional que garantiria estabilidade da taxa de câmbio entre dólar e ouro, evitando desvalorizações competitivas e buscando desenvolvimento econômico. Disponível

Sabemos que a crise se deve ao esgotamento do potencial dinâmico dos setores que puxaram a expansão (automotivo, eletro-eletrônico e da construção civil) e das contradições internas de uma economia de endividamento crescente, que gerou o descolamento entre as órbitas financeira e produtiva, responsável pelos sobressaltos que passaram a acontecer recorrentemente no sistema a partir da crise do endividamento externo dos países do Terceiro Mundo, em 1982. O movimento de reestruturação do capitalismo que se inicia com a crise aponta para, obviamente, a manutenção e, inclusive, acentuação da concentração e centralização do capital, mantendo-se, portanto, intactas as condições que levaram ao surgimento do Estado intervencionista do Capitalismo Monopolista, ao mesmo tempo em que, como consequência desse próprio processo, os estados nacionais perdem capacidade de regular a economia, frente ao poderio inusitado do sistema financeiro internacional e do grande capital produtivo oligopolista globalizados (BOLAÑO, 2002: p.58).

O Estado, diante da sua crise e incapacidade de manter as conquistas do *Welfare State*, abre espaço para um neoliberalismo com base em privatizações e acumulação individual do capital, um sistema que, segundo Bolaño (2002), é cada vez mais excludente, uma vez que a introdução de novas tecnologias implica numa redução de postos de trabalho. "Assim, coletivos reduzidos de trabalhadores, com alta qualificação, produzem para segmentos específicos da população, produtos diferenciados. A mesma tendência de redução dos empregos e de segmentação verifica-se no setor de serviços" (2002, p. 59). A nova ordem neoliberal tinha dois elementos fundamentais, argumentam Martins e Valente (2020, p.140): a mundialização do capital e a financeirização, que permitiu forjar o crescimento das taxas de lucro; valorizar o sistema financeiro por meio da desregulamentação ou liberalização; além de permitir o endividamento tanto público quanto dos trabalhadores por meio de crédito. Martins (2020, p.45) argumenta que são as empresas que circulam livremente e não as pessoas: "No novo modelo de composição delas, as sedes permanecem nos países centrais, ao passo que especialmente os processos manuais são desenvolvidos nos países mais pobres". Há uma intensificação de mecanismos de transferências de recursos, e segundo a autora, capitalistas receberão recursos públicos para explorar uma força de trabalho desprotegida.

A Terceira Revolução Industrial (BOLAÑO, 2002), fundamentalmente caracterizada pela ampliação da subsunção, com a intelectualização dos processos, e marcada pelas "tecnologias de inteligência", envolveu não só um avanço tecnológico, mas também científico, com destaque para a genética, a robótica e as

telecomunicações. Há o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação e das redes telemáticas e uma tendência ao apagamento das fronteiras entre trabalho manual e intelectual. Muitas das tarefas que começaram a ser reorganizadas e terceirizadas eram justamente as dos trabalhadores cuja militância era intensa, como os funcionários do setor gráfico e automotivo, por exemplo, como argumenta Huws (2017, p.12). As novas tecnologias eram usadas para simplificar e gerenciar o trabalho de qualquer lugar, e as inovações nas telecomunicações já permitiam transmitir informações ao mundo todo. Entre as novas mercadorias comercializadas estavam DVDs, computadores e celulares, ao mesmo tempo em que se dá a transformação do conhecimento em capital, como por exemplo, no surgimento de marcas e patentes, softwares e dados.

Segundo Huws (2017, p.13), no final dos anos 1970, houve o início de uma "divisão global do trabalho de processamento de informações para corresponder àquela da manufatura", incluindo funcionários offshore. "A padronização das tarefas que sustentou essa reestruturação possibilitou a reorganização do trabalho, tanto espacial como contratualmente" (p.12), uma vez que a produção poderia se deslocar para partes do mundo onde a mão de obra seria mais barata e poderia ainda ser estabelecida a partir do princípio *just in time*, ou seja, a mercadoria seria produzida e entregue de acordo com a demanda e no "tempo exato". E as mesmas tecnologias que permitiram que funcionários atuassem do outro lado do mundo também permitiam que eles atuassem de casa. O conceito da época passou a ser o de flexibilidade, em oposição à rigidez do fordismo. E Huws chama a atenção de que esta flexibilidade era vista do lado do empregador, que poderia alterar horários de trabalho, mudar os trabalhadores de uma tarefa para outra, convocar funcionários ou dispensá-los em resposta à demanda (p.123). "A especialização flexível serve à alta tecnologia; graças ao computador, é fácil reprogramar as máquinas industriais", escreveu Sennett (1999), afirmando ainda que os dados do mercado ao alcance imediato da empresa também favoreceram a especialização flexível. Com informações sobre os interesses do público, o novo regime de acumulação seguia com mudanças frequentes nos produtos e a exploração dos mercados segmentados, em detrimento àquela produção em massa e estocável do período anterior.

Sennett (1999) descreve o período como a era do "não há longo prazo": um mercado dinâmico, que não se permite repetir atividade ano após ano, com cada vez mais contratos de curto prazo com empresas terceirizadas ou empregados

temporários, e com desejo de retorno veloz. Uma nova mudança estrutural vinha junto com os trabalhos episódicos ou a curto prazo, segundo Sennett: "As empresas buscaram eliminar camadas de burocracia, tornar-se organizações mais planas e flexíveis. Em vez das organizações tipo pirâmide, a administração quer agora pensar nas organizações como redes" (1999, p.24). As estruturas tipo redes podem ser facilmente decompostas, desfeitas e rearranjadas. É a sociedade que Bauman chama de "líquido-moderna" (2007), cujas condições mudam num tempo mais curto do que é necessário para sua consolidação. "A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo" (BAUMAN, 2007: p.45). A ideologia de centralidade da vida no indivíduo passou a prevalecer. Bauman afirma ainda que, como a competição entre os trabalhadores se torna global, a vida líquida é uma sucessão de reinícios, e livrar-se das coisas é mais importante do que adquiri-las.

Fazem o possível, nem sempre com êxito, para seguir o padrão de sucesso empresarial estabelecido por Bill Gates, que Richard Sennett descreveu como marcado pela "disposição de destruir o que já fez", "tolerância à fragmentação", "confiança de viver na desordem", "florescimento em meio ao deslocamento" e posicionamento "em uma rede de possibilidades", em vez da "paralisação" em um "emprego determinado" (BAUMAN, 2007: p.87).

Os conceitos neoliberais, que elevam o mercado aos principais patamares da sociedade, foram adotados a partir destas ideias de "descentralização" e "mobilidade", abrindo espaço para a desregulamentação trabalhista. Neste período, o capital especulativo ganha centralidade no sistema, e não mais o capital industrial. O objetivo, segundo Huws (2017), era expandir sem comprometer custos fixos e forças permanentes de trabalho.

Argumenta-se aqui que a introdução das tecnologias de informação e da comunicação tem como objetivo não a abolição do trabalho, mas seu barateamento e disciplinamento. Ela altera também a divisão técnica entre trabalho manual e intelectual, criando novos tipos rotinizados de trabalho de colarinho branco, enquanto torna algumas tarefas manuais obsoletas. Os trabalhadores que realizam os novos tipos de trabalho rotinizados de processamento de informações, distribuídos em todo o mundo em cadeias de valor dispersas, podem ser considerados uma nova subdivisão da classe trabalhadora - um "cibertariado". (HUWS, 2017: p.14)

O trabalhador, nesta ocasião, também ficou mais longe do produto final a ser comercializado. E Sennett chama a atenção para um aspecto importante: "A dificuldade é contraprodutiva num regime flexível. Por um terrível paradoxo, quando diminuimos a dificuldade e a resistência, criamos as condições mesmas para a atividade acrítica e indiferente por parte dos usuários". Já nesta época os sindicatos começaram a enfraquecer, uma vez que a competição passou a ser individual. Sennett cita a análise do sociólogo Ronald Burt, ao falar sobre a peculiaridade da troca de lugares numa organização frouxa:

Quanto mais brechas, desvios ou intermediários entre as pessoas numa rede, mais fácil será a movimentação dos indivíduos. A incerteza na rede favorece as chances de movimento; o indivíduo pode aproveitar-se de oportunidades não previstas por outros, explorar controles fracos da autoridade central. Os "buracos" numa organização são os locais de oportunidade, não as vagas claramente definidas de promoção numa pirâmide burocrática tradicional (SENNETT, 1999: p.99).

A consequência emocional para este alto risco é uma suspensão da atenção focal, ou seja, há o sentimento de nunca chegar a parte alguma, nunca ser recompensado, ter a labuta presa ao presente, uma sensação de tempo parado (SENNETT, 1999: p.107). Há uma ansiedade constante em relação ao tempo, uma frequente instabilidade, que mina as relações de trabalho e também a auto-estima dos trabalhadores. Além disso, como a composição das empresas é frouxa, muitas vezes a mudança de cargo significa uma mudança para o lado, e não para cima, como o empregado poderia imaginar, além de haver pouca clareza sobre qual função ele desempenhará no outro papel. E, como vamos ver na análise dos jornalistas entrevistados para esta pesquisa, a experiência profissional da pessoa vai perdendo valor, uma vez que o conhecimento adquirido com o tempo pode atrapalhar as novas direções. Os jovens são mais maleáveis e submissos (Idem, p. 114).

No Livro "Comunicações em Tempos de Crise", Helena Martins (2020) cita um texto de Luciano Coutinho no qual ele lista tendências no início dos anos 1990 que estão presentes atualmente, como o peso crescente do complexo eletrônico; o novo paradigma da produção com automação integrada flexível; a revolução nos processos de trabalho; novas bases de competitividade; a globalização como aprofundamento da internacionalização e as alianças tecnológicas. Ou seja, mudanças nas comunicações e na cultura fazem parte da alteração de todo o modo de regulação, que, com a centralização e concentração de capitais favoreceu as

fusões de empresas, acarretando em um conglomerado de (poucas) empresas midiáticas, como detalharemos a seguir. E no capitalismo de plataforma não há espaço para a concorrência. Toda esta expectativa de lucros com os novos setores acabou formando uma bolha especulativa ao longo dos anos 1990 em torno das ações das empresas de tecnologias da informação e da comunicação (especialmente as de internet). O "estouro" da "bolha das empresas ponto com" (por causa do domínio .com), como ficou conhecido, culminou, em março de 2000, com a queda da bolsa eletrônica americana Nasdaq, que perdeu mais de US\$ 5 trilhões em valor de mercado, provocando a quebra de cerca de 500 empresas. Apesar deste e de outros episódios de oscilações, a economia digital seguiu crescendo, com as corporações investindo em um modelo de negócios baseado na concentração da propriedade e na exploração de dados (MARTINS, 2020).

É claro que havia um certo otimismo em se ter uma "sociedade em rede", uma ideia de que a internet democratizaria o acesso à informação. Não podemos negar que as tecnologias permitiram a ampliação de vozes e baratearam os custos de produções fora do *mainstream*. No entanto, Martins e Valente (2020, p.139) explicam que não se cumpriram as promessas de um mundo com conhecimento produzido e compartilhado coletivamente. "Cada vez mais, pagamos para acessar conteúdos nas redes (Spotify e até YouTube) e vemos as tecnologias serem utilizadas para suscitar novos produtos e serviços, ampliar a mercantilização da vida e a subsunção do trabalho". Além disso, Martins e Valente (2020) explicam que a codificação dos conhecimentos por tecnologias computacionais e uma ampliação da mercantilização de vários aspectos da sociedade também contribuem para a homogeneização dos modos de vida (vigiada por uma série de mecanismos de controle) em torno de uma subjetividade ligada ao consumo. Segundo explicou César Bolaño (2002, p.68), mais do que invadir a cultura e modos de vida, "o capital torna-se cultura, no sentido mais amplo do termo, e a forma mercadoria passa a monopolizar o conjunto das relações sociais, inclusive aquelas mais internas ao mundo da vida e, antes, mais resistentes à expansão da lógica capitalista". A incorporação do subjetivo na produção do capital e a intelectualização do trabalho levam a informação a ser o elemento central desta nova dinâmica do capitalismo.

Agora, o que vivemos é um processo duplo de subsunção do trabalho intelectual, inclusive o cultural e artístico, e de intelectualização generalizada dos processos de trabalho convencionais, de modo que as energias que o capital procura extrair do

trabalhador são fundamentalmente mentais e não mais essencialmente físicas, o que, diga-se de passagem, não representa em si nenhum ganho real para a classe trabalhadora mas, num certo sentido, o contrário (BOLANÑO, 2002: p.67)

Segundo Huws (2017), há um conceito emergindo de que o mundo está se tornando desmaterializado, colocando em questão conceitos desenvolvidos para dar significado ao velho mundo material. "É-nos oferecido um universo paradoxal: geografia sem distância, história sem tempo, valor sem peso, transações sem dinheiro em espécie" (Idem, p.166):

Uma nova ortodoxia está se constituindo, uma ortodoxia que toma como certo que o "conhecimento" é a única fonte de valor, que o trabalho é uma eventualidade e não é localizável, que a globalização é um processo inexorável e inevitável e que, por consequência, a resistência é vã e qualquer reivindicação advinda de um corpo físico aqui-e-agora está irremediavelmente fora de moda. As implicações deste "senso comum" emergente são imensas, pois capaz de moldar assuntos tão diversos quanto impostos, legislação trabalhista, níveis de gastos com previdência, direitos de privacidade, e política ambiental. São noções que servem para legitimar uma nova agenda política e estabelecer o cenário para uma nova fase da acumulação de capital (HUWS, 2017: p.166).

Huws (2017, p.205) explica que em meio a toda a automação de produção e consumo, fica complicado nomear os trabalhos nesta era, uma vez que "Não manual" nega a realidade física de "bater em um teclado o dia todo", "Trabalho de escritório" liga-o a um tipo particular de localidade, quando este pode ser realizado de qualquer lugar. A autora diz que "analistas digitais" ou "trabalhadores do conhecimento" podem soar termos pretensiosos. Ou seja, o que Huws (p.207) argumenta é que existe uma tensão entre "classe como um termo analítico (a posição objetiva da classe) e classe como um aspecto de identidade pessoal (a posição subjetiva da classe)". Não apenas pelo fato de os cargos e classes já não serem mais claramente demarcados, mas também pelo fato de as demandas estarem subordinadas a outras questões, que podem assumir a forma de rotinização ou completa mercadorização, e ter sua natureza modificada. Um exemplo dado pela autora é que um assistente social pode passar o dia preenchendo formulários-padrão, ou um jornalista de internet pode, por exemplo, ser obrigado a escrever em formatos padronizados rigidamente definidos. E as transformações podem ser mascaradas por uma mudança na divisão do trabalho, por exemplo, pelo enxugamento de postos de trabalho. E como para a maioria dos trabalhadores só são exigidas qualificações genéricas padronizadas em relação à informática, "cada trabalhador se tornou mais facilmente dispensável, mais facilmente substituível;

assim, as novas oportunidades também constituem novas ameaças" (p.223), e assim também fica mais difícil criar grupos identitários. A competição é individual e junto com esta discussão está o debate sobre a economia empreendedora, que tem inclusive o trabalho remoto como um passo intermediário nesta direção.

Em uma entrevista ao DigiLabour¹⁰, o sociólogo Ricardo Antunes (2020) expõe que a chegada da pandemia de coronavírus pode ser mais um aspecto a ser somado no metabolismo antissocial do capital. Antunes explica que os algoritmos agora regem a subsunção real do trabalho ao capital, fazendo com que os trabalhadores vivam "entre o nefasto e o imprevisível". Antunes chama de "trabalho uberizado" aquele desenvolvido na Amazon, Uber, Google, iFood, Rappi, entre outras plataformas, e acredita que o fenômeno também esteja ocorrendo como trabalho digital em outros aplicativos. Segundo o sociólogo, as principais características desta modalidade se encontram na "individualização, invisibilização, na prática de jornadas extenuantes, tudo isso sob impulsão e comando dos 'algoritmos' que são programados para rigorosamente controlar e intensificar os tempos, ritmos e movimentos da força de trabalho". Tudo isto intitulado o trabalhador assalariado em "prestador de serviços", e assim retirando o seu direito à legislação social protetora do trabalho. Antunes argumenta que, na era do capitalismo de plataforma, "ampliam-se globalmente modalidades pretéritas de superexploração do trabalho que haviam sido obstadas pela luta operária desde as primeiras lutas e confrontações nos inícios da Revolução Industrial":

Floresce, desse modo, uma forma mascarada de trabalho assalariado que assume a aparência de um não-trabalho, que na concretude brasileira tem como exemplos os "empreendedores", pejotizados, MEIs (microempreendedores), todos obliterados pelo ideário mistificador do "trabalho sem patrão". E que estão vendo, no presente, todos os sonhos se evaporarem e derreterem por causa da pandemia do capital. Assim, a resultante desta complexa combinação entre *avanço informacional* e expansão das *plataformas digitais*, em plena era de hegemonia do capital financeiro, pode ser assim sintetizada: *labor* diário frequentemente superior a 8, 10, 12, 14 hs ou mais, especialmente nos países periféricos; remuneração salarial em constante retração, apesar do aumento da carga de trabalho (traço este que vem se agudizando na pandemia); extinção unilateral dos contratos pelas plataformas, sem apresentar maiores explicações, dentre tantos outros elementos (ANTUNES, 2020).

¹⁰ Entrevista com Ricardo Antunes, publicada em junho de 2020. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/06/14/trabalho-uberizado-e-capitalismo-virotico-entrevista-com-ricardo-antunes/> Acessado em 2 de julho de 2021.

Antunes acrescenta à lista de exploração o fato de os trabalhadores ainda terem que arcar com as despesas de compra e manutenção dos seus veículos (carro, moto, etc) e equipamentos de trabalho (celulares, mochilas, câmeras, etc). O sociólogo afirma ainda que a peculiaridade do Brasil é ser um país onde a superexploração é traço constante do capitalismo da região, uma vez que o Sul Global tem como práticas sistemáticas as burlas, flexibilizações, desregulamentações e precarizações, que chamam a atenção dos capitalistas, até pela enorme força de trabalho sobrente. "O Sul Global, então, tem sido um excepcional laboratório e espaço de experimentação das corporações globais, dada a sua gênese subordinada e dependente dos centros de dominação do capital".

Tamanha precarização traz consequências em toda a sociabilidade da vida humana, uma vez que a aceleração do tempo pode alterar, inclusive, as noções de identidade. Sintomas físicos e psicológicos acometem os trabalhadores, e a síndrome de burnout, caracterizada pelo esgotamento laboral, passou a ser fator de preocupação em todo o mundo, principalmente com a chegada da pandemia de coronavírus. Só para se ter uma ideia, antes da pandemia, no fim de 2018, o relatório Digital News Project¹¹, do Reuters Institute, entrevistou 200 profissionais de altos cargos de empresas de comunicação dos Estados Unidos. Entre os inúmeros desafios relatados, como atrair e reter talentos, 61% deles afirmaram que estavam preocupados ou muito preocupados com a síndrome de burnout.

A inclusão da síndrome na Classificação Internacional de Doenças¹² da Organização Mundial da Saúde já está aprovada pelos Estados membros, e está prevista para entrar em vigor em janeiro de 2022. Entre os sintomas¹³ da síndrome, que se refere especificamente ao ambiente profissional, estão a sensação de esgotamento físico e emocional (exaustão, dores de cabeça, pressão alta, dores musculares) e perda da eficácia profissional, que se refletem em outros comportamentos como isolamento, ausências no trabalho, mudanças bruscas de humor, depressão, lapsos de memória, entre outros. Segundo o Maslach Burnout

¹¹ Digital News Predictions. Disponível em <https://www.niemanlab.org/collection/predictions-2019/>. Acessado em 11 de julho de 2021.

¹² Fonte: France Press: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/27/oms-define-sindrome-de-burnout-como-estresse-chronico-e-a-inclui-na-lista-oficial-de-doencas.ghtml> Acessado em 19 de julho de 2021.

¹³ Sintomas da síndrome de burnout. Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/> Acessado em 29 de agosto de 2021.

Inventory¹⁴, um questionário de 22 perguntas para testar a síndrome, há seis componentes que tornam uma pessoa mais propensa ao burnout. Além da sobrecarga de trabalho, estão entre os fatores a falta de controle sobre tarefas, a falta de recompensa (econômica ou social), pouco de senso de comunidade (de troca emocional e assistência instrumental), ausência de justiça (percebida por sentimentos de desrespeito ou desigualdade) e o conflito de valores (quando os valores pessoais não estão alinhados com os da organização).

No Brasil, a saúde mental também inspira preocupação. No ano passado, os dados da Organização Mundial da Saúde revelaram que o país sofre uma epidemia de ansiedade¹⁵. São quase 19 milhões de pessoas com a doença (18,6 milhões), o correspondente a 9,3% da população. Um estudo conduzido pelo pesquisador José Roberto Heloani, em 2006, com 44 jornalistas de São Paulo (com, em média, 35 anos) mostrou que todos sem exceção reclamaram de falta de tempo para seus familiares, e a maioria confessou ter dificuldades em constituir uma família. Dos 44 sujeitos pesquisados, 30 se sentem “fracassados afetivamente”. A média de tempo de trabalho era de 10 horas por dia. Heloani destacou também que, ao longo das entrevistas, “houve o surgimento espontâneo, geralmente acompanhado de forte carga emocional, de falas relacionadas à competição, desunião, inveja e falsidade entre colegas de profissão”, além de menções ao assédio moral. Mais da metade dos entrevistados apresentaram sintomas de estresse e exaustão. Os outros 20 jornalistas afirmaram que “aprenderam” a suportar os elementos estressores. O pesquisador também observou uso de álcool, ansiolíticos, antidepressivos e cocaína entre os profissionais. Segundo Heloani, a maioria absoluta dos jornalistas que se submeteram à pesquisa apresentava estresse. A maior parte desses profissionais se admitiu “descartável”, e considerou “natural” a contínua mudança de emprego.

Sennett (1999) argumenta que esta tolerância à fragmentação, o risco como uma necessidade diária a ser enfrentada, a microadministração do tempo, o monitoramento detalhado do ser, não só geram ansiedade como isolam o indivíduo: “a falta de responsividade é uma reação lógica ao sentimento de que não somos necessários” (SENNETT, 1999). E como argumentam Martins e Valente (2020), a

¹⁴ <https://www.mindgarden.com/117-maslach-burnout-inventory> Acessado em dezembro de 2019.

¹⁵ Brasil é o país mais ansioso do mundo. Reportagem da Revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms/> Acessado em 1 de julho de 2021.

análise do capitalismo atual compreende que as formas vigentes de valorização do valor trazem embutidos "novos mecanismos geradores de trabalho excedente, ao mesmo tempo que expulsam da produção uma infinidade de trabalhadores, que se tornam sobrantes, descartáveis e desempregados" (p.142).

As pesquisas brasileiras apontam para esta precarização do trabalho, e os reflexos da desregulamentação estão na informalidade, na retirada dos direitos e no desemprego. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 41,6% dos trabalhadores brasileiros, o equivalente a 39,3 milhões de pessoas, trabalhavam na informalidade¹⁶. Entre as atividades que mais concentravam pessoas em ocupações informais estavam os serviços domésticos (72,5%), agropecuária (67,2%) e construção (64,5%). É importante ressaltar que o IBGE enfatiza que desde 2014 o "desaquecimento do mercado de trabalho" fez com que os trabalhadores migrassem para as ocupações informais, com destaque para transporte, armazenagem e correio, alojamento e alimentação¹⁷ e construção.

Mas no caso brasileiro não é só a crise. Após um controverso processo de *impeachment* que destituiu a ex-presidente Dilma Rousseff do poder em agosto de 2016, a recessão foi usada para, no apagar das luzes, o governo de Michel Temer encaminhar um projeto de lei à Câmara dos Deputados que alterava uma das mais importantes legislações sociais do Brasil: a trabalhista. Foi neste contexto que a "Lei da Reforma Trabalhista" (LTR) – Lei n.º 13.467, de 13 de julho de 2017¹⁸", foi aprovada de maneira acelerada, para "desburocratizar" e "modernizar" o trabalho e em busca de "segurança jurídica", nos discursos das elites políticas e econômicas do país. Foram mais de 200 alterações e inclusões em 117 artigos da legislação trabalhista. No entanto, um estudo intitulado "O Trabalho Pós-Reforma Trabalhista", lançado em maio de 2021 pelo Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia da Unicamp (CESIT-

¹⁶ Reportagem da Agência Brasil sobre os dados da informalidade no trabalho divulgados pelo IBGE: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-11/ibge-informalidade-atinge-416-dos-trabalhadores-no-pais-em-2019> Acessado em 30 de junho de 2021.

¹⁷ Segundo o IBGE, os serviços de alojamento são caracterizados pela locação de imóveis por curta duração, e os serviços de alimentação têm como característica o preparo das refeições para consumo imediato, a preparação de alimentos por encomenda e a preparação de bebidas para consumo imediato. Disponível em: <https://concla.ibge.gov.br/busca-online-cnae.html?secao=I&tipo=cnae&view=secao> Acessado em 22 de agosto de 2021.

¹⁸ Lei da Reforma Trabalhista. Lei 13.467. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113467.htm Acessado em 01 de julho de 2021.

IE/UNICAMP)¹⁹ analisa os efeitos da nova legislação, que, segundo os autores, "em todas as dimensões analisadas, mostram que a reforma não concretizou suas promessas e aprofundou ainda mais a precarização do trabalho, sem produzir efeitos sobre a economia, que seguiu estagnada":

É uma desconstrução de direitos historicamente conquistados e um deslocamento do poder do Estado e dos sindicatos na perspectiva de transferir ao conjunto dos trabalhadores os riscos e as incertezas inexoráveis da dinâmica do mercado. Como tal, a reforma reúne uma série de dispositivos que alteram o trabalho na periferia do capitalismo para, via intensificação da exploração, garantir a continuidade do processo de acumulação de capital (BUARQUE E KREIN, 2021, p.21)

Os autores argumentam que nos países da periferia do capitalismo, como é o caso do Brasil, não houve a construção de um Estado de bem-estar social, tampouco uma regulação pública do trabalho nos moldes dos países europeus, apesar da existência de legislações trabalhistas e de instituições públicas na área do trabalho. Buarque e Krein (2021) analisam que os direitos dos brasileiros sempre foram uma realidade para poucos, "tanto por não terem um caráter universalizante, quanto pelo alto nível de descumprimento, aspecto que pode ser ilustrado com a permanência de situações de trabalho análogas à escravidão em pleno século XXI" (p.26). Apesar de os anos 1980 terem sido importantes em termos de conquistas trabalhistas, a forma como o país se inseriu na globalização na década seguinte abriu espaço para a desregulamentação, e por isso a reforma se apresenta como uma agenda que se propunha, segundo os autores, a "facilitar os negócios privados; desconstruir a política pública protetiva e os direitos trabalhistas e fragilizar o sindicalismo e as instituições públicas (p.32)", legalizando práticas flexíveis já utilizadas e se adequando mais aos interesses de cada setor.

Na análise sobre os impactos da implementação da reforma, o estudo traz alguns resultados, dentre os quais vamos destacar aqui (2021, p.34 a 46):

- 1) Além da flexibilização das leis trabalhistas não ter sido eficaz para tracionar a economia, como anunciavam os precursores da reforma, ela pode ter ainda prejudicado a retomada da crise recessiva 2015/2016 por causa da fragilidade nos circuitos internos de renda e crédito, ou seja, no poder de compra dos trabalhadores;

¹⁹ Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/livros-e-artigos/281-o-trabalho-pos-reforma-trabalhista-2017> Acessado em 20 de julho de 2021.

- 2) O baixo dinamismo econômico (principal determinante dos níveis de emprego), associado à maior liberdade das empresas para contratar fora dos parâmetros protetivos da legislação, gerou oportunidades ocupacionais em maior número no emprego privado sem carteira assinada e no trabalho por conta própria. Entre 2017 e 2019, foram gerados 2.781 postos de trabalho, sendo 80,7% no emprego privado sem carteira e no trabalho por conta própria;
- 3) Apesar dos contratos atípicos serem inexpressivos, as duas novas modalidades (intermitentes e em tempo parcial) já respondem por 24,0% do total dos contratos atípicos em 2018. O contrato intermitente (ou eventual), que mais cresceu, continua sendo inexpressivo no total dos contratos, pois correspondiam a 0,33% dos contratados em 31 de outubro de 2019. Ele estava concentrado em setores econômicos que tendem a oferecer empregos mais precários. O parcial cresceu menos, mas responde por 0,38% do total do estoque dos admitidos. O rendimento mensal médio é muito inferior ao dos demais trabalhadores. Nas dez principais famílias de ocupações de cada modalidade (vinte no total), somente três recebem mensalmente mais do que 1 (um) salário mínimo, uma renda que não permite que sejam supridas as necessidades básicas de uma família. Em relação à terceirização, sinônimo de flexibilização associada à precarização do trabalho, há evidências de sua ampliação entre 2017 e 2019, por meio da análise de ocupações agrupadas em atividades que prestam serviços às empresas. Os dados demonstram que 20% do saldo dos empregos gerados neste período estão concentrados nestas ocupações.
- 4) O teletrabalho, facilitado pelas redes de telecomunicações, avançou no período pandêmico (nos setores mais estruturados e com maior renda), trazendo tensões e contradições. Ao mesmo tempo em que gera uma ilusão de autonomia e flexibilidade frente ao trabalho, expõe novas contradições, e as fronteiras entre tempo e espaço, trabalho e vida familiar, especialmente para as mulheres, se tornam mais tênues, agravando-se pela ausência de controle sobre a sobrecarga de trabalho, extensão das jornadas e condições de trabalho que estarão sob o encargo do próprio trabalhador. A reforma, ao excluir a necessidade de autorização dos sindicatos, enfraqueceu ainda mais

as condições em que serão estabelecidas as regras, favorecendo o poder arbitrário do empregador.

- 5) Sobre as entidades sindicais, a primeira consideração é que a reforma tem maior incidência no setor privado, nas questões materiais e no tamanho da base de representação sindical. Os autores também apontam que enfrentar esse cenário, apesar dos esforços, traz dificuldades para se garantir avanços organizativos capazes de superar o modelo sindical vigente, especialmente diante dos desafios de representação dos trabalhadores mais precários. No entanto, apesar das dificuldades e das diferentes concepções políticas e ideológicas, a atual conjuntura de crise e de ofensiva do governo contra o sindicalismo tem estimulado a aproximação dessas entidades.

Apesar de os autores terem trabalhado com dados pré-pandemia, o estudo também avaliou o contexto das condições de trabalho no período do surto global de covid-19, cuja constatação foi a ampliação das fragilidades contratuais e trabalhistas:

A pandemia, por um lado, em função da necessidade do isolamento social, da insegurança gerada nas pessoas sobre as suas perspectivas futuras e ainda pela adoção dos benefícios e auxílios emergenciais, trouxe uma nova realidade para o mercado de trabalho. Por exemplo, os impactos da crise econômica, em um primeiro momento, foram muito maiores no tamanho da força de trabalho, com a ampliação das pessoas fora da força de trabalho, do que na taxa de desemprego. Por outro lado, apesar das necessárias iniciativas do auxílio e do benefício emergencial, a lógica das medidas adotadas foi na mesma perspectiva de flexibilizar as relações de trabalho, aumentando a liberdade de o empregador manejar o uso da força de trabalho de acordo com as suas conveniências e fragilizando ou escamoteando as instituições de representação dos trabalhadores (BUARQUE E KREIN, 2021: p.20).

A precarização do trabalho e o domínio da mídia pelos grandes conglomerados atingem de modo peculiar o jornalismo. Segundo Bolaño, o caráter de mediador social nunca foi tão importante para a comunicação, uma vez que o padrão de consumo agora também exige um aumento da intelectualização do próprio público de interesse. No entanto, as contradições desta transformação fundamental do trabalho estão expressas no seu caráter exploratório:

O trabalhador intelectual vive a contradição de servir, na medida em que é obrigado a vender sua força de trabalho, para garantir a satisfação das suas necessidades humanas, historicamente determinadas, ao sistema de exploração, exclusão e violência do capital, ao mesmo tempo em que percebe que esse mesmo sistema

restringe suas capacidades criadoras e o separa da imensa maioria dos seus semelhantes, condenados a condições de vida desumanas. Nessas condições, o trabalhador intelectual, essa nova camada proletarizada, deve, superando os interesses mesquinhos e as hierarquias que a dividem, ajudar a organizar a luta contra a alienação e pela construção de uma sociedade mais justa, reconhecendo o seu papel histórico de mediador no processo de emancipação do Homem. Dois fatores poderão facilitar essa difícil empreitada: o caráter marcadamente comunicacional e relacional do modo de produção hoje e a autonomia relativa de que ainda dispõe no seu trabalho (BOLAÑO, 2002: p. 67-68).

Nas próximas páginas, discutimos as questões envolvendo a Comunicação e o trabalho, com olhar especial sobre o jornalismo.

2. Planeta diário: o jornal feito por (não) heróis

A Economia Política da Comunicação, como marco teórico, traz muitas contribuições para a análise do jornalismo, principalmente a partir da categoria trabalho, investigando o processo de produção de notícias, a subsunção do trabalho dos jornalistas ao capital e encarando os profissionais como responsáveis por construir mediações entre o Estado e cidadãos (FIGUEIREDO, 2019). Como argumenta Bolaño (2002), todo trabalho intelectual e criativo impõe limites à sua subsunção ao capital, e é justamente nessa contornos do controle que estão as contradições do que é comercializado na Indústria Cultural. Carlos Figueiredo (2019) cita a abordagem teórica de Bolaño (2000) dentro do debate da derivação das formas básicas que surgem com o sistema capitalista: a propaganda e a publicidade, além de uma terceira, proposta por Bolaño, a função programa:

A Indústria Cultural cumpre duas funções dentro do sistema capitalista em sua fase monopolista. A função propaganda é responsável pela mediação entre Estado e cidadãos, enquanto a função publicidade teria o objetivo de construir mediações entre o mercado e consumidores. Bolaño introduz uma terceira função, programa, pois a Indústria Cultural, para cumprir suas funções primordiais, precisa extrair elementos do mundo da vida para realizar uma mediação persuasiva e não autoritária com as audiências. Dentro dessa abordagem teórica, a categoria trabalho possui importância central, pois trabalhadores como jornalistas, roteiristas, diretores, atores entre outros, teriam o papel de construir essas mediações a partir do seu trabalho (FIGUEIREDO, 2019: p.15-16).

Diante de todo o contexto das forças produtivas discutido até aqui, procuramos, a partir de agora, entender o contexto de precarização do jornalismo, dentro dos seus elementos conjunturais, partindo de três ênfases: a) as empresas de comunicação estão inseridas dentro da lógica capitalista; b) o produto jornalístico é uma mercadoria a ser comercializada dentro deste sistema; e c) um sistema que só visa o lucro extrai o máximo que consegue dos seus trabalhadores. Nesta análise, discutimos as transformações do campo a partir das mudanças que surgiram no mercado de trabalho a partir dos anos 1970, com a passagem do regime capitalista de acumulação fordista para o flexível. É interessante observar o argumento de Figueiredo (2019) de que o jornalismo tinha características que não permitiam afirmar que a profissão funcionava de acordo com o paradigma taylorista-fordista. Isso porque, como vimos no capítulo anterior, para aumentar a produtividade, o trabalhador (antes qualificado) passou a executar no fordismo um trabalho altamente repetitivo, posicionado num ponto fixo pelo empregador, sob alto

controle de suas atividades e sem qualquer poder de decisão sobre a produção, sendo, então, desqualificado. É neste ponto que há uma inflexão em relação à vivência do fazer jornalístico. Para Figueiredo (2019), o jornalista é um trabalhador altamente qualificado e que toma decisões durante a execução do seu trabalho, desde as fontes, os ângulos, as imagens, o texto, e até o enquadramento das matérias. As rotinas serviram para sistematizar o trabalho, mas é uma realidade radicalmente diversa da produção automobilística do século XX em que todos os dias eram produzidos veículos idênticos. Para o autor, pelo contrário, os jornalistas produzem jornais diferentes e com conteúdos diversos a cada dia. Por isso, Figueiredo (2019, p.19) defende que a gestão do fazer jornalístico nesta época é próximo ao que Marx chamou de "manufatura heterogênea", na qual um grupo muito qualificado produzia determinado produto, sendo cada trabalhador especialista em uma parte do trabalho (uns fotografam, alguns editam, outros só cobrem economia, etc), o que Figueiredo então chamou de "jornalismo manufatureiro":

Havia, nesse caso, divisão do trabalho, método que já existia antes do advento do Fordismo, mas não controle do tempo dos movimentos, e muito menos a desqualificação brutal dos trabalhadores observada no Fordismo. [...] Para diminuir a idiossincrasia no trabalho noticioso, vários artifícios são utilizados como a socialização na redação, hierarquia, o sentimento de dever cumprido e trabalho coletivo (BREED, 1993), a cultura profissional, manuais de redação (SOLOSKI, 1993) etc. Por isso, cremos que o correto seria nomear o jornalismo produzido durante a época em que vigorou o regime de acumulação Fordista/Keynesiano de jornalismo manufatureiro (FIGUEIREDO, 2019: p.19).

Para explorar em primeiro lugar as características do mercado de mídia brasileiro, é necessário lembrar que só depois de um longo período de repressão, o retorno à democracia, em 1985, colocou os veículos de imprensa de volta ao jogo dos embates políticos e partidários (AZEVEDO, 2006). O cenário herdado pela ditadura não era favorável: uma mídia monopolizada, concentrada em poucas famílias e propriedades cruzadas dos meios de comunicação (quando um grupo empresarial ou família é dono de mais de um veículo de comunicação), graças à distribuição de outorgas durante e após o período militar, principalmente na gestão do ex-presidente José Sarney (1985-1990). Até 1988, ano da promulgação da atual Constituição, a concessão de serviços de radiodifusão era prerrogativa exclusiva do presidente da República que naturalmente usava este privilégio como moeda de troca política. O auge da disposição de outorgas foi justamente no período da

Constituinte (1987-1988). Entre 1985 e 1988, foram assinadas 1.028 outorgas, 91 dessas foram dadas para deputados e senadores. Outra leva aconteceu no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), quando pelo menos 13 políticos receberam concessões de rádios e TVs educativas²⁰. Segundo Azevedo (2006), "como resultado desta legislação permissiva criou-se no Brasil uma espécie de 'coronelismo eletrônico', com políticos controlando e usando a mídia local ou regional para seus interesses políticos e eleitorais". Susy dos Santos (2006) se dedicou a atualizar o conceito de "coronelismo eletrônico" como forma de manutenção das elites políticas. Segundo a autora, a expressão passou a ser usada para se referir justamente ao cenário brasileiro no qual deputados e senadores se tornaram proprietários de empresas concessionárias de rádio e televisão e, simultaneamente, participam das comissões legislativas que outorgam os serviços e regulam os meios de comunicação no Brasil. De acordo com a autora, o termo foi usado em uma denúncia do Jornal do Brasil na qual constava um episódio no qual um repórter da Rádio Rural, de Concórdia-SC, se preparava para ouvir o ex-senador Atilio Fontana: "Senador, o microfone é todo seu". Diante da frase, o político completou: "Não só o microfone, meu rapaz, mas a rádio toda".

Quando o modelo norte-americano de notícias foi importado pelo Brasil da metade para o fim do século XX, o jornalismo (o jornal, o telejornal, os programas de rádio) já era pensado com a finalidade de gerar lucro. O objetivo das empresas de comunicação era vender exemplares e anúncios, e as notícias então visavam ser interessantes para que determinado público pudesse consumir aquele jornal: o produto jornalístico era fabricado para ser comercializado. Para tal, foi também preciso "profissionalizar" a atividade jornalística, principalmente instituindo e padronizando técnicas. Jornalistas então acostumados a escrever longos artigos de opinião passaram a trabalhar no modelo de reportagem, um jornalismo que se dizia informativo, neutro e imparcial. As velhas redações, compostas ainda por advogados e escritores que, para garantir uma renda extra, escreviam artigos para os jornais, foram sendo ocupadas por repórteres com métodos e processos a cumprir. E nesta dinâmica mercadológica, o jornalismo brasileiro importou técnicas

²⁰ Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u36586.shtml> Acessado em 25 de agosto de 2021.

como o *lide*²¹ e a pirâmide invertida²² e usou recursos do entretenimento (*infotainment*²³; *fait-divers*²⁴) para atrair o público e, com ele, anunciantes. No Brasil este modelo acabou por nunca se sustentar por si só, uma vez que o jornalismo também sempre foi subsidiado por recursos públicos. A contradição em termos deste modelo já estava aí posta: para Rodrigues (2013, p. 40), a mídia nativa era "politicamente uma defesa dos interesses liberais, economicamente uma situação de dependência do mesmo estado provedor a que combate".

Com o declínio do paradigma taylorista-fordista, a crise do petróleo e a introdução de novas tecnologias, a partir dos anos 1970, o jornalista começou a sofrer profundas transformações nos processos de trabalho. Do ponto de vista técnico dessas mudanças, Figueiredo (2019) cita a instalação de computadores na década de 1980, e o uso de softwares de edição de texto, de imagens, e de diagramação um pouco mais à frente, assim como o uso de câmeras digitais. Os jornais impressos lançaram suas versões on-line e os principais canais de televisão e rádio criaram os seus sites. A relação com as notícias mudou: já não era necessário esperar as edições dos jornais impressos para ler sobre determinados assuntos, acessar determinadas colunas preferidas ou saber o que iria sair na capa do jornal. O que era destaque passou a figurar nas *homepages*, as capas dos sites dos veículos jornalísticos. Se formos olhar só por este pequeno exemplo já é possível examinar quanto tempo o jornalista perdeu de apuração e de escrita de sua reportagem: em vez de escrever para o dia seguinte, ele rapidamente, ao ter uma nova informação, já precisava ter texto, título e subtítulo prontos o mais rápido possível para o site daquele canal. Nas edições on-line dos jornais, houve uma grande competição pelos cliques, uma intensa disputa entre os profissionais para estampar a capa de um site (BARSOTTI E AGUIAR, 2018). Além disso, quem antes era chamado de "audiência", passou a ter poderes de produção de informação (em sites e blogs), divulgação e julgamento, em qualquer hora e lugar, sem as limitações dos modelos de imprensa escrita ou audiovisual (ANDERSON *et al.*, 2013). Se por um lado essa descentralização dos modelos de produção trouxe uma possibilidade de

²¹ Primeiro parágrafo de uma notícia que traz as principais informações relacionadas a ela.

²² Técnica de construção do texto jornalístico na qual as informações mais importantes aparecem nos dois primeiros parágrafos.

²³ Informação com o intuito de entreter.

²⁴ Na tradução do francês, *fait-divers* significa "fatos diversos", geralmente caracterizando notícias inusitadas e pitorescas.

democratizar o acesso à informação reduzindo os custos de produção (isso sem falar na possibilidade de multiplicidade de vozes), por outro a sustentação econômica da indústria da mídia teve seu primeiro baque com a queda brusca de receitas, que também se pulverizaram.

Por isso, é em base financeira, na crise do capital, que está ancorada a deterioração das condições de trabalho dos jornalistas das empresas de comunicação brasileiras (MAURÍCIO, 2017). A disrupção do modelo de negócios do jornalismo, como explica Patrícia Maurício (2017), teve raiz não apenas na concorrência pela audiência, uma vez que houve uma multiplicação dos canais de informação, mas também na perda de anunciantes, já que era muito mais barato publicar um anúncio na internet do que em uma empresa de comunicação (principalmente em televisão, onde os anúncios sempre foram mais caros). E mesmo com os veículos reduzindo os preços do tempo de publicidade, a competição ficou muito maior. Patrícia Maurício (2017, p.63) cita alguns dos reflexos destas transformações: "demissões em massa nas redações, estagiários sendo utilizados para fazer reportagens mesmo em grandes veículos que nunca tiveram esta prática e uma enorme interrogação quanto ao futuro do jornalismo de qualidade". Fígaro (2014) descreve como “imprensa sentada” a nova forma do fazer jornalístico, que tinha cada vez menos espaço para o curioso, o jornalista de rua:

Às portas dos anos de 1990, as reformas das redações estavam em plena implantação e, com a chegada da internet, as rotinas produtivas – os usos de tempo e espaço – ganham nova normatividade. O número de profissionais nas redações diminui. Afastam-se os quadros mais velhos e incentiva-se a entrada de jovens recém-saídos da universidade, pois, eles têm maior habilidade com a informática. Nas redações a reestruturação é geral, os sistemas de dados e os bancos de informação são interligados, e com isso a pesquisa e a apuração mudam de ritmo, de forma e de estrutura. Muitas funções desaparecem. As reformas gráficas com cores e formatos enxutos passam a protagonizar as marcas das empresas jornalísticas. Entram no mercado as agências de comunicação que fornecem serviços de relações públicas e assessoria de comunicação. [...] Muitas vezes, o mesmo profissional se multiplica em empregos em redação e em assessoria. Nas coberturas de eventos e acontecimentos, encontram-se, entre os assessores, os antigos chefes de redação, profissionais de renome e experiência, que ajustam seu repertório profissional ao produto e/ou marca que passam a representar (FÍGARO, 2014: p.32).

Mas outro revés ainda viria para afetar ainda mais o modelo de negócios do jornalismo: o avanço das plataformas digitais, que investigadores do grupo de Economia Política da Comunicação da PUC-Rio definiram como sistemas “que unem e mediam as relações entre usuários de produtos ou serviços, produzindo uma

espécie de aprisionamento (*lock-in*) a partir do momento em que o custo de mudança para outro sistema torna-se alto para o usuário” (ALMEIDA; COSTA; MONTENEGRO, 2020: p.29).

Em um estudo lançado em 2017, pesquisadores da Universidade de Columbia, nos EUA (BELL; OWEN, 2017) chamaram as mudanças de "terceira onda de transformação no jornalismo": com o rápido consumo de smartphones, a web móvel privatizada mudou o consumo de notícias, transformando as empresas de tecnologia, junto com seus aplicativos e sistemas, nos novos *gatekeepers*²⁵ da informação. Os investigadores explicam que as companhias de tecnologia – incluindo Apple, Google, Snapchat, Twitter e, acima de tudo, Facebook – assumiram boa parte das funções de organizações de imprensa, uma vez que passaram a ter controle sobre a distribuição, apresentação e monetização das publicações, além de dominar também a relação com a audiência e os anunciantes. O público passou a enviar, comentar e compartilhar informação, - tudo a partir da tela do celular e dos *apps* - fornecendo a essas empresas de tecnologia acesso a dados pessoais. No Brasil, por exemplo, o celular é o aparelho número um para acessar a internet. Em 2019, o dispositivo era usado por 98,6% dos internautas²⁶, segundo o IBGE. Os brasileiros passam, em média, três horas e 45 minutos por dia nestas plataformas, ficando no terceiro lugar no ranking mundial que calcula o tempo gasto em aplicativos, perdendo apenas para China e Indonésia²⁷. Assim, o conteúdo jornalístico passou a ser acessado principalmente a partir das redes sociais, numa plataformação do conteúdo jornalístico, o que gera constantemente embates entre empresas de tecnologia e jornalísticas, incluindo processos judiciais por uso indevido de conteúdo. Segundo pesquisadoras de Economia Política da PUC-Rio (MAURÍCIO; GABRIG²⁸, 2020), hoje o Google tem acordos com a

²⁵ Um dos estudos envolvendo a teoria do *gatekeeping* é de David Manning White, que em 1949 verificou como um redator de uma agência de notícias para jornal, que ele chamou de "Mr. Gates" escolhia o que deveria ser incluído ou excluído naquele dia. Era a função clássica de seleção e curadoria da mídia na sociedade moderna (SHOEMAKER, 1991). Na prática, os *gatekeepers* tinham o poder de escolha sobre quais fatos seriam publicados e que se tornariam, então, notícias. O *gate* era uma área de decisão (TRAQUINA, 2004).

²⁶ Reportagem do Portal G1 com base na divulgação do IBGE: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/04/14/em-2019-brasil-tinha-quase-40-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet-diz-ibge.ghtml> Acessado em novembro de 2019.

²⁷ Reportagem da EBC com a pesquisa do App Annie. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/brasil-e-o-3o-pais-em-que-pessoas-passam-mais-tempo-em-aplicativos> Acessado em 19 de julho de 2021.

²⁸ In: Plataformas Digitais e a relação com o jornalismo. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50370/50370.PDF> Acessado em 25 de agosto de 2021.

mídia tradicional para incluir reportagens no *Google Notícias* e seleciona veículos para parcerias com ajuda financeira. Um nível de concentração de mercado e recursos impressionante até para um mercado oligopolizado como o do jornalismo no Brasil.

Um dos problemas, segundo os investigadores de Columbia (BELL; OWEN, 2017), é que o modelo de negócios das plataformas incentiva a “viralidade” – o conteúdo que as pessoas querem compartilhar –, algo sem nenhuma correlação com a qualidade jornalística. A estrutura e a matemática das plataformas incentiva a disseminação de conteúdo de pouca qualidade, além de favorecer a disseminação de notícias falsas, o que tem provocado inúmeras discussões a respeito da responsabilidade das plataformas. De qualquer maneira, o jornalismo sério acaba ficando à deriva num sistema que preza a escala. E mais do que isso: de posse de uma quantidade imensa de dados de navegação e informações pessoais dos usuários, as empresas de tecnologia passaram, a partir dos cliques e pesquisas, a determinar também o que a audiência iria ver e consumir, definindo, por exemplo, os melhores formatos para publicar uma reportagem, numa decisão editorial. O público passou a ter conteúdo personalizado por meio de métricas e algoritmos, essenciais para o processamento inteligente na economia digital. Os algoritmos são marcados “pela coleta massiva de dados, pelo processamento inteligente dessas informações e por decisões crescentemente automatizadas”, como explicou Valente (2020, p.57), na apresentação do dossiê temático “Algoritmos, economia e poder”²⁹. A dinâmica dos algoritmos, segundo o autor, afeta não só a economia ou a cultura, mas outros âmbitos de sociabilidade, prevendo ou modulando comportamentos dos usuários, organizações e outros setores.

Por meio deles, é possível transformar massas de dados em análises, recomendações, respostas, comandos, indicações e previsões das mais variadas. Suas lógicas de funcionamento passaram a influenciar diferentes atividades sociais, do direcionamento de publicidade à organização de rotinas produtivas, da avaliação do rendimento de trabalhadores à coordenação de frotas e distribuição de produtos, de aprendizados em ambientes virtuais de aprendizagem ao monitoramento de pacientes, da definição sobre quais conteúdos aparecem em feeds de redes sociais à escolha do que é mostrado em mecanismos de busca,

²⁹ Apresentação do dossiê “Algoritmos, economia e poder”. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/13725/10518> Acessado em 19 de julho de 2021.

das recomendações de vídeos às sugestões de produtos em espaços de comércio eletrônico (VALENTE, 2020: p.57).

Para Bolaño (2016), esta lógica mercantil estendida ao conjunto das relações sociais limita significativamente os supostos elementos emancipatórios das redes, de modo que a defesa da liberdade e da igualdade supostamente presente na internet “constitui procedimento ideológico de mascaramento das relações sociais essencialmente contraditórias que nela se expressam” (p.3). Assim, os oligopólios de tecnologia, gerindo bilhões de perfis nas redes, ficam não só com o poder editorial (incentivando formatos e conteúdos específicos), mas com capacidade de regular o debate público e a percepção dos usuários de si e da sociedade (consumindo apenas dentro da sua “bolha” de interesses). Bolaño (2017) afirma que as plataformas são os novos capitais oligopolistas seguindo uma lógica essencialmente financeira e garantindo a retomada da hegemonia norte-americana.

Em termos de trabalho, houve aceleração da produção com definição de públicos, flexibilização dos contratos de trabalho, a mercantilização de produtos que antes não eram comercializados, além de ser possível reunir mais dados para comercialização. Maurício (2018) cita a estratégia do Grupo Globo com a campanha “Milhões de Uns”, para se sustentar neste cenário em que empresas de tecnologia avançam sobre a verba de publicidade e sobre a veiculação de notícias das empresas.

A TV Globo começou a seguir os passos trilhados primeiro pelo Google, e criou uma plataforma para venda de informações de seu público, com grande estardalhaço de divulgação fazendo parecer que os espectadores estavam sendo valorizados com a iniciativa. O valor, no caso, fica no bolso da empresa. O lançamento da plataforma Milhões de Uns foi em outubro de 2017, e a empresa informou, em reportagem no jornal O Globo, que seu objetivo é compartilhar com mercado, parceiros e sociedade (nesta ordem) “informações sobre as formas com que se relaciona constantemente com o público” (CORRÊA, 2017), ou seja, vai seguir a fórmula de sucesso de Google e Facebook e vender a terceiros informações de seu público. A matéria segue destacando, como a emissora também fizera na véspera e ao longo da semana, o que é a marca Milhões de Uns, que significa que cem milhões de pessoas por dia entram em contato com o conteúdo da Globo, seja pela TV ou pelas plataformas G1, Globoesporte.com, GShow e Globo Play. (MAURÍCIO, 2018: p.119).

Outra estratégia adotada pelo grupo é estimular um relacionamento mais intenso com seus telespectadores, que são estimulados a enviar conteúdo de notícias factuais locais, substituindo assim, o trabalho de um repórter, só que sem remunerar o espectador.

Nas empresas de comunicação, houve um grande esvaziamento das redações. Embora não haja dados nacionais acerca de demissões e contratações na imprensa brasileira, a agência de jornalismo *Volt Data Lab*³⁰ calculou 2.327 demissões de jornalistas de 2012 até agosto de 2018, sendo 45% do total em jornais impressos. Nas empresas de mídia em geral, os cortes chegaram a 7.817 no período. Para quem escapou das demissões, há uma sobrecarga de trabalhar em pequenos grupos com demandas cada vez maiores, uma cobrança intensa em relação à velocidade de produção em um ambiente de incertezas em relação ao seu próprio cargo, além dos altos níveis de competitividade não só entre profissionais de outros veículos (quem vai dar o furo ou quem vai publicar em primeira mão determinada notícia), como entre os jornalistas de uma mesma redação (pois há cada vez menos vagas). O profissional passou ainda a escrever ou gravar matérias para outros veículos do mesmo grupo de atuação. Por exemplo, um repórter de TV também passou a informar os ouvintes da rádio daquele mesmo conglomerado, ou a escrever textos para o site, e, em algumas vezes, acumulando todas essas funções. Como descreveu Figueiredo, a saída das empresas de comunicação foi aumentar a mais-valia relativa dos jornalistas:

Ou seja, há um aumento na extração do que Marx (2013) chama de mais-valia relativa com consequências para a qualidade do trabalho jornalístico. Os trabalhadores da notícia passam a produzir notícias sobre o mesmo tema para meios diversos, principalmente se trabalham em conglomerados midiáticos, e a serem responsáveis por mais pautas no decorrer do dia. Somadas a estas transformações laborais há a importância que as métricas de audiência em tempo real vêm exercendo sobre os critérios de noticiabilidade. Todos esses desdobramentos desembocam em questionamentos em relação à qualidade do jornalismo praticado na contemporaneidade, que nomeamos de jornalismo flexível (FIGUEIREDO, 2019: p.20).

O acúmulo de função, na grande maioria das vezes, não vem acompanhado de aumento de remuneração. Só para se ter uma ideia, segundo dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)³¹ com base nos anos 2020/2021, o piso salarial de um jornalista era de R\$ 1.665,70 para uma jornada de cinco horas, e R\$ 2.158,19 para sete horas de trabalho. No Estado do Rio de Janeiro, este valor era de R\$ 1.664,10 para profissionais de rádio e TV com uma jornada de cinco horas, e R\$

³⁰ Projeto A Conta dos Passaralhos. Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/>. Acessado em novembro de 2019.

³¹ Fonte: Fenaj. Disponível em: <https://fenaj.org.br/?s=m%C3%A9dia+salarial+brasil> Acessado em 25 de julho de 2021.

2.329,73 para uma jornada de sete horas. Como afirmou Bolaño (2017), há um

apagamento das fronteiras entre as diferentes especialidades jornalísticas, com o repórter executando, por exemplo, a função de fotógrafo. As atividades próprias do jornalista vão-se, assim, de um modo geral, esvaziando, sendo simplificadas, enquanto outras, antes ligadas a áreas como a informática, ganham relevância e passam a fazer parte das ferramentas intelectuais que o jornalista é obrigado a dominar. O resultado é um amplo processo de desqualificação e re-qualificação, em detrimento do instrumental crítico, anteriormente vinculado à formação desses profissionais. Os limites à subsunção do trabalho intelectual vão sendo assim rompidos, o que, diga-se de passagem, não garante a rentabilidade ou a competitividade (p.95).

E no jornalismo flexível, a plataformização está no centro da perda dos direitos do trabalho. O enfraquecimento da proteção social, que veio com o avanço do capitalismo, é reflexo também de um desmonte da coletividade trabalhista expressa ainda na baixa adesão aos sindicatos, criados com o objetivo de defender os interesses dos trabalhadores quando já não era mais possível ouvi-los individualmente. Mas com o aumento dos contratos flexíveis, da terceirização e da individualização e do fim da contribuição sindical obrigatória no governo Temer, a função dos sindicatos de proteção social, prevista na Constituição brasileira, acabou se perdendo, principalmente no jornalismo. Segundo uma pesquisa³² do IBGE, usando dados da Pnad Contínua, de 2012 a 2019 os sindicatos perderam 3,8 milhões de filiados no Brasil. No ano passado, das 94,6 milhões de pessoas ocupadas, apenas 10,6 milhões (11,2%) estavam associadas a algum sindicato. Trata-se da menor taxa de sindicalização desde 2012, quando a pesquisa teve início. Entre 2018 e 2019, a redução foi de 900 mil trabalhadores, em todas as regiões do país. Um dos motivos para esta perda brusca nos últimos anos foi o fim da obrigatoriedade da contribuição sindical, estabelecida em 2017, com a reforma trabalhista. Dessa forma, ficou proibido o desconto de um dia de salário por ano da folha do trabalhador, ao mesmo tempo - e não por acaso - que para contribuir, passou a ser necessária toda uma burocracia, que envolve entregar ao empregador uma autorização individual com nome, cargo, setor, CPF, CTPS e PIS, além da assinatura do trabalhador.

No jornalismo, a busca sem limites pelo lucro fez as empresas de comunicação passarem, a partir dos anos 1990, a adotar a atuação de empresas de consultorias de recursos humanos (geralmente norte-americanas) para aumentar

³² Reportagem da IstoÉ sobre os dados divulgados pelo IBGE. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/sindicatos-perdem-38-milhoes/> Acessado em 24 de julho de 2021.

sua produtividade. Em uma grande emissora de televisão brasileira, cada funcionário é convocado uma vez ao ano para responder ao questionário individualmente, e este evento é com frequência motivo de tensão geral na redação. Há sempre jornalistas que eventualmente acreditam que estão sendo ouvidos com a finalidade de que a empresa possa melhorar as condições de trabalho, e por isso “falam sempre a verdade” nos questionários. Há outros que ficam aterrorizados, prevendo novas demissões em massa. Há quem denuncie assédios, gestores ou práticas irregulares ou abusivas (como forçar o funcionário a fazer interjornadas (período compreendido entre o fim de uma jornada e o início de outra que deve ser de no mínimo 11 horas, segundo a constituição) ou compensar plantões seguidos, sem folgas). O mal estar que a consultoria provoca tem a ver com uma competição, uma sensação de que alguém será descartado, trazendo desunião e um extremo individualismo. Não é difícil perceber que o objetivo das pesquisas é descobrir, de maneira totalmente objetiva, de que maneira aquele funcionário contribui para os lucros da empresa. Entre as perguntas que estavam presentes na pesquisa de uma grande emissora de televisão em 2019 estavam: 1) Para quais produtos você trabalha?; 2) A função que você ocupa te desafia o suficiente?; 3) Você se sente à vontade para tomar decisões? Para contribuir com ideias?; 4) Compartilha ideias com outros setores?; 5) Você acha que tem oportunidade para oferecer o seu máximo no seu cargo?; 6) As condições de trabalho são boas?; 7) A sua remuneração é justa se comparada ao mercado?; 8) Você recebe *feedbacks* regularmente?; 9) O quanto você acha que a empresa é transparente ao divulgar suas metas e objetivos?; 10) Você entende as mudanças pelas quais a empresa está passando?; 11) O que você espera do seu futuro na empresa?

Por estas perguntas já podemos compreender que este é um caminho de métricas de produtividade. E na luta pelo alto rendimento é cada um por si, não existe coletivo. Isso sem falar que geralmente quem está por trás deste tipo de pesquisa não conhece sequer os processos do fazer jornalístico. E os jornalistas não podem contar, por exemplo, com os sindicatos da categoria para se defenderem. Em uma pesquisa que entrevistou 2.731 jornalistas realizada em parceria com a Fenaj, Mick e Lima (2013) constataram que dos 145 mil jornalistas profissionais brasileiros, apenas 25,2% eram sindicalizados em 2012, número que após a reforma trabalhista deve ser ainda muito menor. Fica claro, segundo Macambira (2020)

que o desmonte da proteção trabalhista é um rio que deságua na desestatização da proteção social. A excessiva flexibilização das formas de exploração do trabalho e a precarização das relações laborais provocam, sobretudo, a exposição dos trabalhadores a condições mais precárias, seja no aspecto salarial, seja no aspecto do próprio exercício da atividade laboral, resultando em queda de arrecadação de contribuições previdenciárias em adição aos maiores índices de infortúnios (doenças, acidentes, desemprego, etc.), que lhes acometem (MACAMBIRA, 2020: p.183).

Entre os fatores que favorecem a descredibilização da profissão estão a decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2009, pelo fim da obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão, e a falta de regulação da imprensa brasileira. Não é só por motivos econômicos que não interessa a um mercado oligopolizado a sua regulação econômica. Como explica Maurício (2015), é também porque a regulação poderia afetar diretamente o conteúdo, sendo mais difícil para os grandes grupos controlarem as agendas e fazer manobras que possam distorcer informações.

A grande oposição feita até hoje à regulação do conteúdo pelas empresas de comunicação se baseia no argumento distorcido de que regulação é censura. Os veículos não querem que o governo (não importando que democraticamente eleito e com base em leis) diga a eles o que podem ou não dizer, pois isso seria contrário à liberdade de expressão. A máxima corrente entre jornalistas de que no Brasil não existe liberdade de imprensa, mas sim liberdade de empresa – já que é a empresa que decide o que diz, em diversos casos inclusive torcendo a realidade para defender seus interesses – se aplica exemplarmente a esse caso. Não havendo um controle social, uma regulação por parte da sociedade, a empresa de comunicação é quem decide, muitas vezes fazendo valer a lei do mais forte. E o uso do argumento do cerceamento à liberdade de expressão é a forma de convencer a opinião pública a rejeitar as propostas de regulação do setor (MAURÍCIO, 2015: p.139).

E como o sistema é movido a interesses privados, a questão é ainda mais grave. Questões como bolhas, filtros e *fake news* envolvem um debate fundamental: a confiança na mídia e o papel do jornalista. E se o jornalista então trabalha voltado para a customização de um público-alvo e não mais para o interesse público, inclusive fazendo uso de instrumentos e ferramentas que potencializam essa lucratividade empresarial, isso é estar alinhado com a ordem hegemônica. E nessa lógica da exploração do trabalho, voltado para uma produção com definição de públicos, calcada na individualização, há uma proletarização do trabalho do jornalista: ao passo em que ele fica preso às rotinas sob alto controle, sobrecarregado, sobra pouco ou nenhum espaço para reflexão das conjunturas onde está inserido. Fígaro (2014) argumenta que embora o jornalismo seja uma atividade eminentemente política, “não pode arrogar-se o papel de neutralidade, de vigilante

sacerdotal do esclarecimento. O jornalismo, como forma política e mercadoria, precisa preparar profissionais que tenham a dimensão da responsabilidade”. No entanto, a autora afirma que a profissionalização do setor não conseguiu colocar ainda claramente essa discussão como central na formação do jornalista.

Para falar sobre as bases deontológicas do jornalismo, Roseli Fígaro (2014) cita Ciro Marcondes, que afirma que o primeiro jornalismo, de 1789 à metade do século XIX, foi o da ‘iluminação’, ou seja, momento em que o combate ao ‘obscurantismo’ era armado com o ‘esclarecimento’ da informação. E segundo Roseli, é desse momento iluminado e romantizado que ainda hoje vive o discurso jornalístico, estabelecendo sua base "na idealizada possibilidade de imparcialidade, de objetividade e de transparência, constitutivas de uma razão que seria capaz de, por meio de métodos e de leis, captar o fato como verdade e relatá-lo como notícia" (2014, p.25). A autora traz ainda a demarcação feita por Marcondes sobre a trajetória ascendente dos interesses comerciais na profissão no final do século XIX, invertendo o caráter de mercadoria do campo: o valor de troca (os anúncios que sustentam a empresa) passaram a superar o valor de uso (a utilidade social da notícia). E quando as empresas de comunicação se tornam impérios comerciais, essa tendência se agrava, estando então o discurso jornalístico submetido aos interesses privados ao mesmo tempo em que se propõe a contribuir com a democracia e os direitos dos cidadãos. No caso brasileiro, a pluralidade de opinião fica comprometida quando apenas quatro grupos de comunicação controlam mais de 70% do mercado de mídias nacionais, segundo dados de 2018 do *Media Ownership Monitor Brasil*³³, da ONG Repórteres Sem Fronteiras e do Intervozes, que acendeu o alerta vermelho para o sistema de mídia brasileiro. O levantamento apontou para uma imprensa com "alta concentração de audiência e de propriedade, alta concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas", sendo o Brasil, entre os países pesquisados, o que apresenta o cenário mais grave de riscos ao pluralismo. Segundo o relatório (2018), cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos: nove pertencem ao Grupo Globo, cinco ao Grupo Bandeirantes, cinco à família Macedo (considerando o Grupo Record e os veículos da Igreja Universal do Reino de Deus, ambos do mesmo proprietário), quatro ao grupo de escala

³³Fonte:Repórteres Sem Fronteiras. Disponível em: [Media Ownership Monitor - Brasil](http://en.rsfn.org/IMG/pdf/brazil_report.pdf) Acessado em 15 de julho de 2021. HYPERLINK "http://en.rsfn.org/IMG/pdf/brazil_report.pdf"

regional RBS e três ao Grupo Folha. Além disso, 21 dos grupos ou seus acionistas têm atividades em outros setores econômicos, como educação, agropecuária, energia, transportes, infraestrutura e saúde, com destaque para o Grupo Globo (MOM-Brasil, 2018).

A concentração de mídia no Brasil acontece mesmo não sendo permitido pela Constituição Federal haver monopólio ou oligopólio no setor de comunicação. Assim sendo, quando um jornalista poderá, por exemplo, explorar as raízes da desigualdade social brasileira nas suas reportagens, se não há interesse, por parte das diretorias das companhias, de que a distribuição de renda de fato aconteça? E mais do que isso, o que as empresas fazem é se apropriar da profissionalização dos jornalistas para agendar os seus interesses, usando-os como capital simbólico. No caso do jornalismo, não são os jornalistas que têm uma jurisdição sobre como fazer, são as empresas que têm essa jurisdição. Elas se apropriam com manuais de redação, rotinização dos processos, etc, um "ritual estratégico" (MORETZSOHN, 2013) para legitimar uma espécie de consenso, uma objetividade, como se houvesse nos conteúdos uma isenção de intencionalidades, método que ajuda ainda a evitar processos judiciais. É o que Moretzsohn chama de "jornalismo de mãos limpas" (2013, p.187): o jornalista consulta suas fontes, "relata os fatos", e lava as mãos. E ainda há, entre os profissionais, a ideia de que a imprensa é o "quarto poder", como veremos nos relatos do capítulo V, assentada na "simplificação do princípio de objetividade, tomada aqui em seu viés positivista, traduzido na corriqueira ideia de que 'os fatos falam por si', escondendo todo o processo de produção jornalística" (MORETZSOHN, 2013, p.119). Para a "asepsia" da reportagem, o jornalista "ouve os dois lados", faz uso das aspas, usa informações da fonte, quase como se esse protocolo o eximisse da distinção entre "fato" e "opinião", e mais que isso, que as técnicas o desobrigassem de responsabilidade pelo que está ali descrito. Não é difícil de entender o motivo pelo qual jornalistas e empresas sofrem acusações de manipulação ou intencionalidades diante de determinadas coberturas. E quem mais sofre são aqueles que estão na ponta da produção: os jornalistas de rua, que sofrem uma escalada de violência. Xingamentos, ameaças e humilhações nunca foram tão frequentes, de cidadãos e até do poder público, numa atitude de descredibilização da imprensa, e que só cresceu junto com a polarização política.

No ranking mundial de Liberdade de Imprensa, feito pela ONG Repórteres Sem Fronteiras, o Brasil ficou em 111º lugar em 2020, caindo seis posições em

relação ao ano anterior. O país entrou na zona vermelha, ou seja, para a organização, a situação do jornalismo no país é difícil. Outro levantamento aponta que os ataques à liberdade de imprensa no Brasil aumentaram 222% de 2019 para 2020. Os dados fazem parte da terceira edição do Relatório Sombra, elaborado pela organização Voces del Sur³⁴, uma parceria de 12 países da América Latina, que mostra que, no ano passado, foram registrados 419 alertas à liberdade de imprensa no país, contra 130 registrados em 2019. O trecho dedicado ao Brasil a partir da página 41 afirma que a liberdade de expressão, liberdade de imprensa, acesso à informação e a segurança e proteção dos jornalistas no Brasil se deterioraram na presidência de Jair Bolsonaro, citado no relatório por atacar os jornalistas. O chefe do Poder Executivo estigmatiza profissionais e veículos, “corrói a confiança do público no jornalismo e incentiva a violência de seus apoiadores”. E uma terceira pesquisa, feita pela Federação Nacional dos Jornalistas, contabilizou 428 casos de violência em 2020³⁵, o maior número desde o início da pesquisa, em 1990. A tabela abaixo traz a discriminação dos tipos de violência sofridos pelos profissionais:

³⁴ Fonte: Abraji. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/novo-relatorio-indica-que-alertas-a-liberdade-de-imprensa-subiram-mais-de-200-no-brasil> Acessado em 26 de julho de 2021.

³⁵ Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/26/ano-de-2020-tem-recorde-de-ataques-a-liberdade-de-imprensa-desde-inicio-da-serie-na-decada-de-1990-diz-fenaj.ghtml> Acessado em 27 de julho de 2021.

Tabela 1: Agressões contra jornalistas

| | |
|---|-----|
| Assassinatos | 2 |
| Agressões físicas | 32 |
| Agressões verbais/virtuais | 76 |
| Ameaças/intimidações | 34 |
| Ataques cibernéticos | 34 |
| Atentados | 1 |
| Censura | 85 |
| Cerceamentos à liberdade de expressão por meio de ações judiciais | 16 |
| Descrédibilização da imprensa | 152 |
| Impedimentos ao exercício profissional | 14 |
| Injúrias raciais/racismo | 2 |
| Sequestro/cárcere privado | 2 |
| Violência contra a organização dos trabalhadores/sindical | 6 |

Fonte:Fenaj.

Segundo a Federação, a explosão de casos está associada à sistemática ação do presidente da República Jair Bolsonaro, responsável por 41% dos ataques. O relatório mostra que Bolsonaro protagonizou 145 casos de descrédibilização da imprensa, 26 agressões verbais, duas ameaças diretas e duas ameaças à Fenaj.

Por tudo isso vemos o quanto a questão da subjetividade é cara ao jornalista, não só por ela ser tema central nas teorizações sobre a profissão, mas também pela premissa iluminista de esclarecimento que justifica a existência do jornalismo, o

que toca os princípios éticos do campo. Trazemos aqui o argumento de Sylvia Moretzsohn (2013) de que, num caminho sobre as possibilidades práticas para o cumprimento das promessas dos jornalistas, é preciso ter um distanciamento, uma 'suspensão' - para se produzir "informação capaz de ir além do caráter imediato dos fatos a serem noticiados, o que entra em contradição com o cotidiano profissional marcado crescentemente pela urgência do 'tempo real'"(2013, p.180).

A questão fundamental para a afirmação da objetividade está em que há uma realidade exterior ao sujeito, que não o precede, com a qual ele interage necessariamente através - mas não só - do trabalho e que é cognoscível através da razão. Uma polêmica central, porém, gira em torno da perspectiva de se conhecer o objeto "tal qual é", na medida em que esse conhecimento depende do sujeito, do tipo de indagações que fará, e dos instrumentos que desenvolve e utiliza nesse processo, e que evoluem ao longo da história (MORETZSOHN, 2013: p.181).

E, como vimos ao longo de toda esta discussão, a capacidade de distanciamento (de autonomia de pensamento) que permite a produção de uma notícia para além de seu caráter imediato fica comprometida, uma vez que a velocidade de publicação e o tempo real são valorizados e perseguidos. A velocidade, segundo Moretzsohn, acaba se tornando um fetiche, que na definição marxista, traz os produtos do cérebro humano como que dotados de vida própria, “como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens” (MARX, 2013: p. 207-208). Segundo Marx, o fetichismo se cola aos produtos assim que eles se tornam mercadorias, e por isso, é inseparável da produção. É um apagamento do processo e a naturalização do sistema, com suas formas de operação. No caso do jornalismo, Moretzsohn afirma que a notícia não foge dessa lógica: tanto esconde o processo pelo qual foi produzida como vende a ideologia da felicidade, tudo com aparente valor de uso. E o perigo é a produção superficial e automatizada:

É comum, nas redações, o comentário jocoso de que o jornalista “não tem tempo para pensar”, ocupado que está em “fazer”. Essa ironia pretensamente autodepreciativa, que a rigor funciona como uma valorização implícita da ação em detrimento da reflexão (“estéril”, “mero exercício de erudição”), de fato denuncia uma forma de pensar automatizado, por estereótipos, perfeitamente adequado às rotinas, que por sua vez funcionam para “alimentar o sistema”. E se o sistema impõe a polivalência, impõe também, ou pelo menos favorece imensamente, a simplificação dos procedimentos para apuração. O que confirma a análise de Gans (1979), um quarto de século atrás, a propósito dos “sempre apressados repórteres” que “não têm tempo para desenvolver um relacionamento com fontes não familiares”, capazes inclusive de lhes trazer o grave problema de “fornecer informações novas ou contraditórias que [lhes] atrapalhem a capacidade (...) para

generalizar e resumir”. Nada de novo sob o Sol, salvo a luminosidade mais intensa a respeito das contradições estruturais do jornalismo produzido nesses termos (MORETZSOHN, 2013, p.241).

Por fim, segundo Moretzsohn (2013), a saída desta prática alienante está em reconhecer os constrangimentos impostos por esta estrutura, mas que jamais consegue englobar todo o processo produtivo. E é por essas fissuras que o discurso crítico entra, e o jornalismo pode realmente cumprir seu papel de mediação, sua promessa de esclarecimento, entendendo que não existe informação independente de interpretação, e pensando a contextualização para além do imediato e do senso comum.

No entanto, quando o jornalista está proletarizado, desqualificado, imerso em suas longas rotinas e cansado, fica difícil ter um espaço para o discurso crítico. Em crescente preocupação sobre o burnout no jornalismo, o jornal The New York Times trouxe uma reportagem³⁶ observando os sintomas de fadiga e exaustão em jornalistas cada vez mais jovens. A matéria cita o exemplo de um veículo americano cujos chefes enviam e-mails durante a madrugada para seus repórteres, reclamando de matérias que saíram em jornais concorrentes. Outra observação é de que, por causa do ritmo frenético do on-line, a adrenalina não se concentrava mais na hora do fechamento³⁷, mas durante todo o expediente. E uma das razões citadas pela reportagem é a de que os jornalistas eram obrigados a se dedicar a preencher as necessidades dos meios digitais, por exemplo, navegando na internet à procura de qualquer assunto capaz de gerar visualizações. Outro levantamento feito pelo portal britânico Journalism.co³⁸ mostra que os jornalistas recém-formados inspiram preocupação porque, como estão em busca de afirmação profissional, tendem a ignorar os indícios do esgotamento.

Não é à toa que o jornalismo geralmente figura nos rankings de profissões mais estressantes. Além disso, as redes sociais também tornaram o tempo livre, de descanso, muito mais poroso, menos livre efetivamente, uma vez que ao abrirmos as redes podemos nos deparar com demandas de trabalho e vice-versa, numa

³⁶ Fonte: The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/07/19/business/media/19press.html> Acessado em 3 de agosto de 2021.

³⁷ A hora do fechamento é o momento em que os jornalistas fazem as revisões finais para que a edição seja enviada para ser impressa pela gráfica.

³⁸ Fonte: Journalism.co Disponível em: <https://www.journalism.co.uk/news/newsrooms-must-watch-out-for-burnout-in-young-reporters/s2/a730981/> Acessado em 03 de agosto de 2021.

fronteira entre trabalho e descanso pouco delimitada.

Para as mulheres jornalistas, essa mistura entre trabalho e descanso se traduz em sobrecarga dentro (filhos e afazeres domésticos) e fora de casa (e às vezes o trabalho também é dentro de casa) e esbarra também na falta de empatia por parte dos seus gestores (geralmente homens). Uma pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro³⁹, feita em 2012 e publicada no site da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) mostra que as redações brasileiras eram formadas naquele ano majoritariamente por mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos de idade. Do total de 2.731 jornalistas de todas as unidades da federação ouvidos na pesquisa, 64% eram mulheres. Mas apesar de elas serem maioria, representam minoria em cargos executivos e de chefia, e continuam recebendo salários mais baixos que os homens em cargos semelhantes. Isso sem falar nos inúmeros casos de abuso e assédio nas redações. O problema é histórico e estrutural. Fígaro (2018) cita Koshiyama (2001) para descrever que a diferença de gênero se estabeleceu antes da exclusão de classes, uma vez que a relação de gênero entre homem e mulher é marcada pela delimitação do espaço permitido ou interdito à presença de todos, ou seja, a primeira divisão do trabalho foi sexual:

Na história da civilização, à mulher foi reservado o lugar do espaço privado, da esfera dos filhos e da família; e ao homem, o espaço público, da conquista e da exploração. Esse é um problema que nos remete à história da propriedade privada. Preservar o corpo da mulher do domínio de outros homens é garantir saber quem serão os herdeiros. É assegurar o trato da propriedade enquanto se está fora. A determinação social de tipos de trabalho específicos ao universo feminino também significa atribuir papel de inferioridade à mulher, seu lugar de submissa, apegada a detalhes, exposta às diretivas dos mais fortes. Estabelecer o que serve ou não à mulher é uma ação de poder. Toda a concepção de família em nossa civilização está baseada na reclusão e na submissão da mulher. Essa trajetória de controle e submissão está relacionada à responsabilidade da mulher por gerar a vida. O controle sobre o corpo é o controle sobre as futuras gerações e a perpetuação de uma determinada forma de organização social. A divisão sexual do trabalho, a família monogâmica, a noção de herança de pai para filhos são aspectos fundamentais nas formas de organização social e na institucionalização do poder do Estado. (FÍGARO, 2018: p.574).

E é justamente no questionamento das estruturas de poder que está ancorada a luta das mulheres, que vai desde o direito de ir à escola, votar e ter representatividade política, a ter direitos iguais diante de, por exemplo, ocupar o

³⁹ Pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país”. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf> Acessado em 14 de julho de 2021.

mesmo cargo que um homem e ter salários iguais. Não será possível neste trabalho discutir mais profundamente sobre as teorias emancipacionistas. No entanto, por considerar que não é possível falar sobre discriminação de gênero sem falar também sobre discriminação de classes no Brasil, Fíguro (2018) traz o conceito de Kimberle Crenshaw de feminismo interseccional (2002), que busca entender as consequências de dois ou mais eixos de subordinação, ou seja, camadas sobrepostas de discriminação. Segundo Fíguro (2018, p. 576), no Brasil, por exemplo, a mulher negra pobre é a que mais sofre a discriminação no trabalho e em outras esferas sociais. Ou seja, a autora argumenta que é um problema de desigualdade, e é justamente neste ponto que os estudos de gênero contribuem para se entender como a opressão da mulher está vinculada a uma estrutura de poder que tem na propriedade privada o eixo da exploração.

Os dados mostram que a disparidade salarial entre homens e mulheres está muito presente no Brasil. Um estudo feito pelo IBGE⁴⁰, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) mostra que, no fim de 2018, as mulheres ganhavam em média 20,5% menos que os homens no país. O levantamento considerou pessoas entre 25 e 49 anos, e aponta que é de R\$ 529 a diferença média entre os gêneros masculino e feminino. Os rendimentos médios mensais dos homens eram de R\$ 2.579, enquanto que os das mulheres giravam em torno de R\$ 2.050, o que equivale a 19,2% a menos. Segundo o IBGE, as mulheres registram menos horas (37h54min) trabalhadas do que os homens (42h42min), além de receber ainda um valor menor por hora trabalhada. Enquanto a média por hora das mulheres custava treze reais, a dos homens era de R\$ 14,20. Ainda de acordo com a instituição, a jornada feminina não reflete a quantidade de horas que ela trabalha por dia. Justamente um número menor de horas no mercado de trabalho está associado às horas dedicadas a atividades como as atividades domésticas e os cuidados com pessoas.

A disparidade de salários entre gêneros é uma injustiça global, e mesmo com os avanços conquistados ano após ano, a Organização Internacional do

⁴⁰ Fonte: IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens> Acessado em 14 de julho de 2021.

Trabalho⁴¹ estima que, no ritmo atual, somente em 2.086 as mulheres ganharão o mesmo que os homens. O jornalismo não é exceção, tanto que no início deste ano a Federação Internacional dos Jornalistas lançou uma campanha nas redes sociais chamada #PayMeEqual⁴². A entidade afirma que entre os motivos para esta diferença estão o acesso limitado aos cargos mais bem pagos, a responsabilidade parental compartilhada ainda não ser a norma, além da falta de transparência salarial nas empresas de mídia.

O relatório da OIT aponta ainda que as mulheres foram afetadas de forma desproporcional pela crise de covid-19, tanto que acabaram perdendo mais postos de trabalho do que os homens⁴³.

Mas não foram só as desigualdades de gênero que a pandemia agravou. O surto global de covid-19 acentuou o cenário de precarização do jornalismo, com graves consequências para o trabalho, como veremos com mais detalhes a seguir.

⁴¹ Informe Mundial sobre Salários (OIT). Disponível em:

<https://www.ilo.org/global/research/global-reports/global-wage-report/2020/lang--es/index.htm>
Acessado em 14 de julho de 2021.

⁴² Reportagem da Federação Nacional dos Jornalistas sobre a disparidade salarial e dados da OIT. Disponível em: <https://fenaj.org.br/fij-e-hora-de-conseguir-salarios-iguais-na-midia/> Acessado em 14 de julho de 2021.

⁴³ Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/pandemia-deixa-mais-da-metade-das-mulheres-fora-do-mercado-de-trabalho.shtml> Acessado em 02 de agosto de 2021.

3. Metodologia

Na metade deste curso de mestrado, em março de 2020, fomos surpreendidos pelo início da pandemia de coronavírus que, de um dia para o outro, fechou a universidade e quase tudo que funcionava presencialmente. A pesquisa estava sendo pensada, até então, numa linha de ouvir os jornalistas sobre as precariedades que vivem em uma redação, e em como os profissionais se tornaram extremamente explorados pelas várias razões que viemos discutindo até aqui. Entretanto, a pandemia de coronavírus trouxe alterações de outra ordem, novas dinâmicas e rotinas de trabalho (e consequências) que precisavam e precisam ser vistas de perto. Como as entrevistas ainda não tinham sido iniciadas, tivemos a oportunidade de ouvir os jornalistas dentro daquele novo contexto, buscando entender de que maneira a chegada de um surto global trazia ainda outros tantos impactos sobre a profissão. Tínhamos também a intenção de perceber como os veículos de outros estados do país, e não apenas do Rio de Janeiro, estavam lidando com aquela nova configuração. E como não era viável para o prazo de conclusão do projeto ouvir profundamente jornalistas de todo país, decidimos então elaborar um questionário para obter um panorama geral das outras regiões.

Por isso, esta pesquisa utiliza técnica mista para a análise dos seus dados, com metodologia qualitativa e quantitativa. Além da perspectiva teórico-metodológica baseada em autores da Economia Política da Comunicação, Informação e Cultura (EPC) que apresentamos acima, optamos por fazer entrevistas em profundidade semi-estruturadas com jornalistas que atuavam no noticiário diário do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que disparamos um questionário quantitativo com 20 perguntas para jornalistas de todo país. Gostaria de ressaltar aqui que, nesta investigação, não houve hierarquia entre os métodos. As coletas foram feitas simultaneamente, de maneira que não tivemos a intenção de “confirmar” qualquer informação usando um ou outro método. A ideia, ao distribuímos um questionário quantitativo, foi perceber, ao longo das análises qualitativas, se havia repetições de padrões que pudessem sugerir um alerta em relação à problemática exposta no estado fluminense, uma vez que um questionário quantitativo, além de não dar voz ativa ao participante, não dá conta das complexidades da pesquisa. No entanto, acreditamos que os números revelados pelo método quantitativo sejam de suma importância para outros estudos, em outras

regiões não cobertas por esta investigação, justamente por trazerem à tona um silenciamento do trabalho exploratório e as suas consequências para a atividade jornalística, as situações precárias às quais os profissionais estão submetidos e as condições ainda mais agravadas pelo surto mundial de covid. Acreditamos que os métodos múltiplos podem ajudar na pesquisa social, uma vez que suas bases podem dar suporte nas investigações e interpretações também de outros pesquisadores.

Após a coleta dos dados, buscamos trazer para as análises uma abordagem dialética de Marx presente no debate teórico Economia Política da Comunicação, uma vez que a EPC "mostra-se como uma via de compreensão do capitalismo na contemporaneidade, pelo papel da comunicação no sistema e pela capacidade analítica da própria Economia Política" (BOLAÑO; BRITTOS; ROSA, 2010, apud BRITTOS, 2010, p. 198). O objetivo foi o de ir e voltar entre os discursos e as práticas, com foco no trabalho dos profissionais de Comunicação e sua relação com o mercado, além de pensar ainda sobre o produto deste trabalho:

A EPC herdou do marxismo um quadro categorial e, sobretudo, um método de análise científica comprometido com o desvendamento das relações e contradições sociais visando à transformação da realidade em favor da plena realização das potencialidades humanas, em favor de uma humanidade liberada. Assim, os pesquisadores da área estão permanentemente preocupados em oferecer proposições de mudança no âmbito das políticas nacionais de comunicação – defendendo, por exemplo, a desconcentração dos meios de comunicação de massa – e das alternativas relativas às diferentes formas de comunicação popular. (BOLAÑO; BRITTOS; ROSA, 2010, p. 8)

Segundo Bolaño (2008, p.11), no campo da Comunicação, a Economia Política da Comunicação "se apresenta como uma poderosa alternativa para a constituição de um paradigma geral, adequado à compreensão do fenômeno cultural e comunicacional sob o capitalismo numa perspectiva herdeira da Crítica da Economia Política".

Para além dos objetivos práticos, esta investigação também busca ser um pilar de resistência, honrando um lugar de não silenciamento por parte dos paradigmas dominantes. Traçamos um caminho de voz para aqueles que têm sido oprimidos, ao mesmo tempo em que produzimos conhecimento científico. Por isso, a ética desta pesquisa está enraizada também no fato de ela servir à sua comunidade.

No que tange à dimensão qualitativa, foram realizadas 21 entrevistas em profundidade semi-estruturadas e com ênfases etnometodológicas, ou seja, levando em consideração as interações pessoais com outros elementos do ambiente, além

de considerar todo o contexto no qual o profissional está inserido. Para análise dos resultados, utilizamos a abordagem de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), com olhar construtivista sobre as observações. No método quantitativo, recolhemos respostas de 218 jornalistas de todas as regiões do país, e analisamos os resultados estatisticamente. Ambas as metodologias de coleta e de análise serão detalhadas a seguir.

3.1. Metodologia Qualitativa

Denzin e Lincoln (2018, p.43) definiram no livro "*The Sage - Handbook of Qualitative Research*", a pesquisa qualitativa como “um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível”. É uma atividade que envolve o estudo de uma enorme variedade de materiais empíricos, como a experiência pessoal, textos culturais, histórias de vida, junto com observações e interações que, interconectadas, permitem não só descrever rotinas mas momentos problemáticos e significativos da vida de um indivíduo, além de situar o pesquisador no mundo:

Como portador desta história complexa e contraditória, o pesquisador também deve enfrentar a ética e política da pesquisa. Não é mais possível para as disciplinas humanas pesquisarem o nativo, o outro indígena, num espírito de investigação isenta. Hoje, os pesquisadores lutam para desenvolver uma ética situacional e transsituacional que se aplique a todas as formas de pesquisa e suas relações entre humanos. Não temos mais a opção de adiar o projeto de descolonização"⁴⁴(DENZIN e LINCOLN, 2018, p.54).

Também no livro "*The Sage*", James Holstein (2018, p.692) descreve a abordagem analítica construcionista como “uma constelação de procedimentos, condições e recursos através dos quais a realidade é apreendida, compreendida, organizada e transmitida na vida cotidiana⁴⁵” (tradução livre). O sentido é o de olhar o que ocorre naturalmente, como "impulso", junto com o contexto. Isso porque o construtivismo parte do pressuposto de que não existe nada de natural, os

⁴⁴ Tradução livre. Trecho original do livro *The Sage*, página 54: "As a carrier of this complex and contradictory history, the researcher must also confront the ethics and politics of research. It is no longer possible for the human disciplines to research the native, the indigenous other, in a spirit of value-free inquiry. Today, researchers struggle to develop situational and transsituational ethics that apply to all forms of the research act and its human-to-human relationships. We no longer have the option of deferring the decolonization project.

⁴⁵ Tradução livre. Trecho original do livro *The Sage*, página 692: "... a constructionist analytics of interpretive practice—the constellation of procedures, conditions, and resources through which reality is apprehended, understood, organized, and conveyed in everyday life”.

significados são construídos. A preocupação maior é com o significado que o fenômeno ganha do que o próprio fenômeno em si, uma vez que o espaço social é o de compartilhamento de significados. Além disso, buscamos rejeitar aqui a ideia de reificação, ou seja, de que as situações já estejam prontas. As práticas e discursos constroem a realidade, mas também são construídas pela realidade onde estão, por isso não é possível isolar nem o texto nem a prática social. Buscamos também ressaltar as afinidades entre o pesquisador e o pesquisado, de maneira a tentar descrever de maneira pormenorizada os "comos" e "porquês" da prática social de um campo em comum. Por isso, procuramos olhar para a análise da coleta com olhos de estrutura interpretativa construtivista, situada no eixo teórico-metodológico da Economia Política da Comunicação, investigando aspectos importantes que dialogam com toda a atividade jornalística, como por exemplo as relações de poder que envolvem as empresas de comunicação e seus modelos de negócios, que afetam desde as relações políticas até o agendamento das pautas nas redações.

Partindo desses elementos contextualizadores, buscamos ouvir o próprio jornalista, entender sua perspectiva numa abordagem qualitativa. Para Denzin e Lincoln (2018; p.17), a comunidade de pesquisa qualitativa “consiste em grupos de pessoas dispersas globalmente que estão tentando implementar uma abordagem interpretativa crítica que as ajudará (e a outros) a compreender as condições terríveis que definem a vida diária na segunda década deste novo século”⁴⁶ (tradução livre). Os autores descrevem o pesquisador qualitativo como um “bricoleur interpretativo”, que, através de um processo interativo moldado por aspectos como história pessoal, classe social e gênero, por exemplo, consegue construir uma montagem, uma “colcha de retalhos” de imagens e representações que conectam as partes ao todo, não só localizando o próprio pesquisador nesta colagem, mas também sabendo que já não há limites entre as disciplinas tradicionais (DENZIN; LINCOLN:2018, p. 45).

Uma vez que o objetivo desta pesquisa era buscar entender qual a percepção do jornalista em relação a seu contexto de trabalho, era importante escolher

⁴⁶ A frase original, em inglês: "The qualitative research community consists of groups of globally dispersed persons who are attempting to implement a critical interpretive approach that will help them (and others) make sense of the terrifying conditions that define daily life at the second decade of this new century". Denzin e Lincoln, 2018; p.17.

instrumentos e metodologias capazes de fornecer este fluxo de informação. Portanto, para este estudo, realizamos entrevistas qualitativas semi-estruturadas com jornalistas que trabalham na linha de frente do jornalismo carioca, os chamados jornalistas de "hard news", que saem a campo e fazem a apuração dos fatos na rua, na maior parte das vezes. Do total, 19 eram jornalistas de hard news. Um deles também cobria o noticiário diário, mas também tinha a função de procurar pautas exclusivas e de dar continuidade a matérias de grande repercussão, indo por caminhos mais investigativos, acompanhando, por exemplo, inquéritos policiais ou decisões judiciais. E uma entrevistada, depois de 17 anos atuando na reportagem de rua, havia sido promovida, há poucos meses, para a chefia de reportagem, e contou também sobre a mudança.

A seleção dos entrevistados para esta pesquisa não foi intencional, e sim por conveniência ou acidental (DUARTE 2010, P.69), ou seja "quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade". Não houve juízo particular na escolha dos entrevistados, apenas uma proximidade laboral, uma vez que, pelos últimos 12 anos atuei como repórter de hard news em seis dos principais veículos de imprensa do Rio de Janeiro, e por consequência, trabalhava convivendo de certa maneira com quase todos os jornalistas entrevistados. Cuidamos apenas para que houvesse uma variedade de veículos, a fim de ouvirmos profissionais de diferentes mídias e emissoras. Os jornalistas eram colaboradores dos seguintes veículos: TV Globo, GloboNews, G1, Jornal O Globo, Rádio CBN, SBT, Folha de São Paulo, CNN, TV Bandeirantes, Rádio Band News FM, TV Record, Rede TV!, portal Uol, Reuters e Jovem Pan. Os veículos foram selecionados por, primeiro, representarem o jornalismo de mercado, tendo relevância nacional e internacional e maior alcance de público, e conseqüentemente capacidade de agendamento de pautas. Além disso, são empresas com orientações editoriais diferentes, o que também oferece diversidade à pesquisa. As conversas foram realizadas entre os dias 20 de agosto e 25 de novembro de 2020, virtualmente, através da plataforma Zoom. Todo o conteúdo foi gravado de duas formas: pela própria plataforma Zoom, que permite salvar as reuniões, e, por precaução, os áudios das conversas também foram gravados por meio do aplicativo *voice recorder* do meu telefone pessoal, com consentimento de todos os repórteres. As entrevistas, à princípio, foram pensadas para serem feitas presencialmente, em um ambiente bem menos formal. Entretanto, a pandemia de covid-19 determinou que a pesquisa fosse realizada de forma virtual.

O Rio de Janeiro foi escolhido como “local” da pesquisa não apenas por estar entre as três principais capitais brasileiras que são "cabeças de rede", ou seja, onde estão localizadas as matrizes das emissoras (a TV Globo, por exemplo, é gerida a partir do Rio de Janeiro), como também pela minha história de vida profissional e proximidade com os repórteres, além de a capital ser protagonistas de pautas importantes, grandes eventos, notícias policiais, etc. O tempo de viabilidade para a conclusão do projeto também influenciou nesta decisão.

3.1.1. Entrevistas em profundidade

Partimos até aqui do debate teórico de que as mudanças nas redações, tecnológicas e mercadológicas, aceleraram os processos e sobrecarregaram os jornalistas nas suas atividades laborais, além de precarizar a profissão e afetar de diversas maneiras seus profissionais. No entanto, era necessário obter detalhes das rotinas e lançar um olhar pormenorizado sobre os processos e as dinâmicas das redações. Queríamos dar voz aos jornalistas, permitir que eles se expressassem livremente, para buscar compreender a percepção destes profissionais não só sobre o contexto em que vivem, mas entendendo ainda como os processos de dominação atuam sobre o fazer jornalístico, além de expor suas consequências, neste caso, para o produtor de notícias, revelando formas de injustiça e opressão (DENZIN; LINCOLN:2018).

A entrevista individual em profundidade é uma técnica qualitativa que "explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada" (DUARTE, 2010, p.62). Segundo Duarte (2010), a flexibilidade desta forma de entrevista deixa o entrevistado livre para discorrer sobre sua experiência. O interesse em torno deste tipo de investigação é buscar compreender não a proporção de um fenômeno, mas como ele é percebido nos seus mais diversos ângulos. "Este tipo de entrevista busca intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística"(p.62). É um processo reflexivo:

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, 2010, p.63)

Duarte (2010) argumenta que o objetivo de uma entrevista está relacionado ao conhecimento de elementos que ajudem na compreensão de uma situação ou de uma estrutura. A entrevista está relacionada à "aprendizagem por meio da identificação de riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (p.63)". Pela complexidade do assunto a ser investigado, uma vez que envolve vários contextos pessoais, optamos por fazer entrevistas semi-estruturadas, que supõem um roteiro, mas permitem abertura para olhares sensíveis a gestos, expressões e sensações não programadas. "As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas das circunstâncias da entrevista" (DUARTE, 2010: p.66). Isso significa que, embora nosso ambiente de conversa tenha sido o virtual, procurei estar sempre atenta aos incômodos, reflexões e sentimentos dos jornalistas, a fim de observar toda a atmosfera da conversa, numa abordagem etnográfica qualitativa das entrevistas. Tivemos, ao longo das conversas, interações de cunho pessoal e intelectual. Estar pela primeira vez na posição de pesquisadora trouxe informalidade e também certa vulnerabilidade de ambas as partes.

O roteiro prévio contava com perguntas abertas, que tinham como objetivo fazer com que os jornalistas nomeassem sentimentos e sensações em relação a determinadas questões. Buscamos uma conversa natural e interação social fluida, com ênfase etnometodológica, confrontando problemas cotidianos da ordem social com sensibilidades fenomenológicas. Desta maneira, algumas perguntas demandaram dos entrevistados associações espontâneas dos estereótipos envolvendo a profissão de jornalista. Segundo Bardin (2016):

Um estereótipo é 'a ideia que temos de ...', a imagem que surge espontaneamente, logo que se trate de... É a representação de um objeto (coisas, pessoas ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com alguma estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou a percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicações de massa), o estereótipo, no entanto, mergulha as suas raízes no afetivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou criado (BARDIN, 2016, p.45).

Ao longo da conversa, tentamos fazer as perguntas de acordo com a ordem com que foram pensadas. No entanto, caso os entrevistados tratassem de outros assuntos também listados no roteiro, íamos seguindo de acordo com as questões que brotavam das ideias do jornalista ouvido, tanto que houve entrevistas com mais de duas horas de duração. Segue abaixo o plano de entrevistas aplicado aos 21 jornalistas entrevistados:

1. Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?
2. Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)
3. Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?
4. O que é violência no trabalho para você? (aqui imaginei falar não só nos tópicos relacionados à precarização do trabalho, como também violência nas ruas, insegurança para trabalhar, agressões de pessoas comuns, etc)
5. Como você lida com essa violência?
6. Por que lida com essa violência?
7. De que modo a pandemia alterou essas situações?
8. Como é seu relacionamento com seus gestores? Como são esses gestores?
9. Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?
10. Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?
11. Quais os impactos no sono? E na saúde mental?
12. Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?
13. Sente algum destes sintomas?

Cansaço físico e psicológico? Insônia? Dificuldades de concentração?
Sentimentos de fracasso e insegurança? Negatividade constante? Sentimentos de

derrota e desesperança? Sentimentos de incompetência? Alterações repentinas de humor? Sensação de isolamento? Pressão alta? Dores musculares? Problemas gastrointestinais? Alteração nos batimentos cardíacos? Dores de cabeça frequentes? Cansaço excessivo, físico e mental?

14. Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?
15. Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)? No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?
16. Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?
17. Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?
18. Onde é que nós jornalistas estamos hoje?(de propósito parecida com a primeira após toda a reflexão) ?
19. Para mães e pais: Como é ser jornalista de hard news e mãe/pai? Como divide o tempo? Como se sente? Como foi lidar com o trabalho e os filhos na pandemia? Como você se sentiu?

É claro que a entrevista não é uma ferramenta neutra. Ela é uma conversa, a arte de perguntar e de ouvir. "É um texto negociado, um lugar onde poder, gênero, raça e classe se cruzam"⁴⁷, afirmam Denzin e Lincoln (2018, p.900). Os autores argumentam que são duas pessoas que criam a realidade daquela situação, e assim a entrevista produz entendimentos fundamentados em episódios interacionais específicos. Não posso deixar de mencionar que pelo mesmo caminho passavam as maiores facilidades e dificuldades da coleta deste material. Por um lado, o fato de eu ter uma certa proximidade com a imensa maioria dos entrevistados por causa dos interesses em comum (dividimos nossa profissão, pautas, angústias, problemas com a empresa, fontes e informações pessoais e profissionais), e também por eles me conhecerem bem pessoalmente e profissionalmente, houve intensa confiança em ambos os lados de falar sobre temas sensíveis e que exigiam, por exemplo, que eu não os identificasse em determinados momentos. Sobre certos assuntos que

⁴⁷ Tradução livre. Texto original no livro *The Sage*: "But the interview is a negotiated text, a site where power, gender, race, and class intersect". Denzin e Lincoln, 2018, p. 900.

conversamos, caso eles fossem identificados, poderiam inclusive perder seus empregos. E neste ponto eles sabiam que poderiam confiar em mim. A nossa convergência e intimidade permitiu que os jornalistas pudessem falar abertamente sobre assuntos delicados, e mais que isso, pudessem falar sem se preocupar em me explicar certos pontos. Fosse um investigador de fora deste cenário jornalístico, certos hábitos já naturalizados dentro de uma redação dificilmente seriam apreendidos (ou talvez nem fossem explicados).

Por outro lado, senti que as maiores dificuldades também passaram pelo lugar da intimidade dessa reflexão profunda, de onde eles não conseguiram fugir, justamente por ser eu a pesquisadora, por estar a par dos mínimos detalhes do funcionamento de uma redação. Em certas questões nas quais os profissionais realmente não queriam se aprofundar, senti pouca abertura seguida de uma resposta que seria "padrão" para um jornalista. Percebi que certas questões muito sensíveis estavam diretamente ligadas a questões pessoais. Como argumenta Bardin (2016), esta é a riqueza da técnica:

Qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, mas também a aparência por vezes tortuosa, contraditória, "com buracos", com digressões incompreensíveis, negações incômodas, recuos, atalhos, saídas fugazes ou clarezas enganadoras. Discurso marcado pela multidimensionalidade das significações expressas, pela sobredeterminação de algumas palavras ou fins de frases. Uma entrevista é, em muitos casos, polifônica (BARDIN, 2016, p.48).

3.1.2 Análise dos dados

Para Denzin e Lincoln, é a partir da entrevista que o intérprete passa para um "etnotexto", ou seja, um texto de pesquisa recriado como um documento interpretativo de trabalho, sendo esta prática artística e política, uma vez que ganham ênfase as estruturas situadas, relacionais e textuais da experiência etnográfica (2018, p.59 e p. 60).

O primeiro passo, portanto, depois de todas as entrevistas realizadas, foi transcrever detalhadamente o material a partir dos áudios gravados. À medida em que as entrevistas eram transcritas, já começávamos a ter uma panorama geral das percepções captadas durante as conversas. Revisitar os áudios e vídeos me permitiu sublinhar e destacar nas transcrições tudo aquilo que levava mais ênfase, que

revolvia mais intensamente os nossos entrevistados. Para que a riqueza e a diversidade do material das entrevistas fosse aproveitado da melhor maneira, foi decidido que usaríamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) para sistematizar e inferir os dados do material.

Laurence Bardin (2016) definiu a análise de conteúdo como uma reunião de técnicas de análises a fim de se criar uma sistematização de processos de descrição de conteúdo das mensagens, sejam elas qualitativas ou quantitativas, "que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens" (2016; p.25). Ou seja, o objetivo é ter uma expressão do conteúdo obtido com base em um conjunto de técnicas complementares sistematizadas. Este tipo de análise permite "efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, o efeito dessas mensagens)"(p.25). O analista, segundo Bardin, pode ter ou mesmo criar opções analíticas que mais se aproximem da natureza do material e da pergunta de pesquisa. A autora explica que a análise de conteúdo começa com a descrição, depois inferência e depois interpretação, e a técnica para analisar o conteúdo das entrevistas foi a análise temática por categoria. "Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos" (BARDIN, 2016, p.101).

A partir da transcrição das entrevistas e destaques das ênfases dadas pelos jornalistas, houve um processo de codificação completo, e não apenas através de alguns recortes estratégicos. Todos os trechos relevantes foram reunidos por categoria, sendo cada uma delas clara no tema sugerido, distinta e consistente. A análise de cada categoria levou um bom tempo. Foi preciso entender com calma as falas de cada um dos jornalistas e tentar perceber de que maneira elas se enlaçavam ou se repeliam, e quais elementos envolviam esses movimentos. Segundo Bardin (2016, p.48), lidamos com uma "fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orchestra mais ou menos à sua vontade". A autora argumenta que a subjetividade está completamente presente naquilo que chamou de "encenação" do que foi vivido ou sentido:

Diz "Eu", com seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. E ao dizer "Eu", mesmo que esteja falando de

outra pessoa ou de outra coisa, explora, por vezes às apalpadelas, certa realidade que se insinua por meio do "estrito desfiladeiro da linguagem", da *sua* linguagem, porque cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos..." (BARDIN, 2016, p.48).

E foi a partir das demandas e temas vindos dos jornalistas, além das questões levantadas no debate teórico, que as categorias de análise temática foram criadas, numa codificação interpretativa. Para analisar entrevistas, abordamos os dois níveis de análise propostos por Bardin (2016). A primeira é a decifração estrutural, que leva em consideração "os trabalhos existentes em matéria de enunciação, de análise do discurso e de narrativa, e até da psicanálise... mas de forma não sistemática, com flexibilidade" (2016, p. 48), e que também inclui a intuição, uma vez que é preciso fazer uma "abstração de si próprio e das entrevistas anteriores" a cada nova conversa. A segunda fase é a transversalidade temática, que trata de buscar uma estruturação frente a variação de temas que surgem numa entrevista.

Sob a aparente desordem temática, trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado. Cada qual tem não só o seu registro de temas, mas também a sua própria maneira de (não) os mostrar (BADIN, 2016,p.49).

A partir destes dois pressupostos de análises, dividimos os temas em dez categorias centrais, sendo elas: 1) Papel do jornalista; 2) Rotinas de trabalho; 3) Violência no trabalho; 4) Impactos Pessoais e Qualidade de Vida; 5) Precarização do Jornalismo; 6) Salários e carreira; 7) Romantização da precarização, rede social e cultura do furo; 8) Reflexões e futuro do hard news; 9) Mães e pais no jornalismo; e 10) Sintomas de esgotamento.

Na primeira categoria, os jornalistas foram convidados a falar sobre o que acreditavam ser a principal função da profissão e se eles consideravam que, nas tarefas do dia a dia, conseguiam cumprir aquela missão. Em "Rotinas de trabalho", os profissionais detalharam seus cotidianos de pautas, horários e plantões, mencionando dificuldades e alegrias das rotinas. No terceiro tema, os jornalistas contaram sobre casos de violência ocupacionais, fossem elas dentro ou fora da redação. Os impactos pessoais da profissão foram relatados na categoria seguinte, assim como as considerações dos profissionais sobre como avaliavam sua qualidade de vida. Em "Precarização do jornalismo", os repórteres enumeraram uma série de aspectos que observaram ter precarizado ao longo dos anos,

principalmente a diminuição de equipes nas redações. A seguir, comentaram sobre seus salários e fizeram reflexões sobre a carreira. Na sétima categoria, os profissionais refletiram sobre a romanização da precarização da profissão de jornalista, além de tópicos ligados às redes sociais e à cultura do furo. Em seguida, os profissionais ponderaram sobre o presente e o futuro da profissão, e, quem tinha filhos, falou sobre a maternidade/paternidade no jornalismo no tema seguinte. E por fim, uma lista de sintomas ligados à síndrome de burnout foi apresentada aos profissionais, que comentaram sobre os desconfortos laborais que os acometem.

Os embaraços, dilemas, frases truncadas (cujo sentido é variável), falas espontâneas, hesitações, entre outros foram devidamente assinalados nas análises, assim como a alternância do "nós", que remete à generalização, e do uso do "eu", alinhado a um investimento pessoal.

3.2. Metodologia Quantitativa

A outra parte desta investigação consistiu num estudo quantitativo, utilizando-se de um questionário, que se denominou “Pesquisa nacional sobre as condições de trabalho nas redações pós-covid”. O objetivo desta aferição quantitativa não foi o de obter conclusões generalizáveis sobre as condições de produção nas redações, uma vez que não foi possível entrevistar profundamente jornalistas de hard news em outras regiões do Brasil. Entretanto, a proposta foi a de verificar a repetição de padrões, em outras regiões do país, que foram identificados nas entrevistas em profundidade. O método utilizado foi o questionário. Buscamos identificar sinais de alerta para a precarização do trabalho de jornalista desde o início da pandemia e observar a curva de sintomas do esgotamento entre os jornalistas que estavam cobrindo a pandemia, além entender de que maneira as empresas estavam prestando apoio aos seus funcionários. Para isso, buscamos jornalistas de fora do Rio de Janeiro por meio da rede social LinkedIn. Buscamos profissionais de redações de relevância nacional e que se identificavam, em seus perfis, como “repórteres” ou “jornalistas”. Ao primeiro contato, enviamos uma mensagem de apresentação do projeto de pesquisa e com o pedido de colaboração. Após o aceite, enviamos o link para o questionário com 20 perguntas. Do total de perguntas, 19 eram de múltipla escolha e uma única questão, discursiva, indagou como mães e pais lidaram com o trabalho e os filhos em casa durante a pandemia.

As primeiras questões tratavam de traçar um pequeno perfil do respondente, identificando em que cargo aquele jornalista estava alocado, se era freelancer, em qual gênero se identificava, a sua idade, a região do Brasil onde atuava e há quantos anos exercia a profissão. Em seguida, as questões perguntavam sobre o tipo de veículo para o qual o jornalista colaborava (se TV, rádio, internet, etc), se o profissional estava envolvido com a cobertura relacionada à covid-19 e se, de alguma maneira, seu emprego ou padrão de trabalho havia sido afetado pela pandemia (se havia sido demitido ou se fazia home office, por exemplo). Questões de cunho mais pessoal foram apresentadas a seguir. Os jornalistas foram perguntados se sentiam segurança para trabalhar, se haviam recebido ameaças durante o período e também foram questionados sobre possíveis sintomas ligados ao esgotamento físico e emocional em uma comparação a ser feita entre os período pré e pós pandemia. Além disso, as perguntas questionavam sobre as possíveis reações psicológicas como resultado da pandemia e se as empresas haviam ajudado de alguma forma com estas questões. Segue abaixo o questionário enviado para os profissionais:

1. Qual das seguintes opções se aplica a você?

- a. Sou jornalista/repórter de rua
- b. Sou repórter cinematográfico/fotojornalista de rua
- c. Sou jornalista/repórter, mas atuo dentro da redação
- d. Sou jornalista freelancer
- e. Sou editor/produtor/fact-checker
- f. Produzo jornalismo de alguma outra forma
- g. Nenhuma das opções acima

2. Como você descreve sua identidade de gênero?

- a. Mulher
- b. Homem
- c. Outros
- d. Prefiro não responder
- e. Prefiro me descrever: _____

3. Qual sua idade?

- a. 18 a 24 anos
- b. 25 a 34 anos
- c. 35 a 49 anos
- d. 50 a 65 anos
- e. mais de 65

4. Há quantos anos você pratica jornalismo?

- a. 1 a 4
- b. 5 a 9
- c. 10 a 14
- d. 15 a 19
- e. 20 a 24
- f. mais de 24

5. Em qual região do país você vive?

- a. Norte
- b. Nordeste
- c. Centro-Oeste
- d. Sudeste
- e. Sul

6. Como você descreveria o veículo de mídia para o qual trabalha ou colabora?

- a. Nativo Digital
- b. Jornal
- c. TV aberta ou rádio
- d. TV por assinatura
- e. Revista
- f. Serviço de notícias/agência de notícias (ex. Reuters, AFP)
- g. Outro: _____

7. Você está atualmente cobrindo questões relacionadas com o coronavírus/COVID-19?

- a. Sim
- b. Não

8. Como o seu trabalho foi afetado? (Marque todas as opções aplicáveis)

- a. Eu perdi meu emprego
- b. Minhas horas de trabalho foram reduzidas
- c. Recebi licença do trabalho
- d. Meu salário foi reduzido
- e. A situação do meu emprego continua a mesma
- f. Outro: _____

9. Como seu padrão de trabalho foi afetado? (Marque todas as opções aplicáveis)

- a. Eu trabalhava no escritório/redação, mas agora trabalho remotamente
- b. Estou trabalhando mais horas
- c. Estou trabalhando menos horas
- d. Meus turnos mudaram
- e. Estou produzindo mais matérias do que de costume
- f. Estou trabalhando mais nos fins de semana

g. Outro (especifique): _____

10. Mesmo que você não tenha sido afetado pessoalmente, a organização onde você trabalha (ou mais colabora) tomou alguma das seguintes medidas? (Marque todas as aplicáveis):

- a. Demitiu funcionários da equipe
- b. Deu licença a funcionários da equipe
- c. Reduziu o uso de freelancers
- d. Reduziu salários de executivos e diretores
- e. Reduziu salários de repórteres e outros da equipe editorial
- f. Aumentou horas extras não remuneradas
- g. Fechou permanentemente
- h. Fechou temporariamente
- i. Aumentou a dependência de freelancers
- j. A maioria migrou para home office
- k. Nenhuma das opções
- l. N/A - Não estou empregado atualmente
- m. Outras medidas (especifique): _____

11. Como sua sensação de segurança no trabalho mudou como resultado da pandemia?

- a. Me sinto menos seguro no meu trabalho agora
- b. Permaneço me sentindo inseguro
- c. Me sinto mais seguro no meu trabalho agora
- d. Permaneço me sentindo seguro
- e. Nenhuma das anteriores

12. Como você respondeu aos trabalhos de reportagem da rua? (Marque todas as opções aplicáveis)?

- a. Hesitei em aceitar trabalhos da rua devido a preocupações com minha saúde ou com a saúde de outras pessoas expostas a mim
- b. Resisti ativamente (isto é, protestei ao meu supervisor) a reportagens de rua devido a preocupações com minha saúde, ou com a saúde de outras pessoas que estão expostas a mim, mas aceitei a tarefa
- c. Recusei reportagens de rua devido a preocupações com minha saúde ou com a saúde de outras pessoas expostas a mim
- d. Aceitei sem reservas fazer reportagens de rua
- e. N/A - Não me pediram para trabalhar na rua
- f. Outro (explique)

13. Antes da pandemia de COVID-19, você sofreu abuso, assédio, agressões ou ameaças por causa do seu trabalho dentro ou fora das redações?

- a. Sim
- b. Não

14. Você sofreu abuso, assédio, agressões ou ameaças durante a pandemia?

- a. Sim
- b. Não

15. Antes da pandemia, você já sentia alguns dos sintomas abaixo (marque todas as aplicáveis):

- a. Insônia.
- b. Dificuldades de concentração.
- c. Sentimentos de fracasso e insegurança.
- d. Negatividade constante.
- e. Sentimentos de derrota e desesperança.
- f. Sentimentos de incompetência.
- g. Alterações repentinas de humor.
- h. Isolamento.
- i. Fadiga.
- j. Pressão alta.
- k. Dores musculares.
- l. Problemas gastrointestinais.
- m. Alteração nos batimentos cardíacos.

16. Após a pandemia, marque quais sintomas continuou a sentir (ou passou a sentir):

- a. Insônia.
- b. Dificuldades de concentração.
- c. Sentimentos de fracasso e insegurança.
- d. Negatividade constante.
- e. Sentimentos de derrota e desesperança.
- f. Sentimentos de incompetência.
- g. Alterações repentinas de humor.
- h. Isolamento.
- i. Fadiga.
- j. Pressão alta.
- k. Dores musculares.
- l. Problemas gastrointestinais.
- m. Alteração nos batimentos cardíacos.

17. Você teve reações emocionais ou psicológicas, positivas ou negativas, como resultado da pandemia? (Marque todas as opções aplicáveis)

- a. Sinto uma maior apreciação pela vida
- b. Valorizo mais meus amigos e família do que antes da COVID-19
- c. Sinto um maior compromisso com a importância do jornalismo
- d. Sinto que minha ética pessoal ou profissional foi comprometida durante a cobertura da COVID-19
- e. Tenho pensamentos negativos ou sombrios
- f. Sofro de depressão pela primeira vez
- g. Tive aumento da depressão

- h. Sofro de ansiedade pela primeira vez
- i. Tive aumento da ansiedade
- j. Tenho mais dificuldades para dormir do que o normal
- k. Tenho chorado mais do que o normal
- l. Tenho a sensação de luto e perda conectada com a pandemia
- m. Tenho a sensação de impotência conectada com a pandemia
- n. Sinto exaustão e esgotamento
- o. Fui afetado pela exposição direta ao sofrimento humano (entrevistando vítimas da pandemia, equipe médica na linha de frente)
- p. Fui afetado pela exposição secundária ao sofrimento humano online (redes sociais, revendo e editando áudio/vídeo/imagens)
- q. Tenho medo de perder meu emprego
- r. Outros (especifique): _____

18. Você buscou apoio psicológico profissional para ajudá-lo/a nesse período?

- a. Sim
- b. Não

19. Seu empregador/organização de notícias ofereceu algum dos seguintes apoios? (Marque todas as opções aplicáveis)

- a) Aconselhamento psicológico
- b) Apoio social por meio de teleconferências ou canais digitais (Slack; Google Hangouts, Zoom, etc.) com colegas
- c) Checagens regulares digitais com um supervisor (vídeo/áudio/texto)
- d) Horas flexíveis para cuidar/ajudar na escola das crianças
- e) Intervalos adequados entre turnos
- f) Treinamento e apoio para lidar com assédio/abuso/agressões online
- g) Folga para descansar
- h) Diretrizes e/ou outros recursos para ajudar durante a crise
- i) Meu empregador/redação não está oferecendo nenhum apoio ou medidas de saúde mental para evitar esgotamento
- j) Não, mas eu encontrei e paguei pelo meu próprio apoio psicológico
- k) Outro (especifique)

20. Se você tem filho(s), poderia descrever como foi trabalhar e cuidar deles durante a pandemia?

Recebemos ao todo 218 respostas, que foram catalogadas e analisadas por meio de estatísticas. Do total, 158 (73%) estavam trabalhando diretamente com assuntos ligados ao coronavírus. As suas respostas contribuíram ativamente para os caminhos desta pesquisa, como detalharemos a seguir.

4. O trabalho dos jornalistas durante a pandemia

A pandemia do novo coronavírus intensificou o processo de precarização do trabalho, e o Brasil foi um dos países mais afetados, segundo o Digital News Report⁴⁸, um dos relatórios mais importantes do mundo produzido pela Reuters Institute, que ouviu, em 2020, 92 mil pessoas, em 46 países. O relatório sobre o Brasil⁴⁹, assinado por Rodrigo Carro, começa contextualizando o cenário da pandemia, trazendo a negação do presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre a gravidade da situação, incentivando o uso da hidroxicloroquina e rechaçando o uso de máscaras, além de tratar também sobre a escalada dos ataques à imprensa por parte do Poder Executivo.

Ainda segundo o relatório, o surto de covid-19 atingiu o mercado de publicidade e acelerou a migração para as plataformas digitais. A circulação geral dos dez jornais mais vendidos caiu 9,2%, mas houve um aumento de 64% nos leitores digitais (embora muitos jornais tenham restringido seus *paywalls*, houve descontos significativos para as assinaturas on-line). A participação da TV aberta no mercado de publicidade brasileiro continuou estável em 51,9%, mas a TV paga perdeu 800 mil assinantes, conforme a tendência do corte de cabos, ao mesmo tempo em que aumentou o consumo de serviços de *streaming*, como o Netflix. Ainda segundo o estudo, a incerteza trazida pela pandemia fortaleceu a busca por informações confiáveis. A confiança geral nas notícias é relativamente alta (54%), se comparada à média global (44%), com um índice menor nas notícias publicadas nas redes sociais (34%). O Facebook é a rede social mais usada para notícias (47%), seguido por WhatsApp (43%), YouTube (39%), Instagram (30%), Twitter (12%) e Facebook Messenger (11%).

Embora o jornalismo estivesse incluído nas categorias de trabalho essenciais durante a pandemia, as mudanças das rotinas afetaram e muito os profissionais. Para uns, houve aumento de jornada de trabalho, enquanto que para outros houve redução, junto com diminuição dos salários. Para evitar demissão em massa das

⁴⁸ Fonte: Reuters Institute. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021> Acessado em 03 de agosto de 2021.

⁴⁹ Fonte: Reuters Institute. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/brazil> Acessado em 03 de agosto de 2021.

empresas, o governo federal aprovou a Medida Provisória 396⁵⁰, que autorizou as empresas a reduzirem, proporcionalmente, os salários e as jornadas de trabalho dos brasileiros, num limite máximo de 70%. Quase quatro mil jornalistas (3.930) foram afetados pela medida, segundo a Fenaj⁵¹, na maioria das vezes diminuindo 25% das horas trabalhadas e do contracheque. Oitenta e um jornalistas tiveram seus contratos de trabalho suspensos e 205 foram demitidos.

Já sobre as condições de produção durante a pandemia, a Fenaj ouviu mais de 400 jornalistas entre maio e junho de 2020. Em mais da metade das respostas (55,5%), os profissionais relataram maior estresse, cobrança por resultado e sobrecarga e acúmulo de trabalho. Segundo a pesquisa da Fenaj, houve demissões em cerca de 20% das redações e redução salarial em quase 30% dos veículos de comunicação. Os cortes de 25% dos salários chegaram a quase 60% do total e em quase 30% dos casos, a redução salarial ficou entre 26 e 50%. Além disso, 75,2% dos entrevistados afirmaram que não houve redução da jornada de trabalho. Em relação à segurança, houve uma divergência: 79% dos respondentes afirmaram que as empresas estavam garantindo condições de saúde e segurança para o exercício da profissão, mas só 17,5% dos entrevistados acreditam que a quantidade de equipamentos de proteção individual (EPIs) era satisfatória. Para a metade dos entrevistados, as empresas poderiam melhorar as condições de trabalho na pandemia.

Para além dos cuidados com prevenção e afastamento social, o distanciamento do repórter da redação é a alteração mais impactante sofrida pelos jornalistas, segundo Fígaro (2020). É claro que a virtualização do trabalho já vinha sendo adotada, e ficou ainda mais intensa após a chegada da pandemia de coronavírus. A autora chama atenção para a estrutura de trabalho que envolve o trabalho remoto, um cenário perfeito para “experimentar procedimentos que vinham sendo gestados de forma ponderada e que foram acelerados de forma desorganizada, sem o planejamento e a infraestrutura necessária para o trabalhador ser respeitado em seus direitos e condições de saúde” (FÍGARO, 2020: p.76):

⁵⁰ Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/01/veja-detahes-da-mp-que-autoriza-reducao-de-jornada-e-salario-em-ate-tres-meses.ghtml> Acessado em 03 de agosto de 2021.

⁵¹ Fonte: Fenaj. Disponível em: <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/> Acessado em 03 de agosto de 2021.

O imprevisto é de toda ordem: equipamentos inadequados, falta de softwares, falta de apoio técnico, falta de acesso a banco de dados (imagens, som, documentos), falta de uma rotina organizada que se precisa inventar, inadequação de móveis e local não ergonômicos, lugar/espaço/ambiente inadequado porque sobreposto à ambiência que pertence ao espaço privado da casa, do lar. O isolamento social também retira do trabalho algo fundamental que é a coletividade. A gestão do trabalho, o conhecimento, os processos, mesmo que não identificados como tal, são sempre geridos e necessitam do coletivo de trabalho (FÍGARO, 2020, p.39)

Essas alterações exigem do trabalhador e sua família a reorganização da vida e implicam, muitas vezes, em intensificação do trabalho e em maior estresse e preocupações. Sobre as jornalistas mães pesam ainda de maneira mais intensa as tarefas da casa e os cuidados com os filhos, como veremos nos depoimentos a seguir.

No Brasil, entre 7 e 17 de agosto de 2020, a Comissão Nacional de Mulheres da Fenaj realizou uma pesquisa sobre as condições de trabalho das jornalistas mães durante a pandemia. Entre os destaques dos resultados estão o aumento da carga horária; disponibilidade ilimitada para o trabalho como uma condição do *home office*, e a concentração do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. Foram 26 questões respondidas por 629 profissionais de todo o Brasil, que desabafam estar sobrecarregadas com trabalho, cuidados da casa e dos filhos. A maior parte das respondentes era assessora de imprensa (40%). Em seguida, 15% eram repórteres. Quase 60% do total de entrevistadas (59,78%) estavam atuando no trabalho remoto na ocasião da pesquisa, 16,4% foram impactadas pela medida de redução salarial da MP 396 ou suspensão do contrato de trabalho, e 15,1% das respondentes precisaram solicitar o benefício emergencial do governo⁵², sendo que só 5% receberam o valor de seiscentos reais de auxílio mensal.

Entre as 629 respondentes, 63,4%, ou seja, 398 delas tinham a responsabilidade da criança compartilhada com o pai, enquanto que 22,4% eram mães solo. E mesmo que a maioria tenha assinalado dividir os cuidados dos filhos com o pai, 85,9% das mães responderam que se sentem sobrecarregadas. A diretora executiva da Fenaj, Paula Padilha, afirmou que a pesquisa aponta para um esgotamento destas jornalistas, revelando que as atividades de cuidado são quase que exclusivas das mulheres. Na questão aberta relacionada à sobrecarga de

⁵² Auxílio no valor de R\$ 600 emergencial para trabalhadores autônomos, desempregados e microempreendedores pago durante a pandemia de covid-19. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/8031/file/cartilha-auxilio-emergencial-covid-19.pdf> Acessado em 14 de julho de 2021.

trabalho, as respostas revelam dificuldades de conciliar as demandas das aulas remotas dos filhos com as responsabilidades da redação. As jornalistas afirmaram que são cobradas por desempenho no trabalho remoto sem a menor empatia por parte de seus gestores e ainda descreveram a sensação de estarem o tempo inteiro à disposição do trabalho. E quem continua exercendo o trabalho presencial ou misto não tem qualquer suporte para a situação das aulas estarem suspensas e pelo risco de não estar em isolamento.

Para Roseli Fígaro (2020), a qualidade de vida dos jornalistas tem sido determinada mais pelas ondas das crises cíclicas do capitalismo e menos pela implementação de novidades no campo tecnológico. Segundo a autora, as novidades tecnológicas “têm sido submetidas à lógica da lucratividade e servido para fechar postos de emprego e precarizar ainda mais as relações entre capital e trabalho, com perdas de direitos trabalhistas, queda salarial” (p.35).

4.1. Resultado das entrevistas quantitativas

Entre os dias 15 de setembro de 2020 e 11 de janeiro de 2021, 218 jornalistas responderam ao questionário proposto por esta pesquisa, que investigava os impactos provocados pela pandemia no ambiente de trabalho e no âmbito pessoal. As perguntas eram enviadas na forma de um link, com um formulário da plataforma Google. Com os questionários respondidos, transferimos os dados para uma planilha de Excel, onde fizemos as análises dos dados. As respostas abertas foram organizadas em termos de proximidade de sentidos, e citamos os relatos junto de cada pergunta.

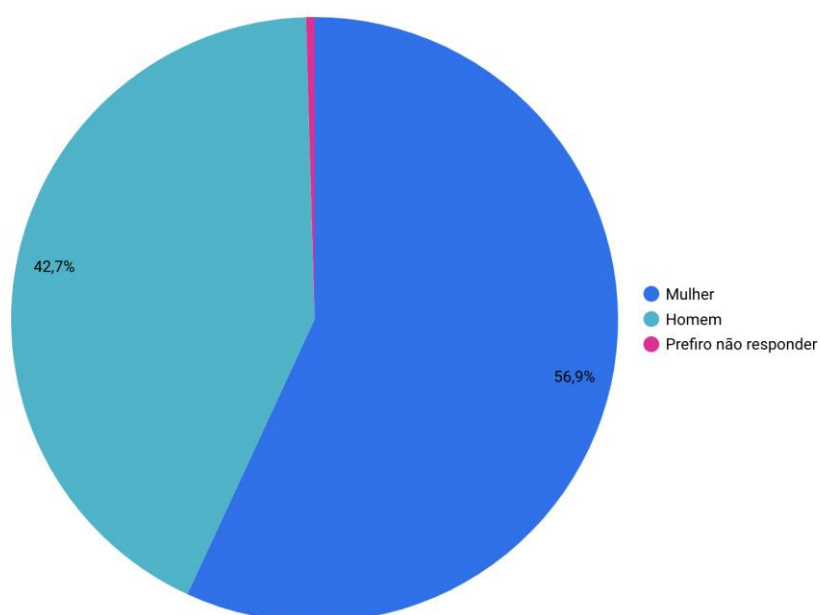
1. Perfil dos respondentes

As primeiras perguntas do questionário se referiam ao perfil dos entrevistados, buscando entender se eram profissionais que trabalhavam como jornalistas dentro ou fora das redações, se eram fotógrafos, cinegrafistas, freelancers, produtores, editores, fact-checkers, se produziam jornalismo de alguma outra forma ou se nenhuma das opções se aplicava. Dos 218 respondentes, 43% atuavam como jornalistas dentro das redações, e 25%, ou seja, 54 entrevistados, trabalhavam em campo. Trinta jornalistas atuavam na produção, edição ou checando fatos.

Gráfico 1: Perfil dos respondentes

2. Identidade de gênero

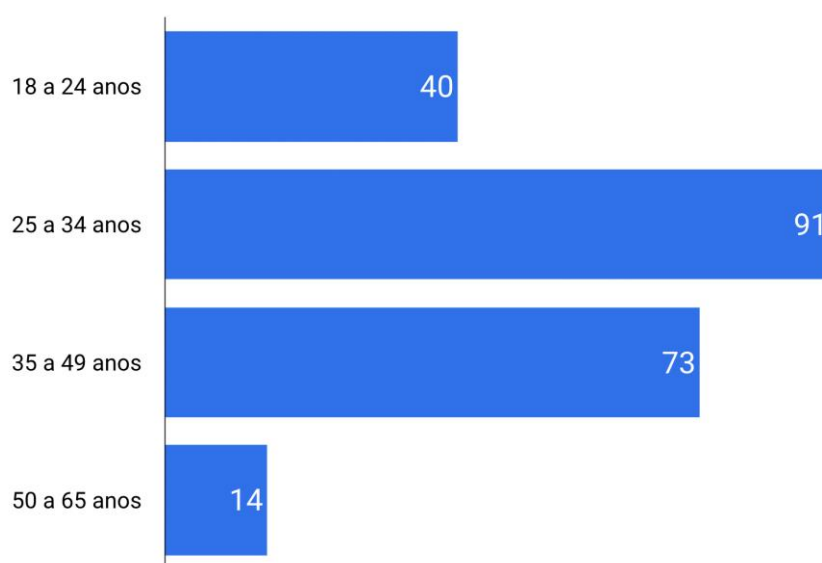
O resultado da amostra aponta que as mulheres eram maioria. Elas formavam quase 57% (56,9%) do total de entrevistados. Os homens 42,7%, e 0,5% preferiu não se identificar em termos de gênero.

Gráfico 2: Identidade de gênero

3. Idade

A questão que se referia à idade dos entrevistados mostra que a maior fatia dos profissionais tinha entre 25 e 34 anos, somando 91 profissionais. Se somarmos as duas maiores categorias, vemos que 64% das redações são formadas por pessoas entre 25 a 49 anos. É de se destacar o perfil jovem das empresas de comunicação, uma vez que, dos 218 entrevistados, apenas 14 tinham mais de 50 anos. Além disso, nenhum dos profissionais tinha mais de 65 anos.

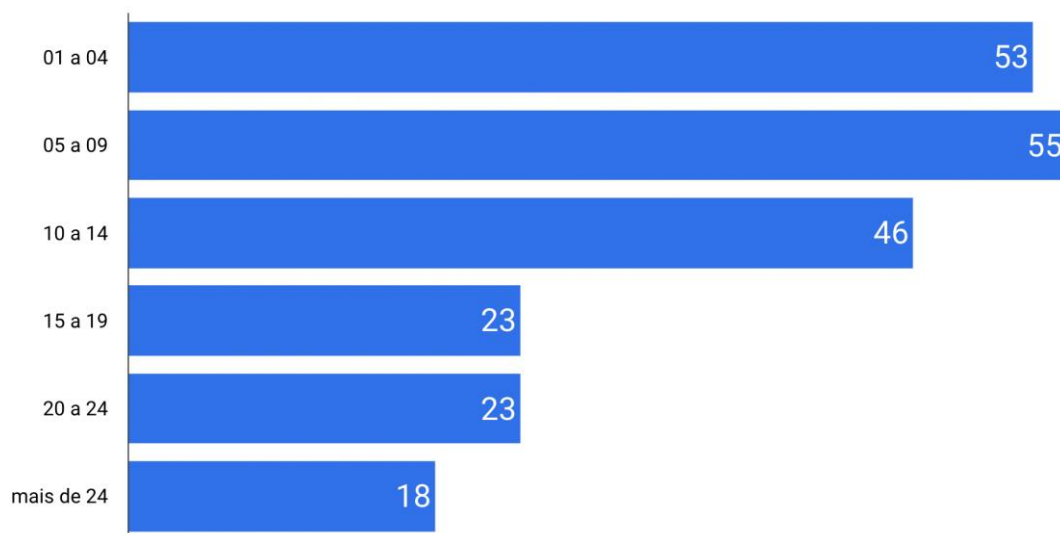
Gráfico 3: Idade



4. Anos de prática

O perfil jovem se mantém também nos resultados referentes aos anos de prática profissional. Quase a metade (49,5%) dos jornalistas têm entre um e nove anos de trabalho. Os profissionais que têm entre 01 e 14 anos de carreira somam 70%, enquanto que só 8% dos respondentes tinham mais de 24 anos no jornalismo.

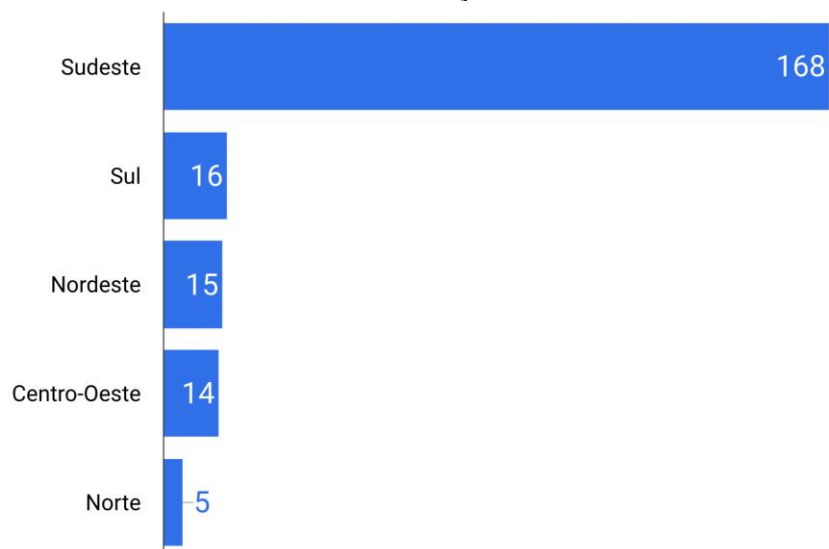
Gráfico 4: Anos de prática



5. Localização

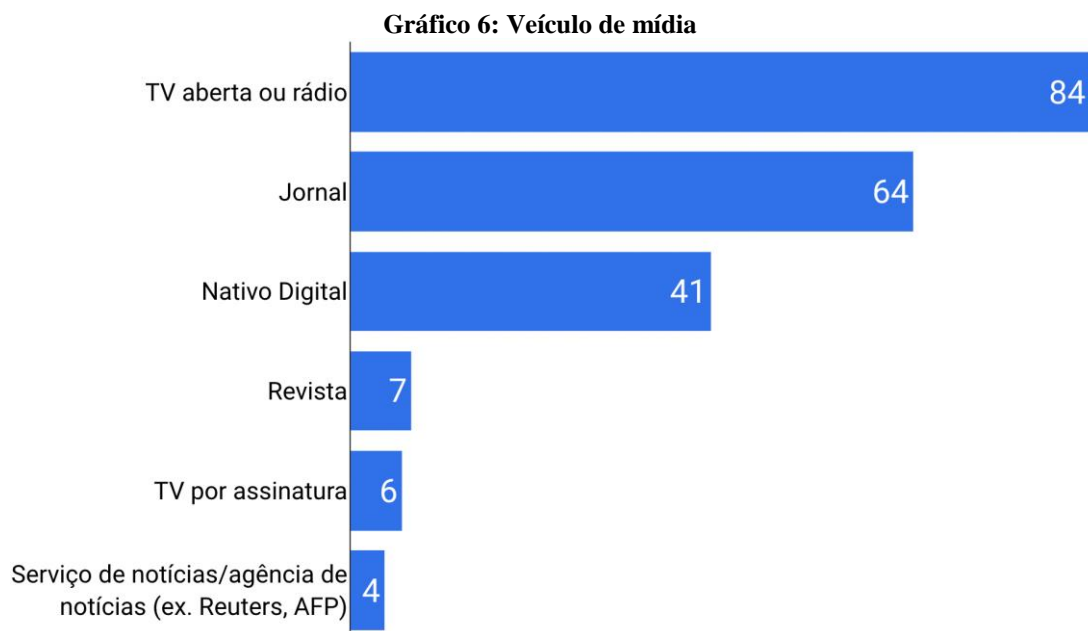
A grande maioria dos jornalistas que responderam à pesquisa atua na região Sudeste do Brasil, somando 168 profissionais, quase 80% do total (77%). Em seguida, os respondentes trabalhavam nas regiões Sul (16), Nordeste (15), Centro-Oeste (14) e Norte (5).

Gráfico 5: Localização



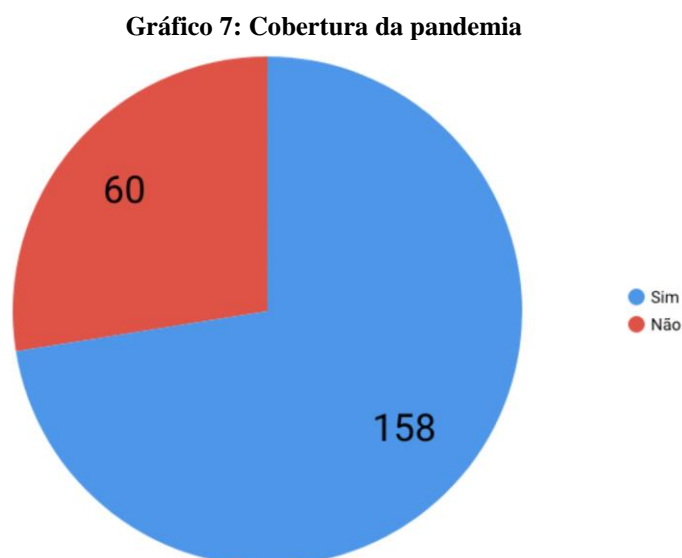
6. Veículo de mídia

Dos 218 respondentes, 84 trabalhavam em TV aberta ou rádio, 64 em jornal, 41 em veículos nativos digitais, evidenciando a maior parte da pesquisa na mídia de maior alcance.

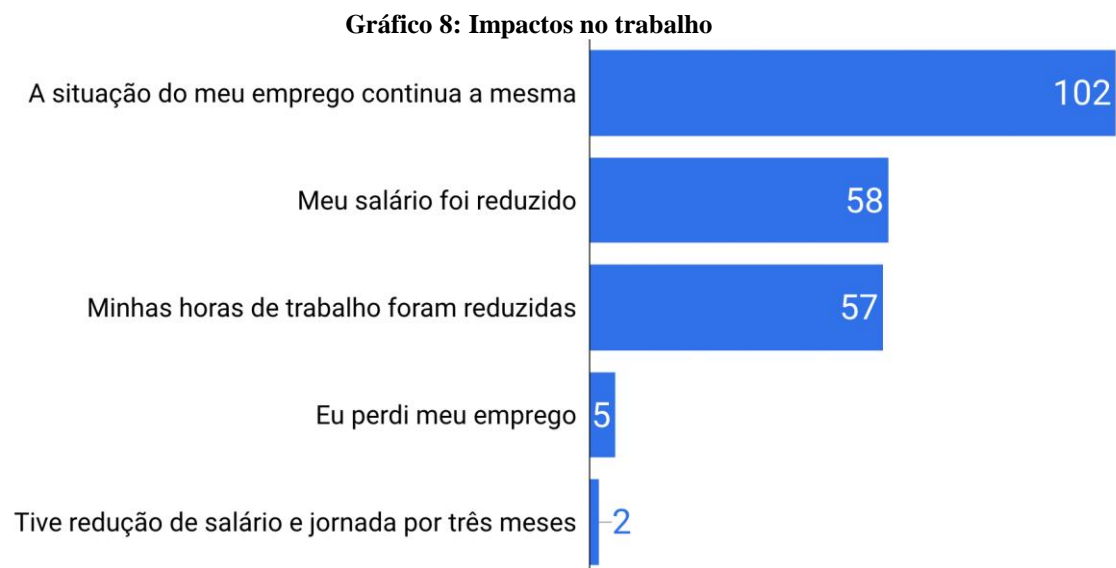


7. Cobertura da Pandemia

A grande maioria dos jornalistas (73%) estava cobrindo temas relacionados à pandemia no período pesquisado. No total, 158 pessoas afirmaram estar trabalhando com o tema.



8. Impactos no Trabalho



A situação de emprego se manteve a mesma para 102 jornalistas (46,7%). Entretanto, 27% declararam que tiveram os salários reduzidos por causa da pandemia de coronavírus, e quase o mesmo número também afirmou ter tido redução das horas contratuais pelos acordos firmados após a resolução da MP 936. Ninguém respondeu ter recebido licença do trabalho. Cinco pessoas afirmaram ter perdido seus empregos. Cinquenta e três jornalistas escreveram na opção “outros” desta pergunta do questionário. Alguns entrevistados explicaram a situação de terem tido seus salários e cargas horárias reduzidos por três meses em acordo com seus veículos, e que após este período a situação foi normalizada. Nove pessoas informaram ter conseguido emprego no jornalismo durante a pandemia. No entanto, os relatos são sobre contratos temporários e baixos salários, como contam estes jornalistas: “Eu perdi meu emprego e consegui novo emprego, com salário mais baixo do que o anterior”, “Consegui trabalho, mas com salário abaixo e sem registro” e “A pandemia me beneficiou, pois fez com que eu conseguisse um contrato temporário para cobrir as lacunas deixadas pela redução da carga horária dos funcionários fixos”.

Os jornalistas que já atuam em redações citaram mudança de rotinas (como uso de máscaras e distanciamento social), a implantação do *home office* ou um esquema híbrido, e crescimento no número de horas trabalhadas: “Trabalho mais horas”, “Tenho trabalhado mais horas diárias do que o normal”, “Houve aumento de trabalho em virtude dos afastamentos na redação”, “Minha carga horária foi

ampliada”, “Inicialmente, fiquei parte em home office mas meu trabalho triplicou”, “Trabalho ficou mais intenso”, “Passei a trabalhar ainda mais, pois o número de funcionários diminuiu”. Alguns depoimentos dão conta ainda de gastos extras para fazer a adaptação do trabalho em casa, como este: “Passei a trabalhar de casa sem recursos ergonômicos e estrutura como internet de qualidade (tive que tirar do bolso para resolver essas questões), além disso, tive aumento da carga horária sem alteração de salário”. Já os profissionais freelancers contaram que houve queda na demanda de trabalho e conseqüente redução dos rendimentos.

9. Alterações no Padrão de Trabalho

Gráfico 9: Alterações no padrão de trabalho



O maior impacto da pandemia no padrão de trabalho dos jornalistas foi a implantação do trabalho remoto. Mais da metade dos entrevistados (56%) afirmou que seu local de trabalho era dentro da redação, e passou a ser em casa. Além disso, dos 218 ouvidos, 84 (38%) afirmaram que estavam produzindo mais matérias do que de costume, e 71 (32%) declararam que passaram a trabalhar mais horas por dia.

Alguns jornalistas também relataram troca de turnos (22,9%), além de trabalhar mais nos fins de semana (15%). Apenas vinte e nove respondentes (13%) afirmaram que passaram a trabalhar menos horas, principalmente em função do contrato provisório que reduziu salários e horas trabalhadas nas redações.

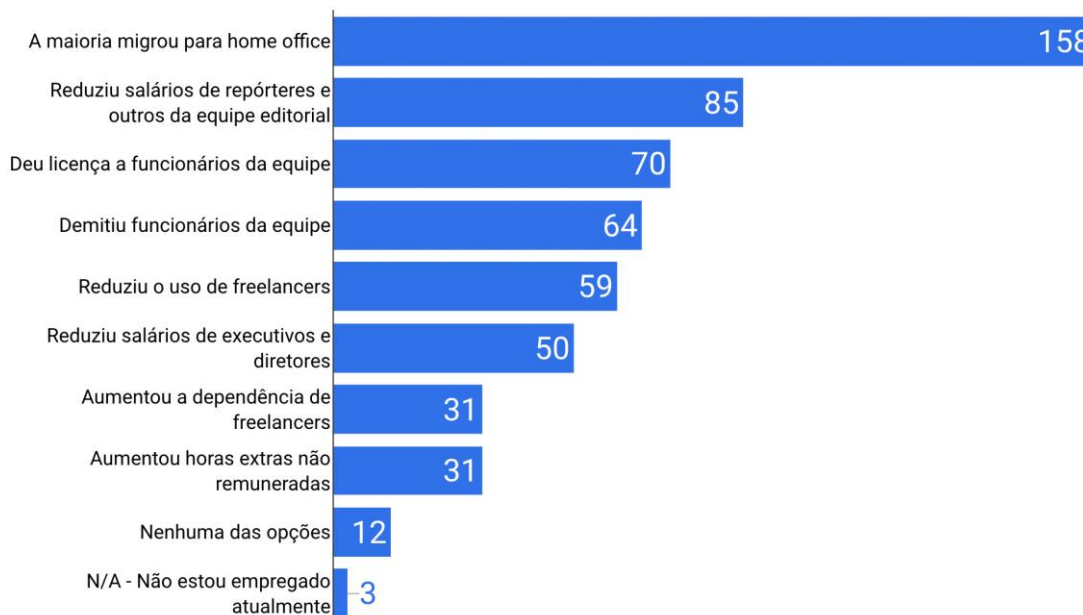
No campo “Outros”, alguns entrevistados mencionaram que alternavam entre trabalhar da redação e de casa, e que passaram a ter mudanças como fazer

entrevistas virtualmente. Alguns jornalistas freelancers relataram que o trabalho diminuiu, e que as ofertas de trabalho estavam irregulares e imprevisíveis. Quatro respostas negam qualquer alteração nos padrões de atuação.

10. Medidas das organizações

Nesta questão, os jornalistas eram indagados sobre as medidas tomadas pela empresa frente à pandemia de coronavírus, mesmo que o profissional não tivesse sido afetado diretamente pela ação. A migração para home office foi citada por 72% dos entrevistados como a principal providência das empresas. A redução dos salários dos profissionais foi o segundo item mais citado, por 39% dos respondentes. Trinta e dois por cento dos profissionais informaram que funcionários tiveram licença e quase 30% (29,5%) informaram que houve demissões. Cinquenta e nove jornalistas afirmaram que a demanda por freelancers caiu no período analisado. Poucos jornalistas citaram ainda a redução de salários de executivos e diretores e o aumento das horas extras não remuneradas.

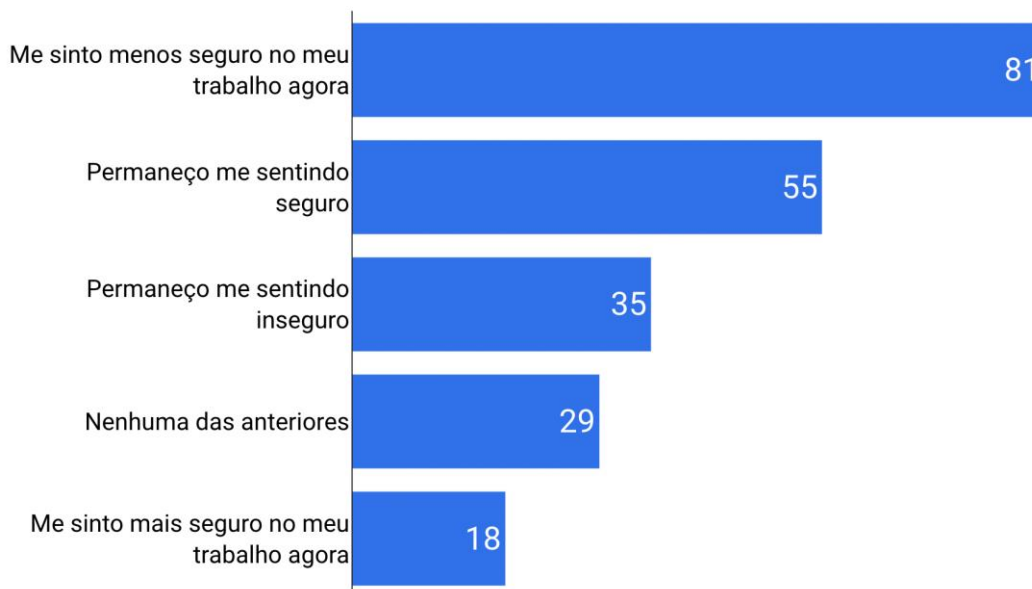
Gráfico 10: Medidas das organizações



11. Sensação de segurança no trabalho

Quando questionados sobre a sensação de segurança no trabalho como resultado da pandemia, 37% dos respondentes afirmaram ter menos segurança no trabalho. Apenas 8% declararam estar mais seguros no trabalho.

Gráfico 11: Sensação de segurança no trabalho



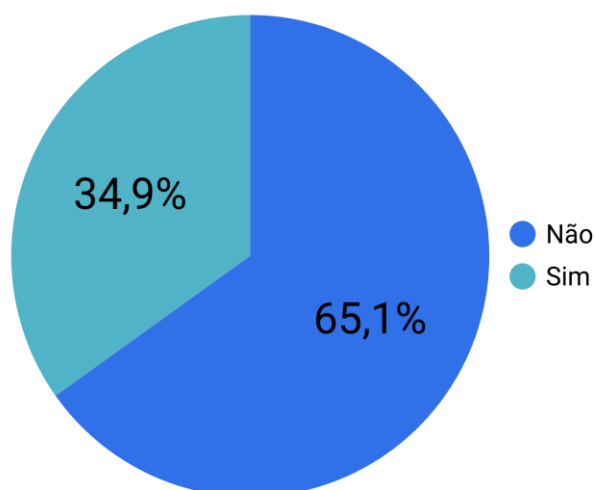
12. Reportagem de rua

Os jornalistas foram perguntados sobre como reagiram às demandas de reportagem de rua desde que a pandemia se instalou. Dos 218 respondentes, 124 (56%) afirmaram que não tiveram solicitação para trabalhar na rua. Quarenta e três profissionais responderam ter aceitado sem reservas atuar em campo. Por terem preocupação com a saúde própria ou da família, 11% dos entrevistados hesitaram em aceitar as tarefas, 4% recusaram as reportagens de rua, e 3% resistiram ativamente, protestando ao supervisor, mas acabaram aceitando trabalhar em campo.

Gráfico 12: Reportagem de rua

13. Violência antes da pandemia

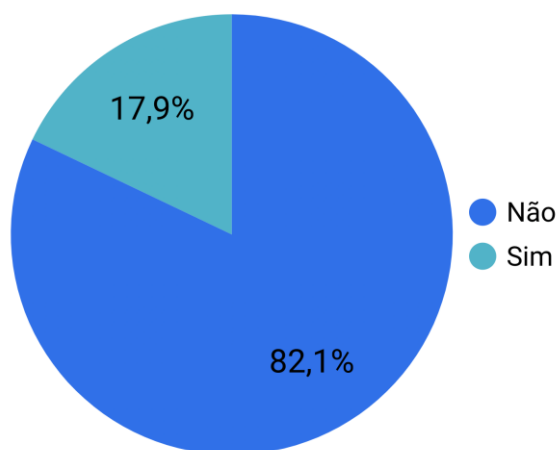
Nesta pergunta, os jornalistas foram questionados sobre já terem sofrido, antes da pandemia de covid-19, algum tipo de abuso, assédio, agressões ou ameaças por causa do seu trabalho dentro ou fora das redações. Das 218 respostas, 76 jornalistas (34,9%) afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência no trabalho.

Gráfico 13: Violência antes da pandemia

14. Violência depois da pandemia

Interessante notar que depois que a pandemia teve início, um número menor de jornalistas relatou ter sofrido violência no trabalho. Trinta e nove profissionais relataram ter sofrido abusos ou agressões desde que a pandemia começou, uma diminuição de 48%. Os números aqui podem ter a ver com o menor número de idas à campo para apuração.

Gráfico 14: Violência depois da pandemia



15. Sintomas da Síndrome de Burnout - antes e depois da pandemia

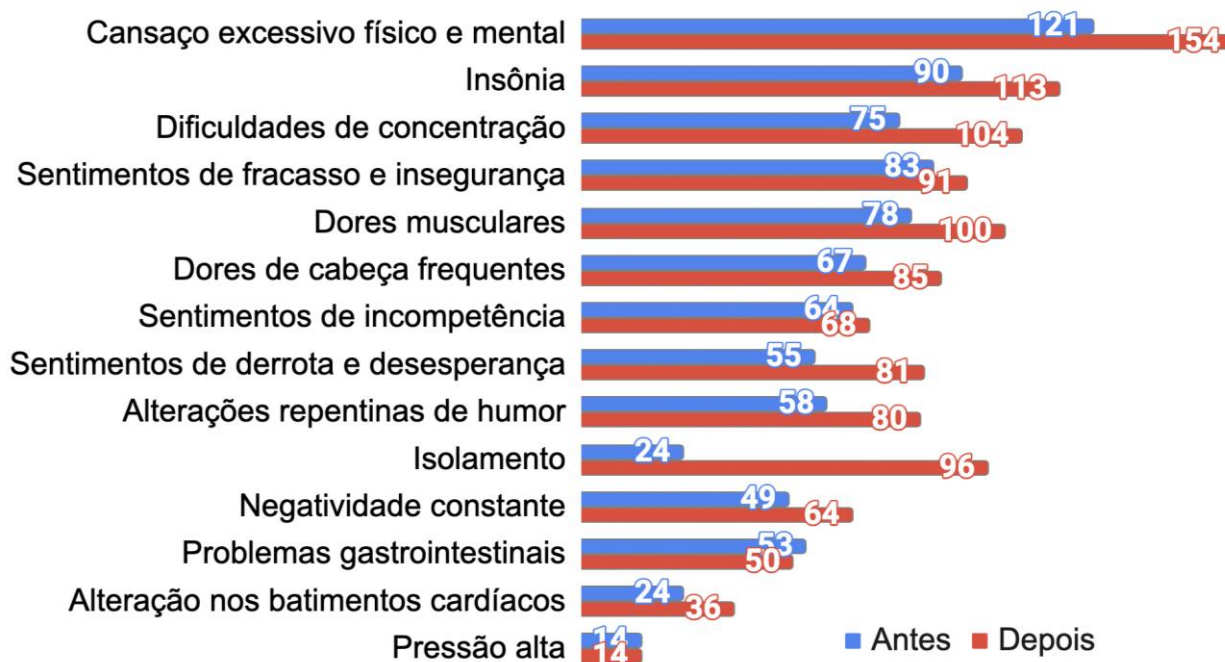
Quase todos os sintomas da síndrome de burnout passaram a ser mais sentidos após o início da pandemia de coronavírus. O principal deles é o cansaço físico e mental, que passou a ser sentido por 70,6% dos entrevistados. Mais da metade dos respondentes relatou ter insônia na pandemia (51,8%), e quase a metade (47,7%) afirmou ter dificuldade de concentração.

A sensação de isolamento quase quadruplicou no período analisado. Antes da pandemia, apenas 24 pessoas relatavam ter sensação de isolamento, número que passou para 96 com o surto de covid-19.

Mais de 40% dos entrevistados declararam sentir dores musculares (45,8%) e sentimentos de fracasso e insegurança (41,7%). Também houve relatos de dores de cabeça, sentimentos de incompetência, sentimentos de derrota e desesperança, alterações repentinas de humor (que aumentaram 37,8%), negatividade constante (com aumento de 30%) e alterações nos batimentos cardíacos.

Os casos de pressão alta se mantiveram estáveis. Só houve diminuição no número de relatos dos problemas gastrointestinais, 53 pessoas disseram sentir esses problemas antes da pandemia, e depois, 50.

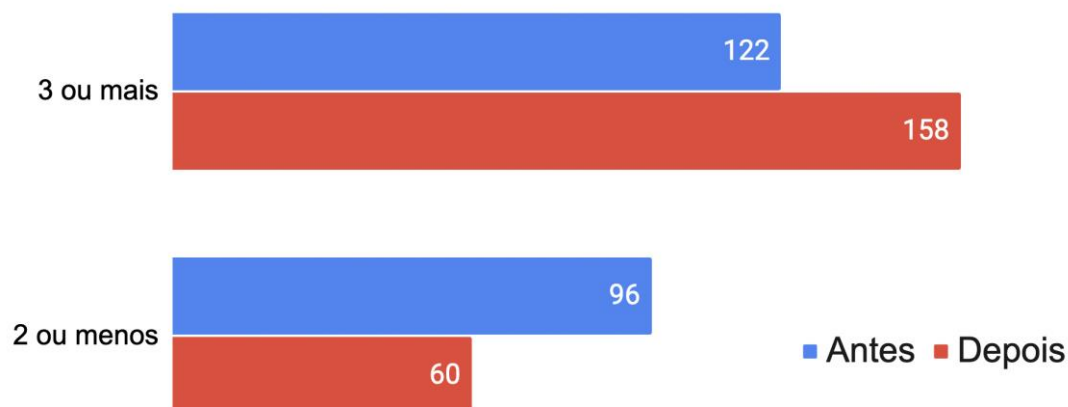
Gráfico 15: Sintomas de burnout antes e depois da pandemia



16. Quantidade de sintomas declarados

Antes da pandemia, 55% dos entrevistados relataram ter três ou mais sintomas de esgotamento. Após o início do surto, o percentual passou para 74%. Antes da pandemia, 96 entrevistados declararam que tinham dois sintomas ou menos de burnout, e este número caiu para 60 após a epidemia global.

Gráfico 16: Quantidade de sintomas declarados



17. Reações Psicológicas

Nesta questão, os jornalistas foram perguntados sobre reações psicológicas, fossem elas positivas ou negativas, que sentiram após o início da pandemia. Cento e vinte profissionais (55%) responderam que sentiram maior compromisso com a importância do jornalismo e 96 (44%) afirmaram valorizar ainda mais familiares e amigos do que antes da covid-19.

Quase a metade (49,5%) dos entrevistados declarou ter tido aumento da ansiedade, enquanto que 107 profissionais (49%) contaram sentir exaustão e esgotamento. Oitenta e um profissionais (37%) contaram ser afetados de maneira secundária pelo sofrimento humano na pandemia, seja editando áudio ou imagens ou pelas redes sociais, enquanto que 76 disseram ter uma sensação de impotência conectada com a pandemia.

Os profissionais relataram ainda maior medo de perder o emprego (35%), dificuldade de dormir maior que o normal (33%), chorar mais que o normal (19%), e ter pensamentos negativos ou sombrios (15%). Além disso, 18 jornalistas afirmaram ter aumento da depressão, e cinco declararam sofrer de depressão pela primeira vez, enquanto sete contaram ter ansiedade também pela primeira vez.

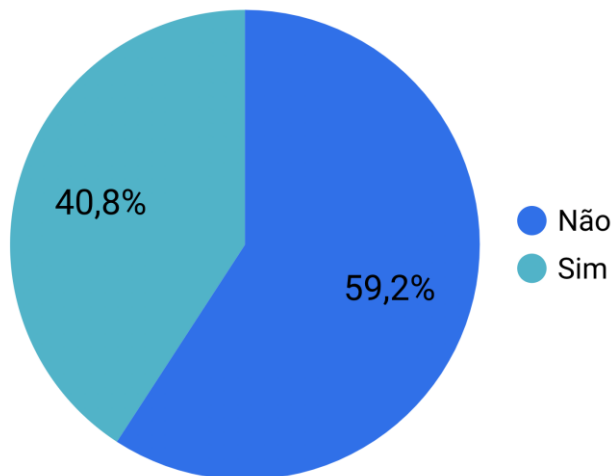
Gráfico 17: Reações psicológicas



18. Apoio Psicológico

Dos 218 profissionais que responderam ao questionário, 89 contaram ter procurado apoio psicológico para lidar com as questões trazidas pelo covid-19.

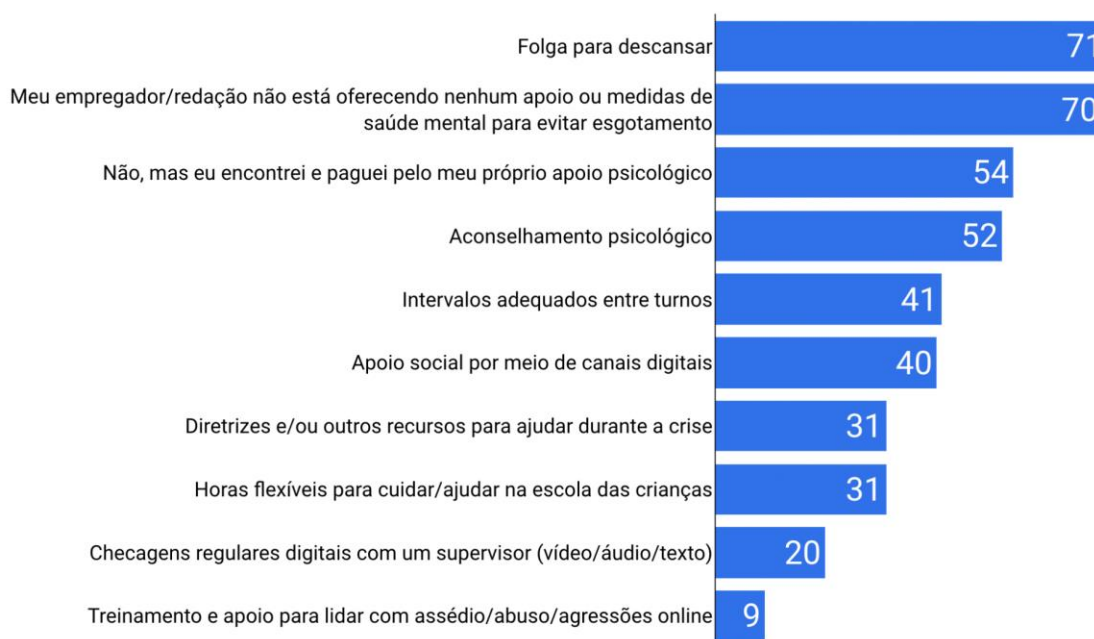
Gráfico 18: Apoio psicológico



19. Apoio corporativo

Quando indagados sobre se a empresa com que colaboravam havia oferecido qualquer apoio durante a pandemia, 70 jornalistas (32%) informaram não estar recebendo qualquer ajuda para evitar o esgotamento. Cinquenta e quatro (24,7%) profissionais informaram que apesar do veículo não oferecer suporte, procuraram ajuda psicológica por conta própria.

Setenta e um respondentes (32,5%) contaram ter recebido folga para descansar, enquanto que 52% informaram ter recebido aconselhamento psicológico. Quarenta profissionais receberam apoio social por meio de canais digitais, e apenas 31 (14%) informaram ter conseguido horários flexíveis para ajudar na escola em casa das crianças.

Gráfico 19: Apoio corporativo

20. Filhos na pandemia

O questionário enviado contava com uma única pergunta de cunho discursivo, que demandava uma descrição de como conciliar o trabalho de jornalista e o cuidado com os filhos durante a pandemia. Cinquenta e uma pessoas responderam a esta questão. Destas, cinco afirmaram que já têm filhos adultos e outras quatro afirmaram apenas que não moram com os filhos. Três jornalistas relataram que, por serem divorciados, foram impedidos ou limitados de ver os filhos, o que lhes causou muita angústia, como explica este pai:

Tenho três filhas e deixei de vê-las presencialmente logo no início da pandemia, no fim de fevereiro. Elas cumpriram o isolamento e eu não parei de trabalhar na rua. Só voltei a ter encontros pessoais com elas no mês de agosto, mas ainda uso máscara perto delas até hoje. Cuidei de tudo o que era possível à distância, mas confesso que essa fase foi infinitamente mais difícil, por causa da distância que fui obrigado a manter delas. (2020, jornalista em resposta ao questionário)

Entre os 39 profissionais que permaneceram em contato em casa com seus filhos, a grande maioria relatou a experiência como sendo das mais desafiadoras para o trabalho. Os entrevistados relatam dificuldades para se dividir entre funções, como trabalhar, cuidar da casa e dar afeto às crianças. Esta jornalista diz: “Tem sido o momento mais angustiante porque, além do trabalho exigir igual ou mais, não somos pedagogos. Ou seja, um equilíbrio bem delicado nas nossas vidas e um

esforço sobrenatural para ter saúde mental e física”. O acompanhamento escolar dos filhos por meio das aulas virtuais é apontado como exaustivo por vários respondentes, uma vez que o horário das aulas é conflitante com o das pautas e as tarefas das crianças parecem não ter fim e acabam ficando para os fins de semana. Esta jornalista e mãe conta que a interrupção dos filhos com suas demandas acaba atrasando o seu trabalho: “Sinto muita dificuldade em me concentrar para realizar as tarefas (que na redação eu faria mais rapidamente). Eles ficam mais ansiosos e hiperativos, sem contato com outras crianças, o que dificulta o convívio”.

As mães de filhos pequenos e/ou que nasceram na pandemia relatam angústia ainda maior, ligada não só à sobrecarga de trabalho como à pressão psicológica:

Tenho dois filhos, uma menina de dois anos e o segundo nasceu no início da pandemia. Ter sido exposta no SUS, com bebê na UTI neonatal em uma situação de transição de controle sanitário mexeu muito com a minha saúde psicológica e a do meu companheiro. Trabalhar no isolamento com dois tem sido muito difícil não só pela sobrecarga de tarefas, mas pela quantidade de notícias negativas e a necessidade da própria função de estar antenado nas notícias e a pressão pelo furo. Sem dúvida, ser jornalista nesses tempos exige acompanhamento psicológico e cuidados com a saúde mental. Percebi nesse tempo o quanto a profissão pode ser nociva sem acompanhamento e na terapia descobri o quanto as coberturas de último minuto alimentaram meu estresse e ansiedade no dia a dia (2020, jornalista em resposta ao questionário).

Os jornalistas também relataram aumento de gastos, uma vez que precisaram investir recursos na compra de computadores e tablets para que as crianças pudessem frequentar as aulas virtuais.

Homens x mulheres

A diferença entre os relatos de homens e mulheres que responderam a esta questão expõe o quanto as mulheres ficam mais sobrecarregadas com as tarefas, de uma maneira geral. Entre as respostas dos homens sobre como descreveria lidar com o trabalho e os filhos em casa estão: “Tranquilo”, “Tive apoio da minha esposa e consegui lidar com a situação”, “Tirando o isolamento, não mudamos muito”, e “Em alguns momentos, tive que trabalhar enquanto o filho estava em casa, então isso também afeta um pouco a questão da organização e das tarefas”. Alguns homens também enalteceram o fato de a pandemia tê-los aproximado de seus filhos: “Como passei a trabalhar remotamente, meu tempo com eles aumentou e nosso

contato é intenso. Diria que, de modo geral, houve ganho considerável nesse sentido”, “Apoiando nas tarefas escolares e interagindo mais, em função da maior proximidade” ou “Ficar de home office permitiu que eu ficasse mais perto dela (filha) e da minha esposa”.

Os relatos das mães têm natureza bastante diferente. Algumas relataram ter que apelar à ajuda de outras mulheres, como diaristas e babás, mesmo numa situação de risco, para conseguir lidar com tantas demandas. As que arcam com todas as tarefas têm depoimentos que descrevem exaustão:

Tenho um bebê de 8 meses, que praticamente nasceu na pandemia, e tem sido horrível cuidar dele sozinha e trabalhar remotamente. Não consigo me concentrar 100% nas minhas tarefas porque um bebê demanda a mãe praticamente pra tudo. Meu marido tb está em home office e trabalha ainda mais que o normal. Ele tenta me ajudar, mas quando a situação aperta acaba sobrando pra mim. Não sei como sobrevivemos a esse período, mas tenho ficado doente com frequência. Me sinto exausta e completamente sem opções (2020, jornalista em resposta ao questionário).

A ideia de “ajuda” para se referir às tarefas dos homens em casa aparece também em depoimentos masculinos. Como este exemplo: “Muito difícil conciliar as atividades profissionais com a rotina escolar remota. A mãe deles cuida durante a tarde e eu ajudo pela manhã. Mas não é fácil. O esgotamento psicológico é enorme”. Sete jornalistas homens relataram dificuldades na conciliação de tarefas de casa, trabalho e filhos: “Definitivamente, não é um home office, é um paliativo que gerou grande stress e afetou a rotina da casa”. Este outro jornalista define o período como “desafiador e estressante”, e este outro afirma que é “um desafio, conciliei trabalho com alguma rotina de estudo e disciplina para que se mantivessem ocupados e minimamente prejudicados quanto aos estudos”.

5. O trabalho dos jornalistas durante a pandemia no Rio de Janeiro

Para entender as particularidades que envolveram a precarização do trabalho na pandemia, realizamos, para esta pesquisa, 21 entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com jornalistas do Rio de Janeiro. Apresentamos, a partir de agora, as dez categorias de análise que foram elaboradas com base nos depoimentos. Realizamos entrevistas de vídeo, com perguntas abertas, por meio do aplicativo Zoom, uma vez que, por causa da pandemia de coronavírus, não foi possível fazer as reuniões pessoalmente. Os jornalistas responderam a uma série de perguntas que envolviam amplos aspectos da profissão, e por meio da reincidência de padrões e respostas, decidimos catalogar e dividir de acordo com os temas, fazendo assim uma sistematização de descrição dos relatos (BARDIN, 2016). As entrevistas foram transcritas de maneira exatamente idêntica às falas, que tiveram tom de conversa informal. Por isso, o linguajar das conversas é coloquial, e a gramática nem sempre está correta, até pelas pausas e recomeços naturais da linguagem falada. Em diversos momentos, os jornalistas usaram palavrões para se expressar, e aqui optei por usar a primeira letra da palavra seguida de asteriscos.

A confidencialidade dos depoimentos abaixo não envolve um pedido dos jornalistas: eles conversaram de maneira aberta e consentiram que todo o material fosse gravado e usado para esta pesquisa. No entanto, durante as conversas, dada a intimidade que se dava entre nós, os profissionais fizeram revelações pessoais e íntimas, e em alguns casos envolvendo também terceiros, e consideramos que tais declarações poderiam colocar em risco até seus postos de trabalho. Com esta preocupação em relação aos jornalistas, não discriminamos seus nomes nas análises. Outra medida de proteção, esta sim combinada com eles, era não citarmos os comentários feitos diretamente sobre as empresas, justamente pela estratégia de medo que envolve o sistema. Por isso, utilizamos [empresa atual], [empresa anterior], [nome do canal] ou [nome do colega], no sentido de prevenir retaliações e injustiças.

Como acreditamos que calcular os números exatos de pessoas que responderam de uma maneira particular seria de pouco valor para uma investigação qualitativa desta natureza, optamos por informar os números em certas ocasiões, e usar expressões como "muitos", "poucos", "a maioria", "a minoria" ou "metade"

para indicar a expressividade de algum fenômeno entre os entrevistados. Entendemos necessário incluir várias citações diretas no trabalho, uma vez que a percepção do jornalista sobre sua própria situação é muito importante para o esclarecimento do assunto.

Papel do jornalista

É inegável o incômodo dos repórteres diante da clássica pergunta: "Qual o papel do jornalista?". A maioria disse, sem hesitar, que essa era uma resposta complexa. Houve alguns: "Acho que não sei responder a essa pergunta", ou "Pergunta complexa para c***", além de longas pausas e pedidos de "deixa eu pensar". Ficou claro que a questão os mobilizava. Primeiro, porque a reflexão os levava para a importância da profissão que escolheram, ao mesmo tempo em que ponderavam sobre trabalhar para empresas de comunicação privadas, e assim não conseguir atuar com toda a liberdade com que gostariam. Uns mais otimistas, outros bem menos.

Na grande maioria das respostas, o jornalismo aparece como função essencial e de muita relevância social. O papel de informar com responsabilidade é o que aparece de maneira mais forte e presente nas respostas. Este repórter de televisão afirma que é até possível que o cidadão consiga se informar sozinho, mas há limitações:

Claro que todo cidadão também pode se informar sozinho. Eu posso ser o louco que lê todos os diários oficiais, que faço mil requerimentos à Lei de Acesso à Informação, que solicita todas as informações para todos os órgãos públicos. Mas isso, além de ser muito inviável, do ponto de vista prático do dia a dia, em algum momento há também uma certa limitação. Tem informação de bastidor que talvez eu não vá ter, vou ter só as informações públicas oficiais que eu assim requerer. Então acho que o jornalismo cumpre esse papel de levar, de permitir o acesso à informação, que por sua vez facilita o acesso à cidadania.

Os jornalistas se afligem com a desinformação geral e o fenômeno das fake news, e por isso a maioria das respostas revelou uma preocupação em "orientar" a população, de modo que a informação bem apurada possa servir como base para boas escolhas políticas, como declara, por exemplo, este repórter de televisão:

Eu acho que o jornalista tem um papel social de informar. E esse papel social, ele é importantíssimo para uma democracia e para a sociedade em modo geral porque a partir da premissa de que informação gera conhecimento, informação gera

discernimento, a informação permite ao cidadão se colocar perante as questões que se colocam na sociedade em que ele vive.

Ficou claro que, para os jornalistas, não basta transmitir a informação. A clareza no reportar aparece com frequência como sendo fundamental. Esta profissional de um canal all news afirma que é preciso informar de “forma acessível para todo mundo, e cobrar também respostas, posições, esclarecimentos e procurar também, não só respostas, mas também perguntas, e tentar ajudar a transformar a vida em sociedade um pouco melhor”. Um dos repórteres relatou ainda ter como missão fazer com que as pessoas se interessem pelas notícias e falar com elas como gostariam de ouvir. Um jornalista de TV afirmou que “temos esse papel de apurar, de saber como abordar a pessoa, tentar passar para a população de maneira mais clara e objetiva, de uma maneira, de uma linguagem assim que todos consigam entender”. Outro profissional de televisão diz que “o jornalista tem que tentar ser um pouco professor, bem didático, ainda mais quando trabalha com temas mais difíceis como economia e política”. Mais do que informar de forma simples, esta repórter de outro canal televisivo afirma que o jornalista tem até a função de instruir:

A população brasileira é muito ignorante, é bem raso o nível educacional. Então o repórter brasileiro não dá só notícia, ele explica muita coisa, ele dá uma aulinha pra quem está em casa. Hoje o brasileiro busca muito, até com essa coisa de internet e Whatsapp, o brasileiro é de futucar, mas ele não sabe onde futucar direito, então ele fica na corrente de Whatsapp da família, em vez de ir num veículo mais confiável, mas se perde por falta de educação. Então o jornalista brasileiro tem o papel de informar e até de educar.

Dois profissionais afirmaram que a função do jornalista é a de contar histórias, mesmo que nem sempre sejam capazes, em meio a tantas demandas, de exercer essa atividade. Um entre os 21 entrevistados afirmou que o principal objetivo da profissão é lutar por justiça social: “Eu me vejo como um agente catalisador de mudanças e promoção de igualdade”. Embora admita não ser possível fazer reportagens que promovam este tipo de debates todos os dias, o profissional afirma estar sempre sugerindo matérias sobre diversidade.

O momento de polarização política é citado por muitos como um entrave à boa comunicação: jornalistas são taxados de parciais e acabam ficando no meio de uma espécie de arena com torcedores rivais. Por isso, muitos profissionais destacaram a função de propor questionamentos: “Eu acho que (o papel do

jornalismo) é levar as pessoas à reflexão, especificamente nesse momento de muita raiva”, disse uma jornalista de rádio. Já este repórter de jornal afirma que perde, no seu cotidiano, muito tempo desmentindo uma lista enorme de notícias falsas: “Nosso papel não é fazer esse checklist, nosso papel é noticiar. Infelizmente no Brasil você está fazendo checklist todo dia, desmentindo informação, às vezes o cara pega uma informação e edita ela, os políticos do Rio têm feito isso para atacar os jornais”.

Os repórteres não ignoram que trabalham para veículos de comunicação privados, que têm seus próprios interesses de mercado, e conseqüentemente, editoriais. No entanto, os profissionais citam tentar um caminho com pouco ou sem viés, com compromisso com os fatos, entendendo que o ideal é “apurar de uma forma clara, que reflita a realidade; que ela (a informação) não seja simplesmente uma reprodução de pensamentos tanto do próprio jornalista quanto do veículo para o qual ele trabalha”, declarou este repórter de internet. Esta profissional de televisão acredita que reportar de maneira isenta pode evitar uma perda de credibilidade: “No final das contas, o mais importante hoje é tentar passar com o máximo de isenção possível, deixar de lado o que penso, e dar os dois lados, para a pessoa poder achar o que ela quiser”. Já esta repórter de rádio rechaça a ideia de objetividade: “Não me considero uma jornalista imparcial e objetiva. Eu hoje cubro assuntos que exigem engajamento, e o papel do jornalista é crucial para combater os ataques à democracia no Brasil e no mundo”.

A função de fiscalizar a máquina pública também está bastante presente nas respostas, além de ajudar a resolver questões por meio da tradicional “pressão” que os órgãos de imprensa fazem sobre instituições públicas, como relata este repórter de televisão: “O jornalista, quando a função pública não está funcionando, ele é como que alguém que pode ajudar, uma tentativa de salvação. A gente está aí para ajudar ou pelo menos cobrar alguma coisa pública”. Esta outra profissional de TV concorda que é função do jornalista ser ponte entre as questões públicas e as autoridades: “A gente também é a voz de muita gente que pede a nossa ajuda e que de repente não consegue o contato com uma autoridade”. Esta função de “cobrança” aparece com mais frequência nas respostas dos profissionais de televisão. Este jornalista de um canal de notícias 24 horas também defende que “o principal objetivo do hard news é você cobrar o que não está correto, a nossa função também

é fiscalizar”. Dois jovens jornalistas citaram a imprensa como o “quarto poder”, como forma de enaltecer a sua importância.

Em algum momento da conversa sobre os principais compromissos do jornalismo, os profissionais também foram questionados sobre se era possível, no dia a dia corrido de uma redação, colocar o seu “tijolinho de todo dia”, ou seja, se acreditavam que, em meio a tantas funções e demandas, faziam ainda assim um serviço real de utilidade pública. Poucos jornalistas responderam que sim. A grande maioria afirmou que nem sempre consegue fazer um trabalho relevante, o que visivelmente frustra esses profissionais. Vários profissionais caracterizaram o fazer jornalístico como “burocrático” e “automático”. Este jornalista de televisão diz que o trabalho está mecanizado: “Os processos são aqueles, porque economicamente são mais viáveis, do ponto de vista de celeridade são os mais adequados, então a gente se questiona muito pouco sobre o nosso papel social”. E acrescenta que, na busca pelo furo de reportagem, nem sempre a informação que é revelada primeiro é de fato interessante para a população: “a gente às vezes está tão imersa na rotina produtiva, [que não sabemos] se aquilo que a gente gasta tanto tempo, tanta energia, é de fato relevante para a construção da cidadania ou nada mais é do que um capricho jornalístico”. Este repórter de internet diz que “nós nos doamos pouco ao que pode ser interessante ao ouvinte, ao leitor. Ficamos mais amarrados ao interesse do veículo do que ao interesse do consumidor final”. Já esta jornalista com 20 anos em televisão diz que poucas vezes se sentiu verdadeiramente útil:

Raras vezes eu me sinto útil, raras vezes. Já me senti útil num final de ano que eu consegui uma transferência de dez pessoas de um hospital para o outro, gente que estava morrendo e depois conseguiu ser operada. Eu fiquei super emocionada porque em 20 anos de carreira isso acontece raramente. Recentemente soltamos pessoas presas injustamente, e aí você se sente mais útil. Mas no dia a dia, é muito mais do mesmo, eu digo que é uma pastelaria. Entrega o pastel e vai embora, e não tem eficácia. E acho que a sociedade tem reagido em relação a isso. Eles acham que é muita novelinha pra eles, e a gente vem perdendo muita credibilidade por causa disso.

A crise de credibilidade pela qual passa a profissão afetou a resposta de seis respondentes. Apesar de considerar o jornalismo como sendo a via mais confiável de informação, os profissionais se sentem acuados no exercício de sua função, principalmente em um contexto no qual a população é bombardeada com todo tipo de opiniões nas redes sociais. Os xingamentos e a violência que os profissionais sofrem nas ruas, como trataremos adiante, parecem ter forte influência também na

forma de atuação desses jornalistas, e na visão que eles próprios têm de seu papel na sociedade. Esta jornalista de televisão conta que, num momento em que instituições são questionadas, é difícil se declarar como jornalista “porque as pessoas questionam a sua credibilidade apenas por você dizer que faz parte de uma empresa, por estar ligado a uma empresa grande de comunicação, porque tudo é questionado, e não de uma forma positiva”. Esta repórter acredita que a falta de reconhecimento e de apoio da população atrapalha uma das principais funções do jornalismo, a garantia dos direitos democráticos:

Eu vejo obviamente garantia da democracia, o acesso à informação de confiança, um papel ainda muito importante mas ao mesmo tempo sem reconhecimento, muito questionável, eu sinto que a gente vai perdendo, não a credibilidade, mas as pessoas já nos olham sem aquele prestígio, todo mundo acha que pode questionar você, que pode fazer o seu trabalho melhor que você, eu acho que tem a ver com a questão das redes sociais, da informação, da internet, entendeu? Me sinto muito questionável o tempo todo por pessoas que nem são do meio. Tudo é muito criticado, a forma, a matéria, tudo, e isso me deixa bem angustiada e triste porque meu papel é super importante para o fortalecimento da democracia, no processo de informação, ainda mais agora que a gente vive fake news, então papel sempre importante. Mas ao mesmo tempo sofre muito com a opinião dos outros.

Jornalistas relatam ter várias crises durante a carreira sobre seu papel na sociedade. Esta jornalista de TV desabafa: “Que merda que eu estou fazendo? Você chega e diz: matou, morreu, esquartejou, e isso não muda nada na realidade das pessoas”. E acrescenta: “Todo jornalista um dia quis mudar o mundo, quis uma sociedade melhor, e você simplesmente não faz nada, você relata que matou, esquartejou, foi enterrado no lugar tal”. Esta outra repórter televisiva lamenta: “Eu não acho que eu cumpro meu papel perfeitamente, eu não sei se alguém sente isso. Acho que são poucos os dias em que a gente tipo volta pra casa e diz: foi ótimo. Para mim sempre falta alguma coisa”. Alguns jornalistas questionaram a escolha de pautas de seus veículos, a maneira com que certos fatos são noticiados e também a falta de notícias positivas. Um dos entrevistados afirmou que se sente usado pela redação. Ele disse se sentir obrigado a escrever sobre determinados assuntos diante de disputas entre empresas: “É bem difícil porque isso te deixa cansado, estressado, e você acaba que perde um pouco, me sinto usado pelos empresários. E os caras estão ganhando e a gente se lascando, porque o salário ó”, e usa aqui o famoso gesto do bordão do Professor Raimundo, interpretado pelo ator Chico Anysio, no quadro humorístico “Escolinha do Professor Raimundo”:

Os jornalistas mais experientes foram os que expressaram visões mais pessimistas em relação ao papel do jornalismo nas grandes empresas de comunicação. Este profissional com mais de 20 anos de redação acredita que a atividade tenha deixado de ter um papel central na sociedade:

O papel do jornalista embora seja importante, ele está cada vez mais subjetivo e menos pragmático. Em 2018 achávamos que o papel da grande mídia ainda era importante para definir os rumos do país, o jornalismo passou a ser mais uma ferramenta, mais um fio condutor para a sociedade de maneira geral. Isso de certa maneira criou rachas, divisões, criou polaridades, divergências, mas ainda assim, acredito que essas turbulências continuam sendo canal de credibilidade, mais do que só informação. Mas não dá para negar que deixou de ter aquele papel decisivo, o leme, o norte, de uma sociedade, de uma cidade e de um pensamento. Acho que o jornalismo já teve um papel mais relevante, mas não perdeu o seu charme, não perdeu seu glamour, sua importância. Mas a gente precisa de um pouco mais de tempo para entender quem é que vai moldar a quem: se é a sociedade ao jornalismo, ou o jornalismo à sociedade. A gente vive momentos difíceis em que se coloca em xeque todo dia, toda hora a credibilidade, o poder de alcance ou até mesmo a fidelidade do jornalismo.

Por outro lado, é de se destacar a satisfação dos jornalistas quando conseguem ter seu papel de relevância, ou seja, quando conseguem que seu papel atinja sua função social. Respostas como “Quando eu consigo fazer alguma diferença, eu fico orgulhoso”, “Me satisfaz muito essa liberdade nas pautas” e “As pessoas contam comigo para saber das coisas que podem até mudar a vida delas”. Fica claro que, ao cumprir um papel social, os jornalistas se sentem realizados na profissão.

Dois entrevistados citaram a pandemia como sendo mais uma circunstância que trouxe alterações no jornalismo. Um dos jornalistas de TV ouvidos afirmou que o surto de covid-19 serviu para “mudar tudo na questão da comunicação”: “O jornalista está tendo que se reinventar. Nesse momento de pandemia, a gente inclusive está fazendo matérias sem ter contato com entrevistado. Quando que a gente fazia isso no jornalismo?” Importância ainda maior tem o jornalismo em tempos pandêmicos, segundo esta repórter televisiva:

É um estresse diário para nossa saúde física, mental e emocional e, nesse período de isolamento, a televisão passou a ser melhor amiga de muita gente que precisou ficar em casa. É um momento muito delicado, até para mim acho que é uma das coberturas mais difíceis de tudo que eu já passei. Eu sou nova, eu sei, mas muito delicado. As pessoas em casa, vivendo o caos, com medo, sem saber direito o que é o coronavírus, o que está acontecendo. Então, nosso peso na hora de explicar o que é isso, a delicadeza de você entender e passar os dados, que são assustadores, não entrar em pânico, então nesse momento de pandemia acho que a gente está

cumprindo um papel fundamental, porque a gente também tem nossos medos, a gente também que tem que tomar os cuidados, mas se a gente não estiver ali na linha de frente para informar à população o que está acontecendo, as precauções, as medidas a serem tomadas, o que todo mundo vai fazer? Então, a mídia nunca foi tão importante.

Rotinas de Trabalho

A segunda questão colocada para os 21 jornalistas ouvidos nas entrevistas em profundidade era sobre as rotinas de trabalho. Os profissionais foram questionados sobre como se sentiam nas dinâmicas do cotidiano, e se, ao longo do horário do expediente, conseguiam parar para comer, ir ao banheiro, fazer um intervalo ou se ficavam muito agitados e ansiosos, por exemplo. Este repórter de rádio e TV reagiu à minha pergunta: “Agora vai começar a parte terapia, porque a gente entra num universo extremamente louco”. No começo da entrevista, ele já havia me dito: “Trabalho para c***, você vai ouvir aqui as delongas”.

A rotina pesada de um jornalista está presente em todas as respostas. Palavras como “cansaço” e “ansiedade” são usadas com frequência pela maioria dos jornalistas. Este repórter de jornal descreve o dia a dia:

Fico com fadiga, tem dia que eu tenho ânsia de choro, tem dia que eu tenho vontade de largar a pauta e ir embora, e principalmente quando a pauta é muito difícil. Por exemplo, ontem eu fiz uma grávida de 9 meses que foi morta por um desentendimento entre ela e um cara com quem ela tinha tido um relacionamento. E a carga é tão pesada que você acaba absorvendo muita coisa. E quando eu chego em casa me pergunto: “Que cansaço é esse, por que que eu estou com esse cansaço?” Mas não é um cansaço físico, sabe? É um cansaço emocional, te dá fadiga, choro... um dia desses eu me peguei à noite tendo pesadelos e eu não conseguia dormir. Fiquei quase uma semana com medo, porque eu fiz uma matéria e aquilo me deixou muito mal.

Em maior ou menor intensidade, a ansiedade acompanha 100% da nossa amostra. “Sou muito ansioso. É uma condição basicamente crônica da maioria dos jornalistas que eu conheço, sabendo dos sintomas ou não”, afirmou este repórter de internet. Diagnosticada desde a época do vestibular com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)⁵³, um distúrbio caracterizado pela preocupação ou expectativa

⁵³ Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é um distúrbio definido pelo excesso de preocupação ou expectativa por no mínimo seis meses, e que acarreta em outros sintomas, como alterações no sono, irritabilidade, fadiga, entre outros. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/ansiedade-transtorno-de-ansiedade-generalizada/> Acessado em 7 de maio de 2021.

excessivas por longos períodos de tempo, uma repórter de rádio conta que sente vários sintomas por causa do trabalho, e que costuma ter crises de enxaqueca: “Ao fim de um dia cheio, eu costumo sentir muita dor de cabeça, à tarde e à noite, o que me incapacita para outras atividades. Eu fico só trabalhando. E o tempo que eu não estou trabalhando, eu estou juntando energias para trabalhar mais no dia seguinte”.

A possibilidade de não conseguir alguma informação pedida pelos superiores também traz muita ansiedade para a rotina desta jornalista de internet: “É muito ruim você dizer que não conseguiu alguma coisa. Como é que um colega conseguiu e você não conseguiu? Como é que ele tem e você não tem? É muito rotineiro, então eu fico muito ansiosa até conseguir”. Ela relata também uma forte presença do sentimento de “carregar sozinha” aquele horário, determinadas tarefas ou até mesmo a empresa toda:

Já fiquei sem tomar café e sem almoçar várias vezes, fazendo a primeira refeição, um pãozinho, no meio da tarde; isso acontece comigo dentro de casa. Às vezes estou numa cobertura dentro de casa, não é só antes da pandemia não. E está tudo tão alucinado, tudo tão em cima de mim, parece que só tem eu naquela empresa inteira, que às vezes quando eu vejo são duas da tarde e eu não comi nada ainda.

A opinião é compartilhada também por esta repórter de uma rádio cujas equipes foram sendo reduzidas até sobrarem apenas dois jornalistas na reportagem pela manhã, e dois à tarde: “Tenho me sentido muito sobrecarregada, este ano mais do que nunca, principalmente porque não tem gente suficiente para fazer o que a redação se propõe a fazer”. E conta ainda: “Eu já ouvi da chefia que estou carregando a reportagem nas costas pela manhã, e eu não acho que isso seja um elogio porque isso adoce as pessoas”.

Os jornalistas que trabalham na parte da manhã tradicionalmente têm o dia a dia mais corrido: é o horário de maior concentração de pautas programadas, como inaugurações, divulgações, coletivas, e também é quando acontecem operações policiais (geralmente às 6h, e os repórteres entram às 3h ou 4h para acompanhar), ou por exemplo quando acidentes envolvendo os transportes afetam gravemente a circulação na cidade, entre outros factuais que exigem disposição e resistência. Uma das jornalistas disse até que carrega um banco dobrável na bolsa para não ter que ficar em pé por tantas horas. Esta é uma estratégia geralmente adotada por quem cobre o hard news. Esta repórter de TV acredita que o número de horas em pé possa

ter agravado ainda mais a sua escoliose⁵⁴, um tipo de deformação na coluna: “É um horário corrido porque tem jornais importantes na casa acontecendo e fico nessa correria. Geralmente são muitas horas em pé, e acredito que tenha sido isso que acarretou meu problema na coluna”. Ela conta ainda que, apesar de tratar com um osteopata, por causa da correria do trabalho não consegue mais fazer exercício físico, o que compromete ainda mais o tratamento. Outra repórter de televisão relata a agitação e o corre-corre para terminar as tarefas dentro do horário, que começa logo cedo:

Hoje a rotina é terrível. Eu me sinto cansada, eu me sinto ansiosa, me sinto muito acelerada, muito pressionada. Nas seis horas, eles querem que eu faça deslocamentos absurdos: "Vai até Angra, grava um VT, vai em Santa Cruz, grava um boletim", e simplesmente às vezes é inviável. Você cai num trânsito e começa a ter taquicardia no carro porque você não está conseguindo chegar. Eu devia relaxar e pensar: "Eu estou aqui, não estou me negando a fazer", mas a pressão faz você pensar que você tem que resolver aquela situação do trânsito, driblar as diversidades para cumprir todas as tarefas. E são muitas. Eu estouro o horário para fechar off e tal, mas eu já libero a equipe. Passou de uma hora de hora extra tem que acionar a alta cúpula, é uma loucura. Só que o desgaste é uma loucura. É uma coisa de ficar olhando o relógio, olhando o relógio, administrar tudo. Você tem que controlar até a hora que seu cinegrafista vai fumar, você se torna uma pessoa insuportável. Aí você fica "se você fumar agora, não vamos conseguir fechar o VT, você não vai fumar". Aí você vira uma monstra para executar aquelas tarefas.

Algumas emissoras de televisão, de tanto reduzirem os custos, agora mandam para a rua uma “equipe” de uma única pessoa. Videorrepórter é o posto de trabalho aberto por algumas empresas para cobrir o *hard news*, e consiste em um único profissional sair a campo com todo o equipamento para reportar, filmar e fazer entradas ao vivo. “Estou fazendo uma coisa que nunca fiz na vida, e grande parte dos jornalistas de TV nunca teve essa experiência. Pego a minha mochilinha, boto lá o equipamento, e vou para a rua sozinha fazer os links”, descreve a jornalista, que anteriormente trabalhava em televisão, mas sempre com equipes de pelo menos três integrantes. Segundo a profissional, além de apurar, escrever, entrevistar, ela também precisa se preocupar com as imagens, luz e foco:

No início é um choque de realidade porque a gente não está acostumada a ter que se preocupar com enquadramento, com luz, e o resto todo. Numa equipe você sempre tem alguém para conversar, para trocar ideia, e aqui você fica na mais

⁵⁴ Escoliose é uma curvatura da coluna para um dos lados, causada pela rotação das vértebras. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/escoliose/#:~:text=A%20escoliose%20pode%20ser%20cong%C3%AAnita,musculares%20e%20a%20paralisia%20cerebral>. Acessado em 10 de Maio de 2021.

completa solidão, e isso é o mais difícil para mim, a solidão. Eu estou sozinha. Vou da minha casa direto para o ponto de vivo que eles me passam, meu horário começa a partir do momento em que eu cheguei no ponto de link, e termina no ponto de link também.

Como a emissora precisa apenas de entradas ao vivo (a nossa entrevistada raramente escreve matérias), a videorrepórter relata que chora com frequência por causa dessa rotina de ficar na rua, no sol e na chuva, esperando para entrar ao vivo:

A rotina no meu trabalho é muito desgastante com esse lance de ficar sozinha. Muito mesmo. No início foi um choque de realidade muito grande, eu me pegava chorando e me perguntando se vale a pena. Praticamente todo dia eu vou para o Palácio Guanabara e fico sentada no meio fio esperando entrar ao vivo. Aí quando chove eu dou uma chorada. Mas é muito desgastante eu ficar oito horas ali esperando para às vezes entrar uma ou duas vezes ao vivo. Então acho que o lance é de você ficar jogada, não é ficar sozinha, é ficar jogada.

Uma pressão em relação à produtividade parece incomodar de modo mais acentuado os jornalistas mais jovens, como se eles tivessem que estar o tempo todo 100% ativos, e não pudessem falhar. E percebemos nessa cobrança uma escalada para a ansiedade. Esta repórter e apresentadora de uma emissora de televisão conta que chega às 7h na academia, porque “é a única coisa que eu tenho fora do meu trabalho para gastar todas as minhas energias e colocar tudo para fora”. Chega na TV às 11h30. Vai para a rua, faz matéria, entra ao vivo. No máximo às 17h ela tem que estar de volta porque há um outro vivo, este feito dentro da própria emissora, para um jornal de rede. Corre para trocar de roupa e se maquiar, porque às 18h50 a nossa entrevistada apresenta o jornal local. Quando o telejornal termina, ela faz mais uma entrada ao vivo para o canal de notícias 24h da emissora. E conta que só chega em casa a partir das 22h, e precisa às vezes tentar fazer alguma atividade, como correr, para baixar a adrenalina:

É uma rotina muito agitada realmente. Eu não paro porque meu tempo é muito curto. De manhã passa rápido, mas de tarde, não sei o que acontece, o tempo voa, e quando acaba o Jornal às 19h20, eu dou uma respirada, mas tem que engatar no vivo, e eu chego em casa tarde, assim, umas 22h, com a adrenalina lá no alto por causa da rotina agitada. Eu já sou uma pessoa agitada fora do trabalho, então eu não consigo ficar parada. Se eu ganho um dia de folga, eu penso “meu Deus”, então parece que eu tô à toa, não consigo. Então eu sou extremamente agitada, e demoro a dormir por causa dessa adrenalina. Durmo tarde, e às vezes eu dou uma corrida à noite para botar para fora. A academia que eu malho fecha às 23h, então dá tempo, mas no outro dia de manhã já estou lá gastando toda essa energia para chegar no trabalho com todo esse combustível e dizer “tô pronta” para encarar o que tem pela frente.

Ela conta também que a ansiedade aumenta muito em torno de assuntos sensíveis ou entradas ao vivo com apresentadores mais reconhecidos: “Eu não gosto de errar, então fico muito ansiosa. Fico cheia de placas às vezes assim no pescoço, de nervosismo. Não é por não saber, é querer fazer perfeito, porque eu me cobro muito. E a dor de cabeça é constante”.

Este outro repórter televisivo conta que tem ansiedade e que fica ainda pior antes das entradas ao vivo. Ele conta que, na semana anterior à nossa entrevista, havia tido uma mudança da pessoa que coordenava o vivo, e que aquela pessoa tinha falado alto no ponto eletrônico (a comunicação entre o repórter que está na rua e a redação, que pode ser um pequeno aparelho próprio para transmissões ao vivo ou mesmo um fone de ouvido numa ligação telefônica entre as duas partes, sendo este último o mais utilizado). O jornalista relata que, nervoso com a situação, começou a gritar de volta com a coordenadora de vivo, numa atitude desproporcional. Depois que os colegas comentaram, o repórter conta que riu ao se assistir nas imagens: “Eu disse (para ela): ‘você não grite comigo, você não pode fazer isso, você vai me deixar nervoso, eu vou falar com as pessoas que estão em casa, isso é um absurdo’. Isso é um exemplo, mas tem alguns motivos para isso”. E explica que agiu assim por ser muito crítico em relação ao seu trabalho: “Será que eu estou bom no vídeo? Não estou? O vídeo realça um pouco a ansiedade porque a responsabilidade aumenta, é a sua cara, então isso me deixa numa rotação muito elevada”.

Repórter de um canal de notícias, esta jornalista conta que é muito estressante a rotina de vivos no hard news: “Você tem que entrar ao vivo, ao mesmo tempo que tem que produzir um VT porque daqui a pouco tem outra entrada ao vivo, então você fica o tempo inteiro ali, ligado, pensando. Isso gera um grande período de estresse”. E fala ainda da dificuldade de desacelerar:

Eu chego e parece que eu fiz um plantão de 10, 12 horas dependendo do assunto do dia. É muito cansativo. Adrenalina. Chego em casa e acabo não fazendo nada para me distrair. Eu ligo a TV, não vejo jornal, silencio grupos de Whatsapp por oito horas, deixo a adrenalina baixar, tomo banho, como, para tentar desligar, senão é um estresse muito grande.

Uma das queixas mais frequentes no cotidiano é a “preparação” para o trabalho, ou seja, o tempo gasto por dia para ler jornais, pensar em sugestões de pautas, e até já deixar algumas notas escritas mesmo antes do tempo de trabalho

começar a ser contado, além das demandas que continuam mesmo após o fim do expediente. “Acordo todos os dias às 6h e pouco, tenho que ler os jornais, porque às 7h minha chefe vai me cobrar o que tem, o que tenho que apresentar. Eu tenho que apresentar uma pauta. Se não tiver, tenho que me virar”, relatou este repórter de jornal. Ele conta ainda que a rotina é muito desgastante porque na teoria deveria deixar o trabalho às 15h, mas durante a tarde outros editores ligam para saber o retorno de reportagem que ele já havia deixado às 16h antes de sair, e “aí chega 22h, você quer dormir e não consegue porque você está dando retorno para a chefia. O cara não lê, ele também está fechando quatro, cinco páginas, e o repórter é que vai sendo pressionado 24h por dia”. No fim das contas, este repórter está disponível e dedicado ao jornal desde que acorda até a hora que vai dormir.

O mesmo acontece com esta repórter de rádio, que diz ainda que, por ser do subúrbio do Rio e ter enfrentado dificuldades para conseguir aquela vaga, entende o seu posto de trabalho como uma oportunidade única, e isso gera uma enorme ansiedade na sua rotina:

Eu tenho uma questão de entender que de onde eu venho, pessoas como eu, é muito difícil chegar onde está. Questões de privilégios, enfim. Então eu me cobro muito, preciso dar conta de absolutamente tudo. Porque não vou ter outra chance dessa, é mais ou menos o que passa na minha cabeça. Eu quero dar conta de tudo e me sinto muito ansiosa. Por exemplo, eu entro meio-dia, uma hora, eu começo na apuração, começam a me chamar (para entradas ao vivo) a partir desse horário. Então eu preciso antes desse horário saber tudo que está acontecendo, sabe? Lendo tudo, pegando tudo que eu acho que vai render para a minha apuração. Então eu começo a minha rotina de trabalho muito antes do meu horário. Tem uma hora de pausa? Deveria, né? Eu não consigo tirar esse horário de pausa porque na hora que eu paro para almoçar é o horário que a chefia continua falando comigo, os assessores continuam falando comigo. Eu tenho que parar de comer, ou vou comer e falar com aquela pessoa porque eu vou precisar depois, então eu tenho que dar conta. Então eu fico muito ansiosa. Na teoria são 8 horas, mas na prática são mais de 10 horas de trabalho.

Dois, entre os 21 jornalistas entrevistados, estão em dois empregos, como forma de ganhar mais para sustentar a família. Trataremos de questões familiares um pouco mais à frente, mas observamos aqui que os dois têm rotinas que levam longas horas do dia. Um dos profissionais trabalha para uma agência de notícias e um veículo que tradicionalmente era de rádio, mas agora tem também uma TV na internet, e conta que, basicamente, o que faz na vida é trabalhar:

Talvez a minha rotina seja mais louca do que já é uma rotina de um jornalista. Basicamente, eu durmo trabalhando, eu acordo trabalhando, e às vezes eu sonho

com o trabalho. E o mais louco de tudo: quantas das vezes eu já sonhei que estava atrasado para uma pauta, que eu estava fazendo entrevista com o ministro não sei das quantas, com fulano de tal, e de acordar no meio da madrugada e pensar que aquilo tudo era realidade. Então, à medida que o tempo vai passando e você vai ficando mais experiente, você tenta concentrar e canalizar a sua energia efetivamente para o momento em que você está trabalhando. Mas como no meu caso eu estou sempre trabalhando, eu acordo trabalhando e durmo trabalhando... Acordo às 6 e pouco da manhã e vou dormir tipo as 23h, 0h, e se tiver alguma coisa relevante, não basta ser algo só do Rio de Janeiro porque as apurações são do Brasil, isso torna a minha rotina um pouco pesada, cansativa e muito cobrada em casa. Tipo, o celular você não larga, você não larga o telefone, você não desliga, não desconecta.

Horário de trabalho, pautas e previsões

O estresse do trabalho de jornalista também está ligado a algumas instabilidades, como o horário a cumprir, as coberturas para as quais os profissionais serão destinados e a falta de previsibilidade envolvendo o horário de deixar a redação. A máxima de que jornalista só tem hora para entrar incomoda e invade a vida pessoal da maioria dos jornalistas entrevistados. No entanto, poucos acreditam que são estas as características de uma profissão que nunca pára, porque “notícia não tem hora”. Trataremos mais adiante destes poucos profissionais que têm um olhar mais romantizado para a questão.

"Há seis anos sempre eu estou esperando a pauta ser enviada por email para descobrir o que eu vou fazer no dia seguinte", me conta este repórter de TV, que recebe todos os dias, no fim da noite anterior, o horário que está escalado para o dia seguinte. E relata ainda que sofre com previsões de pautas que, segundo ele, não combinam com seu perfil:

Quando eu descubro que não gosto da pauta do dia seguinte, e isso acontece com certa frequência, eu já começo a sofrer por antecipação. Gera uma ansiedade, fico bem ansioso quando é uma coisa que eu não gosto. Por exemplo, eu vejo às 20h que no dia seguinte eu tenho que checar a falta de atendimento no Hospital Geral de Bonsucesso, aí eu vou ter que ficar na porta do hospital, caçando povo fala, ver o que não está funcionando... Você acaba levando para casa aquela pessoa que você entrevistou e que está com dificuldade de marcar hemodiálise, depois na volta para casa fica pensando: “o que vou fazer com aquela pessoa?” A gente acaba vivendo os problemas das pessoas. Então isso gera uma ansiedade de ser jornalista, sendo jornalista de hard news.

A pauta sobre a qual vão trabalhar, geralmente uma escolha da chefia de pauta ou de reportagem, aparece com frequência relacionada ao sentimento de angústia. “Tenho tido princípios de crise de ansiedade, todos relacionados ao meu

trabalho. Cada vez que se aproxima o horário de chegar ao trabalho, isso me causa nervosismo, como é que vai ser hoje, o que vou fazer”, relatou essa jornalista de TV. Esta outra profissional televisiva diz que os domingos são dias de muita ansiedade. “Amanhã como é que vai ser? Qual será a pauta? Para onde será que vão mandar a gente? Será que vai ter algum factual bizarro? Me sinto muito ansiosa”, contou a jornalista, apesar de no dia a dia não sentir a rotina muito pesada, uma vez que a emissora onde trabalha costuma respeitar a hora obrigatória de pausa no meio da jornada de trabalho.

Todas as mudanças de pautas e horários possíveis podem acontecer num único dia, a depender dos factuais, como relata este repórter de rádio e TV:

Da gente chegar no dia, e você tem oito horas contratuais, mas simplesmente você pode ir para São Gonçalo fazer uma operação gigantesca, pode prender um governador, ficar 12 horas trabalhando e ficar destruído, dormir, tchau, porque amanhã eu tenho trabalho para fazer 6h da manhã. Só que isso é todo dia, e a gente fica normatizando (*sic*) isso.

A questão do horário de trabalho é mencionada de alguma forma por todos os entrevistados. Todos estão acostumados a atuar para além da hora programada, mas para alguns, passar do horário é um tormento. Quem não tem escala fixa reclama bastante deste ponto, como sendo impeditivo para fazer outras atividades na vida que não sejam o trabalho. “Recentemente eu tive uma crise de choro porque é mudança de horário o tempo inteiro, um dia de manhã, outra à tarde. Têm ficado frequentes as crises de choro”, declarou esta profissional de TV. Ela explica que houve um esquema de revezamento durante três meses da pandemia, e que depois que voltaram à escala normal, os horários passaram a vir alternados e muito diferentes. “Isso me incomodou muito, eu gosto de me organizar, de fazer meu espanhol, estudar. Sem horário não dá, não dá pra marcar médico”. O mesmo acontece com este repórter, também de televisão: “Rola uma ansiedade também no início da noite sobre que horário eu vou fazer amanhã. Sempre. Na esperança de não estar às 4h30, e sim de estar às 7h ou às 10h”. Esta outra jornalista de televisão mora longe da emissora, e lembra dos tempos em que trabalhava ainda na madrugada e recebia mudanças de horários no fim da noite anterior: “Eu pegava na madrugada, eu sempre morei longe, em Nova Iguaçu, então eu saía 4h, 4h30 (de casa). Então às vezes me ligavam 21h para mudar meu horário, às vezes me pedindo

para entrar às 3h. Então é uma falta de respeito com o profissional”. A mesma queixa tem mais uma jornalista da TV aberta:

Hoje o que mais me maltrata é o horário. A gente não tem horário, você só sabe seu horário às 20h. Aí você sabe a escala do dia seguinte. Então pode ser a qualquer hora. Isso está me prejudicando porque eu queria fazer um esporte. Eu parei de dançar, eu fazia dança, ioga, eu parei de fazer. Estou com dores horrorosas na coluna porque não faço uma atividade física.

Esta jornalista de rádio conta que uma tensão constante era em torno do seu horário de saída da emissora, que ficava muito próximo do horário de saída da sua filha da creche: “Era muito doido, eu fazia as coisas com muita pressa, era muito pressionada, pressionava todo mundo a minha volta, ‘eu tenho que buscar minha filha na escola, não tem quem faça por mim, vambora, vambora, vambora, libera, libera, libera’, era muito doido”. O “libera”, neste caso, é um pedido para que o texto escrito pelo repórter seja aprovado, para então ser gravado ou publicado. Esta aprovação geralmente é feita por editores de texto, pela chefia de reportagem e, em alguns casos, até pelo alto escalão da empresa, caso seja um assunto mais sensível. Como este editor ou chefe geralmente também tem outras funções, é comum nas redações que o texto daquele repórter demore a ser aprovado, porque ele acaba entrando ali na lista de tarefas daquele profissional. E como o repórter geralmente volta da rua praticamente na hora de sair, é frequente que o horário “estoure” nesta parte do caminho. Esta jornalista trabalha em uma empresa de televisão que não paga aos funcionários as horas extras, então ela relata o incômodo que é ter que esperar pelo “OFF” aprovado:

É óbvio que se é um baita de um factual, se está acontecendo uma tragédia, a gente sabe que vai passar do horário, e ok, a gente sabe que faz parte do trabalho. Agora, passar do horário só porque alguém demorou para aprovar seu texto ou porque o editor chegou lá em São Paulo e foi almoçar, aí são coisas que aí já não dá.

Comida e banheiro: entraves

“Não como, não descanso”, ouvi de uma repórter de rádio. Este repórter de televisão descreve: “Pego às 6h da manhã, às vezes não tenho tempo de tomar café, tenho um horário de *deadline* muito louco, muito apertado, às vezes pra fazer duas matérias e fazer ao vivo. Tem dias que não dá nem pra parar.” Foi com muita frequência que ouvimos dos jornalistas a impossibilidade de se alimentar durante a

jornada de trabalho. “Eu fico de 6h às 15h, não almoço nunca. Uma hora de almoço é um sonho”, afirmou este repórter de rádio e TV. Da mesma opinião compartilha esta profissional de um canal de notícias: “Sempre tento levar algo na mochila, uma banana, um biscoito, pra não ficar muito tempo sem comer, porque a gente não sabe pra onde a gente vai, se vai ter acesso a comida. E geralmente é estressante”. Esta repórter e apresentadora chega a se sentir mal por ficar muitas horas sem se alimentar:

Então é uma rotina bem pesada, eu quase não consigo comer. Então se eu não levar um lanche, uma banana, um amendoim, eu não como porque não dá tempo de verdade. Assim, quando eu vejo eu falo, “cara, não bebi um copo de água hoje”. Às vezes eu volto para casa tremendo, com dor de cabeça, de falta de comida, de água, não dá tempo.

Esta outra jornalista de TV tenta ser prevenida: “Eu tenho preocupação com alimentação, e por isso eu levo fruta, lanchinho, a gente sabe que a gente pode ficar sem comer, que pode não ter lugar para fazer xixi”. Como os factuais acontecem em qualquer hora e lugar, e muitas vezes os jornalistas passam longas horas na externa apurando, escrevendo e aguardando suas entradas ao vivo, a dificuldade de usar o banheiro é um inconveniente comum entre os jornalistas, principalmente as mulheres, como relata esta repórter de uma TV aberta, que já teve desidratação:

Xixi não existe. Eu tive problema de bexiga, infecção urinária porque eu não tomava água. Eu pensava assim: "Eu não vou tomar água. Se eu tomar água vou ter que fazer xixi, e fazer xixi é impossível, então não vou beber". Eu já tive desidratação trabalhando. Fui parar na emergência, tinha feito operação a manhã toda, embaixo de sol, colete à prova de bala, pesado, sem comer muitas horas dentro da comunidade, aí voltei pra redação, aquela rotina de fechar o texto... eu me lembro até que tinha comido alguma coisa, alguém me trouxe (eu não podia parar pra comer), mas de noite voltando pra casa eu comecei a me tremer toda, uma sensação estranha, coração acelerado. Na emergência eu disse que estava infartando, porque meu coração estava muito acelerado, meu rosto formigando, meus braços formigando, e passei a madrugada lá fazendo um check up, e o médico me disse que eu estava com quadro grave de desidratação. E ele me disse: "eu acho que você está num quadro de estafa inacreditável". Aí fiquei a madrugada toda no hospital, não pude trabalhar, e ele me mandou repensar a minha rotina.

Os jornalistas de TV parecem ser os que mais sofrem com não poder fazer deslocamentos para comer ou ir ao banheiro, uma vez que não podem perder certas imagens, dependendo do factual que estão cobrindo. É claro que, na maioria dos casos, há cinegrafistas para fazer os registros. Entretanto, costuma ser de praxe as equipes ficarem juntas para um avisar o outro caso haja a movimentação que estão

aguardando. Os profissionais relataram que preferem, então, ficar sem beber água, por exemplo, e assim evitam a vontade de fazer xixi: “Não dá tempo de parar para comer, de parar para ir ao banheiro. Eu por exemplo não bebo água até 11h da manhã, mas eu levo um litro de água. Levo uma garrafa comigo sempre, mas está sempre cheia. Não bebo porque não terei onde fazer xixi”, contou este repórter de TV aberta. Outra profissional de televisão mostra sua indignação por tomar a mesma atitude:

Eu me peguei num dia fazendo uma coisa que é de um nível absurdo: de não beber água, mesmo com sede, para não dar vontade de fazer xixi, porque não tinha onde fazer. E isso é um absurdo para outras pessoas e normal para jornalistas. É bizarro. Comecei a perceber que estava me fazendo mal, passava o dia inteiro sem beber um gole de água. Os efeitos vêm no organismo, na pele.

Na maioria das vezes, os profissionais bendizem os famosos botecos em locais mais afastados ou até mesmo moradores que lhes permitem usar o banheiro, depois de tantas horas segurando: “Tento controlar a quantidade de água, mas mesmo assim na cara dura eu peço: “Moço, tem um vaso sanitário aí? Ah, mas está sujo. Tem vaso? Então tá ótimo, pode ser um vaso mesmo”, porque a gente segura muito pra ir ao banheiro, conta esta repórter de TV.

Entre os nossos 21 entrevistados, um relatou que não abre mão de almoçar todos os dias: “Não como no McDonalds, o entrevistado pode esperar”. Ele considera sua rotina mais pesada que a de seus pares, mas disse que isso faz parte de uma escolha. “Muitos repórteres chegam e, por não terem sido produtores, não dominam muito esse processo de marcar. Eu como fui, eu chamo muito a responsabilidade pra mim”, diz o profissional, afirmando que o espaço que conquistou na emissora foi a partir das histórias que conseguiu contar.

Rotinas na pandemia

É claro que, como as entrevistas em profundidade foram feitas poucos meses após o início da pandemia de covid-19, os jornalistas mesclavam as respostas sobre as dinâmicas de trabalho com informações sobre como era antes, e como as rotinas foram alteradas para um momento pandêmico, uma vez que essas mudanças aconteciam há bem pouco tempo. Para que as delimitações ficassem claras para mim, eu os ouvia e seguia perguntando se o que citavam era relacionado ao período

anterior ou durante a covid-19. E ao longo da conversa, perguntava se os profissionais estavam trabalhando ou haviam trabalhado diretamente com assuntos ligados ao coronavírus e de que forma a pandemia havia alterado de maneira mais significativa suas rotinas produtivas. Todos os jornalistas, sem exceção, atuaram em matérias sobre o coronavírus e todos relataram mudanças nos processos de produção. É impressionante notar como a chegada do surto de covid-19 ao Brasil pegou de surpresa os profissionais, que ao início ainda não tinham protocolos estabelecidos e mal sabiam como lidar com o vírus então desconhecido, como conta este repórter de televisão:

Até então, a doença era desconhecida, a gente não sabia com o que estava lidando. Fizemos as primeiras matérias sem máscaras, eu usando meu microfone para entrevistar o entrevistado. Uma semana depois eu estava de máscara, e alguém entregando outro microfone com álcool 70 para o entrevistado. Depois eu passei a usar máscara com mais proteção, a PF5, depois a gente teve que fazer matéria se distanciando do entrevistado um metro e meio, e depois fizemos só com vídeo, para que a gente não se infectasse. Mesmo assim eu fui infectado.

Outro profissional de TV descreve que a pandemia chegou como um clique, assim como seu diagnóstico de infecção por covid-19:

Eu paniquei total antes de ficar doente. A pandemia chegou como um clique. Eu estava na madrugada e ia cobrir um feminicídio, eu tinha que chegar e correr para Campo Grande... aí falam assim: "Não, amanhã vai ser só pandemia". Eu falei: "Como assim, gente? Vai ter matéria". "Não, vai ser só isso de pandemia, só pandemia, pandemia, pandemia". Foi do nada. Era uma madrugada clássica em que fui cobrir um menino baleado jogando futebol no Lins, aí no hospital Salgado Filho, os parentes da criança que não quiseram gravar entrevista apontaram para uma mulher que estava lá no fundo e disseram: "Aquela mulher tá com negócio de covid.". Aí eu disse: "Não, gente, imagina, ela tá com máscara porque devem ter dado a máscara para ela porque ela está espirrando. Não tem covid". Eu não tinha noção de que ia ser o que aconteceu. E eu disse: "Se ela tivesse covid, estaria isolada lá dentro". Aí o entrevistado disse: "Meu filho, você não sabe o que é o Méier?" Aí que eu me liguei que o entrevistado podia estar com razão, e eu tinha ido bem próximo a ela, porque a mãe do menino estava sentada bem próxima a ela, e aí eu pensei que o vírus já poderia estar circulando. Poucos dias depois, dois amigos médicos que trabalhavam no Salgado Filho falaram que estava chegando muita gente com sintomas de covid, que tinha gente já entubada. Nesse meio tempo, eu comecei a sentir os primeiros sintomas.

Esta outra profissional de TV relata: "Demorei a entender a gravidade da coisa, da dimensão que ia chegar. A empresa começou a liberar pessoas de risco, e as imposições, trabalhar de máscara, separar os microfones, e começou a ficar muito tenso trabalhar na rua".

Os profissionais relataram alterações das mais diversas em relação ao local de trabalho depois que a pandemia começou. Um exemplo é que, logo no primeiro mês, a orientação de grande parte das empresas era não usar máscara, o que logo depois foi implantado em todos os veículos. Ao longo do tempo, os processos e protocolos foram sendo definidos em cada redação: home office, entrevistas remotas, máscaras, distanciamento, higienização de equipamentos, etc. Jornalistas que tinham carro mas usavam transporte público também relataram que passaram a ter mais gastos com gasolina e manutenção. Uma redação montou uma sala para abrigar os repórteres que vinham da rua, como conta a jornalista de TV:

A gente começou a trabalhar separado. Os repórteres que iam para a rua ficavam separados numa redaçõzinha no quarto andar, que era uma sala que estava vazia. E a gente tinha todos os equipamentos de higienização ali, álcool em gel, Lysoform, papel, máscara, tudo para a gente fazer a limpeza do local e tentar se proteger e resguardar as outras pessoas.

A princípio, os profissionais de hard news continuaram indo a campo. Alguns não deixaram de ir às ruas um dia sequer durante toda a pandemia. Outros fizeram um esquema híbrido, variando uma semana ou 15 dias trabalhando na redação ou remotamente. Em outros casos, a empresa decretou o home office, mas o repórter era enviado para pautas na rua, e todo o resto era feito de casa, numa clara situação de precarização, como trataremos adiante. Este repórter de televisão conta que os métodos e processos mudaram significativamente: “O uso do Zoom e do Skype, era muito difícil da gente usar, e hoje virou rotina. Até porque a gente pedia para as pessoas não saírem de casa. Então como íamos invadir a casa das pessoas?”, e acrescentou dizendo que o ambiente de trabalho sofreu também alterações: “O ambiente do trabalho ficou mais frio, a gente é muito caloroso, as pessoas se abraçam, se cumprimentam. A gente teve que pular uma baia entre nós, deixar uma sempre vazia, então aquele papo com a pessoa do lado ganhou distância”.

Esta repórter de rádio conta que, por ter interesse mais nas áreas de saúde e ciência, tendo inclusive cursado um mestrado cuja dissertação era sobre divulgação científica, se sentiu muito cobrada pela redação: “Esperavam de mim que eu tivesse sempre ideias, só que eu também sou um ser humano normal, também estou sofrendo com toda essa angústia que as pessoas estão sentindo”. Ela conta que foram dois meses inteiros apenas cobrindo a pandemia.

O estresse também pesou no clima dentro das redações, como descreve esta repórter de televisão: “A pandemia deixou todo mundo mais estressado na redação. As relações ficaram estressantes. Tenho sentido um clima muito pesado na redação, ando desconfiada de tudo. As pessoas estão mais tensas, nervosas, cansadas”.

Escalada do estresse

Para quem continuou a trabalhar na rua, houve um grande desgaste emocional. Os jornalistas relataram que ficavam preocupados em se infectar e passar o vírus para seus familiares ou para as pessoas com quem dividiam a mesma casa. “Na rua ficou muito tenso. Tinha auxiliar que às vezes não queria sair do carro, alguém espirrava era um pânico, todo mundo com vidro aberto pq não podia ligar o ar condicionado do carro, bem complicado”, contou uma jornalista de TV. Este profissional que trabalha em dois veículos de imprensa relembra como era o trabalho no início da pandemia:

Os primeiros meses de pandemia foram de pânico e pavor. As informações eram truncadas, no imaginário das pessoas era de que o Brasil era um país abençoado, que não ia acontecer nada demais, que era só do outro lado do mundo, como se não houvesse interação, mobilidade das pessoas. Na TV, tivemos um presidente negacionista e que até agora continua minimizando os efeitos da pandemia. Foi um momento difícil porque as empresas tiveram que se readaptar. Agora, eu não deixei de ir para a rua um único dia da pandemia. O que efetivamente mudou foi um maior zelo, orientações e recomendações.

Esta repórter de rádio conta que grande parte da redação já fazia home office enquanto ela ainda seguia atuando de dentro da emissora, por estar cumprindo seu horário na apuração, ou seja, fazendo rondas e escrevendo notas factuais para participações ao longo da programação. Ao protestar sobre o risco que corria e que apresentava a todos à sua volta, a sua chefia então determinou que ela fizesse o trabalho a partir de casa, só que indo buscar histórias nas ruas, nos hospitais, buscando aglomerações, o que gerou uma enorme angústia:

Março, abril e maio eu ainda estava na rua. Eu fiquei indo para rádio, pegando trem; eu em Nilópolis e a rádio no Centro. Eu morria de medo, até que cheguei para a minha chefe e disse: “Olha, se vocês não pensam em mim, pensem em pelo menos quem está na redação, porque eu pego trem e tudo mais”. Aí eles decidiram que eu ia andar de Uber, mas continuei no mesmo risco do Uber, e aí a redação estava vazia, e eu me sentia sozinha, muito estranha. Eu me perguntava por que só eu estava correndo aquele risco. Aí depois, eu vim para casa. E quando eu cheguei em casa foi horrível. Eu pensei que preferia ir para lá para a rádio. Porque tudo que

era Baixada ficava comigo, e era onde tinha aglomeração, eu tinha que ir ao hospital, estações de trem, pegar sonora dessas pessoas. Na época, ainda não tinha essa coisa do uso obrigatório de máscara, na época nem podia, a orientação era não usar. Eu não estava usando.

E conta ainda que houve uma situação limite para que ela ficasse apenas trabalhando de casa: em um hospital da Baixada Fluminense, ela entrevistou uma senhora que procurava pela vacina da gripe, e que lhe contou que estava com dores no peito e cansada. A seguir a mulher tossiu próximo à jornalista, que entrou em desespero naquela situação e acionou seus superiores:

Mandei mensagem para minha chefe horrorizada. Cheguei em casa e falei: "Mãe, não fala comigo, não chega perto". Fiquei desesperada com minha mãe porque ela é do grupo de risco, teve câncer recentemente. Isso mexeu muito com meu psicológico e depois desse episódio eu passei a ficar em casa direto. Fiquei muito angustiada, fiquei muito incomodada, ansiosa, não conseguia dormir, tive muitos pesadelos por causa disso, com medo de passar para alguém. Meu medo maior era passar para alguém, e nessa mesma época uma tia minha morreu de covid. E eu fiquei muito mal, muito mal. Falei com as pessoas do trabalho o que tinha acontecido, não rolou nenhuma comoção, mas para mim foi horrível, fiquei muito mal no início.

Esta profissional de TV mora com os pais e era a única pessoa que saía de casa diariamente, enquanto seus familiares cumpriam o isolamento. "Ao mesmo tempo em que eu penso que é meu trabalho, a profissão que eu escolhi, estar na rua é complicado, a gente se sente vulnerável. O início acho que foi o pior período em relação a essa ansiedade", ela desabafa, contando ainda que foi a campo todos os dias e que no início, nem máscara usava, hoje algo totalmente "impensável", nas suas palavras. A mesma angústia é compartilhada por esta outra jornalista de televisão, cujo pai integra o grupo de risco por ser idoso, fumante e hipertenso: "Eu falava pra ele: 'pai, você precisa ficar em casa'. E ele dizia: 'mas você está saindo'. E eu explicava que eu tinha que sair para trabalhar. Mas quando eu chego todo cuidado é pouco. Já trocar roupa no hall do apartamento, direto para o banheiro", declarou a jornalista.

"Eu brinco que eu não aguento mais escrever as palavras pandemia, covid - 19 e novo coronavírus", ouvi de uma repórter de TV aberta. Na emissora onde ela trabalha, há só dois repórteres. Entretanto um tem uma doença autoimune e está trabalhando de casa, então só ela segue indo a campo: "No início, como as pessoas também estavam com medo, não sabiam como fechar (matéria), muitas das

matérias que eu fechei, a gente recebia vídeo ou fazia ligação com o entrevistado, por Skype”.

O filho de um repórter de hard news nasceu logo no início da pandemia. Ele contou que ia trabalhar com muita dúvida “se o vírus era prejudicial para as crianças, se eu ia trazer o vírus aqui para casa, eu me senti sim desconfortável para trabalhar na rua”. O profissional relata que falava sobre os medos com outro repórter da emissora, cujo filho tinha nascido no dia seguinte:

Falávamos: "Não é muito absurdo não, a gente com filho em casa e ter risco de sair?" Mesmo assim não liberaram a gente não. A gente ia para a rua, de máscara, e aos poucos foram trocando as entrevistas na rua por entrevistas por skype. A gente ficou meio neurótico com isso, a gente que tem filho pequeno, pq mesmo assim tinha que fazer deslocamento de casa para a redação, sempre passando de 5 em 5 min o álcool gel, você sair de casa você imaginava que poderia pegar em qualquer lugar, a gente não sabia muito bem, e depois que a emissora deixou que a gente fizesse as entrevistas todas por skype, a situação acalmou um pouco e a gente ficou menos preocupado de ficar circulando na rua.

A exaustão foi tanta que um dos jornalistas ouvidos pensou em desistir da própria vida:

Houve muito estresse, teve uma época que a gente se perguntava "Meu Deus, o que está acontecendo com a gente?" Eu olhava para a janela e perguntava: "Meu Deus, será que eu pulo daqui?" Em abril foi o pico mais difícil, a gente indo pra rua todo dia. Eu tive que ir pra Volta Redonda fazer matéria, conversei com pessoas, e na volta a gente descobre que o motorista estava com covid e a gente estava com o motorista no carro. Quando eu descobri, eu entrei em pânico, eu liguei pra minha chefe, acho que eu chorei uns 40 minutos direto, e pra mim aquilo foi o auge. Eu fiquei afastado por 14 dias, e aquilo me afetou muito, a minha cabeça. Se me perguntar se eu tive pensamentos suicidas na pandemia, óbvio que eu tive. Eu assim como outras pessoas que fazem hardnews. Porque foi um momento de tanto estresse, você está convivendo com aquilo dia a dia. Quando você vê gente morrendo e está lidando com família que não pode enterrar seu ente querido, aquilo vai te angustiando.

Escalada do trabalho, home office e precarização da estrutura de trabalho

"O trabalho aumentou na pandemia, tanto em número de horas como na densidade do trabalho. Temos trabalhado mais”, declarou um repórter de jornal. Pelos relatos dos profissionais, entendemos que o acúmulo de estresse vinha não apenas do risco de contrair a doença ou de infectar algum familiar, mas também pelo acréscimo de trabalho no cotidiano. Como, em geral, os funcionários que

estavam em grupos de risco foram liberados de trabalhar nas redações, quem ficou teve que trabalhar multiplicado.

Você tinha que ir para a rua, tinha que fazer matéria, tinha dois, três repórteres afastados. Então você imagina com menos três? A galera que ficou, ficou totalmente sobrecarregada. Não reclamando, mas o trabalho triplicou. Saía, fazia duas, três matérias, entrava ao vivo... Quando chegava para apresentar o jornal eu perguntava: “Meu Deus, será que vai dar tempo?” E dava. Tinha que dar, né?

“Eu me peguei trabalhando todos os dias sem parar, somando cinco meses sem folga”, disse este repórter de rádio e TV, lembrando que, no começo, era difícil sair do carro da emissora para as pautas. “No começo ficou mais estressante, mais difícil, mudaram as relações, a redação ficou mais 80% em casa, coisa que ninguém nunca viu, e viu que é possível fazer de casa. A parte geral da nossa profissão mudou muito”, contou. O jornalista foi orientado a fazer um home office híbrido: trabalhava de casa, mas todos os dias seguia normalmente para as pautas em campo. Ele conta que isso foi motivo de grande estresse, uma vez que todos estavam confinados e havia um grande medo de que levasse o vírus para casa: “Ao mesmo tempo estava num trabalho extremamente importante porque ninguém sabia nada, nem a gente sabia o que a gente ia falar”, confessou.

Esta repórter de rádio explica que, depois que parou de trabalhar na rua e passou a atuar só de casa, o trabalho aumentou, ao passo que a infra-estrutura para fazer suas tarefas caiu bastante: “O trabalho aumentou horrores, porque a gente faz tudo daqui e falta estrutura. Ganhei uma hérnia de disco cervical por causa da falta de estrutura para trabalhar. Não tenho uma cadeira adequada, uma mesa com uma altura adequada, computador, mouse, teclado”. A profissional acrescentou ainda que, por estar atuando na apuração da parte da tarde, precisava entrar no ar a cada 15 ou 20 minutos, o que, além de gerar muita ansiedade por ter que ser uma nota nova e relevante, também a impedia de fazer deslocamentos pela própria casa, como ir ao banheiro ou fazer um intervalo para comer: “Para eu ir no banheiro às vezes é difícil, vou pegar uma água correndo e volto. Minha mãe fica: ‘o que é isso? O que está acontecendo? ‘Eu sinto que a pressão é muito grande”.

Vemos dois principais sentimentos envolvendo aqueles jornalistas que foram para casa trabalhar: por um lado, se sentiram mais seguros, com menor risco de contrair ou passar coronavírus. Mas por outro lado chamaram atenção para a falta de limites do trabalho remoto. Este jornalista que trabalha para dois veículos

de imprensa destaca que a pandemia lançou olhos nas discussões sobre o trabalho remoto, uma vez que, segundo ele, as empresas aproveitam para subestimar o home office, como se, de casa, o profissional não trabalhasse:

Aumentou muito o trabalho. Até bem pouco tempo atrás, trabalhar de casa envolvia até um certo preconceito, “tá na molezinha, tá de casa”, e eu acho que as pessoas dizem que se está em casa é porque está disponível. Se você estivesse na sua empresa, você teria uma hora de almoço, um intervalo para ir ao banheiro. E aí eu não falo só de mim, eu vejo as pessoas tendo que se tornar cada vez mais disponíveis, acessíveis, não importa a hora, não importa o dia porque está em casa, como se em casa você não tivesse afazeres e compromissos, e como se trabalhar de casa não fosse um trabalho completo, fosse um meio trabalho. Acabou que as empresas tiraram uma certa casquinha, uma certa vantagem dessa situação.

“Parte do princípio de que estou sempre à disposição”, me disse esse jornalista de internet sobre o trabalho remoto. E relatou ainda que houve não só aumento das demandas no home office como na intensidade do trabalho: “Tem dias que eu estou nesta mesa, estou almoçando, celular vibra uma, duas, três vezes, quando eu vejo estou enviando um documento, estou respondendo a uma pergunta, dando uma garfada ao mesmo tempo”. O repórter informou ainda que o nível de cobrança continuou alto: “Não foram poucos dias nesse período que eu trabalhei 12, 13 horas. Teve dias que eu me peguei falando com a minha mulher: ‘hoje foi tranquilo, foram só 2 horas extras’”.

Esta outra jornalista que atua em dois veículos tem um filho pequeno, e disse às suas chefias que não se sentia confortável em fazer matérias na rua. Para dar conta das suas tarefas de dois empregos, precisou contar com a ajuda da mãe em casa e das informações dos colegas que iam às ruas apurar: “Precisei contar com a ajuda de amigos que estavam na rua, a galera ajudou bastante; a galera se ajuda bastante, então dei sorte. Mas eu tenho mais trabalho, né? Eles acham que você fica disponível 24 horas por dia, e aí é o tempo todo”.

Um movimento de regularizar as horas de trabalho em casa surgiu neste jornal, que fechou a sucursal no Rio de Janeiro em 2016, mas mantém alguns repórteres no Rio, chamados de “correspondentes”. Mesmo antes da pandemia, os profissionais já trabalhavam de casa ou de um espaço de coworking, alugado pela empresa. A repórter conta que, como não há um espaço físico, fica até mais difícil lidar com o “excesso de liberdade”: “Então a gente sempre foi muito livre, muito solto, é até uma coisa que você tem que aprender a lidar”. Entretanto, antes da pandemia, os correspondentes poderiam ser acionados a qualquer hora para atender

as demandas do jornal. Quando o restante da redação em outros estados entrou em home office e sentiu na pele as agruras das demandas 24h/7, a primeira reivindicação dos funcionários foi exigir um registro de ponto, como conta a repórter:

Antes da pandemia, a gente nunca teve controle de ponto, não dava certo, porque não dá para controlar a hora que as coisas vão acontecendo. Até porque acontece muito da gente acordar, pior coisa, acordar com aquela mensagem de manhã: "vê isso para a gente", aí você já tinha toda sua manhã planejada. Isso acabou um pouco agora porque a gente está batendo ponto. Sim, por causa da pandemia. Como todo mundo ficou de home office, todo mundo começou a perceber como era a nossa vida aqui, e aí o pessoal passou a exigir o controle de ponto.

A falta de estrutura para trabalhar em casa também apareceu nos depoimentos dos jornalistas. Repórter de internet, este profissional conta que mora com a mãe e o padrasto, do grupo de risco por ser obeso, asmático e diabético, e que o acordo inicial no veículo onde trabalhava era todo mundo ficar em casa. Entretanto, ele não tinha computador e ficava muito difícil enviar longos textos pelo telefone. “Não se preocuparam em pedir um notebook para mim também por causa do meu perfil de ir sempre para a rua. Esse momento foi bem difícil porque estava muito precarizado mesmo”, ele descreve, afirmando que recebeu um computador para trabalhar um mês depois. O jornalista conta que, em alguns momentos, o trabalho ficou mais denso, e que ficou difícil separar trabalho e descanso, uma vez que ambos eram realizados no mesmo ambiente: o seu quarto.

Esta repórter de rádio conta que é de dentro do guarda-roupa que ela grava suas matérias, e que editar é um martírio:

Gravo dentro do guarda-roupa para gravar a matéria no meu celular e depois eu trago o meu computador, jogo aqui, abro os áudios no programa, que é uma bosta no meu computador, porque é um notebook, não é estruturado para ter um programa de edição. Aí demora 300 horas para fazer um corte... Olha, é muito estressante, fora que o acesso remoto é bem instável, depende do sinal da minha internet. Aí quando cai tem que esperar um tempão para abrir. Teve uma vez que a minha internet deu pau, roubaram o cabo da internet, e eu fiquei sem internet por três dias. Tive que ir para a rádio para trabalhar de lá. E a gente fica naquela coisa: "ah, meu Deus, é um problema que eu estou causando, que dor de cabeça". Eu tenho muita culpa.

Outro aspecto que apareceu em um dos depoimentos foi a discriminação na redação. Um repórter contou que seguiu indo para a rua todos os dias, até que teve um desentendimento com a pessoa com quem dividia apartamento e pediu para a redação para atuar apenas de home office:

Eu falei que não iria mais pra rua. Porque na verdade eles colocam alguns como bucha, sabe? Aí você diz que não tem racismo? Claro que tem racismo, por que o repórter negro vai fazer as piores coisas? Mas eu não comento nada, me finjo de besta... o que eu fiz, eles não mandariam outro repórter fazer. E aí eu vi que naquele momento eu estava sendo colocado em risco e disse que não iria mais, e eu fiquei um tempo sem ir pra rua.

Por outro lado, houve quem defendesse que o trabalho remoto evitou deslocamentos dispensáveis a partir da redação:

Uma coisa que eu espero que seja levado para o lado positivo do jornalismo, que é um deslocamento desnecessário em certas pautas. Já perdemos horas do nosso dia de trabalho nos deslocando para fazer coisas que poderiam ser feitas da redação, e eu me perguntava "o que estou fazendo nesse lugar?"

Uma queixa comum entre os jornalistas ouvidos é a falta de contato físico que a pandemia trouxe, tanto na rua, com os entrevistados, como com colegas de redação, como descreve esta repórter de rádio:

O que mais pegou para mim foram as consequências do isolamento, mais do que o medo da doença em si. E ainda sinto isso, porque ainda estamos em home office, e é um esquema que eu gostaria muito que acabasse porque a gente perdeu muito o olho no olho com a galera, e essa comunicação à distância eu não acho que seja a melhor possível. As mensagens não dizem tudo, não dão o tom da conversa. Então às vezes acontece falha de comunicação e mal entendidos entre as pessoas, principalmente porque todos estão no Whatsapp o tempo todo, as pessoas nem se ligam mais, não tem nem ligação pra discutir coisas necessárias do trabalho. Nunca houve nesse tempo toda uma reunião no Zoom com a equipe. Eu sinto falta, mas a gente nem tinha reunião presencial antes, a equipe é muito mal articulada. É um trabalho em equipe, porque não tem como fazer rádio sozinho, mas a gente se fala por mensagem, às vezes nem se fala, tudo meio que no automático, estou bem cansada disso, isso tem me feito mal em termos de saúde mental. Eu gostaria que voltasse a convivência, pelo menos a gente estava vendo a cara um do outro.

As entrevistas por vídeo-chamada também trouxeram um distanciamento maior com as fontes. Geralmente, de uma conversa antes de uma gravação entre repórter e entrevistado podem surgir ideias de novas pautas, além da formação de uma relação de confiança, o caminho para a construção de uma fonte. “Mudou ali o relacionamento com o entrevistado, porque nessa conversa que você tem antes da gente dar o REC na câmera, a gente conversa a respeito de muita coisa, né? E você se aproxima daquela fonte”, disse esta repórter de TV, contando que, pelo computador a entrevista fica bem mais direta: “Quando você está ali na câmera, bom pelo menos eu já ia direto no assunto, tinha mais outras 20 pessoas tendo que usar também o computador, então não dava para ficar ali”.

Esta outra repórter diz que sentiu muita falta de conversar e abraçar as pessoas na rua, “e eu me perguntava como ia contar histórias sem pessoas”, e que o cansaço mental era grande:

Durante a pandemia, trabalhamos muito, só que a pressão é muito mais psicológica. Porque eu gosto de conversar com as pessoas, senti muita falta de não poder abraçar as pessoas, não podia conversar com as pessoas (e eu me perguntava como ia contar história sem pessoas). Mas o estresse maior era psicológico porque caramba, onde eu botei a mão, será que lavei a mão, putz, botei a mão no cabelo. Chega em casa e tira a roupa inteira, etc. Então além de estar o tempo inteiro dando informação muito ruim, as pessoas morrendo, sem atendimento no hospital, você tem que cuidar da sua saúde, família vai perguntando tudo, então foi muito cansaço mental. Fiquei 4 meses sem ver os meus pais, período mais longo da vida. Fiquei aflita.

Além da medida de redução de salários e carga horária adotada por algumas empresas, alguns jornalistas também citaram o atraso de pagamento de “bônus” que algumas emissoras costumam pagar aos seus funcionários. E uma jornalista contou que a emissora de televisão onde trabalha cancelou o plano odontológico, mas o desconto continuava a ser feito no contracheque. “A gente só descobriu quando uma pessoa precisou usar o plano odontológico, foi lá, senão eles não iam avisar. Houve atrasos também no pagamento de benefícios, vale transporte, alimentação, refeição, tiveram atrasos mas foram pagos”, relatou. Ela contou ainda que houve demissões: “Tiveram muitas demissões. Desde o início da pandemia, devem ter rodado entre 30 e 60 pessoas em todos os setores”.

Infecções e perdas por covid-19

Uma parte dos nossos entrevistados, na ocasião da entrevista, já tinha sido infectado pelo coronavírus. E esta jornalista contratada como pessoa jurídica conta que teve covid logo no começo, e que se surpreendeu ao ter a notícia de que a emissora pagaria todos os dias não trabalhados. Ela conta que não foi fácil passar pela doença: “Senti medo quando tive falta de ar, mas estava sendo monitorada por uma médica e liguei pra ela na madrugada. Fui orientada a fazer inalação antes de ir pra emergência. Fiz, mas eu tinha medo de dormir”.

Os jornalistas também contaram que ficaram aflitos ao ver colegas e superiores contraírem a doença e, em alguns casos, morrerem de covid-19. Este repórter de TV perdeu dois colegas e algum tempo depois também foi diagnosticado com coronavírus:

Quando a gente viu a morte dos colegas, e eu consequentemente passando o que eu passei dentro de casa, ficando muito mal em casa, eu percebi que eu poderia ter morrido também. O médico que cuidou de mim e da minha mãe morreu de covid. Eu me recuperei, e ele morreu. Isso também foi muito preocupante.

“Tive um colega muito próximo, meu auxiliar, que ele ficou muito mal. Ele ficou 3 meses internado, e quase morreu. Teve um momento que a gente achou que ele ia acabar morrendo, e isso abalou muito todo mundo, ficou todo mundo mais nervoso”, conta esta profissional de televisão, afirmando que todos em volta se sentiram muito vulneráveis.

Uma morte por infarto de um cinegrafista de cerca de 50 anos em uma emissora de TV mexeu muito com uma jornalista ouvida nesta pesquisa. Ela conta que houve um aumento de tensão e ansiedade por causa dos rumores de demissões, e que o cinegrafista estava apreensivo em relação a isso. E foi um infarto fulminante no dia em que as demissões aconteceram, dia que ela considera como um dos mais difíceis:

Então olha a situação que a gente fica. A gente tá no meio de uma pandemia, a gente tá tendo que trabalhar todos os dias com todo o risco que isso envolve... Você tem todo aquele medo de ser contaminado, de contaminar alguém da sua família, aí você tem a incerteza provocada pela crise econômica, devido ao isolamento social e além disso tudo você perde pessoas ao seu redor por causa da doença ou de outras questões mas que acaba não deixam de ser ligadas a doença. Porque eu acredito que essa morte do cinegrafista não foi pelo coronavírus, mas foi uma morte por causa dessa pandemia, por causa dessa crise.

Violência no trabalho

Neste ponto da entrevista, os jornalistas foram abordados sobre o que consideravam ser uma violência no trabalho. A pergunta era: “Se eu falar em “violência no trabalho”, o que vem na sua cabeça? E a partir daí poderíamos conversar e abrir caminhos baseados na experiência de cada um. Este foi um dos assuntos mais sensíveis das nossas conversas, porque envolvia a ambiguidade da confiança que sentiam ao compartilhar comigo determinadas situações e ao mesmo tempo um medo natural que é gerado ao tocar neste tipo de questão. Todos os 21 jornalistas afirmaram sofrer ou já ter sofrido algum tipo de agressão no exercício da sua profissão. Os pontos principais citados pelos profissionais foram:

1. Assédio moral
2. Violência por parte do público (xingamentos, agressões físicas)
3. Violência da cidade

Assédio moral

“Me vem mais na cabeça uma coisa relacionada a uma comunicação violenta da chefia, por exemplo. Me vem o abuso psicológico e moral”, nos contou esta repórter de jornal. Uma jornalista de rádio diz: “A primeira coisa que me vem à cabeça é assédio moral, que eu considero um tipo de violência.”. É impressionante a pouca ou nenhuma responsabilização dos atos de violência que acontecem dentro de uma redação de notícias. Ao longo de conversas dolorosas, ressentidas e com certo grau de constrangimento, fomos ouvindo os jornalistas e suas experiências com superiores cruéis. Certos nomes, que aqui serão preservados para assim também protegermos nossos entrevistados, aparecem diversas vezes ao longo dos depoimentos. São “chefes” que ainda comandam redações, e seguem, num círculo vicioso, cometendo os mesmos crimes diversas vezes, dada a alta rotatividade de certas camadas das empresas de mídia.

Duas jornalistas lembraram as atitudes de um chefe de redação que tinha aversão a mulheres, e que hoje atua em São Paulo. Esta repórter conta que ele se descontrolava ao falar com as profissionais:

Chefe misógino ao extremo. Ele era uma pessoa que não brigava com repórter homem, mas por qualquer razão enfrentava uma repórter mulher dentro da redação. Ele era bastante agressivo. A colega ficou grávida, e ele se emputecia (sic) com isso. Ele dizia: "Agora tenho uma repórter grávida que não posso mandar pra favela com colete. Então não quer ser repórter, não seja". Ele a tratava muito mal.

Ela acrescenta contando que este superior costumava gritar muito com ela na redação, e que ela respondia com uma postura combativa:

Uma das últimas discussões que a gente teve foi tão grave, tão grave, que ele colocou o dedo no meu nariz e me empurrou até a parede. Ele foi gritando com o dedo no meu nariz até eu encostar no vidro, e ele gritando. E eu disse: "Eu só espero que você perca o controle e me dê um tapa na cara porque tem uma câmera ali". Eu apontei pra câmera. Ali ele se assustou e recuou, mas a gritaria foi tão grande que o jurídico foi atrás de mim no banheiro. Eu fui chorando até o banheiro, aí o pessoal do jurídico ouviu e foi atrás de mim no banheiro. E eu falei: "Esse cara é um monstro, ele humilha as pessoas, ele diminui as pessoas, ele diz que ninguém presta, que ninguém sabe escrever, que a gente é burra, que a gente é preguiçosa.

E, para além deste depoimento impactante, a repórter pediu demissão, com 10 anos neste emprego, por causa deste gestor. Tanto ela como outra jornalista que foi subordinada a este mesmo superior, contaram que ele agia de maneira totalmente diferente com os homens. “Era extremamente machista. A gente percebia a diferença de como ele tratava mulheres e homens. Ele debochava, dizia que éramos feministas. Quando tinha qualquer problema com mulheres, o tom de voz era muito mais alto”, contou a outra profissional, afirmando que, com os homens, era diferente: “Tudo no diminutivo, num tom de voz mais baixo. Com as mulheres ele dizia que a gente estava de TPM. Ele chegou a uma vez, depois de tanto berrar e gritar, a quase pressionar uma repórter contra a parede. Ele estava louco”. Ela relatou ainda que ele chegou a ser denunciado por elas à direção da emissora. Entretanto, não houve qualquer retorno em relação a isso.

É chocante saber que, de uma amostra de 21 jornalistas, os traumas de três deles estão relacionados a um único chefe. São três mulheres jornalistas que têm histórias de ameaças e constrangimentos ligados a um superior. Esta jornalista revela que poderia citar uma lista de atitudes violentas:

Já passei por situações de chantagem descarada, tipo: "Eu que botei você aqui, você tem que fazer do jeito que eu quero. Olha, acabei de demitir fulana, o que você quer?" Uma vez eu passei por uma trainee que tinha acabado de ser demitida, ela saiu da sala do chefe chorando e ele olhou pra mim e disse: "Tá vendo? Demiti ela. Mas eu não vou te demitir hoje não". São vários episódios. Foi por pouco que eu não fui ao RH denunciar ele. Me sinto covarde, mas eu precisava do emprego, né? Eu não trabalho por hobby.

Ela conta que considera violência “se sentir chantageado, ou na obrigação de fazer algo que nem é sua obrigação por medo de ficar mal visto, ou de repente perder uma oportunidade no futuro”. Ela conta que, após seis anos na rádio onde trabalha, não tem coragem de dizer que não pode fazer alguma coisa. Não consegue “dizer não para coisas do tipo caçarem sua folga de véspera com aquele tom de ‘você pode fazer amanhã?’”. E acrescenta: “E você tem que poder né? Às vezes eu até nem posso, mas dou um jeito, e faço. Eu vejo isso também com outros colegas. Eu só penso em assédio moral”.

Outra repórter da mesma rádio conta um tipo de violência que sofria do mesmo superior. Ela conta que se sentia acuada porque ele prestava atenção em tudo que ela fazia e sempre ia até ela para dizer: “Acho que não está legal”. E mais

nada, nenhuma orientação sobre como aquilo poderia ficar melhor. Era, na opinião da jornalista, uma perseguição:

Teve uma época que isso acontecia todos os dias. Uma mensagem diferente tipo "não está legal assim". E eu sei que não são erros, a pessoa acha que é melhor assim ou assado. Isso me fez muito mal. Isso me fez sentir perseguida, achei que era a próxima da lista a ser riscada. Fiquei cheia de dedos, não consegui impor o que eu acho. Também já aconteceu de eu chegar ao meu superior e a pessoa me ignorar totalmente, e mandar um "SHHH", pra mim, tipo: "Estou ocupado, shhh". Eu não acho que isso seja normal, isso mexe muito com o psicológico da pessoa que é respondida dessa forma, se sentir menor, diminuída.

Esta jornalista já não trabalha mais no veículo onde sofreu assédio moral. Mesmo assim, as memórias do que sofreu seguem latentes na resposta sobre a violência no trabalho. “Primeiro, a relação desumana que se tem dentro de uma redação. De você estar ali há não sei quantos dias se dedicando, saindo tarde por motivos diferentes e você só ouvir aporrinhção”, ela descreve a relação que considera complicada entre repórter e chefe. E revela um comportamento semelhante ao relatado pela jornalista anterior: “A pessoa vir reclamar da tua matéria lá de longe, vir falando alto, te expondo na redação... E nem sempre a pessoa está certa, mas é uma relação baixa, e isso é muito agressivo”. Ela conta que hoje, como trabalha em home office, sente que existe uma distância maior: “Há uma barreira que não é quebrada. Mas na rádio era uma sensação ruim, era escrota a exposição que eles faziam a gente passar”.

Uma quarta jornalista, que também atuou na mesma rádio, declarou que o clima hostil estava fazendo com que ela ficasse doente:

Quando você está numa empresa num ambiente ruim, psicologicamente você começa a adoecer. Eu estava num processo de adoecimento. Eu até pensei em abandonar o jornalismo, pensei: "Não quero mais. Quero fazer curso de fotografia, entrei no curso de fotografia, comecei a fazer, e por insistência de uma amiga acabei enviando um currículo, e a empresa atual me ligou três vezes para me contratar porque eu não queria mais trabalhar com jornalismo. Estava cansada. Era o estresse do trabalho, a rua estava perigosa, as pessoas com raiva, eu não estava num clima bom no trabalho, não queria mais. E queria abandonar tudo. Não achava normal, natural, ter um clima daquele de trabalho.

Um outro gestor também aparece em dois depoimentos sobre violência no ambiente de trabalho. Uma repórter diz: “Primeiro vem a imagem do meu chefe zoando as pessoas que têm filhos”. Ela conta que era época de carnaval, e que dois repórteres iriam precisar sair da escala de plantão porque seus filhos iriam nascer naquela semana, e que o superior mandou suspender todas as folgas dos que ficaram

porque “ninguém mandou ter filho”. A jornalista relatou que até houve um pedido por parte de uma repórter, e que ele, numa reação que ela considerou de violência explícita, respondeu: “Quem mandou fazer filho? Não mandei, quem fez filho foi você”.

Outro repórter da mesma emissora diz que não chega a chamar de assédio moral, mas afirma que leva broncas que carrega consigo por dias:

Ele dá uns esporros meio desconcertantes, sabe? Esporros que você leva para casa e que depois você fica mastigando aquilo, especialmente se você for ansioso, e você fica tentando pensar no que fazer para melhorar sua performance outro dia. Então eu quando erro, ou quando não vou muito bem, ainda que eu não seja chamado atenção, eu fico me martirizando, sabe? Fico pensando "que droga". Eu fico sofrendo até que as próximas vezes eu vá bem e apague aquilo.

Situações de desencorajamento, humilhação e ameaças diretas ou indiretas se repetem nos depoimentos dos jornalistas. “Violência é quando um chefe age com você com todo tipo de abuso, abuso moral, para te desqualificar, pra não te dar valor, pra te menosprezar... eu já vivi isso”, declarou este repórter de televisão. Ele conta que já foi humilhado na redação por chefes que, segundo ele, não conhecem o trabalho nas ruas. “Tenta tirar tua moral, te esculachar na frente de todo mundo, e sendo você o certo e você ter que abaixar a cabeça?”. Outro repórter de TV diz: “A gente tinha um chefe que falava que estava tudo uma merda”. Um relato de desrespeito vem deste repórter de internet: “Muita humilhação, de ouvir ‘você nunca vai ser. Você não tem sangue jornalístico, nunca vai ser jornalista porque não tem competência para isso’”. Já este jornalista de internet, que cobre política há 8 anos, conta o que ouviu lá no início da trajetória: “Sofri assédio moral, cheguei a ouvir que eu não tinha perfil para cobrir política. Isso foi uma coisa que me deixou muito mal, já não era novato, e ouvi isso de uma pessoa que nunca cobriu política. É muito duro ouvir isso de alguém”. Esta repórter de internet conta que, quando atuava na produção, a chefia chegava a dizer que se a pauta do repórter de rede não estivesse pronta, ninguém ia sair da emissora:

Acontece várias vezes de eu chorar em casa. Olha, quantas vezes eu não saí da produção às 23h chorando porque tinha que encontrar o personagem perfeito e sem ele não tinha matéria. Então eu entrava em desespero porque eu botava na minha cabeça que eu tinha que conseguir. Mas como eu sofro calada, eu passava mal de nervoso, eu guardava pra mim, e quando eu chegava em casa, eu desabava, me perguntando como uma pessoa poderia tratar a outra assim: “Tem que estar OK, tem que ter o personagem”.

Ela conta ainda que desenvolveu uma gastrite por causa dessas situações. “Dentro do ambiente de trabalho, para alguém elogiar é raríssimo. Agora, para te criticar, você dá uma escorregada e já escuta absurdos. Já fui esculhambada”, contou a jornalista.

Em uma redação, a maior parte das regras de “como fazer” não estão escritas em nenhum lugar. É um fazer que se aprende com os colegas, com os superiores e que cada um delinea com a prática. Este cenário acaba deixando uma brecha para o “não dito”, o “velado”, o que parece estar nas entrelinhas. As regras subentendidas parecem flutuar entre os profissionais, que ficam intimidados em determinadas situações, com o que em tese poderiam ou não fazer, o que já estaria ou não “pré-desautorizado”. Essa situação, aliada a um clima de incertezas envolvendo a profissão, cria uma tensão, que pode eventualmente ser usada intencionalmente pelos gestores da empresa. Quando usamos o termo “ameaças veladas”, todos os jornalistas sabem dizer o que significa. Sabem dizer o que gira em torno disso. “São assédios, maneiras grosseiras de se falar, ameaças veladas, coisas subjetivas que são tipo: ‘você pode fazer o plantão amanhã?’ E como você diz que não pode? Todo mundo já viveu isso, mas são coisas que a gente vai lidando”, conta este repórter de internet.

Uma repórter de televisão conta que trabalhava em uma emissora onde o noticiário é basicamente policial, e que ela se via obrigada a entrar em favelas nas coberturas, com a pressão dos superiores: “Tipo: ‘ah, sabe como é que é, fulana vai’”. E descreve uma situação de assédio quando teve medo de entrar em uma favela:

Um dia eu estava com muito medo de subir na Rocinha. Tinha um tiroteio muito intenso, a gente chegou mais tarde, atrasado. Os policiais já estavam no alto, e eu disse para a redação que não dava para subir a Rocinha e procurar onde os policiais estavam. Ainda mais que eles estavam atirando para a autoestrada, e a gente já tinha que se esconder atrás do caveirão. E tinha um motolink nosso lá, e eu consegui narrar em cima das imagens dele. E quando cheguei na redação, ouvi de uma ex-chefe de reportagem: “Não subiu né? Ficou com medinho”. Eu não sou de fazer essas coisas não, mas Gabi, eu comecei a gritar com a mulher: “Como assim que eu não subo? Eu estou nesta merda deste horário todo santo dia. Todo dia faço operação. Sabe por quê eu não subi? Porque me mandaram tarde, com a polícia já lá em cima, como é que eu ia subir?” [...] Isso foi um baita de um assédio moral. E lá veladamente tinha um pouco disso.

Violência do público

A polarização política pela qual passa o país traz à tona dos assuntos ligados à violência no trabalho uma opinião que é regular entre os entrevistados: aumentaram as agressões contra jornalistas que atuam em campo. “A marca dessa pandemia é a violência na rua. As pessoas ficaram mais enfurecidas, raivosas, principalmente aquelas que não acreditavam na força do vírus”, descreveu este repórter. Como ele atua em dois veículos de imprensa com linhas editoriais diferentes, conta que vive os dois mundos. Em um deles, apoiadores do governo chegam próximo, tiram fotos, e dizem coisas como “até que enfim um veículo para confiar”. Por outro lado, os seus plantões do outro lado da linha editorial são bem diferentes, cheios de ameaças: “Xingam, tentam desconcentrar as entradas ao vivo, ameaçam (dizendo): ‘você é um vendido, é pago pra falar aquilo’. Foram momentos tensos entre o começo e o pico da pandemia, onde havia muitas perguntas e poucas respostas”.

Esta repórter de televisão também vê na polarização política uma escalada para a violência: “A gente está escutando coisas horrorosas na rua. Eu fiquei um mês fazendo vivos e entrevistas só na emissora, a gente não tinha segurança pra fazer ao vivo nem na padaria em frente”. E conta que, ao voltar a ir a campo, sentiu medo:

Primeiro com medo dessas agressões verbais, com medo de miliciano apontar uma arma para a minha cabeça. Criei essa neurose de sair na rua, fora todo o medo da pessoa tossir em cima de você, espirrar em cima de você. Hoje você para pra fazer um vivo, o cara já vai gritando “fora, Bolsonaro”, ou “mito” ou “globolixo”, então isso é uma coisa que me deixa com medo e tensa.

Os jornalistas contam que o aumento de ataques contra a imprensa veio numa subida desde as manifestações em 2013 contra o aumento das passagens de ônibus e atingiu seu pico depois da eleição do presidente Jair Bolsonaro, em 2018. “No dia da eleição, ouvimos de uns apoiadores dele que a gente ia passar fome, ia morrer, porque quando o Bolsonaro assumisse a gente não ia ter mais emprego de jornalista. Foi bem hostil. São intimidações”. Uma repórter de TV aberta fala sobre uma situação de constrangimento pela qual passou:

Agora, com o Bolsonaro, que critica muito a imprensa, a coisa ficou muito mais intensa. Eu estava gravando uma matéria em Copacabana sobre número de idosos, alguma coisa assim. Eu estava pronta para gravar uma passagem quando chegou

um casal e perguntou: “Você é da onde?”. Aí primeiro eu finjo que não escuto, que não é comigo, tento ignorar. Aí eles: “Você é da onde?”. Aí eu: “Oi, falou comigo? Sou da empresa X”. E eles me disseram “Ah tá, você pode, se fosse da Globo não poderia”. Como se a rua fosse dele. Então a gente sempre fica apreensivo.

Ela conta ainda uma situação na qual os repórteres estavam todos concentrados cobrindo um factual em frente à Superintendência da Polícia Federal, no Centro do Rio, quando um grupo de pessoas se aproximou causando imensa apreensão: “A gente se olhou, os jornalistas ficaram tipo: ‘Vamos nos preparar porque a gente não sabe o que vai acontecer aqui, quem eles são, o que eles querem’. E de fato não era nada, eram curiosos só passando”. E acredita que o repórter está preocupado em reproduzir os fatos, enquanto as pessoas entendem que a culpa é do profissional: “Se a sua empresa está de um lado, você como repórter não tem nada a ver com isso. Ninguém sabe a sua opinião, sua ideologia. Só que as pessoas acham que você é culpada, enquanto você está ali dizendo o que é real”.

Esta jornalista descreve o incômodo de entrevistar o presidente Jair Bolsonaro. “Falta respeito, no sentido de um limiar mesmo de civilidade entre o jornalista e a situação das autoridades. Hoje um presidente chama a gente de bundão no meio do trabalho”, conta ela, que certa vez, entrevistava Bolsonaro no Rio de Janeiro e a cada pergunta que fazia, o presidente, segundo ela, “jogava para a galera”, ou seja, estimulava seus apoiadores a se manifestar sobre a pergunta, o que praticamente significa colocar os apoiadores contra a repórter.

O povo gritando, olhando para a minha cara. Uma situação super tensa. Eu fazendo perguntas incômodas, e ele respondendo de maneira grosseira, ríspida e todo mundo gritando em volta. Não tem como dizer que não seja violência. É agressivo, você está num clima de tensão, você não sabe o que vai acontecer. Você não se sente livre para realizar o seu trabalho. É um ambiente que você faz a pergunta de acordo com o que você acha que não será agredido. É bem complicado.

A profissional relata ainda que este tipo de intimidação pode acontecer em interferências de assessorias de imprensa nas redações também. “A gente faz matéria, assessoria não gosta, e vem em cima da gente mandando email para o chefe da redação, reclamando. Já passei várias vezes por esse tipo de situação. Isso envolve pressão”, descreve.

Esta outra jornalista televisiva diz que é grande a frequência dos xingamentos nas ruas: “A gente é xingado, às vezes sem ter culpa, sem nem saber de nada. Você está representando a sua empresa e você acaba sendo constrangido ali por algum xingamento, isso aumentou muito”. Um profissional de jornal opinou

que tanta agressividade vem de uma legitimação por parte do próprio governo: “O cara olha seu crachá das organizações Globo e grita “globalixo!”, ele se acha no direito de gritar com você”.

Segundo os relatos dos profissionais, a agressividade é ainda maior quando são repórteres ligados ao Grupo Globo que estão envolvidos, como conta este profissional do grupo.

Fizemos entradas ao vivo da frente da Globo e também de dentro da emissora porque no mesmo momento que a gente tinha que fazer skype, houve um aumento de agressividade a jornalistas da Globo porque os negacionistas, a turma do Bolsonaro, forçavam que as pessoas fossem às ruas, atacavam quem divulgava notícia. Então a gente passou a ser mais agredido, mais ainda naquele momento. Agressão física nem tanto, às vezes sim, entravam na frente da câmera, tentando abaixar o microfone, em algumas situações até com os repórteres ao vivo.

O repórter conta que, se ficasse parado com o microfone na rua, era certo que seria agredido, por isso todas as equipes da emissora passaram a andar sempre, para a pauta mais simples que fosse, com seguranças.

É essa exposição num país que estava muito dividido depois da eleição do Bolsonaro. A gente veio de 2 anos de muito extremos, de muito ódio entre direita e esquerda que refletia na gente. A gente não sabe o que é, porque quem é fã do PT diz que a gente ajudou a derrubar a Dilma, e quem é fã do Bolsonaro diz que a gente é de esquerda, então fico na dúvida, mas não sei o que sou. Mas a gente fica no meio atacado pelos dois. Isso também ajudou a gente a ficar bem apreensivos de trabalhar na rua, e isso também foi parte do cenário da pandemia exclusivamente aqui no Brasil e principalmente para jornalistas da Globo. A gente saía na rua olhando para todos os lados, principalmente na hora dos vivos, se alguém ia atrapalhar a gente. Foi bem tenso.

O repórter conta que passou “uma situação desesperadora”. Ao cobrir, em 2017, uma greve de policiais militares, ele conta que estava apurando à paisana em um dos quartéis, e estava sozinho: os seguranças e o cinegrafista estavam dentro do carro. Ao se aproximar do que parecia uma confusão, o repórter foi buscar informações junto a um morador, que o questionou se ele era da imprensa. Diante da afirmativa, o morador avisou que era melhor ele se afastar, pois “tinham acabado de bater numa repórter de uma afiliada da Globo”. O jornalista então ia se afastar, quando foi abordado:

Me perguntaram "Você é da onde? Você quer o que aqui?". E eu: "Não sou de nenhum lugar não". Aí começou uma confusão e todos vieram em cima de mim, e eu fiquei contra um muro, com as costas no muro. Aí os seguranças saíram do carro nessa hora e começaram a apaziguar: "Calma aí, gente, deixa o cara". Ninguém chegou a encostar em mim, mas todos queriam saber da onde eu era, e aí

começaram a me xingar. E eu pensava que bastava um começar a me agredir que já era pra mim. Não sabia o que eu ia fazer, se era melhor falar ou não que eu era jornalista. Aí eu estava com um papel no bolso, e esse papel era a pauta [...] Então um dos 50 caras, colocou a mão no meu bolso de trás da calça e pegou esse papel: "que papel é esse? Pega o papel do bolso dele". Eu segurei o papel e nesse momento um deles colocou a mão no meu pescoço, para me forçar a soltar o papel. Mas o cara botou a mão certinho assim, policial, né? E começou a apertar. Quando eu vi que ia ser um problema, eu soltei o papel. Quando eu soltei o papel, foram todos ver o que tinha no papel, e eu saí andando. Eles acharam, Gabi, que eu não era jornalista, e sim que eu era um x9 que estava anotando o nome de todos os policiais para denunciar para a corregedoria [...] Quando eles viram que não tinha nada, eu pude andar, andei apressado para o carro e fui embora. Mas foi traumático.

A violência por parte do público parece afetar grande parte da nossa amostra. Esta repórter de rádio diz que acontece de ser xingada na rua e que isso lhe afeta muito: "Dá uma raivinha, um sentimento ruim, principalmente se for uma autoridade jogar uma piadinha para mim. Já aconteceu várias vezes e eu fico bem chateada". Este outro jornalista de rádio se irrita com este tipo de violência, que acontece, na maioria das vezes, por parte de homens mais velhos: "Me incomoda, me absorve o episódio Globo porque se eu estou numa pauta, sempre tem um repórter da Globo, e isso me estressa muito porque a Globo é muito achacada. Isso atrapalha a gente, gritam o tempo todo". Esta profissional desabafa:

Globolixo é o que há de mais light hoje em dia, bando de mentiroso, carniceiro, é nesse nível. Me dói porque eu não estou lá pra contar historinha não. A população brasileira não conhece o processo de fazer jornalismo, de apurar os fatos, de ouvir pessoas, sempre ouvir os dois lados, de estar embasado em documentos. A gente não acusa ninguém sem ter um documento. É um movimento muito preocupante de ataque à imprensa oficial, as pessoas acham que o Whatsapp informa melhor do que muita coisa. Eu já fui xingada de tudo. Especialmente em situações delicadas, tipo enterro, as pessoas dizem "lá vem esses abutres", aí já tem gente empurrando cinegrafista. Está bem difícil.

A profissional de TV descreve que sofre com este tipo de violência do público, porque houve um caminho difícil de se percorrer até se chegar a ser repórter de uma grande emissora: "Não é uma carreira simples, é disputadíssima, a gente se dedica demais, você não fala não pra chefe, aí vem alguém e menospreza seu trabalho. Eu realmente fico mal. Já chorei dentro do carro, sozinha". E conta ainda que se dedica muito a esta profissão que considera ser nobre. "Eu achava que eu fazendo jornalismo eu ia fazer justiça, eu achava que a gente ia mudar a vida das pessoas, que eu ia denunciar políticos corruptos e que tudo ia ser lindo".

Em um dos relatos, este repórter de televisão diz ter perdido a cabeça, quando foi hostilizado, e após a confusão foi pedir à sua chefe para tirar férias:

“Estava no BRT e o cara me chamou de ‘viado de merda’ e eu disse: ‘vem para mão então’. Eu quis subir no ônibus. Você está entendendo? Na porta entreaberta. Aí a segurança me puxou, me disse: ‘Calma’”.

Um dos profissionais argumentou que a falta de transparência editorial poderia estar ligada à violência do público: “O que eu acho que falta é a maioria das empresas de comunicação deixar claro que linha editorial vai seguir. Isto é feito de forma subliminar, e dá margem para discussões sobre se a informação é verídica ou se o veículo é comprado”.

Violência da cidade

Um dos principais medos que rondam os repórteres do Rio de Janeiro é a insegurança de trabalhar na rua. O medo de ser assaltado, de levar um tiro, entre outros medos que envolvem viver numa cidade violenta. Até porque muitos deles já têm uma experiência pessoal e até profissional neste tema.

Conversamos com um repórter de televisão que trabalhava na madrugada, e ao perguntar sobre o que lhe vinha à mente se falássemos sobre violência no trabalho, ele respondeu sem hesitar:

Vem hostilidade e o risco de tomar um tiro. A rua está muito hostil, mas o que eu tinha enquanto trabalhava à noite era um medo de morrer mesmo. Medo de tomar um tiro. Fui fazer uma matéria de uma baleada em Niterói, e quando estávamos voltando no carro da reportagem, depois do parente da vítima ter querido me enfiar a porrada, é sempre assim comigo, pára um carro com uma moto com duas pessoas armadas. Elas apontaram a arma pro carro, aí ficou uma situação de um olhando para o outro, e eles foram embora. Era meu terceiro dia na reportagem. Meu mundo parou. Durante a madrugada, eu me sentia seguro de andar no carro blindado, mas dirigir meu carro à noite me deixava preocupado.

“A primeira coisa que vem na minha cabeça é a questão da segurança. Não sei te dizer se numericamente o Rio de Janeiro é o estado onde há mais violência contra jornalistas, mas eu tenho impressão de que os repórteres do Rio são os que mais se preocupam com isso”, diz este outro repórter de TV. Com 25 anos de experiência no jornalismo, este profissional lembra que era comum o jornalista ir junto com os policiais numa incursão em favelas e nem passava pela cabeça dos profissionais um risco à sua integridade física. Jornalista não era alvo de ataques a tiros ou de assaltos por parte dos bandidos. O repórter identifica o assassinato do jornalista Tim Lopes como um divisor de águas em relação à violência contra jornalistas. Em 2002, Tim Lopes foi torturado e executado por traficantes da Vila

Cruzeiro, na Zona Norte do Rio, enquanto fazia uma reportagem investigativa sobre abuso de menores e tráfico de drogas na favela.

A gente estava na rua, quantas vezes a gente já viu episódios de bondes passando e ninguém nunca sequer tentou levar o carro de reportagem. E depois do que aconteceu com Tim Lopes tudo mudou. A gente já viu carro de reportagem ser levado, roubaram câmera de reportagem, roubaram motolink, equipamento... Foi desde aquele momento da morte do Tim Lopes, da TV Globo. Aquela momento foi divisor de águas onde nós também passamos a entrar na mira daqueles criminosos, porque antigamente, os próprios bandidos não atacariam uma viatura da polícia. Só se houvesse confronto na comunidade, mas vir para a rua para atacar, isso não acontecia. Mas depois da morte do Tim Lopes eles começaram a atacar a polícia na rua, começaram a atacar jornalistas, começaram a ameaçar a gente.

Em 2015, este repórter de internet estava preparando uma reportagem sobre moradia no Complexo do Alemão, quando um confronto começou. Ao tentar deixar a comunidade, foi abordado por bandidos que o mantiveram em cárcere privado por cerca de 40 minutos, até que foi liberado com a ajuda de moradores e a chegada da polícia. Ele levou socos e coronhadas. “Eu passei por um episódio muito marcante para mim que foi no Complexo do Alemão. Esse foi o episódio mais dramático que eu já passei, nunca passei por nada parecido. Foi muito desgastante e bizarro”, contou, já encerrando o assunto. A mãe de uma repórter de TV aberta já sofreu um sequestro, por isso ela conta que ficou com traumas e medo quando está gravando na rua: “No Rio de Janeiro não dá pra gente ter paz um dia, qualquer hora e lugar é muito perigoso. Dá um medo não saber o que vai acontecer. É você e o cinegrafista, então você está gravando, você olha a sua volta, mais ou menos, mas tudo pode acontecer”.

Outra repórter também relembra da época em que a imprensa era considerada: “Violência da rua aumentou muito. Antigamente a imprensa era tratada com respeito. Agora isso acabou. Tenho medo também de tiroteio, que é algo que eu não me habituo. Evito pegar celular na rua, ando sempre atenta, os vidros do carro sempre fechados”. As estratégias para se prevenir da violência são relatadas de maneira muito natural pelos profissionais, como olhar sempre em volta, não deixar equipamentos expostos, manter vidros do carro fechados, etc. Um jornalista de televisão, habituado a fazer matérias sobre milícias, conta que fica receoso: “Isso preocupa. Na Rocinha, a gente ouviu um barulho de tiro e vimos que bateu uma cápsula do nosso lado. A gente entrou pra dentro da delegacia. Eu tento

não dar mole, não posto nada da minha casa, da minha varanda para evitar identificar onde eu moro”.

Esta jornalista de um canal de notícias trabalha sozinha. Na sua rotina, além dos objetos pessoais, ela leva equipamentos da emissora, como tripé, celular, microfone, e uma mochila com o aparelho para fazer as entradas ao vivo. Ela relata que uma colega havia sido assaltada há pouco tempo: “Passou um cara, ela achou que era um pedinte, e o cara puxou uma faca. E eles levaram o telefone dela e estava ao vivo, então mostrou tudo”. E conta que depois do episódio, a empresa deu novas determinações de que as entradas ao vivo não poderiam ser feitas em locais abertos. Entretanto, as regras não duraram muito tempo: “No dia a dia da rua não dá. Tinha uma prioridade das equipes completas irem para a rua aberta e a gente fazer em local fechado. Mas na vida real não é assim. E hoje em dia eu tenho medo”. A jornalista relatou um pouco de suas entradas ao vivo, que às vezes envolvem as operações de três celulares, o que pode chamar a atenção de bandidos:

A gente usa dois celulares da TV. Às vezes eu fecho o retorno nos dois celulares para fazer uma movimentação de câmera sozinha. Poxa, às vezes quero mostrar a movimentação na praia e não dá porque estou sozinha. Então eu mesma mudo de câmera para fazer essa movimentação. Subo o sinal dos dois telefones, e uso o meu para fazer o outro retorno, e também para fazer alguma anotação. Teve uns dias aí, fui fazer um link no Arpodador, e vi um cara me olhando. Fiz o primeiro link e vi que o cara estava me olhando. Aí o segurança que fica na cancela do Arpodador me disse: “você não reparou que tem três caras te olhando?” E eu disse: “só vi um”. E ele: “São três e eles sempre agem em conjunto. Se eu fosse você não ficava aqui não”. Aí eu avisei a coordenação que ia desmontar, que tinham três pessoas observando o equipamento e que eu ia para a outra marcação. Imediatamente eles me deram respaldo. Então eu tenho medo.

Outras violências

Neste subtópico trago uma diversidade de histórias de agressões contadas pelos jornalistas ouvidos. Ser obrigado a escrever sobre algo que não apurou ou colocar viés em alguma reportagem é algo que é, via de regra, violência nos níveis mais altos para um bom jornalista.

Já fiz matérias forçado. Já trabalhei num jornal bancado pelo governo do Estado, e já me pediram recos (reportagens recomendadas, ou seja, demandadas pelos superiores, mesmo não sendo consideradas notícias pelo senso comum dos jornalistas) absurdas que eu fiz. Fui obrigado a fazer matéria, enquanto era estagiário, da inauguração de uma UPA que nunca inaugurou. Isso é uma agressão para um jornalista. Tive um furo de reportagem, na semana do segundo turno do

Luiz Fernando Pezão em 2014, e eu tive que ouvir de um chefe de reportagem: "Na semana da eleição tu quer foder com a minha vida". Isso era uma apuração minha de um mês e meio, e o cara me respondeu assim, de maneira muito aberta.

Esta repórter de TV diz que tem crises de ansiedade e de choro quando tem que fazer uma matéria de uma maneira que não considera ética, e que desabafa com o marido: "Eu mandando mensagem para ele falando: "Cara, não aguento mais isso. Isso está errado, não se faz". Você precisa desabafar com alguém, é o máximo que eu posso fazer. Isso para mim é uma violência". Ela conta que, no dia anterior a nossa entrevista, havia passado por uma situação que considerou violenta:

Eu estava fazendo um vt ontem sobre o São Carlos e aí a TV Globo veio com um vídeo, como sempre a TV Globo tem uma apuração foda, tem fontes, e eles conseguiram. São ótimas imagens. Imagens da Globo e que foram colocadas nas redes sociais e publicadas no site do G1. O meu chefe em São Paulo, que já passa pela jurisdição do Rio, simplesmente copiou o vídeo da Globo que estava com o off da repórter, e mandou que eu colocasse na minha matéria. E eu falei: "Gente, pelo amor de Deus, é a minha cara que tá aparecendo, copiando o trabalho dos outros, pelo amor de Deus alguém me escuta. Se fosse com a gente isso, porra, vocês iam ficar loucos, como ficam quando alguém copia alguma coisa da rádio. Enfim, não adiantou. A desculpa que eu ouvi foi que o vídeo já tinha sido replicado em outras agências e que a gente poderia replicar. Eu falei com a minha chefe direta, mas ela disse que a ordem tinha vindo lá de cima, e a gente quer manter nosso emprego, né? Essas coisas tornam o trabalho muito difícil.

Já este jornalista sentiu na pele a violência vinda das redes sociais. Ele responde a um processo por causa de uma reportagem que escreveu sobre um time de futebol carioca, há cerca de dois anos, e continua até hoje sendo perseguido nas redes sociais:

Eu fui vítima do radicalismo das redes sociais, fui linchado, de forma tsunâmica, coordenada, organizada, a ponto de eu perder noites de sono. [...] Você se sente encurralado nas redes sociais, aí começa uma perseguição e eles vão até o limite para saber até onde você suporta e se você vai reagir. A minha reação foi o silêncio em certo sentido, eu não deixei de postar, mas deixei de retrucar esses grupos que eu via que estavam coordenados para me atacar. Isso tem dois anos, e até o primeiro semestre deste ano houve uma perseguição feroz, que em alguns momentos, eu pensei que mais um passo à frente eles estariam ameaçando a minha vida [...] Eu emagreci, ganhei cabelos brancos, tinha pesadelos, achava que mais dia menos dia, um grupo, uma torcida organizada poderia entrar na minha casa. Fiquei paranóico, achei que estava sendo perseguido, até pensei em tirar meu filho da escola, ou contratar um segurança. Conversei no trabalho porque eu estava me sentindo acuado. Eu cheguei num dia que eu estava no limite do estresse. É difícil você falar a verdade, e ser taxado como bandido, irresponsável. E num dia desses, antes da pandemia, que eu tinha que manter minha rotina e conviver com essa realidade, eu cheguei a pensar que alguém ia meter o pé na porta e entrar para acabar comigo ou com a minha família. Um dia eu cheguei a dormir com uma faca do lado da minha cama.

Outro ataque virtual foi relatado por este jornalista de internet. Ele conta que havia duas reportagens que envolviam o vereador Carlos Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, e que recebeu um telefonema do seu próprio número no aparelho celular:

No automático eu atendi, e fui hackeado ali. Todas as minhas contas foram invadidas, gmail... eu e o [nome de outro repórter]. A chefia foi notificada disso, mas eu não recebi o telefonema de ninguém da empresa para falar sobre isso. Fui à delegacia, e a empresa só colocou o jurídico à disposição caso a gente precisasse de alguma coisa 10 dias depois quando o [nome de outro repórter] conseguiu contato com o pessoal das fake news que mencionou o nosso nome no congresso. Aí a gente mandou para a chefia, que disse "isso pode crescer, melhor a gente..." Aí a chefia botou à nossa disposição duas semanas depois um auxílio jurídico. Mas falta nas empresas um protocolo de atendimento ao repórter. Ninguém perguntou como eu estava, cara, eu tive tudo meu invadido. Ninguém perguntou se eu estava me sentindo ameaçado, invadiram minhas contas pessoais então sabem onde eu moro, pela geolocalização, se eu estava me sinto seguro, se precisava de ajuda psicológica, não houve nada.

O mesmo jornalista traz ainda outra experiência de violência na redação, desta vez sexual. O repórter relatou que sofreu assédio sexual de um editor do jornal onde trabalhava, logo no início da carreira. "O cara passava o dia me cantando e me deixando numa posição encurrulado", ele descreve, contando ainda que, como havia acabado de entrar para o emprego, tinha medo de dizer qualquer coisa. "Depois com o tempo eu descobri que todos os rapazes com aquele perfil, que chegavam novos no jornal, eram assediados por essa pessoa", relatou. O jornalista afirma que teve dificuldades de lidar com a situação, e só mesmo quando ele teve uma reação mais agressiva, gritando "Que porra é essa?", é que conseguiu respeito por parte do chefe. E falou também sobre o assédio que vem dos seus pares:

Muitas vezes, numa redação, o assédio moral quase sempre vem do chefe, mas eu já me vi chegando num lugar com status um pouquinho melhor que outros repórteres que já estavam na casa, e já reparei pessoas que hoje são minhas amigas torcendo o nariz: "Ah, esse é indicado do fulano", e muitas vezes essa hostilidade surgia entre os repórteres. Existe muita competitividade, existem repórteres amigos de chefe, essa "fazenda" que é o jornalismo é um problema.

Ter uma grande experiência na profissão e ter uma remuneração pequena é um tipo de violência para este repórter de TV aberta: "Violência no trabalho é ter 25 anos de profissão, ser um profissional conceituado, com leque de fontes, e receber um salário de 4 mil reais". E acrescenta: "Violência no trabalho é eu ser

obrigado a fazer uma matéria de polícia sem ter um colete para trabalhar. E eu trabalhei em uma empresa que me obrigava a fazer isso”.

Este outro repórter televisivo relata que, quando fazia terapia, o que ele mais falava era sobre os efeitos que o trabalho tinha sobre a vida pessoal. E por isso diz que sente falta de um espaço onde pudesse falar e desopilar:

Sinto falta de um espaço em que a gente possa trocar experiências com colegas, um espaço formal, que a gente possa debater vitimização de jornalista, diversidade... Sinto falta disso, porque a gente vai pro front, encara as pessoas, vai para o IML. Num dia a gente faz homicídio, no outro a pessoa que não consegue medicamento e está morrendo, aí faz corrupção, aquela coisa que revolta - não é que isso domine a minha cabeça, mas eu queria trocar um pouco com os colegas, sabe?

Impactos pessoais do Jornalismo na vida privada: plantões e família

A fim de compreender um pouco melhor os impactos da profissão na vida pessoal e no ambiente familiar dos entrevistados, os jornalistas foram questionados sobre de que maneira se sentiam afetados particularmente pelas suas rotinas produtivas e também como avaliavam a sua qualidade de vida. Os profissionais citaram três principais pontos: as longas jornadas de trabalho e os plantões aos fins de semana e feriados, que os impedem de estar presentes em confraternizações familiares e planejamentos pessoais; o fato de levarem o estresse de um trabalho desgastante para seus relacionamentos em casa; e o impacto que as histórias que contam têm sobre suas vidas privadas, especialmente aquelas mais violentas.

Já na faculdade é comum que os professores avisem: se querem trabalhar no jornalismo, é preciso se preparar para os plantões de fim de semana e feriados. As jornadas de trabalho dos plantões e a frequência com que acontecem são citadas como tendo um dos maiores impactos sobre a vida pessoal dos jornalistas. Dez, dos 21 jornalistas, falaram sobre os reflexos dos plantões no planejamento de vida. Isso porque, com o tempo, pode ser bastante exaustivo estar de plantão em mais um Natal, e não estar reunido com a família, ou passar sábados e domingos dentro de uma redação. A rotina de um jornalista acaba afetando todos aqueles que fazem parte do círculo íntimo daquele profissional, e existe uma adaptação por parte das pessoas mais próximas em relação aos horários em que aquela pessoa estará disponível para estar com a família e amigos, como descreve este jornalista de rádio e TV:

Todo mundo tem que entender que eu não vou estar nos aniversários todos os sábados e domingos, porque a gente tem plantão. A gente trabalha que nem lojista. Qualquer coisa que aconteça na cidade, a gente vai ficar horas e horas, só você vai entender porque você está ficando, fora as pessoas do seu trabalho. Família e amigos têm isso: “Ah, ele trabalha demais, ele só trabalha, ele vive para o trabalho. Ele não vai, está trabalhando”. No meu primeiro ano, eu estava solteiro e trabalhava até meia-noite, e eu saía depois disso, e meus amigos diziam: “Vamos esperar por ele porque ele só pode depois da meia-noite”.

Um repórter de jornal diz que se sente bastante afetado por estar com frequência afastado da família em celebrações especiais, e que uma das maiores injustiças que observa são os repórteres que passam a vida se dedicando àquele emprego, e quando se tornam profissionais mais experientes ou melhor remunerados são cortados do quadro de funcionários sem qualquer reconhecimento:

Nos últimos anos eu não consegui estar ao lado de quem eu gostava. Meu aniversário, aniversário da minha mãe.... Nos últimos oito anos eu não fui a qualquer aniversário da minha mãe, e passei um único Natal com minha família. É horrível, né? Você prioriza o trabalho em detrimento da sua família, e isso me deixa triste. Você faz isso a vida inteira e te demitem como se nada acontecesse. Na hora que a barca tem que passar, o cara não quer saber se você se dedicou, se passou seu aniversário trabalhando, se deixou de ver seu filho nascer, porque eu tenho amigos que deixaram de ver o filho nascer. Ficou no jornal por 20, 30 anos, e foi cortado na hora.

“Eu senti uma época que era inviável ser jornalista e morar numa casa de pessoas normais. Porque minha mãe acordava às 8h da manhã para aspirar a casa enquanto eu tinha trabalhado a madrugada toda. As pessoas não têm a menor noção”, descreveu esta repórter de televisão. Os momentos que poderia estar com a família faz com que esta outra jornalista de TV até repense a profissão:

A gente trabalha muito, né? É muito fim de semana, feriado, Natal, Ano Novo... Quantas coisas eu perdi, quantas viagens desmarquei, momentos de estar com a família. É bem ruim pensando por esse lado. A gente não tem vida realmente, mas aí eu paro e penso que não sei o que eu faria se não fosse essa profissão. Muitas vezes eu penso em desistir, penso que ainda daria tempo de fazer outra coisa. Aí eu penso: “Mas o quê?” Eu não sei.

Este outro repórter de TV diz que “viajar é um bônus do jornalismo, e não estar nos lugares onde você gostaria com sua família é o principal ônus”, e que a família já nem cobra mais: “Toda a família já entendeu que vai ter Ano Novo que vou passar com eles, e no ano seguinte, não. Eu gostaria de dizer pra quem está começando agora que não vai ter feriado, fim de semana, isso não existe. Ou então

você só vai ter metade deles”. Já nesta outra família nem sempre existe compreensão:

Meu marido já sugeriu que eu saísse da rádio pra não fazer nada. Ele acha que a nossa vida seria melhor, e talvez fosse mesmo. Ele é militar da Marinha, e acha que sou mal remunerada, tenho pouca disponibilidade, trabalho feriado, fim de semana... Isso prejudica a convivência familiar. Já perdi vários eventos de família porque estava de plantão, e nem sempre as pessoas entendem. Teve uma época em que trabalhei de madrugada e isso foi bem ruim. Não estar presente, não poder viajar.

Na vida desta repórter de TV, trabalhar com jornalismo tem um grande impacto pessoal. "Primeiro que eu nunca casei, né? A gente já tem esse impacto visível que é que eu nunca casei, eu sempre priorizei a profissão e não casei. Segundo que eu não fui mãe, eu já tenho 40 anos, é complicado”. Ela conta que engravidou e que, antes dos três meses, perdeu o bebê, e, a partir daí, ficou muito psicologicamente abalada por entender que não tinha condições de ser mãe e jornalista:

Ou eu faço uma coisa ou eu faço outra. Meu namorado ficou assustado e disse que uma coisa não poderia inviabilizar a outra, mas eu disse que não dava conta. Ou eu sou jornalista ou eu sou mãe, eu não vou dar conta de ser as duas coisas, eu não vou com uma barriga imensa para a rua fazer link, já to avisando pra humanidade que eu não vou. Então assim, inviabiliza. Eu acho vocês incríveis porque vocês trabalharam grávidas, eu acho inacreditável. Porque eu fiquei grávida de dois para três meses, e eu simplesmente achei que não ia conseguir. Eu todos os dias acordava e pensava que eu não ia conseguir: “tô com enjojo, tô com dor no peito”. Eu nunca contei isso pra ninguém. Quando eu perdi eu pensei que não queria passar por isso nunca mais. Entrei em pânico porque eu, na verdade, me deparei com a minha incompetência feminina, eu me achei incompetente como mulher.

- E você acha que essa sua incompetência feminina tem a ver com o jornalismo?

Acho. Eu penso que ou eu vou fazer jornalismo ou eu vou engravidar. As duas coisas não dá pra mim.

E conta ainda que acabou procurando na igreja a ajuda psicológica porque “era de graça”. “Eu saía chorando da TV e seguia direto pra lá chorar. Chorava todos os dias. Teve um dia que eu saí, entrei no carro, eu não conseguia dirigir. Liguei pro meu pai que nem uma criança de dez anos, e ele me disse pra pedir demissão que eu não merecia passar por isso”, relatou a repórter.

Outro ponto levantado por 12 dos 21 jornalistas é de que maneira o estresse do trabalho entra nas suas casas e se instala no relacionamento com seus familiares. Muitos assuntos pessoais se misturam, e ao mesmo tempo todos eles giram em função do trabalho de jornalista. “Acho que o jornalismo é uma coisa assim que eu

até tento fugir, mas eu sinto que o jornalismo é uma profissão que, tipo, ela se estende para sua vida inteira sabe? É muito difícil separar”, descreve esta repórter de TV, que explica que, embora seja complexo, tenta separar ao máximo a esfera privada da sua profissão: “Você tem um dia mais estressante, você chega em casa sem querer conversar com ninguém, quer ficar quieto. Eu tento bastante separar isso, acabou o expediente, acabou. Até aqui jornalista, até aqui minha vida”. Esta jornalista com dois empregos confessa que umas das consequências do excesso de trabalho é ter uma oscilação de humor, que afeta diretamente o seu filho pequeno: “É uma coisa bem constante comigo e que eu acabo descontando em quem está à minha volta. Como estou isolada com meu filho, tadinho, ele acaba sendo alvo”. O mesmo acontece com este repórter de rádio e TV. Ele conta que tem um cotidiano tão frenético que fica impossível não atingir quem mora com ele:

O relacionamento, puta que pariu, a pessoa que convive com você 100% ela vê quando você está muito estressado, quando você chega pilhado do trabalho, quando você absorve tudo aquilo... eu tento separar mas tem muita coisa que não dá para separar porque é meu jeito de ser. Eu sinto algumas coisas que eu ainda não consegui ser frio para separar do que a gente vê no dia a dia. Só de sair na rua a gente já morre de medo, imagina trabalhando desse jeito.

Esta outra repórter de TV se mudou com o marido, que também é jornalista, para o Rio de Janeiro em busca de trabalho. Conseguiu, mas relata as consequências: “Meu marido é o estresse em pessoa. Ele já teve vários caroços pelo corpo, descontou na bebida, já teve pancreatite e ficou internado”. E conta que também tem consumido bebidas alcoólicas: “É uma libertação. Bebi e fiquei bem. Pedi pra ele fazer uma caipirinha pra mim porque eu precisava beber, apagar a tarde toda [...] Me dá vontade de beber, eu penso ‘preciso beber’”. Isso sem falar nos problemas profissionais que se misturam com os pessoais, como conta a repórter:

Eu trago muito problema pra ele (marido), crise de choro, nervoso. Eu quero ser mãe, meu marido quer ser pai pra ontem, e eu repenso muito essa questão de qualidade de vida. Tenho repensado muito, será que recompensa todo esse estresse, cara? A gente está numa cidade que suga muito a nossa energia, uma cidade energeticamente pesada, um trabalho que é pesado, que você lida com informação triste, e tem essa questão de ser mãe. Caramba, será que eu tenho condições financeiras? Psicológicas? Será que se eu tiver um problema em casa, o trabalho vai entender? Ao mesmo tempo em que não quero adiar isso, adiar meus sonhos pessoais. Eu tenho que perder esse medo. Vejo pessoas solitárias, sem companheiros, sem filhos... eu me sinto mal por estar longe dos meus pais e dos meus sogros, é complicado. A gente tem vida, temos que pensar um pouco nisso.

Por ser uma profissão com situações e circunstâncias bem específicas, é comum que se formem casais na redação. Mas nem mesmo entre eles fica tudo resolvido, como conta este repórter de televisão:

Eu sou meio workaholic, trabalho bastante, não tenho preguiça pra conseguir o que eu quero. E às vezes eu acho que isso incomoda um pouco o meu marido. Eu estava acompanhando um assunto, eu sabia que um secretário de saúde do Rio ia ser exonerado no fim de semana e eu não estava no plantão. Chegou domingo e eu fui trabalhar. Isso é o tipo de coisa que o incomoda profundamente. Uma coisa que ele reclama muito é que tipo estamos em casa vendo Netflix e aí me ligam, tipo uma fonte. Eu vou falar pra fonte não me ligar? Mas de outra maneira eu vejo ele fazendo as mesmas coisas que eu faço. Ele reclama que eu trabalho 10 horas por dia, mas outro dia ele ficou uma semana trabalhando de 4h30 da manhã até 8 da noite. Não sei se eu sirvo de exemplo, mas na construção dele como repórter ele tem muitos excessos iguais aos meus, que me deixam orgulhoso. Excessos não, características (risos).

O jornalista diz ainda que não considera ter boa qualidade de vida, mas que isto é resultado de uma escolha: “Não tenho a qualidade de vida de um funcionário que trabalha 7 horas por dia porque continuo resolvendo problemas de trabalho em casa. Não tenho meus fins de semana, posso ser chamado para trabalhar a qualquer momento”. No entanto, o profissional pondera que, graças ao trabalho, conseguiu se mudar para uma região melhor da cidade, e por isso tem mais opções de lazer próximas e um curto deslocamento de casa para o trabalho.

Este outro profissional de televisão diz que se relacionar com uma pessoa do trabalho traz comportamentos excessivos em relação à atividade profissional. “Temos amigos em comum, mas em grupos bem distintos.[...] Acho a minha relação com o trabalho muito excessiva. Ao mesmo tempo eu não conheço médico que não viva a medicina demais”, conta ele, revelando que foi criado por dois *workaholics* e que gostaria de viver menos o trabalho e a emissora onde atua.

“A pandemia me ensinou que eu preciso reservar tempo para a minha família. A gente acha que o mundo gira em torno de nós, do nosso umbigo, como jornalista. É o nosso horário, nosso planejamento, e esquecemos quem está ao nosso redor”, afirmou este jornalista com dois empregos. Ele conta que o home office o ajudou a “tentar conviver, interagir e entender as demandas” da sua família, ou seja, entender mesmo a dinâmica da sua própria casa. O jornalista diz que, longe de considerar que tenha uma ótima qualidade de vida, alugou a casa de uns amigos na Serra Fluminense em alguns fins de semana da pandemia, para tentar se desconectar do trabalho: “O Rio de Janeiro parece que está dentro de mim 24/7, todos os dias.

É como se eu estivesse me libertando momentaneamente do jornalismo. Eu descobri que a gente precisava disso”.

Histórias impactantes

“Fui para a Rocinha cobrir um estupro de uma menina de nove anos, e era o dia do aniversário de nove anos da minha irmã. Então é difícil você não levar para casa, não se ver ali na situação. Por isso que eu quis sair dessa área, mas é pesado, horrível, impacta demais”, confessa este repórter de internet. Os profissionais do jornalismo diário costumam cobrir qualquer tipo de notícias que possam “render” naquele dia. Geralmente alguns costumam ser escalados mais para assuntos ligados à economia, política e comportamento. Entretanto, o Rio de Janeiro, por ser uma cidade violenta, tem um perfil muito policial. Por isso, é com muita frequência que os jornalistas são enviados para as pautas que envolvem assuntos de violência, crimes e operações policiais. Depois de um longo dia mergulhado em um assunto denso e chocante, não é raro um jornalista se sentir exaurido e abatido. Sete jornalistas afirmaram que se sentem estafados após um dia cobrindo notícias pesadas, como relata este repórter de TV aberta, que fala também do medo que se abate em outras esferas da vida particular:

Eu acho que quando a gente faz o hard news, esse jornalismo de sangue, de morte, de assassinatos do Rio de Janeiro, chega uma hora que a gente fica meio doente, sabe? Eu vejo colegas amedrontados, agora por causa do coronavírus, eu vejo colegas na rua trabalhando normalmente, mas você percebe que as pessoas não estão legais de cabeça. Isso vem mexendo e muito. E hoje eu penso duas ou três vezes se eu vou a algum lugar, (com medo) de alguém me reconhecer e de repente ser vítima de algum tipo de agressividade, entendeu? Quando eu passo em São Gonçalo, perto de alguma comunidade, alguém achar que eu estou ali fazendo uma matéria e fazer alguma judaria comigo, sabe? Então você acaba se limitando às vezes, no teu dia a dia, no teu lado pessoal, por causa da profissão, sabe? Isso é ruim, a gente ter de cercear nosso direito de ir e vir por causa do medo. Mas enfim, fazer o quê, a gente escolheu esse trabalho maluco.

Esta outra repórter de televisão também tem dificuldades de se separar das histórias que conta: “Absorvo muito as histórias que eu vivo e conto. Uma coisa triste eu venho arrasada para casa, ou uma coisa estressante eu acabo brigando em casa, discutindo, descontando em quem não tem nada a ver, sabe?”. Da mesma opinião compartilha esta jornalista de rádio, que adquiriu distúrbios no sono desde que começou a trabalhar em uma grande redação: “Os impactos na vida pessoal são

das matérias que eu faço terríveis de polícia e já cheguei a sonhar e ter pesadelos relacionados com aquilo que eu noticio. Sinto muito com isso”.

A maior parte dos entrevistados ainda se indigna diante dos horrores noticiados todos os dias. “É inevitável, por mais que a gente tente ter um distanciamento das histórias, nós somos seres humanos. Não tem como você não ficar abalada com a história de alguém que morreu, uma mãe que perdeu o filho vítima de bala perdida dentro de casa”, afirma esta repórter de TV. No entanto, ao longo do tempo e da experiência, os jornalistas podem não ficar mais tão impressionados assim, como descreve esta jornalista de rádio:

Pautas pesadas me fazem mal, já me impactaram muito. Hoje acho que menos, estou um pouco no automático. Me faz mal também perceber que alguma coisa muito grave não me choca mais. Mas pauta em enterro e IML eu sempre ficava na merda por bastante tempo, me sentia mal por ter que entrevistar uma pessoa naquela situação, ficava muito tempo pensando nisso.

Esta jornalista de televisão conta que as pautas já reverberaram mais: “Não é questão de ser mais fria, acho que depois de um tempo, só uma coisa ou outra você fica mais tempo remoendo”. E dá um exemplo: “Eu estava grávida, e fiz uma matéria de uma mulher grávida que levou tiros na barriga. Aquilo acabou comigo durante um bom tempo”. Este jovem repórter de rádio e TV diz que já ouviu dos mais velhos que não deve levar as histórias que publica para casa: “Tento não remoer as histórias, porque aprendi com meus colegas de trabalho que se eu levar as histórias para casa, em dez anos de profissão estarei tomando rivotril para trabalhar. Mas as vezes eu trago algumas coisas”.

Qualidade de vida

“Estou num nível de estresse que não sei se já tive antes, mas é um nível de estresse que eu não estou me reconhecendo, principalmente com essas oscilações de humor”, descreve uma repórter de uma canal de notícias: “Do nada vem uma raiva, um desespero. Do nada estou chorando porque mexeram no meu horário. Por causa disso já é suficiente pra eu ter uma crise de choro, acho uma falta de respeito. Eu tenho uma vida fora disso aqui, porra”. Ela conta que a profissão impacta diretamente na sua qualidade de vida, ou falta dela:

É o nível de estresse mais elevado que eu já tive, mas aí me lembro que eu ganhava menos, então penso então em ficar nesse estresse aqui mesmo, e trabalhar isso de uma forma que lá na frente eu possa desfrutar da tranquilidade que a gente quer. Me vejo hoje muito estressada e com uma qualidade de vida que eu sei que pode me levar a ter um problema de saúde e sempre tem uma desculpa pra não começar um exercício físico. Tive que procurar uma osteopata por causa de muitas dores na coluna. Pra andar doía, pra deitar doída, pra sentar doía, até para transar doía. Tanta dor na coluna. Hoje ando com banco dentro do carro. A pessoa tem 33 anos, e onde tem lugar pra sentar eu sento, porque eu não aguento ficar em pé. Fico preocupada. Vários cabelos brancos, a minha pele tem espinha, mas não adianta ir ao médico, que vai passar ácido pra minha cara e não vou ter dinheiro pra comprar. Minha mãe é terapeuta e eu uso os produtos dela... Cabelos brancos, olheiras que eu nunca tive, insônia, espaço grande entre as refeições, então minha qualidade de vida é preocupante demais.

As respostas sobre qualidade de vida são bastante diversas entre os 21 entrevistados. No geral, os profissionais entendem que é ruim, mas que é parte da profissão: “Eu não faço esporte, não faço porra nenhuma, vou lá, bebo a minha cerveja, só bebo, e tá bom”, conta este repórter de jornal. Os jornalistas que começaram na profissão ganhando bem pouco, ou com salários muito baixos de trainees, hoje entendem que melhoraram a qualidade de vida. “Acho minha qualidade de vida boa para o que o mercado oferece hoje. Nível do mercado é muito baixo. No geral, a qualidade de vida do jornalismo é muito, muito ruim”, afirma este repórter de internet. Já esta jornalista de TV diz que a qualidade de vida “já foi pior. Eu tenho um salário melhor, estar num veículo onde seu trabalho é mais visto, isso é bom.” Esta profissional de jornal diz: “Minha qualidade de vida é boa porque nunca tive problema de dinheiro por causa da ajuda da minha família”.

A ansiedade, presente em tantas outras respostas, também surgiu neste tópico, como algo que impacta pessoalmente na vida deste jornalista de televisão: “Minha qualidade de vida que não é tão boa quanto eu gostaria se eu fosse uma pessoa mais calma, menos apressada. Sou feliz, classifico como boa. Mas eu estou sempre apressado”. E dá exemplos de como essa ansiedade se reflete nas ações cotidianas: “Se eu estiver num rodízio de pizza, eu tô comendo a salgada mas pego a doce porque fico com medo da doce demorar a aparecer. Na rua com minha mulher não damos mais a mão porque eu estou sempre na frente”.

Algumas questões de saúde também apareceram nas respostas dos entrevistados. Um jornalista de TV conta que sofre de pressão alta e que o estresse da profissão atrapalha na qualidade de vida: “Minha qualidade de vida não é boa. A gente vive nesse estresse, nessa loucura toda do jornalismo, então isso acaba

atingindo a nossa saúde. No trabalho, eu fico com pressão alta direto”. Ele explica que o estresse acontece, muitas vezes, relacionado a falta de estrutura para trabalhar:

Às vezes por uma deficiência de não ter aquilo que a gente precisa pra fazer um trabalho legal. Tipo, quero ir a Angra gravar algo, mas não tem verba pra ir. Aí eu sou obrigado a tentar inventar, a achar personagem pra gravar pra mim em Angra e me mandar o vídeo, pedir imagem pelo whatsapp para botar a matéria no ar. A gente faz de tudo para conseguir aquele material e isso é muito estressante.

Já este jornalista de internet reclama de dores nas costas por não ter uma cadeira adequada para o trabalho em casa: “Eu não consegui comprar uma cadeira para fazer home office. Minha cadeira é um lixo. Isso ajuda no estresse corporal, a pessoa não consegue trabalhar direito porque não tem ambiente de trabalho ideal, problemas de postura, dores”.

Um dos nossos 21 entrevistados havia acabado de ser promovido à chefia de reportagem quando conversamos. Ela relata que, na rádio onde trabalhava anteriormente, o clima hostil impactava diretamente na sua vida pessoal: “Eu comecei a adoecer de verdade. Estava tomando ansiolítico, eu tava nervosa, tudo me fazia mal, eu comecei a ter problemas para dormir, entendeu? Tudo porque realmente o ambiente estava péssimo”. A jornalista conta que sugeria pautas, mas não conseguia emplacá-las, uma vez que a prioridade era sempre o que precisava ser feito no dia a dia: “Só interessava meu trabalho robótico de cobrir aquilo que era necessário, e isso não estava mais me fazendo feliz. Eu estava adoecendo mesmo, ficando com a cabecinha bem ruim”.

No entanto, ao assumir a chefia de reportagem, ela declara que, embora não sofra mais com aquela pressão, o trabalho nunca termina: “Sinto um pouco de saudade do trabalho se encerrar no expediente. Na função que eu tô hoje eu não desligo, celular, Whatsapp”.

Este outro jornalista também fala sobre o quanto o jornalismo invade a sua vida pessoal e diminui a qualidade de vida:

Não é boa, nem um pouco (a qualidade de vida). Eu precisava menos. De ser menos cobrado, de ter horário mais bancário, conseguir desconectar, mas a gente não consegue. É normal no nosso trabalho e a gente nem percebe o quanto isso faz mal pra gente. Às vezes eu queria tomar uma cerveja, me dedicar a um momento íntimo, mas alguém me diz que dali a cinco horas vamos prender um chefe de milícia, um governador... Não dá, aquilo corta a sua vida, corta esses momentos, só que é toda

hora. Já são dois anos entrando 6h da manhã, 2 anos dizendo; “Desculpa, eu preciso dormir, desculpa, estou cansado”. É um cansaço indescritível.

Este profissional com dois trabalhos afirma que só sai da rotina quando entra de férias:

Sábado, domingo, feriado, eu tô em casa e parece que o celular me chama, e às vezes é até involuntário. Você pergunta na segunda para uma fonte sobre determinada coisa e ela só vai te responder quatro, cinco dias depois. Às vezes é naquele momento em que você está jantando com a sua família. Ou no aniversário do seu filho, de casamento. Você tem que ser muito amado e compreendido para estar inserido neste ambiente jornalístico.

Do total de 21 entrevistados, 15 não fazem qualquer tipo de terapia para ajudar a lidar com o estresse da profissão, por falta de tempo, dinheiro ou desinteresse pelo assunto. Os seis jornalistas que têm ajuda psicológica consideram a prática imprescindível para manter a sanidade mental.

Precarização do Jornalismo e uso de equipamentos próprios

Os 21 jornalistas ouvidos nesta pesquisa tinham, na ocasião da entrevista, entre um e 25 anos de carreira. E, após já termos debatido sobre algumas questões fundamentais do jornalismo, como o papel da profissão na sociedade, as rotinas de trabalho antes e depois da pandemia de coronavírus, os impactos do jornalismo na vida pessoal e o que consideravam ser violência no trabalho, os profissionais foram perguntados sobre se sentiam que havia uma precarização dos processos, rotinas, modo de fazer, ou seja, uma precarização da profissão em geral. Todos os jornalistas afirmaram que há um processo de deterioração notável do jornalismo: “A visão capitalista do nosso trabalho vai sempre para a economia da empresa. Teve que cortar, teve queda de receita, queda de arrecadação da publicidade, mas é sempre uma desculpa para cortar”, afirmou este repórter de rádio e TV.

O principal ponto de precarização citado pela imensa maioria dos jornalistas é o enxugamento das equipes nas redações.

Quando eu entrei na [nome do canal], nós éramos oito repórteres, mais um apresentador. A gente tinha três editores de texto, três editores de imagem. A gente tinha cinco ou seis produtores e três estagiários. Hoje na [nome do canal] nós somos dois repórteres, dois produtores, uma editora de texto porque a outra foi demitida semana passada e um editor de imagem. Para um jornal de rede, né?

“O que eu vejo muito é passaralho⁵⁵, né? Teve um período, principalmente na crise, de uma ansiedade muito grande na redação, generalizada, porque a gente não sabia quem seria o próximo nem quando ia ser, mas ia ser”, contou esta repórter de jornal, sobre as dispensas na redação. Uma jornalista de TV conta que houve muitas demissões durante a pandemia, principalmente na parte técnica. E afirma ainda que observa colegas, sem escolha, indo para vagas mais precárias: “Vejo demitindo equipes inteiras para o cara ser videorrepórter. O cara tem que apurar, editar, você acaba assumindo aquela versão multifacetada que você aprende na faculdade”.

Alguns jornalistas mencionaram que a pandemia agravou ainda mais certas questões que já estavam precarizadas. Não só por causa das demissões, mas pela estrutura de trabalho que foi modificada. Houve redações que ficaram absolutamente vazias durante alguns períodos da pandemia, e jornalistas ficaram receosos de que o trabalho que realizavam continuasse a ser feito de casa. Para evitar a movimentação dos profissionais até a redação, algumas emissoras adotaram o esquema do repórter sair da sua própria casa, ir para uma pauta de Uber, por exemplo, e voltar para casa para escrever a matéria, como já mencionamos anteriormente. “Chefes e empresários botaram as pessoas em casa e viram que você consegue fazer um jornal de 50 páginas de casa”, afirma este repórter de jornal, comentando ainda sobre a escalada de erros que o veículo onde trabalha tem cometido: “Empresário viu que dá certo. Só que não dá porque você não consegue apurar direito, há muitos erros de ortografia, as pessoas estão sendo pressionadas e nós não somos máquinas. Nós temos o nosso tempo”.

Embora todos os profissionais tenham citado pontos de precarização nos veículos onde atuam e também onde já haviam atuado, muitos respondentes citaram a CNN, mesmo sem qualquer vínculo com a empresa, como empregadora que incentiva a precarização do fazer jornalístico. Por ser um veículo mais recente no Brasil, havia uma esperança de que o mercado fosse movimentar mais, e que uma maior competição trouxesse, talvez, uma valorização do profissional. No entanto, ao adotar “equipes de uma só pessoa” para atuar na rua, houve um desalento por

⁵⁵ Passaralho é um jargão para as demissões em massa nos meios de comunicação. Segundo a Agência Pública, remete a pássaros, revoadas de algo que destrói tudo por onde passa. Disponível em: <https://bit.ly/2SxwHcU>
Acessado em 26 de Maio de 2021.

parte dos jornalistas ouvidos: “A CNN chegou e é normal ver o repórter com pau de selfie fazendo tudo. Não vejo equipe quase nunca. A CNN é a pior porque não tem nem carro, eles vão de Uber, ficam largados, dá 8h de trabalho e eles voltam para casa”, conta este repórter de jornal.

Cortes de vagas, perda de benefícios e aumento da pressão e competitividade são alguns dos itens citados por este jornalista de internet, que observa as mudanças desde 2008:

Houve precarização de vagas. Quando comecei no jornalismo em 2008, o jornal O Dia era um grande jornal, com 20 repórteres na editoria Rio. Hoje tem cinco. Eu me lembro que nosso plano de saúde era top do Bradesco, hoje nem sei se eles têm plano. Então tem menos vagas, não são tão boas. As boas vagas são muito escassas nesse mercado. Tem precarização nas condições de trabalho e os chefes jogam isso embaixo do braço: "Está reclamando? Vê se você vai arrumar isso fora? Tem uma fila para esse lugar". Muitas vezes a gente escuta isso nas redações: "Mas você está com salário em dia, né? Faz isso?". É muito brabo.

As consequências das demissões aparecem em tantos outros aspectos citados pelos profissionais como pontos precarizados, como o acúmulo de funções, a falta de estrutura para trabalhar, principalmente na rua, e essa necessidade de ter sempre profissionais multi-uso. Esta jornalista de televisão é repórter e apresentadora. Nesta pesquisa, ela contou o quanto sua rotina é desgastante, por ter que ir à rua gravar reportagens, e voltar com muita pressa, fazer entradas ao vivo do estúdio, se arrumar para apresentar o jornal, e depois ainda ter que fazer mais um ao vivo para o canal só de notícias da emissora. O cotidiano dela, há alguns anos, envolveria mais jornalistas: um que atuaria exclusivamente na reportagem, ou outro que se dedicaria a escrever e apresentar o jornal, outro que teria dedicação apenas para o canal de notícias 24 horas, etc. Mas a redução de custos e pessoas impactou no número de tarefas de quem ficou: “A questão das demissões foi a mais impactante. Acúmulo de função...e hoje, quando eu não tenho cinegrafista, eu só não dirijo, porque de resto eu faço tudo: vejo a iluminação, gravo, edito, só falta dirigir daqui a pouco o carro de reportagem”, afirmou a repórter. Além de tudo que a jornalista já faz, ainda podem existir outros acúmulos de função ao longo das jornadas de trabalho:

A gente tem que fazer tudo, não adianta. Tem dia que eu tô sem cinegrafista mas eu preciso fechar um VT. O que que eu faço? Eu vou para a rua com celular, vídeo-repórter, eu gravo as entrevistas por Skype, via Zoom, e boto o tripé com o celular e gravo a passagem. Hoje tudo é aproveitado, as imagens do celular, a gente tem

que jogar nas onze. Tem o lado bom e o ruim. O lado bom é que você sabe fazer tudo, acaba aprendendo até a editar o que você vai fazer. Você é uma profissional multiuso, que sabe fazer um pouco de cada coisa. Mas é ruim porque, caramba, as pessoas perdem o controle às vezes. (Falando sobre si em terceira pessoa:) Ela é repórter e apresentadora, mas eles acabam aproveitando ela que sabe editar para fazer uma edição aqui⁵⁶, uma matéria de esporte ali. Só que eu faço jornalismo, então as pessoas não respeitam e acabam te explorando (ela fez gesto de aspas com os dedos nessa hora).

Uma equipe de televisão, de maneira geral, no início dos anos 2000, era composta por, pelo menos, três pessoas: um repórter, um cinegrafista e um motorista que também era auxiliar de câmera, ou seja, ficava responsável pelo áudio e iluminação do material gravado. No entanto, o que vemos é um desmonte deste tipo de configuração: "O trabalho precarizou. Já trabalhei em equipe com cinco pessoas. Hoje vou fazer matéria e tenho que levar meu telefone pra filmar. A gente ganhava muito mais, e hoje estamos ganhando uma miséria", conta este repórter de TV.

Os primeiros a serem cortados foram os auxiliares, e a partir daí há diferenças entre as empresas de comunicação. Em alguns veículos, as equipes passaram a sair com motoristas, que dirigem ou um carro particular ou os carros da emissora. Em outros, os cinegrafistas acumularam a função de dirigir os veículos, além de verificar o áudio das gravações. "A gente tá tendo que entregar o mesmo material com menos gente ajudando. O cinegrafista também tem que pensar no áudio. Talvez ele não entregue o conteúdo na mesma velocidade ou não com a mesma qualidade que ele podia entregar antes", afirma este profissional de um canal de notícias.

Em outros casos, a equipe passou a ir de táxi ou Uber para as pautas, e nem sempre com recursos da empresa. "A emissora não dá estrutura, não tem carro, o cara vai de Uber, a empresa não quer pagar o Uber, você tem que ir de trem ou metrô. Vejo repórteres indo de trem. Aí você vai com vários quilos de equipamentos, live-u, tripé, dois celulares", conta este repórter de jornal. Ir sem um carro da emissora para as pautas é um ponto de precarização citado por muitos dos entrevistados: "Considero precarização não ter motorista e pegar uber pra ir pra pauta", afirmou esta jornalista de rádio. Este profissional com mais de 20 anos de experiência também comenta a precarização gerada pelo acúmulo de funções:

⁵⁶ Em uma redação de TV, a edição de imagem de uma reportagem geralmente é feita por técnicos, direcionados por um jornalista editor de texto. Nenhuma dessas duas tarefas era função do repórter.

Os jornalistas hoje andam de Uber, os jornais praticamente não têm mais fotógrafos, os jornalistas tiram as fotos com suas câmeras de celular, as emissoras de rádio se tornaram menos valorizadas ainda, apostando mais na quantidade. As próprias emissoras de TV já não têm aquelas figuras de auxiliar, de motorista. É uma pessoa fazendo mil coisas, para manter aquele emprego por não sei quanto tempo. Por isso que acho que a gente tem um pouco de louco. O negócio tá indo mal, remunera mal, e a gente insiste. É o cúmulo da persistência.

Este outro profissional de televisão conta que passou a trabalhar mais depois da demissão de colegas:

Eu acho que a nossa profissão se precarizou porque a gente teve um monte de colegas demitidos. Por exemplo, a composição das equipes, que já era o movimento que existia de ter aquela terceira pessoa ali. Agora você tem duas pessoas mais o motorista que não se envolve na reportagem. Tem colegas da imagem que não conseguem trabalhar sozinhos, então você tem que assumir funções que o cara não dá conta, ligo o live-u (equipamento para fazer link ao vivo), fecho sinal, pedem pra refazer o foco, e você tem que trabalhar dessa forma. Muitos colegas foram demitidos, até de outras redações, eu falo com as pessoas de outras redações e percebo que todo mundo passou a trabalhar mais.

Com a redução das equipes, não só o trabalho intelectual aumentou, como o físico também, como relata esta profissional de uma TV aberta:

Vou te dar um exemplo. A gente foi fazer essa cobertura da invasão (em uma favela no Rio) e só estava eu e o meu cinegrafista. A gente foi com colete e capacete. Eu com meu microfone, e ele com câmera de 15 quilos, tripé, mais equipamento de vivo e mais uma mochila com cabos e coisas ali que eventualmente se ele precisar trocar, ele vai precisar. Então ele deveria estar carregando ali junto entre 20 a 25 kg somando tudo. O auxiliar é para tentar tirar de cima dos dois aquele peso de responsabilidade, e não é só peso físico, mas a responsabilidade de você tomar conta de todos aqueles equipamentos, de tudo.

A inserção de tecnologias no dia a dia dos jornalistas também acabou resultando em precarização, segundo cinco profissionais ouvidos. “Profissionais foram substituídos por equipamentos. Acho que muita gente perdeu o emprego aí nesse meio do caminho com a evolução digital”, afirmou uma repórter de TV. Já este repórter de TV diz que houve mudanças tecnológicas que precarizaram o trabalho do jornalista: “Vejo mudanças em áreas que nos impactam: não tem mais operador, mudanças de sistemas de “ingest” de material, problemas técnicos. Mudanças que vieram com proposta de agilizar e facilitar, mas que acabaram atrapalhando o nosso trabalho”.

A falta de estrutura em termos de equipamentos fornecidos pela redação também é mencionada por três jornalistas. “A precarização vem da própria falta de investimentos das empresas nos equipamentos que você usa, escassez de papel, não

tinha gasolina para carro (na empresa onde atuava)”, conta esta profissional de um canal de notícias. Esta repórter diz que além do corte de custos com pessoal, a carência de investimentos nas ferramentas de trabalho prejudicam as tarefas: “Os materiais já estão muito lá para trás, acho que tem que comprar novos equipamentos”.

Para dar conta das tarefas que precisam realizar, esta estrutura precária das redações acaba forçando os profissionais a usar os seus próprios equipamentos no cotidiano. Ao longo da conversa, os jornalistas foram questionados sobre se estavam acostumados a usar aparelhos particulares no dia a dia. Dos 21 ouvidos, 18 afirmaram usar o próprio celular para o trabalho. Somente três jornalistas usam telefones da empresa. “Na quarentena deixaram celular comigo, mas não dá pra usar só ele. Mas eu só me comunico com a chefia pelo Whatsapp. Não é opção não ter WhatsApp, deveria ter”, protesta esta repórter de rádio, que conta inclusive que comprou um computador novo para trabalhar de casa. Outros três profissionais informaram que têm acesso a um celular fornecido pela empresa, mas como são modelos ultrapassados, preferem usar os próprios. Todos, sem exceção, quando estão a escrever e apurar no home office, usam sua internet de casa. Três repórteres que trabalham em home office afirmaram que também usam seus computadores. Os jornalistas de televisão afirmaram que usam os seus fones de ouvido.

Uma jornalista de televisão chama a atenção para o que chamou de “precarização intelectual” do jornalismo, relacionada com a entrada da tecnologia:

Ao mesmo tempo em que a tecnologia evoluiu e trouxe uma série de recursos, eu acho uma certa faxina que fizeram nas redações. Tiraram as pessoas mais experientes, as cabeças do jornalismo. Isso fez com que o jornalismo ficasse muito raso. Essa coisa do achatar de salário trouxe uma precariedade intelectual pro jornalismo,. Assustador. Eu sinto saudade de quando eu tinha chefes na redação de 50 anos, 50 e poucos anos que eu achava que eles eram geniais, e eu pensava que eu queria ser como eles. Hoje eu não tenho referência em redação. E sabe qual é o pior: a molecada está olhando pra mim querendo ser igual a mim, é mais triste ainda. Aí veio a tecnologia, que são ferramentas incríveis, mas a gente vê um jornalismo bem raso, bem arroz com feijão. A produção sempre é ruim, parece um bando de marcador de consulta médica. E tenho visto uma coisa ainda pior: as pessoas não escrevem. É triste. Eu pego a pauta, pego a caneta vermelha e começo a circular: cheio de erros de português.

Cinco jornalistas ouvidos trouxeram um ponto em comum em relação à precarização: eles contam que, após os jornalistas mais experientes serem desligados, a redação ficou sem referências, sem orientações de como exercer o

bom jornalismo. “A quantidade de pessoas mais experientes é cada vez menor. A empresa acaba demitindo o mais experiente para contratar três, quatro no lugar, mas que obviamente vai (*sic*) ganhar muito menos”, afirmou este jornalista de internet. A saída dos jornalistas mais experientes fez com que os mais novos, de uma hora para outra, assumissem cargos de comando, que antes não seriam ocupados por pessoas mais jovens, como conta esta profissional de uma TV aberta:

Com essa coisa do corte de salários, começamos a lidar nas redações com pessoas que não estavam preparadas, e elas começaram a assumir cargos que elas não estavam preparadas. A pessoa chegou, era estagiário, estava lá na escuta e de repente virou produtor, mas ninguém explicou para aquela pessoa como é ser produtor. E ele acha que é só pegar o telefone e marcar, ou então mandar uma mensagem pelo Whatsapp. Ele não sabe a história da pessoa, ele não quer saber; ele quer marcar. E não tem chefe para ensinar.

Esta videorepórter também tem opinião semelhante: “Eu acho que antigamente tinha um respeito maior pela experiência das pessoas e por exemplo, você não dava coisas muito grandes nas mãos de estagiários, porque a pessoa tem que ter uma noção antes de pegar funções importantes”. Esta outra profissional da mesma empresa também sente a precarização no fazer jornalístico, e afirma que todos saem perdendo, não só os jornalistas, mas também a empresa, uma vez que o produto final não terá a mesma qualidade:

Chama muito minha atenção. A gente faz TV, a gente faz rádio, a gente faz tudo, a gente filma, a gente faz vídeo-selfie, a gente manda texto, a gente só não dirige porque a galera é muito nova e não entregaram o carro na nossa mão ainda mas, sabe, é uma loucura. Assim, não é só uma questão de ser profissional multifunção, não é isso, eu falo que é precarização porque isso impacta diretamente no trabalho. E precariza o trabalho também. Quando a gente entrega, a gente não entrega a mesma coisa que entregaria se tivesse várias pessoas fazendo a situação. Então você fica sobrecarregado porque fica na rua dividindo a sua atenção entre uma rádio de Porto Alegre, de São Paulo, do Rio de Janeiro, mas você também faz vídeo para uma TV por assinatura, e eventualmente você grava passagem para tv, você manda texto para São Paulo, escreve para o site, manda vídeo para redes sociais, para instagram e twitter. São os instrumentos que temos para trabalhar hoje e a gente não tem outra opção, se a gente não fizer desse jeito não vai fazer porque não tem recurso financeiro, mas é uma precarização. E a empresa também recebe impacto porque ela não tem a mesma qualidade se tivesse outros profissionais trabalhando.

A qualidade de uma notícia está relacionada à sua excelência de apuração e escrita daquele texto. E a pressa em publicar pode atrapalhar bastante uma matéria de ser considerada “bem feita”. Esta jornalista chama a atenção para a precarização que põe em risco uma reportagem bem apurada, citando que isso vai desde a

precarização da estrutura de equipamentos fornecidos pela empresa até a cobrança por rapidez de publicação, que acaba provocando um “copia e cola” entre os veículos:

De várias formas (percebe precarização). Desde a apuração, a maneira como você apura, vamos colocar porque fulano deu... A pressa, a internet, a rede social disse que tem não sei quantos mortos, então tem uma relação precária da informação, você se virar com seu material próprio, a empresa achar cada vez menos que tem que proporcionar. É tipo, você se vira. Eu acho que tinha uma preocupação maior, de todas as formas, em termos de informação, de equipamentos, a maneira com que se importam com você, seus direitos. Eles rasgam nossos direitos na nossa cara o tempo todo, e tudo isso entra em precarização.

Salários e carreira

“Desde que eu estava na faculdade falavam que eu ia ganhar pouco”, afirmou esta profissional de TV. Durante as entrevistas, os jornalistas foram questionados sobre se seus salários compensavam o esforço que dedicavam à profissão, e se, por ventura, já haviam pensado ou ainda pensavam em mudar de carreira. Alguns jornalistas ficaram constrangidos com a questão, que girava em torno de um assunto mais sensível. Dois deles, um repórter experiente de TV e uma jovem repórter de jornal, disseram espontaneamente que recebiam, ao fim do mês, cerca de quatro mil reais. Um deles, como já apontado aqui, considerou uma violência ter 25 anos de carreira e receber esta remuneração: “Me sinto incompetente de não saber brigar pelo profissional que eu sou. Me sinto desvalorizado, mas como eu preciso do meu trabalho [...] eu me calo, engulo, faz minha pressão subir, faz eu passar mal”. Já a outra repórter com ordenado semelhante, mas sem dependentes para sustentar, afirmou que consegue se manter bem: “Sinto falta de um aumento. Quando vim de São Paulo para o Rio, meu chefe disse: ‘pede um aumento’. E eu pedi, só que foi tão insignificante [...] R\$ 4.400 para mim é bom, eu me sustento”.

Dos 21 jornalistas entrevistados, 12 responderam deliberadamente que a profissão não os remunerava de maneira justa. “O retorno financeiro não compensa de maneira alguma, inclusive eu penso em deixar a profissão o mais breve possível”, disse esta repórter de rádio, acrescentando que é hoje a pessoa mais experiente na reportagem e tem apenas 27 anos, enquanto seu salário é o mesmo desde sempre. Outra jornalista de uma rádio de notícias confessa que se sente desvalorizada:

Sinto desvalorização tremenda. Me sinto mal, desesperançosa, desmotivada. Assim, engraçado que eu já pensei em algo do tipo: "Ah, que bom, eles vão acabar me escolhendo para alguma coisa porque, cara, eu sou mão de obra barata, qualquer salário mínimo tá bom pra mim, eu quero é crescer". Já cansei de pensar assim.

Para a quantidade de tempo que fica disponível para o veículo onde trabalha, este repórter de internet afirma que o salário não compensa a dedicação: "Eu no ano passado tive um aumento, fazendo cinco anos de serviços prestados [...]. Mas o retorno financeiro não corresponde ao que eu faço, ao tempo em que eu fico disponível para o trabalho".

Uma repórter de televisão também acredita ganhar menos do que mereceria: "Não compensa. Nossa profissão é muito mal remunerada. Acho também que pelo fato de ter que acumular função [...]. Escrevo para o site, entro para a rádio, faço o link, então acho que eu tinha que ganhar pelo menos o acúmulo de função". Com tanto trabalho acumulado, é frequente ouvir dos jornalistas que eles têm dificuldades de realizar outras atividades na vida, como exercícios ou até mesmo ter outros trabalhos para complementar a renda. Fora a impossibilidade de desconectar, como descreve esta jornalista:

Meu marido é médico. Então, assim, ele trabalha em cinco empregos, e eu ganho o que ele ganha em um. A questão é que ele não precisa dedicar a vida dele inteira, acordar com o jornal na mão, ligando a televisão para ver o noticiário do dia, e ficar ligado até a hora do trabalho, e na hora do trabalho ficar o tempo todo conectado e falando com todo mundo, e depois no trabalho ficar vendo se a gente não perdeu nada, olhando jornal da noite e dando olhada no site. Então, assim, o trabalho do jornalismo é um trabalho de dedicação de vida. Não é trabalhar dentro do seu horário e dar tchau para aquilo, ainda mais na função que estou hoje. Você está o tempo ligado pra ver se você perdeu alguma coisa. Nunca desliga. Tem dias que você se aborrece no trabalho e fica com sono prejudicado, mas não é a rotina deitar e ficar pensando no trabalho.

Com dois empregos e um filho pequeno, esta profissional conta que sua rotina não é nada fácil: "Assim, eu consegui arrumar uma forma de ganhar dinheiro sendo repórter, mas é desgastante. Eu me pergunto até quando eu vou conseguir ter essa dupla jornada, mas por enquanto eu vou levando". E acrescenta:

Para chegar até aqui, passei por salários muito baixos com jornadas longuíssimas, na [empresa anterior] eu ganhava menos que um motorista de ônibus. Depois de 6 anos, eu ganhava quase R\$ 3 mil reais lá, que é quase o valor da escola do meu filho. Você não tem feriado, final de semana, nada. No fim de ano ou é Ano Novo ou Natal. É uma profissão bem cruel.

Esta outra jornalista de televisão se preocupa com o momento em que quiser ser mãe: “O salário não recompensa o esforço, não sobra. Eu não tenho filho e está dando pra segurar. Imagina quando eu tiver filho”.

Entre os 21 jornalistas, cinco consideram que são bem recompensados, como este repórter de TV: “Sou uma exceção. Tive sorte porque tive matéria finalista do Emmy, a situação de [citação de cobertura] me ajudou muito. Eu sou repórter especial e acho que cheguei longe em pouco tempo. O grosso reclama com razão”. Já este outro jornalista televisivo diz que se sente valorizado, mas diante da sua responsabilidade, poderia ser mais.

Gabi, eu ganhei um aumentinho recentemente. Não considero que pela minha idade eu ganhe mal não, como jornalista. Mas quando eu olho a responsabilidade que a gente tem que botar a cara na televisão e tudo que isso está associado, eu deveria ganhar pelo menos o dobro do que eu ganho hoje em dia. Eu percebo que tenho sido valorizado pelos meus chefes no trabalho e que tenho retorno positivo. Não se dá feedback na [empresa atual] e isso é um problema bem grave. Mas eu me sinto numa relação boa com meus chefes, sinto que sou valorizado, mas acho que poderia ser mais.

É possível perceber que a avaliação deste tipo de quesito varia de acordo com os seguintes principais critérios: se houve algum aumento por qualquer razão nos últimos tempos (o repórter deu furos de reportagem, se dedicou muito, ou esteve no lugar e hora certos, etc); se ele saiu de um emprego que pagava muito menos (e por isso agora tem a sensação de recebendo o justo), e se ele tem despesas altas (com filhos, aluguel, etc). Nenhum dos cinco jornalistas que afirmaram que ganham bem têm filhos. Três deles receberam aumentos: dois pela cobertura de um fato internacional enquanto estavam de férias, e um por ter recebido uma proposta de outra empresa de comunicação, como ele descreve: “Agora começou a compensar [...]. Depois que eu recebi proposta de fora, que era maior do que eu ganhava aqui, aí a esticada foi maior. Mas já estou preparado para a próxima, não bota aí que estou satisfeito não, a gente trabalha para ganhar duas vezes mais”.

Uma repórter de TV mais experiente descreve a redação bem mais jovem onde trabalha e considera a situação salarial do Rio de Janeiro ainda mais grave, não só pelas longas jornadas, mas também pelo risco de trabalhar na cidade:

Realmente até me surpreende que as pessoas aceitem ganhar tipo três mil reais, pegar um colete à prova de balas e sair para trabalhar, entendeu? Eu realmente fico até chocada com essa situação. Mas é uma situação que existe no mercado, as empresas foram enxugando, enxugando, enxugando, e a molecada sai da faculdade

e quer trabalhar, então aceita o que vem pela frente. [...] Chegou num ponto que eu reparei que os funcionários da [empresa anterior], exceto eu e um outro repórter mais antigo, aqueles funcionários só existiam porque eles moravam com os pais. Porque se eles não morassem com os pais eles não sobreviveriam com o salário.[...] E um outro exemplo que salvava, às vezes, uma ou outra menina que casou numa situação boa, entendeu? Então aquilo poderia sustentar o tal do sonho de ser repórter. Então você vê que a profissão ela não paga mais.

Esta repórter de televisão conta que no emprego anterior, uma rádio, o salário não era justo. E que na TV passou a ter melhor retorno financeiro: “Não tenho filho, ainda moro com meus pais... [...]. Então pensando hoje na minha vida, com o que eu ganho na TV, é ok, mas poderia ser melhor porque a gente trabalha muito, feriado, fim de semana”. O mesmo acontece com este profissional de internet, que tinha um salário muito menor no trabalho anterior:

Já foi muito pior. Queria ganhar três vezes mais. Mas no universo do jornalismo eu não ganho exatamente mal quando vejo os colegas. Eu não tenho carga horária tão ruim, meu esquema de plantão é razoável, e a conta que eu faço hoje é o quanto eu ganho e o quanto eu não trabalho, quantos fins de semana eu tenho em casa. Tive um convite do O Globo em abril. Seria interessante, não seria uma sucursal, o salário exatamente o mesmo. Eu queria ir para O Globo, mas lá o plantão é um para um (ou seja, a cada 15 dias), e não tenho a menor vergonha de dizer que não fui por causa dos plantões mesmo, porque a minha saúde mental vale mais.

Com um pouco de constrangimento, este jornalista afirma: “Claro que a gente está sempre querendo ganhar mais, mas acho que consigo viver uma vida confortável com o que estou ganhando”, e que considera que ganha o suficiente para viver num bairro próximo à emissora de televisão onde trabalha, e sem pegar transporte. Já este profissional com 22 anos de jornalismo aponta que, pela quantidade de trabalho diário, deveria ter uma salário melhor, e avalia que a profissão oferece mais risco do que estabilidade com a experiência adquirida:

Ah, a gente sempre acha que está ganhando mal. Eu acho que o jornalismo, em termos financeiros, tem se deteriorado ano após ano. Ainda tem aquelas figuras que são pontos fora da curva, mas estão cada vez mais espaçados. Se você perguntar sobre o volume de trabalho que eu tenho, com certeza eu deveria ser melhor remunerado. Não me enquadro nos grandes salários, mas não estou também entre a galera que come grama, e são muitos colegas, até de gabarito. Em qualquer profissão, quanto mais experiência e bagagem você costuma ser mais valorizado, mas o jornalismo é cruel porque ele inverte essa lógica. E ser um pouco melhor remunerado representa mais risco do que vantagem. Vantagem no curto prazo. Mas o tomador de decisões vai olhar para a planilha e não vai querer saber se você deu 100 furos, se tem o melhor texto, melhores fontes, ele vai ver quantos zeros tem lá na planilha dele.

Durante a conversa, os jornalistas também foram perguntados sobre se já haviam pensado ou se pensavam ainda em mudar de carreira. Doze jornalistas afirmaram que sim, que em algum momento já pensaram em seguir outros caminhos. “Quero mudar de carreira, mesmo que não seja saindo do jornalismo, que seja saindo do hard news. Não sei o que eu quero, mas sei o que eu não quero, e eu não quero continuar nisso”, disse uma repórter de rádio.

Com 20 anos de jornalismo, esta repórter de TV agora pensa em deixar a profissão: “Comecei a pensar em mudar de carreira esse ano, e pensei em fazer umas coisas bem radicais, tipo terapia holística. Pensei em ter um negócio próprio, um spa urbano, um lugar que ofereça coisas saudáveis, terapias alternativas”.

Nos momentos mais estressantes e de instabilidade, os jornalistas se sentem mais frustrados e inclinados a deixar o jornalismo. “Já pensei, mas foi em momentos de desespero, e menos em relação a profissão”, conta este repórter de internet. A competitividade de mercado é tão grande que, mesmo que estejam sendo mal remunerados, os jornalistas pensam várias vezes antes de deixar a profissão. Afinal, eles estão empregados. Esta jornalista de TV descreve os momentos de dúvida:

Pensei em fazer concurso para a Polícia Federal, Polícia Civil, e aí as pessoas falam "faz". E outras falam "você está maluca? Está apresentando um jornal e vai largar tudo agora?". Então estou na área, vou continuar, mas às vezes a gente tem aqueles surtos, né? Do tipo: “Não vou continuar, não aguento mais, hoje foi um dia horrível e estressante e você não quer mais fazer isso”. Aí eu falo: "Não, deixa eu buscar meu balde que eu chutei porque não é bem assim", e aí já pensei, mas sigo firme.

As instabilidades em relação ao futuro também impactam na indecisão dos profissionais. “Penso em trocar de área porque vejo jornalista se aposentando no perrengue depois de trabalhar tanto e emplacar capas de jornal, nacional, curto de grana, problema de saúde, cirrose, eu não quero isso pra mim. Eu fico triste de estar desiludida com a profissão”, conta esta jornalista de um canal de notícias, que também se preocupa com o seu futuro na televisão: “Repórter de vídeo o problema é que daqui a 10 anos uma menina mais nova vai estar me substituindo. Homem com cabelo grisalho é lindo, e mulher depois dos 40 no vídeo? 50 então? Só quem já fez muita história”, desabafa. E conta que tanto pensa em passar para um concurso público ou abrir uma padaria: “Meu marido também é jornalista, então estamos pensando em estudar juntos. Ultimamente, pensei em aprender a fazer pão, a abrir uma padaria, porque eu amo mexer com massa. Pão é vida”.

Dois jornalistas afirmaram que teriam vontade de cursar um mestrado e dar aulas na área da Comunicação. “Sim, eu penso que se for demitido ou pirar, tenho vontade de fazer mestrado em comunicação e dar aula, por exemplo”, disse este profissional de rádio de TV. E este profissional de internet diz que a insegurança força o profissional a pensar em outras possibilidades:

Penso em fazer mestrado e dar aula, produzir documentários, tenho projeto pessoal de fazer podcast. Essa coisa de viver atrás de furo não é para o resto da vida. A gente precisa ter vários braços, ter planos b, c,... Não trocar de carreira, mas hoje eu estudo investimentos, estudo para investir. Não quero que a minha carreira seja só o jornalismo. Não sei até quando estou numa redação, até quando todos nós estaremos em uma redação.

“Depois de ter filho comecei a questionar. Eu comecei a me perguntar: ‘Será que é isso?’ Essa questão da rotina, o mercado está muito ruim, cada vez menos pessoas, as redações estão diminuindo. Até dois anos atrás éramos em sete, agora somos dois repórteres”, analisou esta repórter de TV, que já iniciou seu plano B de carreira: “Eu e meu marido abrimos há três anos uma produtora de vídeo, então a gente vem correndo atrás, e a nossa ideia é tentar tocar só a nossa empresa”. Segundo a profissional, ela ainda não deixou o veículo onde trabalha por causa da estabilidade da carteira assinada. A chegada da filha também mexeu com esta outra repórter de TV, que pensou em deixar o jornalismo, mas desistiu da ideia:

Acho que tive uma grande crise de identidade quando [a filha] nasceu. Pensei realmente em largar tudo, mas porque levei um pé na bunda da empresa. Fui demitida no dia que voltei da licença maternidade. Eu entrei numa neura, num parafuso, achando que era culpa minha, que eu tinha feito alguma coisa errada, pensando que eu era muito ruim no que eu faço. Será que o fato de ser mãe já me impede de seguir com a minha carreira? Pensei em abrir um negócio próprio, trabalhar de casa, mas não queria ser só mãe não.

Um dos jornalistas afirmou que gostaria de morar fora do Brasil, mesmo que tenha que abrir mão da sua vaga de repórter. Outro disse que não pensa em deixar a carreira, mas gostaria de trabalhar viajando e editando vídeos. Uma jornalista de TV disse que seu sonho é ter um restaurante: “Para gastronomia! Vou virar uma chef, ter meu restaurante! [...] Esses pormenores que a gente encontra no nosso dia a dia, todas essas violências que a gente tem no nosso dia a dia, isso tudo me faz estar infeliz dentro da minha profissão”. Apenas um jornalista contou que não deixaria a profissão por ser um “verdadeiro apaixonado” pela área.

Este profissional revela que conseguiu uma chance de trabalho na TV Globo, que lhe interessava. Entretanto, na conversa, o gestor informou que “salário não tinha para dar, tinha oportunidade. Ora, você conta com salário para seus compromissos, então tem que abrir mão de certas oportunidades”. O jornalista diz que estes mesmos compromissos financeiros o impediram de tomar outras decisões profissionais:

Tenho 22 anos de carreira, mas penso nisso desde os cinco anos de carreira. Quanto mais dentro, fica mais difícil de sair. E por trás disso tem uma estrutura montada, tem dependência financeira de terceiros, eu ajudo meus pais. Hoje, mesmo se eu quisesse, eu não teria esse escape. Você acaba ficando refém daquela cachaça [...]. Então quando você me pergunta se eu já pensei em mudar de profissão, já pensei essa semana, já pensei na semana passada, na semana retrasada, mas aí você olha ao seu entorno e pergunta: “Como faz? Com duas crianças, casado, com conta pra pagar, tendo que ajudar pai e mãe?” Você fica num beco sem saída.

Romantização da precarização, a cultura do furo e redes sociais

Não é fácil equilibrar esta equação: o trabalho de jornalista exige dedicação e tempo, os salários são baixos, é alta a competitividade, são poucas vagas e quem consegue estar no mercado de trabalho desempenhando um papel que desejou, em uma vaga de repórter, por exemplo, se sente vitorioso. Fazer pautas nacionais, cobrir agendas importantes, do presidente, de ministros, estar em coletivas de imprensa repletas de jornalistas... em certos momentos, a vaidade pode ir nas alturas. E, nestas horas, se o superior pede para filmar, fotografar, escrever, apurar e entrar ao vivo ou fazer uma reportagem para todas as mídias de determinado grupo, vale tudo ou quase tudo. Afinal, o jornalista está investindo na visibilidade e credibilidade para o público. E, é claro, há uma exploração por parte do empregador desta vaidade, no sentido de estimular aquele jornalista que consegue fazer muitas tarefas ao mesmo tempo. E é esta a conta que não fecha, uma vez que, ao assumir funções de outros e aceitar tudo para garantir a sua vaga, o mercado vai diminuindo e os profissionais vão ficando estafados com tantas atividades. De dentro do furacão, nem sempre é fácil observar o contexto. Por isso, depois de uma grande análise dos pontos principais do jornalismo, perguntei aos entrevistados sobre se pensavam que havia uma romantização não só da profissão, mas um fetiche da precarização. Perguntei ainda o que eles pensavam do fato de muitos profissionais se considerarem “super heróis”. Este repórter de jornal é assertivo:

O cara acha que é bonito, que ele é o f**** de fazer tudo sozinho. Eu também até me boto nessa situação, porque às vezes eu romantizo uma situação que não pode ser romantizada, a gente não pode aceitar isso, mas a gente acha que é glamour. Tem gente que acha lindo o chefe gritar, mas ela tá se achando porque vai dar capa, e no fim do mês o salário é mil reais.

“É o que eu tenho, é o que eu tenho”, me responde esta jovem repórter de rádio, se identificando com a pergunta que eu acabara de fazer. E acrescentou que, apesar de entender as questões que envolvem a precariedade do trabalho, ainda assim se sente prestigiada em muitos momentos:

Estou te falando assim todos os problemas, (mas) quando eu estou lá cobrindo o presidente eu falo assim: "Estou cobrindo o presidente, sabe? Me mandaram para lá, a pauta é minha". E aí eu me sinto a heroína da parada, eu estou dominando o pedaço. “Olha onde eu cheguei”. Eu vejo aquilo como algo grandioso mesmo, eu me sinto grande. Se eu estou cobrindo algo de grande repercussão, incêndio no Badim (hospital), sei lá o quê, se eu estou no lugar dando as informações da principal notícia do país, para mim isso é o máximo. Eu tenho essa romantização, e acho que muita gente tem, até quem está cansado e tal. Eu acho que o grande lance da nossa profissão é a romantização mesmo, é o que tem ali, sinceramente.

Este jornalista de rádio e TV também se identificou com a questão: “Eu sou esse repórter, sou o exemplo disso”. Ele conta que era contratado da rádio e fazia entradas para a TV, com a promessa de que seria também contratado para o canal televisivo. “Eu fiz isso durante três anos, e te prometem "você vai para a TV", e usam isso para ser uma escada, mas poucas pessoas vão. Não é tão simples assim”, diz o jornalista, revelando que foi o primeiro profissional do Rio de Janeiro a ser considerado do “grupo”, para produzir reportagens para todas as mídias daquela empresa de comunicação onde atua. A sedução e o fetiche em relação à profissão estão bem presentes na sua fala:

Diante da minha produção, sou o profissional que gosta de trabalhar, então tenho certeza de que eles me percebem como uma peça importante. Meu marido, minhas amigas falam: "C****, olha o que você é com três anos e meio (de profissão)", e isso eu não entendo muito ainda. E é como eu falo para você, vou lá, abro o microfone, falo para minha família, meus amigos, para eles entenderem. Tenho facilidade de falar disso, política, tiroteio, vai, vai, vai, amo o que eu faço e volto. Então não fico pensando nesse glamour, em quando vou chegar no estúdio. Não estou pensando nisso ainda não. Estou ali fazendo o pesado, Fico de 7h às 19h? Fico. Não sei se será para sempre, nunca é para sempre.

Dois jornalistas relacionaram a romantização da precarização com uma questão mais puramente motivacional, trazendo o enredo de valorização por parte do veículo daquele profissional “multitarefa”. “Eles valorizam quem consegue

fazer tudo. Eu consigo fazer tudo sozinho porque eu gosto de deixar as reportagens que eu faço com a minha cara. Eu gosto de editar”, contou este repórter de um canal de notícias. Já esta repórter argumenta que nem todo mundo consegue dar conta do que é exigido no dia a dia da profissão: “Você quer ser bom, você quer saber fazer tudo, quer ser ágil, quer mostrar que está disposto, 'vou fazer'. Mas às vezes você quer abraçar o mundo e será que dá conta?”.

Dois profissionais de televisão argumentaram que a exploração empresarial 24h/7 mascarada de discurso de profissionais autossuficientes afeta mais os jovens jornalistas. “Principalmente quem está começando, que quer fazer tudo, mas não dá. Para ter uma boa matéria, você não pode estar sozinho [...] Além de você ficar sobrecarregado, alguma coisa vai se perder”, analisa uma profissional, se indagando sobre as razões desse cenário: “É pra se mostrar? Para tirar o emprego do cinegrafista? Para mostrar que é possível? Tem muita romantização dessa precarização”.

Esta repórter de TV concorda que entre os jovens há certo deslumbramento, mas avalia que, para o público, já não há mais aquele glamour da profissão:

Vejo entre os novos. Vejo a galera invocadinha, que se acha muito mais do que realmente é. Mas acho que para o público não há muito essa glamourização. Eu acho que a gente caiu para o público, só a galera novata na carreira que ainda acha que é grande coisa. Mas o público não acha mais. É uma coisa de início de carreira. Essa coisa de tirar emprego é tão complicado que se você não fizer alguém vai fazer. Ou você se adapta ou você está fora. Os assistentes (de câmera) têm que se virar para aprender tudo para não perder a vaga.

“Eu acho que o jornalista é um grande intruso do bem dos lugares, ele está sempre em meio a situações às quais ele é alheio, ele é observador. Então, eu tento pensar assim pq diminui a vaidade, da gente achar mais do que a gente é”, afirma este outro repórter de TV.

Com ou sem romantização, é impressionante ver o quanto a nossa amostra é engajada em fazer um bom trabalho, mesmo diante de toda precariedade. Em certos momentos, os jornalistas chegam a ser ambíguos. Alegam que são a sua profissão, e que a notícia pode chegar a qualquer hora e por isso têm que estar sempre prontos para agir, ao mesmo tempo em que enfatizam a problemática da disrupção do modelo de negócio dos seus veículos. “E o pior é que quando o dia está muito agitado e você não tem tempo de abrir a barrinha de cereal que está na

bolsa, porque você não lembra, são os dias mais gratificantes para mim”, diz esta jornalista de TV.

Este repórter com 25 anos de experiência rechaça o modelo de fazer tudo sozinho:

Jornalista não é super herói, ele está se matando aos poucos e está matando outras famílias. Quando a gente acaba sendo corrompido a trabalhar sozinho e fazer muita coisa sozinho, tem outros colegas nossos que estão desempregados. Só que às vezes eu me sinto de pés e mãos atados por não brigar pra ter mais profissional para trabalhar porque eu preciso do meu emprego. Isso me incomoda muito. O jornalismo está largado.

Por outro lado, quando é questionado sobre se sua rotina é muito estressante, ele diz: “Mas eu nasci pra viver esse estresse, entendeu? [...] A minha pressão fica alta porque eu fico desesperado porque quero ir pra rua [...] Sabe aquela coisa do sangue na veia de uma vontade louca de fazer aquilo, de ter a melhor entrevista, de ter as melhores imagens?”.

Os jornalistas de hard news geralmente ficam tão envolvidos nas dinâmicas do cotidiano que nem sempre é fácil olhar com distanciamento. “Eu lá atrás quando me formei na PUC, ouvi de muitos professores que o jornalismo é uma cachaça, eu via mais o lado glamouroso do jornalismo do que o lado sacrificante de doação do jornalista em si”, relata este jornalista que tem dois trabalhos para conseguir sustentar a família. E é crítico em relação ao intenso desgaste da vida de um jornalista:

Então hoje eu entendo essa história da cachaça porque quem gosta acaba viciando e mergulhando de cabeça. Mas se a pessoa tiver cinco minutos, 50 minutos na semana, cinco horas no mês e conseguir olhar para o lado e amplificar a visão de onde ela está mergulhada, vai fazer uma série de reflexões. E esse momento é o que eu to tentando viver para, se não tornar a minha vida como jornalista um pouco mais saudável, pelo menos ser menos desgastante porque isso acaba envolvendo várias pessoas, mãe, pai, mulher, filhos, as pessoas que te cercam.

Este é um assunto que mexeu com intensidade com este jornalista de internet, que desaprova a postura do jornalista 24h/7: “É a pior coisa. A coisa do personagem, o cara que para para apurar no fim de semana, o cara que no fim de semana está comentando notícia no twitter”. E acrescenta:

Acho que tem jornalista que tem relação doentia com redes sociais, mas muito doentias mesmo. Jornalistas que durante todo o tempo tem aquela coisa de "missão jornalismo". Eu não visto essa capa. Existem slogans das empresas que as pessoas compram de maneira doentia, então é "você lê primeiro aqui". "Nunca desliga".

Jornalista que bota essa hashtag merece surra. Desligo sim, p***! É muito bizarro, as pessoas entram nesse discurso de um jeito...

O repórter relata ainda que já se afastou de colegas jornalistas justamente porque “só conseguem falar de jornalismo, simplesmente porque não têm uma vida fora. E a gente cresce no jornalismo com isso: ‘agora você aguenta’, só que a gente não tem que aguentar”. E conta que faz questão de separar a vida pessoal do trabalho:

Não temos que achar que somos o quarto poder, não temos que achar o jornalismo como uma missão messiânica da vida, cara. Eu não, eu desligo, eu tenho minha namorada, gosto da minha cerveja, ouço meu pagode, me doo na hora do meu trabalho, mas tenho profunda antipatia sobre quem fala que jornalismo é uma cachaça. “Que que eu posso fazer se só sei fazer isso da minha vida?”, ah, pelo amor de Deus. Eu não. Eu gosto do que faço, mas assim, saberia fazer outras coisas na minha vida sim, desculpa. Até porque já vi tanta gente com Prêmio Esso desempregado, que eu não vou comprar isso para a minha vida. Vi pessoas que não se casaram, vi pessoas com câncer de pulmão, que infartaram na redação. Todo mundo conhece um jornalista que morreu com 60 anos e aparentava ter 80, velho, dentes amarelos, não quero. Eu falo para a minha chefe: "fechou por hoje? eu vou dar minha corrida". Atrapalha o nosso trabalho, porque se você não faz esse discurso de messiânico, você pode ser visto como descompromissado, omissivo, pouco interessado, porque é aniversário da mãe do fulano mas ele tá aqui para fazer o plantão.

“O jornalismo é uma cachaça, e eu estou começando a tomar ojeriza deste ditado”, me confessou este outro repórter de internet, dizendo que busca hoje uma relação mais saudável com o trabalho. “Quando eu recebo uma informação, não posso deixar de passar. E os meus chefes sabem que existe essa dinâmica da minha parte, independentemente da hora que for, e para eles isso também é confortável”, afirma o jornalista, revelando que já foi muito mais ansioso para provar que “era merecedor de estar ali, naquele veículo”. Ele descreve que já esteve profundamente inserido nesta dinâmica de trabalho exploratória, e hoje tenta sair um pouco dela:

Eu me cobro porque eu acho que de certa forma eu continuo em vários momentos exercitando esta mesma dinâmica no meu trabalho, na minha vida profissional. O cara que está disponível, não tem hora, qualquer hora é hora de trabalhar, se não demonstrar serviço pode ficar com medo de perder o emprego, “o jornalista tem que se f***, porque é só assim que aprende” [...] Desde o ano passado, tenho tido mais contato com mais pessoas da área que optam por viver uma vida que obviamente tem seus momentos de muito mais trabalho, demandas que surgirem, porque acontece, mas são pessoas que decidiram não levar a questão do trabalho tão a ferro e fogo, e não levar a questão do trabalho 24 horas por dia, todos os dias da semana online o tempo todo, vendo celular. Por sentir também que era demais o esforço que eu estava tendo, para a baixa remuneração financeira e desgaste mental que isso trazia, eu to tentando trazer isso para a minha vida.

Esta profissional de internet acredita que a falta de conhecimento sobre o cotidiano de um jornalista favorece essa idealização: “A gente fala muito dos outros e pouco da gente.[...] E aí eu acho que isso contribui para essa romantização, de achar que você é uma pessoa distante, inacessível, e isso é uma culpa nossa mesmo”. E afirma ainda que por esta razão a profissão acaba envolvendo certa romantização: “As pessoas não sabem na realidade qual é a rotina de um repórter, não sabem que eles se alimentam mal, não sabem que para fazer uma matéria eles passaram 12 horas se socando e se batendo para conseguir pegar uma fala de alguém, de alguma autoridade”.

Um dos profissionais avaliou que fica difícil sair da espiral para a qual o jornalista é levado:

Tenho certeza que ninguém escolheu estar nessa situação de fazer a pauta, apurar, escrever texto, editar e ir pro ar... você é empurrado para essa situação. Fica como aquela história da lei da sobrevivência, é tipo um naufrágio. Tem mil pessoas a bordo, mas só tem cem boias. No pânico da emergência você vai querer se agarrar numa boia, não importa se vai entrar no mar gelado, cheio de tubarões, porque a chance de sobrevivência é muito pequena.

E justamente por causa deste estado permanente de “pânico da emergência”, como descreveu o jornalista acima, é que as redações vão justamente ficando cada vez mais jovens, uma vez que os mais novos têm mais energia para mostrar que é possível atingir aquela meta. “A gente tem que tomar cuidado porque como tem algumas pessoas que mostram que é possível, os chefes vão querer que você seja igual àquela pessoa [...]. Às vezes você dá o máximo de você, mas nunca está bom”, argumenta esta repórter de televisão. Esta outra profissional de TV aberta concorda. E confessa que sente raiva daqueles que estão dispostos a acumular as funções:

Odeio, odeio. Tenho vontade de matar essas pessoas. Aquelas pessoas que estão totalmente precarizadas e se achando o máximo são as pessoas que estão acabando com o jornalismo, porque ninguém pode fazer tudo, é inviável, algo vai ficar mal feito. É uma profissão difícil pra caramba, aí você fica assumindo a responsabilidade de outros, que é você se tornar o cinegrafista, se preocupar com a imagem e o áudio, dirigir o carro, e pra ganhar 3 mil reais. O otário faz isso pra ganhar 3 mil reais. Dá vontade de mandar ele trabalhar na padaria que é mais light. Não, mas acha o máximo, acha incrível, o cara da imprensa... Aí chega de Uber, com o tripé nas costas, e me pergunto onde isso vai parar. Porque para as empresas é confortável demais, eles acham maravilhoso.

Ela chama a atenção para um cargo ainda mais precarizado que vem se popularizando nas redações: os chamados “amadores”. São cinegrafistas amadores,

ou seja, pessoas geralmente sem experiência ou formação na área da imagem. Segundo a jornalista, os “amadores” são pagos para ir de moto até o local de pauta, gravar o que é preciso e/ou fazer uma entrevista, em troca de uma diária que varia entre 100 e 150 reais. “É terceirizado, não tem vínculo [...] Tem um monte dessas pragas. Não é jornalista, é assustador”, ela conta, acrescentando que havia três amadores na empresa onde trabalhava anteriormente, e que ela, na redação, aguardava um deles chegar com o material relativo à sua pauta do dia. O editor decupava as gravações, enquanto a repórter escrevia o texto e gravava a passagem. “O cara às vezes ainda me perguntava qual pergunta queria que eu fizesse!”, enfatiza.

Uma repórter de um canal de notícias se diz absolutamente contra esta ideia de “jornalista super herói” :

Claro que tem a especificidade, realmente ser vista como uma profissão difícil. A minha mãe fala isso muitas vezes: “É uma profissão bonita, mas é uma profissão muito difícil”, porque você está ali, acorda cedo, pega em horários malucos, e acho que isso acaba remetendo a coisas de super herói. Quando eu conto para os meus amigos, que pego às 5h da manhã, as pessoas falam: “Caraca, como você consegue?” Mas tipo, eu acho péssima essa ideia de super herói, porque a gente não é super herói, a gente é profissional, um operário da notícia. E acho péssimo porque é uma forma da gente se auto enganar, é super herói, tem que dar conta de tudo mesmo, e isso acaba sendo bom para as empresas de certa forma, a gente acreditar nesse discurso.

O que incomoda esta jornalista de rádio também passa por uma função assistencialista da profissão, nas palavras dela, “que é um pouco diferente de ser super herói, mas se aproxima. Todos os problemas que as pessoas têm no mundo, elas ligam ou mandam mensagem no Whatsapp da rádio [...] Esses dias ouvinte ligou pra dizer que estava preso no elevador”. Ela disse ainda que os funcionários foram “ultra cobrados” por não tentar tirar o ouvinte do elevador. E comenta ainda sobre a cultura do furo, de ter informações exclusivas dentro de um cenário de trabalho fragilizado, que alavanca as questões da soberba e da vaidade, e colaborando para essa glamourização da precarização:

Jornalista é um bicho muito vaidoso, né? É coisa de maluco isso. [...] A gente gosta de ouvir que a gente escreve bem, se expressa bem. Mas quando a gente vê que somos explorados, nosso salário é baixo e nossa vida não é fácil, a gente tenta sustentar nossa vaidade com o que aparece, tipo: “Dá para fazer 300 milhões de coisas e eu consigo, olha peguei essa informação exclusiva”, e tem um apego com essa palavra “exclusivo” no jornalismo, mas acho que tem a ver com a personalidade. Tem uma hora que todo mundo percebe que está sendo explorado.

A capa não fica muito tempo no ar, ela cai rapidinho. E principalmente se você é novo na profissão, você chega muito inflado, “agora estou na rua”, “agora estou fazendo não sei o quê”, “arrumei emprego na imprensa”... depois vê que não é bem assim.

Uma característica interessante que aparece nos depoimentos de dois jornalistas é a de falar numa posição institucional, usando verbos que geralmente estão ligados à editoria que cobrem. Um exemplo está na fala deste repórter de rádio e TV que cobre mais a parte policial: “Você pode ir para São Gonçalo fazer uma operação gigantesca, pode prender um governador, ficar 12h trabalhando e ficar destruído, dormir, tchau, porque amanhã tenho trabalho para fazer às 6h da manhã”. Ou mesmo este repórter de política: “Tenho algumas fontes, estou em alguns grupos, que já me ajudam na leitura do D.O., mas eu leio mesmo assim. Aí eu já despacho logo tudo na parte da manhã, vejo se tem algo de política, no que a gente vai investir”. Em outra frase, ele diz: “Quando estou [entrando] uma da tarde, aí no meio da manhã eu falo com o [editor] e dou uma despachada com ele de uma meia hora”. Além deles, outros jornalistas também apresentaram, nas nossas conversas, uma ideia de aproximação ou até mesmo uma confusão institucional, algo duramente criticado por este profissional:

A gente está sempre perto do poder mas não é poder, e tem muitas pessoas que acabam confundindo a proximidade com o poder e ser parte integrante do poder. Isso por si só cria uma vaidade, faz massagem no ego. As pessoas que acreditam nisso piamente precisam entender que até o glamour é passageiro, tirando algumas figuras que já estão glamourizadas há muito tempo, como a bancada do Jornal Nacional. Mas até o sucesso é passageiro porque as coisas são muito instantâneas. Dei um furo de manhã, à tarde já tem outra notícia que suplanta a de de manhã, e de noite já uma outra notícia. [...] Obviamente que ainda tem alguns deslumbrados, é natural. Isso tem em tudo que é profissão. Se o cara for minimamente pé no chão ele sabe que mundo dá voltas.

Cultura do furo

A exclusividade de uma informação é um item que brilha nos olhos de dez entre dez gestores de redação. Entre os 21 jornalistas ouvidos para esta pesquisa, 11 disseram que se sentem pressionados pela cultura do furo de reportagem, ou seja, de se antecipar a dar determinada informação em relação a outros jornalistas. “Me sinto muito pressionado pela cultura do furo, é uma pressão constante. Chega a ser um assédio [...]: ‘Tem que dar, tem que dar o furo. Como assim você não sabia

disso? ‘Chefe acha que a gente tem que saber de tudo’, conta este repórter de jornal. Já este profissional de TV diz que corre atrás da notícia em primeira mão menos por uma cultura da sua empresa atual, mas por um estímulo à concorrência interna do veículo, o que ele chamou de “disputa saudável do ponto de vista empresarial”:

Só que eu passei a ser muito mais cobrado do que eu era. Então eu ganhei a promoção e passei a ser muito mais cobrado, o nível de cobrança é enorme e é direta e sem filtro, de história assim, assado. O que eu acho positivo porque significa grande responsabilidade, mas eu me sinto nessa cultura do furo, sofro essa pressão.

Outra jornalista do grupo tem opinião diferente em relação a esta competição entre os canais da mesma emissora:

O que mais me incomoda é a competição dentro da própria empresa. Você tem [canal aberto] e [canal de notícias]. Eu entro ao vivo com link do [canal de notícias], porque a repórter do canal aberto já entrou no ar. Não dá, gente, é a minha cara que está na reta por causa desse fogo na bunda de dar o furo nela mesma.

A repórter conta ainda que é enorme a competição entre os repórteres da casa, com destaque para quem tem mais fontes: “Eu brinco que é como se [o canal de notícias] fosse um pelotão e eu estou lá atrás gritando: “Peraí, gente!”. Porque eu não tenho fonte, e vejo que a galera que tem se destaca”.

Esta jornalista que atua na apuração relata que a pressão é ainda pior. “A notícia parte de mim. E a partir do que eu dou, aí os repórteres seguem para fazer matéria e tal. Mas num primeiro momento é comigo”, e acrescenta: “Se todo mundo for e eu ficar para trás, eu me sinto o cocô do cavalo do bandido. E quando eu consigo algo, por menor que seja, isso é algo que eu vejo reconhecimento da chefia e me sinto bem”.

“Sim, tem pressão da cultura do furo. Quando rola um furo, a galera fica bem feliz. Eu acho que essa é uma pressão interna dos jornalistas. Você se pressiona para ter a informação que ninguém tem. E isso não é negativo, isso move a gente um pouco”, afirma esta repórter de um canal de notícias. Mesmo que não haja uma cobrança direta por parte da empresa, alguns jornalistas mencionaram que têm essa exigência com eles mesmos, como relata esta profissional de TV:

Eu não me sinto pressionada pelas pessoas que trabalham lá. Eu me cobro, eu me pressiono. Porque a gente tem aquele lance de querer fazer fonte, de querer ter o contato, então eu me cobro e eu sofro. Por exemplo, se alguém me prometeu uma operação exclusiva, aí chega lá e eu vi que não era exclusiva. Aí eu falo, peraí, meu

Deus, eu passo mal. Por mais que a chefia não vá ligar, eu fico ali assim, cara, não é possível, por que eu não consegui? Não confia em mim? É claro que vez ou outra vem alguém: "Ah, vamos ver se a gente consegue alguma coisinha", mas parte muito de mim, eu me cobro muito, sempre quero tentar o diferencial.

Um repórter de internet conta que se sente muito pressionado, mas principalmente por causa de uma autocobrança: "Chega a ser uma autossabotagem. Tem um histórico familiar de momentos de muita crítica, por que não fez isso, não fez aquilo, [...] não podia ter nota baixa, aí rolavam julgamentos". E por isso relata que é muito impactado quando não consegue confirmar determinado fato: "Fico mal porque não consigo tal informação, com tal fonte, porque eu não conheço aquela fonte, não tenho estrada suficiente". Este jornalista de internet trabalha em busca de matérias exclusivas: "É uma cobrança que eu me coloco muito e que quero me colocar cada vez menos. Mas é que eu fui chamado com essa proposta, então fica difícil me desvencilhar. Eu me pego falando: "já tem uma semana do último (furo)".

Este jornalista com mais de 20 anos de experiência e que atualmente trabalha para dois veículos de imprensa também conta que se cobra desde sempre em conseguir furos de reportagem: "O furo é aquilo que consolida, que dá um verniz. Porque a gente é apenas um nome, a gente vive do nome. O "sucesso" está mais associado a um furo do que a um bom texto", afirma ele, acrescentando: "As pessoas estão preocupadas com informação certa, precisa e impactante, e o furo reúne essas características". O profissional afirma ainda que é através do furo que consegue se manter na competição pelo posto de trabalho:

Essa história da "juvenização" da profissão me estimula ainda mais a competitividade. Primeiro, questão de sobrevivência. Quero mostrar pro meu chefe que ainda sou útil e produtivo. Segundo que eu tenho obrigação de conhecer mais aquele setor do que os jovens. O furo me empolga, me anima, talvez seja ainda seja a última fagulha da centelha que me faz sobreviver nesse mercado porque eu não me conformo. Fico inconformado se eu não for dar o furo. O furo é meu escudo, é meu elemento de sobrevivência.

Por ser a maior do ramo no país, a Rede Globo foi citada por dois jornalistas como a empresa que se destaca em relação aos furos de reportagem. Quando indagado sobre a pressão da cultura do furo, este jornalista de rádio e TV diz: "Sinto pressionado por isso, mas mais ou menos porque eu não sou do grupo Globo. [...] A gente tem corrida por confirmar, não para o furo. A gente busca as nossas pautas, mas grupo Globo é grupo Globo". Esta repórter de uma emissora de TV aberta

também menciona a Globo: “Nunca trabalhei na Globo, então não sinto essa pressão. Porque as outras emissoras elas correm atrás da Globo, né? Fica todo mundo esperando a Globo dar, aí sai todo mundo correndo”. Esta jornalista de rádio diz que é forte a exigência pelo furo de reportagem no veículo onde atua, ao mesmo tempo em que também existe uma consciência de que uma equipe pequena não vai conseguir sempre estar à frente: “Tem essa pressão sim. Só que também tem consciência do tamanho da redação. Nossa equipe é micro, então quando a gente não tem ou não dá alguma coisa, a gente tem essa justificativa. E ainda assim vem muita coisa de ouvinte”, relata.

Dez jornalistas responderam que não se sentem pressionados para conseguir histórias com exclusividade, seja por falta de tempo, de pessoal ou de investimentos para este tipo de atividade mais investigativa. “Eles já desistiram disso lá porque a gente não faz nem o mínimo. É claro que a gente valoriza quando acontece. Furo só pontualmente, se cair na sua cabeça por sorte alguma informação”, afirma esta repórter de rádio, contando ainda que faz muito tempo que o veículo onde trabalha não consegue uma informação exclusiva. Já esta repórter de TV diz que não há tempo para buscar histórias paralelas por causa das inúmeras tarefas que precisa cumprir ao longo do dia, além do fato de a equipe investigativa ter sido demitida: “Eles dissolveram o núcleo que tinha aqui de produção, que tinha uma galera mais competente para cavar coisa, sabe? [...] Mandaram umas duas pessoas que tinham salários altos embora e a gente hoje replica o que está acontecendo na cidade e ‘vambora’, é isso”.

A rede social, a vaidade e o excesso de trabalho

No roteiro de perguntas elaborado para esta pesquisa, não havia uma questão que tratasse sobre as redes sociais. No entanto, em 17 das 21 entrevistas, acabamos falando sobre questões que envolviam o jornalismo e as mídias sociais, como a vaidade, os posicionamentos e objetivos, o acúmulo de trabalho, os dados e a produção de notícias.

A vaidade nas redes sociais apareceu nos depoimentos relacionada a um dos aspectos da romantização da precarização do jornalismo, como exemplifica esta repórter de rádio:

Tem um monte de colega que vive reclamando do salário, “a gente ganha mal”, “a gente é muito f***”, “estou sem comer desde ontem”, aí posta um monte de *stories* “jornalismo por amor”. Ah, vai se f***! (risos) É o fim da picada, hiper contraproducente você ir contra sua própria causa. A profissão é legal para quem está ouvindo. Não é tão legal assim. É por isso que eu quero sair da profissão, porque um dia eu acreditei nisso.

Este profissional de TV traz um ponto de vista parecido sobre o que é compartilhado nas redes sociais:

Veja, é óbvio que a gente vai ter que se adaptar, os fluxos de produção vão mudar. A gente vai assumir mais funções e tal. Mas acho que a gente tem que ser muito crítico com isso porque eu vejo os colegas da CNN na rua. Eles cobrem operação da PF com tripezinho, e ao mesmo tempo tem aquela “instagramização” da profissão, *hashtag* “vida de repórter”. Não! Assim, não! Está entendendo? A gente precisa desconstruir esta ideia de que jornalista é super herói, que você consegue fazer tudo, porque jornalismo é um trabalho de equipe, e eu acho que o trabalho de rua é de equipe também.

Esta repórter de rádio conta o caso de outra colega que aceita e cumpre uma agenda com inúmeras tarefas, num claro acúmulo de funções:

Eu vejo isso com uma preguiça assim enorme, que eu olho e falo: "Cara, larga de ser babaca, sabe? Essa empresa vai botar o pé na tua bunda daqui a pouco, assim que ela achar que ela precisa cortar o teu salário, entendeu? Tive muitos amigos ali dentro que se doaram para a [empresa atual] e a [empresa atual] simplesmente demitiu essas pessoas. [...] E aí essa semana ela (a colega citada) entrou 4 horas da manhã para poder fazer uma operação, para apresentar o jornal que vai ao ar às 18h50 da tarde para sair de lá às 19h20, 19h30 da noite, e posta foto: "Ah, primeiro tempo", "Não, agora o segundo tempo, aí agora agora eu vou apresentar o jornal..." Eu olho para aquilo e falo: "Cara, que isso". Eu vejo muito essa romantização, da pessoa achar que aquilo é maravilhoso e exaltar isso, sendo que a você não ganha para isso. Aquela 4h da manhã que ela entrou não vai para a folha de ponto dela, ela não vai ganhar aquele adicional noturno, ela não vai ganhar a interjornada. E não adianta você dizer para mim que é algo pessoal, que ela está fazendo algo para ela, não só para o crescimento profissional, eu sinto que é para mostrar para as pessoas: "olha como eu trabalho".

Uma jornalista de um canal de notícias chama a atenção para o ambiente opressor das redes sociais, uma vez que, ao seguir muitos jornalistas e estar ali numa bolha, o profissional pode ficar numa espiral de comparações:

Aí quando você vê você só está consumindo aquilo, presa naquilo ali, e tem pessoas que têm mais necessidade de se autoafirmar, de formas diversas, desde selfies até publicação de matérias, e eu acho que pode ser um ambiente um pouco opressivo também, para a autoestima. Acho que tem isso de você se sentir um merda, as pessoas começam a postar as coisas incríveis que elas fazem e você começa a se sentir mal, “não faço nada”, “não sou nem metade”, “nunca vou ser essa pessoa”, então tem uma coisa para a autoestima. E tem uma coisa de um sufocamento

também, ao mesmo tempo de ser legal, você vai para a rede social, e fica ali preso num conteúdo de trabalho.

Um repórter de internet me mostra um livro sobre as perspectivas do mundo virtual que está lendo. Ele diz que está estudando as relações entre as pessoas e as redes sociais, além do uso de dados pessoais para campanhas publicitárias e políticas, e fala sobre o posicionamento dos jornalistas: “Acho que a gente tem que tomar cuidado em relação a vaidade, a expor nossas ideias e pensamentos, de dosar quando a gente realmente precisa fazer isso ou quando a gente pode só observar, sentir realmente quando o posicionamento é necessário”. Já este jornalista de TV se diz profundamente incomodado com o fato de não poder compartilhar suas opiniões virtualmente: “Me sinto extremamente desconfortável de não poder opinar, não poder responder a discursos de ódio. Quando o discurso de ódio envolve o meu grupo LGBT, aí eu me posiciono. Mas queria poder me posicionar mais”. Ele relata ainda que, por ser uma figura pública, toma uma série de cuidados em relação à exposição da sua família:

Como eu tenho um grande número de seguidores no Instagram, eu não posto o lugar (onde está), até porque não pode, mas sempre posto depois. Tenho medo de chegar um fã, ou alguém. Essa exposição do vídeo que o jornalismo traz. No instagram eu controlo muito o que eu posto porque sei que as pessoas têm curiosidade de saber como é a minha vida pessoal, então tenho um combinado com o [marido] de nunca fazer story no quarto. Nunca. Tento ter reservas na rede social. Minha mãe tem perfil fechado, meu irmão tem perfil fechado, minha cunhada, sogra... Tento protegê-los, para que eles não sejam alvo de ataques.

As opiniões divergiram sobre a questão. De um lado, estão jornalistas que pensam que as mídias sociais ajudam a encontrar personagens e dão um empurrãozinho na produção de matérias. Já outra parcela de jornalistas acredita que postar nas redes sociais dos veículos é mais uma tarefa da enorme lista das redações. “Acúmulo de função: cara tem que apurar, bater⁵⁷, e ainda pensar no texto da rede social para ter engajamento. Rede social é bênção, mas é maldição ao mesmo tempo, é dupla função”, diz este repórter de jornal. Quatro jornalistas descreveram as mídias sociais como parte de uma função a mais de trabalho. “A rede social te aproxima das pessoas, mas também é uma coisa trabalhosa”, afirma esta jornalista de televisão, contando que ainda está se acostumando com uma rotina de postagens das suas matérias para atrair o público, uma vez que tem sempre já muitas tarefas

⁵⁷ No jargão jornalístico, “bater” significa escrever a reportagem.

acumuladas em campo. Ela não tem obrigação de compartilhar vídeos, mas afirma que esta prática já é recorrente em outros veículos: “Vejo colegas que são obrigados a fazer vídeo para a rede social da emissora.[...] Só que quando você é contratado, você não ganha pra fazer rede social. Tem gente que não gosta de vídeo mas tá tendo que fazer porque não tem opção”.

“Eu vejo como uma função a mais de trabalho. Facilita para a empresa, facilita para a imagem dela, para ela alcançar mais pessoas. Para o funcionário é só mais um trabalho”, afirma esta repórter de rádio. Ela relata que, embora não esteja em contrato, se sente impelida a abarcar mais esta função de fazer posts nas redes sociais da empresa:

Eu sou obrigada a fazer os vídeos. Obrigada não no sentido de que a minha chefe vai ligar para dizer "tem que fazer". Não, mas se você não faz, fica aquele olhar estranho, tipo: "Huuumm". Sabe? Você se sente coagida. Eu vejo isso acontecer muito com os colegas que são de TV e de rádio, e precisam fazer o conteúdo para o online, o texto, etc. No momento em que estou no quebra-queixo, entrevistando, eu estou preocupada em fazer as perguntas, mas não posso estar preocupada só com isso e com a captura do áudio. Eu tenho que pensar na pergunta, conseguir captar o que o entrevistado está falando, e gravar vídeo com a outra mão, ou tirar foto, e tudo mais, porque é uma obrigação, é mais uma função que nos foi dada.

Uma repórter de TV diz que o lado bom é conseguir acessar um número maior de pessoas. No entanto, a empresa não enxerga o gasto de tempo com mais esta atividade como trabalho: “Você acumula mais uma coisinha para fazer no seu dia. Eu acho que o que deve passar assim na cabeça das pessoas é que ‘é só um videozinho que você vai gravar’, ‘é só um post que você vai fazer, não tem nada demais’. É uma coisa que só vai acumulando”.

Dos entrevistados com quem conversei sobre as redes sociais, duas afirmaram usar as mídias para buscar fontes e personagens: “Muita pauta nasce dali, muita fonte nasce dali. Eu uso pessoalmente para autopromoção, mas não tenho muita paciência. Eu posto o que produzo, sem muito desenvolver. Eu uso muito para achar parentes⁵⁸, personagens”, conta esta repórter de internet.

Visão semelhante tem este jornalista de um canal de notícias, que vê as redes sociais não só como campo para buscar histórias, mas como uma ocupação, passível de remuneração:

⁵⁸ O termo “parente” é usado com muita frequência nas redações para familiares e pessoas próximas ao personagem principal da matéria. Geralmente o “parente” é aquele que dará mais detalhes sobre o personagem e o contexto do que está sendo retratado na reportagem.

Importantíssimas, só vieram para ajudar, principalmente para quem faz produção. Às vezes o chefe pede pro produtor: “Eu preciso encontrar um personagem que tenha ido morar na lua e que tenha levado seis latas de tinta”. Jogam um pepino na mão do produtor. Os produtores de antigamente têm uma lista telefônica que é como se fosse um tesouro. Quem começa hoje tem a rede social como aliada. Eu produzo algumas reportagens minhas e consegui achar especialistas que eu estava procurando simplesmente mandando uma mensagem inbox no Instagram. Facilitou muito. Ou ajuda o produtor pedir no Facebook para ver se alguém conhece alguém que tenha ido à lua com latas de tinta. A rede social também é outro campo em que o jornalista pode trabalhar por conta própria, fazendo seu canal no Instagram, no Youtube. Então tem muita gente que largou sua vaga de repórter e abriu seu próprio canal de notícias no Youtube. É mais uma oportunidade de trabalhar, além de mídias ou assessoria.

Já esta jornalista acredita que é fácil identificar as principais agendas dos jornalistas pelas mídias sociais: “A gente tem que estar o tempo todo ligado. Se você mosca na rede social, você praticamente perdeu toda a pauta do dia. Várias vezes a pauta mais importante do dia surge de WhatsApp, de Instagram, Twitter. Então a gente fica hiperconectado, né?”. A profissional acrescenta que o veículo de comunicação “tem que estar presente com sua marca, independente se vai trazer um retorno financeiro imediato ou não”. Um jornalista de TV afirmou que a imensa maioria do conteúdo produzido hoje no jornal vem das redes sociais: “No nosso jornal, hoje 80% das matérias são vídeos que nós recebemos dos telespectadores via Whatsapp, Facebook, Instagram e Twitter, vídeos de denúncia que acabam inclusive sendo as matérias de maior importância”. E conta que as empresas de comunicação se aproveitam dos jornalistas que têm muitos seguidores: “A empresa pega o jornalista que tem milhares de seguidores, e no momento em que ela pede para que você coloque na sua rede social a chamada do jornal local daquela hora, ela está usando seu público pessoal pra chamar o público para o jornal”.

A agressividade vinda de leitores e telespectadores é outro aspecto mencionado por três jornalistas. “Acho que a gente deveria estar melhor preparado para usar da melhor forma, temos comentários com conteúdos agressivos. Enfim, a gente tinha que saber usar melhor, até para poder interagir com a audiência”, diz esta repórter de rádio. Uma jornalista de internet diz que existem dois lados: “O lado bom é que muita gente passou a consumir informação a partir da rede social, você tem um amigo que compartilhou, que fez um story sobre uma matéria, você vê a publicação de um jornal na rede social, você vê o lide, o resumo”, relata a profissional, afirmando que as mídias sociais aproximaram o público da informação. No entanto, ela descreve o que mais incomoda: “O lado ruim é a

aproximação que isso trouxe sem a devida educação. [...] Aproximou o público de um repórter específico, e aí ele procura a página pessoal do repórter para agredir. [...] A rede social deixou a gente muito exposto”. A jornalista revela dificuldades para lidar com essa agressividade:

Eu acompanhava muito os comentários das matérias que eu publicava tentando de repente tirar uma coisa positiva para mim, para o meu trabalho. Mas aí eu fui vendo que é uma coisa que só me faz mal, não só em relação à opinião dos outros, mas às críticas que eles fazem. Tentam atingir o repórter diretamente, e eu acho que é recente por causa disso, da internet, aplicativo, redes sociais, que não tem tanto tempo, e as pessoas acham que podem falar e fazer o que querem, e elas ficam sem consequência ao se expor. Eu fico muito triste ao ponto de hoje não ler para aquilo não me consumir. Não por não saber lidar com crítica, não é por isso, mas por preferir não olhar para não me fazer mal, porque eu fico remoendo aquilo, aquele pensamento autoritário, aquela crítica só por criticar, pelo prazer de falar mal do seu trabalho, colocar o seu profissionalismo em jogo.

Já esta jornalista questiona a relação entre rede social e informação de confiança: “Acho que as pessoas começaram a buscar na rede social fontes de informação que não são adequadas, e que não têm credibilidade. É uma luta, você fica tentando lutar contra aquilo”. E acrescenta: “A pessoa que recebe fake news na rede social, ela vai checar nos sites oficiais”.

Reflexões e futuro do hard news

“Se sobrar alguém de sã consciência ainda vai ter jornalismo”, me diz esta repórter de um canal de notícias. A questão que envolvia uma avaliação sobre o momento presente do jornalismo diário e as reflexões sobre o futuro do hard news foi a última feita a todos os 21 entrevistados. Embora eles já tivessem respondido a vários outros temas que pudessem estar incluídos nesta resposta, pensamos justamente ser interessante terminar com esta volta a uma análise geral, para que os profissionais tivessem a possibilidade de se expor livremente, justamente após terem contemplado e refletido sobre a profissão por cerca de uma hora.

Os depoimentos diante desta indagação foram muito diversos. Apenas três jornalistas foram otimistas nas respostas. Esta repórter de jornal diz que considera o jornalismo fundamental para a produção de conteúdo confiável, embora às vezes possa se sentir desanimada:

Acho que tem muita gente que se perde no meio da profissão, tipo: "Para que eu to fazendo isso? Não faz tanto sentido". Às vezes bate um pouco isso, mas no fundo

eu sempre acreditei no poder do jornalismo. [...] Hoje todo mundo tem opinião, mas com base em que? Não tem base nenhuma. O senso comum é muito forte e acho que o jornalismo vem para combater um pouco desse senso comum, que nem sempre está certo. Mas também vou fazer um mea culpa de que o jornalismo também é senso comum e a gente reproduz alguns deles... aí aquela coisa que está na moda agora, de combater fake news, que é essencial.

O fenômeno das fake news nas redes sociais é reflexo do aumento da produção de conteúdo e do consumo de informação, na argumentação deste repórter de televisão, que se preocupa mais com a questão financeira dos modelos de produção de notícias:

Esse fenômeno das redes de uma maneira geral colocou em xeque a questão do jornalismo profissional, da necessidade das grandes empresas, mas se você parar para pensar, ele é a consagração da produção de conteúdo. [...] Muitas vezes o conteúdo é fake news, com objetivos, mas é produção de conteúdo, pelo blog, pelo post no twitter, mas as pessoas estão consumindo muita informação. Qual a diferença entre o coronavírus e a Segunda Guerra Mundial, eu acho? É o fato de a informação hoje ser plena, rápida, as pessoas estão consumindo informação o tempo todo. Meu medo é que, com essa mudança da forma de comunicar, eu ainda não vi fora das empresas uma forma de você produzir conteúdo conseguindo monetizar. Não vi ninguém ganhar dinheiro com jornalismo produzindo informação. Quanto menos financeiramente viável numa sociedade capitalista, mais você dá espaço para pessoas menos comprometidas, menos qualificadas.

Este repórter de um canal de notícias primeiro afirma que esta é uma questão difícil. E diz, a seguir, que o “jornalista de hard news vai ser sempre a voz de confiança para quem esteja ouvindo e acredite nas mídias tradicionais”:

Então você tem muita informação e também muita fake news nas redes sociais, então a pessoa que está comprando o jornalismo tradicional, ela sabe que ela pode ouvir e confiar. Para quem não acredita em teorias da conspiração, você sabe que tem jornais que tradicionalmente são sérios, e emissoras de TV também. Ali você tem uma informação próxima do que é a verdade. E o repórter do hard news tem essa função, se ele está com aquele microfone ali, ele tem a tarefa de passar a apuração dele mais próxima possível da verdade. E isso nunca vai ser extinto.

Visão totalmente oposta tem este profissional com mais de 20 anos de experiência e dois empregos. “Há uma tentativa de diminuir, minimizar, desgastar, desvalorizar o jornalismo. É um fenômeno global, especialmente em países com pensamentos de direita ou extrema direita”, ele descreve, argumentando ainda que as mídias sociais são usadas “para dar publicidade àquilo que você faz, para rechaçar o que o jornalismo tradicional divulga ou para contaminar cabeças com difusão de fake news”.

Justamente para combater as notícias falsas é que os jornalistas terão que trabalhar com mais rigor e dedicação à apuração, na opinião desta repórter de TV. Ao mesmo tempo em que pondera sobre o enxugamento das redações, ela afirma que este talvez este seja um momento de transição, “de uma adaptação desses novos meios que se você não se adaptar, você vai ficar ultrapassado”:

Os profissionais vão precisar saber fazer um pouquinho de cada coisa, o repórter vai ter que saber filmar, se posicionar sozinho em frente à câmera. Ele vai ter que saber editar, e de repente chegar na redação, já baixar esse material e já saber editar. De repente lá na frente você já até edita pelo celular ou num laptop, e acho que as mídias digitais vão ganhar cada vez mais força, e cabe a nós jornalistas se adaptar a esta nova realidade e ao mesmo tempo ter um rigor muito grande na apuração por causa das fake news.

“Eu acho que a gente está se descobrindo o tempo todo. Estamos lidando com dificuldades que são novas o tempo todo. É descobrir como a gente reage, como a gente sai de determinadas situações”, afirma esta profissional de rádio. Este jornalista de televisão também acredita numa “adaptação” a um acúmulo de tarefas:

Infelizmente a gente vai ter que se adaptar a fazer mais coisas, ter mais funções, além de simplesmente reportar as informações que a gente obtém. Acho que as equipes de reportagem de televisão, que já estão tendo suas equipes diminuídas, esse número provavelmente vai ficar menor, até porque a tecnologia vai permitir que menos pessoas precisem manipular os equipamentos necessários para filmar, por exemplo. Não estou reclamando da tecnologia, só que muitas vezes ela acaba tirando a parte humana desta equação, então os postos de trabalho humanos acabaram não sendo priorizados. O rumo do hard news acho que é esse, vamos ter mais funções e ter que estar atualizado com tudo que está acontecendo.

No entanto, este profissional acredita que seja importante rever as práticas de trabalho, mas de maneira que as críticas não sejam contraproducentes e tragam insegurança para a profissão: “Os questionamentos acontecem numa velocidade absurda, e qualquer erro é amplificado, e as pessoas são canceladas ou humilhadas na praça pública digital. Hoje temos mais notícias falsas e mais pessoas tentando descredibilizar a imprensa”, defende.

Para esta jornalista de um canal de notícias, o desequilíbrio está entre o que é preciso apurar e a velocidade com que é preciso realizar esta atividade: “O problema todo que a gente vive hoje é o excesso de rapidez. É uma cobrança muito grande para ser ágil, e muitas vezes você não consegue uma notícia bem apurada nessa velocidade”. Para que seja possível dar uma informação com velocidade e “sem erro”, os jornalistas muitas vezes acabam recorrendo às declarações de

autoridades. No entanto, o critério de escolha das fontes fica restrito aos interesses da empresa. Este repórter de TV se declara incomodado com a prática:

Me incomoda o fato de a gente estar fazendo um hard news extremamente declaratório. Fulano disse, ciclano disse, fulano respondeu. Acho que esse caminho deve se acentuar até porque vivemos uma realidade de muitas declarações e poucos fatos. Acho que o hard news é sobre o discurso, essencialmente. O futuro de sucesso para quem trabalha no hard news é se especializar num assunto específico. Eu torço de verdade para que a gente volte a ter telejornais menos negativos, dar notícias boas, as pessoas querem isso.

Outros dois jornalistas criticaram a agenda de pautas do jornalismo diário. Esta profissional de um canal de notícias reclama de não acompanhar as histórias que publica. Ela conta que não tem qualquer retorno por parte da redação se manifesta o desejo de cobrir a continuidade de certos assuntos: “A gente não acompanha, e isso é uma coisa que eu me questiono muito. É f***, a gente tem essa mania. A gente vai no assunto e esquece. É tão aquela tara de: “O que é hoje o assunto?”, que você não pode tirar uma equipe”. Este repórter de rádio percebe que a agenda do veículo onde atua pode não favorecer o interesse público:

Ninguém aguenta ficar vendo a programação da [nome do canal]. A gente faz uma agenda muito maçante. Hard news tem essa função de diferenciar o jornalismo do conteúdo de vídeo qualquer, é bacana. Cada um fala o que quer, mas tem que ter o canal oficial, e isso tem que estar ali separado. A gente vai estar aqui sempre, esse é o nosso papel de ser este quarto poder, estar fiscalizando, ser um pilar democrático, em todas as democracias deu certo. Agora falando de saúde mental, acho que a gente poderia entender e democratizar mais essa agenda. Às vezes a gente fala demais de coisas que não são tão importantes assim para uma população pobre, que não tem dinheiro nem para comer e está vivendo do auxílio emergencial e não tem o que comer dentro de casa.

Foram dezenove jornalistas que reagiram com pessimismo à minha pergunta sobre o futuro do hard news e as dinâmicas da profissão. “Estamos numa grande piscina de incertezas, de desvalorização. A gente trocou a imagem do herói pela do culpado. Somos os culpados por existir pandemia, somos os culpados de um *impeachment*, de faltar vacina”, desabafa essa repórter de rádio, alegando que isto se mistura, inclusive, com a violência nas ruas contra equipes de reportagem. E argumenta que percebe uma necessidade de mudança:

Mudar no sentido de entender a nossa importância e nosso papel e passar isso para as pessoas, não só os jornalistas, mas as empresas de comunicação, porque a gente está obedecendo a elas de alguma forma, ou a nossa imagem vai ficar cada vez mais desgastada com as pessoas. Vejo isso de uma forma mundial. Fake news, todo

mundo é repórter, todo mundo dá notícia, ou a gente pega esse bastão e diz: “é meu”, ou então o bagulho vai afundar de vez.

“Eu acho que a gente vai chegar num ponto em que não vai fazer mais sentido executar a reportagem. E vou desistir”, me diz esta jornalista de TV, que questiona os rumos do jornalismo diante de um cenário de um acúmulo cada vez maior de funções:

Eu acho que vai piorar. A tendência é o repórter fazer tudo sozinho. Eu questiono a qualidade do nosso material e a crise de credibilidade que já vivemos. Como queremos diminuir a qualidade diante desse cenário? O dinheiro vai falar mais alto, e vamos ter jornalistas fazendo tudo. Eu não quero, já botei na minha cabeça que não vou sair com tripezinho na mão. Estamos sem rumo. Se vc me disser que o trabalho é bem feito com a pessoa fazendo tudo sozinha? Não dá. Capaz de ter muito mais erro, e a gente vai ser ainda mais questionado pela falta de qualidade. O jornalismo vai ter que se reinventar. Acho que está bem ruim mesmo, e a tendência é piorar.

Esta outra jornalista de TV tem visão semelhante: “Acho que as coisas só tendem a piorar. A gente tem aí emissoras surgindo só com vídeo-repórteres, pessoas que vão trabalhar com uma câmera, celularzinho, tripé, sem nenhum tipo de suporte”. E argumenta ainda que alguns postos de trabalho já surgem dentro desta condição: “Deu uma merda, explodiu uma bomba, alguém veio com uma arma, mas tu não tem um carro, tu vai chamar um Uber para poder te tirar daquele lugar, não tem uma equipe”. Segundo a jornalista, sempre haverá pessoas dispostas a “aguentar mais do que a gente aguenta, mais do que a gente suporta”, e que são esses profissionais que ocuparão os cargos do mercado.

“Hoje em dia está impossível, tem que acumular, trabalhar mais horas, fazer hora extra, e não vale a pena, né? Pra mim já não vale mais, eu nem gosto mais do que eu faço”, confessa esta repórter de rádio, para quem o futuro do jornalismo é “continuar pequeno e impenetrável”, principalmente para aqueles que querem começar na profissão:

Para quem se forma em jornalismo é praticamente impossível se você não conhecer alguém. A maioria que se forma em jornalismo não vai ser repórter, vai ser frustrado também, porque ninguém entra na faculdade de jornalismo para ser assessor de imprensa ou alimentar a rede social de alguém. E paga mal ainda por cima. Todo mundo quer fazer, mas não sabe que, além de difícil, é muito mal remunerado.

O desgaste pessoal de uma profissão que demanda muito esforço acontece rapidamente, segundo esta jornalista de TV, com dez anos de profissão. “Um ou

outro desaba, um ou outro fica doente de tanto que a gente tenta ser forte. A gente vai adoecendo por dentro, você vai acabando com você aos poucos ali. Realmente é uma loucura”, relata, observando ainda o esgotamento dos colegas de profissão: “Os colegas dizem que não têm um dia de paz. Porque jornalista que trabalha no Rio não sabe o que é um dia tranquilo. [...] Você acha que vai ter um respiro no dia seguinte e nada”. Outro profissional de televisão tem opinião semelhante, ressaltando ainda que, após a chegada da pandemia, houve ainda um agravamento da situação: “Estamos no fim do mundo, os jornalistas estão doentes, estão com problemas de pressão alta, com ansiedade [...] E está muito pior agora na pandemia, colegas meus estão tomando banho de álcool em gel, [...] os jornalistas estão neuróticos”.

Frágil, pequeno, desvalorizado, impenetrável. A instabilidade dos jornalistas em relação a diversos aspectos da profissão fica muito clara na imensa maioria dos depoimentos, como o desta profissional com dois empregos:

Eu vejo o jornalismo muito numa corda bamba, sabe? Tipo um *slackline*, a gente vai tentando se equilibrar ali para não cair. É assim que eu me sinto e que eu vejo a nossa profissão. A gente vai cair e a gente não sabe o que vai esperar a gente lá embaixo. É instável e a gente fica suscetível a qualquer coisa. Suscetível ao leitor, à autoridade, é muito frágil o jornalismo hoje em dia. Isso eu acho que incomoda a todo mundo, não só a mim. A gente é alvo por todo lado, é todo mundo empurrando a gente ali pro meio da corda, sabe?

“Acho que tem duas categorias de jornalistas da nossa idade: ou as pessoas já caíram na real, ou ainda estão naquela coisa messiânica que dificilmente sai, e lá na frente vão pagar o preço do burnout, do pouco investimento pessoal, do retorno financeiro”, pondera este jornalista de internet, argumentando que existem limitações importantes para exercer esta profissão por muito tempo:

Fica claro para mim que jornalismo é profissão para gente nova, e fica claro que ainda somos pessoas novas, até uns 40 anos, 45. É muito brabo porque existe uma limitação financeira, uma limitação de carreira e uma limitação física para você seguir nessa profissão de repórter. Depois disso, você é obrigado a virar editor ou chefe de reportagem, ou um repórter que faz matéria de dentro do escritório. [...] Quando penso no amanhã, me vejo ou em outra posição, ou fazendo outra coisa da minha vida. Essa dedicação que tenho hoje, esse cansaço, não pode ser pra sempre. Não é crime querer minha folga e meu feriado. Eu me vejo num momento de repensar. De me ver ainda mais 10 anos nisso, mas não viver isso pra sempre.

Mães e pais jornalistas na pandemia

“Eu também tenho sonho de ser mãe. E sempre me pergunto o que vai acontecer. E quando for a minha vez? É difícil”, afirmou esta profissional de TV em meados de carreira, que sonha com a maternidade, mas tem medo do que possa acontecer com os dez anos nos quais vem se dedicando arduamente ao jornalismo. Quando expõe este medo, ela se refere à grande pressão que sente no seu dia a dia de estar totalmente disponível e bem disposta à empresa onde atua. Caso contrário, pode ser que a acusem de “corpo mole”, nas suas palavras. Outro profissional de rádio e TV também considerou impossível conciliar tantas tarefas: “Eu não sei como vocês conseguem ser mães e jornalistas”.

O medo de perder o emprego após engravidar apareceu espontaneamente nos depoimentos de três jornalistas ainda sem filhos enquanto conversávamos sobre as características da profissão. Engravidar provoca medo nas mulheres jornalistas que pretendem ser mães. Contar a gravidez para os gestores não é tarefa fácil, gera estresse e expectativa em relação às possíveis reações. Como abordamos anteriormente na categoria sobre a violência no trabalho, havia um gestor que ficava extremamente irritado por ter, na sua equipe, uma mulher grávida que assim não poderia vestir um colete e ir para a favela. “Acho que no caso de mulher grávida, elas são perseguidas na redação. Já teve gente que engravidou e foi demitida na sequência. Então a pessoa na gravidez já está pirando: 'vou perder o emprego, vou perder o emprego'”, relata uma repórter de TV.

Esta jornalista de televisão, cujo caso mencionamos anteriormente, perdeu um bebê com algumas semanas de gravidez, e considerou que a profissão provocou nela o que chamou de “incompetência feminina”, ou seja, uma ideia de impossibilidade de combinar o maternar e o jornalismo. “Quando eu perdi eu pensei que não queria passar por isso nunca mais. “Entrei em pânico porque eu, na verdade, me deparei com a minha incompetência feminina, [...] ou eu vou fazer jornalismo ou eu vou engravidar. As duas coisas não dá pra mim”, ela declarou. Ela acrescentou ainda que não poderia perder seu emprego, com o risco de não conseguir sustentar a criança: “Além de tudo, eu também não tinha o conforto de ter um companheiro que ganhasse bem e qualquer coisa eu pudesse terminar minha gestação em casa, porque ele ganhava muito mal, e hoje ele está até desempregado”.

Outra jornalista de um canal de notícias afirma que vem adiando o sonho de ser mãe por medo de ser descartada após engravidar. "Será que se eu tiver um problema em casa, o trabalho vai entender? Ao mesmo tempo, não quero adiar isso, adiar meus sonhos pessoais. Tenho que perder esse medo. Vejo pessoas solitárias, sem companheiros, sem filhos", ela reflete, ponderando ainda se teria condições financeiras e psicológicas, ao mesmo tempo em que leva em consideração o fato de o marido ter pressa de ter filhos:

Eu falei pro meu marido: eu penso cinco vezes antes de ser mãe. Porque você é mãe e seu filho tem uma dor de barriga, f***-se a pauta, vou voltar pra casa. Você fica com medo de perder o emprego. Se você tiver alguma situação mais delicada, não sabemos como a empresa vai reagir. Se eu entregar um atestado, vão pensar que eu estou fazendo corpo mole? Você fica com aquela neura de manter o teu sustento. Isso me deixa até mais tensa, de saber como será o amanhã.

Esta jornalista de um canal de notícias foi demitida do emprego anterior no dia em que retornou de licença maternidade. Ela conta que ter sido despedida foi uma experiência muito dura, não só por ter um bebê pequeno, mas também por depois ficar remoendo se não tinha uma certa culpa naquela situação:

Acho que tive uma grande crise de identidade quando a [filha] nasceu. Pensei realmente em largar tudo, mas porque levei um pé na bunda da empresa. Fui demitida no dia que voltei da licença maternidade. Eu entrei numa neura, num parafuso, achando que era culpa minha, que eu tinha feito alguma coisa errada, pensando que eu era muito ruim no que eu faço. Será que o fato de ser mãe já me impede de seguir com a minha carreira?

Dos 21 entrevistados nesta pesquisa, seis eram mães ou pais de filhos pequenos. E a chegada de um bebê pode trazer severas alterações de pontos de vista, de prioridades e de disponibilidade para o trabalho. Um repórter de um canal de notícias pondera que houve redução de produtividade depois que seu filho nasceu:

O [nome do filho] me faz querer voltar para casa mais rápido. Quero ficar em casa mais tempo. Fiquei pensando se quando a gente tem filho a nossa produção cai. Eu, por mim, posso dizer que acho que sim. Porque a profissão até então era o que você tinha de mais importante. Tem uma coisa tão mais legal para fazer em casa que talvez a chegada do [nome do filho] pelo menos nesse primeiro momento tenha me deixado um pouco mais distante da minha profissão. Me deixou mais desligado. Em relação às pautas, vejo tudo de maneira mais humana, especialmente as ligadas às crianças.

"A partir do momento em que meu teste deu positivo, a minha vida já mudou", conta esta repórter de TV que passou a observar mais de perto a rotina e a saúde.

Antes de repente eu ficava horas sem comer, horas sem ir ao banheiro, me arriscava muito mais, aquilo já mudou porque eu sabia que tinha alguém que precisava de mim. A minha postura mudou no trabalho e vem mudando cada vez mais. Antes, se tinha uma operação, eu dizia "vamos tentar". Agora não vamos tentar de jeito nenhum, não tem colete a prova de balas que me faça ficar em área de risco. Eu não vou.

A profissional dá o exemplo de que, no sábado anterior à nossa entrevista, estava cobrindo a agenda do presidente Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro, e que não concordou em ultrapassar a hora de trabalho: "A babá tinha que ir embora, e eu disse que não podia passar, que eu ia embora, e eu fui embora. Se isso vai me prejudicar, eu não sei, mas hoje o meu filho é prioridade. Há um tempo atrás, o meu trabalho era prioridade". Em comparação a um momento anterior ao da maternidade, a jornalista diz que a privação de sono é o que mais afeta sua rotina:

Fico mais cansada. Eu chegava no trabalho descansada depois de uma noite de sono. Hoje eu chego no trabalho cansada depois de uma noite mal dormida. No deslocamento de uma pauta para a outra, de um entrevistado pro outro, eu deito no banco de trás do carro e durmo. Qualquer meia hora de sono faz toda diferença. O que mais me pesa é a privação de sono. Meu marido me perguntou se eu estava infeliz. Eu disse para ele que não, só estava cansada. Eu não consigo parar pra pensar nas coisas, é muita coisa ao mesmo tempo. E isso é uma coisa das mulheres. A gente precisa se desligar um pouco. A gente precisa delegar e abrir mão.

Já esta jornalista de um canal de notícias conta que vivia o trabalho 24h por dia, não apenas atuando nas suas reportagens mas também assistindo aos telejornais de outros canais: "Era louca, *workaholic* [...] Estou no telefone, ela (a filha) pega e diz: 'Larga o celular e vamos brincar de massinha'. Na [empresa anterior] entrava às cinco e largava as 15h".

As pautas mais pesadas de violência, principalmente envolvendo crianças ou mulheres grávidas, costumam afetar mais intensamente os jornalistas, que, mesmo que não publiquem, passam a conhecer os pormenores daquele caso. Mas quem tem filhos percebe de uma maneira mais acentuada. "Hoje eu vou num enterro de uma criança, e é claro que antes eu ficava sentida, mas eu sendo mãe, eu fico dez vezes pior. [...] Consigo sentir um pouco o que aquela mãe está sentindo, então eu fico mais abalada", relata a repórter de televisão.

Esta outra jornalista conta que ficou por um longo período abalada com uma matéria que fez: ela estava grávida e cobriu uma grávida de nove meses que tinha levado tiros na barriga. "Depois da situação com essa grávida, eu comecei a reavaliar muito porque eu trabalhava na [empresa anterior]. E a violência é pauta constante ali. Você faz operação da polícia todo dia tendo ou não. E eu pensava: 'Será que eu aguento rua por muito tempo?'" , contou.

Outro fator que mexeu com a organização e a disponibilidade emocional dos jornalistas em relação a seus filhos foi a pandemia de coronavírus e os novos formatos e dinâmicas da produção de notícias. Para quem trabalha nas ruas principalmente, foi necessário montar todo um esquema, uma vez que escolas e creches ficaram fechadas. Esta repórter de TV conta que quando a pandemia começou, seu filho estava com um ano e dois meses, e ela havia acabado de sair de um período de isolamento de dez dias, pois havia contraído sarampo da irmã, que é médica. Depois disso, ela começou a adaptar o filho na creche, que, depois de uma semana, anunciou o fechamento por causa do vírus:

Eu não tinha como ficar em casa por causa do trabalho, meu marido também não, porque ele dirige um programa de esportes ao vivo, não tem quem possa substituir. Então a gente entrou em pânico porque a gente já ia estar em risco, indo pra rua todos os dias, só que eu não podia botar a minha mãe em risco por ela ser do grupo de risco. A gente olhava um para a cara do outro e pensava se alguém pedia demissão, o que ia fazer. Até porque meus sogros também eram do grupo de risco por serem idosos. Aí tinha uma conhecida nossa que tem uma agência de babá. Eu liguei para ela e disse: "Pelo amor de Deus me ajuda, vou precisar de uma babá". E aí tinha um dilema, porque ela iria pegar transporte, e o risco e tal, e aí conseguiu uma pessoa para nos ajudar que vem de bicicleta.

Para evitar usar o transporte público, a jornalista passou a ir para o trabalho de carro, um gasto a mais que não estava previsto no orçamento, fora o medo e o cuidado para não passar nada para o filho, uma vez que os dois trabalham na rua: "Todo dia chegar em casa e ter todo o trabalho de tirar a roupa, botar pra lavar, ficar estressada se pegou... É um cansaço mental muito grande, [...] lembrar que não pode passar a mão, passa álcool toda hora", ela descreve, afirmando que é um transtorno.

Já esta jornalista passou a ficar em casa com o filho de onze anos. Para pagar as contas da casa onde mora com o filho, ela tem dois trabalhos e afirma que conseguiu permanecer em trabalho remoto, mesmo tendo um dos veículos demandado que ela fosse apurar pautas na rua: "Eu disse que não me sentia muito bem, por ter filho pequeno, aí eu precisava que minha mãe viesse para cá para ficar

com ele, e ela é grupo de risco, ia acabar expondo ela, eles entenderam. Eles não forçaram a barra". Ela conta que, para apurar de casa, contou com a ajuda dos colegas que estavam indo a campo, e disse que houve um grande movimento de apoio. No entanto, o custo de ficar em casa, por outro lado, foi alto: "Eu tenho mais trabalho, né? Eles acham que você fica disponível 24h por dia, e aí é o tempo todo. [A empresa atual] sabia que meu horário era até 13h. Agora é qualquer horário, sete, oito da noite". A jornalista conta que, por ter engravidado enquanto ainda estava na faculdade, teve que lutar muito para conseguir um lugar no mercado de trabalho, sempre contando com o apoio da mãe, que ficava com o pequeno.

Quando engravidei eu estava terminando a faculdade. Encerrei meus estágios, fiquei com o [filho] até os seis meses e depois voltei. Mas sempre contei com minha mãe, nos plantões, e o pai dele também, que mora em outra cidade. Mas eu estava no início de carreira e para conquistar alguma coisa eu precisava abraçar aquela oportunidade. E não podia ficar tentando muito. Eu tinha que me acostumar na marra. Aqueles fins de semana intermináveis, aquelas semanas seguidas de plantão, não tinha muito jeito. Eu acho que a gente se acostuma a ter uma qualidade de vida ruim, mas OK, sabe?

E ela repete algumas vezes, ao longo do nosso diálogo, que "até com a péssima qualidade de vida a gente se acostuma". E que o filho também acabou se habituando ao que ela chamou de "montanha russa":

Ele reclama e tal, mas ele entende. Eles acham que estou mais tempo disponível. Um dia eu estava vendo filme com meu filho e me ligou um colunista que queria fazer uma coluna em cima de uma matéria que eu fiz, ele tinha uma dúvida, e ele me ligou às 23h30 de uma sexta feira, aí eu tive que parar o filme, abrir meu computador, é meio absurdo né? É bem absurdo.

Esta outra jornalista precisou pedir ajuda à mãe. Na ocasião da nossa conversa, ela tinha uma filha pequena e estava grávida do segundo filho. De casa, ela apresentava um jornal em uma rádio carioca. "[A filha] passava a semana toda praticamente na casa da minha mãe, só que a gente começa a ficar com saudade. A gente achou que ia ser um período curto, mas a escola não voltou, a pandemia não foi embora".

E ainda por cima assim que voltei a trabalhar na [empresa atual], trabalhei lá só julho e agosto. Colocaram as grávidas de novo em home office. Então voltei para casa. Eles não mexeram no salário, mas a gente assinou um contrato de trabalho dizendo que estávamos em casa e que não iríamos ganhar nem adicional noturno nem hora extra. Gabi, o meu marido é médico e trabalha como ortopedista em emergência de hospital, então não tem muito o que fazer. Como reagir? Álcool em gel, máscara e fé. A gente não pegou nada até hoje. Mas ele chega em casa, eu

seguro a [filha] , senão ela corre para abraçar. Ele vai, toma banho, separa a roupa, bota para lavar. E fora isso, normal. A gente procurou manter também certa sanidade mental.

A profissional foi a única com uma experiência não traumática de gravidez em redação entre as ouvidas. Ela conta que foi tirada de campo e transferida para o site da empresa: "Não era o mar de rosas, eu tinha uma chefe muito exigente, a gente ficava muito tenso, era muita pressão para que as coisas não acontecessem com erros. Então eu saía de lá com dores homéricas no pescoço", ela descreve, contando ainda que, apesar disso, tinha "horário para entrar e sair, hora para comer, banheiro à disposição", e que não teve medo de ser demitida.

A coisa mais difícil foi quando eu mudei de emprego e precisava buscar ela lá na creche, porque tem pessoas que entendem e pessoas que não entendem. Então ficou mais difícil em algum período, imaginei sair, mas depois as coisas foram se ajeitando. O fato de eu estar muito chateada, e estar com ela me ajudava, me distraía. Ela me tirava do meu estresse.

"A pandemia me ensinou que eu preciso reservar tempo para a minha família. A minha mulher trabalhou oito meses remotamente, meu filho ficou em casa também. Tentar conviver, interagir e entender as demandas daqueles que me cercam", afirmou este jornalista com dois empregos. Ele conta que a pandemia o ajudou a perceber uma postura mais egoísta que tinha em relação a seu ritmo de trabalho. "Esquecemos quem está ao nosso redor", ele relata, afirmando ainda que alugou a casa de um amigo na Serra Fluminense, para poder desopilar e estar mais presente com os seus:

Alugamos a casa de um amigo em alguns fins de semana, para aliviar e desconectar a mente, porque o Rio de Janeiro parece que está dentro de mim 24h/7, todos os dias. É como se eu estivesse me libertando momentaneamente do jornalismo. Eu descobri que a gente precisava disso.

Sintomas de esgotamento

Gráfico 20: Sintomas de esgotamento dos jornalistas do Rio de Janeiro

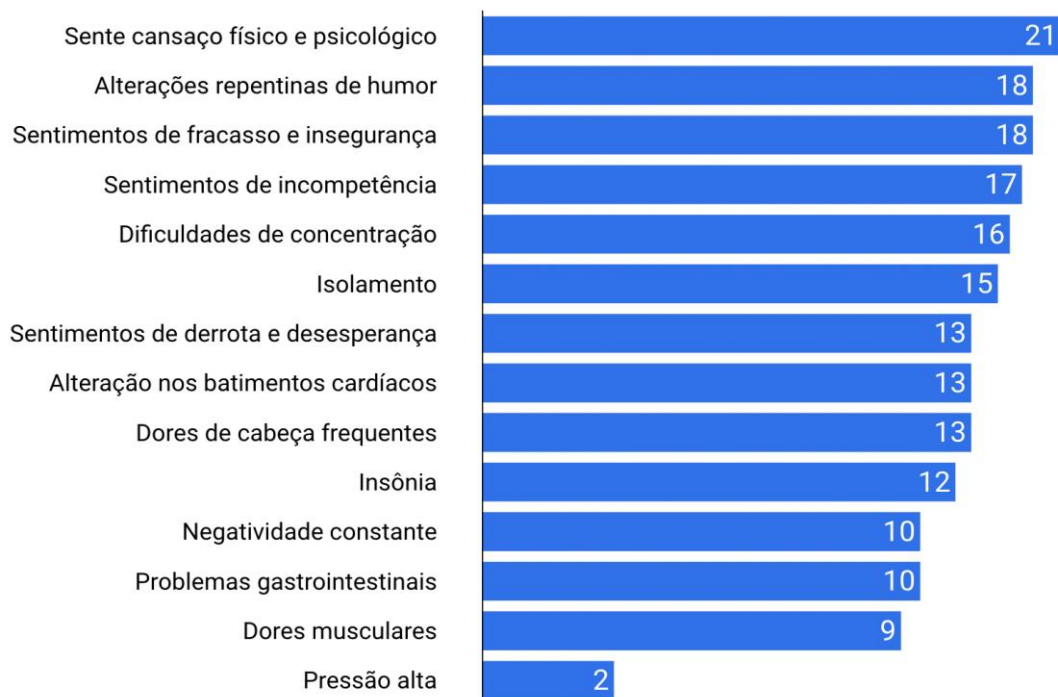
| Idade do jornalista | 25 | 25 | 27 | 27 | 28 | 28 | 29 | 29 | 29 | 30 | 31 | 32 | 32 | 33 | 35 | 35 | 36 | 38 | 40 | 40 | 47 | Nº de jornalistas que têm o sintoma | |
|---------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------------------------------------|----|
| Anos de profissão | 6 | 1 | 4 | 6 | 9 | 8 | 10 | 10 | 9 | 7 | 11 | 10 | 13 | 10 | 14 | 17 | 12 | 16 | 20 | 22 | 25 | | |
| Sente cansaço físico e psicológico | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | 21 |
| Sentimentos de fracasso e insegurança | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | 18 |
| Alterações repentinas de humor | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | 18 |
| Sentimentos de incompetência | sim | sim | sim | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | 17 |
| Dificuldades de concentração | sim | sim | não | sim | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | 16 |
| Isolamento | sim | não | não | sim | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | não | 15 |
| Sentimentos de derrota e desesperança | não | sim | sim | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | não | sim | sim | não | não | sim | não | sim | 13 |
| Alteração nos batimentos cardíacos | não | sim | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | não | não | não | sim | sim | não | sim | sim | não | sim | não | sim | não | 13 |
| Dores de cabeça frequentes | não | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim | não | não | não | não | sim | sim | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | 13 |
| Insônia | não | sim | sim | não | sim | sim | não | não | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | sim | sim | não | não | sim | não | sim | 12 |
| Negatividade constante | não | sim | sim | não | sim | sim | não | não | sim | não | sim | sim | não | sim | não | sim | não | não | não | sim | não | sim | 10 |
| Problemas gastrointestinais | sim | sim | não | sim | não | não | não | sim | não | sim | sim | sim | não | sim | não | não | não | não | sim | sim | não | sim | 10 |
| Dores musculares | não | não | sim | sim | não | não | não | não | sim | não | não | sim | não | sim | não | sim | não | sim | sim | sim | não | sim | 9 |
| Pressão alta | não | não | não | não | não | não | não | não | sim | não | não | não | não | não | não | não | não | não | não | não | sim | sim | 2 |
| Quantidade de sintomas apresentados | 6 | 11 | 9 | 11 | 8 | 9 | 6 | 8 | 13 | 7 | 9 | 9 | 9 | 13 | 5 | 11 | 9 | 7 | 9 | 10 | 8 | | |

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1912033/CA

“Daqui a pouco você vai concluir que eu sou uma bomba relógio, Gabi, mas vamos lá”, me disse este jornalista, preocupado ao responder "sim" a vários dos sintomas que lhe perguntava. A fim de saber mais detalhadamente sobre as manifestações corporais e emocionais ligadas ao estresse que apareciam no cotidiano dos jornalistas ouvidos, fizemos a eles uma lista de perguntas relacionadas ao diagnóstico clínico da síndrome de burnout. Claro que não é o objetivo aqui inferir se os jornalistas têm ou não a síndrome do esgotamento físico e mental, até porque os jornalistas teriam que responder sobre a frequência e a duração de cada um dos sintomas, e fornecer mais detalhes específicos para que um diagnóstico pudesse ser realizado. No entanto, o que buscamos aqui é chamar a atenção para o fato de que há uma aparência de que certos sintomas são inerentes à profissão, que "vida de jornalista é assim mesmo". E, em algumas vezes, os jornalistas convivem com altos níveis de estresse e ansiedade (e outros reflexos como insônia, sentimentos de derrota e insegurança, por exemplo), que prejudicam a sua qualidade de vida, sem que tomem consciência da possibilidade de terem um adoecimento ocupacional. E, como será apresentado adiante, há sinais claros de que os profissionais estão se sentindo esgotados nos mais variados aspectos da sua profissão.

Foram 14 questões que demandavam sobre se os jornalistas sentiam: 1) Cansaço físico e mental; 2) Dificuldades de concentração; 3) Sentimentos de fracasso e insegurança; 4) Sentimentos de derrota e desesperança; 5) Negatividade constante; 6) Sensação de incompetência; 7) Alterações repentinas de humor; 8) Sensação de isolamento; 9) Alterações nos batimentos cardíacos; 10) Dores musculares; 11) Pressão alta; 12) Problemas gastrointestinais; 13) Dores de cabeça frequentes e 14) Insônia. Aos jornalistas não foi pedido que detalhassem o que sentiam. Por isso, para alguns sintomas os profissionais responderam "sim" ou "não", e em outros casos ficaram livres para descrever o que mais incomodava e em quais situações. Em algumas das respostas, os jornalistas afirmaram que sentiam determinado desconforto em certas situações, ou esporadicamente. Nas ocasiões em que isto aconteceu, respondemos "sim" à questão, e, a partir destas linhas, relatamos os detalhes destas ocasionalidades, ou seja, quais as circunstâncias que levaram os profissionais a sentir certas perturbações. Um dos nossos entrevistados havia sido promovido, fazia pouco tempo, a chefe de reportagem. Entretanto, por ter uma experiência de 17 anos em matérias de rua, a profissional resolveu responder como se sentia quando estava na função de repórter, uma vez que todos aqueles sentimentos ainda estavam muito vivos e recentes na memória. O gráfico abaixo expõe os sintomas mais relatados pelos profissionais de hard news:

Gráfico 21: Sintomas relacionados à síndrome de burnout nos jornalistas do Rio



A primeira pergunta questionava se o profissional sentia excessivo cansaço físico e mental. Todos os 21 jornalistas ouvidos responderam que sim. Ouvimos respostas como: "Demais", "24 horas por dia", e "Muito, muito". E o cansaço mental apareceu mais forte em seis depoimentos. Uma repórter de jornal afirmou que sente apenas cansaço mental, não mencionando o físico: "Mental sim, de trabalhar dez, doze horas". Este jornalista de um canal de notícias afirmou que o esgotamento físico aparece mais em "dias mais estressantes", e deu exemplos:

Às vezes acontece de a gente ficar ao vivo por uma situação por horas e horas. Outro dia descarrilou um trem aqui no Rio, e eu entrei para render a [nome da repórter], e eu fiquei umas quatro horas, Gabi, isso já tem quase um ano, eu fiquei umas quatro horas sozinho ao vivo, me virando ali. Em protestos acontecia muito isso também, no carnaval. Então quando tem situações que você precisa falar muito, e com a pressão do vivo, o cansaço mental se transforma em físico sim. Mas é mais mental do que físico para mim. Ter que fechar um VT, isso me irrita, Gabi, porque às vezes a gente na [empresa atual] faz muito vivo. A gente faz tanto vivo, tanto vivo, e a gente não tem tempo de produzir imagens, tempo para fazer uma entrevista legal, como por exemplo quem trabalha no Jornal Nacional tem. Só faz aquilo, vai para a rua para fazer um VT. Então se você vai para a rua, pensando nas imagens que nem tem direito, e queimar muito a cabeça para fazer o VT, isso me deixa estressado e cansado mentalmente. E depois eles falam: "Valeu, obrigado, mas o VT caiu, tá?" Então algumas situações do nosso dia a dia estressam e deixam a gente cansados mentalmente.

Um jornalista de televisão considerou que o cansaço físico é mais fácil de combater: "O cansaço físico você resolve em um fim de semana descansando, o mental não. Esse ano foi difícil, eu não tirei férias, por uma escolha pessoal. Teve covid, eleição, processo de impeachment". Outro profissional de TV relatou que o cansaço o deixa muito abalado: "Já houve situações de eu estar muito cansado, trabalhando muito estressado e me dar vontade de chorar".

As alterações repentinas de humor apareceram em 18 das 21 respostas. A enorme maioria dos entrevistados reagiu com interjeições (e muitas vezes seguidas de risos): "Total!", "Sempre!", "Todos os dias!". Entre os que responderam que sofrem com as mudanças de humor, apenas uma jornalista televisiva afirmou que não tem o sintoma com muita frequência, só quando há um gatilho para isso. Duas repórteres de televisão responderam a esta pergunta com frases quase idênticas: "Todos os dias, meu marido é que sofre comigo" e "Todos os dias, meu marido fica louco", seguidas de gargalhadas. "Se eu durmo pouco, fico até difícil de conversar", me revela este repórter de internet. Um jornalista com dois empregos também relaciona o cansaço com alterações bruscas de humor:

Especialmente nas semanas em que se trabalha muito e tem pouco tempo de descanso. As pessoas não valorizam muito, mas estar em casa descansando o corpo ou a mente, ou corpo e mente sábado e domingo tem valor incomensurável. E só quem encarou, como o médico em hospital ou um jornalista em 13 dias ininterruptos sem descansar, sabe o quanto sacrificante é isso. É doloroso pra alma e pro corpo não ter esse descanso.

Tão frequentes quanto as alterações de temperamento foram os sentimentos de fracasso e insegurança. Dezoito jornalistas revelaram ter este sintoma. "Acho que esse está no topo da lista", afirmou esta repórter de TV. Um dos profissionais disse que o fracasso vem do fato de não ter as ferramentas estruturais para que seu trabalho seja melhor. Já este jornalista descreve que este sintoma vem de uma competição que existe dentro das redações: "É muito natural você estar olhando para o lado, se comparado. Para a gente é muito cruel. A gente não tem feriado, fim de semana, as datas festivas. Então isso mexe sim". Entre os 18 que afirmaram ter este sintoma, uma jornalista de um canal de notícias afirmou que sente mais insegurança do que fracasso, enquanto outra repórter afirmou que tem sentimentos de fracasso e insegurança de vez em quando.

A comparação entre repórteres apareceu também como razão para outro sintoma muito relatado pelos entrevistados: o sentimento de incompetência.

Acho que essa é a pior parte do jornalismo porque o seu chefe fica te comparando. Eu acho que a comparação é a pior coisa. Você pensa: "Me dediquei, estou no tiroteio", aí você diz: "Eu trouxe uma puta matéria". E o cara fala: "Ah, você poderia ter feito uma coisa melhor, a TV Globo deu tal coisa". Aí você fala: "C***, estou aqui me f****". Isso é horrível, horrível.

Dezessete jornalistas informaram sentir que são incompetentes. "A gente sente isso dia sim, dia também, porque a carga é gigantesca, mas você não entregava? Tinha que entregar. [...] Eu falo essa frase, que não vou dar conta, dez vezes ao dia, mas eu entrego", conta um repórter de rádio e TV. Uma jornalista de rádio conta que, exatamente por ter entrado no automático das demandas da redação, hoje sente um pouco menos essa sensação de incompetência. A saída de um trabalho abusivo fez com que esta jornalista de TV sentisse alívio em relação a este sintoma: "Eu dizia: 'Sou uma farsa, não sou uma boa jornalista. Não dou conta, não sei fazer'. Eu achava que eu era uma merda, que eu não era repórter de verdade". E conta que, ao entrar na empresa atual, teve sua autoestima elevada por causa dos elogios que recebeu, e que hoje tenta não pensar em incompetência, e sim em ter feito o máximo que foi possível por aquela reportagem.

"Por mais coisas que você faça, eu descobri que as pessoas só te valorizam quando você aparece na tela. Então essa foi uma vertente que eu tive que abrir. Mas me deu um sentimento de que não era capaz de fazer isso", contou este jornalista de internet. O repórter relatou que já fez algumas entradas ao vivo para o canal aberto do grupo onde trabalha, e, mesmo após ter manifestado vontade de fazer essa migração, não conseguiu. Ele descreve que isso lhe causou uma sensação de incompetência e insuficiência:

Aconteceu um deslumbramento de poder aparecer na TV, de estar na casa de milhões de pessoas. Na minha cabeça se eu outro dia estava na TV, por que estou fazendo uma coisa menor no [site]? Pirações da minha cabeça. Foram momentos de angústia: "Por que eu ainda não estreei na televisão?", "Por que não mostrei para todos que sou capaz?". Hoje eu me repito que meu ofício é ser repórter, eu não vou deixar de ser mesmo que eu apresente o [quadro em que aparece em vídeo]. Meu ofício que me trouxe até essa valorização é esse. Eu não posso deixar isso ser ultrapassado por essa necessidade duvidosa de querer aparecer na televisão, que eu posso ser mais importante ou um repórter mais qualificado só para aparecer na tela para outras pessoas. E foi um aprendizado bom, com ajuda de terapias e substâncias para controlar a ansiedade.

"Sabe o que eu sinto? Eu já estava querendo isso, mas agora quero mais: eu querer (*sic*) mudar". A falta de valorização profissional também traz sentimentos de incompetência a esta repórter de TV:

As pessoas largaram de mão. E às vezes eu quero fazer mais, mas não tenho para onde ir. E penso: "Cara, se eu fizer mais aqui ou se fizer menos, é a mesma coisa. Não adianta eu querer fazer mais porque aqui ninguém valoriza eu fazer mais. Tipo assim, se eu sou uma boa profissional ou uma péssima profissional é a mesma coisa. Me frustro de querer fazer mais, e não ter estrutura pra fazer mais coisa dentro da [empresa atual]. Apesar de não ser minha culpa, sou eu que estou assinando.

Outro sintoma muito frequentemente confirmado pelos jornalistas é a dificuldade de concentração. Dezesesseis pessoas relataram ter problemas para se concentrar. Entre elas, quatro relacionaram o bloqueio ao cansaço extremo. "Acho que é por causa do cansaço que eu tenho sentido. Eu digo que é uma dupla jornada, tem o trabalho, primeiro *round*, que é na [empresa atual], e depois o segundo *round*, quando eu chego em casa", descreve esta jornalista de televisão, mãe de um bebê.

A sensação de isolamento apareceu entre 15 dos 21 jornalistas ouvidos. Nas ocasiões em que os profissionais quiseram explicar de que maneira sentiam que estavam isolados, dois afirmaram que, justamente por trabalharem sem equipe, se sentiam dessa forma. "É que eu trabalho sozinho, né? Então por isso às vezes eu me

sinto a solução dos problemas do Rio quando perguntam alguma coisa para mim", afirmou este jornalista de internet e agência de notícias.

Duas jornalistas afirmaram estar mais isoladas depois que o trabalho migrou para home office, e um jornalista contou que tem sensação de isolamento quando é hostilizado. Três profissionais afirmaram ter esporadicamente este sintoma. A competição entre repórteres dentro da redação também foi citada por este jornalista de um canal de notícias como causa do sentimento de isolamento:

Tenho, Gabi. Eu tenho a impressão, não sei se todas as redações são assim, mas lá é muito cada um por si, sabe? Cada um faz o seu, e eu vou fazendo o meu também. A gente é claro que tem alguns amigos, a gente torce por eles. E esses amigos, que não são tantos, mas aqueles que a gente sabe que torcem pela gente de verdade, são poucos, sabe? Há muita competição nesse meio. Então aqueles amigos com quem você sabe que pode contar estão ali, querem o seu sucesso, são poucos mas são de verdade. Mas de uma maneira geral você sente que no lugar que trabalha é cada um por si sim. Há sensação de isolamento.

Três sintomas foram relatados pelo mesmo número de jornalistas. Treze profissionais relataram ter sentimentos de derrota e desesperança, alteração dos batimentos cardíacos e dores de cabeça frequentes.

Entre os entrevistados que relataram sentimentos de derrota e desesperança, um jornalista disse que sentia este sintoma muito intensamente, e outro repórter afirmou que apenas às vezes. Uma jornalista de TV contou que sentia apenas a derrota. E três profissionais, um de rádio e TV e outro de agência de notícias e internet afirmaram que sentiam apenas desesperança. Este jornalista com dois empregos explica o motivo de estar desesperançoso:

Derrota não, porque aqui [é] que eu tento fazer o melhor possível. No Brasil, não é que eu não acredite no jornalismo, mas o jornalismo como carreira. Na nossa profissão a gente não tem uma carreira, você até idealiza, quero estar nesta posição daqui a 10 anos, mas hoje em dia você não consegue planejar nem no dia seguinte, imagina daqui a 5, 10 anos, então isso gera, sim, desestímulo, desesperança.

“Bate uma ansiedade, eu começo a tremer”, contou este repórter de jornal, sobre sentir alteração de batimentos cardíacos. “Meu coração vem na boca”, diz outra jornalista de TV. O depoimento de outro profissional de televisão traz a seguinte frase: “Eu não sei como meu coração não parou até hoje”. Os principais motivos citados pelos jornalistas para sentirem o coração acelerar são o fato de estarem fazendo entradas ao vivo para suas emissoras e também cobrindo assuntos importantes, como relata uma jornalista de rádio:

Em protestos, em pautas pesadas, apressada para entrar no ar. Tipo: “Tem que entrar no ar agora”, e eu não escrevi uma linha, sinto. Pegou fogo no Badim (hospital da Zona Norte do Rio), eu fiquei lá de sete da noite às três da manhã, e eu senti isso o tempo todo. Mas foi uma cobertura extremamente intensa.

As dores de cabeça frequentes também incomodavam treze jornalistas ouvidos na pesquisa. “Especialmente em dias mais perturbadores”, contou este jornalista de agência de notícias e internet. A imensa maioria afirmou que tem dores de cabeça com regularidade (apenas um dos ouvidos afirmou ter o sintoma com baixa frequência): “Tomo 2 comprimidos de Neosaldina, em média duas vezes na semana”, contou um repórter de TV. Já outro profissional afirmou que sofre com dores de cabeça desde pequeno.

Outro sintoma relatado por mais da metade dos entrevistados é a insônia ou outros distúrbios do sono. Doze jornalistas se declararam com o desconforto. “Se alguém me liga e diz: ‘Amanhã você vai prender o Witzel’, eu fico pilhado, porque geralmente a gente sabe 12 horas antes”. Então depende da situação, então já perdi o sono, já acordei no meio da noite”, relata o jornalista de rádio e TV, contando ainda que problemas pessoais também interferem no seu sono. Outro repórter de um canal de notícias diz que também fica ansioso e tem insônia quando precisa entrar muito cedo no trabalho:

Se eu durmo às 22h para acordar às 4h da manhã, para entrar numa pauta, por exemplo, eu começo a contar as horas que tenho pra dormir, aí abro o olho e penso: “Só tenho cinco horas para dormir”, e não consigo. [...] Em geral durmo bem, mas quando tenho compromisso no dia seguinte ou alguma coisa aconteceu tenho insônia. Tenho dificuldade de engrenar.

“Eu não sei se é porque estou ficando mais velho e estou dormindo menos, não sei se é por causa do estresse do trabalho”, afirmou este jornalista. “Acho que é uma soma de coisas”, concluiu uma profissional de rádio. Já esta repórter de televisão descreve que seus distúrbios do sono estão ligados tanto à ansiedade como ao excesso de cansaço:

Essa insônia, ela não é todos os dias, ela não é frequente. Mas eu tenho visto que eu fico assim naqueles dias que deu mais problema, sabe? E vai me crescendo uma ansiedade em relação ao dia seguinte, então às vezes eu não consigo dormir. Mas não é tão frequente quanto por exemplo cansaço no corpo. Parece que o corpo sente quando chega a folga. Eu acordo cedo todos os dias, eu procuro dormir cedo também, e hoje (dia de folga) eu acordei e parecia no meu corpo que eu tinha entrado numa máquina de lavar. Eu acordei com meu corpo dolorido, pesado, eu não queria abrir o olho. Eu senti que o meu sono não foi tão bom, eu não descansei a noite. As noites não parecem que foram bem dormidas.

O excesso de telas e a ansiedade são ponderados por uma repórter de internet: “Muito tempo olhando para o computador, aquela correria, conectada, aquela matéria que você agendou [...] Dá aquela insegurança que acaba interferindo no sono”. Outro repórter de internet me conta que a rotina de acordar muito cedo e dormir muito tarde na ocasião da cobertura do rompimento da barragem em Brumadinho⁵⁹ deixou sequelas que perduram até hoje nos seus hábitos noturnos:

A quantidade de horas sono é pequena, a qualidade é ruim, e tem momentos do dia que você sente que não rende. E juntando a isso o fato de não comer tão bem no ano passado, exagerando na bebida alcoólica, tudo isso afeta. Você acordar mais cansado, com a bebida alcoólica triplica o efeito.

O sentimento de negatividade constante surgiu entre dez profissionais. “Vem junto com a ansiedade, com autocobrança muito forte, de sentir que você tem que render de uma determinada forma, que você tem que publicar muitas coisas, e muitos furos”, disse este repórter de internet. Já este jornalista de rádio e TV afirma que não consegue manter o otimismo quando há problemas com o trabalho: “Eu tento ver positivo, mas quando eu vejo que não vai dar certo, Gabi, eu sou muito chato. Então às vezes as pessoas podem me ver como se eu fosse negativo. Tento ser prático”. Um profissional de agência de notícias e internet considera difícil encontrar jornalistas sem negatividade:

Não tem jornalista que não tenha. Ainda mais quando você vê pessoas competentes, pessoas boas, pessoas do bem, passando por esse turbilhão, essa fábrica de salsicha que é o jornalismo, você fica triste. Me pergunto quando será a minha vez.

Entre as principais alterações gastrointestinais mencionadas também por dez profissionais estão gastrite, prisão de ventre e diarreias. “Gastrite acho que não tem repórter que não tenha”, diz esta repórter de TV. “Vira e mexe eu sinto aquela dorzinha, aquela queimação da gastrite”, afirma outra profissional de televisão.

A maioria dos que responderam “sim” a esta questão relacionaram os problemas ao estresse do trabalho e à má alimentação de trabalhar em campo. “Tenho, mas não sei se está relacionado ao estresse profissional, ou se ao fato de,

⁵⁹ Reportagem sobre o rompimento da barragem em Brumadinho, Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml> Acessado em 11 de junho de 2021.

ao não ter rotina, se come mal, na rua, em qualquer lugar e você fica mais suscetível”, pondera esta jornalista.

Duas profissionais relataram sofrer de prisão de ventre. “Prisão de ventre que não tinha há séculos voltou com força; meu estômago grita”, ouvi de uma jornalista de TV. Duas repórteres afirmaram que têm crises frequentes de diarreia. Esta profissional de televisão diz que acontece pelo menos uma vez no mês:

Eu tenho um troço que eu digo que é síndrome de Rio de Janeiro, que desde que eu vim para cá eu tenho diarreias esporádicas. Eu não sei o que é. Já cismeiquei que era água, já cismeiquei que era alimentação da rua, já cismeiquei que era japonês, nunca mais comi. Estou cheia de critérios para comer japonês, mas do nada eu tenho uma diarreia. Eu do nada tenho uma diarreia e em dois dias passa.

Outra jornalista de um canal de notícias também sente os desarranjos com frequência: “Toda hora [...] Tipo, muita dor de barriga. Eu acho que é um pouco de nervosismo com alimentação. Eu nunca fiz exame, mas acho também que tenho um pouco de intolerância à lactose, aí fico meio na merda (risos)”.

Entre os sintomas relatados pelos jornalistas, as dores musculares aparecem em penúltimo lugar, confirmadas por nove jornalistas, principalmente nas áreas do pescoço e das costas. “Estou cheia de torcicolo”, disse uma repórter de TV. Um profissional de rádio e TV afirmou que estava desde o início da pandemia com aquela dor: “Não vai embora (a dor), está quase virando um ser humano”. Um jornalista também contou que sente muitas dores na batata da perna, e afirmou ser consequência de muito estresse.

Por fim, apenas dois profissionais relataram ter pressão alta: um repórter de jornal com 29 anos, que negou tomar remédios para conter o problema, e um jornalista de televisão de 47 anos. “Pressão alta, meu amor? Todo dia batendo na casa dos 20, 18. Quando eu fui internado na época da [empresa anterior], eu estava com 25 por 19. Fiquei dez dias internado no CTI”, contou o profissional mais experiente, que controla a pressão com ajuda de medicamentos.

De uma lista de 14 sintomas apresentados aos jornalistas durante a conversa, resalto aqui que nenhum deles respondeu sentir menos de cinco perturbações. Dois jornalistas disseram “sim” a 13 sintomas, enquanto outros três profissionais confirmaram ter 11 dos itens listados, numa clara situação de estafa ocupacional.

6. Conclusão

Temos de reconhecer que nosso trabalhador sai do processo de produção diferente de quando nele entrou. No mercado, ele, como possuidor da mercadoria “força de trabalho”, aparece diante de outros possuidores de mercadorias: possuidor de mercadoria diante de possuidores de mercadorias. O contrato pelo qual ele vende sua força de trabalho ao capitalista prova – por assim dizer, põe o preto no branco – que ele dispõe livremente de si mesmo. Fechado o negócio, descobre-se que ele não era “nenhum agente livre”, que o tempo de que livremente dispõe para vender sua força de trabalho é o tempo em que é forçado a vendê-la, que, na verdade, seu parasita [Sauger] não o deixará “enquanto houver um músculo, um nervo, uma gota de sangue para explorar”. Para “se proteger” contra a serpente de suas aflições, os trabalhadores têm de se unir e, como classe, forçar a aprovação de uma lei, uma barreira social intransponível que os impeça a si mesmos de, por meio de um contrato voluntário com o capital, vender a si e a suas famílias à morte e à escravidão. Marx em O Capital (2013, p.465-466)

Nesta investigação, discutimos o espraiamento do capitalismo e as formas de mercantilização da vida na configuração contemporânea, estruturada pela mundialização do capital e na esfera financeira, que tem no centro da sua prática a precarização do trabalho, refletindo não só numa perda significativa dos direitos trabalhistas como num adoecimento do trabalhador.

Analizamos este contexto aplicado ao jornalismo, que, com a entrada da internet e outras tecnologias, perdeu grande parte de suas receitas, uma vez que seu modelo de negócios dependia de anunciantes que acabaram migrando para o universo on-line. Os impactos foram ainda maiores com o crescimento das redes sociais, e gigantes como o Google e Facebook passaram a intermediar a relação entre público e empresas jornalísticas e também a concentrar os anúncios. Mais do que isso, as plataformas assumiram funções do jornalismo. Com base em uma massiva coleta de dados dos usuários, passaram a oferecer conteúdo personalizado, funcionando assim como *gatekeepers* da notícia, com controles mediadores e editoriais.

Nas redações, houve demissões em massa, acúmulo de funções e terceirização de outras, afrouxamento nos contratos, pejetização, jornadas de trabalho excessivas e uma escalada do estresse e da ansiedade relacionada ao medo de perder o emprego e às ameaças constantes em suas relações de trabalho.

O que vemos, pelos resultados das nossas pesquisas, é que o jornalismo brasileiro tem inúmeras aderências às tipologias de precarização mapeadas e descritas por Druck (2011). O primeiro tipo da precarização do trabalho tem a ver com a vulnerabilidade das formas de inserção (contratos) e desigualdades sociais.

Segundo Druck, para além do desemprego e informalidade, as formas de mercantilização da força de trabalho produziram um mercado de trabalho heterogêneo, segmentado, marcado por uma vulnerabilidade estrutural e com contratos precários, sem proteção social. Em segundo lugar, Druck traz a intensificação do trabalho e terceirização (na qual os trabalhadores estão submetidos a contratos, remunerações, condições de trabalho e representação sindical precários). Elas acontecem por meio de uma gestão que trabalha com imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho e polivalência (desempenhar várias funções). A autora argumenta que estas práticas têm levado a condições extremamente precárias de trabalho porque elas são sustentadas na gestão pelo medo, pelo abuso de poder, discriminação e assédio moral (e que são objetos de processo na Justiça do Trabalho). A terceira tipologia da deterioração trabalhista se refere à (in)segurança e saúde, que envolve, por exemplo, o aumento dos números de acidentes de trabalho. De acordo com a autora, na busca por uma maior produtividade, há um desrespeito do tempo necessário ao treinamento, informações sobre riscos e medidas preventivas, etc. O quarto indicador de precarização está relacionado à perda de identidades individual e coletiva. Segundo Druck (2011), é uma precarização social, que tem suas raízes no desemprego ou na ameaça da perda do emprego, o que a autora considera uma eficiente estratégia de dominação no âmbito trabalhista. Há um sentimento de descartabilidade, de desvalorização e exclusão relacionado ao isolamento e perda de enraizamento do indivíduo, trazendo perdas simbólicas, de vínculos e da vida coletiva. A quinta tipologia proposta por Druck é marcada pela fragilização da organização dos trabalhadores, identificada nas dificuldades de organização sindical e nas formas de luta. A autora explica que há uma violência decorrente da competição e da divisão entre os próprios trabalhadores, apesar de haver um crescimento de reivindicações. Por fim, o último tópico diz respeito à fetichização do mercado, que de acordo com Druck, tem orquestrado e decretado uma “crise do Direito do Trabalho”, questionando a sua tradição e existência, o que se expressa no ataque às formas de regulamentação do Estado, cujas leis trabalhistas e sociais têm sido violentamente condenadas pelos “princípios” liberais de defesa da flexibilização.

A partir das respostas dos respondentes de ambas as pesquisas, observamos a voracidade do caráter exploratório das grandes empresas de comunicação, sendo a “uberização” uma característica geral, de diversas profissões. O que percebemos,

ao ouvir os jornalistas, é que a reestruturação produtiva permanente do trabalho e a flexibilização das leis trabalhistas trouxeram deslocamentos que se refletem em situações que expressam mecanismos de aprisionamento, com maior subordinação e redução do tempo livre. Segundo Jonathan Crary (2016), a intensa competição diária por acesso a horas de atenção de um indivíduo e o controle delas “é resultado da enorme desproporção entre os limites humanos, temporais, e a quase infinita quantidade de ‘conteúdo’ à venda” (p.94). O jornalista é atingido por esta ocupação do tempo livre de toda a forma, tanto na exploração do seu trabalho, na produção do conteúdo ininterrupto de notícias, no monitoramento do que é publicado por concorrentes, na disponibilidade constante para a empresas e também no que consome quando não está trabalhando, um tempo gasto em telas e interfaces que exigem constante resposta. Há um disciplinamento e uma individualização gritantes, fruto de um neoliberalismo que prioriza a acumulação e o lucro. E o que Crary argumenta é que, na medida em que as oportunidades de transações eletrônicas de todo tipo tornam onipresentes, os vestígios do que costumava ser a vida cotidiana livre de intrusões corporativas vão desaparecendo. Segundo o autor, a economia da atenção dissolve a separação entre o pessoal e o profissional, e, apesar de haver brechas, estes intervalos não são suficientes para construir ou pensar em um contraprojeto. Como relata Ricardo Antunes em seu livro “O privilégio da servidão”⁶⁰(2018), se os jovens desta geração tiverem sorte, seus trabalhos serão precários, dadas as circunstâncias atuais. E assim, com a sorte de um trabalho precário, o indivíduo se livraria do desemprego.

Observamos também que a “descartabilidade” leva a dois caminhos expostos nas entrevistas: um deles leva a um forte desânimo e o outro, principalmente observado entre os mais jovens, gira em torno de uma forte pressão por produtividade e competitividade. Há uma vaidade que acomete o jornalista: o fetiche de estar em lugares importantes e entre pessoas com poder, que pode culminar numa romantização da precarização do jornalismo, certamente incentivada e explorada pelo capital. É interessante observar o quanto o jornalista carioca tem apreço à sua profissão, e que uma idealização aparece, principalmente, entre os mais jovens. Observamos que, ao longo do tempo, essa impressão vai se desfazendo. Mas mesmo aqueles que estão decepcionados com a profissão ou até

⁶⁰ O autor Ricardo Antunes, em um curso sobre seu novo livro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6QO1OGhocYU> Acessado em 17 de outubro de 2021.

pensam em deixá-la são engajados e comprometidos com um trabalho bem feito. Dá para notar em todos que o caminho percorrido no jornalismo foi importante na trajetória de cada um. No entanto, muitos se sentem desqualificados por terem sua atividade esvaziada na busca por audiência.

Os jornalistas lançaram olhares críticos sobre os videorepórteres para cobrir o factual (uma única pessoa para apurar, escrever, filmar, entrar ao vivo, etc), e sobre os chamados “amadores”, cinegrafistas amadores não-jornalistas contratados por meio de diárias para cobrir o factual, fazendo inclusive perguntas em sonoras. As duas funções foram citadas como exemplos da precarização do jornalismo.

O cenário ficou ainda mais grave após a chegada da pandemia da covid-19, que trouxe intensa instabilidade trabalhista, com graves consequências para a qualidade do jornalismo praticado. Os jornalistas afirmaram que estavam produzindo mais matérias do que de costume e fazendo jornadas mais longas. Quase todos os sintomas da síndrome de burnout passaram a ser mais sentidos após o início da pandemia de coronavírus. O principal deles é o cansaço físico e mental, além de dificuldades de concentração. Cinco dos 21 entrevistados já haviam contraído covid-19 até as nossas conversas. Uma repórter chorou durante a entrevista ao lembrar da perda de um colega cinegrafista. Embora não houvesse qualquer pergunta a respeito, oito jornalistas contaram que já tiveram ou têm frequentemente crises de choro relacionadas à pressão no trabalho. Apenas um jornalista mencionou o sindicato dos jornalistas, afirmando que “não há união, o sindicato é uma fraqueza”.

Concluimos, portanto, que a qualidade do trabalho do jornalista fica exposta às mudanças cíclicas do capitalismo, e a profunda precarização na profissão (FIGARO, 2020) afeta não só as rotinas de produção, como o conteúdo, as agendas e a saúde dos profissionais. A pesquisa também aponta uma fragilização do próprio poder midiático frente a um governo com viés fascista em relação à mídia. Podemos observar que o aumento da exploração do trabalho se reflete em diversos âmbitos da vida do jornalista. A ansiedade, o estresse e o cansaço são observados em praticamente todos os jornalistas, entre outros sintomas que sugerem a síndrome de burnout, a estafa laboral. É importante destacar que estas não são questões individuais, e sim coletivas, uma vez que as entidades patronais não contrataram mais profissionais após as demissões nas redações, o que revela uma ampliação da

mais-valia absoluta e num ataque à saúde do trabalhador. Além disso, fica claro que as empresas estão transferindo custos para os profissionais, que precisam cada vez mais arcar com equipamentos e outras despesas de produção, formas de ampliação dos lucros e de intensificação da exploração. É imprescindível termos políticas públicas que impeçam os abusos e violências praticados pelos oligopólios de mídia, principalmente no que diz respeito ao trabalho.

Percebemos ao longo desta análise que, apesar de estudarmos os processos de dominação do capital sobre o fazer jornalístico, não foi possível tratar, nos limites desta pesquisa, sobre as práticas que buscam sair desta espiral que submete um serviço social à financeirização. Justamente pelo jornalismo impor limites à subsunção da sua atividade ao capital, por ser uma prática criativa e com tomada de decisões, acreditamos nos caminhos que abram possibilidades para se exercer de fato esta profissão tão fundamental para o processo democrático. Não só vemos os passos dos nossos entrevistados nesta direção, como há também outras iniciativas, seja do jornalismo independente ou comunitário, que aqui não pudemos explorar.

Acredito no jornalismo como uma função verdadeiramente pública, que sirva ao coletivo, que possa dar ferramentas do conhecimento para que os cidadãos possam estar a par das razões mais profundas da desigualdade brasileira, e assim sejam críticos e estejam preparados para fazer suas escolhas políticas e sociais, desafiando assim, formas de opressão e injustiça. Acredito também que esta investigação pode avançar numa mudança social, uma vez que testemunhos, com narrativas de emergência como essas, podem trazer mobilização, já que histórias coletivas são a base para o movimento de mudança. Defendo a regulamentação da mídia para dar espaço à pluralidade de vozes e camadas da sociedade, e impedindo os abusos dos oligopólios, especialmente em relação ao trabalho. A democratização das comunicações se faz necessária para que se estabeleça a verdadeira liberdade de imprensa (e não de empresa, a livre expressão do empresariado). Aponto, ainda, para a necessidade do jornalista se reconhecer como classe, superando a ideia de neutralidade. Desta forma, os profissionais poderiam de fato falar sobre a raiz do problema, que é a desigualdade social, com possibilidades de trazer a população para o verdadeiro debate.

7. Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel; BRAGA, Adriana; BERGAMASCHI, Mara. *O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística*. Intercom, São Paulo, v.37, n.1, p. 111-132, jan./jun. 2014.

ANDERSON, Chris; BELL, Emily, SHIRKY, Clay. *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*. Tow Center for Digital Journalism, Columbia Journalism School, 2013. Disponível em: http://towcenter.org/wp-content/uploads/2012/11/TOWCenter-Post_Industrial_Journalism.pdf.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão*. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

AZEVEDO, Fernando. *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*. Universidade Federal de São Carlos, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Zahar, 1ª ed., 2007.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. *The Platform Press: How Silicon Valley reengineered Journalism*. Tow Center for Digital Journalism/Columbia Journalism School, março de 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>.

BOLAÑO, Cesar. *A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da Comunicação: uma contribuição crítica*. In: BOLAÑO, César (org). *Comunicação e a Crítica da Economia Política*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

BOLAÑO, César. *Indústria cultural: informação e capitalismo*. (2000). São Paulo: Hucitec/Polis.

_____. *Organização em rede, capital e a regulação mercantil do elo social*. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 6-16, maio 2016. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3711/3131>.

_____. *Trabalho Intelectual, Informação e Capitalismo. A reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva*. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, v. 15, n. 11, p. 53-78, 2002. Disponível em: <http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Trabalho-intelectual-comunica%C3%A7%C3%A3o-e-capitalismo-Bola%3%B1o.pdf>

BRITTOS, Valério, BOLAÑO, César; ROSA, Ana Maria. *O GT “ECONOMIA POLÍTICA E POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO” da Compós e a construção de uma epistemologia crítica da comunicação*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Economia Política e Políticas de Comunicação”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, em 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt6_valerio_curz_brittos_cesar_ricardo_siqueira_bolano_ana_maria_oliveira_rosa.pdf

BRITTOS, Valério; GASTALDO, Édison Luiz. *Mídia, poder e controle social*. Revista Alceu, Rio de Janeiro, v.7 - n.13 - p. 121 a 133 - jul./dez. 2006.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Jr., São Paulo: UBU, 2017.

DENZIN, Normam K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). *The Sage Handbook of Qualitative Research. Fifth Edition*. Los Angeles: Sage, 2018.

DRUCK, Graça. *Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?* In: Caderno CRH, 24 (1), 37-57, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FÍGARO, Roseli. *Jornalismos e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI*. São Paulo, Moderna-ECA/USP, 2014. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002672767.pdf>

_____. *O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional*. Brasília, vol. 14, n. 2, agosto, 2018. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/1052/pdf_1

_____. *Relatório dos resultados da pesquisa [recurso eletrônico]: como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?* – São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível: <https://bit.ly/3ynGFhc>

FIGUEIREDO, Carlos. *Jornalismo E Economia Política Da Comunicação: elementos para a construção de uma teoria crítica do jornalismo*.v. 6 n. 1, 2019. In: *Jornalismo, Ciências Humanas E Sociais: intersecções, transversalidades e fronteiras*. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2019v6n1.46582>

FIGUEIREDO, Carlos; BOLAÑO, César. *Do Profissional ao Trabalhador: A Identidade do Jornalista nas Teorias Brasileiras*. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, São Paulo, 2018. Anais... São Paulo, 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1511/931>.

FRAGA, Renata. *BBC News Brasil: a reinvenção do “soft power” no jornalismo multiplataforma, no limiar das notícias de ‘interesse público’ e do ‘interesse do público’*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021. Faculdade de Comunicação Social.

HELOANI, Roberto, *O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida*. São Paulo: Interações, 2006; Volume 22:171-198.

HUWS, Ursula. *A formação do cibertariado. Trabalho virtual em um mundo real*. Campinas: Edunicamp, 2017.

_____. *Mundo material: o mito da economia imaterial*. Revista Outubro, n. 21. 2º semestre de 2013.

KREIN, José Dari et al. *O Trabalho pós-reforma trabalhista*. Cesit - Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho, vol I, 2021. Disponível em: http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/06/1-VOL-1_A-reforma-trabalhista_15.06.21.pdf

LIMA, Marcos; VALENTE, Jonas. *Regulação de plataformas digitais: mapeando o debate internacional*. In: Liinc em revista, v. 16 n. 1 (2020): Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5100>.

_____. *Regulação de plataformas digitais: mapeando o debate internacional*. In: Liinc em revista, v. 16 n. 1 (2020): Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5100>.

MACAMBIRA, Junior et al. *Desmonte do estado e das políticas públicas: retrocesso do desenvolvimento e aumento das desigualdades no Brasil*. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho, 2020. Disponível em: <http://www.prolam.usp.br/wp-content/uploads/sites/35/2021/01/Desmonte-do-estado-e-das-politicas-publicas.pdf>

MARTINS, Helena. *Comunicação em tempos de crise: economia e política*. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 1ª ed., 2020.

MARTINS, Helena. VALENTE, Jonas. *Desafíos y paradojas de la Comunicación en América Latina: las ciudadanías y el poder*. In: Desafíos y paradojas de la comunicación en América Latina: las ciudadanías y el poder, p.141-151, ALAIC, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fA2G5f>

MARX, Karl. *O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Para a crítica da Economia Política. Escritos de 1857*. Berlim, 1972.

MAURÍCIO, P.; SABACK, L. (Orgs.) *Plataformas digitais e a relação com o jornalismo*. Relatório EPC PUC-Rio, n.1, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50370/50370.PDF>

MAURÍCIO, Patrícia. *A desintegração do modelo de negócios do jornalismo e tentativas para financiar reportagens de qualidade na internet*. In: Revista Alceu, vol.17, n.35, ed. 35, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v18.ed35.2017.119>

_____. *Considerações sobre a privacidade da internet*. In: Interin, Curitiba, v. 20. n.2. p. 66-82, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/i/issue/view/2>.

_____. *Crise no modelo de negócios do jornalismo: os casos da Infoglobo e The New York Times*. In: Revista eptic, vol.20, n.3, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/10772>

_____. *Estratégias do Grupo Globo na disrupção do modelo de negócios do jornalismo*. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Ano XXI, n. 41, jan-jun, 2018. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/51>

_____. *Regulação do audiovisual no Brasil: tudo outra vez de novo*. In: Revista eptic, v. 17, n.2, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/137>

MAURÍCIO, Patrícia; ALMEIDA, Raquel; SOARES Jr., Creso. *No fio da navalha: a relação do Grupo Globo com as plataformas digitais hegemônicas*. In: Desafios y paradojas de la comunicación en América Latina: las ciudadanías y el poder, p.12-25, ALAIC, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fA2G5f>

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. *Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real”: O fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

_____. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano*. Do senso comum ao senso crítico. Editora Revan, 2007. 1ª reimpressão, novembro de 2013.

NEWMAN, Nic. *Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2019*. The Reuters Institute for The Study of Journalism, 2019. Disponível em : <http://www.digitalnewsreport.org/publications/2019/journalism-media-technology-trends-predictions-2019/>.

RODRIGUES, Carla. *Jornalismo e sociedade pós-industrial*. Revista Alceu, Rio de Janeiro, n. 26, jan.-jun, 2013.

SANTOS, Suzy dos. *E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/104/103>

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHOEMAKER, Pamela. *Gatekeeping*. Newbury Park: Sage Publications, 1991.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2001.

_____. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. p. 168-204.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. Summus, São Paulo, 4ª ed., 2011.

WHITE, David Manning. *O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias*. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993. p. 142-151.

8. Anexos

Anexo 1: Respostas abertas do questionário quantitativo sobre conciliar o trabalho e os filhos na pandemia

Resposta 34 - Tenho enteada. É um dos maiores desafios dessa pandemia se dividir entre as funções da casa, o trabalho e cuidar de uma criança que precisa de afeto, amor e atenção. Tem sido o momento mais angustiante porque, além do trabalho exigir igual ou mais, não somos pedagogos. Ou seja, um equilíbrio bem delicado nas nossas vidas e um esforço sobrenatural para ter saúde mental e física.

Resposta 47 - Tenho três filhas e deixei de vê-las presencialmente logo no início da pandemia, no fim de fevereiro. Elas cumpriram o isolamento e eu não parei de trabalhar na rua. Só voltei a ter encontros pessoais com elas no mês de agosto, mas ainda uso máscara perto delas até hoje. Cuidei de tudo o que era possível à distância, mas confesso que essa fase foi infinitamente mais difícil, por causa da distância que fui obrigado a manter delas.

Resposta 60 - Minha filha não mora comigo.

Resposta 67 - Um exercício de conciliação ainda maior do que o normal para colaborar nas atividades educacionais das duas crianças.

Resposta 74 - Tenho 3 filhos. Como passei a trabalhar remotamente, meu tempo com eles aumentou e nosso contato é intenso. Diria que, de modo geral, houve ganho considerável nesse sentido.

Resposta 76 - Felizmente, minha companheira trabalha por turnos alternados e, também, temos uma diarista que nos ajuda, o que facilita o trabalho quando há demanda.

Resposta 83 - Tenho dois filhos, um de seis e um de um ano. Com o de seis tive o desafio das aulas virtuais, que são exaustivas para todos nós. Além disso, os horários são conflitantes com as minhas pautas. Ao longo desses meses, perdemos muitos finais de semana para colocar tarefas em dia porque não conseguimos durante a semana, quando o trabalho toma muito tempo. Fora a escola, tenho constante interrupção no trabalho porque meus filhos demandam cuidados, então sinto muita dificuldade em me concentrar para realizar as tarefas (que na redação eu faria mais rapidamente). Além disso, como estamos todos isolados, eles ficam mais ansiosos e hiperativos, sem contato com outras crianças, o que dificulta o convívio. Todo o processo tem sido desgastante para todos nós (eu, marido e crianças).

Resposta 85 - Tenho dois filhos. A maior dificuldade foi encontrar alguém pra ficar com eles em casa, enquanto eu trabalhava fora. Mas deu tudo certo.

Resposta 90 - Tenho dois filhos, uma menina de dois anos e o segundo nasceu no início da pandemia. Ter sido exposta no SUS, com bebê na UTI neonatal em uma situação de transição de controle sanitário mexeu muito com a minha saúde

psicológica e a do meu companheiro. Trabalhar no isolamento com dois tem sido muito difícil não só pela sobrecarga de tarefas, mas pela quantidade de notícias negativas e a necessidade da própria função de estar antenado nas notícias e a pressão pelo furo. Sem dúvida, ser jornalista nesses tempos exige acompanhamento psicológico e cuidados com a saúde mental. Percebi nesse tempo o quanto a profissão pode ser nociva sem acompanhamento e na terapia descobri o quanto as coberturas de último minuto alimentaram meu estresse e ansiedade no dia a dia.

Resposta 99 - Apoiando nas tarefas escolares e interagindo mais, em função da maior proximidade.

Resposta 100 - 01 - filha de 11 anos. Complicado tentar explicar tudo o que está acontecendo. Meu objetivo é diminuir os danos. 02 - filho de 01 ano e nove meses. A idade das descobertas, porém isolado dentro de casa. Momento importantíssimo para o desenvolvimento dele. Resumo, tudo muito difícil, um fardo muito pesado, mas iremos superar!

Resposta 101 - Tive apoio da minha esposa e consegui lidar com a situação.

Resposta 106 - Tenho uma filha de 10 anos que vive com a mãe. Nosso contato era frequente, mas desde o início da pandemia só estive com ela 2 vezes, apesar das vídeo chamadas diárias.

Resposta 107 - Sim, porém meus filhos moram em outro país.

Resposta 110 - Tenho duas filhas e tive de comprar um computador e um tablet para as aulas online. A empresa não forneceu note. Tive de equilibrar o trabalho com a vida pessoal tudo ao mesmo tempo e agora.

Resposta 113 - Não tenho. Mas tem sido bem difícil para quem tem.

Resposta 114 - desafiador e estressante.

Resposta 117 - Exaustivo. Tenho a sensação de que o trabalho nunca acaba e às vezes sinto que não desempenhei bem nenhuma das duas funções.

Resposta 121- Tenho um bebê de 8 meses, que praticamente nasceu na pandemia, e tem sido horrível cuidar dele sozinho e trabalhar remotamente. Não consigo me concentrar 100% nas minhas tarefas porque um bebê demanda a mãe praticamente pra tudo. Meu marido tb está em home office e trabalha ainda mais que o normal. Ele tenta me ajudar, mas quando a situação aperta acaba sobrando pra mim. Não sei como sobrevivemos a esse período, mas tenho ficado doente com frequência. Me sinto exausta e completamente sem opções.

Resposta 126 - Foi bem difícil. Não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Precisei de ajuda. Hoje, meses depois, ainda em pandemia contratei uma babá. É arriscado pelo fato dela ir e vir todos os dias e eu não saber com quem tem contato, mas se eu não fizesse isso, não poderia trabalhar.

Resposta 128 - O fato de ter que lidar sozinha com duas crianças de 6 e 4 anos trancadas dentro de casa durante um período tão longo, mais o aumento da carga e responsabilidade do trabalho foi extremamente cansativo. Tive momento de pane mental e física, algo que nunca tinha sentido. Também foi muito difícil ter que lidar com a solidão e a falta dos amigos, que eles sentiram e ainda sentem.

Resposta 139 - Meus filhos já são adultos.

Resposta 140 - Com o apoio da família foi possível manter os cuidados e adaptar a nova rotina principalmente com a experiência das aulas online. É um momento mais cansativo, porque as demandas do lar são maiores, no entanto com o passar do tempo a adaptação torna as coisas um pouco mais tranquilas.

Resposta 144 - Muito difícil conciliar as atividades profissionais com a rotina escolar remota. A mãe deles cuida durante a tarde e eu ajudo pela manhã. Mas não é fácil. O esgotamento psicológico é enorme.

Resposta 150 - Não tenho filhos, mas estou cuidando dos meus pais e de dois cachorros. É um caos atender as demandas de todos, porque aparecem a qualquer hora, inclusive no meio do expediente. O sentimento de culpa quando não consigo dar a atenção necessária a eles porque preciso trabalhar é enorme e contribui muito para aumentar o estresse.

Resposta 152 - Pra mim estar em home office foi uma oportunidade de acompanhar mais de perto o crescimento da minha filha. Apesar das dificuldades, essa chance de estar com ela o tempo todo foi valiosa demais.

Resposta 153 - Não tenho, mas se tivesse, seria uma dificuldade enorme conciliar trabalho e criação dos filhos no meu atual ritmo de trabalho.

Resposta 159 - Todos estão mais ocupados com trabalho e estudos, então, tirando o isolamento, não mudamos muito.

Resposta 160 - Primeiro foi um caos porque meu estúdio de vídeo/home office passou a ter uma criança em home schooling. Agora temos já uma rotina, substituí a maior parte da produção de vídeo por textos e meu filho já aprendeu a me ajudar em várias coisas, como iluminação e transmissão. Ele tem 9 anos, creio ser mais fácil que pessoas com filhos muito pequenos.

Resposta 161 - Um desafio, concilie trabalho com alguma rotina de estudo e disciplina para que se mantivessem ocupados e minimamente prejudicados quanto aos estudos.

Resposta 164 - está sendo. Minha mulher trabalha presencial e eu cuido do meu filho mais novo de 10 anos.

Resposta 166 - Meu marido cuida delas.

Resposta 172 - Tranquilo.

Resposta 173 - Uma experiência transformadora no sentido positivo pelo aumento do convívio diário e presença efetiva na rotina de estudos, mas negativo pelas alterações de humor/ansiedade deles pelo confinamento.

Resposta 174 - Foi tenso no início, pelo medo do contágio, mas contei muito com a ajuda da família. Tive covid sem sintomas e só soube depois. Como ninguém se sentiu mal em casa (talvez também assintomáticos) fiquei mais tranquila.

Resposta 178 - Sou separado da minha ex-mulher. Ela me privou de ver meus filhos por cerca de 100 dias. Isso me destruiu. Depois de muita insistência, eles vieram pra minha casa e passaram um período grande comigo - 2 meses. A partir daí, melhorei bem com a convivência com eles.

Resposta 185 - Sou divorciado. Fiquei sem vê-los por 5 meses.

Resposta 186 - complicado em razão da nova rotina de aulas remotas. para uma criança, é um desafio grande e, em certo momento, a criança também esgota a paciência com essa rotina tão diferente. além disso, em alguns momentos, tive de trabalhar remotamente enquanto o filho estava em casa, então isso também afeta um pouco a questão da organização e das tarefas.

Resposta 187 - Tenho um filho recém-nascido. O desafio foi enorme. Primeiro, pela preocupação com a saúde dele. Depois, pela atenção que ele demanda num período em que o trabalho também demanda muito.

Resposta 193 - Tenho filhos adultos, que não moram comigo.

Resposta 196 - Minha filha nasceu durante a pandemia. Mesmo com os receios e medos, a alegria desse momento tem sido fundamental. Ficar de home office permitiu que eu ficasse mais perto dela e da minha esposa.

Resposta 201 - Tenho duas filhas e foi muito difícil, pois é um momento que o trabalho invade a casa de quem faz home office. Tem dias mais tranquilos e outros mais conturbados. E precisei me adaptar para conseguir fazer entrevistas ao vivo em forma de live com duas crianças pequenas dentro de um apartamento também pequeno. Foi um aprendizado para mim e para elas. E durante o expediente precisa parar de fazer as coisas para servir almoço, trocar fralda, dar atenção, etc.

Resposta 202 - Um desafio conciliar horários, ajudar nas tarefas escolares e cuidar da segurança de todos tendo que sair para trabalhar diariamente.

Resposta 204 - Filhos adultos e sem problemas.

Resposta 207 - Nada fácil. Adaptar a casa em um grande escritório para trabalhar ao lado da filha que estuda, com criança pequena e esposa precisando de ajuda. Definitivamente, não é um home office, é um paliativo que gerou grande stress e afetou a rotina da casa.

Resposta 211- Minha mãe ajudou.

Resposta 218 - Minha filha é adulta, trabalha em casa a maior parte do tempo, divide as angústias desse momento comigo.

Anexo 2: Entrevistas em profundidade

Entrevista 1:

Entrevista repórter TV aberta - 29 anos - 10 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Não é desmerecer as outras profissões, mas o papel do jornalista é fundamental para a população. Porque, assim, como é que a população sabe das coisas que estão acontecendo à nossa volta? Só que eu acho que a gente tem uma posição muito firme, muito cuidado na hora de passar as informações. Tem que apurar direitinho, temos esse papel de apurar, de saber como abordar a pessoa, tentar passar para população de maneira mais clara e objetiva, de uma maneira de uma linguagem assim que todos consigam entender. Então o nosso papel é fundamental para a gente manter informada a população, mostrar realmente o que acontece, e a gente também é a voz de muita gente que pede a nossa ajuda e que de repente não consegue o contato com uma autoridade. Vou dar o exemplo que a gente está vivendo de pandemia, que não tem como a gente escolher não dar informação. É um estresse diário para nossa saúde física, também mental e emocional e nesse período de isolamento, a televisão passou a ser melhor amiga de muita gente precisou ficar em casa. É um momento muito delicado, até para mim acho que é uma das coberturas mais difíceis de tudo que eu já passei, eu sou nova, eu sei, mas muito delicado. As pessoas em casa, vivendo o caos, com medo, sem saber direito o que é o coronavírus, o que está acontecendo. Então, nosso peso na hora de explicar o que é isso, a delicadeza de você entender e passar os dados, que são assustadores, não entrar em pânico... então nesse momento de pandemia acho que a gente está cumprindo um papel fundamental, porque a gente também tem nossos medos, a gente também que tem que tomar os cuidados, mas se a gente não estiver ali na linha de frente para informar a população o que está acontecendo, as precauções, as medidas a serem tomadas, o que todo mundo vai fazer? Então, a mídia nunca foi tão importante.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho?*

Eu acordo cedo todo dia, 7 horas da manhã eu vou para academia porque é a única coisa que eu tenho fora do meu trabalho para gastar todas as minhas energias e colocar tudo para fora assim que eu tenho que colocar. Então é uma rotina de exercícios físicos pela manhã, eu faço isso todos os dias, de segunda a segunda, é uma coisa que eu me sinto bem, que eu peguei para mim e sinto falta quando não vou. E aí eu vou tomar para a [empresa atual], pego lá 11h30, meia meio-dia, vou para a rua, faço matéria, entro ao vivo no meio do caminho, e aí cinco horas no máximo eu tenho que estar na redação, para me preparar para entrar ao vivo para o Datena antes, e depois apresentar o Jornal do Rio, e aí depois do Jornal do Rio a gente ainda entra ao vivo no [canal de notícias] Então é uma rotina bem pesada, eu quase não consigo comer. Então se eu não levar um lanche, uma banana, um amendoim, eu não como porque não dá tempo de verdade. Assim, quando eu vejo eu falo, cara, não bebi um copo de água hoje. Às vezes eu volto para casa tremendo,

com dor de cabeça, falta de comida, de água, não dá tempo. Então é uma rotina muito agitada realmente. Eu não paro porque meu tempo é muito curto. De manhã passa rápido, mas de tarde, não sei o que acontece, o tempo voa, e quando acaba o Jornal às 19h20, eu dou uma respirada, mas tem que engatar no vivo para o [canal de notícias] , e eu chego em casa tarde, assim, umas 22h, com a adrenalina lá no alto por causa da rotina agitada, eu já sou uma pessoa agitada fora do trabalho. Então eu não consigo ficar parada, se eu ganho um dia de folga, eu penso meu Deus, então parece que eu tô à toa, não consigo. Então eu sou extremamente agitada, e demoro a dormir por causa dessa adrenalina, durmo tarde e às vezes eu dou uma corrida à noite para botar para fora. A academia que eu malho fecha às 23h, então dá tempo, mas no outro dia de manhã já estou lá gastando toda essa energia para chegar no trabalho com todo esse combustível e dizer "tô pronta" para encarar o que tem pela frente. Tenho ansiedade porque eu me cobro muito. Isso é bom e ruim porque eu não gosto de errar, ninguém gosta de errar, então assim eu fico muito ansiosa. Por exemplo, vou fazer uma entrada ao vivo com Datena, eu sei o assunto, eu domino, mas eu me cobro tanto que eu fico assim ansiosa, fico cheia de placas às vezes assim no pescoço, de nervosismo. Não é por não saber, é querer fazer perfeito, porque eu me cobro muito, então fico ansiosa, aí dá vontade de comer, mas é só vontade, e eu seguro essa vontade porque não dá nem tempo de comer. E a dor de cabeça que é constante, porque eu fico "Caraca, tem que fazer, tem que fazer aquilo, tem que ser perfeito, não posso esquecer isso...", e aí vem essa rotina assim completamente desgastante. E é aquilo que você falou, a gente tem que fazer tudo, não adianta, tem dia que eu tô sem cinegrafista mas eu preciso fechar um VT. O que que eu faço? Eu vou para a rua com celular, vídeo-repórter, eu gravo as entrevistas por skype, via zoom, e boto o tripé com o celular e gravo a passagem. Hoje tudo é aproveitado, as imagens do celular, a gente tem que jogar nas onze. Tem o lado bom e tem o ruim. O lado bom é que você sabe fazer tudo, acaba aprendendo até a editar o que você vai fazer. Você é uma profissional multiuso, que sabe fazer um pouco de cada coisa. Mas é ruim porque, caramba, as pessoas perdem o controle às vezes. A Yasmin ela é repórter e apresentadora, mas eles acabam aproveitando a Yasmin que sabe editar para fazer uma edição aqui, uma matéria de esporte ali, só que eu faço jornalismo, então as pessoas não respeitam e acabam te explorando (ela fez gesto de aspas com os dedos nessa hora).

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Trabalhando mais porque no começo muita gente precisou se ausentar por conta de sintomas. Por mais que a gente não sabe se é coronavírus ou não, tossiu, espirrou, fica afastado. Nesse meio tempo, esses seis, sete meses de pandemia eu não fiquei fora da [empresa atual] em momento nenhum, só agora que eu fui testar positivo. O trabalho dobrou porque faltava repórter, aí você tinha que cobrir mais horas, cobrir aquela pessoa, então a rotina ficou muito mais intensa, muito mais cansativa, você tinha que fazer 3 matérias por dia, fora os 50 vivos, fora o Jornal e eu não deixei de apresentar esse tempo... é aquela rotina estressante, porque tem o trabalho mas tem o cuidado com a nossa família também. Claro que tivemos mudanças com a rotina em relação à higiene, tudo mais, aquela coisa de máscara o tempo inteiro, álcool em gel, você fica meio doida, meio maluca, eu fiquei meio surtada, eu fiquei desesperada, eu chegava em casa, meus pais vendo notícia e me perguntavam se os

números realmente estavam naqueles níveis, então mudou a minha maneira de pensar, de agir, eu fiquei muito estressada, com muito medo realmente. Agora estou mais calma, porque tive que aprender a lidar. Não ia adiantar nada eu ficar assim, estressada, ansiosa, se eu tinha esse papel de ir trabalhar, de ir informar, então tive que aprender a dominar esse medo, essa ansiedade, e lidar com a nova rotina, e todo mundo teve que se adaptar. Fiquei apavorada, porque meu pai é de risco, tem 60 anos, pressão alta, fuma. Então é difícil. Eu falava pra ele: "pai, você precisa ficar em casa." e ele dizia: "mas você está saindo". E eu explicava que eu tinha que sair para trabalhar. Mas quando eu chego todo cuidado é pouco. Já trocar roupa no hall do apartamento, direto para o banheiro, colocava um chinelo. Mas são coisas que são inevitáveis, você tinha que ir para a rua, tinha que fazer matéria, tinha 2, 3 repórteres afastados e a [empresa atual] já tem um número reduzido de repórteres. Então você imagina com menos 3? A galera que ficou, ficou totalmente sobrecarregada. Não reclamando, mas o trabalho triplicou. Saía, fazia duas, três matérias, entrava ao vivo, quando chegava para apresentar o jornal eu perguntava: Meu Deus, será que vai dar tempo? E dava. Tinha que dar, né?

- *O que é violência no trabalho para você?*

As agressões que a gente sofre na rua verbalmente. A gente é xingado, às vezes sem ter culpa, sem nem saber de nada, você tá representando a sua empresa e você acaba sendo constrangido ali por algum xingamento, isso é a primeira coisa que vem na minha cabeça nesse momento. Isso aumentou muito. Tenho medo da violência da cidade também. Eu até gosto de cobrir essas matérias voltadas para o lado policial, eu faço uma pós graduação em direito penal e criminologia, eu sempre gostei. Mas apesar de gostar, eu tenho medo porque já passei por situações, não no trabalho, mas na família. Minha mãe já foi sequestrada, então eu fiquei com uns traumas. Nunca fui assaltada durante o trabalho, mas no Rio de Janeiro não dá pra gente ter paz um dia, qualquer hora e lugar é muito perigoso. Acho que falta muito na questão de investimentos na parte de segurança. Dá um medo não saber o que vai acontecer. É você e o cinegrafista, então você está gravando, o câmera está prestando atenção em você, você olha a sua volta, mais ou menos, mas tudo pode acontecer. Às vezes pode não dar tempo de prevenir alguma coisa, é bem difícil. Dentro do ambiente de trabalho, para alguém elogiar é raríssimo. Agora, para te criticar, você dá uma escorregada e já escuta absurdos. Já fui esculhambada, mas já vi situações muito piores, do repórter ser xingado, ah, vai embora, não precisa mais voltar hoje, a matéria vai cair, não vai ao ar. E às vezes eu olhando assim de longe, coisas bobas, que tinham necessidade daquele escândalo e essa questão de mudar horário. Eu pegava na madrugada, 5h30, 6h, eu sempre morei longe, em Nova Iguaçu, então eu saía 4h, 4h30 estourando. Então assim, às vezes me ligavam 21h para mudar meu horário, às vezes me pedindo para entrar às 3h. Então é uma falta de respeito com o profissional porque vai falar não para você ver, você tá fazendo corpo mole, pouco caso. Eu também tenho sonho de ser mãe. E sempre me pergunto o que vai acontecer. E quando for a minha vez? É difícil. Com situações mais difíceis, eu primeiro tento entender na minha cabeça, comigo, eu sofro muito calada, por antecedência, pensando. Eu tiro minhas conclusões, às vezes estou certa, às vezes não. Mas eu respiro, analiso, tento entender o porquê daquilo. Às vezes esqueço, às vezes converso, tento entender. Antes eu guardava tudo, e desenvolvi uma gastrite nervosa por conta disso, eu guardava tudo para mim. Tudo bem que a gente tem que saber se colocar, nem tudo a gente pode falar, às vezes a gente tem que engolir

quieto, rasgando, chorar em casa, mas a gente também tem que saber se colocar, entender o que aconteceu, então às vezes eu tento conversar. Acontece várias vezes de eu chorar em casa. Quando eu era da produção, antes de virar repórter, que eu tinha que entregar uma matéria de rede para o Tortoriello fazer amanhã, e senão ninguém ia sair da [empresa atual] Olha, quantas vezes eu não saí da produção da [empresa atual] às 23h chorando porque tinha que encontrar o personagem perfeito e sem ele não tinha matéria. Então eu entrava em desespero porque eu botava na minha cabeça que eu tinha que conseguir. Mas como eu sofro calada, eu passava mal de nervoso, eu guardava pra mim, e quando eu chegava em casa, eu desabava, me perguntando como uma pessoa poderia tratar a outra assim, tem que estar ok, tem que ter o personagem, só que muitas vezes você não consegue o personagem com a bunda sentada ali dentro. Eu passei pela produção, e eu passei a me virar muito na rua. Tem repórter que precisa de babá. Então tinha coisa que eu via que se o repórter quisesse ele ia conseguir. Mas tinha repórter que só saía da redação se tivesse tudo ok, e eu entrava em desespero.

- *Você achou que a pandemia trouxe mais estresse?*

Sim, as pessoas estavam muito mais estressadas. A quantidade de funcionários diminuiu, e o estresse diário do novo normal, muita cobrança, muita matéria, a gente teve que se reinventar, a gente tem que falar da realidade, dos casos, das mortes confirmadas, mas a gente também tem que se reinventar e mostrar outras coisas além disso. Então ficava um estresse, o que a gente vai fazer diferente, e às vezes um faltava, ah tá com suspeita, e agora, fodeu, como vai fazer pra dar conta, então acaba que é um estresse total.

- *Sente algum destes sintomas?*

sentimentos de fracasso e insegurança
sentimentos de derrota e desesperança
sentimentos de incompetência
alterações repentinas de humor
problemas gastro intestinais
alteração de batimentos cardíacos
dores de cabeça constante - sempre
cansaço mais mental do que físico

- *Você acha que o retorno financeiro recompensa seu esforço? Não.*
- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Uso celular, meu fone de ouvido, maquiagem, roupa é toda minha.*
- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Total. Precarizou. Profissionais foram substituídos por equipamentos. Acho que muita gente perdeu o emprego aí nesse meio do caminho com a evolução digital. Fora os materiais. A demissão dos funcionários, e os materiais já estão muito lá para trás, acho que tem que comprar novos equipamentos. Mas a questão das

demissões foi a mais impactante no meu ponto de vista. Acúmulo de função, e hoje, é o que eu tava te falando, quando eu não tenho cinegrafista, eu só não dirijo porque de resto eu faço tudo, vejo a iluminação, gravo, edito, só falta dirigir daqui a pouco o carro de reportagem.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)? No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Isso tem seu lado bom e seu lado ruim porque nem todo mundo consegue dar conta. Você quer ser bom, você quer saber fazer tudo, quer ser ágil, quer mostrar que está disposto, vou fazer. Mas às vezes você quer abraçar o mundo e será que dá conta? Então muitas vezes o jornalista deixa a desejar em alguma situação, se perde no meio do caminho, porque não dá para ser perfeito em tudo. Eu admiro quem consegue ser 100% foda em todos os ramos, mas acho bem difícil. Sobre a cultura do furo, eu não me sinto pressionada pelas pessoas que trabalham lá. Eu me cobro, eu me pressiono. Porque a gente tem aquele lance de querer fazer fonte, de querer ter o contato, então eu me cobro e eu sofro. Por exemplo, se alguém me prometeu uma operação exclusiva, aí chega lá e eu vi que não era exclusiva. Aí eu falo, perai, meu Deus, eu passo mal. Por mais que a chefia não vá ligar, eu fico ali assim, cara, não é possível, por que eu não consegui? Não confia em mim? É claro que vez ou outra vem alguém "ah, vamos ver se a gente consegue alguma coisinha", mas parte muito de mim, eu me cobro muito, sempre quero tentar o diferencial. Eu já precisei muito de ajuda, e gosto de ver a galera nova vindo me perguntar, e eu sempre procuro ajudar todo mundo, comigo não tem essa de concorrência, às vezes eu consigo uma coisa, mas não posso fechar, e eles me perguntam se eu ligo de alguém fechar, e eu de maneira nenhuma, sou muito tranquila em relação a isso. Não sou melhor do que ninguém, mas conseguir um furo às vezes é bom. hahahah

- *O que você acha da sua qualidade de vida?*

Ah, Gabi, a gente trabalha muito, né? É muito fim de semana, feriado, natal, ano novo, quantas coisas eu perdi, quantas viagens desmarquei, momentos de estar com a família... assim, é bem ruim pensando por esse lado. a gente não tem vida realmente. mas aí eu paro e penso que não sei o que eu faria se não fosse essa profissão. muitas vezes eu penso em desistir, penso que ainda daria tempo de fazer outra coisa. aí eu penso: mas o que? eu não sei, mas qualidade de vida é zero. A gente que tem que se adequar ao trabalho, infelizmente.

- *Já pensou em mudar de carreira?*

Já. Pensei em fazer concurso para polícia federal, polícia civil, e aí as pessoas falam "faz", e outras falam "você tá maluca. está apresentando um jornal e vai largar tudo agora?". Então estou na área, vou continuar, mas às vezes a gente tem aqueles surtos, né? Do tipo não vou continuar, não aguento mais, hoje foi um dia horrível e estressante e você não quer mais fazer isso. Aí eu falo: "não, deixa eu buscar meu balde que eu chutei porque não é bem assim", e aí já pensei, mas sigo firme.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Eu absorvo muito as histórias que eu vivo e conto. Uma coisa triste eu venho arrasada para casa, ou uma coisa estressante eu acabo brigando em casa, discutindo, descontando em quem não tem nada a ver, sabe? Eu até tô tentando mudar um pouco isso porque eu absorvo muitas coisas e trago para casa, fico na cabeça. Já briguei várias vezes com meus pais, meu namorado também. Eu não fico com raiva de tipo não poder ir numa festa que eu gostaria, porque eu escolhi isso pra minha vida e sabia que ia ser assim. Só que às vezes a gente fica chateado de não poder viajar com os amigos, mas já me acostumei.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria? Não tenho ajuda psicológica, mas já pensei em procurar, e acho fundamental para ajudar a não se estressar tanto.*
- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje?*

Eu até escrevi no instagram um dia desses quando a TV brasileira fez 70 anos no ar. Eu botei alguma coisa parecida que na rua, ao vivo, no estúdio, gravado, em momentos tristes, felizes, é uma mistura de emoções e sentimentos que só quem vive, quem faz, sabe tudo que a gente passa na pele. Quem vê de fora acha que é puro glamour, televisão, mas ninguém sabe por trás o que a gente vive, o que a gente escuta, o que a gente enfrenta para estar ali 100% na frente da câmera, por dentro você pode estar querendo matar um, pode estar com um problema familiar, pessoal, mas ali você tem que estar plena, como se nada estivesse acontecendo, para você não passar isso para a pessoa que está te assistindo, tem que ter ali aquela seriedade, passar confiança... só que hoje eu acho que a gente está desgastado, a gente está aguentando muito, ali tentando ser forte, mas nem todo mundo consegue, um ou outro desaba, um ou outro fica doente de tanto que a gente tenta ser forte. A gente vai adoecendo por dentro, você vai acabando com você aos poucos ali. Realmente é uma loucura. A galera está bem desgastada, quem trabalha no hard news. Porque é tanta notícia ruim que fica difícil.

Os colegas que encontro na rua dizem que não tem um dia de paz. Porque jornalista que trabalha no Rio não sabe o que é um dia tranquilo, todo dia tem alguma coisa, ou corrupção na saúde, violência, acidente. Você acha que vai ter um respiro no dia seguinte, e nada. Por dentro a gente está se remoendo por dentro.

Entrevista 2:

Entrevista repórter de TV aberta - 32 anos - 10 anos no jornalismo.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Cada vez mais o papel do jornalista é de extrema importância pro mundo. Ainda mais com redes sociais, internet, onde circulam tantas informações. O papel do jornalista é o de trazer a informação real, esclarecer fatos, noticiar. Essa é nossa função. Hoje qualquer um acha que pode noticiar, que pode sair filmando com um celular, e não é bem assim. A gente sabe que precisa de apuração, que precisa ouvir todos os lados, ter fontes seguras. A rede social te aproxima das pessoas, mas também é uma coisa trabalhosa. Eu muitas vezes quero compartilhar, até para você

atrair a atenção das pessoas para elas assistirem à sua matéria, sua reportagem, mas eu confesso que ainda estou me acostumando com isso, pq a gente na rua tem tanta coisa pra apurar, e entra ao vivo, e um monte de coisa e assim, hoje eu vejo colegas que são obrigados a fazer o vídeo para a rede social da emissora. Só que quando você é contratado, você não ganha pra fazer rede social. Mas muita gente de rádio tá tendo que gravar vídeo, então as pessoas também estão se acostumando. Tem gente que não gosta de vídeo mas tá tendo que fazer porque não têm opção. Ao mesmo tempo, a gente vê repórteres que já são contratados como web-repórteres. Já sabem que vão pra rua sozinhos, então eles tem um tripé, um celular, a luz, pluga e faz ao vivo assim. Isso talvez possa ser o futuro. Quando entrei na [empresa atual], tínhamos motorista, isso foi cortado. Depois, o cinegrafista dirigia, aí tiraram o carro. Hoje a gente vai de uber. Daqui a pouco não vai mais ter cinegrafista porque um telefone de boa qualidade resolve. E com essa questão do celular, as emissoras aceitaram muito. Você vê hoje matérias inteiras com imagens do telespectador. Antigamente chamavam de cinegrafista amador, hoje já é normal. Isso é precarização. Eu sei que a gente vê uma coisa e dá pra filmar, mas a gente tem que pensar que muitas vezes também estamos tirando a vaga de um cinegrafista, que é muito importante. Porque é muito difícil pro repórter estar apurando, ter que filmar, ter que fotografar, que a gente vê muitos colegas de site fazendo que antigamente saíam com fotógrafo. E a redação questiona "mas pq vc não faz uma imagem?" Isso é complicado, mas ao mesmo tempo tem a questão da modernidade, os celulares estão cada vez melhores, e a gente acaba tendo que se adaptar, é uma tendência de mercado.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

A [empresa atual] é tranquila porque hoje a gente só tem um jornal de rede à noite. Então quase não fazemos vivo. Então não tem essa pressão de entrar toda hora. Então fora a questão da pandemia, agora reduziram 25% dos nossos salários mesmo estando nas ruas todos os dias. Mas nossa carga de trabalho agora é de 5 horas e meia. Mas o horário de 7h por dia sempre foi tranquilo. Mesmo assim passo do horário porque tem aprovação de off do Rio de Janeiro. O texto é enviado para São Paulo. Já passamos mais (do horário), agora como somos poucos, é mais fácil a gente se organizar. Porque se a gente faz hora extra não recebe, e se folgar deixa de ganhar. Então não é muita vantagem estar passando da hora. É óbvio que se é um baita de um factual, de está acontecendo uma tragédia, a gente sabe que vai passar do horário, e ok, a gente sabe que faz parte do trabalho. Agora, passar do horário só porque alguém demorou para aprovar seu texto ou porque o editor chegou lá em São Paulo e foi almoçar, aí são coisas que aí já não dá.

Então eu não me sinto pressionada por isso, isso de pressão, de entra, rápido, fala, isso não tem. Mas devido à situação também não temos hora de almoço. Você tá de plantão ali na delegacia, você vai almoçar no caminho, você para num posto, come um biscoito, nem sempre dá para levar a sua marmita, aí dependendo muito da situação (me explicou aqui que o sistema de horas na empresa é 5+2, mas elas não são contratuais. Se folgar, perde as 2 horas do dia. Geralmente passa do horário para aprovação de off, que é feito no Rio e depois em SP. Não tem hora de almoço, fica de plantão na delegacia, e fica sem hora. Come biscoito em posto de gasolina)

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Todo dia (cobre coronavírus). Eu brinco que eu não aguento mais escrever as palavras pandemia, covid19 e novo coronavírus. Porque assim, na[empresa atual] hoje, nós somos só 2 repórteres. Mas o outro repórter tem doença autoimune, então desde que isso começou, ele está em casa, ele está trabalhando, ele fecha vt de casa, mas ele não sai de jeito nenhum. Então a única repórter que está indo pra rua sou eu. Então tudo é comigo. E você tem que fechar matérias todos os dias. No início, como as pessoas também estavam com medo, não sabiam como fechar, estavam em isolamento social, muitas das matérias que eu fechei, a gente recebia vídeo ou fazia ligação com o entrevistado, por Skype, etc. agora que as coisas estão flexibilizando, então a gente já está entrevistando as pessoas presencial. Quando começou (a pandemia), em março, o Theo estava com 1 ano e 2 meses. Eu tinha acabado de sair de um sarampo, por incrível que pareça, eu peguei sarampo, peguei da minha irmã que é médica, e precisei ficar 10 dias em isolamento total, fiquei na casa dela, pra não passar pro meu filho. Nem ele nem meu marido pegaram. Depois disso, comecei a fazer a adaptação do meu filho na creche pq até então ele vinha ficando com a minha mãe. Na [empresa atual] são 4 meses de licença e mais um mês de férias, então eu tive 5 meses de licença. Quando [filho] fez 1 ano resolvemos botar na creche, pq ele é agitado e minha mãe tem 63 anos. No início de março então colocamos na creche, adaptou por uma semana, e na semana seguinte começou a história do isolamento social, pára tudo. Com uma semana de creche parou tudo. Eu não tinha como ficar em casa por causa do trabalho, meu marido também não, porque ele dirige um programa de esportes na [empresa atual], ao vivo, não tem quem possa substituir. Então a gente entrou em pânico porque a gente já ia estar em risco, indo pra rua todos os dias, só que eu não podia botar a minha mãe em risco por ela ser do grupo de risco. A gente olhava um pra cara do outro e pensava se alguém pedia demissão, o que ia fazer. Até pq meus sogros tb eram do grupo de risco por serem idosos. Aí tinha uma conhecida nossa que tem uma agência de babá. Eu liguei para ela e disse: “Pelo amor de Deus me ajuda, vou precisar de uma babá”, e aí tinha um dilema, porque ela iria pegar transporte, e o risco, e tal, que conseguiu uma pessoa que nos ajudar que vem de bicicleta. Aqui em casa tomamos todos os cuidados, eu normalmente ia para o trabalho de ônibus do condomínio e metrô, mas passei a ir de carro, então é um custo a mais, só que era necessário por uma questão de segurança. Todo dia chegar em casa e ter todo o trabalho de tirar a roupa, botar pra lavar, ficar estressada se pegou, é um cansaço mental muito grande porque você já vai pra rua trabalhar tomando todos os cuidados, lembrar que não pode passar a mão, passa álcool toda hora, chega em casa tem que tirar tudo, é um transtorno. Está sendo muito estressante. Tem o estresse do trabalho, do dia a dia, de estar na rua, de estar desinfetando o microfone, e mantém distância, e aí você começa a ver pessoas próximas tendo covid, lá na redação nossa chefe de reportagem, que tinha contato direto comigo pegou, alguns cinegrafistas tiveram sintomas mas não fizeram teste, porque naquela época só se fazia teste se estivesse grave, então é isso, a gente está lidando com isso.

- Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?

É inevitável, por mais que a gente tente ter um distanciamento das histórias, nós somos seres humanos, não tem como você não ficar abalada, impactada com a história de alguém que morreu, de alguém que está tentando uma vaga em hospital, ou então como acontece aqui no rio, uma mãe que perdeu o filho vítima de bala perdida dentro de casa. Como tem histórias assim, eu chego em casa mais cansada, mais abalada. Chego mais abalada também com o estresse no trabalho, mas acho que acontece com qualquer um.

- *O que é violência no trabalho para você?*

De um tempo pra cá, eu diria da última eleição de 2018 pra cá, até antes, desde o impeachment, a imprensa vem sendo bombardeada de alguma maneira. Isso vem piorando ao longo do tempo. Na época de black blocs já aconteceu de eu estar escrevendo um texto, vem com um celular, uma pessoa toda mascarada “quem é você, me dá seu nome, de onde você é?”; ah peraí, primeiro me diz quem é você. “que que você está escrevendo? `”, aí você assiste às 19h39 no jornal, entendeu? Agora é polícia, tenho que ficar mostrando meu texto, me identificar? Então a gente ficava apreensiva com isso. Na frente da casa do Cabral, o cara abriu a porta do carro da reportagem, na época ainda tinha carro, me filmando, perguntando o que eu estava escrevendo, então a gente já vivia essa pressão. Aí agora, com o Bolsonaro, que critica muito a imprensa, a coisa ficou muito mais intensa. Eu estava gravando uma matéria em Copacabana, sobre número de idosos, alguma coisa assim, Eu estava pronta para gravar uma passagem quando chegou um casal e perguntou: "Você é da onde?". Aí primeiro eu finjo que não escuto, que não é comigo, tento ignorar. Aí eles: “ Você é da onde?”. Aí eu: “Oi, falou comigo? Sou da [empresa atual]”, e eles me disseram "ah tá, você pode, se fosse da globo não poderia". Como se a rua fosse dele. Então a gente sempre fica apreensivo. Me lembro que outro dia estávamos na porta da PF, acho que era depoimento do Paulo Marinho, e chegou um grupo de pessoas. A gente se olhou, os jornalistas ficaram tipo "cara, vamos nos preparar porque a gente não sabe o que vai acontecer aqui, quem eles são, o que eles querem". E de fato não era nada, eram curiosos só passando, mas a gente já fica muito apreensivo. A gente vê toda hora o repórter trabalhando, alguém xinga atrás, a gente só está ali reportando uma situação. Se a sua empresa está de um lado, se está de outro, você como repórter não tem nada a ver com isso. Ninguém sabe a sua opinião, ninguém sabe a sua ideologia, o que você pensa. Só que as pessoas acham que você é culpada, enquanto você está ali dizendo o que é real.

- *Assédio moral, já sofreu?*

Já sentimos. A gente teve um chefe que saiu agora que era extremamente machista. A gente percebia a diferença de como ele tratava mulheres e homens. Ele debochava, dizia que éramos feministas. Quando tinha qualquer problema com mulheres o tom de voz era muito mais alto. Tudo que a gente ia pedir era um problema absurdo. O que os homens iam pedir estava tudo bem. Tudo no diminutivo, num tom de voz mais baixo. E com as mulheres ele dizia que a gente estava de tpm. Tivemos que falar para a direção que não estávamos aguentando

mais, ele está passando dos limites. Ele chegou a uma vez, depois de tanto berrar e gritar, a quase pressionar uma repórter contra a parede. Ele estava louco, então já sofremos esse tipo de assédio dentro da redação. Tem diferença de gênero. A sorte é que quando eu voltei da licença maternidade ele já tinha ido embora.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e psicológico - muito

dificuldade de concentração - por causa do cansaço imenso de trabalhar e ter filho

sentimentos de fracasso e insegurança

negatividade - às vezes

sentimentos de derrota e desesperança - muito

sentimentos de incompetência - por eu querer mudar. Na [empresa atual] ! as pessoas largaram de mão. Eu queria fazer mais, mas não sei onde. Me frustro de não ter estrutura pra fazer mais coisa dentro da[empresa atual].

alterações repentinas de humor

dores musculares - muitas, especialmente no pescoço

problemas gastro intestinais - tenho gastrite

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo? (via Whatsapp pq a ligação estava ruim)*

Sinto sim uma precarização, e eu acho que isso vem aumentando consideravelmente nos últimos tempos. Para você ter uma ideia, quando eu entrei na [empresa atual], nós éramos oito repórteres, mais um apresentador. A gente tinha três editores de texto e três editores de imagem. A gente tinha cinco ou seis produtores e três estagiários. Hoje na [empresa atual]! Nós somos dois repórteres, dois produtores, uma editora de texto porque a outra foi demitida semana passada e um editor de imagem. Para um jornal de rede, né? Então você vê a mudança drástica que a gente teve numa praça importante que é o Rio de Janeiro, e isso faz com que a gente tenha que se adaptar, e não digo nem acúmulo de função, mas assim, um acaba ajudando mais o outro.. Por exemplo, eu estou num grupo de jornalistas, de repórteres, e às vezes não é nem a matéria que eu estou fazendo mas alguém publica alguma informação, uma nota, e eu já encaminho para a minha produção porque isso eu já sei que eles vão precisar e isso facilita o trabalho dos meus colegas também, né? Até porque quando a gente trabalha junto, a gente tem essa troca com os nossos colegas de trabalho.

E eu percebo essa precarização em todos os segmentos do jornalismo, e eu acho até por a gente perceber isso, por ser uma classe muito unida, os colegas se ajudam. Mesmo de emissoras diferentes. A gente tem uma troca muito bacana porque a gente sabe que as redações estão cada vez mais precárias, cada vez menores, e aí eu acho que a tendência é enxugar cada vez mais. E a gente vê por exemplo algumas emissoras como a CNN, como a Band, já colocando o que eles chamam de videorrepórter, em que o repórter vai sozinho com sua câmera, um tripé e iluminação, coloca ali e entra sozinho. Ali na[empresa atual] a gente tinha também

os auxiliares, que eram também nossos motoristas, aí tiraram essa função também, colocaram essa função para os cinegrafistas, deram esse acúmulo, e agora tiraram esse acúmulo e a gente só anda de uber. Então assim, ter um auxiliar também na rua, éramos em três, eu, cinegrafista e o auxiliar. Hoje somos só eu e o cinegrafista e a gente não tem carro. Então eu vejo isso, as redações cada vez menores, mais enxutas, você tendo que fazer cada vez mais funções, ou pelo menos sabendo ter que lidar em várias funções, e eu acho que futuramente vai todo mundo trabalhar sozinho mesmo, os repórteres, né? E aí pode ter um cinegrafista ou outro para um caso especial, para uma matéria especial, mas eu acho que a tendência é essa.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho muito complicado. A pessoa quer fazer tudo, não dá pra fazer tudo. Principalmente quem está começando, que quer fazer tudo, mas não dá. Para ter uma boa matéria, você não pode estar sozinho, você precisa de pessoas. Além de você ficar sobrecarregado, alguma coisa vai se perder. Então assim, depende, você quer fazer tudo pra dizer que faz tudo, pra dizer que é o super herói, ou você quer fazer bem feito? Eu sou do tipo que quero fazer bem feito. Quero dar ao telespectador a matéria mais completa possível, e pra isso eu preciso de pessoas ao meu lado. De uma produção que consiga apurar, que consiga as informações que eu não consigo, de um cinegrafista para fazer boas imagens, de uma editora pra gente concordar sobre o caminho do texto, pra fazer um pente fino. Então acho que as pessoas tem que baixar um pouco a bola, não entendo pq tem pessoas que mesmo tendo um cinegrafista resolvem fazer imagem. É pra se mostrar? Pra tirar o emprego do cinegrafista? Pra mostrar que é possível? Tem muita romantização dessa precarização. A gente tem que tomar cuidado porque como tem algumas pessoas que mostram que é possível, os chefes vão querer que você seja igual àquela pessoa, e aí de você não ser igual àquela pessoa, por melhor que você seja.

Às vezes você dá o máximo de você mas nunca está bom. Porque você não faz isso que o outro faz.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Sim. Eu era atriz, e eu decidi seguir o jornalismo porque a carreira de atriz era instável. Num primeiro momento, eu não queria jornalismo. Mas aí eu conheci meu marido jornalista, ele me incentivou, comecei no esporte. Depois de ter filho comecei a questionar. Eu comecei a me perguntar "será que é isso?". Essa questão da rotina, o mercado está muito ruim, cada vez menos pessoas, as redações estão diminuindo. Até 2 anos atrás éramos sete, agora somos 2 repórteres. E vai tudo pro ar do mesmo jeito. Então sobrecarrega para quem está lá, mas para o telespectador, está lá do mesmo jeito. Então eu e meu marido abrimos há 3 anos uma produtora de vídeo, então a gente vem correndo atrás, e a nossa ideia é tentar tocar só a nossa empresa. A gente só não abriu mão completamente porque ter um trabalho de carteira assinada te traz uma estabilidade, principalmente quando você tem filho, que você pondera. País em crise, a gente tinha medo de largar os trabalhos, aí depois veio a pandemia, então estamos esperando pra ver como as coisas vão ficar. A produtora estava parada.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Uma das coisas que eu queria te falar é sim a questão financeira, porque a [empresa atual] é uma das que menos paga hoje, mas também tem outras coisas. Por exemplo, hoje eu moro a uma hora e meia do meu trabalho. Eu queria ir pra um lugar mais próximo, pra poder ter mais qualidade, não só financeira, mas de ter mais tempo com filho, ter mais tempo para fazer as minhas coisas, de ter um crescimento profissional também.

- Como é ser jornalista de hard news e mãe? Como divide o tempo? Como se sente? Como foi lidar com o trabalho e os filhos na pandemia? Como você se sentiu?

A partir do momento em que meu teste deu positivo, a minha vida já mudou. Ali eu já não pensava só por mim, pensava naquele serzinho que nem aparecia. Daquele momento, a minha visão das coisas mudou, a minha preocupação, o que antes de repente eu ficava horas sem comer, horas sem ir ao banheiro, me arriscava muito mais, aquilo já mudou porque eu sabia que tinha alguém que precisava de mim. A minha postura mudou no trabalho e vem mudando cada vez mais. Antes, tinha uma operação, eu dizia "vamos tentar". Agora não vamos tentar de jeito nenhum, não tem colete a prova de balas que me faça ficar em área de risco. Eu não vou. Por exemplo, sábado passado estávamos fazendo Bolsonaro, eles queriam que eu passasse da hora, a babá tinha que ir embora, e eu disse que não podia passar, que eu ia embora, e eu fui embora. Se isso vai me prejudicar, eu não sei, mas hoje o meu filho é prioridade. Há um tempo atrás, o meu trabalho era prioridade. Também mudou a minha visão das coisas. Hoje eu vou num enterro de uma criança (é claro que antes eu ficava sentida), eu sendo mãe, eu fico 10 vezes pior. Hoje eu sendo mãe, não consigo pensar em qq coisa ruim que possa acontecer com o meu filho, então consigo sentir um pouco o que aquela mãe está sentindo, então eu fico mais abalada.

Fico mais cansada. Eu chegava no trabalho descansada depois de uma noite de sono. Hoje eu chego no trabalho cansada depois de uma noite mal dormida. No deslocamento de uma pauta para outra, de um entrevistado pro outro, eu deito no banco de trás do carro e durmo. Qualquer meia hora de sono faz toda diferença. O que mais me pesa é a privação de sono. Eu já pedi férias. Mesmo sem poder viajar, quero ficar em casa. Durante o isolamento, se teve uma coisa que eu não fiz foi ficar em casa. Trabalho de segunda a sexta, e um sábado sim e outro não. Essa Thalita é uma pessoa mais cansada, estressada, mais madura e segura do que quer. eu nunca vou ter a minha vida como ela era antes, porque a nossa cabeça de mãe, de mulher nunca desliga. você não consegue. eu não consigo estar na rua sem pensar "será que está tudo bem com meu filho?", ou "quando eu chegar, tenho que comprar isso e aquilo, isso aqui tá acabando", você não consegue se desligar. Meu marido me perguntou se eu estava infeliz. Eu disse pra ele que não, só estava cansada. Eu não consigo parar pra pensar nas coisas, é muita coisa ao mesmo tempo. E isso é uma coisa das mulheres. A gente precisa se desligar um pouco. A gente precisa delegar e abrir mão.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu acho que o hard news, obviamente ele vai sempre existir, né? Mas eu acho que ele vai estar cada vez... Quando eu digo mais próximo do público, eu quero dizer o seguinte, que hoje com o celular na mão, a gente tem acesso a imagens, às coisas que acontecem, que muitas das vezes a a gente não tinha tempos atrás. Antes você precisava que a equipe estivesse ali naquele local, ou então que você conseguisse um cinegrafista amador que vendesse essa imagem para você... E em dia não. Todo mundo tem um celular na mão, todo mundo fazendo imagem, e essas imagens circulam com grande facilidade e isso obviamente chega até a imprensa, e muitas das vezes essas imagens são utilizadas. Muitas imagens nos noticiários, vamos supor um tiroteio que aconteceu de madrugada, e a gente tem, porque o morador faz ali da janela dele. E é engraçado porque eu não consigo me lembrar como a gente cobria isso sem essas imagens de celular. Isso agora está tão frequente, tão presente na nossa vida, que eu acho isso. E ao mesmo tempo tem que se tomar muito cuidado porque hoje em dia como qualquer pessoa pode fazer uma imagem, essas imagens às vezes circulam como se fossem de um determinado local e não necessariamente é. E a gente precisa de uma apuração muito maior. Acho que as redações vão estar cada vez mais enxutas. Os profissionais vão precisar saber fazer um pouquinho de cada coisa, o repórter vai ter que saber filmar, se posicionar sozinho em frente à câmera. Ele vai ter que saber editar, e de repente chegar na redação, já baixar esse material e já saber editar, e de repente lá na frente você já até edita pelo celular ou num laptop, e acho que as mídias digitais vão ganhar cada vez mais força, e cabe a nós jornalistas se adaptar a esta nova realidade e ao mesmo tempo ter um rigor muito grande na apuração por causa das fake news. Porque hoje em dia todo mundo se acha jornalista, acha que pode sair fazendo qualquer coisa e não é bem assim. Então para você conseguir ter credibilidade, você vai precisar juntar todas essas questões. Você vai ter uma quantidade enorme de notícias, de informações que chegam por todos os lados, e você conseguir apurar e filtrar o que é de fato notícia, o que é verdade. Eu acho que as grandes emissoras, quando eu falo da questão das mídias digitais, elas têm feito isso, de jogar muito seu conteúdo, focar muito para as mídias digitais. A [empresa atual] hoje acho que é a quarta ou quinta do país, mas o canal do youtube das emissoras que têm o maior número de inscritos. A gente vê as rádios, os repórteres de rádio, que a gente só conhecia pela voz, hoje em dia tendo que gravar um videozinho se apresentando como se fosse repórter de televisão para a rede social ou para o site daquela rádio. Então a gente vai ter que se adaptar a todo mundo, não só o pessoal de televisão. Pessoal de rádio está se adaptando, pessoal de internet também se adaptando porque toda hora são ferramentas novas, são novos meios de comunicação dentro da parte digital. Então acho que é um momento de uma transição talvez, mas de uma adaptação desses novos meios que se você não se adaptar você vai ficar ultrapassado.

Só mais uma coisa que eu acho legal falar. Sobre essa mudança, você vê essa mudança dos hard news até mesmo na postura, na maneira de falar dos apresentadores, dos repórteres. Antigamente era uma coisa mais dura, mais séria. Não que a gente não dê a matéria com seriedade, não é isso, mas você tem hoje uma linguagem que aproxima muito mais o jornalista, o apresentador, o repórter do público, e acho que isso vem um pouco da internet, de trazer um pouco mais de leveza, então acho que o hard news mudou também até a maneira de você dar essa notícia, seja numa bancada, numa apresentação, ou até mesmo num link ao vivo.

Entrevista 3:

Entrevista repórter canal de notícias - 33 Anos - 10 anos de Jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Eu sempre vi o jornalismo exatamente com uma missão, de você levar a informação para as pessoas, ajudar as pessoas a entenderem a sua realidade, de alguma forma. Eu vejo como uma missão e até quase como um papel social. E hoje me vejo questionando muito o nosso papel, eu me sinto incomodada com o fato do tipo de notícia que a gente vem selecionando, o tipo de forma que a gente vem noticiando e me perguntando "cara, o que eu estou fazendo aqui?". Porque às vezes eu não me vejo cumprindo esse papel de levar informação relevante para as pessoas. A forma de selecionar as pautas. Por exemplo: sugestão de pauta. Eu tento sempre pegar uma agenda mais positiva, né? Então, olha que legal, durante a pandemia, olha o que o cara está fazendo... mas isso não tem muita prioridade. O que acaba tendo destaque é a coisa negativa, ou é falar do presidente, mas caramba, tem muita coisa legal acontecendo. Será que eu não posso mostrar isso? A gente não tem espaço para isso? Então às vezes eu questiono um pouco essa forma como a gente está levando informação, e de que forma, se a gente poderia estar levando de forma mais palpável para as pessoas, se a gente de fato está chegando para aquele público, eu questiono um pouco isso, fico meio que me questionando sobre o meu papel do jornalismo: "poxa, o que eu poderia fazer para melhorar e de fato poder levar a informação mais relevante para o público. Será que é só número? Será que é só isso?". Às vezes eu acho que as coisas não são muito práticas. Você tem que dar porque você tem que dar. Você acaba não trabalhando nem tendo tempo de esmiuçar aquele assunto de uma forma melhor, mais mastigada para as pessoas, tenho pensado muito dessa forma.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Trabalho de manhã, e é um horário corrido, porque tem jornais importantes na casa acontecendo, e entro não só para a [empresa atual] e também para [outro veículo do grupo]. Fico nessa correria. Geralmente são muitas horas em pé, e acredito que tenha sido isso que acarretou meu problema na coluna. Tenho escoliose, trato com osteopata, sinto dores, Não consigo mais fazer exercício físico, e isso compromete ainda mais a coluna. Já tinha diagnosticado a escoliose antes, mas as dores vieram após o jornalismo. Muitas horas segurando xixi, muitas vezes a gente não tem acesso ao banheiro, isso é bem complicado. Hoje eu tenho até me preocupado mais em tomar água, porque senão nem água eu bebo. Tento controlar a quantidade de água, mas mesmo assim na cara dura eu peço: "moço, tem um vaso sanitário aí? ah, mas está sujo. Tem vaso? Então tá ótimo, pode ser um vaso mesmo", porque a gente segura muito pra ir ao banheiro. E comida também, sempre tento levar algo na mochila, uma banana, um biscoito, pra não ficar muito tempo sem comer, porque a gente não sabe pra onde a gente vai, se vai ter acesso a comida. E geralmente é estressante do vivo em hard news. Na [empresa atual] você tem que entrar ao vivo, ao mesmo tempo em que você tem que produzir um VT porque daqui a pouco você tem outra entrada ao vivo, então você fica o tempo inteiro ali, ligado, pensando. Isso gera um grande período de estresse. Eu chego parece que eu fiz um plantão de 10 /12 horas dependendo do assunto do dia, é muito cansativo. Adrenalina. Eu

chego em casa e acabo não fazendo nada para me distrair. Eu ligo a tv, não vejo jornal, silencio grupos de wpp por 8 horas, deixo a adrenalina baixar, tomo banho, como, para tentar desligar, senão é um estresse muito grande. Recentemente eu tive uma crise de choro porque é mudança de horário o tempo inteiro, um dia de manhã, outra à tarde. Tem ficado frequentes as crises de choro depois que voltei do plantão especial da pandemia. A gente estava revezando 7x7, 10h/dia, depois que essa escala mudou, deve ter um mês, a escala ficou com horários alternados. Isso me incomodou muito, eu gosto de me organizar, de fazer meu espanhol, estudar. Sem horário não dá, não dá pra marcar médico. E sugestão de pauta, que nunca aceitam, aí eu desisti. Se eu sou repórter, vou só ser repórter mesmo, vou passar sugestão de pauta pro colega da produção porque eu não quero estresse.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Durante a pandemia, trabalhamos muito, só que a pressão é muito mais psicológica. Porque eu gosto de conversar com as pessoas, senti muita falta de não poder abraçar as pessoas, não podia conversar com as pessoas (e eu me perguntava como ia contar história sem pessoas). Mas o estresse maior era psicológico porque caramba, onde eu botei a mão, será que lavei a mão, putz, botei a mão no cabelo. Chega em casa e tira a roupa inteira, etc. Então além de estar o tempo inteiro dando informação muito ruim, as pessoas morrendo, sem atendimento no hospital, você tem que cuidar da sua saúde, família vai perguntando tudo, então foi muito cansaço mental. Fiquei 4 meses sem ver os meus pais, período mais longo da vida. Fiquei aflita. Fora que a empresa suspendeu o PGP, colocaram para janeiro...

- *O que é violência no trabalho para você? (aqui imaginei falar não só nos tópicos relacionados à precarização do trabalho, como também violência nas ruas, insegurança para trabalhar, agressões de pessoas comuns, etc)*

Primeiro vem a imagem do meu chefe zoando as pessoas que têm filhos. No carnaval, a gente estava pauta, dois repórteres com as mulheres grávidas, as duas pra mesma semana, e ele mandou suspender as folgas dos outros repórteres porque "ninguém mandou ter filho". A repórter pediu folga e ele: "quem mandou fazer filho, não mandei, quem fez filho foi você". Isso pra mim é violência explícita. Outro tipo de violência é a polarização no brasil. e a gente escutando coisas horrorosas na rua. eu fiquei um mês fazendo vivos e entrevistas só na emissora, a gente não tinha segurança pra fazer ao vivo nem na padaria em frente à emissora. e depois quando eu saí eu fiquei com medo de ir à rua, de falar com as pessoas. Primeiro com medo dessas agressões verbais, com medo de miliciano apontar uma arma para a minha cabeça. Criei essa neurose de sair na rua, fora todo o medo da pessoa tossir em cima de você, espirrar em cima de você. hoje você para pra fazer um vivo e o cara já vai gritando 'fora bolsonaro', ou mito ou globalixo, então isso é uma coisa que me deixa com medo e tensa. A violência da rua aumentou muito. antigamente a imprensa era tratada com respeito. agora isso acabou. tenho medo também de tiroteio, que é algo que eu não me habituo. evito pegar celular na rua, ando sempre atenta, vidros do carro sempre fechados. Na rua me sinto impotente. As pessoas não se tocam da importância do papel da informação de qualidade. As pessoas preferem confiar no zé bunda que tem um blog? Fico triste porque eu

estudei pra isso, pra tentar trazer verdade ou o máximo de informação possível pras pessoas. E dentro da empresa eu acho que mexe mais comigo no sentido de refletir sobre a vida. Eu falei pro meu marido: eu penso cinco vezes antes de ser mãe. Porque você é mãe e seu filho tem uma dor de barriga, foda-se a pauta, vou voltar pra casa. Você fica com medo de perder o emprego. Se você tiver alguma situação mais delicada, não sabemos como a empresa vai reagir. Se eu entregar um atestado, vão pensar que eu to fazendo corpo mole? Você fica com aquela neura de manter o teu sustento. Isso me deixa até mais tensa, de saber como será o amanhã. Me sinto podada, penso cinco vezes antes de falar. Tenho muito tato. Eu sou brincalhona, gosto de falar, mas vejo que aqui é diferente, que eu tenho que tomar muito cuidado porque as pessoas interpretam do jeito que é conveniente. A pandemia deixou todo mundo mais estressado na redação. As relações ficaram muito mais estressantes. Tem pessoas que estão trabalhando todo final de semana, para folgar toda segunda, terça e quarta. Tem 2 apresentadores novos fixos apresentando no fim de semana, Tenho sentido um clima muito pesado na redação, ando desconfiada de tudo. As pessoas estão mais tensas, nervosas, cansadas. Tive a oportunidade de fazer estúdio, que não é um projeto pessoal, mas ampliou o leque das coisas que eu consigo fazer, caso eu vá para outra empresa. Tiveram muitas demissões na tv. Mais na parte técnica. Eu vejo colegas indo ser videorreporter. Lugares onde eu trabalhei, vejo demitindo equipes inteiras para o cara ser vídeo repórter, o cara tem que apurar, editar, você acaba assumindo aquela versão multifacetada que você aprende na faculdade, você tem que ser multimídia.

- *Como é o retorno financeiro? Ele compensa seu esforço?*

O salário não recompensa o esforço, não sobra. Eu não tenho filho e tá dando pra segurar. Imagina quando eu tiver filho.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Eu trago muito problema pra ele, crise de choro, nervoso, fica essa preocupação porque a gente já está nesse plano. Eu quero ser mãe, ele quer ser pai pra ontem, e eu repenso muito essa questão de qualidade de vida. Tenho repensado muito, será que recompensa todo esse estresse, cara? A gente está numa cidade que suga muito a nossa energia, uma cidade energeticamente pesada, um trabalho que é pesado, que você lida com informação triste, e tem essa questão de ser mãe. Caramba, será que eu tenho condições financeiras? Psicológicas? Será que se eu tiver um problema em casa, o trabalho vai entender? Ao mesmo tempo em que não quero adiar isso, adiar meus sonhos pessoais..Eu tenho que perder esse medo. Vejo pessoas solitárias, sem companheiros, sem filhos... eu me sinto mal por estar longe dos meus pais e dos meus sogros, é complicado. A gente tem vida, temos que pensar um pouco nisso. Estou tentando me cuidar para isso.

- *Sente algum destes sintomas?*

Insônia: Apelo para remédio, fiz curso de meditação, mas não adiantou. O plantão de 10 horas mexeu muito comigo, eu chegava muito cansada e não conseguia dormir com muita taquicardia. Aí eu tava tomando remédio. Apelei pra maconha,

uso também. Tomo também os fitoterápicos. Hoje durmo no máximo 6 horas e acordando várias vezes a noite e com dificuldades de voltar a dormir.

dificuldades de concentração

sentimentos de fracasso e insegurança - de vez em quando

negatividade

sentimentos de derrota e desesperança

sentimentos de incompetência

alterações repentinas de humor

sensação de isolamento - às vezes

dores musculares

problemas gastrointestinais - prisão de ventre que não tinha há séculos voltou com força, estômago grita,

alteração de batimentos cardíacos

dores de cabeça - pouco

cansaço físico e mental

Cara, eu vou bater pino, eu vou matar alguém dentro dessa redação. cara, que loucura. Está nível de estresse puro.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Eu não vejo o acúmulo de função uma coisa ruim se você ganhar pra isso. Quando eu me vi lá na afiliada, que eu estava cobrindo o fim de semana do meu colega que ganhava 4 e eu 2, aí me acendeu a luz e eu pensei: eu estou me prostituindo e ainda corre o risco do meu amigo perder o emprego, e eu disse que não ia fazer mais. A precarização vem do acúmulo de função, a própria falta de investimentos das empresas nos equipamentos que você usa, escassez de papel, não tinha gasolina para carro. Aí você sai de uma tv pequena e vai pra uma grande, imagina outra coisa, mas você vê que os problemas são muito parecidos. Editoria “kit light”, só que tem o problema da qualidade. O que acontece é que as redações exigem de uma equipe menor, a qualidade de uma equipe maior. Conversei com uma amiga minha que é gerente de jornalismo e ela disse que é tendência de mercado. Mas e a qualidade? Você leva imagem de celular, o cara sozinho, de uber, por, que isso, cara!

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

A menina era apresentadora, teve um acidente numa estrada e ela queria que a gente gravasse o acidente, mas a estrada estava bloqueada. Ela disse "não quero saber, nós somos Globo". A gente é Globo, mas a gente vai ser multado ,e quem vai pagar é o cinegra. A gente tinha uma certa moral, e isso caiu. Colega meu parou pra fazer imagem, carro da imprensa logotipado, foi parar no blog e levou advertência no trabalho. Vejo muito desse “posso tudo” nos recém formados. Quando me perguntam "como é que é", eu me pergunto como eu explico pra essa pessoa, eu to tão desanimada... eu tenho questionado tanto nosso trabalho como jornalista, que como ;e que vou explicar que não é isso tudo, que tipo, vai devagar, pq rala muito, não é porque você tem camera na mão que você é foda.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Eu vejo que tem o destaque aquele que tem a fonte. Eu brinco que a [empresa atual] é como se fosse um pelotão e eu to lá atrás gritando "peraí, gente!". Porque eu não tenho fonte, e vejo que a galera que tem se destaca. O que mais me incomoda é a competição dentro da própria empresa. Vc tem [outro veículo do grupo] e [empresa atual] . Eu entro ao vivo com link do [outro veículo do grupo], porque [nome de jornalista] já entrou no ar, não dá, gente, é a minha cara que está na reta por causa desse fogo na bunda de dar o furo nela mesma. É o que eu mais vejo, o que mais se comenta é isso, entramos primeiro que a editoria, editoria entrou primeiro, mas pô, ninguém se preocupa com o que a Record deu, com o que a CNN tá dando, tem essa síndrome do vira lata ali. A CNN deu uma sacudida, eles ficam de olho.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Sim, já pensei em retomar os estudos para concurso público, fico pensando se eu conseguiria. Meu marido também é jornalista, então estamos pensando em estudar juntos. Ultimamente pensei em aprender a fazer pão, a abrir uma padaria, pq eu amo mexer com massa, pão é vida. Repórter de vídeo o problema é que daqui a 10 anos uma menina mais nova vai estar me substituindo. Homem com cabelo grisalho, lindo, e mulher depois dos 40 no vídeo? 50 então? Só quem já fez muita história. Penso em trocar de área porque vejo jornalista se aposentando no perrengue depois de trabalhar tanto, emplacar capas de jornal, nacional, curto de grana, problema de saúde, cirrose, eu não quero isso pra mim. Eu fico triste de estar desiludida com a profissão.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Celular, fone, internet.*
- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria? Tenho e pago por ela.*
- *Como você classifica sua qualidade de vida?*

Estou num nível de estresse que não sei se já tive antes, mas é um nível de estresse que eu não estou me reconhecendo, principalmente com essas oscilações de humor. Do nada vem uma raiva, um desespero, do nada estou chorando, porque mexeram no meu horário. Por causa disso já é suficiente pra eu ter uma crise de choro, acho uma falta de respeito, eu tenho uma vida fora disso aqui, porra. É o nível de estresse mais elevado que eu já tive, mas aí me lembro que eu ganhava menos, então penso então em ficar nesse estresse aqui mesmo, e trabalhar isso de uma forma que lá na frente eu possa desfrutar da tranquilidade que a gente quer. Me vejo hoje muito estressada e com uma qualidade de vida que eu sei que pode me levar a ter um problema de saúde e sempre tem uma desculpa pra não começar um exercício físico. Tive que procurar uma osteopata por causa de muitas dores na coluna. Pra andar doía, pra deitar doía, pra sentar doía, até para transar doía. Tanta dor na coluna. Hoje ando com banco dentro do carro. A pessoa tem 33 anos, e onde tem lugar pra sentar eu sento, porque eu não aguento ficar em pé. Fico preocupada. Vários cabelos brancos, a minha pele tem espinha, mas não adianta ir ao médico, que vai passar

ácido pra minha cara e não vou ter dinheiro pra comprar. Minha mãe é terapeuta e eu uso os produtos dela... cabelos brancos, olheiras que eu nunca tive, insônia, espaço grande entre as refeições, então minha qualidade de vida é preocupante demais. Meu marido é o estresse em pessoa. Ele já teve vários caroços pelo corpo, descontou na bebida, já teve pancreatite e ficou internado. Eu tenho comprado bebida pra mim, agora entendo porque meu marido bebe e fuma. É uma libertação. Bebi e fiquei bem. Eu pedi pra ele fazer uma caipirinha pra mim porque eu precisava beber, apagar a tarde toda. Minha mãe me alertou que isso é um passo pro alcoolismo. Me dá vontade de beber, eu penso "preciso beber".

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Hoje eu estava até lendo um material sobre isso, o hard news e o slow news. Porque na verdade você dá o assunto de forma superficial às vezes, não no sentido de dar o release, mas você diz o que aconteceu no momento, e depois disso? A gente não acompanha, e isso é uma coisa que eu me questiono muito. É foda, a gente tem essa mania. A gente vai ao assunto e esquece. É tão aquela tara de “o que é hoje o assunto?”, que você não pode tirar uma equipe: Nara, vamos voltar naquele assunto que você fez? Não tem quem pense isso. E se você propõe: “ah tá, valeu, obrigada”. [...]

- *Como é seu relacionamento com seus gestores? Vou levando na maciota...*

Entrevista 4:

Entrevista repórter de rádio e TV - 27 anos - 4 anos de jornalismo (Ele diz antes de começar: “Trabalho para ca**, você vai ouvir aqui as delongas”)

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Acho que para esta pergunta tem toda uma resposta bonita, filosófica, a gente fala de academia, a gente fala de tudo, mas a minha missão é "por que as pessoas não estão consumindo informação, porque as pessoas não se interessam por notícia?" A minha geração vem disso. Claro, tem a parte de informar, a parte profissional que é importantíssima, que é considerada até um quarto poder por isso, imprensa livre e democracia, tudo isso estaria na minha resposta, mas você já deve ter escutado muito isso. Então eu penso, o que minha família, o que meus amigos de 27 anos querem ouvir, ver e por que eles vão se interessar por esta notícia, eu acho fundamental. E aí a nossa missão. As pessoas tem que saber sobre as eleições, sobre o escândalo do Bolsonaro, então como as pessoas se desinteressaram por acompanhar as notícias, eu vejo isso como minha missão. E tentar ser simples. Falar com as pessoas como elas gostariam de ouvir. Me satisfaz muito. Eu tenho essa liberdade nas pautas. Claro que nas pautas existe um limite profissional ali. Claro que a gente não vai emitir opinião num vt, numa reportagem, mas quando a gente é âncora e pode dar direcionamento numa pauta, eu me sinto livre nisso.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Agora vai começar a parte terapia, porque a gente entra num universo extremamente louco. Eu não sei seu marido, mas os maridos das esposas de outra área, já é uma coisa tão próxima que eles veem tudo que a gente sente, mas não conseguem entender. Meu marido é astrólogo, professor de ioga. Ele não entende nada. Da gente ficar chegar no dia e você tem 8 horas contratuais, mas simplesmente você pode ir para São Gonçalo fazer uma operação gigantesca, pode prender um governador, ficar 12 horas trabalhando e ficar destruído, dormir, tchau, porque amanhã eu tenho trabalho para fazer 6h da manhã. Só que isso é todo dia, e a gente fica normatizando isso. No meu caso é mais complicado porque é o primeiro horário, 6h da manhã, a qualidade de vida de mudar tudo para a tarde. Então todo dia eu acordo às cinco para as cinco da manhã. Tem operação eu acordo às 3h da manhã. Nesse sentido, eu não tenho sono suficiente, e isso é estressante. A gente tem uma carga gigantesca, falamos para uma TV muito grande, a gente bota a cara, isso afeta a gente, e quando a gente chega cedo, a gente não senta, respira, toma um café, a gente chega "vambora, está tendo tiroteio", aí em meia hora você está ao vivo com o governador preso, e você fica sete horas ao vivo. Eu fico de 6h às 15h, não almoço nunca, uma hora de almoço é um sonho. Ainda me dá prazer. Nessa idade ainda estou com tesão, é o que eu tento explicar para meu marido e minha família. Eles entendem que é uma coisa que eu sempre quis muito, que é meu dom, e tento não normatizar (sic) 100% senão a gente fica maluco. Eu conto com a ajuda do meu marido para impor os limites. Por exemplo, eu não reparei que estava dormindo à meia-noite, sendo que eu acordo às 5h da manhã.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Eu não peguei trabalhando todos os dias sem parar, somando 5 meses sem folga. Começamos a entrar em escala de folha há pouco tempo. Então eu era essa pessoa, no começo a gente não saía nem do carro. No começo ficou mais estressante, mais difícil, mudaram as relações, a redação ficou mais 80% em casa, coisa que ninguém nunca viu, viu que é possível fazer de casa... a parte geral da nossa profissão mudou muito. A parte geral da nossa profissão mudou muito. Fizemos home office, ia para a rua e voltava para casa. Eu estou morando na casa do meu marido há 8 meses, ele tem mãe, irmão, todos confinados e eu era o único que saía, então isso desde o começo era motivo de extremo estresse para mim, porque eu a todo momento tinha medo de contaminar as pessoas na minha casa mas ao mesmo tempo estava num trabalho extremamente importante porque ninguém sabia nada, nem a gente sabia o que a gente ia falar.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Violência na rua. De ser xingado na [empresa atual] não muito. Existe o movimento geral imprensa, e eu me encontro nele. Mas me incomoda, me absorve o episódio Globo porque se eu estou numa pauta, sempre tem um repórter da Globo, e isso me estressa muito porque a Globo é muito achacrada. Isso atrapalha a gente, gritam o tempo todo. E é sempre o mesmo perfil, meu Deus: homens mais velhos, você nunca vê uma mulher gritando. Se você me falar de violência, eu penso nesse tipo. A [empresa atual] tem uma parceria com uma empresa chinesa, então é [empresa

atual] China, [empresa atual] comunista, e violência da rua mesmo, se a gente vai fazer uma denúncia, se a gente vai numa área de milícia, as operações são muito tensas, vimos muitas situações muito cruéis.

- *Já sofreu assédio moral?*

Assédio moral, acho sim. Foi só uma brincadeira de um repórter de São Paulo só que eu peguei para Cristo e fui com tudo, e estava só há seis meses na empresa. Falei que não tinha entendido, gostado, foi tom. Mas não gostei, não aceitei, e fui abraçado por toda a chafia tanto do Rio quanto de São Paulo. Então acho que seria um assédio mas o único também, de resto eu sempre tento conquistar meu espaço, não só como um Jornalista mas nesse lugar de homossexual. A gente tem que ter no ar um padrão mínimo para tudo, seja homem, mulher, gay, qualquer coisa...

- *E ameaças veladas?*

Eu diria que nem é tão velado né? É escrachado. Mas sobre a questão de “amanhã você pode fazer isso, pode fazer aquilo, senão está em barca”, eu acho que todo mundo sofre. E eu encaro da maneira que, cara, eu sou meio hardcore, por isso eu acho que eu gosto do trabalho, eu gosto de trabalhar muito, gosto daquela missão porque sou uma pessoa ligada no 220, até meio sem limite. A gente até brinca com escravidão, mas eu não me sinto usurpado por isso, mas existe (ameaça velada). Tem gente que se incomoda muito e eu acho genuíno. Sobre barca, não posso te dizer que tenho muito medo porque tenho muito pouco tempo de carreira, tenho só 4 anos ali, até agora tive num um crescimento, eu entrei estagiário, e fui galgando e assim espero continuar. A gente teve uma barca agora, vai ter outra, Qualquer pessoa que tá cadastrada na empresa tem risco. Mas eu não estou vendo assim, meu Deus meu Deus, até porque tem uns três meses que eu fui chamada para emissora e ele me cobriram. Então também tem esse particular meu, mas se você perguntar para qualquer pessoa, todo mundo na nossa carreira tá com esse medo bizarro. Eu tenho também.

- *Como é seu relacionamento com seus gestores?*

Os gestores são jornalistas e me dou bem com quase todos eles. A Band tem muito cacique para pouco índio. Meu contrato se tornou híbrido, eu sou "grupo", então eu respondo a todos, rádio manda na rádio, tv manda na tv, mas todo mundo, Rio e São Paulo pode mandar em mim.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

Gosto de usar o meu celular porque no vídeo frontal eu prefiro usar a minha câmera. Mas não é obrigado, tem equipamento lá. Uso meu whatsapp, internet compartilho a do celular da empresa. Mas eu uso a minha quando dá problema na deles, aconteceu recentemente e eu fiquei muito puto.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Total. Familiar não entra na minha na minha realidade porque a minha mãe mora em Brasília já há 3 anos então eu já não estava morando com ela desde que eu fui

crescendo no Jornalismo e com a minha irmã porque ela foi morar em outro apartamento, e eu vim morar com meu namorado, mas ela entra totalmente (a profissão na vida pessoal). Todo mundo tem que entender que eu não vou estar nos aniversários todos os sábados e domingos, porque a gente tem plantão, a gente trabalha que nem lojista, qualquer coisa que aconteça na cidade, a gente vai ficar horas e horas, só você vai entender porque você está ficando, fora as pessoas do seu trabalho. Família e amigos tem isso: ah, o Marcus trabalha demais, ele só trabalha, ele vive para o trabalho. Ele não vai, está trabalhando. No meu primeiro ano, eu estava solteiro e trabalhava até meia-noite, e eu saía depois disso, e meus amigos diziam isso: vamos esperar o Marcus porque ele só pode depois da meia-noite. E relacionamento, puta que pariu, a pessoa que convive com você 100% ela vê quando você está muito estressada, quando você chega pilhado do trabalho, quando você absorve tudo aquilo... eu tento separar mas tem muita coisa que não dá para separar porque é meu jeito de ser, eu sinto algumas coisas que eu ainda não consegui ser frio para separar do que a gente vê no dia a dia. Só de sair na rua a gente já morre de medo, imagina trabalhar desse jeito, então isso afeta muito o relacionamento, então se a pessoa não for iluminada, astróloga, professora de ioga e psicóloga, eu já estaria solteiro, com certeza. Tento não remoer as histórias, porque aprendi com meus colegas de trabalho que se eu levar as histórias para casa, em dez anos de profissão estarei tomando rivotril para trabalhar. Mas as vezes eu trago algumas coisas.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental

insônia / distúrbios do sono - quando está muito ansioso

negatividade

sentimentos de derrota não, mas desesperança sim

sentimentos de incompetência - sinto todo dia, falo 10 vezes ao dia que não vou dar conta, mas eu entrego

alterações repentinas de humor - muito

dores musculares - muita

alterações de batimentos cardíacos

dores de cabeça - todo dia

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Faço terapia, senão já estaria na tarja preta. A terapia me mantém na sanidade mental, apesar de achar que eu saio demais da minha sanidade. O Sadok vai brigar, vai lutar, tem todo um teatro profissional que a gente não faz na nossa vida.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Total precarização. Há uma crise. Se tem uma pessoa que faz rádio, e a outra faz TV, e outra que faz os dois, então vamos com o Sadok. Se tem um cinegrafista, e um vídeo repórter, que filma, entra ao vivo, faz tudo, faz vt, rádio, imagem, eu não vou ter um auxiliar e um câmera, eu vou ter um vídeo repórter. Então essa precarização, que vem junto com a tecnologia, é bacana, você pode aumentar a sua equipe, economizando. A visão capitalista do nosso trabalho vai sempre para a

economia da empresa. Sim, teve que cortar, teve queda de receita, queda de arrecadação da publicidade, mas é sempre uma desculpa para cortar. Então há uma precarização da manutenção física, dos equipamentos. A CNN chegou e é normal ver o repórter com pau de selfie fazendo tudo, não vejo equipe quase nunca. CNN é a pior porque não tem nem carro, eles vão de uber, ficam largados, dá 8h de trabalho e eles voltam para casa.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Agora começou a compensar depois dessa mudança. Tive alguns aumentos bem graduais, de mudanças de cargos, aí depois que eu recebi uma proposta de fora, que era maior do que eu ganhava aqui, aí a esticada foi maior. Mas já estou preparado para a próxima, não bota aí que eu tô satisfeito não, a gente trabalha pra ganhar duas vezes mais.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu sou esse repórter, sou o exemplo disso. Fui o primeiro repórter do Rio a ser o repórter do "grupo". Por isso que te digo que já estou preparado para a próxima porque acho que o que acontece com a gente é uma reparação, eu já estava trabalhando demais ganhando muito aquém, então eu agora estou ganhando o justo. Mas a gente começa a olhar para o lado e pensar: por que essa pessoa ganha 3 vezes mais que eu e não faz isso? Então acho que precisa equilibrar. Os repórteres da TV entram e não ganham para isso, eu fiz isso durante três anos, e te prometem "você vai para a tv", e usam isso para ser uma escada, mas poucas pessoas vão. Não é tão simples assim.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Sim, eu penso que se for demitido, ou pirar, tenho vontade de fazer mestrado em comunicação e dar aula, por exemplo.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Sinto pressionado por isso, mas mais ou menos porque eu não sou do grupo Globo. Minha geração e geração lava jato e milícia. Então eu cobri a prisão dos últimos 5 governadores presos, o dia inteiro, então você dizer que está satisfeito ali cobrindo essas coisas acaba condizendo com tudo que a gente enfrenta. Essas coisas entram na satisfação. A gente tem a corrida por confirmar, não para o furo. A gente busca as nossas próprias pautas, mas grupo Globo é grupo Globo, e acho que as outras também já entenderam isso.

- *Como você classifica sua qualidade de vida?*

Não é boa, nem um pouco. Eu precisava menos. De ser menos cobrado, de ter horário mais bancário, conseguir desconectar, mas a gente não consegue. É normal no nosso trabalho e a gente nem percebe o quanto isso faz mal pra gente. Às vezes eu queria tomar uma cerveja, me dedicar a um momento íntimo, mas alguém me diz que dali a cinco hora vamos prender um chefe de milícia, um governador, não

dá, aquilo corta a sua vida, corta esses momentos, só que é toda hora, já são dois anos entrando 6h da manhã, 2 anos dizendo “desculpa, eu preciso dormir, desculpa, estou cansado”. É um cansaço indescritível. Meu marido é compreensivo, mas a conta chega, e às vezes ela não quer parcelar. Vem a cobrança toda. Ele me fala algumas coisas, e tento considerar. Mudo meu horário de sono, me esforço para fazer coisas com ele, me forço a ter a vida que tinha normalmente, porque eu sou essa pessoa, não precisaria ter este esforço, mas o trabalho faz isso com a gente. Daí não ter qualidade de vida. Eu não sei como vocês conseguem ser mães e jornalistas. Minha irmã teve filho, e eu admiro mais vocês ainda por isso.

- *Você se sente descartável?*

Diante da minha produção, sou o profissional que gosta de trabalhar, então tenho certeza de que eles me percebem como uma peça importante. Meu marido, minhas amigas falam: "caralho, olha o que você é com 3 anos e meio", e isso eu não entendo muito ainda. E é como eu falo para você, vou lá, abro o microfone, fala para minha família, meus amigos, para eles entenderem, tenho facilidade de falar disso, política, tiroteio, vai, vai, vai, amo o que eu faço e volto. Então não fico pensando nesse glamour, em quando vou chegar no estúdio, não to pensando nisso ainda não, estou ali fazendo o pesado, Fico de 7h às 19h? Fico. Não sei se será para sempre, nunca é para sempre.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Acho que a gente podia ter uma discussão acadêmica e de categoria para entender que a gente pauta agenda demais. A gente é massacrante demais, e é muito cansativo e eu vejo pelas pessoas ao meu lado. Estou há 4 dias vendo e vejo feliz, mas quem tá do meu lado não suporta mais ouvir falar naquilo. Ninguém aguenta ficar vendo a programação da GloboNews. A gente faz uma agenda muito massante. Hard News tem essa função de diferenciar o jornalismo do conteúdo de vídeo qualquer, é bacana, cada um fala o que quer, mas tem que ter o canal oficial, e isso tem que estar ali separado. A gente vai estar aqui sempre, esse é o nosso papel de ser este quarto poder, estar fiscalizando, ser um pilar democrático, em todas as democracias deu certo. Agora falando de saúde mental, acho que a gente poderia entender e democratizar mais essa agenda. Às vezes a gente fala demais de coisas que não são tão importantes assim para uma população pobre, que não tem dinheiro nem para comer e está vivendo do auxílio emergencial e não tem o que comer dentro de casa.

Entrevista 5:

Repórter de portal da internet - 32 anos, 13 de jornalismo

Eu já tive que ir para a rua. Eu sou a pessoa menos corporativista do mundo, acho que o patrão tem sempre culpa, mas nesse caso eu acho que eles foram bem honestos nisso. O dia que o Witzel foi afastado, me perguntaram se eu me sentia à vontade para ir para a coletiva. E assim, eu tenho uma questão que é que eu tenho o contato indireto com a minha avó de 95 anos. Tenho contato direto com a minha mãe que cuida da minha avó. Então eles me deixaram à vontade. Então fiz home office, só saindo para pautas específicas.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O papel do jornalista hoje é o de contar histórias. O storytelling é o papel fundamental. Seguimos contando histórias, desmentindo boatos, mas hoje em dia seguimos também tendo que nos desdobrar em outras funções. Hoje eu exerço uma função na qual eu faço

Muito pouco desse ofício de contar história que é a coisa que todo mundo mais gosta no jornalismo. Hoje eu trabalho na editoria de “segundo passo”, a editoria dos desdobramentos dos assuntos. Então se o governador foi afastado, o meu papel é conseguir alguma coisa da denúncia, alguma exclusividade da denúncia, então depoimentos, exclusivas, documentos... mas contar histórias, estar junto do povo, fica muito difícil. E também não fico nas pautas do dia a dia, mas não é sempre. Exemplo: hospital de bonussucesso estava em chamas, a equipe do hard news estava desfalcada e me pediram para ir para lá, aí me ligam e me pedem para confirmar se a loteação (sic) de carros foi feita pelo Flávio Bolsonaro, e eu disse, mas o hospital está em chamas, temos que ouvir aqui essas pessoas! Eu acho que o principal ofício do jornalista segue sendo contar histórias, mas eu me vejo hoje numa função que escapa disso.

Acho que nós poderíamos fazer coisas mais saborosas para o público, e essa é uma crítica que eu faço mesmo ao jornalismo, às vezes a gente dá pouco valor no jornalismo, e isso vem a reboque de um inchaço na imprensa brasileira de comentaristas comentando tudo, do uso de siglas como CCJ, STJ, CGR, que alienam a população brasileira da discussão de política. Nós nos doamos pouco ao que pode ser interessante ao ouvinte, ao leitor. Ficamos amarrados ao interesse do veículo do que ao interesse do consumidor final.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Eu tenho muito medo de glamourizar o precário. Minha rotina já foi muito pior. Mas está longe de ser maravilhoso, mas eu já tive uma rotina de vida muito pior. Eu comecei a minha carreira cobrindo polícia no dia e no meia hora. Trabalhava tipo 12 horas por dia, tendo que mostrar trabalho para ser alguém naquela estrutura, tentando ser efetivado, no meio de tiroteios, em pautas escabrosas, contando histórias que me faziam mal. Eu hoje não vivo essa rotina, mas está longe de ser o ideal. O home office por um lado é muito bom, é um negócio as minhas limitações do dia a dia, de circulação e tal, para proteger a minha família, mas por outro lado, parte do princípio de que eu estou sempre à disposição. Não foram poucos dias nesse período que eu trabalhei 12, 13 horas. Teve dias que eu me peguei falando com a Paula (mulher, jornalista): "hoje foi tranquilo, foram só 2 horas extras". Se você pensar, 10 horas de trabalho por dia é coisa para cacete. Tem dias que eu estou no home office nesta mesa, estou almoçando, celular vibra uma, duas, três vezes, quando eu vejo estou enviando um documento, estou respondendo a uma pergunta, dando uma garfada ao mesmo tempo... existe um nível de cobrança alto, mas minha vida já foi pior. Aumentou a demanda no home office, na intensidade do trabalho... eu oficialmente de um mês para cá parei de cobrir covid e estou só com eleição, eu basicamente me pauto, de certa forma eu "faço o que eu quero", mas aqueles momentos de governador afastado, pandemia, ministro da saúde trocando toda hora, aquilo foi um inferno na minha vida. Eu me sinto bastante cobrado... mas já

foi pior em segurança física, na minha cobrança pessoal, já foi pior no salário, na escala de plantão, etc...

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Eu cobri a pandemia mais na esfera administrativa, fazendo política, verificando políticas de enfrentamento... e acho que a pandemia afetou muito as dinâmicas da redação principalmente no que diz respeito à pandemia. Por um lado, a cobrança e a correria foi muito grande. Por outro, trouxe uma coisa que eu espero que seja levado para o lado positivo do jornalismo, que é um deslocamento desnecessário em certas pautas. Já perdemos horas do nosso dia de trabalho nos deslocando para fazer coisas que poderiam ser feitas da redação, eu me perguntava "o que estou fazendo nesse lugar?". Então espero que as redações confiem mais que o repórter vai conseguir as coisas da redação, mas sim, o volume de trabalho aumentou muito, mas poupou tempo em coisas desnecessárias.

- *O que é violência no trabalho para você?*

A gente vai ficando mais cascudo, tendo mais voz e aprendendo a se impor, mas já fiz matérias forçado. Já trabalhei num jornal bancado pelo governo do Estado, e já me pediram recos absurdas que eu fiz. Fui obrigado a fazer matéria, enquanto era estagiário, da inauguração de uma UPA que nunca inaugurou. Isso é uma agressão para um jornalista. Tive um furo de reportagem, na semana do segundo turno do Luiz Fernando Pezão em 2014, e eu tive que ouvir de um chefe de reportagem: "na semana da eleição tu quer fuder com a minha vida". Isso era uma apuração minha de um mês e meio, e o cara me respondeu assim, de maneira muito aberta.

- *Já sofreu assédio moral? (ele responde ainda impactado com o assédio que sofreu)*

Já sofri assédio moral numa rádio que trabalhei aqui no Rio, e sofri um assédio, isso eu tinha um mês de jornalismo... sofri logo no início da minha carreira um assédio sexual de um editor do jornal que eu trabalhava. O cara passava o dia me cantando e me deixando numa posição encurralado, e eu dizendo que não era a minha, e que eu era ali novo, e assim, você novo no lugar, não sabe se pode botar a boca no mundo, depois com o tempo eu descobri que todos os rapazes com aquele perfil, que chegavam novos no jornal, eram assediados por essa pessoa. Mas eu me lembro de ir para o trabalho pensando que ia ser naquele dia que eu ia sair na porrada com o maluco, uma coisa bem pesada, até a pessoa resistir. Hoje eu saberia a quem recorrer, tenho mais maturidade, mas você com 19 anos você se pergunta: "a quem eu recorro?". E vou te falar uma coisa que vai até te surpreender, mas quando ouço mulheres falando de assédio na redação, eu vejo muito essa situação que eu passei, e imagino que com vocês seja ainda pior. Então sofri isso no jornal, sofri também assédio moral na rádio, mas foi na esfera de um ambiente bem ruim, de assédio moral, cheguei a ouvir que eu não tinha perfil para cobrir política, e isso foi uma coisa que me deixou muito mal, já não era novato, e ouvi isso de uma pessoa que nunca cobriu política. A pessoa me falou isso e eu cubro política há 8 anos, só que

é muito duro ouvir isso de alguém. Ainda bem que não introjetei isso, consegui levar para frente, mas são assédios, maneiras grosseiras de se falar, ameaças veladas, coisas subjetivas que são tipo: "você pode fazer o plantão amanhã?" E como você diz que não pode? Todo mundo já viveu isso, mas são coisas que a gente vai lidando.

- *Como lida com a violência?*

Eu não sou a pessoa mais passiva do mundo. Quando eu ouvi que não tinha perfil para política, eu fiquei bem mal, mas depois de um tempo eu consegui vencer aquilo sugerindo pautas, conseguindo furos, falando com pessoas... e também fiquei com desdém com aquela pessoa, num recado claro do que o que a pessoa falava não era para ser levado a sério.

No caso do assédio sexual, eu não soube lidar, e teve uma hora que a pessoa parou porque eu retribuí de maneira agressiva, "que porra é essa?", mas você chega numa redação, você não sabe onde está pisando, quando você é novo num lugar, as pessoas se aproveitam para ser grosseiras com você. Muitas vezes, numa redação, o assédio moral quase sempre vem do chefe, mas eu já me vi chegando num lugar com status um pouquinho melhor que outros repórteres que já estavam na casa, e já reparei pessoas que hoje são minhas amigas torcendo o nariz, "ah, esse é indicado do fulano", e muitas vezes essa hostilidade surgia entre os repórteres. Essa muita competitividade, existem repórteres amigos de chefe, essa "A fazenda" que é o jornalismo é um problema.

- *Tem bom relacionamento com seus gestores?*

Eu tenho bom relacionamento com meus gestores, mas não sou amigo pessoal de nenhum chefe. Eu não tive problemas com pessoas que mandavam. Mas eventualmente tem uma treta aqui, outra ali.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Impacta muito diretamente, em várias frentes. Quando eu era repórter de polícia, no O Dia, eu me lembro que era uma loucura, eu sempre conto uma história que é a que eu fui para a Rocinha cobrir um estupro de uma menina de 9 anos, e era o dia do aniversário de 9 anos da minha irmã. Então é difícil você não levar para casa, não se ver ali na situação. Por isso que eu quis sair dessa área, mas é pesado, horrível, impacta demais. Em política, desde 2018 eu evito ir a eventos familiares porque há ali ataques à mídia e à imprensa que são falas para mim, direcionadas a mim. E além de tudo eu me relaciono com uma jornalista, e a gente se policia para não estar o tempo todo falando da profissão. Seria muito tóxico para o relacionamento. A gente se fala sobre as pautas e os problemas de pautas, mas tem dia que um está falando demais e o outro fala "chega", e dá certo.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Já foi muito pior. Queria ganhar 3 vezes mais, mas no universo do jornalismo eu não ganho exatamente mal quando vejo os colegas, eu não tenho carga horária tão ruim, meu esquema de plantão é razoável, e a conta que eu faço hoje é o quanto eu ganho e o quanto eu não trabalho, quantos fins de semana eu tenho em casa

(trabalha 1 para 5). Tive um convite do Globo em abril, seria interessante, não seria uma sucursal, o salário exatamente o mesmo, eu queria ir para o globo, mas lá o plantão é 1 para 1, e não tenho a menor vergonha de dizer que não fui por causa dos plantões mesmo porque a minha saúde mental vale mais. Saúde mental é boa, já foi pior, quando eu levava mais para a vida pessoal, mas eu me dou limites, No dia em que o governador foi afastado, eu estava trabalhando há 14 horas e eu me disse "chega", minha saúde mental primeiro, e pensei que ia dizer que estava sem internet. Mas não é todo dia.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental
 insônia
 dificuldades de concentração
 sentimentos de fracasso e insegurança
 sentimentos de derrota e desesperança
 sentimentos de incompetência
 alterações repentinas de humor
 sensação de isolamento
 alterações de batimentos cardíacos

Eu acho que todos os meus sintomas são mais imediatos quando estou ali puto com aquela matéria, não são crônicas. Tive pela primeira vez ansiedade na pandemia, acho que não foi só o jornalismo, mas foi uma coisa do pacote. Acho minha qualidade de vida boa para o que o mercado oferece hoje. Nível do mercado é muito baixo. No geral, a qualidade de vida do jornalismo é muito muito ruim. E além disso, acho que tem jornalistas que se permitem viver o jornalismo o tempo todo, e acho que isso é a pior coisa. A coisa do personagem, o cara que para para apurar no fim de semana, o cara que no fim de semana está comentando notícia no twitter. Acho que tem jornalista que tem relação doentia com redes sociais, mas muito doentias mesmo, jornalistas que durante todo o tempo tem aquela coisa do "missão jornalismo", eu não visto essa capa. Existem slogans das empresas que as pessoas compram de maneira doentia, então é "você lê primeiro aqui", "Nunca desliga". Jornalista que bota essa hashtag merece surra. Desligo sim, po**. É muito bizarro, as pessoas entram nesse discurso de um jeito.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Houve precarização de vagas. Quando comecei no jornalismo em 2008, o jornal O Dia era um grande jornal, com 20 repórteres na editoria Rio. Hoje tem 5. Eu me lembro que nosso plano de saúde era top do Bradesco, hoje nem sei se eles tem plano. Então tem menos vagas, não são tão boas, as boas vagas são muito escassas nesse mercado. Tem precarização nas condições de trabalho e os chefes jogam isso embaixo do braço: "está reclamando? Vê se você vai arrumar isso fora? Tem uma fila para esse lugar". Muitas vezes a gente escuta isso nas redações: "mas você está com salário em dia, né? Faz isso?". É muito brabo.

- *Se sente pressionado pela cultura do furo?*

Tenho essa cobrança (do furo) e verdade seja dita, é uma cobrança que eu me coloco muito e que quero me colocar cada vez menos. Mas é que eu fui chamado com essa proposta, então fica difícil me desvencilhar. Eu me pego falando: "já tem uma semana do último". Me sinto totalmente descartável. eu e todos os outros jornalistas

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho isso a pior coisa do mundo, e a gente já se afastou de pessoas por causa disso. Pessoas que só conseguem falar de jornalismo, simplesmente porque não tem uma vida fora. E a gente cresce no jornalismo com isso, agora você aguenta, só que a gente não tem que aguentar, não temos que achar que somos o quarto poder, não temos que achar o jornalismo como uma missão messiânica da vida, cara, eu não, eu desligo, eu tenho minha namorada, gosto da minha cerveja, ouço meu pagode, me doo na hora do meu trabalho, mas tenho profunda antipatia sobre quem fala que jornalismo é uma cachaça, que que eu posso fazer se só sei fazer isso da minha vida?, ah, pelo amor de deus, eu não, Eu gosto do que faço, mas assim, saberia fazer outras coisas na minha vida sim, desculpa. Até porque já vi tanta gente com prêmio Esso desempregado, que eu não vou comprar isso para a minha vida. Vi pessoas que não se casaram, vi pessoas com câncer de pulmão, que infartaram na redação. Todo mundo conhece um jornalista que morreu com 60 anos e aparentava ter 80, velho, dentes amarelos, não quero. Eu falo para a minha chefe: "fechou por hoje? eu vou dar minha corrida". Atrapalha o nosso trabalho, porque se você não faz esse discurso de messiânico, você pode ser visto com descompromissado, omissos, pouco interessado, porque é aniversário da mãe do fulano mas ele tá aqui para fazer o plantão.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Não pensei em mudar de carreira, mas penso em fazer outras coisas, como fazer mestrado e dar aula, produzir documentários, tenho projeto pessoal de fazer podcast. Essa coisa de viver atrás de furo não é para o resto da vida. A gente precisa ter vários braços, ter planos B, C,... não trocar de carreira, mas hoje eu estudo investimentos, estudo para investir, não quero que a minha carreira seja só o jornalismo. Não sei até quando estou numa redação, até quando todos nós estaremos em uma redação.

Em dezembro do ano passado, fiz duas matérias sobre o Carlos Bolsonaro, e sofri o que o Sérgio Moro sofreu. Recebi um telefonema do meu número para o meu número mesmo, no automático eu atendi, e fui hackeado ali. Todas as minhas contas foram invadidas, gmail. eu e o [colega de trabalho]. A chefia foi notificada disso, mas eu não recebi telefonema de ninguém da empresa para falar sobre isso. Fui a delegacia, a empresa só colocou o jurídico a disposição caso a gente precisasse de alguma coisa 10 dias depois quando o [colega de trabalho] conseguiu contato com o pessoal das fake news que mencionou o nosso nome no congresso. Aí a gente mandou para a chefia, que disse "isso pode crescer, melhor a gente..." aí a chefia botou a nossa disposição duas semanas depois um auxílio jurídico. mas falta nas empresas um protocolo de atendimento ao repórter, ninguém perguntou como eu

estava, cara, eu tive tudo meu invadido, ninguém perguntou se eu estava me sentindo ameaçado, invadiram minhas contas pessoais então sabem onde eu moro, pela geolocalização, se eu estava me sinto seguro, se precisava de ajuda psicológica, não houve nada.

Tem um secretário que entrou com um processo contra a gente, todo dia ele falava mal da gente na rede social, e o jurídico um ano depois entrou em contato pra dizer que ele tinha ingressado com a ação, e não pra perguntar como a gente estava, etc.

Faltam nas redações atendimento psicológico, psiquiátrico, falta atendimento jurídico... Cobram da gente furo, porrada e manchete, mas quando a gente dá e dá merda, a gente está na chuva. Não vejo empresa comprando o meu barulho.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?* - Internet de casa no home office - fora isso tudo da empresa.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Fica claro para mim que jornalismo é profissão para gente nova, e fica claro que ainda somos pessoas novas, até uns 40 anos, 45. É muito brabo porque existe uma limitação financeira, uma limitação de carreira e uma limitação física para você seguir nessa profissão de repórter. Depois disso, você é obrigado a virar editor ou chefe de reportagem, ou um repórter que faz matéria de dentro do escritório. Eu já me encontro neste momento de gostar do que faço, de precisar de mais coisa, mas é um momento em que me vejo já pensando muito no amanhã. Eu e Paula somos jornalistas, e assim, até semana passada, fim de outubro, ela ainda não sabia se ia trabalhar Natal ou Ano Novo. Com filho não quero ter esse tipo de preocupação. Quando penso no amanhã, me vejo ou em outra posição, ou fazendo outra coisa da minha vida. Essa dedicação que tenho hoje, esse cansaço, não pode ser pra sempre. Não é crime querer minha folga e meu feriado. Eu me vejo num momento de repensar. De me ver ainda mais 10 anos nisso, mas não viver isso pra sempre. Acho que tem duas categorias de jornalistas da nossa idade: ou as pessoas já caíram na real, ou ainda estão naquela coisa messiânica que dificilmente sai, e lá na frente vão pagar o preço do burnout, do pouco investimento pessoal, do retorno financeiro. Tem gente morando com os pais aos 30 anos dizendo que ama o jornalismo. Queria me desprender mais, mas até que consigo sim.

Entrevista 6:

Repórter de canal de notícias - 30 anos - 7 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Eu acho que é transmitir informação, desde de as que parecem mais básicas mas que não são, transmitir isso de uma forma acessível para todo mundo, e cobrar também respostas, posições, esclarecimentos e procurar também, não só respostas, mas também perguntas, e tentar ajudar a transformar a vida em sociedade um pouco melhor. Para a gente, que trabalha com isso, está muito perto de instituições, parece uma coisa banal, o que a gente faz, mas não é, e eu acho importante a gente estar

ali perto das pessoas, das instituições, às vezes conseguir ser uma ponte entre problemas das pessoas no dia a dia, na rua, e a gente fazer esse meio de campo, cobrar das pessoas, procurar as autoridades, as instituições e resolver essas questões cotidianas. Eu tenho uma sensação todo dia de inquietude, de você terminar o seu trabalho e você ir para casa pensando se você fez da melhor forma, se você não podia ter feito de um jeito melhor, uma pergunta melhor, um ao vivo melhor, mais legal, mais elaborado, ou mais explicativo. Eu não acho que eu cumpro o papel perfeitamente, eu não sei se alguém sente isso. Acho que são poucos os dias em que a gente tipo volta pra casa e diz "foi ótimo". Para mim sempre falta alguma coisa. eu não sei se algum dia vai deixar de faltar. Para mim, sempre falta. Sempre poderia ter sido melhor, acho que faltou tal coisa, e vou usar da próxima vez. Me vejo aprendendo todo dia mesmo.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

A minha rotina varia muito. Tem dias que são bem tranquilos, quando não tem nenhum factural que estoura, é tranquilo. Eu entro às cinco da manhã, amanhã eu faço o horário de 5 horas a uma da tarde então assim, tem dias mais fracos que eu faço assim três links. Faço 3 entradas ao vivo e depois a gente para lanchar, ir ao banheiro, mas tem dias que são frenéticos, Tem dias que começam tranquilos e aí do nada estoura uma bomba e o negócio fica muito frenético. E a gente acaba passando do horário. Lá na empresa onde eu trabalho, a gente é obrigado a tirar uma hora jornada. Então são 7 horas de trabalho, mas uma hora obrigatória que a gente tem que parar. É muito raro um dia que a gente não para. Eu acho que desse tempo aí que a gente iniciou deve ter acontecido uma ou duas vezes. Isso é bem respeitado. Claro que quando a gente está numa cobertura e não tem apoio próximo, a gente sente vontade de ir ao banheiro mais de uma vez, então varia muito. Eu acho que eu fico mais ansiosa fora do trabalho do que dentro do trabalho eu acho. Amanhã como é que vai ser? Qual será a pauta? Para onde será que vão mandar a gente? Será que vai ter algum factural bizarro? Me sinto muito ansiosa, mais ansiosa fora do trabalho do que dentro da jornada de trabalho porque você tá muito na adrenalina quando você está trabalhando. Domingo é um dia que gera muita ansiedade, ou seja, sou mais ansiosa para o dia seguinte.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Às vezes faço link sobre covid. Todo mundo está cobrindo um pouco de coronavírus. No início eu estava muito tensa, e acho que todo mundo estava assim, trabalhando na rua, todo mundo muito tenso, e a gente continuou trabalhando. Eu estava muito muito tensa porque eu moro com meus pais, Gabriel estava full home office em casa, e eu era a única pessoa ali do meu convívio que estava indo para a rua, tendo contato com outras pessoas. Era tudo muito novo, no início a gente não usava nem máscara. Hoje é impensável isso, mas no início não usávamos. Tive um colega muito próximo, meu auxiliar, que ele ficou muito mal, ele ficou 3 meses internado, e quase morreu. Teve um momento que a gente achou que ele ia acabar morrendo, e isso abalou muito todo mundo, ficou todo mundo mais nervoso. Mas ele voltou, e acho que com o tempo foi todo mundo relaxando mais, aí a gente

percebe que está relaxando demais, aí volta a colocar álcool loucamente e tal, mas eu acho que acertou muito porque a gente se sente muito vulnerável. Ao mesmo tempo em que eu penso que é meu trabalho, a profissão que eu escolhi, de estar na rua é complicado, a gente se sente vulnerável. No início, eu acho que foi o pior período em relação a essa ansiedade, esse medo mesmo. Hoje eu me sinto um pouco mais tranquila, mas no início a cidade toda fechou, então era a gente na rua trabalhando e todos os lugares fechados, todo mundo dentro de casa, foi bem trash.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Eu penso logo naquele povo que fica xingando a gente na rua, é a primeira coisa que me vem à cabeça. Depende muito do local, por incrível que pareça, na zona sul, na orla da praia é que as pessoas são mais agressivas. Não me lembro agora assim de nenhum episódio que alguém me ofendeu diretamente, mas acontece da gente estar parado para fazer o ao vivo passar um carro buzinando, xingando de globolixo e a gente nem é da Globo. Não me impacta muito, eu super consigo abstrair, eu penso: "essa pessoa não tem o que fazer, coitada". Não é uma coisa que me afeta muito, não me atinge, até porque eu ainda não vivi nenhuma situação que tenha me despertado medo mesmo. Recentemente, não que eu me lembre, tipo "vamos embora essa pessoa vai agredir a gente". Tem colegas que já viveram situações piores sim. Mas comigo não comigo que eu me lembre é mais uma buzina, uma gracinha de alguma coisa, mas não é uma coisa que me afeta muito não. Consigo abstrair de boa.

- *Já sofreu assédio moral? Chefes babacas já aconteceu, mas no comportamento diretamente comigo não.*

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Whatsapp no celular próprio para trabalho*

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Sim, muito. Acho que o jornalismo é uma coisa assim que eu até tento fugir, mas eu sinto que o jornalismo é uma profissão que tipo, ela se estende para sua vida inteira sabe, é muito difícil separar. É muito difícil o jornalista conseguir separar o que é a vida do que é a profissão. Você tem um dia mais estressante, você chega em casa sem querer conversar com ninguém, quer ficar quieto e olha que eu tento bastante separar isso, acabou o expediente acabou, acabou, minha vida até aqui jornalista até aqui aqui minha vida. Com certeza impacta as relações para o bem e para o mal.

- *Como é seu sono? E saúde mental?*

Meu sono é muito bom. Na saúde mental, a ansiedade. Eu sou muito ansiosa. A não ser para quem é setorista, cada dia é uma coisa, nem sempre as pautas são legais, tem dias que são calmas, tem dias que são caóticos. E insegurança também. eu me

sinto insegura com o que estou fazendo, se o que estou fazendo é bom, não é bom. Então ansiedade e insegurança.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

O retorno financeiro compensa mais. no rádio não compensa. eu não tenho filho, ainda moro com meus pais, então meu parâmetro financeiro é um pouco diferente, a forma como eu gasto meu dinheiro, meu planejamento financeiro, então pensando hoje na minha vida, com o que eu ganho na tv, é ok. mas poderia ser melhor porque a gente trabalha muito, feriado, fim de semana, então poderia mais.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e psicológico
 dificuldades de concentração
 sentimentos de insegurança - fracasso menos
 sentimentos de derrota e desesperança - as vezes
 sentimentos de incompetência
 sensação de isolamento
 problemas gastrointestinais - dores de barriga - toda hora - quando está nervosa e também relacionado a alimentação
 sente estafa muscular

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Hoje em dia o repórter faz tudo. No meu caso, que tenho equipe, eu não faço imagem, tem um cara que faz, mas a gente escreve texto, entra pra mais de uma mídia, isso é uma precarização, formas de contratar um profissional para fazer várias paradas, tirar foto, fazer vídeo, enfim... É claro que isso impacta na produção de notícias porque alguma coisa vai sair prejudicada, não tem como você ser perfeito. Então você tem três funções, não tem como você fazer as três perfeitas. Você vai fazer as três perfeitas e vai ficar lelé da cabeça, alguma coisa vai dar errado aí nesse processo, a nota vai ser menor, ou vai ter algum errinho, alguma coisa não vai estar boa ou vai sair errada.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho péssimo, eu acho o ó, sou totalmente contra, porque eu acho que a gente é uma profissão, a gente é profissional. Claro que tem a especificidade, realmente ser vista como uma profissão difícil. A minha mãe fala isso muitas vezes: "é uma profissão bonita, mas é uma profissão muito difícil porque você está ali, acorda cedo, pega em horários malucos, e acho que isso acaba remetendo a coisas de super herói, quando eu conto para os meus amigos, que pego as 5h da manhã, as pessoas falam "caraca, como você consegue?" Mas tipo, eu acho péssima essa ideia de super herói, porque a gente não é super herói, a gente é profissional, um operário da notícia. E acho péssimo porque é uma forma da gente se auto enganar, é super herói, tem que dar conta de tudo mesmo, e isso acaba sendo bom para as empresas de certa

forma, a gente acredita nesse discurso. E eu nunca acreditei, nunca fui super herói e nem quero ser heroína não, sou mega humana.

- *Como vê a relação entre o jornalismo e a rede social?*

Acho complicada essa relação, eu não usava muito o twitter, comecei a usar recentemente e a gente acaba seguindo uma bolha de jornalistas, e aí quando você vê você só está consumindo aquilo, presas naquilo ali, e tem pessoas que têm mais necessidade de se auto afirmar, formas diversas, desde selfies até publicação de matérias, e eu acho que pode ser um ambiente um pouco opressivo também, para a auto estima. Acho que tem isso de você se sentir um merda, as pessoas começam a apostar as coisas incríveis que elas fazem e você começa a se sentir mal, não faço nada, não sou nem metade, nunca vou ser essa pessoa, então tem uma coisa para a autoestima, e tem uma coisa de um sufocamento também, ao mesmo tempo de ser legal, você vai para a rede social, e fica ali preso num conteúdo de trabalho.

- *Você consegue desconectar?*

Não consigo desconectar. Posso até conseguir desconectar um pouco do conteúdo jornalístico, mas sempre estou na internet.

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Média para boa - eu acho que já foi pior. Eu tenho um salário melhor, estar num veículo onde seu trabalho é mais visto, isso é bom, e ganha-se um pouco mais, tenho mais oportunidades, então eu acho que de médio para bom, porque ainda acho que os esquemas de plantão não são legais, por que tantos fins de semana e feriados, mas acho que isso é um problema de todos os veículos de comunicação do Rio. Estamos trabalhando enquanto colegas de outras profissões não estão trabalhando.

- *Se sente pressionada pela cultura do furo?*

Não tem essa cultura do furo, os repórteres não são muito cobrados por isso, acho que mais as pessoas da redação, a produção e os comentaristas.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não tenho ajuda psicológica, mas gostaria de ter porque a gente acaba perturbando as pessoas à nossa volta, falando coisas do dia a dia, inquietudes nossas, que as pessoas não são obrigadas.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Esse ano eu tive um rompante de que eu ia estudar direito, mas acabei que não levei isso a sério. Se eu fizesse uma faculdade completa, ia sair do jornalismo. E já pensei isso algumas vezes. Quando eu fui fazer o mestrado, a minha ideia era largar e apenas estudar, mas aí por uma questão financeira acabei mudando de ideia, e acabou que nos anos do mestrado acabaram sendo bons profissionalmente para mim, e acabei não me encontrando muito na academia. Gosto mais de ser jornalista do que ser pesquisadora. Mas volta e meia eu penso em mudar de profissão, só que não sei o que faria.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu acho que o jornalista de hard news é importante, é o cara que está sempre em cima do lance, levando aquilo para casa, mas assim, eu acho que, não é que qualquer um possa fazer, mas não dá para viver para sempre de hard news. O jornalista tem que procurar se especializar, trazer outro olhar, mas não dá para viver só de hardnews e essa é uma inquietude minha, não dá para fazer só isso, cobrir só factual, eu acho que o jornalista tem uma hora que tem que romper isso, se especializando em uma área, ou pensando coisas produzidas em cima do hard news, ou tentar conseguir furos,exclusivas, mas eu acho que é muito importante, mas acho que é muito limitado, você tem que procurar outras coisas. O jornalismo brasileiro é muito hard news e acho que tende a ser mais, porque agora tem mais um canal, e é ao vivo o tempo inteiro em cima de hard news, mas eu acho que tem que ser mais.

Entrevista 7:

Repórter de portal de internet - 31 anos, 11 anos de jornalismo.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Uma pergunta complexa para caralho. Acho que o papel do jornalista é de conseguir transmitir a informação que ele consegue apurar de uma forma clara, que reflita a realidade, que ela não seja simplesmente uma reprodução de pensamentos tanto do próprio jornalista quanto do veículo para o qual ele trabalha. A gente tem compromisso com os fatos e não com a visão da empresa. Ainda mais num momento em que a gente encontra uma polarização bizarra no mundo todo, no Brasil de uma forma mais acentuada nos últimos dois, 3 anos, e acho que até mais do que isso, porque desde 2016, quando a Dilma ainda era presidente, as coisas começaram a ficar mais complicadas, problemas na nossa cobertura diária, Globolixo.. Então acho que o papel do jornalista é transmitir com clareza, visando os fatos e não visões pré-programadas. Eu não falo nem em imparcialidade, mas tentar se ater às coisas que você está apurando e transmitindo com responsabilidade. Eu aprendi com muita gente, vendo também gente que eu não achava correta. A gente comete erros, por experiência, por afobação, eu já cometi esses erros, mas nunca por desonestidade ou querer colocar fatos onde eles não existem. Não foi o jeito que eu aprendi.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Sim, sou muito ansioso. Fazendo consultas com nutricionistas ela até me indicou produtos para diminuir essa ansiedade, é uma condição basicamente crônica da maioria dos jornalistas que eu conheço, sabendo dos sintomas ou não. Eu consegui identificar mais ou menos qual é a minha relação com esse sentimento. Eu basicamente acordo entre 6h30, 7h, desde que eu entrei no G1 sempre entrei mais ou menos às 9h, com pouca variação. Acontece muito de eu vir para casa e continuar trabalhando. Nesse período de quarentena principalmente. Acordo, como, se tiver rolando alguma operação ou investigação que possam me acionar, e eu fico muito de olho nisso de manhã, eu começo de repente a mandar uma mensagem ou outra, para uma fonte ou outra, para saber de tem informações mais detalhadas, e aí eu já começo a trabalhar imediatamente. Isso é uma coisa que eu procurei para mim

mesmo. Tem vezes que é difícil me afastar disso, estou acostumado a fazer isso. Ontem foi aniversário da minha namorada e fiquei lá até mais tarde, mas eu estava muito cansado na altura que eu voltei para casa. Consegui dormir cerca de 8h, 7h e pouco, e acordei às 8h da manhã. Porque não tinha nada. Quando eu recebo uma informação, não posso deixar de passar. E os meus chefes sabem que existe essa dinâmica da minha parte, independente da hora que for e para eles isso também é confortável. Poucas vezes eles me disseram "agora vai descansar, pode ficar tranquilo que a gente está cuidando disso". Já tive também uma relação mais ansiosa com essa questão, quando eu achava que precisava muito provar que era merecedor de estar ali, naquele veículo. E quando você percebe e diz que está tudo bem, não precisa provar o tempo todo, isso me aconteceu em 2016, e aí fiquei um pouco mais tranquilo nesse sentido. Eu faço exercício, me cuido nesse sentido. Alimentação é uma questão, sempre foi. A maioria dos dias eu começo a trabalhar antes do meu horário normal. Eu bebia muito mais do que estou bebendo agora. Esse ano eu procurei uma nutricionista e estou comendo bem melhor do que eu comia. Comprei até balança de bioimpedância. Na quarentena tive momentos em que estava me cuidando mais e momentos em que estava mais relaxado. No começo da quarentena fiz exercício até duas vezes por dia, aí depois na rua dava uma ansiedade, aí comia gordura, aí depois açúcar, o desejo por açúcar vinha muito forte; então depois voltei a engordar nessa quarentena. Mas me preocupo com a minha alimentação para eu ter energia e cabeça boa. Quando você está muito cansado, você vai empurrando seu trabalho com a barriga.

Além disso, faço terapia também, terapia reichiana, é muito importante, principalmente quando a coisa aperta.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Sim, meu padrasto é grupo de risco, ele é obeso, asmático é diabético, é isso me deixou com receio de pegar essa doença. E teve um período chato dessa quarentena porque o acordo inicial era que todo mundo fizesse de casa. Só que eu não tinha computador em casa, e não tinha notebooks para todos naquele momento da pandemia. E também não se preocuparam em pedir um notebook para mim também por causa do meu perfil de ir sempre para a rua. E eu tinha que mandar textos longos para a redação que seriam bem mais fáceis de fazer num computador. Esse momento foi bem difícil porque estava muito precarizado mesmo. Um mês depois que o home office começou chegou um computador para mim, em abril. Cobri muitas matérias relacionadas ao coronavírus. Entre março e maio, fiz boletins da prefeitura, ouvi especialistas. Depois de maio, mesmo que continuemos a fazer isso todo dia, a demanda diminuiu. Mas eu cheguei a fazer reportagem na Central do Brasil naquilo que era considerado o auge da pandemia, e sim, eu ficava muito preocupado sim. Não cheguei a fazer swab porque não tive sintomas clássicos. A primeira experiência que eu tive foi: "ca**", o que estou fazendo aqui me expando desse jeito?", foi uma coletiva do Crivella no RioCentro que tinha muita aglomeração. Agora que estamos em novembro vai começar a ter rodízio maior na redação. Durante um tempo, ficou sem ninguém ir, aí depois passou a ir uma pessoa por dia, depois uma pessoa de tarde e outra de manhã, e agora que vai ter mais

movimento na redação. Em alguns momentos o trabalho ficou mais denso, até por uma falta de separação espacial, no meu caso, de estar no meu quarto, que é meu local de trabalho e de descanso. Depois de um tempo eu consegui deixar claro na minha cabeça os momentos em que estou trabalhando. É claro que isso se eu não recebo alguma informação. Vou sempre fazendo a minha parte. Mas meu período de trabalho é quando estou com computador ligado publicando, e quando desligo esse computador, eu teoricamente paro de trabalhar, mas claro que esse foi um processo relativamente lento e difícil nas primeiras semanas. Neste momento tenho conseguido organizar isso melhor.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Agressão física, que seria algo muito extremo. Assédio moral. Agressão física da rua.

Já ouvi comportamentos na redação em que um chefe empurrou um funcionário, mas nunca passei por isso. Eu já senti assédio moral de ouvir muita humilhação, de ouvir "você nunca vai ser", você não tem sangue jornalístico, nunca vai ser jornalista porque não tem competência para isso, etc e tal. Mas para mim funcionou mais como combustível. Às vezes a gente comete erros, essas coisas acontecem, mas eu sempre fui minimamente orientado naquela situação, e os chefes que acabavam gritando conseguiam resolver comigo, me pediam desculpa sabendo que não era nada pessoal.

Mas na rua eu passei por episódio muito marcante para mim que foi no complexo do alemão (em 2014, fazendo uma matéria, foi mantido em cárcere privado por 40 min por bandidos que lhe agrediram), esse foi o episódio mais dramático que eu já passei, nunca passei por nada parecido. Foi muito desgastante e bizarro. Mas já passei protestos na Alerj, e um bombeiro ficou irritado de frente para ele, ele fez menção de botar a mão na minha máscara e botar ela abaixo, eu me afastei e gritei, eu não entendi, eu não estava causando ameaça a integridade física dele. E outra coisa os xingamentos na rua, globolixo e tal.

- *Tem problemas no sono?*

Meu problema maior é ter muita dificuldade para dormir, mesmo sabendo que tenho que acordar cedo e acabar dormindo muito pouco. A cobertura de Brumadinho afetou muito a organização do meu sono, eu tinha que acordar muito cedo e ia trabalhando até muito tarde, e dia seguinte seguia no horário de muito cedo, então meu relógio biológico deu uma travada e acordo cedo não importa a hora que fui dormir. Ou seja, durmo poucas horas, não é suficiente, fico cansado ao longo do dia, tem dia que você sente que rende menos fisicamente para qualquer coisa, até a cabeça mais cansada, e juntando isso com o fato de que não estava comendo tão bem, isso no ano passado especificamente, e exagerando na bebida alcoólica, isso tudo atrapalha a vida, acordava mais cansado, com a bebida alcoólica triplica o efeito, acho que isso é o principal.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Com certeza não. Eu até o ano passado tive um aumento, fazendo 5 anos de serviços prestados em repórter 1. Foi no dia que eu ia falar com meu chefe sobre isso, eu recebo a notícia de que sou promovido a repórter 2. Mas não, o retorno financeiro não corresponde ao que eu faço, ao tempo em que eu fico disponível para o trabalho.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Namoro uma jornalista, que ela entende. Minha mãe sabe que sempre foi meu desejo ser jornalista, então para ela é tranquilo eu não estar presente. Ela sabe da importância de ser dedicado.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

Usa o próprio celular. O G1 tinha celulares, mas foram perdidos ou roubados. E por precaução, para um celular do G1 não sumir na minha mão, como já tinha acontecido em 2017, eu prefiro ficar com o meu celular.

- *Sente alguns desses sintomas?*

cansaço físico e mental - tem dias em que é pior
distúrbios do sono

dificuldades de concentração - principalmente quando está mais cansado, mas temos que ter cuidado para não afetar nosso cotidiano

negatividade - vem junto com a ansiedade, com autocobrança muito forte, sentir que você tem que render de uma determinada forma, públicas muitas coisas, e muitos furos

sentimentos de incompetência - de insuficiência - aconteceu um deslumbramento de poder aparecer na tv, de estar na casa de milhões de pessoas, na minha cabeça se eu outro dia estava na tv, por que estou fazendo uma coisa menor no g1. pirações da minha cabeça. foram momentos de angústia, porque eu ainda não estreei na televisão, porque não mostrei para todos que sou capaz?? hoje eu me repito que meu ofício é ser repórter, eu não vou deixar de ser mesmo que eu apresente o g1 em 1 minuto, meu ofício que me trouxe até essa valorização é esse. eu não posso deixar isso ser ultrapassado por essa necessidade duvidosa de querer aparecer na televisão, que eu posso ser mais importante ou um repórter mais qualificado só para aparecer na tela para outras pessoas. e foi um aprendizado bom, com ajuda de terapias e substâncias para controlar a ansiedade.

sentimentos de fracasso e insegurança

alterações repentinas de humor - se eu durmo pouco, fico até difícil de conversar

sensação de isolamento - pouco

problemas intestinais - ligadas a má alimentação

O que acontece comigo é muito mais emocional do que físico, os reflexos da minha ansiedade eu sinto no dia seguinte, mas de maneira muito emocional.

- *Se sente pressionado pela cultura do furo?*

Sim, por causa de uma autocobrança, chega a ser uma auto sabotagem. tem um histórico familiar de momentos de muita crítica, por que não fez isso, não fez aquilo, em relação a escola e as outras atividades. eu sempre gostei muito de música, sou filho de um músico e uma bailarina. mas o que aconteceu é que desde muito cedo tinha uma pressão, o que meu padrasto achava que seria o desempenho ideal na hora em que estava me apresentando ou cantando, na parte intelectual também, o mesmo acontecia com as notas da escola, não podia ter nota baixa, aí rolavam

juízos. aí eu fico porque não consigo tal informação, com tal fonte, porque eu não conheço aquela fonte, não tenho estrada suficiente, mas sei que eu faço bem o que eu faço, mas tem esses momentos na comparação com o trabalho, e quando não consigo confirmar alguma coisa, isso me impacta muito.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Sim, não tem como não perceber a precarização, ainda mais num mercado onde a tinha um número x de trabalhadores, e em todas as empresas, provavelmente tivemos um número muito grande, mais de mil, 2 mil pessoas demitidas. A precarização é sentida em vários aspectos, a quantidade de pessoas mais experientes nos veículos de comunicação é cada vez menor, isso é uma questão de pagar menos para estes profissionais. A empresa acaba demitindo o profissional mais experiente para contratar 3, 4 no lugar com 2 anos de experiência, mas que obviamente vai ganhar muito menos. Além dessas questões tecnológicas que poderiam ser bem utilizadas, mas que acabam precarizando o trabalho. Vejo auxiliares de cinegrafistas sendo demitidos para deixar uma pessoa sozinha para cuidar da parte do cinegrafista e da parte do assistente, e ainda dirigir o carro da empresa, no caso da Band. Na Rede TV, os profissionais pegam uber porque a empresa diz que não tem como pagar gasolina. Teve um caso no SBT chocante para mim, que é o caso do prédio do SBT ser muito velho, numa situação precária, praticamente sem ventilação, é um prédio praticamente condenado, e que foi um vetor para a covid 19, onde cerca de 50 pessoas ficaram doentes, porque os espaços físicos são muito precários. Fora o acúmulo de funções. Editor de conteúdo, que é o meu cargo hoje é o profissional que escreve, que faz foto, vídeo, ele mesmo edita seu material, e que hoje, com essa sinergia, faz até entrada para TV se precisar, e com um salário que não é condizente com todas as funções que ela acumula. Isso traz mais lucro para quem está contratando, menos pessoas para fazer as mesmas coisas.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Tem romantização da precarização. E às vezes eu me cobro porque eu acho que de certa forma eu continuo em vários momentos exercitando esta mesma dinâmica no meu trabalho, na minha vida profissional. O cara que está disponível, não tem hora, qualquer hora é hora de trabalhar, se não demonstrar serviço pode ficar com medo de perder o emprego, o jornalista tem que se fuder, porque é só assim que aprende, jornalismo é uma cachaca, que eu to começando a tomar ojeriza deste ditado, enfim... Desde o ano passado, tenho tido mais contato com mais pessoas da área que optam por viver uma vida que obviamente tem seus momentos de muito mais trabalho, demandas que surgirem, porque acontece, mas são pessoas que decidiram não levar a questão do trabalho tão a ferro e fogo, e não levar a questão do trabalho 24 horas por dia, todos os dias da semana online o tempo todo, vendo celular. Por sentir também que era demais o esforço que eu estava tendo, para a baixa remuneração financeira e desgaste mental que isso trazia, eu to tentando trazer isso para a minha vida. Em vários momentos do ano passado, eu só fiquei mais são da cabeça porque eu desligava completamente de relações do trabalho, por mais que eu tenha perdido pautas possíveis e informações. Estou tentando dosar a diferença entre o que é trabalho e o que é minha vida pessoal, ainda mais quando estamos

fazendo tudo de dentro de casa. Se eu não estivesse perseguindo isso, certamente eu já teria arrumado outros problemas por causa dessa cultura de achar que o jornalista é disponível 24h, de ser super herói, senão a gente fica no espiral.

- Como você classifica sua qualidade de vida?

Já foi pior, mas hoje acho que me concentro para ela ser melhor. Eu não consegui comprar uma cadeira para fazer home office, minha cadeira é um lixo, não consigo ficar uma hora nela. Isso ajuda no estresse corporal, a pessoa não consegue trabalhar direito porque não tem ambiente de trabalho ideal, problemas de postura, dores, então é complicado.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Já pensei, mas foi em momentos de desespero, e menos em relação à profissão.

- *Redes sociais (ele me mostra um livro que está lendo)*

Acho que rede social é uma coisa importante de ter. Estou lendo este livro, “Perspectivas do digital” sobre o mundo digital e as nossas relações com rede social. Ainda mais com as redes sociais usando os dados das pessoas para fazer campanhas publicitárias e políticas. Acho que a gente tem que tomar cuidado em relação a vaidade, a expor nossas ideias e pensamentos, de dosar quando a gente realmente precisa fazer isso ou quando a gente pode só observar, sentir realmente quando o posicionamento é necessário.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?(de propósito parecida com a primeira após toda a reflexão)*

Eu acho que muita coisa ainda deve mudar nos próximos anos, ainda mais na TV Globo, porque ela está passando por uma reestruturação, o esporte foi um laboratório, cada vez mais tem essa integração, e que infelizmente a gente vai ter que se adaptar a fazer mais coisas, ter mais funções, além de simplesmente reportar as informações que a gente obtém. Acho que as equipes de reportagem de televisão, que já estão tendo suas equipes diminuídas, esse número provavelmente vai ficar menor, até porque a tecnologia vai permitir que menos pessoas precisem manipular os equipamentos necessários para filmar, por exemplo, então acredito que o que já vem acontecendo em outras empresas vai acontecer com a TV Globo em algum momento, de repente vai ser o repórter e uma pessoa. Não estou reclamando da tecnologia, só que muitas vezes ela acaba tirando a parte humana desta equação, então os postos de trabalho humanos acabaram não sendo priorizados. O rumo do hard news acho que é esse, vamos ter mais funções e ter que estar atualizado com tudo que está acontecendo, e de preferência tentando antecipar essas tendências, porque existe muito mais questionamento em relação aos métodos da imprensa hoje, que acho importante porque força rever certas práticas que deveriam mesmo ser revistas, mas ao mesmo tempo, dependendo de como esse questionamento é feito, pode virar uma coisa contraproducente e virar uma insegurança até para o nosso trabalho. Então temos que pensar bem sobre a forma como conduzimos nosso trabalho. Primar pela informação correta. Hoje os questionamentos acontecem numa velocidade absurda, e qualquer erro é amplificado, e as pessoas são

canceladas ou humilhadas na praça pública digital. Hoje temos mais notícias falsas e mais pessoas tentando descredibilizar a imprensa.

Na TV Globo é um clima desgraçado de ruim, muita gente bizarra, ambiente de trabalho complicado para caralho, além da possibilidade de ficar infeliz dependendo de onde me coloquem. ao mesmo tempo, acho que fiz umas 20 entradas ao vivo, e modéstia à parte, eu não sou ruim não. Mas quando tem vaga, geralmente é para alguém que já está ali há muito tempo, salivando por uma vaga. Globonews é um caminho, mas não encontro depoimentos encorajadores de quem trabalha lá.

Entrevista 8:

Entrevista repórter de jornal - 25 anos - 6 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O tipo de jornalismo que eu descobri que eu gosto de fazer é o de contar histórias. Não sou aquele tipo de jornalista de furo. Gosto de contar histórias humanas, e trazer histórias humanas. Eu vejo valor em todos os tipos de jornalismo, mas para mim o papel do jornalista é esse. Acho que carece um pouco de sensibilidade. O jornalismo é muito burocrático hoje, e a gente precisa quebrar um pouco isso.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Como a gente é correspondente, a gente não tem uma redação aqui, então a gente ou trabalha de casa, ou tem um coworking, que é no centro. Então não tem chefia, não tem ninguém controlando a gente. Então a gente sempre foi muito livre, muito solto, é até uma coisa que você tem que aprender a lidar, não tem ninguém mandando você fazer nada normalmente. A gente tem uma chefe que coordena todos os repórteres fora de São Paulo e Brasília, chama agência, e tem os chefes das editorias, então eu respondo mais ao chefe da editoria cotidiano. E aí de vez em quando eles fazem algumas demandas, essa semana me pediram uma matéria sobre Flor de Liz, aí tem que fazer. Mas a maioria das vezes é esperado que a gente proponha pautas. Então toda segunda-feira, essa chefe da agência pergunta: "quais as sugestões de pauta para essa semana? Que que vocês estão planejando?". Nem sempre a gente manda, é uma coisa meio solta.

Eu me adaptei a essa rotina, porque tem dias que estamos mais ou menos produtivas, principalmente trabalhando de casa. É muito volátil isso. Na redação você também tem aqueles momentos mais produtivos e menos produtivos, mas tem aquele empurrãozinho que é um monte de gente olhando para o computador. Em casa não, você pode fazer qualquer coisa e ninguém vai saber, então você precisa se policiar mais. Mas acabei me adaptando, me organizei bem, fiz meu espacinho de escritório, tinha uma rotina de começar a trabalhar tal hora, então faço exercício de manhã, troco de roupa. Nunca vou trabalhar de pijama, fui criando a minha rotina. Tem dias que não produz tanto, aí você compensa no outro dia. Antes da pandemia, a gente nunca teve controle de ponto, não dava certo, porque não dá para controlar a hora que as coisas vão acontecendo. Até porque acontece muita gente acordar, pior coisa, acordar com aquela mensagem de manhã: "vê isso para a gente", aí você já tinha toda sua manhã planejada. Isso acabou um pouco agora porque a gente está batendo ponto. Sim, por causa da pandemia. Como todo mundo ficou de home office, todo mundo começou a perceber como era a nossa vida aqui, e aí o

pessoal passou a exigir o controle de ponto. A minha ansiedade depende do período, tem período que eu tô mais assim preocupada de encontrar uma pauta, preciso fazer isso rolar, algum pedido mais difícil, mas no geral não, eu consigo controlar isso. Agora que eu tô mais ansiosa, tipo "não to conseguindo trabalhar, ai meu deus eu não consigo trabalhar, aquele looping assim".

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Sim, durante os últimos meses trabalhei bastante nos assuntos ligados ao coronavírus. Mudou que a gente não pode ir para rua, isso é horrível para mim porque gosto muito de ir para a rua. Eu ficava inventando pauta assim que eu pudesse ir para rua, sabe? E aí eu lembro até da última pauta que eu fiz na rua, a gente foi no Dona Marta, e me deu muita saudade de sair andando e conversando com as pessoas, eu gosto muito disso. Então com a pandemia isso mudou porque é tudo pelo telefone.

Para mi até mudou para melhor, o jornal teve redução de salário e de jornada. De 25%. Ficou uma discussão no começo, a gente até se juntou num grupo de sindicato, jornalista não é muito organizado, né? E aí todo mundo ficou muito revoltado com o jornal, porque todo mundo estava trabalhando muito no começo da pandemia, eu também, me deu uma carga extra no começo, e ficou todo mundo puto com isso, e redução de salário num período em que a gente estava trabalhando mais. Tento fazer 8 horas, e uns dias que eu passo, no outro dia eu compenso, mas eu chegava a 10, 11 horas por dia. Aí depois fizemos um esquema de folgas. E depois o jornal decidiu que quem ganhava até 7 mil reais, eles iam repor por fora, e fizeram isso. O governo repos uma parte e o jornal outra. Então para mim foi ótimo porque eu ganhava a mesma coisa e trabalhava 8 dias a menos com as folgas, isso por 3 meses, junho, julho e agosto. E agora voltamos no esquema normal.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Me vem mais na cabeça uma coisa relacionada a uma comunicação violenta da chefia, por exemplo. Me vem abuso psicológico e moral. Acho que a meu principla problema com chefia é chefia incompetente. Não sinto isso, acho que é muito diferente para um repórter de papel e de TV. Porque a gente é meio à paisana, né? Ninguém sabe que a gente é repórter até a gente falar. A gente não chega com uma câmera gigante, um microfone e tal. Então é muito mais fácil se aproximar das pessoas e quebrar essa barreira. Então eu tinha essa coisa de ir para a favela, né? A gente não tinha garantia nenhuma, como repórter de jornal, a folha tinha uns coletes à prova de bala e uns capacetes que estão todos vencidos. A gente não usava, então a orientação era: "se você se sentir seguro vá; se não se sentir, não vá". Eu ia, sempre com alguém, algum morador, com alguma coisa marcada sempre. E também sempre olhar se tem operação naquele dia, se tiver, não tem como ir.

- *Tem bom relacionamento com gestores? Sim.*
- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Uso celular próprio. A Folha deu um celular, um computador e um ipad, mas é tudo*

muito ruim. O iPad não abre nem o aplicativo da folha, mas eu uso. É tudo velho.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Sim, com certeza tem impactos. Eu tento separar bastante. Primeiro, no aspecto mais amplo de como eu vejo o mundo, o jornalismo é uma profissão que te ensina muito, então toda vez que você sai de casa, vai para realidades diferente da sua, uma oportunidade muito grande comparada a outras profissões. Isso me impacta como pessoa. Morar com jornalista também fazia isso ser um ponto de discussão diário. Essa questão do horário sempre foi uma questão para mim porque você planejada tudo e depois na hora de sair chegava alguém, fazia um pedido idiota, e isso era muito estressante. Era uma questão toda semana. Agora a gente tem um horário mais definido. Na pandemia, a folha conseguiu, com um grupo que chama "É nós", com Guilherme Valadares, eles tem um curso de equilíbrio emocional para jornalistas. E aí eu fiz no último mês. Foi muito legal, muito maior do que eu esperava. Eu tenho algumas questões, relacionadas a como eu lido com o trabalho, e menos a pressão externa, mas quando fiz esse curso eu percebi que tinham muitas nuances, e a gente acabou virando um grupo bem coeso, com chefes, meu ex-chefe fez parte também, e todo mundo segurou a mão um do outro, acho que tava todo mundo precisando ainda mais na pandemia, acho que foi um grande desabafo coletivo. Eu me sinto desestimulada, acho que é a palavra que eu mais repito para mim mesma. acho que essa coisa de ficar meio largado, de fazer tudo sozinho, não tenho aquela coisa de discutir a pauta, Eu acabo fazendo tudo sozinha, e isso é muito desestimulante. Tenho que tomar as decisões, e você acostuma com um jeito, e parece que está sempre fazendo tudo do mesmo jeito, sem sair daquela caixa.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Eu sinto falta de um aumento, quando eu vim de SP para o RJ, meu chefe disse "pede um aumento". E eu pedi, só que foi tão insignificante que até agora não sei se recebi esse aumento. R\$ 4.400. Para mim é bom, eu me sustento.

- *Sente algum destes sintomas?*

dificuldades de concentração
sentimentos de fracasso e insegurança
sentimentos de incompetência - muito
sensação de isolamento - se sente sozinha, mas sabe que pode contar
problemas gastrointestinais
cansaço mental pontualmente - quando trabalha muito
tem períodos de ansiedade
sente dores na coluna mas acha que é culpa dela
tem dias mais estressantes, mas no geral é tranquila

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Desde que entrei sempre foi um pouco precarizado, não vejo uma mudança tão grande. O que eu vejo muito na Folha é passarelho, né? Teve um período, principalmente na crise, de uma ansiedade muito grande na redação, generalizado, porque a gente não sabia quem seria o próximo nem quando ia ser, mas ia ser. Mas agora deu uma melhorada quando a crise passou um pouco.

- *Como vê a relação entre rede social e jornalismo?*

Eu vejo como positiva a rede social, muita pauta nasce dali, muita fonte nasce dali. Eu uso pessoalmente para autopromoção, mas não tenho muita paciência. Eu posto o que produzo, sem muito desenvolver. Eu uso muito para achar parentes, personagens...

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Tem cultura do furo na folha, mas eu pessoalmente não sou cobrada por isso. Mas eu tive uma crise em relação a isso, porque eu não consigo ser esse tipo de repórter. Eu queria ir para essa área investigativa, mas nunca me dediquei tanto, mas é uma pressão interna que eu aprendi a lidar.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Nunca.*

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Faço terapia desde que entrei na Folha. Eu era muito novinha, e era muita pressão, e eu não estava sabendo lidar, aí entrei na terapia. Foi por causa do jornalismo, do sentimento de incompetência, inexperiência, eu tinha 19 anos, nem sabia o que era jornalismo e ficava muito insegura. Isso ainda acontece, mas foi amenizando.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Acho fundamental o jornalismo. Acho que tem muita gente que se perde no meio da profissão tipo "pra que eu to fazendo isso? Não faz tanto sentido"... às vezes bate um pouco isso, mas no fundo eu sempre acreditei no poder do jornalismo. Acho que o jornalismo me faz ser assim em todos os aspectos da minha vida. Então sabe aquela opinião de bar, ah isso é uma porcaria, mas com base em que, sabe? Hoje todo mundo tem opinião, mas com base em que? Não tem base nenhuma. O senso comum é muito forte e acho que o jornalismo vem para combater um pouco desse senso comum, que nem sempre está certo. Mas também vou fazer um mea culpa de que o jornalismo também é senso comum e a gente reproduz alguns deles... aí aquela coisa que tá na moda agora, de combater fake news, que é essencial. Acho que tem duas palavras fundamentais para mim no jornalismo que é empatia e humildade. Humildade foi uma coisa que eu ouvi numa dinâmica de grupo porque se você não tiver humildade, você precisa disso para conversar com a tia da esquina e com o presidente, e sem se achar melhor nem pior. E a empatia de ouvir as pessoas como pessoas, não dessa forma as vezes tão burocráticas que a gente cai. Como eu lido muito com morte, morte pela polícia, eu fico repetindo isso para internalizar. Às vezes vira só uma matéria, e tento sair um pouco disso. Recebi um elogio nessa semana de um doutorando que me elogiou por eu ter feito um paralelo entre um menino que foi morto e o prédio da prefeitura. Foi importante para mim ter recebido

esse elogio no momento em que estou desestimulada porque vejo que posso tocar as pessoas com meu trabalho. Eu acho que venho tentando fazer isso no meu trabalho.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Quando entrei na faculdade eu tinha essa ideia de salvar o mundo, né? Muito inocente. Eu acho que a gente consegue salvar um pouquinho, só que é muito limitado e lidar com essa limitação é difícil às vezes. A minha intenção é sempre fazer uma pessoa conseguir se colocar no lugar da outra nos meus textos. Essa coisa da empatia mesmo que as pessoas tem pouco. Tenho gostado muito de fazer matérias positivas também. Você já ouviu falar em jornalismo de impacto? Mesmo que seja um impacto local, uma matéria positiva tem um impacto muito grande e é muito bom ver isso. As pessoas já vieram me agradecer, tipo meses depois, obrigada por essa matéria, fez muita diferença, meu projeto cresceu, teve muita repercussão. Algumas notícias mexem, mas quando a gente entra naquele papel de jornalista, é como um médico, enfermeiro, você veste a carapuça e vai. você está tão concentrado no que a pessoa está falando, no que você vai conseguir usar, que você não para pra sentir, acho que o legal é equilibrar isso, porque você nem pode sentir muito nem ser alheio àquilo, ao sofrimento, à a alegria.

- *Como você classifica sua qualidade de vida?*

Minha qualidade de vida é boa porque nunca tive problema de dinheiro por causa da ajuda da minha família. Ando passando por um turbilhão pessoal muito intenso e to sentindo muito a falta da minha família.

Entrevista 9:

Entrevista repórter TV aberta , 47 anos - 25 ANOS DE JORNALISMO - 47 anos

*Algumas respostas foram via áudio do whatsapp porque a ligação estava muito ruim.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O jornalista está tendo que se reinventar. Eu acho que as novas mídias que chegaram, aqueles que não estão se adequando a elas estão ficando para trás. Eu me lembro que quando começou o boom no whatsapp, eu recebia já vídeos que me ajudavam a fazer um novo jornalismo. A gente consegue dar uma espécie de matéria do próprio lugar. Essas novas mídias estão nos ajudando muito a fazer jornalismo. A rede social veio como apoio, mas hoje é essencial, no nosso jornal, hoje 80% das matérias são vídeos que nós recebemos dos telespectadores via whatsapp, facebook, instagram e twitter, vídeos de denúncia que acabam inclusive sendo as matérias de maior importância. Nesse momento de pandemia, a gente inclusive está fazendo matérias sem ter contato com entrevistado. A gente recebia vídeos da entrevista da pessoa, recebia o vídeo da autoridade, médico, etc, e a gente só escreve o texto e grava uma passagem. Quando que a gente fazia isso no jornalismo? A pandemia serviu pra gente mudar tudo na questão da comunicação.

- *Como vê a relação entre jornalismo e rede social?*

A rede social veio pra comunicar, para ajudar, mas as empresas não são bobas. A empresa pega o jornalista que tem milhares de seguidores. No momento em que ela pede para que você coloque na sua rede social a chamada do jornal local daquela hora, ela está usando seu público pessoal pra chamar o público para o jornal. Tem pessoas que me seguem e que não veem o jornal, só que eu acabo também levando mais informação aos meus seguidores. E a empresa utiliza isso também como ferramenta.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Pego 6 horas da manhã, às vezes não tenho tempo de tomar café, tenho um horário de deadline muito louco, muito apertado, às vezes pra fazer 2 matérias e fazer ao vivo. Tem dias que não dá nem pra parar. Mas sabe aquela coisa do sangue na veia de uma vontade louca de fazer aquilo, de ter a melhor entrevista, de ter as melhores imagens, de correr atrás da notícia, para chamar o teu público. Nosso jornal muda segundo a segundo. Um jornal da globo, no espelho, a primeira matéria e a última já estão fixas no espelho e raramente mudam, no [empresa atual] muda o tempo inteiro. Às vezes quando eu apresento, eu saio do estúdio para me vestir, a escalada é uma, e volto a escalada é outra.

Sim, a rotina é estressante. Eu nasci pra viver esse estresse, entendeu? Esses dias que eu tenho ficado em casa a minha pressão fica alta porque eu fico desesperado porque quero ir pra rua, eu não consigo ficar dentro de casa. A gente está acostumado com isso. É cobrir um tiroteio, subir morro, uma matéria investigativa, pesquisar algo pra fazer matéria bem feita. Só que o nosso jornalismo é muito estressante. A gente faz comparação com empresas como a Globo e a Record, que tem 18, 20, 30 equipes, e pega o [empresa atual], vou falar do jornal local, nós somos 4 repórteres para fechar um jornal de uma hora e meia, então editor tem que inventar muito pra fazer matéria de redação, e a gente tem que fazer das tripas coração pra poder crescer um VT, não adianta botar um VT de 5 minutos que não tenha informação, então você imagina nosso dia a dia.

Fui um dos primeiros repórteres pela [empresa atual] a fazer matérias sobre o coronavírus. Até então, a doença era desconhecida, a gente não sabia com o que estava lidando. Fizemos as primeiras matérias sem máscaras, eu usando meu microfone pra entrevistar o entrevistado. Uma semana depois eu estava de máscara, e alguém entregando outro microfone com álcool 70 pro entrevistado. Depois eu passei a usar máscara com mais proteção PF5, depois a gente teve que fazer matéria se distanciando do entrevistado um metro e meio, para entrevistar o cara, e depois fizemos só com vídeo, para que a gente não se infectasse. Mesmo assim eu fui infectado.

Eu perdi dois colegas. Foi o Tio Chico, o cinegrafista do estúdio, e o Naná, que foi editor e era responsável pelas mídias da emissora. Quando a gente viu a morte dos colegas, e eu conseqüentemente passando o que eu passei dentro de casa, ficando muito mal em casa, eu percebi que eu poderia ter morrido também. O médico que

cuidou de mim e da minha mãe morreu de covid. Eu me recuperei, e ele morreu. Isso também foi muito preocupante.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Via whatsapp:

Impacta sim. Eu acho que quando a gente faz o hard news, esse jornalismo de sangue, de morte, de assassinatos do Rio de Janeiro, chega uma hora que a gente fica meio doente, sabe? Eu vejo colegas amedrontados, agora por causa do coronavírus, eu vejo colegas na rua trabalhando normalmente, mas você percebe que as pessoas não estão legais de cabeça. Isso vem mexendo e muito. E hoje eu penso duas ou três vezes se eu vou a algum lugar, de alguém me reconhecer e de repente ser vítima de algum tipo de agressividade, entendeu? Quando eu passo em São Gonçalo, perto de alguma comunidade, alguém achar que eu estou ali fazendo uma matéria e fazer alguma “judaria” comigo, sabe? Então você acaba se limitando às vezes, no teu dia a dia, no teu lado pessoal, por causa da profissão, sabe? Isso é ruim, a gente ter de cercear nosso direito de ir e vir por causa do medo. Mas enfim, fazer o quê, a gente escolheu esse trabalho maluco.

Minha qualidade de vida não é boa. A gente vive nesse estresse, nessa loucura toda do jornalismo, então isso acaba atingindo a nossa saúde. No trabalho, eu fico com pressão alta direto. Às vezes por uma deficiência de não ter aquilo que a gente precisa pra fazer um trabalho legal. Tipo, quero ir a Angra gravar algo, mas não ter verba pra ir, aí eu sou obrigado a tentar inventar, a achar personagem pra gravar pra mim em Angra e me mandar o vídeo, pedir imagem pelo whatsapp para botar a matéria no ar. A gente faz de tudo para conseguir aquele material e isso é muito estressante.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Violência no trabalho é ter 25 anos de profissão, ser um profissional conceituado, com leque de fontes, e receber um salário de 4 mil reais. Violência no trabalho é eu ser obrigado a fazer uma matéria de polícia sem ter um colete para trabalhar. E eu trabalhei em uma empresa que me obrigava a fazer isso. Três dias depois que eu perdi um colega cinegrafista que estava numa operação (gelson), eu estava sendo obrigado a entrar na [empresa anterior] numa comunidade com colete pra fazer tiroteio. A violência é quando um chef, isso aconteceu comigo na [empresa anterior], age com você com todo tipo de abuso, abuso moral, para te desqualificar, pra não te dar valor, pra te menosprezar... eu já vivi isso em empresa.

Eu já tinha passado por vários veículos, rádios, etc, e fui contratado como produtor pela Record, mas eles não me respeitavam como jornalista. Eu ia pra rua, fazia uma matéria inteira, mandava eu gravar passagem e quando eu chegava diziam que eu não poderia gravar passagem porque eu era só um produtor. Como muitas vezes você é humilhado na redação por um chefe que nunca foi pra rua, nunca fez uma entrevista e a pessoa é uma imbecil, ela acha que sabe mais do que você pq ela está na chefia, e ela tenta tirar tua moral, te esculachar na frente de todo mundo, e sendo você o certo e você ter que abaixar a cabeça? Quantos de nós na [empresa anterior]

já passamos por isso? No [empresa atual] sou respeitado como profissional, só o salário não é compatível com o quanto a gente trabalha. Preciso de dinheiro, tenho contas pra pagar, tenho filhos pra ajudar, eu banco a faculdade do meu filho, então tem horas em que a gente tem que engolir muito sapo e continuar sendo profissional. Porque nós temos um nome a zelar. A gente é espelho e exemplo. Eu me vejo espelho pra muitos jovens negros. Eles pensam: "ele é repórter, ele é apresentador e ele está ali". Muita gente não sabe nem que eu estou ganhando mal pra caramba, mas a gente é referência. Em 1992 eu tava na faculdade, um professor me disse que porque eu era negro, eu tenho prazer de falar que eu sou negro, tá, eu não sou moreninho, eu sou negro. Ele me disse que eu tinha uma voz excelente, mas que por eu ser negro, eu nunca conseguiria ser reporter de TV, e nunca seria um apresentador. Esse prof me fez batalhar para ser repórter de rádio, de tv e substitui o Wagner montes foi a minha resposta para ele. Ele deveria fazer com que eu alçasse voos, e não cortar as minhas asas. Mas eu também mostrei pra ele que eu sabia voar.

Whatsapp: Eu me lembro que há 25 anos, nós jornalistas fazíamos operações comerciais, a gente entrava na comunidade, e sabia que nenhum bandido atiraria num carro da imprensa. Nenhum bandido miraria arma em direção da gente, entendeu? Mas aí em dado momento, perto dos anos 2000, 2005, eles começaram a tentar atacar também a imprensa. Foi desde aquele momento da morte do Tim Lopes, da TV Globo. Aquele momento foi divisor de águas onde nós também passamos a entrar na mira daqueles criminosos, porque antigamente, os próprios bandidos não atacariam uma viatura da polícia. Só se houvesse confronto na comunidade, mas vir para a rua para atacar, isso não acontecia. Mas depois da morte do Tim Lopes eles começaram a atacar polícia na rua, começaram a atacar jornalistas, começaram a ameaçar a gente.

A gente estava na rua, quantas vezes a gente já viu episódios de bondes passando e ninguém nunca sequer tentou levar o carro de reportagem. E depois do que aconteceu com Tim Lopes tudo mudou. A gente já viu carro de reportagem ser levado, roubaram câmera de reportagem, roubaram motolink, equipamento...

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Não, hoje o meu retorno financeiro não compensa. Eu vou te falar que em 2011 eu ganhava 2 vezes mais do que eu ganho hoje. Em 2011, juntando a TUpi e a Record, eu ganhava cinco vezes mais do que eu ganho hoje aqui, então não vale.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Vou te falar, eu nunca pensei em mudar de carreira não porque eu sou um apaixonado pelo jornalismo, sabe? Só que do jeito que a nossa profissão está, eu vejo muitos colegas na rua diariamente falando em mudar de área, mudar de profissão. Eu vou te dar o exemplo da [nome de jornalista] que é dona de um salão de beleza, a [nome de jornalista] que, apesar de ter um programa na rádio, agora abriu um restaurante de comida chinesa, e outros colegas que estão partindo para isso ou indo para a assessoria de imprensa, entendeu?

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental 24h por dia
sentimentos de fracasso e insegurança - às vezes acho que meu trabalho poderia ser melhor, mas não tenho as ferramentas
me sinto incompetente de não saber brigar pelo profissional que eu sou. me sinto desvalorizado, mas como eu preciso do meu trabalho, eu não posso peitar chefe. aí eu me calo, engulo, gfaiz minha pressão subir, faz eu passar mal, mas como eu preciso, eu me sustento, nessa hora eu me sinto capaz e incompetente.
alterações repentinas de humor sempre
pressão alta - na casa dos 20 todo dia - já fui internado numa época de mais estresse no trabalho com 25/19 - fiquei 10 dias no cti
dores musculares - dores na perna, batata da perna, é stress.
tem que perder 25 kgs- pesava 90 e com esse estresse do dia a dia passei a pesar 117 kgs, já perdi 3.
dor de cabeça - eu me cobro muito
alteração de batimento cardíaco - não sei como meu coração não parou até hoje.
não me permito ter sensação de isolamento para não ficar doente, gosto de estar sempre entre pessoas, conversando. para não deprimir.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

O trabalho precarizou muito. Já trabalhei em equipe com 5 pessoas. Hoje tem dia que vou fazer matéria e eu tenho que levar meu telefone pra filmar. Naquela época a gente ganhava muito mais, e hoje estamos ganhando uma miséria.

- *Sente pressão pela cultura do furo?*

Na [empresa atual] essas matérias exclusivas aumentam audiência. Matéria exclusiva gera mais audiência. Eu sempre divido o que eu tenho para fazer a política de boa vizinhança com os colegas. Prefiro brigar com o colega na hora de escrever um bom texto, de escolher a melhor sonora, a boa sacada é um furo. Não existe matéria ruim, existe profissional que não sabe explorar aquela matéria.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Jornalista não é super herói, ele tá se matando aos poucos e tá matando outras famílias. Quando a gente acaba sendo corrompido a trabalhar sozinho e fazer muita coisa sozinho, tem outros colegas nossos que estão desempregados. Só que às vezes eu me sinto de pés e mãos atados por não com brigar pra ter mais profissional pra trabalhar porque eu preciso do meu emprego. Isso me incomoda muito. O jornalismo está largado.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?(de propósito parecida com a primeira após toda a reflexão) ?*

Nós estamos no fim do mundo, os jornalistas estão doentes, estão ficando com problemas de pressão alta, com ansiedade, tem gente ficando doida. E é por isso

que eu não permito que isso me aconteça. E está muito pior agora na pandemia, colegas meus estão tomando banho de álcool em gel, e não encostam em ninguém e você percebe que eles estão doentes, jornalistas estão neuróticos. Os nossos jornais aqui no Brasil viraram jornais de sangue. Nesses meus anos de profissão, em alguns momentos, eu consegui mudar a vida das pessoas, e isso é muito gratificante. Eu sei que muitas pessoas foram afetadas nos alagamentos na serra, mas eu mudei a vida de uma família. Na pandemia eu estou ajudando pessoas, pedindo cesta básica, e eu saio da minha casa; no meu carro, e vou lá no cu do mundo em Xerém, ajudar uma família que está passando fome. Isso me dá prazer de ser jornalista. Eu não quero só falar que o filho de alguém morreu porque tomou um tiro na cabeça, quantos policiais morreram, eu prefiro contar histórias de pessoas que perderam tudo mas que reviveram. Por iniciativas minhas, eu consegui mudar a vida de algumas pessoas. Hoje eu sou herói pros meus filhos, ora minha família, e pra algumas pessoas que eu pude ajudar no jornalismo, que viraram tb família pra mim. Eu cheguei a questionar Deus durante essa carreira.

Entrevista 10

Repórter de TV aberta - 40 anos - 20 anos de jornalismo

“Eu falo que a gente é do batalhão de Choque, é o faz tudo. Eu sou a princípio contratada dos jornais locais, só que eu faço rede, link para o jornal, entro no programa, onde você estiver, se tiver que fazer 80 links para 80 produtos, você vai fazer. Trabalha muito, Gabi. Trabalha muito. Eu chego em casa e durmo no sofá”.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Acho que a gente ainda tem o papel de informar e esclarecer coisas. Por exemplo, na pandemia da COVID, as pessoas não sabem o que é, ouvi gente dizendo que era bactéria, e era vírus, então a gente esclarece o arroz com feijão em determinadas situações. A população brasileira é muito ignorante, é bem raso o nível educacional. Então o repórter brasileiro não dá só notícia, ele explica muita coisa, ele dá uma aulinha pra quem está em casa. Hoje o brasileiro busca muito, até com essa coisa de internet e whatsapp, o brasileiro é de futucar, mas ele não sabe onde futucar direito, então ele fica na corrente de wpp da família, em vez de ir num veículo mais confiável, mas se perde por falta de educação. Então o jornalista brasileiro tem o papel de informar e até de educar. Agora o meu papel diante disso: a gente tem várias crises ao longo da carreira sobre isso. Várias. Tipo: que merda que eu estou fazendo? Você chega e diz: matou, morreu, esquartejou... e isso não muda nada na realidade das pessoas. Eu fico pensando que também tem o papel de transformar a sociedade, eu acho que todo jornalista um dia quis mudar o mundo, quis uma sociedade melhor, e você simplesmente não faz nada, você relata que matou, esquartejou, foi enterrado no lugar tal. Tudo bem, tem que reportar, o Rio de Janeiro é um massacre diário, mas eu fico imaginando "cara, eu faço isso todo dia, e a política de segurança pública não muda". Daqui a pouco o cara está jantando e diz: "ah, não, outra bala perdida, e aí troca de canal".. Eu penso que não estou sendo eficaz, que não estou combatendo a violência do Rio de Janeiro mostrando todo dia uma pessoa sendo enterrada por bala perdida. Então eu entro numa crise, muitas vezes, desse papel. Não tô ajudando. Raras vezes eu me sinto útil, raras vezes. Já me senti útil num final de ano que eu consegui uma transferência de dez pessoas de um hospital para o outro, gente que estava morrendo e depois conseguiu ser

operada. Eu fiquei super emocionada porque em 20 anos de carreira isso acontece raramente. Recentemente na Record soltamos pessoas presas injustamente, e aí você se sente mais útil. Mas no dia a dia, é muito mais do mesmo, eu digo que é uma pastelaria. Entrega o pastel e vai embora, e não tem eficácia. E acho que a sociedade tem reagido em relação a isso. Eles acham que é muita novelinha pra eles, e a gente vem perdendo muita credibilidade por causa disso.

- *O que é violência no trabalho para você? (aqui imaginei falar não só nos tópicos relacionados à precarização do trabalho, como também violência nas ruas, insegurança para trabalhar, agressões de pessoas comuns, etc)*

Eu acho que a gente veio nos últimos anos numa escalada de ataques à Globo, mas não é só à Globo, e sim à imprensa oficial de uma maneira geral. Outro dia ouvi uma coisa muito louca que acho que é importante: as pessoas acham que o jornalista chega, abre o computador e escreve uma história da cabeça dele. Tanto que eu ouvi uma garota, maquiadora da Record, dizendo que nós escrevíamos o que queríamos. Uma menina que faz faculdade e que acha que um jornalista escreve o que quer. E eu acho que ela representa uma grande parcela da sociedade. As pessoas confundem os microfones da Record e da Globo, e passam gritando, hostilizam, “Globolixo” é o que há de mais light hoje em dia, bando de mentiroso, carniceiro... é nesse nível. Eu to sentindo uma falta de credibilidade. Me dói porque eu não estou lá pra contar historinha não. A população brasileira não conhece o processo de fazer jornalismo, de apurar os fatos, de ouvir pessoas, sempre ouvir os dois lados, de estar embasado em documentos, a gente não acusa ninguém sem ter um documento, é um movimento muito preocupante de ataque à imprensa oficial, as pessoas acham que o whatsapp informa melhor do que muita coisa. Eu já fui xingada de tudo. Especialmente em situações delicadas, tipo enterro, as pessoas dizem "lá vem esses abutres", aí já tem gente empurrando cinegrafista, tá bem difícil. Eu sofro com a violência na rua porque as pessoas não fazem a menor ideia de que eu dediquei a minha inteira pra isso, que aquilo é o meu sonho de criança. Então elas não estão atacando a Vivian de carne e osso, elas estão atacando a coisa mais bonita que eu tenho dentro do meu coração que era: eu fiz isso pra mudar o mundo e cuidar das pessoas. Eu achava que eu fazendo jornalismo eu ia fazer justiça, eu achava que a gente ia mudar a vida de pessoas, que eu ia denunciar políticos corruptos e que tudo ia ser lindo, Então ela está atacando até um lado meu romântico e doce dizendo "o que você faz e uma grande bosta, nojenta..", e todo aquele meu romantismo infantil vai por água abaixo, aquilo que eu cresci sonhando fazer. E talvez essa pessoa também não saiba o quanto foi difícil chegar ali. Não é uma carreira simples, é disputadíssima, a gente se dedica demais, você não fala não pra chefe, aí vem alguém e menospreza seu trabalho. Eu realmente fico mal. Já chorei dentro do carro, sozinha. Lido melhor com assédio moral do que com isso. Eu acho que a gente vai chegar num ponto em que não vai fazer mais sentido executar a reportagem. E vou desistir. Mas tenho esperança de que as pessoas mudem.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Hoje a rotina é terrível. Eu me sinto cansada, eu me sinto ansiosa, me sinto muito acelerada, muito pressionada. A gente não pode fazer hora extra na [empresa atual], só que dentro daquelas 6 horas você tem que fazer o impossível acontecer. Eles

querem furar a barreira do tempo. Nas seis horas eles querem que eu faça deslocamentos absurdos, vai até Angra, grava um VT, vai em santa cruz, grava um boletim... e simplesmente às vezes é inviável. Você cai num trânsito e começa a ter taquicardia no carro porque você não está conseguindo chegar. Eu devia relaxar e pensar: "Estou aqui, não estou me negando a fazer, mas a pressão faz você pensar que você tem que resolver aquela situação do trânsito, driblar as diversidades para cumprir todas as tarefas. E são muitas. Eu estouro o horário para fechar off e tal, mas eu já libero a equipe. Passou de uma hora de hora extra tem que acionar a alta cúpula, é uma loucura. Só que o desgaste é uma loucura. É uma coisa de ficar olhando o relógio, olhando o relógio, administrar tudo. Você tem que controlar até a hora que seu cinegrafista vai fumar, você se torna uma pessoa insuportável. Aí você fica "se você fumar agora, não vamos conseguir fechar o VT, você não vai fumar. Aí você vira uma monstra para executar aquelas tarefas. Xixi não existe. Eu tive problema de bexiga, infecção urinária porque eu não tomava água. Eu pensava assim "eu não vou tomar água. Se eu tomar água vou ter que fazer xixi, e fazer xixi é impossível, então não vou beber." Eu já tive desidratação trabalhando. Fui parar na emergência, tinha feito operação a manhã toda, embaixo de sol, colete à prova de bala, pesado, sem comer muitas horas dentro da comunidade, aí voltei pra redação, aquela rotina de fechar o texto... eu me lembro até que tinha comido alguma coisa, alguém me trouxe (eu não podia parar pra comer, na [empresa anterior] tinha isso, vai fazendo o off que eu vou trazer algo pra você comer), mas de noite voltando pra casa eu comecei a me tremer toda, uma sensação estranha, coração acelerado. Na emergência eu disse que estava infartando, porque meu coração estava muito acelerado, meu rosto formigando, meus braços formigando, e passei a madrugada lá fazendo um checkup, e o medico me disse que eu estava com quadro grave de desidratação. E ele me disse; "eu acho que você está num quadro de estafa inacreditável". Aí fiquei a madrugada toda no hospital, não pude trabalhar, e ele me mandou repensar a minha rotina.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Demorei a entender a gravidade da coisa, da dimensão que ia chegar. A Record começou a liberar pessoas de risco, e as imposições, trabalhar de máscara, separar os microfones, e começou a ficar muito tenso trabalhar na rua. Eu sou uma pessoa carinhosa, que abraça entrevistado, que chora junto, que pega criança da favela no colo, e pra mim ficou surreal fazer jornalismo sem poder tocar nas pessoas. Ficou cada dia mais tenso trabalhar. Eu peguei covid, fiquei 15 dias isolada em casa, eu moro sozinha, meu namorado veio, trazia comida, frutas. Senti medo quando tive falta de ar, mas estava sendo monitorada por uma médica da [empresa atual] e liguei pra ela na madrugada. Fui orientada pra fazer a inalação antes de ir pra emergência. Fiz, me senti melhor, mas eu tinha medo de dormir. Tinha medo de morrer dormindo. Fui fazendo a inalação até me recuperar. Os dias mais críticos eu fiquei com medo de ser internada. Eu fiquei assustada, porque eu estava trabalhando de máscara e face shield, e usando álcool direto. Eu dei algum mole. Mesmo eu sendo PJ eles me pagaram todos os dias não trabalhados, eles foram bem humanos. Mas na rua ficou muito tenso. Tinha muito auxiliar que às vezes não queria sair do carro, alguém espirrava era um pânico, todo mundo com vidro aberto pq não podia ligar o ar condicionado do carro, bem complicado. Ainda é, mas depois que eu peguei

fiquei um pouco mais relaxada. Tem uma galera ainda bem paranóica, mas eu entendo, pq a maioria é pai de família, tem família em casa e medo de passar. As relações ficaram mais tensas, no dia a dia. Pra mim foi insuportável fazer link de máscara, a gente faz força para impostar a voz, e no meio do link eu fico sem ar, isso me deixa mal, eu ficava cansada e nervosa, mas agora já acostumei, já são muitos meses. A [empresa atual] aceitou que tinha x equipes e continuamos sem fazer hora extra. Teve uma demanda maior da rede, SP pedindo pra entrar na news, a rede queria mais o cenário do rio. Eu não entrei no cenário do rodízio porque eu estava com contrato de PJ, então eu não alternava. E depois eu fiquei doente. Mas os contratados foram divididos em dois grupos. Taparam muito o jornal com entrevistas do estúdio, eles entenderam que tinham que ter outras possibilidades para tapar aquele buraco. A [empresa atual] dá telefones, maquiagem pode maquiar lá, álcool em gel para retirar pra ir pra rua, máscara feita lá (as meninas sempre tem pra dar). Eu acho a [empresa atual] um sonho pq já passei por lugares abomináveis.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Eu tinha um chefe misógino ao extremo. Ele era uma pessoa que não brigava com repórter homem, mas por qualquer razão enfrentava uma repórter mulher dentro da redação. Ele era bastante agressivo. A colega ficou grávida, e ele se emputecia com isso. Ele dizia: "agora tenho uma repórter grávida que não posso mandar pra favela com colete. Então não quer ser repórter, não seja". Ele a tratava muito mal. Eu tinha uma postura combativa, e ele gritava muito comigo na redação. Uma das últimas discussões que a gente teve foi tão grave, tão grave, que ele colocou o dedo no meu nariz e me empurrou até a parede. Ele foi gritando com o dedo no meu nariz até eu encostar no vidro, e ele gritando. E eu disse: "eu só espero que você perca o controle e me dê um tapa na cara porque tem uma câmera ali. Eu aponte pra câmera. Ali ele se assustou e recuou, mas a gritaria foi tão grande que o jurídico foi atrás de mim no banheiro. Eu fui chorando até o banheiro, aí o pessoal do jurídico ouviu e foi atrás de mim no banheiro, e aí eu falei: "esse cara é um monstro, ele humilha as pessoas, ele diminui as pessoas, ele diz que ninguém presta, que ninguém sabe escrever, que a gente é burra, que a gente é preguiçosa. Eu às vezes trabalhava 12 horas por dia, e não me pagavam hora extra, e ele achava que eu reclamava à toa que eu estava cansada. Aí eu dizia que pelo menos poderia ter um banco de horas para a gente descansar um dia, e ele dizia que eu era maluca, que não me daria folga. Só que funcionário é um inferno também, né? Eu entrava no médico e pedia 10 dias de atestado. Só que com os homens não era assim. Repórter homem se recusava a ir pra pauta ruim, e ele não dizia nada. Ele era muito preconceituoso por mulheres. Eu saí de lá por causa dele, não aguentei. Estava esgotada depois de 10 anos, foi um processo muito doloroso. Eu comecei a pedir demissão em fevereiro, negociando pra eles me mandarem pq eu queria o meu dinheiro, com 10 anos de casa. Só consegui ser demitida em setembro. Foi um parto, só consegui com a direção de SP.

Hoje é claro que tem umas loucuras? Tem! Tem dia que eu saio 21h e tenho que voltar de 6 da manhã no dia seguinte, eu fico puta? Fico, pq eu to com sono e tal, mas aí você respira fundo. Hoje o que mais me maltrata é o horário. A gente não tem horário, você só sabe seu horário às 20h. Aí você sabe a escala do dia seguinte. Então pode ser a qualquer hora. Isso está me prejudicando porque eu queria fazer

um esporte, eu parei de dançar, eu fazia dança, ioga, eu parei de fazer. Estou com dores horróricas na coluna pq não faço uma atividade física.

- *Sente algum destes sintomas?*

memória ruim - está sentindo que está mais difícil decorar

sentimentos de fracasso e insegurança

negatividade não tem sentido mais porque diz que teve que buscar a fé no nível muito alto para tentar reverter isso. entrou pra igreja messiânica, é ministrante de johrei, atende as pessoas.

disse que tinha pensamentos negativos constantes sensação de que tudo estava dando errado

sentimento de incompetência - saída da rede tv ajudou muito. eu dizia: eu sou uma farsa, não sou uma boa jornalista. não dou conta, não sei fazer... eu achava que eu era uma merda, que eu não era repórter de verdade. quando mudei de emissora, fui tão elogiada, que minha auto estima foi elevada. hoje a cobrança me irrita. tipo, me respeita porque eu estou correndo contra o tempo, mas não penso que não sou capaz, penso que fiz tudo que deu.

alterações repentinas de humor não muito frequentes, tem que acontecer um gatilho sensação de isolamento - é tudo eu, moro sozinha

dores na coluna muito

problemas gastrointestinais - diarreias periódicas, pelo menos uma vez por mês. não sabe a causa, disseram pra ela que era emocional. passa em dois dias.

tem dores no maxilar, que trava.

alteração de batimento cardíaco - bastante

cansaço excessivo físico e mental - muito - mental então nem se fale

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Eu senti uma época que era inviável ser jornalista e morar numa casa de pessoas normais. Porque minha mãe acordava às 8h da manhã para aspirar a casa enquanto eu tinha trabalhado a madrugada toda. As pessoas não têm a menor noção. Com meu namorado, primeiro que eu nunca casei, né? a gente já tem esse impacto visível que é que eu nunca casei, eu sempre priorizei a profissão e não casei. segundo que eu não fui mãe, eu já tenho 40 anos. é complicado, eu tive uma perda de um bebê, foi bem complicado psicologicamente porque eu disse que eu não tinha condições de ser mãe, ou eu faço uma coisa ou eu faço outra. meu namorado ficou assustado e disse que uma coisa não poderia inviabilizar a outra, mas eu disse que não dava conta. ou eu sou jornalista ou eu sou mãe, eu não vou dar conta de ser as duas coisas, eu não vou com uma barriga imensa para a rua fazer link, já to avisando pra humanidade que eu não vou. então assim, inviabiliza. eu acho vocês incríveis pq vocês trabalharam grávidas, eu acho inacreditável. porque eu fiquei grávida 2 para 3 meses, e eu simplesmente achei que não ia conseguir. eu todos os dias acordava e pensava que eu não ia conseguir, to com enjoo, to com dor no peito. eu nunca contei isso pra ninguém. quando eu perdi eu pensei que não queria passar por isso nunca mais. entrei em pânico porque eu, na verdade, me deparei com a minha incompetência feminina, eu me achei incompetente como mulher. e você acha que essa sua incompetência feminina tem a ver com o jornalismo? acho. eu penso que ou eu vou fazer jornalismo ou eu vou engravidar. as duas coisas não dá pra mim.

Além de tudo, eu também não tinha o conforto de ter um companheiro que ganhasse bem e qualquer coisa eu pudesse terminar minha gestação em casa, pq ele ganhava muito mal, e hoje ele está até desempregado. E acho que no caso de mulher grávida, elas são perseguidas na redação. já teve gente que engravidou e foi demitida na sequência. então a pessoa na gravidez já está pirando "vou perder o emprego, vou perder o emprego".

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não tenho ajuda psicológica mas acho importante ter. E não tinha grana pra isso. eu acabei procurando pessoas na igreja porque ainda era de graça, e são pessoas muito sensíveis. Eu saía chorando da [empresa anterior] e seguia direto pra lá chorar. Eu chorava todos os dias. Teve um dia que eu saí, entrei no meu carro, eu não conseguia dirigir, liguei pro meu pai que nem uma criança de dez anos, e ele me disse pra pedir demissão que eu não merecia passar por isso, e eu chorava desesperada porque não conseguia achar caminhos.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Comecei a pensar em mudar de carreira esse ano, e pensei em fazer umas coisas bem radicais, tipo terapeuta holística. Pensei em ter um negócio próprio, um spa urbano, um lugar que ofereça coisas saudáveis, terapias alternativas.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Eu acho que ao mesmo tempo em que a tecnologia evoluiu e trouxe uma série de recursos, eu acho que uma certa faxina que fizeram nas redações, tiraram as pessoas mais experientes, as cabeças do jornalismo, fez com que o jornalismo ficasse muito raso. Essa coisa do achatar de salário trouxe uma precariedade intelectual pro jornalismo, assustador. Eu sinto saudade de quando eu tinha chefes na redação de 50 anos, 50 e poucos anos que eu achava que eles eram geniais, e eu pensava que eu queria ser como eles. Hoje eu não tenho referência em redação, Gabriela. E sabe qual é o pior: a molecada tá olhando pra mim querendo ser igual a mim, é mais triste ainda. Aí veio a tecnologia, que são ferramentas incríveis, mas a gente vê. um jornalismo bem raso, bem arroz com feijão. A produção sempre é ruim, parece um bando de marcador de consulta médica. A gente resolve muita coisa na rua porque o que vem antes nunca funciona. E tenho visto uma coisa ainda pior: as pessoas não escrevem. É triste. Eu pego a pauta, pego a caneta vermelha e começo a circular: cheio de erros de português.

Então o futuro do jornalismo eu não sei qual é, porque a gente tem uma redação que não escreve. Jovens que não escreve. Defasagem do ensino do Brasil é drástica, mesmo no particular. Temos um problema de ensino nessa geração que não tivemos no passado. A faculdade não vai contornar o escrever errado. Com essa coisa do corte de salários, começamos a lidar nas redações com pessoas que não estavam preparadas, e elas começaram a assumir cargos que elas não estavam preparadas. A pessoa chegou, era estagiário, estava lá na escuta e de repente virou produtor, mas ninguém explicou pra aquela pessoa como é ser produtor. E ele acha que é só pegar o telefone e marcar, ou então mandar uma mensagem pelo whatsapp. Ele não sabe a história da pessoa, ele não quer saber; ele quer marcar. E não tem chefe pra

ensinar. É muito trabalho, com alta velocidade, para pessoas experientes, então me sinto mal até de reclamar, pq eu achava que antes eu tinha que ir lá explicar. E aquele chefe de 50 anos não existe mais, ele foi dizimado.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Não tem, mas tb não tem tempo de buscar história paralela, buscar furos, pq tem que cumprir todas as tarefas do dia. Eu nunca trabalhei na Globo, acho que é o único veículo onde eu não trabalhei, então não sinto essa pressão. Porque as outras emissoras elas correm atrás da Globo, né? Fica todo mundo esperando a Globo dar, aí sai todo mundo correndo. Aqui a [empresa atual] até tenta ter pautas diferentes, ter exclusivas, mas eu sinto muito isso, eles dissolveram o núcleo que tinha aqui de produção que tinha uma galera mais competente para cavar coisa, sabe? Eles dissolveram esse núcleo, mandaram umas duas pessoas que tinham salários altos embora e a gente hoje replica o que está acontecendo na cidade e vambora, é isso. Eu tenho a sensação de que eu trabalho em cima do factual e ninguém nem pensa “ah, não, vamos trabalhar aqui para conseguir uma exclusiva”. Eu tenho a sensação de que eu trabalho em cima do factual, vou, volto e está ótimo, entendeu? Está excelente, todo mundo bate palmas e tá ótimo.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Eu acho que no Rio de Janeiro a situação salarial é mais grave do que em outras cidades. Realmente, o retorno financeiro diante da dedicação das pessoas, da carga horária, e do risco de trabalhar no Rio de Janeiro, que é também uma situação mais arriscada do que trabalhar em outras cidades, não compensa. Realmente até me surpreende que as pessoas aceitem ganhar tipo 3 mil reais, pegar um colete à prova de balas e sair para trabalhar, entendeu? Eu realmente fico até chocada com essa situação. Mas é uma situação que existe no mercado, as empresas foram enxugando, enxugando, enxugando, e a molecada sai da faculdade e quer trabalhar, então aceita o que vem pela frente. Eu vivi muito essa rotina na Rede TV que chegou num ponto que eu reparei que os funcionários da rede tv, exceto eu e um outro repórter mais antigo, aqueles funcionários só existiam porque eles moravam com os pais porque se elas não morassem com os pais elas não sobreviveriam com o salário. Então você perguntava para a maioria da redação, eram jovens, formados há poucos anos, e moravam com os pais. E um outro exemplo que salvava, às vezes, uma ou outra menina que casou numa situação boa, entendeu? Então aquilo poderia sustentar o tal do sonho de ser repórter. Então você vê que a profissão ela não paga mais. Eu tenho essa sensação de que realmente não é compensatório e para muita gente, eu ainda me seguro, eu tenho um salário melhor que a média aqui no Rio, porque a Record paga melhor. E também quando eu fui efetivada eu dei uma negociadinha, disse que as coisas estavam muito apertadas, que eu morava sozinha aqui no Rio e tal, e eu consegui uma situação um pouco melhor. Nada que eu diga que eu vivo tranquila, mentira, eu vivo na ponta do lápis, e vivo diminuindo gastos e diminuindo contas para tentar viver. E diante do meu esforço e da minha dedicação, eu merecia ganhar muito mais mesmo. O que eu sei é que em São Paulo pagam melhor, eu recebi proposta para ir para São Paulo, e São Paulo é quase o dobro, tem empresa que paga 15 mil reais, e aqui a gente continua neste sofrimento aqui.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Odeio, odeio, tenho vontade de matar essas pessoas. Aquelas pessoas que estão totalmente precarizadas e se achando o máximo são as pessoas que estão acabando com o jornalismo porque ninguém pode fazer tudo, é inviável, algo vai ficar mal feito. É uma profissão difícil pra caramba, aí você fica assumindo a responsabilidade de outros, que é você se tornar o cinegrafista, se preocupar com a imagem e o áudio, dirigir o carro, e pra ganhar 3 mil reais. O otário faz isso pra ganhar 3 mil reais, dá vontade de mandar ele trabalhar na padaria que é mais light. Não, mas acha o máximo, acha incrível, o cara da imprensa, aí chega de uber, com o tripé nas costas, e me pergunto onde isso vai parar. Porque para as empresas é confortável demais, eles acham maravilhoso. Na rede tv a gente ia de uber. Se não tem cinegra, faz com celular. Os novos cinegrafistas, chamados AMADORES, o cara vai lá grava, faz sonora, pergunta, e entrega todo o material na redação por cem reais!! E ele é terceirizado, não tem vínculo, fornece material pronto por uma diária de 100, 150 reais. Tem um monte dessas pragas, não é jornalista, é assustador. São uns meninos que saem de moto pela cidade com uma câmera na mão, eles fazer pergunta, entrevista. No SBT tem 3 desses, e a redação dispara. Quando eu fazia rede no SBT, eu esperava o cara gravar tudo, ele chegava, o editor decupava e eu fazia o off e a passagem. e tudo isso por uma diária de 150. e o cara as vezes ainda me perguntava qual pergunta queria que eu fizesse. E agora que vai começar campanha política, eles já estão contratando os amadores pra seguir os candidatos.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu acho que vai piorar. A tendência é o repórter fazer tudo sozinho. Eu questiono a qualidade do nosso material e a crise de credibilidade que já vivemos. Como queremos diminuir a qualidade diante desse cenário? O dinheiro vai falar mais alto, e vamos ter jornalistas fazendo tudo. Eu não quero, já botei na minha cabeça que não vou sair com tripezinho na mão. Estamos sem rumo. Se vc me disser que o trabalho é bem feito com a pessoa fazendo tudo sozinha? Não dá. Capaz de ter muito mais erro, e a gente vá ser ainda mais questionado pela falta de qualidade. O jornalismo vai ter que se reinventar. Acho que está bem ruim mesmo, e a tendência é piorar.

Entrevista 11:

Entrevista repórter de rádio- 25 anos - Pouco mais de um ano como repórter

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

É fundamental, não só em relação a esse momento de pandemia, mas em relação a todas as mudanças, a política mexe com tudo, então a gente está vivendo numa era de transformações. E o papel da pessoa que explica essas mudanças, que passa as informações, aquilo que ouvimos na faculdade de que somos um dos poderes, nunca fez tanto sentido como está fazendo agora, e eu me vejo neste papel, é uma das coisas mais importantes. As pessoas contam comigo para saber das coisas que podem até mudar a vida delas. Então eu carrego comigo uma importância imensa da nossa profissão e carrego comigo esse papel de ajudar na formação de opinião, tem a questão da forma isenta, que aí eu já descobri que não existe. Rs.

- *Rede social, como vê?*

Eu vejo como uma função como uma função a mais de trabalho. Facilita para a empresa, facilita para a imagem dela, para ela alcançar mais pessoas. Para o funcionário é só mais um trabalho. É uma coisa que é levada a sério. Não é uma coisa assim: "ah, você vai lá e posta". Não, tem que ter uma pessoa para esta postagem, sabe? Tem que ter um profissional voltado para isso. E tem cursos e qualificações para a pessoa atuar dentro daquilo ali. Então acho que essa é uma especificidade dentro do jornalismo. E precisa ter profissionais só para isso, e não usar o mesmo, que faz o texto, que entra ao vivo para poder também se dedicar a mais essa ferramenta, que é o futuro, na verdade.

Eu não faço essa postagem, mas eu sou obrigada a fazer os vídeos. Obrigada não no sentido de que a minha chefe vai ligar para dizer "tem que fazer". Não, mas se você não faz fica aquele olhar estranho, tipo, "hummm". Sabe? Você se sente coagida. Eu vejo isso acontecer muito com os colegas que são de tv e de rádio, e precisam fazer o conteúdo para o online, o texto, etc. No momento em que estou no quebra queixo, entrevistando, eu estou preocupada em fazer as perguntas, mas não posso estar preocupada só com isso e com a captura do áudio, eu tenho que pensar na pergunta, conseguir captar o que o entrevistado está falando, e gravar vídeo com a outra mão, ou tirar foto, e tudo mais, porque é uma obrigação, é mais uma função que nos foi dada.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Não, não como, não descanso... haha Da minha natureza já sou muito ansiosa e pilhada. Eu tenho uma questão de entender que da onde eu venho, pessoas como eu, é muito difícil chegar onde está, questões de privilégios, enfim. Então eu me cobro muito, preciso dar conta de absolutamente tudo. Porque não vou ter outra chance dessa, é mais ou menos o que passa na minha cabeça. Eu quero dar conta de tudo e me sinto muito ansiosa. Por exemplo, eu entro meio-dia, uma hora, eu começo na apuração, começam a me chamar a partir desse horário. Então eu preciso antes desse horário saber tudo que está acontecendo. Sabe? Lendo tudo, pegando tudo que eu acho que vai render para a minha apuração. Então eu começo a minha rotina de trabalho muito antes do meu horário. Tem uma hora de pausa? Deveria, né? Eu não consigo tirar esse horário de pausa porque na hora que eu paro para almoçar é o horário que a chefia continua falando comigo, os assessores continuam falando comigo. Eu tenho que parar de comer, ou vou comer e falar com aquela pessoa porque eu vou precisar depois, então eu tenho que dar conta. Então eu fico muito ansiosa. Na teoria são 8 horas, mas na prática são mais de 10 horas de trabalho.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Olha, março, abril e maio eu ainda estava na rua. Eu fui uma das últimas a deixar de ir para rádio porque eu já tava na apuração, e na apuração precisa entrar toda hora. e aí como é que eu ia entrar toda hora? Então eles ainda não tinham planejado

como é que iam fazer essa estrutura né, em casa? Aí eu fiquei indo para rádio, pegando trem, eu em Nilópolis e a rádio no Centro. Eu morria de medo, até que cheguei para a minha chefe e disse: olha, se vocês não pensam em mim, pensem em pelo menos quem está na redação, porque eu pego trem e tudo mais. Aí eles decidiram que eu ia andar de uber, mas continuei no mesmo risco do uber, e aí a redação estava vazia, e eu me sentia sozinha, muito estranha.. Eu me perguntava por que só eu estava correndo aquele risco. Aí depois, eu vim para casa. E quando eu cheguei em casa foi horrível. Eu pensei que preferia ir para lá para a rádio . Porque tudo que era Baixada ficava comigo, e era onde tinha aglomeração, eu tinha que ir ao hospital, estações de trem, pegar sonora dessas pessoas. Na época, ainda não tinha essa coisa do uso obrigatório de máscara, na época nem podia, a orientação era não usar. Eu não estava usando. Uma situação que foi a gota d`água. Fui a um hospital de Caxias e entrevistei uma senhora que buscava a vacina da gripe. Nisso, ela deu um tossindo na minha cara, e disse que estava sentindo dores no peito, que estava cansada, aí eu saí correndo e na mesma hora eu mandei mensagem para minha chefe horrorizada. Cheguei em casa e falei: "Mãe, não fala comigo, não chega perto", fiquei desesperada com minha mãe porque ela é do grupo de risco, teve câncer recentemente, isso mexeu muito com meu psicológico e depois desse episódio eu passei a ficar em casa direto. Fiquei muito angustiada, fiquei muito incomodada, ansiosa, não conseguia dormir, tive muitos pesadelos por causa disso, com medo de passar para alguém. Meu medo maior era passar para alguém, e nessa mesma época uma tia minha morreu de covid. E eu fiquei muito mal, muito mal. Falei com as pessoas do trabalho o que tinha acontecido, não rolou nenhuma comoção, mas para mim foi horrível, fiquei muito mal no início. Então quando eu estava na rua, ainda tentando entender, eu ficava ansiosa, preocupada, mas depois que eu fiquei trancada em casa, fiquei apavorada com as notícias porque passei a prestar mais atenção ao que estava acontecendo, as pessoas mandavam direto para mim o que elas estavam passando.

O trabalho aumentou horrores, porque a gente faz tudo daqui e falta estrutura. um problema que eu tive, na verdade estou tendo. eu desenvolvi um problema na coluna, ganhei uma hérnia de disco cervical por causa da falta de estrutura para trabalhar. eu não tenho uma cadeira adequada, uma mesa com uma altura adequada, computador, mouse, teclado, e fico muitas horas na apuração. Porque quem está fazendo reportagem pode fazer do sofá, da cadeira, da cama, da onde ela estiver, pode digitar do celular, apurar dali, e ela vai entrar no máximo 2 vezes, se for muito polêmica vão ser 3. E acabou. Ou vai fechar ou outra pessoa vai assumir. Eu na apuração não. Tenho que entrar a cada 15, 20 minutos. Então além da ansiedade de ter que ter algo novo para entrar, e nao posso nao entrar, tenho que ter algo para entrar. E tem que ser novo, e tem que ser relevante. Eu não consigo ir ao banheiro porque eu vou entrar daqui a 20 minutos. Não, tenho que ver o que está acontecendo, arrumar uma nova nota, é muita ansiedade. Então, eu fico aqui parada neste lugar o dia inteiro. Para eu ir ao banheiro às vezes é difícil, vou pegar uma água correndo e volto. Minha mãe fica: "o que é isso? O que está acontecendo?". Eu sinto que a pressão é muito grande porque lá na rádio, mesmo na apuração, é diferente, tem aquele contato visual, dá para você sair, dar uma volta... aqui não, eu fico esperando a mensagem da âncora me chamar. Quando que ela vai mandar essa mensagem? E a questão da estrutura mesmo, que está me causando esse problema na coluna, e também a questão de ter que gravar.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

Celular (apura do telefone dela mesmo), Computador, internet
 Eu trabalho na apuração, mas também fecho matéria, de rede, local, etc. quando eu acabo de apurar, não sei como é que eu faço isso, vou lá para o meu guarda-roupa, gravo dentro do guarda-roupa para gravar a matéria no meu celular e depois eu trago o meu computador, jogo aqui, abro os áudio no sound forge, que é uma bosta no meu computador, porque é um notebook, não é estruturado para ter um programa de edição, aí demora 300 horas para fazer um corte...olha, é muito estressante, fora que o acesso remoto é bem instável, depende do sinal da minha internet. Aí quando cai tem que esperar um tempão para abrir... teve uma vez que a minha internet deu pau, roubaram o cabo da internet, e eu fiquei sem internet por 3 dias, e tive que ir para a rádio para trabalhar de lá. E a gente fica naquela coisa: "ah, meu Deus, é um problema que eu estou causando, que dor de cabeça". Eu tentei até ver com uma tia para ver se eu conseguia trabalhar da casa dela, para a rádio não mandar motorista aqui para me buscar mas não rolou. Eu tenho muito de culpa.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Primeira coisa que vem é verbal, é o assédio moral. Já sofri. Já me senti um pouco perseguida. A pessoa presta atenção em absolutamente tudo que eu falo, que não são erros, que são só opinião. Se você tem uma chefia que te diz que assim não ficou legal e te dá uma orientação em outro sentido, beleza. Vida que segue, talvez seja algo daquela organização. Mas as vezes é coisa que é só: "não acho que fica legal". Teve uma época que isso acontecia todos os dias. Uma mensagem diferente tipo "não está legal assim", e eu sei que não são erros, a pessoa acha que é melhor assim ou assado. Isso me fez muito mal. Isso me fez sentir perseguida, achei que era a próxima da lista a ser riscada, fiquei cheia de dedos, não consegui impor o que eu acho. Também já aconteceu de eu chegar para um superior meu e a pessoa me ignorar totalmente, e mandar um "SHHH", pra mim, tipo: "tô ocupado, shhh". Eu não acho que isso seja normal, isso mexe muito com o psicológico da pessoa que é respondida dessa forma, se sentir menor, diminuída... Acontece muito de ser xingada na rua e diz que isso lhe afeta muito. Dá uma raivinha, um sentimento ruim, principalmente de autoridade, por ex, o próprio prefeito (Crivella), governador (Witzel), quantas vezes, "ah, [empresa atual]", e jogar uma piadinha para mim, já aconteceu várias vezes e eu ficar bem chateada, na frente de todos os colegas. Na rua é onde mais acontece. Pessoas normais xingam porque é do grupo globo, porque é repórter, é um bando, e eu só tento ignorar. E depois eu faço uma meditação quando chego em casa, sou religiosa, católica, no mesmo momento em que eu recebo uma palavra dessa, eu penso: "senhor, tira isso do meu coração", eu apelo para a fé mesmo. E não respondo, já até respondi gente normal, autoridade, mas só num dia que eu estiver sem paciência mesmo. Mas faço ioga, faço meditação diariamente. Em casa não tem acontecido.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Não recompensa. Sinto uma desvalorização tremenda. Me sinto mal, desesperançosa, desmotivada, assim engraçado que eu já pensei em algo do tipo "ah que bom, eles vão acabar me escolhendo para alguma coisa porque, cara, eu sou mão de obra barata, qualquer salário mínimo tá bom pra mim, eu quero é crescer.. Já cansei de pensar assim. Eu trabalhava numa prefeitura, tinha meu

horário certinho, ganhava mais, e resolvi ir como estagiária da [empresa anterior]. Aconteceu a mesma coisa quando fui para a [empresa atual] . Fui para a [empresa atual] ganhar a mesma coisa que ganhava como estagiária da [empresa anterior]. Na verdade, até menos um pouco.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental
 insônia
 dificuldades de concentração
 sentimentos de fracasso e insegurança
 negatividade
 sentimentos de derrota e desesperança
 sentimentos de incompetência
 alterações repentinas de humor
 dores de cabeça
 problemas gastrointestinais
 alterações de batimentos cardíacos
 dores de cabeça frequentes

- *Tem bom relacionamento com gestores? Tenho.*
- *Seu sono é bom? Sono ruim. Acho que é uma soma de coisas.*
- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Nas matérias que eu faço terríveis de polícia e já cheguei a sonhar e ter pesadelos relacionados com aquilo que eu noticio. Sinto muito com isso, mas não em relação a plantão.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Eu acho que sim. Eu vejo por mim por isso que eu disse mas quando eu tô na rua também vejo muito dos colegas o que eu mais ouço é queixa, tipo não tem onde a gente ficar, aquela coisa da rua né, não tem carro para levar e buscar, tem que pegar carona com colega, de não ter celular, da pessoa fazer com celular dela, de entrar com celular dela, e se tiver algum problema, se cair, a culpa é dela... problemas de estrutura mesmo. O acúmulo de funções que tem ocorrido é uma tendência a precarizar. As pessoas de tv, por exemplo, fazem tudo sozinhas.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

É o que eu tenho, é o que eu tenho. Quando eu tô te falando assim todos os problemas, quando eu tô lá cobrindo o presidente eu falo assim: "Tô cobrindo o presidente, sabe? Me mandaram para lá, a pauta é minha". E aí eu me sinto a heroína da parada, eu tô dominando o pedaço. Olha onde eu cheguei", eu vejo aquilo como

algo grandioso mesmo, eu me sinto grande. Se eu cobrindo algo de grande repercussão, incêndio no Badim, sei lá o que, se eu tô no lugar dando as informações da principal notícia do país, para mim isso é o máximo. Eu tenho essa romantização, e acho que muita gente tem, até quem está cansado e tal. Eu acho que o grande lance da nossa profissão é a romantização mesmo, é o que tem ali, sinceramente.

- nunca pensou em mudar de carreira
- não faz terapia mas acha que precisa
- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Existe a cultura do furo, com certeza. Me sinto pressionada por isso sim. E na apuração ainda mais, porque a notícia parte de mim. E a partir do que eu dou, aí os repórteres seguem para fazer matéria e tal. Mas num primeiro momento é comigo. Então se todo mundo for e eu ficar para trás, eu me sinto o coco do cavalo do bandido. E quando eu consigo algo, por menor que seja, isso é algo que eu vejo reconhecimento da chefia e me sinto bem.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Estamos numa grande piscina de incertezas, de desvalorização, a gente trocou a imagem do herói pela do culpado. Somos os culpados por existir pandemia, somos os culpados de um impeachment, de faltar vacina, de um monte de gente doente. As pessoas veem a gente agora como um grande vilão. Isso se mistura em relação a violência na rua. Falando num geral, eu vejo mais de uma forma negativa. E vejo também que a gente está num momento que ou a gente muda agora, e eu acho até que a gente está tentando, ou vai piorar de vez. Mudar no sentido de entender a nossa importância e nosso papel e passar isso para as pessoas, não só os jornalistas, mas as empresas de comunicação, porque a gente está obedecendo a elas de alguma forma, ou a nossa imagem vai ficar cada vez mais desgastada com as pessoas. Vejo isso de uma forma mundial. Fake news, todo mundo é repórter, todo mundo dá notícia, ou a gente pega esse bastão e diz: “É meu”, ou então o bagulho vai afundar de vez.

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Não é boa não. No home office é difícil por essas questões que eu já trouxe, e quando é na rádio eu sofro muito com a questão da distância, já chego lá cansada, por causa do transporte, horário, o medo da violência urbana, é algo que mexe com qualidade de vida, com o sono, para eu estar lá tenho que levantar tantas horas antes, resolver tantas coisas antes, para chegar no horário e isso mexe muito com qualidade de vida, e por isso que eu não consigo separar meu trabalho da minha vida pessoal.

Entrevista 12:

Entrevista repórter de agência de notícias e portal da internet - 40 anos - 22 anos no jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O papel do jornalista embora seja importante, ele está cada vez mais subjetivo e menos pragmático. Em 2018 achávamos que o papel da grande mídia ainda era importante para definir os rumos do país, o jornalismo passou a ser mais uma ferramenta, mais um fio condutor para a sociedade de maneira geral. Isso de certa maneira criou rachas, divisões, criou polaridades, divergências, mas ainda assim, acredito que essas turbulências continuam sendo canal de credibilidade, mais do que só informação. Mas não dá para negar que deixou de ter aquele papel decisivo, o leme, o norte, de uma sociedade, de uma cidade e de um pensamento. Acho que o jornalismo já teve um papel mais relevante, mas não perdeu o seu charme, não perdeu seu glamour, sua importância. Mas a gente precisa de um pouco mais de tempo para entender quem é que vai moldar a quem: se é a sociedade ao jornalismo, ou o jornalismo à sociedade. A gente vive momentos difíceis em que se coloca em xeque todo dia, toda hora a credibilidade, o poder de alcance ou até mesmo a fidelidade do jornalismo.

Meu papel diário como jornalista tem sido mais de levar a informação correta, precisa e sem viés, é o que a gente tenta, a gente não pode esquecer que a gente trabalha para veículos de comunicação que têm as suas linhas editoriais, os seus pensamentos, mas na minha função como repórter, não sou analista nem cientista, tento ser o mais próximo da realidade, dos fatos possível para que eu possa criar, nesse cardápio de opções que as pessoas tem de se informar, um canal de acesso, de credibilidade, para que seja apenas mais uma ferramenta. Não tenho a ilusão de que o jornalismo vá mudar o mundo, mas também não acho que os problemas do mundo tem a ver com o jornalismo. Então, no meu dia a dia, tento ser o mais fiel possível. Às vezes tem uma escolha de sofia, porque entre uma notícia extremamente precisa e não compreendida, eu prefiro que ela seja ligeiramente imprecisa, mas de maior alcance, maior entendimento por todos.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

A minha rotina é um pouco diferente pelo fato de eu trabalhar para dois veículos, e dois veículos que tenham formas de pensar parecidos, tem formas de comunicar diferentes. Uma rádio que agora virou televisão, tv na web, que é a Jovem Pan, e a outra é a Reuters, onde eu escrevo texto. Então partindo desse pressuposto de que eu tenho duas fontes empregadores e duas fontes pagadoras, eu trabalho em uma sucursal no Rio de Janeiro, talvez a minha rotina seja mais louca do que já é uma rotina e um jornalista. Basicamente, eu durmo trabalhando, eu acordo trabalhando, e às vezes eu sonho com o trabalho. E o mais louco de tudo: quantas das vezes eu já sonhei que estava atrasado para uma pauta, que eu estava fazendo entrevista com o ministro não sei das quantas, com fulano de tal, e de acordar no meio da madrugada e pensar que aquilo tudo era realidade. Então, à medida que o tempo vai passando e você vai ficando mais experiente, você tenta concentrar e canalizar a sua energia efetivamente para o momento em que você está trabalhando. Mas como

no meu caso eu estou sempre trabalhando, eu acordo trabalhando e durmo trabalhando. Acordo às 6 e pouco da manhã e vou dormir tipo as 23h, 0h, e se tiver alguma coisa relevante, não basta ser algo só do Rio de Janeiro porque as apurações são de Brasil, isso torna a minha rotina um pouco pesada, cansativa e muito cobrada em casa. Tipo, o celular você não larga, você não larga o telefone, você não despluga, não desconecta. Eu lá atrás quando me formei na PUC, ouvi de muitos professores que o jornalismo é uma cachaça, eu via mais o lado glamouroso do jornalismo do que o lado sacrificante de doação do jornalista em si. Então hoje eu entendo essa história da cachaça porque quem gosta acaba viciando e mergulhando de cabeça, mas se a pessoa tiver 5 minutos, 50 minutos na semana, 5 horas no mês e conseguir olhar para o lado e amplificar a visão de onde ela está mergulhada, vai fazer uma série de reflexões. E esse momento é o que eu to tentando viver para, se não tornar a minha vida como jornalista um pouco mais saudável, pelo menos ser menos desgastante porque isso acaba envolvendo várias pessoas, mãe, pai, mulher, filhos, as pessoas que te cercam porque infelizmente, por exemplo, dia das mães, dia dos pais, está escalado para trabalhar. Aí fazem o almoço um pouco mais cedo, ou esperam mais para servir o almoço porque o Rodrigo está chegando ou tem que sair... Exige ser jornalista, para você ter um núcleo familiar, ou pessoas que já tenham vivido essa experiência ou vivem, ou tem que ser pessoas de coração e mente muito bons, abertos para entender que é uma profissão diferente, sui generis, como um agente de segurança, um profissional da área médica, porque não dá pra se planejar.

Na verdade eu só perco a minha rotina quando eu saio de férias. Sábado, domingo, feriado, eu tô em casa e parece que o celular me chama, e às vezes é até involuntário, você pergunta na segunda para uma fonte sobre determinada coisa e ela só vai te responder, 4, 5 dias depois. Às vezes é naquele momento em que você está jantando com a sua família. Ou no aniversário do seu filho, de casamento. Você tem que ser muito amado e compreendido para estar inserido neste ambiente jornalístico.

Isso eu aprendi a controlar um pouco mais. O meu problema com o banheiro é que como trabalho na rua nem sempre tem banheiro para ir. Alguma rotinas eu tive que incluir na minha rotina de jornalista meio que a "fórceps", sabe gabi, para que eu justamente não ficasse permanentemente no submundo, mergulhado, no subterrâneo porque entendo que aquilo não faz bem, você precisa ter válvula de escape. Tenho pouquíssimos amigos jornalistas porque eu conheço muitos médicos, eles vão falar de medicina do couvert à sobremesa, ao cafezinho em um jantar. Talvez essa seja uma defesa que eu tenha construído dentro de mim mesmo que é ter menos amigos jornalistas e mais amigos normais, para que eu possa desconectar, respirar novos ares, trocar novas ideias, enxergar várias visões. O jornalismo tem isso de girar em torno dele mesmo. A gente fala para fora, mas tem aquela história do círculo dos coleguinhas, e aquela discussão que acaba se tornando um debate que acaba se aprofundando, e aí lá se vai um maço de cigarro, lá se vão vários engradados de cerveja... então quem tem uma carga horária de 6 e pouco da manhã até 23h, em tese não tem uma boa alimentação, mas eu tento me alimentar bem. Criei dois hábitos, fora da pandemia, eu consigo, independente do que esteja acontecendo, jogar futebol às terças à noite, e correr no calçadão aos finais de semana. Ali é o momento em que vou estar interagindo com a natureza, desconectado da notícia e fazendo bem a mim mesmo. Mas quantas vezes eu não estava correndo ali na orla do Leblon e Ipanema e me deparei com Paulo Guedes, e meu lado jornalista falou mais alto e troquei umas ideias com ele. É aquela história: jornalista não deixa de ser jornalista nunca, vai estar sempre com a antena

ligada, mas diante de todas estas loucuras que se apresentam, eu introduzi essas rotinas. Eu não fumo e bebo socialmente.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Sim, cobri direto e reto. A gente não pode negar que o invisível sempre colocar mais medo do que o inimigo que você consegue monitorar e enxergar. Os primeiros meses de pandemia foram de pânico e pavor. As informações eram truncadas, no imaginário das pessoas era de que o Brasil era um país abençoado, que não ia acontecer nada demais, que era só do outro lado do mundo, como se não houvesse interação, mobilidade das pessoas. Na TV, tivemos um presidente negacionista e que até agora continua minimizando os efeitos da pandemia. Foi um momento difícil porque as empresas tiveram que se readaptar. Agora, eu não deixei de ir para a rua um único dia da pandemia. O que efetivamente mudou foi um maior zelo, orientações e recomendações, principalmente da [empresa atual] que é uma empresa mais mundo, do que da JP. No início até a orientação da [empresa atual] era não sair de casa até que eles entendessem o risco para cada funcionário. Um, dois meses depois, estávamos mais preparados com luva, com óculos, máscara, protocolos rígidos, com documentos para assinar toda vez que ia gravar na rua. Assinar que estava fazendo aquilo devidamente munido, protegido, correndo o menor risco possível. Eu adotei, sem as empresas saberem, uma estratégia minha nessa pandemia. Tenho um cinegrafista que anda comigo e eu tenho um filho pequeno e temos pais idosos, então combinei com ele: locais abertos, de preferências ensolarados, e com o menor contato físico possível com terceiros. Então a gente fazia as externas com o cenário da paisagem do Rio de Janeiro ao fundo, mas com as apurações feitas pelo telefone, para evitar contato físico e diminuir os riscos. E temos conseguido fazer isso até hoje. Alguns momentos, tipo factual, incêndio em hospital, você tá lá, mas eu sou o tipo de cara que está sempre falando para os colegas "cuidado com aglomeração, coloca a máscara", etc. Principalmente os mais novos, gostam de abraçar. Conheço muita gente que perdeu parentes, inclusive amigos jornalistas. Então eu disse para a empresa que pra eu continuar nessa batida, de ter que entrar todo dia, toda hora, eu ia entrar de locais neutros e seguros.

Aumentou muito o trabalho. Até bem pouco tempo atrás, trabalhar de casa envolvia até um certo preconceito, tá na molezinha, tá de casa, e eu acho que as pessoas dizem que se está em casa é porque está disponível. Se você tivesse na sua empresa, você teria uma hora de almoço, um intervalo para ir ao banheiro. E aí eu não falo só de mim, eu vejo as pessoas tendo que se tornar cada vez mais disponíveis, acessíveis não importa a hora, não importa o dia porque está em casa, como se em casa você não tivesse afazeres e compromissos, e como se trabalhar de casa não fosse um trabalho completo, fosse um meio trabalho. Acabou que as empresas tiraram uma certa casquinha, uma certa vantagem dessa situação.

- *O que é violência no trabalho para você? (aqui imaginei falar não só nos tópicos relacionados à precarização do trabalho, como também violência nas ruas, insegurança para trabalhar, agressões de pessoas comuns, etc)*

A marca dessa pandemia é a violência na rua. As pessoas ficaram mais enfurecidas, raivosas, principalmente aquelas que não acreditavam na força do vírus. Violência física nunca sofri, até pq trabalho para veículos com linhas editoriais diferentes. E até a [empresa atual], como tem se aproximado do governo, tem gente que vem, tira foto, diz que até que enfim tem um veículo para confiar, etc. Mas por outro lado há aqueles que ficam indignados com este tipo de postura e xingam, tentam desconcentrar nossas entradas ao vivo, ameaça, "você é um vendido, é pago pra falar aquilo", foram momentos tensos principalmente entre o começo e o pico da pandemia, onde havia muitas perguntas e poucas respostas. Eu não brigo com ninguém, e meu cinegrafista é grande, então tudo bem. Acho que faz parte do jogo. O que eu acho que falta no Brasil ainda talvez é a maioria das empresas de comunicação deixar bem claro que linha editorial vai seguir, isto é feito de forma subliminar, de forma velada, e isso dá margem para discussões sobre se a informação é verídica, se o veículo é comprado, ou algo do gênero.

- *Já sofreu assédio moral?*

Sempre tem um chefe um pouco mais exaltado, um pouco mais estressado. As principais ameaças que eu já sofri foram por causa das matérias que eu fiz. De pessoas que se sentiram atingidas. Tem cerca de dois anos eu fiz uma matéria sobre o Flamengo, que gerou até um processo na justiça contra mim que estou respondendo até hoje. Eu fui vítima do radicalismo das redes sociais, fui linchado, de forma tsunâmica, coordenada, organizada, a ponto de eu perder noites de sono, com base em fontes e documentação, mas não poderia expor as fontes porque elas tinham interesses em acordos de delação. Mas foram momentos bem difíceis, de eu perder o sono, emagrecer, talvez tenha sido o momento mais estressante da minha vida profissional, você se sente encurralado nas redes sociais, aí começa uma perseguição e eles vão até o limite para saber até aonde você suporta e se você vai reagir. A minha reação foi o silêncio em certo sentido, eu não deixei de postar, mas deixei de retrucar esses grupos que eu via que estavam coordenados para me atacar. Isso tem dois anos, e até o primeiro semestre deste ano houve uma perseguição feroz, que em alguns momentos, eu pensei que mais um passo à frente eles estariam ameaçando a minha vida, porque eles mexiam com as emoções das pessoas, o que é algo bem sensível. O processo está correndo na justiça, mas eu não recuo em nada que eu disse, mesmo que a justiça diga que eu esteja errado. Não vou pedir desculpas, estou fundamentado, não sou especulador. Eu emagreci, ganhei cabelos brancos, tinha pesadelos, achava que mais dia menos dia, um grupo, uma torcida organizada poderia entrar na minha casa, fiquei paranóico, achei que estava sendo perseguido, até pensei em tirar meu filho da escola, ou contratar um segurança. Conversei no trabalho porque eu estava me sentindo acuado. Eu cheguei num dia que eu estava no limite do estresse. É difícil você falar a verdade, e ser taxado como bandido, irresponsável. E num dia desses, antes da pandemia, que eu tinha que manter minha rotina e conviver com essa realidade, eu cheguei a pensar que alguém ia meter e entrar para acabar comigo ou com a minha família. Um dia eu cheguei a dormir com uma faca do lado da minha cama. Pensei que tinha que proteger a minha família. Minha mãe e minha sogra fizeram promessas, rezaram terços, foram momentos muito complicados. Ao que parece estão passando, mas a agente nao tem certeza porque a rede social é muito cruel.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Ah, a gente sempre acha que está ganhando mal. Eu acho que o jornalismo, em termos financeiros, tem se deteriorado ano após ano. Ainda tem aquelas figuras que são pontos fora da curva, mas estão cada vez mais espaçados. Se você perguntar sobre o volume de trabalho que eu tenho, com certeza eu deveria ser menor remunerado. Não me enquadro nos grandes salários, mas não estou também entre a galera que come grama, e são muitos colegas, até de gabarito. Em qualquer profissão, quanto mais experiência e bagagem você costuma ser mais valorizado (mas ainda tem preconceito com as pessoas da terceira idade), mas o jornalismo é cruel porque ele inverte essa lógica. E ser um pouco melhor remunerado representa mais risco do que vantagem. Vantagem no curto prazo. Mas o tomador de decisões vai olhar para a planilha e não vai querer saber se você deu 100 furos, se tem o melhor texto, melhores fontes, ele vai ver quantos zeros tem lá na planilha dele.

6 - EQUIPAMENTOS SÃO TODOS DA EMPRESA. Mas volta e meia acontece um problema e você acaba lançando mão do seu próprio equipamento. Jornalista tem muito daquilo de resolver pra ontem, então você usa o seu.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental

insônia - estou dormindo menos não sei se é por causa do estresse

dificuldades de concentração - tem dificuldades em locais com muito barulho, muito distúrbio

negatividade - sim, em relação à profissão

sentimentos de fracasso e insegurança - se compara muito, a gente não tem feriado, fim de semana, e isso mexe

sentimento de derrota e desesperança - derrota não, desesperança sim - no brasil, não é que eu não acredite no jornalismo, mas o jornalismo como carreira. na nossa profissão você não tem uma carreira, você até idealiza, quero estar nesta posição daqui a 10 anos, mas hoje em dia você não consegue planejar nem no dia seguinte. Alterações repentinas de humor - sim, especialmente nas semanas que se trabalha muito - descansar sábado e domingo tem valor incomensurável, e a nossa profissão é muito sacrificante. é doloroso pra alma e pro corpo não ter esse descanso.

dores de cabeça - especialmente em dias mais perturbadores

problemas gastro intestinais

sensação de isolamento

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Tenho 22 anos de carreira, mas penso nisso desde os 5 anos de carreira. Quanto mais dentro, fica mais difícil de sair. E por trás disso tem uma estrutura montada, tem dependência financeira de terceiros, eu ajudo meus pais. Hoje, mesmo se eu quisesse, eu não teria esse escape. Você acaba ficando refém daquela cachaça. Foi conversar na TV Globo, ele queria que eu comesse, mas o chefe disse que salário não tinha pra dar, tinha oportunidade. Ora, você conta com salário para seus compromissos, então tem que abrir mão de certas oportunidades. Então quando você me pergunta se eu já pensei em mudar de profissão, já pensei essa semana, já pensei na semana passada, na semana retrasada, mas aí você olha ao seu entorno e

pergunta: como faz? Com duas crianças, casado, com conta pra pagar, tendo que ajudar pai e mãe, você fica num beco sem saída.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria? Não faço.*
- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Talvez o grande divisor de águas em relação ao jornalismo tenha acontecido há uns 7 anos. Duas pessoas que eram ícones do jornalismo, e que foram demitidas subitamente. Elas simplesmente desapareceram, viraram pó no jornalismo. Vera Durão, especialista em mineração, e o Francisco Santos (Chico Santos). Foram limados e dizimados sem qualquer justificativa plausível que não fosse a financeira. A partir daquele momento foi uma quebra de paradigma. Parece que nas universidades está todo mundo sendo treinado para estar sentado na cadeira de apresentador, quando o jornalismo é muito mais do que isso. Houve uma deterioração, degradação, dilapidação da profissão a partir daquele momento. Talvez seja uma das poucas profissões nas quais você tem mais bagagem, mais fontes, joga contra você por causa da questão salarial. E os dois foram duas referências que se perderam no tempo.

Hoje talvez seja mais seguro você ter um salário intermediário. Então o que se vê hoje é uma precarização, com reflexos naquele produto que é divulgado e produzido.

Os jornalistas hoje dos jornais andam de uber, os jornais praticamente não têm mais fotógrafos, os jornalistas tiram as fotos com suas câmeras de celular, as emissoras de rádio se tornaram menos valorizadas ainda, apostando mais na quantidade. As próprias emissoras de TV já não tem aquelas figuras de auxiliar, de motorista...é uma pessoa fazendo mil coisas, pra manter aquele emprego por não sei quanto tempo. Por isso que acho que a gente tem um pouco de louco, o negócio tá indo mal, remunera mal, e a gente insiste. É o cúmulo da persistência.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Tenho certeza que ninguém escolheu estar nessa situação de fazer a pauta, apurar, escrever texto, editar e ir pro ar... você é empurrado para essa situação. Fica como aquela história da lei da sobrevivência, é tipo um naufrágio. Tem mil pessoas a bordo, mas só tem cem boias. No pânico da emergência você vai querer se agarrar numa boia, não importa se vai entrar no mar gelado, cheio de tubarões, porque a chance de sobrevivência é muito pequena. Já teve mais glamourização. A gente está sempre perto do poder mas não é poder, e tem muitas pessoas que acabam confundindo a proximidade com o poder e ser parte integrante do poder. Isso por si só cria uma vaidade, faz massagem no ego, etc As pessoas que acreditam nisso piamente elas precisam entender que até o glamour é passageiro, tirando algumas figuras que já estão glamourizadas há muito tempo, como a bancada do Jornal Nacional. Mas até o sucesso é passageiro porque as coisas são muito instantâneas. Dei um furo de manhã, à tarde já tem outra notícia que suplanta a de de manhã, e de noite já uma outra notícia. Então esse glamour acho que vem mais de fora para dentro do que de dentro para fora. Obviamente que ainda tem alguns deslumbrados,

natural, isso tem em tudo que é profissão. Se o cara for minimamente pé no chão ele sabe que mundo dá voltas.

- *Ele citou alguns colegas da ativa:*

São pessoas que não medem esforços, são pessoas que estão dispostas, disponíveis, não tem limites, e aí cada qual com a sua justificativa, tem outros que são inescrupulosos.

Já teve mais glamourização. A gente está sempre perto do poder mas não é poder, e tem muitas pessoas que acabam confundindo a proximidade com o poder e ser parte integrante do poder. Isso cria uma vaidade, faz massagem no ego, etc. Só que nem o sucesso dura muito tempo com a velocidade das coisas. Ainda tem alguns deslumbrados.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Eu sempre fui um cara que persegui o furo. Isso eu me cobro. Esse é um combustível que o jornalista tem que ter. Ainda mais hoje, que as informações são tão rápidas. O furo é aquilo que consolida, que dá um verniz. Porque a gente é apenas um nome, a gente vive do nome. O "sucesso" está mais associado a um furo do que a um bom texto. As pessoas estão preocupadas com informação certa, precisa e impactante, e o furo reúne essas características.

Essa história da juvenização da profissão me estimula ainda mais a competitividade. Primeiro, questão de sobrevivência. Quero mostrar pro meu chefe que ainda sou útil e produtivo. Segundo que eu tenho obrigação de conhecer mais aquele setor do que os jovens. O furo me empolga, me anima, talvez seja ainda seja a última fagulha da centelha que me faz sobreviver nesse mercado porque eu não me conformo. Fico inconformado se eu não for dar o furo. O furo é meu escudo, é meu elemento de sobrevivência.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

A pandemia me ensinou que ensinou que eu preciso reservar tempo para a minha família. A minha mulher trabalhou 8 meses remotamente, meu filho ficou em casa também. Tentar conviver, interagir e entender as demandas daqueles que me cercam. A gente acha que o mundo gira em torno de nós, do nosso umbigo, como jornalista. É o nosso horário, nosso planejamento, e esquecemos quem está ao nosso redor. Aprendi a reservar momentos com eles que me ajudaram a enxergar a vida que eu estava tendo e como ela poderia ser um pouco melhor. Eu nunca achei minha qualidade de vida ruim, mas sempre necessitei de mais tempo para descansar e estar com minha família. Mas também sempre me achei longe de ter uma ótima qualidade de vida.

Alugamos a casa de um amigo em Teresópolis em alguns fins de semana, para aliviar e desconectar a mente, pq o rio de janeiro parece que está dentro de mim 24h/7, todos os dias. É como se eu estivesse me libertando momentaneamente do jornalismo. Eu descobri que a gente precisava disso.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Nesse momento que estamos vivendo no Brasil, há uma tentativa de diminuir, minimizar, desgastar, desvalorizar o jornalismo. É um fenômeno global, especialmente em países com pensamentos de direita ou extrema direita. Você usa ferramentas sociais para dar publicidade àquilo que você faz, para rechaçar o que o jornalismo tradicional divulga, seja para contaminar cabeças com difusão de fake news. Não sei pra onde vai o hard news. Com essa mentalidade que domina hoje, o hard news foi muito afetado. Mas eu tenho a esperança de que daqui a 2 anos, um novo olhar de Brasil e de mundo, talvez eu tenha uma visão mais clara do que seja o hard news. Mas eu espero que não seja o que é agora, no que se transformou esse agora, porque se esse for o caminho, eu temo pelo meu futuro.

Entrevista 13:

Entrevista repórter de TV aberta - 28 anos - 9 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O papel do jornalista para mim ainda é lutar por justiça social. Eu me vejo como um agente catalisador de mudanças e promoção de igualdade. Eu não tenho uma área que eu queira me especializar definida ainda não, isso é uma coisa que me martela bastante porque a gente é muito generalista, ainda mais em tv, e o que acho que pode nos diferenciar é se aproximar de um tema e de um assunto. Eu acho que independentemente do que eu fizer, eu gosto muito de polícia, você sabe, desde pequeno acompanho isso, mas eu acho que ainda fazendo isso ou política ou saúde, a gente pode ser um agente transformador. De colocar luz sobre o que deve ser colocado, sobre o que está errado, e a partir daí pontuar. É óbvio que a gente não tem oportunidade de fazer reportagens que promovam debates todos os dias, mas eu ainda acordo pensando nisso todo dia.

Óbvio que há dias de luta e dias de glória, mas eu sempre penso nisso. Eu consigo fazer matérias sobre diversidade, sobre ser lgbt, eu acho que eu penso nisso, aí converso com a redação e tento sugerir matérias sobre este tema.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Estou num período bom de rotina. Meu horário tem variado pouco, mas eu fui repórter da madrugada, de janeiro de 2019 até março deste ano. Tive covid em março, e fiquei em casa até abril isolado com o Pedro. Ele trabalhou porque ficou assintomático, mas eu não pude trabalhar porque fiquei mal e fiquei quieto o tempo todo. Aí depois eu fui trabalhar de dia. E comecei a vender pauta aqui, pauta aqui, pauta lá, porque não queria voltar a trabalhar de madrugada não. Então meu horário flutua, mas eu basicamente faço duas, três vezes na semana aquele horário mais duro, que é aquele de 4h30 da manhã. Eu consigo dormir tudo que eu deveria? Não. Vou dormir entre 22h30/23h, e acordo as 3h30 da manhã. \$h30 estou na TV, faço bom dia Rio, que começa às 6h e vai até 8h30, e depois tem a pauta do RJ1 para seguir. Não dá tempo de parar para comer, de parar para ir ao banheiro, eu por exemplo não bebo água até 11h da manhã, mas eu levo 1 litro de água, levo uma garrafa comigo sempre, mas está sempre cheia, não bebo porque não terei onde fazer xixi. Quando eu tiver 45 anos a minha bexiga não será a mesma. Mas pelo

menos na pele uso filtro solar. Costumo fazer hora extra, sempre estouro o horário. Costumo sair 13h30, 14h da TV. Se eu sugerir pauta para RJ2, eu dobro. Trabalho de 4h30 as 19h30. Enfim, aquele esquema, não coloco as horas extras trabalhadas, divido as horas extras em dois dias, é um don't ask, don't tell, se me perguntarem se eu faço hora extra, vou dizer "tá bom, beleza".

- *Você tem ansiedade?*

Tenho ansiedade. Especialmente quando estou ao vivo, eu fico numa rotação muito alta. Se eu estou num dia em que estou fazendo operação ou algo está acontecendo, eu estou no mais alto da minha rotação, nível mais alto. Na semana passada, por exemplo, a coordenadora de vivo não estava, era outra pessoa, a pessoa falou alto no meu ouvido, eu comecei a berrar de volta, e depois eu assisti no sistema e eu ri. Depois eu fui almoçar com um colega que estava no jornal e ele falou que todo mundo ficou calado, dizendo "Erick subiu nas tamancas, que que é isso". Eu disse: "você não grite comigo, você não pode fazer isso, você vai me deixar nervoso, eu vou falar com as pessoas que estão em casa, isso é um absurdo". Isso é um exemplo, mas tem alguns motivos para isso. Um: eu sou uma pessoa ansiosa, eu me cobro muito e eu sou muito crítico em relação ao meu trabalho e sempre fui. No trato com os colegas eu sou sempre muito educado, eu tento ser gentil e diplomático, é da minha natureza, mas sou zero bonzinho, então as pessoas não tem essa leitura sobre mim. Os meus chefes já sabem quem eu sou. E eu me cobro muito, sobre a informação que estou passando, não posso passar barriga, aquelas ansiedades que a tem. Será que eu estou bom no vídeo? Não estou? O vídeo realça um pouco a ansiedade porque a responsabilidade aumenta, é a sua cara, então isso me deixa numa rotação muito elevada. Eu sou muito pró-ativo e antecipado, então eu vou pra uma pauta e sempre penso qual parte do texto eu já posso escrever, o arquivo, a atualização de uma investigação, isso vai ser escrito rápido, mas é óbvio que tem aquilo que você vai construir na rua, passagem e tal, às vezes a passagem a gente já escreve antes. A troca com o editor é uma coisa que me deixa muito ansioso, porque tem editor que não é organizado, ou que não segue o mesmo método que eu gostaria, você manda um texto aí volta outro cheio de palavra repetida, e isso é uma coisa que me dá muita agonia. Talvez eu seja um controlador freak do caralho, poucos são os cinegrafistas que me deixam tranquilos na rua, que eu sei que posso mergulhar ali no texto na porta da dh, tranquilo, e ele vai fazer as imagens todas que precisam, e com os editores a mesma coisa. Eu venho tentando melhorar isso. Chego em casa e demoro ainda umas duas horas para conseguir abaixar a frequência. Eu tento fazer exercício 3 vezes na semana na academia, acompanhado de um professor. Saio leve da academia e meu sono fica melhor, não tenho problemas para dormir. Eu gosto da reportagem dessa coisa de acabou a matéria, o trabalho acabou. Se for pra continuar apurando eu prefiro continuar na TV, por mais algum tempo, e quando eu chego em casa, a primeira coisa que eu faço é tirar o relógio, deixo o celular por um tempo e acabou. Porém, a gente é muito próximo de telefone, né? Me dá nojo isso, então você continua ali ligado. Rola uma ansiedade também no início da noite sobre que horário eu vou fazer amanhã. Sempre. Na esperança de não estar às 4h30, e sim de estar às 7h ou às 10h. No meu fim de semana, eu gosto de não assistir jornal, evito assistir preconceito, racismo, corrupção, bolsonaro falando merda, eu tenho receio de um dia ouvir uma besteira na redação sobre homofobia, racismo, e ter um ataque, porque a gente vê tanto discurso de ódio, isso vai somando. Então no meu fim de semana eu preciso pensar

em coisas melhores, assim que passar a eleição vou parar de seguir políticos que estou seguindo para a eleição. Tem que ter essa economia de atenção.

No instagram, vou ver homens sem camisa, comida, mariah carey, meus amigos e minha família, é o meu jardimzinho murado. O facebook é aquela boate decadente que tem gente estranha que se veste como 10 anos atrás, não gosto muito. Twitter é essencialmente noticioso, embora tenha alguns amigos ali. Mas eu não tenho nenhuma notificação de rede social. Jornal eu recebo notificação até determinado horário, depois não recebo mais.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Vem hostilidade e o risco de tomar um tiro. A rua está muito hostil, mas o que eu tinha enquanto trabalhava à noite era um medo de morrer mesmo. Medo de tomar um tiro. Fui fazer uma matéria de uma baleada em Niterói, e quando estávamos voltando no carro da reportagem, depois do parente da vítima ter querido me enfiar a porrada, é sempre assim comigo (sempre para raio de maluco, sempre querem me bater), para um carro com uma moto com duas pessoas armadas, elas apontaram a arma pro carro, aí ficou uma situação de um olhando para o outro, e eles foram embora. Era meu terceiro dia na reportagem. Meu mundo parou. Durante a madrugada, eu me sentia seguro de andar no carro blindado, mas dirigir meu carro à noite me deixava preocupado. Hoje a minha relação com a noite mudou, eu não me sinto mais tão desconfortável, mas era bem complicado. Eu fazia de 22h às 5h. Você pode fazer madrugada e tentar ficar na redação, mas eu gostava de ir aos lugares. Mas hoje em dia violência para mim é hostilidade, e eu já tive a hostilidade do globolixo, de me chamarem de viado de merda, numa situação eu perdi a cabeça e pedi para a minha chefe para tirar férias. Estava no BRT e o cara me chamou de viado de merda e eu disse: "vem para mão então". Gabi, eu quis subir no ônibus. Você está entendendo? Na porta entreaberta. Aí a segurança me puxou. Me disse: calma. Houve semanas, entre maio e o fim de junho, que a gente era muito hostilizado. A volta do comércio, as pessoas recebendo seus auxílios, acho que isso deixou menos pior, as pessoas ficaram menos putas na rua e isso refletiu sobre a gente. Eu tirei alguns dias de férias, fui para São Paulo e voltei renovado. Preciso voltar a fazer terapia, preciso conversar. Eu me lembro que quando eu fazia terapia o que eu mais falava era sobre os efeitos que o meu trabalho tem sobre a minha vida e sobre como eu respondo a estímulos. Eu não pensava sobre isso, hoje em dia eu penso. Eu não sei se seria papel do empregador providenciar um espaço onde a gente pudesse falar e desopilar. A [empresa atual] oferece auxílio plano de saúde, a minha terapeuta era pelo plano, mas sinto falta de um espaço em que a gente possa trocar experiências com colegas, um espaço formal, que a gente possa debater vitimização de jornalista, diversidade, sinto falta disso, porque a gente vai pro front, encara as pessoas, vai para IML, num dia a gente faz homicídio, no outro a pessoa que não consegue medicamento e está morrendo, aí faz corrupção, aquela coisa que revolta - não é que isso domine a minha cabeça, mas eu queria trocar um pouco com os colegas, sabe? Eu tenho um colega dentro de casa, ele é mais tranquilo que eu em relação a ansiedade com o trabalho. Tento sempre sair com os colegas para tomar um chopp, desopilar, falar mal de chefe, para rir, porque a gente trabalha com pessoas incríveis, então acho importante fazer essa troca.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Sim. Cobri. Eu paniquei total antes de ficar doente. A pandemia chegou como um clique. Eu estava na madrugada e ia cobrir um feminicídio, eu tinha que chegar e correr para Campo Grande... aí falam assim: "Não, amanhã vai ser só pandemia". Eu falei como assim, gente? Vai ter matéria. Não, vai ser só isso de pandemia, só pandemia, pandemia, pandemia. Foi do nada. Era uma madrugada clássica em que fui cobrir um menino baleado jogando futebol no Lins, aí no salgado filho os parentes da criança que não quiseram gravar entrevista apontaram para uma mulher que estava lá no fundo e disseram: "aquela mulher tá com negócio de covid.". Aí eu disse: "não, gente, imagina, ela tá com máscara porque devem ter dado a máscara para ela porque ela está espirrando". Não tem covid. Eu não tinha noção de que ia ser o que aconteceu. E eu disse: "se ela tivesse covid, estaria isolada lá dentro". Aí o entrevistado disse: "Meu filho, você não sabe o que é o Méier?". Aí que eu me liguei que o entrevistado podia estar com razão, e eu tinha ido bem próximo a ela, porque a mãe do menino estava sentada bem próxima a ela, e aí eu pensei que o vírus já poderia estar circulando. Poucos dias depois, dois amigos médicos que trabalhavam no Salgado Filho falaram que estava chegando muita gente com sintomas de covid, estamos testando, o teste está dando positivo, que tinha gente já entubada. Nesse meio tempo, eu comecei a sentir os primeiros sintomas. Eu sempre tive questões com o sono, principalmente estando na TV às cinco da manhã, eu comecei a ficar muito ansioso com a chegada dos casos no rio, passei a assistir todos os jornais, jornal só com coronavírus, e meu horário de dormir ficou totalmente sequelado. Eu falava que eu precisava parar de assistir jornal, mas não conseguia. Então eu colocava a TV no mudo, baixei sim city no meu computador, e ficava jogando sim city e quando dava 3 da tarde eu tinha sono e ia dormir. Fiquei muito desregulado. Eu via matérias sobre a dificuldade de encontrar álcool em gel. Quando encontrei, eu comprei quatro litros. E era álcool gel de limpeza, eu mandei rappi na minha avó para entregar, minha sogra, meu pai, e quando foi decretado isolamento, fui visitar meus pais, e acho que passei ali covid para o Fabio (padrasto jornalista), porque ele caiu doente. Eu fiquei doente na terça, trabalhei doente de quarta para quinta, fiz um último vivo na quinta para o hora 1 caindo aos pedaços da minha porta. A equipe toda ficou doente, eu devia estar um espalhador de vírus. Mas a partir do momento em que fiquei em casa, o Pedro ainda trabalhou dois dias depois porque ainda não tinha um protocolo definido. Eu fiquei impressionado com o cuidado que a [empresa atual] teve com a gente, o Ali me mandava mensagem todo dia, fui para o hospital, comecei a ter falta de ar, tinha um oxímetro em casa, que eu ficava medindo de hora em hora, um dia deu 92, e de manhã liguei para médica, tossi, ela disse que eu estava com pneumonia e ela me mandou ir ao hospital. Cheguei lá com 30% do pulmão comprometido. Fiquei com dor de garganta com pus e tal. E tratei tudo em casa. Passei uns 2 meses com dificuldades para respirar, eu lembro que estava numa operação e eu tinha que correr de um entrada ao vivo para outra, e eu fiquei totalmente sem ar, e devolvi com 20 segundos. Fiquei sem fazer exercício, sentia dificuldade de subir uma escada, mas passou. Não tenho mais nada.

Quando voltei, eu comecei a perceber que o clima na rua estava diferente. As pessoas começaram a desconfiar umas das outras, uma energia bem pesada, fosse trabalhando ou do lado de fora, tipo no mercado, tipo você vai botar a mão na

cebola, vai pegar a cebola com a mão? No trabalho, toda essa hostilidade com a gente. Passei por situação de gente parar do lado e buzinar. Teve uma colega, a Gabriela Moreira do esporte, que trabalhou com a gente no jornalismo, se não me engano um carro subiu na calçada quando ela estava entrando ao vivo para assustar. A [empresa atual] de imediato neste período mais difícil, todo mundo que ia para a rua de manhã tinha segurança. Uma dupla para acompanhar, e algumas vezes eu tive que sair da matéria, parar de gravar ou não dava para gravar passagem.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Durante muito tempo no relacionamento isso foi uma questão. Eu pensava: " eu namoro Pedro e namoro a [empresa atual] também, puta que pariu". Mas eu fazendo terapia, entendi que isso acontece mesmo, aconteceu de eu me apaixonar por ele, ele trabalhar na [empresa atual] aconteceu de eu virar estagiário, de ser efetivado, e da gente casar. A [empresa atual] sempre será um assunto e as pessoas que trabalham sempre serão um presente. Porque assim, eu tenho amigos A, Pedro tem amigos B, e temos amigos em comum mas em grupos bem distintos. então assim eu consigo ter uma vida no trabalho independente do Pedro e ter as minhas amizades também. Agora, eu acho a minha relação com o trabalho muito excessiva. Eu acho que eu vivo notícia demais. Ao mesmo tempo eu não conheço médico que não viva a medicina demais. Fui criado por duas pessoas workaholics. A gente se espelha muito em pai e mãe, são as nossas referências. Eu acho que eu tenho uma relação um pouco mais saudável com o trabalho que eles, e mais saudável que o Pedro. mas por ele ser setorista, tem uma relação de trabalho diferente. As fontes ligam para ele, ele recebe ligação o tempo inteiro, mas eu gostaria de viver menos o trabalho e viver menos a [empresa atual] .

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Gabi, eu ganhei um aumentinho recentemente. Não considero que pela minha idade eu ganhe mal não, como jornalista. Mas quando eu olho a responsabilidade que a gente tem que botar a cara na televisão e tudo que isso está associado, eu deveria ganhar pelo menos o dobro do que eu ganho hoje em dia. Eu percebo que tem sido valorizado pelos meus chefes no trabalho e que tenho retorno positivo. Não se dá feedback na [empresa atual] e isso é um problema bem grave, mas eu me sinto numa relação boa com meus chefes, sinto que sou valorizado mas acho que poderia ser mais.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

CELULAR, CARREGADORES, FONES (não gosto dos fones da [empresa atual], o meu é melhor)

- *Sente algum desses sintomas?*

cansaço físico e mental

distúrbio do sono - leve insônia - dificuldade de iniciar o sono

dificuldades de concentração - principalmente quando está cansado

sentimentos de fracasso e insegurança (dá um sentimento de rebordosa horrível, eu nunca usei cocaína, mas deve ser isso que as pessoas têm no dia seguinte)
 negatividade - tem, mas eles não são a maioria, eu evito. se hoje me perguntarem se eu tenho um dia de trabalho feliz, eu respondo que estressante mas feliz.
 alterações repentinas de humor
 sensação de isolamento - principalmente quando é hostilizado
 alterações de batimentos cardíacos
 há 6 meses eu tomava neosaldina todo dia, mas agora tento dormir melhor
 Qualidade de vida média para alta

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Eu acho que a nossa profissão se precarizou porque a gente teve um monte de colegas demitidos. Por exemplo, a questão da composição das equipes da [empresa atual], que já era o movimento que existia de ter aquela terceira pessoa ali. Agora você tem duas pessoas mais o motorista que não se envolve na reportagem. Tem colegas da imagem que não conseguem trabalhar sozinhos, então você tem que assumir funções que o cara não dá conta, ligo live u, fecho sinal, pedem pra refazer o foco, e você tem que trabalhar dessa forma. Muitos colegas foram demitidos, até de outras redações, eu falo com as pessoas de outras redações e percebo que todo mundo passou a trabalhar mais.

Hoje parece que metade da Band foi demitida. Acho que, na questão do home office, a gente se sente perdido em relação a chefia, em relação a orientação, a mentoria. Na [empresa atual] não tem enxugamento de chefes, mas em outros lugares vejo as pessoas perdidas. Quem que eu vou buscar de referência para saber se isto está bom ou não está bom, para receber feedback? Acho que isso é uma forma de precarizar.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho que essa ideia tem que ser desconstruída por que, veja, é óbvio que a gente vai ter que se adaptar, os fluxos de produção vão mudar, a gente vai assumir mais funções e tal. Mas acho que a gente tem que ser muito crítico com isso porque eu vejo os colegas da CNN na rua. Eles cobrem operação da PF com tripezinho, e ao mesmo tempo aquela instagramização da profissão, hashtag vida de repórter, NÃO, ASSIM, NÃO, TÁ ENTENDENDO? A gente precisa desconstruir esta ideia de que jornalista é super herói, que você consegue fazer tudo, porque jornalismo é um trabalho de equipe, e eu acho que o trabalho de rua é de equipe também. Em Barcelona, fiz meu primeiro VT com celular sozinho, agora você imagina que se eu fosse correspondente e só tivesse um celular? Eu ia entregar porque missão dada é missão cumprida, mas a qual custo? Ficaria estressado, sem voz, sem bateria, ansioso. A gente não é super herói.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Chefia não cobra o furo, mas valoriza o furo. Eu achava que falta isso lá. Eu vejo um monte de colegas que chega, faz sua matéria e vai embora, fico impressionado,

falta o senso do furo. Uma Preguiça até de apurar números. A [empresa atual] até me deu um celular, e eu não me adaptei e fiquei só com o meu.

- *Como vê a relação entre rede social e jornalismo?*

Me sinto extremamente desconfortável de não poder opinar, não poder responder a discursos de ódio. Quando o discurso de ódio envolve o meu grupo LGBT, aí eu me posiciono. Mas queria poder me posicionar mais.

Como eu tenho um grande número de seguidores no instagram, eu não posto o lugar, até porque não pode, mas sempre posto depois, tenho medo de chegar um fã, ou alguém. Essa exposição do vídeo que o jornalismo traz. No instagram eu controlo muito o que eu posto porque sei que as pessoas têm curiosidade de saber como é a minha vida pessoal, então tenho um combinado com o Pedro de nunca fazer story no quarto, nunca. Tento ter reservas na rede social, minha mãe tem perfil fechado, meu irmão tem perfil fechado, minha cunhada, sogra, tento protegê-los para que eles não sejam alvo de ataques.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Eu pensava que ganhando 3 mil eu nunca ia conseguir fazer nada. Depois do atentado de Barcelona, a gente teve um aumento bom, que permitiu que a gente fosse morar junto. Minha vontade naquela época era ir para Portugal, ou Canadá, pensava em morar fora, e tentar uma oportunidade, trabalhar com produção de audiovisual, de cinema. Mas não queria trabalhar com outras coisas, tipo garçom, etc. Mas até hoje eu tenho vontade de morar fora. E se a [empresa atual] não me propuser isso profissionalmente, eu vou morar fora sem a [empresa atual]. Eu não tenho uma carreira alternativa definida, mas sei que existem mil possibilidades em comunicação que eu posso fazer em mil lugares. Acho que seria capaz de renunciar a uma estabilidade. Claro que isso teria que ser conversado, sou casado, Pedro nunca abriria mão da [empresa atual], de uma estabilidade, porque ele passou muita dificuldade na infância, muito mais que eu.

Todo dia trabalho com isso na cabeça de que a Globo não precisa de mim. Sei que sou descartável, mas como sei da entrega que dou, me sinto competente e importante.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Me incomoda o fato de a gente estar fazendo um hard news extremamente declaratório. Fulano disse, ciclano disse, fulano respondeu. Acho que esse caminho deve se acentuar até porque vivemos uma realidade de muitas declarações e poucos fatos. Acho que o hard news é sobre o discurso, essencialmente. O futuro de sucesso para quem trabalha no hard news é se especializar num assunto específico. Eu torço de verdade para que a gente volte a ter telejornais menos negativos, dar notícias boas, as pessoas querem isso. Precisamos dizer o que está errado e dar notícias duras, nosso hard news do Rio ;e muito de morte, de conflito e confronto, e precisávamos criar espaços para coisas positivas. Eu amo fazer matérias de comportamento, até esqueço que estou fazendo matéria.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não estou fazendo terapia agora, eu preciso procurar outro terapeuta, a minha disse que a [empresa atual] era sensacionalista. já houve situações de eu estar muito cansado, me sentindo muito cansado e me dar vontade de chorar.

Entrevista 14:

Entrevista repórter de canal de notícias- 38 anos, 16 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Com o passar do tempo e o acesso a informação sem qualidade, a gente acabou mudando o nosso papel. Antigamente o nosso papel era simplesmente informar. Hoje, a credibilidade nunca foi tão importante, porque você consegue a informação não real em qualquer lugar, no Facebook, no whatsapp, as fake news... então acho que o nosso papel é tirar as nossas opiniões daquilo e tentar realmente ser o mais isento possível, até para não perder a credibilidade. Os ânimos andam tão exaltados, e isso eu percebo da última eleição para cá, eu fiquei fora do Rio um tempo, e deu para perceber uma mudança de comportamento muito grande das pessoas com a gente. Antigamente só quem trabalhava na TV Globo era mais hostilizado. Hoje em dia é geral. As pessoas acham que você está lá para tomar um partido, e é uma ideia que nunca deveria passar para ninguém. No final das contas, o mais importante hoje é tentar passar com o máximo de isenção possível, deixar de lado o que penso, e dar os dois lados, para a pessoa poder achar o que ela quiser. Acho que está muito difícil para todo mundo. Hoje em dia, jornalista é meio advogado do diabo. As pessoas têm hostilidade grande e isso tem dificultado meu trabalho. Antigamente você ia entrevistar as pessoas, elas queriam falar com você. Hoje em dia a rejeição é muito grande, por causa da polarização do país e do mundo. Eu acho que eu consigo botar meu tijolinho do dia a dia. Estamos sempre em evolução, mas eu tenho muita preocupação em ouvir os dois lados, em deixar minha opinião de lado, eu nem me posiciono, pra te dizer a verdade.

Por exemplo, em rede social, eu não comento nada de política, a política é o que está pegando mais até porque no canal onde eu trabalho a política é um dos principais assuntos. Quando eu trabalhava na [empresa anterior] eu tinha muito mais política do que política, e hoje em dia trato muito mais de política e economia. Pelo menos eu deito e durmo com a consciência tranquila de que a minha parte eu consegui fazer da maneira mais isenta possível. Claro que a gente aprende na primeira aula de teoria da comunicação que não existe discurso isento, porque num texto a gente acaba botando a nossa opinião intrínseca, mas de qualquer forma, eu tento não passar isso. Mesmo que eu ache um absurdo o que a pessoa esteja falando, eu tento ouvir o outro lado, é mesmo que eu saiba que não sou perfeita, pelo menos estou tentando. Então com relação a credibilidade fico tranquila. E tem outra coisa, tem muita gente que confunde jornalista com celebridade, de tantos milhões de seguidores,

e a pessoa começa a se posicionar de maneira que não tem que se posicionar, e se expor de maneira que não tem que se expor. Então para a construção da minha credibilidade, não comentar coisas.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Acordo 4h, 4h20 da manhã. Tenho tentado dormir mais cedo por causa disso. Eu estou fazendo uma coisa que nunca fiz na vida, e grande parte dos jornalistas de tv nunca teve essa experiência: Na maioria das vezes eu estou trabalhando sozinha. Eu pego a minha mochilinha, boto lá o equipamento, e vou para a rua sozinha fazer os links. Eventualmente, quando tem equipe, eu saio com equipe também, mas a minha função é de video reporter. No início é um choque de realidade porque a gente não está acostumada a ter que se preocupar com enquadramento, com luz, e o resto todo. Numa equipe você sempre tem alguém para conversar, para trocar ideia, e aqui você fica na mais completa solidão, e isso é o mais difícil para mim, a solidão. Eu estou sozinha. Vou da minha casa direto para o ponto de vivo que eles me passam, meu horário começa a partir do momento em que eu cheguei no ponto de link, e termina no ponto de link também. No final das contas você fica à disposição às oito horas. Eu tenho preocupação com alimentação, e por isso eu levo fruta, lanchinho, a gente sabe que a gente pode ficar sem comer, que pode não ter lugar para fazer xixi.

Eu me peguei num dia fazendo uma coisa que é de um nível absurdo: de não beber água, mesmo com sede, para não dar vontade de fazer xixi, porque não tinha onde fazer, e isso é um absurdo para outras pessoas e normal para jornalistas. É bizarro. Comecei a perceber que estava me fazendo mal, passava o dia inteiro sem beber um gole de água. Os efeitos vem no organismo, na pele. Na minha mochila tem um banquinho rosa que eu levo porque senão tenho que sentar no meio fio. Então tenho um banquinho dobrável que cabe na mochila. A gente tem rotina pesada e desgastante, mas a gente não se dá conta disso. E o pior é que quando o dia está muito agitado e você não tem tempo de abrir a barrinha de cereal que está na bolsa, porque você não lembra, são os dias mais gratificantes para mim. Estou tendo que me adaptar que na [empresa atual] é praticamente só link. Desde abril (entrevista em novembro), só fiz 3. Nos dias que os links caem todos eu fico muito entediada, tem dias inteiros que nem entro no ar. Semana passada fiquei 3 dias sem entrar ao vivo. Às vezes seu assunto é burocrático, às vezes você não está no lugar que deveria para apurar uma coisa, e aí você fica no monta, desmonta do equipamento, vai entrar, aí depois cai, geralmente gosto quando está bem agitado.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Eu mudei de emprego e de cidade no meio da pandemia. Lá no Paraná, a gente estava trabalhando normal porque como tinham poucos casos, eu não tinha essa noção ainda. Então viemos para o Rio, aqui os números subiram rápido. Quando eu voltei para cá, estava tudo fechado, as pessoas com clima de pânico. Fiquei receosa de começar a trabalhar no meio da covid. Inicialmente eu seria contratada para edição na CNN, mas no terceiro dia fui para a rua. A gente tomou os cuidados, eu à princípio não tive covid, mas esse lance da gente evitar mais entrevistado, fazer aquele link só ali, sem aglomeração, era uma exposição um pouco menor. Era uma boa oportunidade, com chance de contratar, e estava tudo fechado, ninguém contratando no meio da pandemia, e eu ponderei isso, a experiência diferente. Mas

por outro lado eu ficava com muito medo. Era bizarro no início, eu ficava com uma drama na consciência, ninguém contratando, e como a [empresa atual] estava começando eu pensava na chance de ficarem comigo. Quando eu chegava em casa, minha mãe gritava: sua mãe está suja! E eu ia correndo pro banho, tirava a roupa. Seguravam minha filha pra ela não me abraçar. Só que criança pega rápido, em uma semana eu chegava e ela gritava “mamãe tá suja”. Então me marcou, no início eu fiquei com muito medo, eu pensava “será que vale a pena colocar todo mundo em risco por causa de uma carreira?”. Tinha mais medo até pelos meus pais do que pela minha filha. Meu pai com pressão alta, eu nem sentava no sofá.

- *O que é violência no trabalho para você?*

O que vem na minha cabeça são essas agressões a troco de nada. Teve uma menina que foi assaltada no ar. Passou um cara, ela achou que era um pedinte, e o cara puxou uma faca. A gente usa dois celulares da tv. Às vezes eu fecho o retorno nos dois celulares para fazer uma movimentação de câmera sozinha. Poxa, as vezes quero mostrar a movimentação na praia, mas quero mostrar a movimentação e não dá porque estou sozinha, e eu mesma mudo de câmera para fazer essa movimentação, subo o sinal dos dois telefones, e uso o meu para fazer o outro retorno, e uso o meu também para fazer alguma anotação, zap, etc. E eles levaram o telefone dela e estava ao vivo; então mostrou tudo. Aí depois vieram novas determinações, a gente não podia fazer vivo em local aberto, mas no dia a dia da rua não dá, tinha uma prioridade das equipes completas irem para a rua aberta e a gente fazer em local fechado. Mas na vida real não é assim. E hoje em dia eu tenho um pouco de medo disso. Teve uns dias aí, fui fazer um link no arpoador, e vi um cara me olhando. Fiz o primeiro link e vi que o cara estava me olhando, aí a redação me disse: "nem baixa o sinal porque tem mais um". Aí eu perguntei se ia demorar, e eles me disseram que não. Aí o segurança que fica na cancela do arpoador me disse: você não reparou que tem três caras te olhando? E eu disse: só vi um. E ele: "não, são 3 e eles sempre agem em conjunto, se eu fosse você não ficava aqui nao.". Aí eu avisei a coordenação que ia desmontar, que tinham três pessoas observando o equipamento e que eu ia para a outra marcação. Imediatamente eles me deram respaldo. Então eu tenho medo.

E eu não quero ser machista, mas eu acho que o fato de eu ser mulher intimida menos do que se fosse um cara grande. É mais fácil.

- *Já sofreu assédio moral?*

Já vivi muito isso (ameaças veladas), principalmente na Record, onde tinha um noticiário mais policiaisco, eu me via muitas vezes obrigada a subir favela. Tipo, ah, sabe como é que é, fulana vai. Como a minha equipe entrava às cinco da manhã, sempre sobrava operação para minha equipe. Os outros integrantes eram experientes, o que me deixava até mais segura, mas um dia eu estava com muito medo de subir na Rocinha. Tinha um tiroteio muito intenso, a gente chegou mais tarde, atrasado, os policiais já estavam no alto, e eu disse para a redação que não dava para subir a rocinha e procurar onde os policiais estavam. Ainda mais que eles estavam atirando para a auto estrada, e a gente já tinha se escondido atrás do caveirão. E tinha um motolink nosso lá, e eu consegui narrar em cima das imagens dele. E quando cheguei na redação, ouvi de uma ex-chefe de reportagem: ah, a Isabelle não subiu né? Ficou com medinho". Gabi, não sou de fazer essas coisas

não, mas eu comecei a gritar com a mulher: "Como assim que eu não subo? eu estou nesta merda deste horário todo santo dia. todo dia faço operação. sabe pq eu não subi? porque me mandaram tarde, com a polícia já lá em cima, como é que eu ia subir?". Eu geralmente era mais tranquila, acho que a Giovanna me mudou um pouco, sabe? E isso foi um baita de um assédio moral. E lá veladamente tinha um pouco disso. Depois mudou. Nos últimos anos, mudou um pouco. Mas se você não sobe um morro, você é tido como medroso. Depois que atiraram no carro da Record, você tinha um pouco mais de chance de não ser taxado assim. Cara, quem tá na rua é que sabe.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?* CELULAR, INTERNET, WHATSAPP
- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Não compensa. Nossa profissão é muito mal remunerada. Acho também que pelo fato de ter que acumular função, ter que fazer imagem também... Eu escrevo para o site, entro para a rádio e faço o link, então eu acho que eu tinha que ganhar pelo menos o acúmulo de função. Acho que o pior é que a tendência é essa. Acabou. Acabou. Equipe como a gente conhece está com os dias contados. É esse o futuro. Quando eles veem que dá para fazer com menos gente, que dá para acumular essas funções, que a mesma pessoa consegue acompanhar uma coletiva, fazer texto para TV, para rádio, entrar para radio, fazer o texto do site, para que você vai contratar 3 pessoas? Acho que é tendência. O SBT já demitiu todos os assistentes. Tem o lado bom, que te dá uma agilidade, acho que você fica mais abelha, é mais fácil uma pessoa se abrir para você do que para uma equipe inteira, com câmera grande, luz, e tal, mas eu acho que essa é a tendência... não que você vá ganhar o salário de 3, mas o lance de ser multifuncional tinha que ter uma recompensa melhor. Mas é geral. Desde que eu estava na faculdade falavam que eu ia ganhar pouco.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

A gente se acostuma e a gente não sente mais. Vou trabalhar no réveillon, vou estar lá às cinco da manhã do dia primeiro e tudo bem. No meu casamento não acho tanto, porque como meu marido joga vôlei e trabalha todo fim de semana, acho que é só uma questão de arrumar as agendas. A gente já se conheceu cada um atuando na sua função. O que eu gostaria é de ter um pouco mais de tempo para a minha filha, eu me ferro toda para trabalhar nesse horário da manhã? Claro, a gente fica cansada, mas antes de eu ter filho eu tinha pavor desse horário. Hoje, eu prefiro esse horário para poder ter mais tempo com ela. Depois do filho a gente vai mudando de prioridade.

As pautas já reverberaram mais. Não é questão de ser mais fria, acho que depois de um tempo, só uma coisa ou outra você fica mais tempo remoendo. Tem algumas coisas que você acaba levando. Eu estava grávida, e fiz uma matéria de uma mulher que grávida levou tiros na barriga. Aquilo acabou comigo durante um bom tempo. Mas geralmente quando envolve criança eu fico mais zoadá. A gente vai ficando mais fria com o tempo, e isso é ruim.

- *Como é ser jornalista de hard news e mãe/pai? Como divide o tempo? Como se sente? Como foi lidar com o trabalho e os filhos na pandemia? Como você se sentiu?*

Depois da situação com essa grávida, eu comecei a reavaliar muito porque eu trabalhava na Record. E a violência é pauta constante ali. Você faz operação da polícia todo dia tendo ou não. E eu pensava: "será que eu aguento rua muito tempo? Até comecei a pensar em fazer edição. Hoje em dia consigo levar melhor porque na CNN não vou para o meio do tiroteio. Quanto a virar a chave e desligar, hoje eu desligo muito melhor, mais fácil do que antes, antes eu remoía as coisas, ficava pensando nas pautas. Eu chegava em casa e ficava mandando mensagem para tentar conseguir que alguma fonte me mandasse alguma coisa, um personagem para alguma matéria. Eu vivia o meu trabalho 24h por dia. Com a Giovana hoje sou muito mais tranquila. Se eu não conseguir ver o Jornal Nacional, tudo bem, depois eu leio algum site. Antigamente não, eu tinha que ficar vendo telejornal a tarde inteira, eu era muito louca, workaholic, hoje em dia não. Estou no telefone, ela pega meu telefone e diz: larga o celular e vamos brincar de massinha. Na Record entrava às 5 da manhã e largava às 5 da tarde. Era logo que eu entrei, não tinha como dizer não. Me prometiam que iam me dar uns dias quando eu casasse, então eles começaram a me entubar muito para colocar na conta dessas folgas. Foram 6 anos e essas foram as únicas folgas.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental
 dificuldades de concentração
 sentimentos de incompetência - de vez em quando
 alterações repentinas de humor
 sensação de isolamento
 dores musculares
 dores de cabeça

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Estou tentando chegar num equilíbrio. A rotina no meu trabalho é muito desgastante com esse lance de ficar sozinha. Muito mesmo. No início foi um choque de realidade muito grande, Eu me pegava chorando e me perguntando se vale a pena. Acho que tem esses perrengues de você ficar muito solto. Praticamente todo dia eu vou para o Palácio Guanabara e fico sentada no meio fio esperando entrar ao vivo. Aí quando chove eu dou uma chorada. Mas é muito desgastante eu ficar 8 horas ali esperando para as vezes entrar uma ou duas vezes ao vivo. Então acho que o lance de você ficar jogada, não é ficar sozinha, é ficar jogada. Pelo menos agora eles têm tentado marcar em hotéis, lugares que tenham um mínimo de conforto, e por mínimo de conforto leia-se, ter um banheiro para fazer xixi e um lugar para você sentar. Aí eu acho que o dia passa melhor. Leio livro entre link e outro. Sinto falta de fazer VT. E você ali sem um carro pra sentar, às vezes no sol, é fisicamente desgastante.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Sim, tem pressão da cultura do furo. Quando rola um furo, a galera fica bem feliz. Eu acho que essa é uma pressão interna dos jornalistas. Você se pressiona para ter a informação que ninguém tem. E isso não é negativo, isso move a gente um pouco. Quem não gosta de apurar, só está ali pela carinha, está na profissão errada.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Já pensei, hoje não penso mais. Acho que tive uma grande crise de identidade quando a Giovana nasceu. Pensei realmente em largar tudo, mas porque levei um pé na bunda da empresa. Fui demitida no dia que voltei da licença maternidade. Eu entrei numa neura, num parafuso, achando que era culpa minha, que eu tinha feito alguma coisa errada, pensando que eu era muito ruim no que eu faço.. Será que o fato de ser mãe já me impede de seguir com a minha carreira? Pensei em abrir um negócio próprio, trabalhar de casa, mas não queria ser só mãe não.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não faço terapia, não tenho tempo pra isso. já fiz lá atrás.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Hoje em dia vai crescendo a qualidade dos equipamentos, e vai diminuindo a galera para operar. Eu acho que antigamente tinha um respeito maior pela experiência das pessoas e por exemplo, você não dava coisas muito grandes nas mãos de estagiários, porque a pessoa tem que ter uma noção antes de pegar funções importantes. A pauta fala uma coisa na primeira linha, e se contradiz no segundo parágrafo. As pautas era muito precárias na record. Tem que operar tantas máquinas, luz, cameras, celular, atrapalha muito na hora de gravar texto, por exemplo.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Já me achei mais heroína que hoje em dia. Vejo, entre os novos. Vejo a galera invocadinha, que se acha muito mais do que realmente é. Mas acho que para o público não é muito essa glamourização. Eu acho que a gente caiu para o público, só a galera novata na carreira que ainda acha que é grande coisa. Mas o público não acha mais. É uma coisa de início de carreira. Essa coisa de tirar emprego é tão complicado que se você não fizer alguém vai fazer. Ou você se adapta ou você tá fora. Os assistentes têm que se virar para aprender tudo para não perder a vaga.

- *Como você vê a relação entre rede social e jornalismo?*

Eu acho que as pessoas começaram a buscar na rede social fontes de informação que não são adequadas, e e que não tem credibilidade. É uma luta, você fica tentando lutar contra aquilo. Por isso que você tem que tentar se manter o mais isento possível, que se você não vai dar primeiro, pelo menos você vai dar a notícia bem feita, bem apurada. A pessoa que recebe fake news na rede social, ela vai checar nos sites oficiais.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Cada vez é mais difícil você dar informação primeiro. Então acho que a gente tem que brigar com a questão do imediatismo. O problema todo que a gente vive hoje é o excesso de rapidez. É uma cobrança muito grande para ser ágil, e muitas vezes você não consegue uma notícia bem apurada nessa velocidade. Não dá para entrar nesse ringue antes da coisa apurada. Cada vez mais ao vivo, menos VT, mais informação no local, a gente tá indo pra isso. Você tem que estar pronto o tempo todo, é muito tenso se você for olhar. Você não tem tempo de preparação. Cada vez mais o imprevisto é importante. Estava indo para uma loucura. Se sobrar alguém de sã consciência ainda vai ter jornalismo. A Giovana me fez perceber que aquilo não era o mais importante do meu dia. Minha cabeça foi para o zaralho, porque iam demitir uma pessoa que acabou de ter um bebe. Mas foi um alívio ser demitida da record.

Consigo desconectar um pouco mais hoje. Demorou muito pra eu perceber que eu não tinha que viver os problemas da redação. Fico mais tempo lá dentro do que com meu marido. Então como é assim, preciso ter um tempo de qualidade com minha família.

Entrevista 15:

Entrevista chefe de reportagem de rádio - 35 anos - 17 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

O papel do jornalista eu acho que justamente no momento que a gente tá vivendo, no Rio de Janeiro, no Brasil, momento político, essas coisas, eu acho que ele se faz mais fundamental do que nunca. Porque há uma dificuldade geral né, de se identificar. Quem não está confuso, está bem informado. É um pouco isso que tá acontecendo. A gente está vivendo um momento de muita confusão política aqui no Brasil, a nível de governo Federal, quando a gente fala de governo estadual, e aí as pessoas estão muito também com muita raiva, muito ódio, então estão pensando muito de maneira lógica, estão pensando com o fígado. Então é fundamental o nosso trabalho. As pessoas conseguem ouvir e pensar: "isso faz sentido, né?" Eu acho que é levar as pessoas à reflexão especificamente nesse momento de muita raiva. As pessoas estão deixando de pensar, de tão deixando de avaliar as coisas como elas devem ser feitas para simplesmente aderir a uma paixão. Então nem sempre a gente consegue cumprir esse valor social porque na empresa onde eu trabalho a gente tem um canal bem aberto com os ouvintes, então assim, eu não sei se o que chega para gente é o que não dá certo ou é uma percepção geral hahaha Mas ainda tem muita raiva, muito ódio. A gente é que não pode desistir. É levar informação sem deixar de se indignar, é mostrar onde está a indignação, é um espaço de reflexão. Então assim, tem muita gente recebendo informação achando que é partidarismo, mas é um trabalho de formiguinha, é fazer um pouquinho aqui, um pouquinho ali.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Olha já teve um momento que eu me senti muito aflita e muito pressionada. Quando eu comecei a trabalhar onde eu trabalho, eu fazia reportagem de rua. Então eu tinha

eu pegava às 9 horas da manhã, só que tinha que sair às 5 horas da tarde porque eu tinha que ir buscar minha filha na escola. Era muito doido porque, assim, eu não tinha quem buscasse ela na escola além de mim, e eu não podia passar da hora porque eu tinha que buscar lá, e isso foi uma coisa que a gente combinou já na entrevista. Então era muito doido, eu fazia as coisas com muita pressa, era muito pressionada, pressionava todo mundo a minha volta, eu tenho que buscar minha filha na escola, não tem que faça por mim, vambora, vambora, vambora, libera, libera, libera, era muito doido. Quando eu fui convidada para assumir o programa, o programa era de 5 às 6, então eu não podia mais buscar minha filha na escola, mas eles não perguntaram se eu não podia assumir, se conseguiria arrumar um esquema. Então tive que arrumar um outro esquema, e quando consegui isso, foi mais tranquilo porque já não tinha mais aquele horário para me pressionar. Era mais tranquilo. Quando eu assumi a chefia de reportagem, eu comecei a trabalhar de 13h às 21h. Aí mudou um pouco a minha rotina em casa. Mas eu também parei de sair fora do horário, porque quem faz mais o meu horário hoje sou eu. Por exemplo, hoje eu tenho obstetra, vou chegar mais tarde. Mas vai ter dias que eu vou passar, então não preciso muito ficar compensando, então acaba que eu fico muito dona do meu horário. E agora como eu estou do lado da gestão, eu presto muita atenção na hora que as pessoas estão saindo. Como eu me sentia muito pressionada, agora eu não posso fazer o que as pessoas faziam comigo, que é esquecer de mim, não me liberarem, e eu passar lá esperando, passando da hora à toa.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Teve alteração de rotina. Quando o coronavírus chegou ao Brasil eu estava operando. Foi no finalzinho de fevereiro, eu saí de férias em março, Então passei as férias em casa me recuperando de uma cirurgia sem saber que estava grávida . então assim fiquei em casa e tal, coronavírus, cirurgia, aí eu descobri que eu estava grávida a primeira coisa que eu fiz foi falar com meu marido, para minha mãe e meu chefe. Aí pensei: “Ferrou”. Falei pro meu chefe e ele disse: Calma, fica tranquila porque a gente vai botar metade em home office e a gente vai fazer rodízio. Então fiquei 3 meses em home office. Desde abril até o fim de julho, quando voltei a trabalhar. Mas minha cabeça já não estava legal não.

- *Como fazer home office com criança em casa?*

Precisei arranjar um esquema com minha mãe. Por que eu apresento o programa de casa e Alice é super extrovertida, ela quer falar no microfone, tudo é o microfone... então assim ela não tem vergonha, não tem medo, e aí eu sei que se eu desse mole ela ia apresentar no meu lugar. Aí pedi a minha mãe. E aí Alice passava a semana toda praticamente na casa da minha mãe, só que a gente começa a ficar com saudade. A gente achou que ia ser um período curto, mas a escola não voltou, a pandemia não foi embora.. E ainda por cima assim que voltei a trabalhar na [empresa atual], trabalhei lá só julho e agosto, colocou as grávidas de novo em home office. Então voltei para casa. Eles não mexeram no salário, mas a gente assinou um contrato de trabalho dizendo que estávamos em casa e que não iríamos ganhar nem adicional noturno nem hora extra. Gabi, o meu marido é médico e trabalha como ortopedista em emergência de hospital, então não tem muito o que

fazer. Como reagir? Álcool gel, máscara e fé. A gente não pegou nada até hoje. Mas ele chega em casa, eu seguro a Alice, senão ela corre para abraçar, ele vai, toma banho, separa a roupa, bota para lavar. E fora isso normal. A gente procurou manter também certa sanidade mental. Sem sintomas, a gente leva uma vida normal.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Acho que um pouco de todo tipo de violência. Como te falei, as pessoas estão vivendo com muito ódio. Era tão fácil chegar na rua e fazer um povo fala sobre qualquer coisa, podia chegar e pedir uma opinião. Uma vez eu estava cobrindo a olimpíada e perguntei: "O que você achou do Boulevard Olímpico?", e a pessoa já disse: "não vou responder não porque vocês vão colocar isso de qualquer jeito, vocês da imprensa, etc, etc" As pessoas estão muito reativas. Eu vi colegas sendo agredidos no período das manifestações. Falta respeito, no sentido de um limiar mesmo, de civilidade, entre o trabalho do jornalista e a situação das pessoas que eram autoridades, que praticamente não existe mais. Hoje um presidente chama a gente de bundão no meio do trabalho.

Eu fui cobrir o Bolsonaro na Ceasa, comecei a fazer perguntas, eu tinha chegado atrasada, para melhorar a minha situação eu tava sozinha. Ele parou para falar comigo, achei que ele queria falar, mas qualquer coisa que eu perguntava pra ele, ele jogava pra galera, e o povo gritando, olhando para minha cara. Uma situação super tensa, e tendo que lidar com essa situação, fazendo perguntas incômodas, ele respondendo de maneira grosseira, ríspida e todo mundo gritando em volta. Não tem como dizer que não seja violência. É agressivo, você está num clima de tensão, você não sabe o que vai acontecer. Você não se sente livre para realizar o seu trabalho. É um ambiente que você faz a pergunta de acordo com o que você acha que não será agredido. É bem complicado. Ou até mesmo com assessoria mesmo, a gente faz matéria, assessoria não gosta, e vem em cima da gente mandando email para o chefe da redação, reclamando, já passei várias vezes por esse tipo de situação. Isso envolve pressão, não gostou, fala comigo.

Quando você está numa empresa num ambiente ruim, psicologicamente você começa a adoecer. Na [empresa anterior] eu estava num processo de adoecimento. Eu até pensei em abandonar o jornalismo, pensei: "não quero mais. Quero fazer curso de fotografia, entrei no curso de fotografia, comecei a fazer, e por insistência de uma amiga acabei enviando um currículo, e a [empresa atual] me ligou 3 vezes pra me contratar porque eu não queria mais trabalhar com jornalismo. Estava cansada. Era o estresse do trabalho, a rua estava perigosa, as pessoas com raiva, eu não estava num clima bom no trabalho, não queria mais. E queria abandonar tudo. Não achava normal, natural, ter um clima daquele de trabalho. E o que aconteceu foi que eu fui muito bem acolhida na [empresa atual] . Hoje estou mais feliz com o grupo que eu trabalho.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Olha. depende. Depende do momento que tu tá vivendo. Por exemplo, quando eu estava na [empresa anterior] estava impactando e eu comecei a adoecer de verdade. Estava tomando ansiolítico, eu estava nervosa, tudo me fazia mal, eu comecei a ter problemas para dormir, entendeu? Tudo porque realmente o ambiente estava péssimo, eu sugeria matéria, matéria caía, tudo que eu fazia estava ruim, e eu sabia

que não era uma questão de qualidade profissional. Não é que eu me ache incrível, mas eu sei do meu potencial, e eu tava vendo que ali tava complicado para mim. Não tava mais rolando aquela química profissional. E aquilo ia acabar comigo, não ia dar certo, porque o que eu produzia intelectualmente já não interessava mais. Só interessava meu trabalho robótico de cobrir aquilo que era necessário, e isso não estava mais me fazendo feliz. Eu estava adoecendo mesmo, ficando com a cabecinha bem ruim. E isso impactou diretamente na minha qualidade de vida nessa época. Acho que na [empresa atual] o encontro foi mais feliz, e eu comecei a sentir mais conforto num trabalho que me completava enquanto pessoa. Fazia parte da minha vida, mas não que não consumia a minha vida.

SINTOMAS

insônia

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

dificuldades de concentração

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

sentimentos de fracasso e insegurança

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

negatividade

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

sentimentos de derrota e desesperança

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

sentimentos de incompetência

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

sensação de isolamento

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

dores musculares

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

alterações dos batimentos cardíacos

[empresa anterior] :sim

[empresa atual] :não

dores de cabeça frequentes
 [empresa anterior] :sim
 [empresa atual] :não

cansaço físico e mental
 sim para os dois

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Sim, teve precarização. Eu vou te falar da [empresa atual] especificamente pode ser uma coisa que chama muito minha atenção. A gente trabalha num grupo lá e a gente faz TV, a gente faz rádio, a gente faz tudo, a gente filma, a gente faz vídeo selfie, a gente manda texto, a gente só não dirige porque a galera é muito nova e não entregaram o carro na nossa mão ainda mas, sabe, é uma loucura. Assim, não é só uma questão de ser profissional multifunção, não é isso, eu falo que é precarização porque isso impacta diretamente no trabalho E precariza o trabalho também. Quando a gente se entrega, a gente não entrega a mesma coisa que entregaria se tivesse várias pessoas fazendo a situação. Então você fica sobrecarregado, porque fica na rua dividindo a sua atenção entre uma rádio de Porto Alegre, de São Paulo, do Rio de Janeiro, mas você também faz vídeo para uma TV por assinatura, e eventualmente você grava passagem para tv, você manda texto para São Paulo, escreve para o site, manda vídeo para redes sociais, para instagram e twitter. São os instrumentos que temos para trabalhar hoje e a gente não tem outra opção, se a gente não fizer desse jeito não vai fazer porque não tem recurso financeiro, mas é uma precarização. E a empresa também recebe impacto porque ela não tem a mesma qualidade se tivesse outros profissionais trabalhando.

- *Como vê a relação entre jornalismo e rede social?*

Olha hoje é importante para gente estar nas redes sociais. Estou falando enquanto empresa, né? É necessário que as empresas estejam em redes sociais para ganhar presença. Mas jornalisticamente falando hoje muita coisa surge e volta para as redes sociais, né? A gente tem que estar o tempo todo ligado. Se você mosca na rede social, você praticamente perdeu toda a pauta do dia. Várias vezes a pauta mais importante do dia surge de WhatsApp, de Instagram, twitter. Então a gente fica hiperconectado, né? A gente tem que estar o tempo todo conectado. A empresa tem que estar presente com sua marca, independente se vai trazer um retorno financeiro imediato ou não.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Meu marido é médico. Então assim, ele trabalha em cinco empregos, e eu ganho o que ele ganha em um. A questão é que ele não precisa dedicar a vida dele inteira, acordar com o jornal na mão, ligando a televisão para ver o noticiário do dia, e ficar ligado até a hora do trabalho, e na hora do trabalho ficar o tempo todo conectado e falando com todo mundo, e depois no trabalho ficar vendo se a gente não perdeu nada, olhando jornal da noite e dando olhada no site, Então assim, o trabalho do jornalismo é um trabalho de dedicação de vida. Não é trabalhar dentro do seu horário e dar tchau para aquilo, ainda mais na função que estou hoje, você está o

tempo ligado pra ver se você perdeu alguma coisa. Nunca desliga. Tem dias que você se aborrece no trabalho e fica com sono prejudicado, mas não é a rotina deitar e ficar pensando no trabalho.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Tem, o tempo todo tem essa cultura do furo, a gente tem que estar de olho, tem que dar o furo, tem que dar antes. A tinha essa informação, não tinha?, por que deu? Por que não deu? Tem essa pressão sim. Só que também tem consciência do tamanho da redação. Nossa equipe é micro, então quando a gente não tem ou não dá alguma coisa, a gente tem essa justificativa. E ainda assim vem muita coisa de ouvinte. Todo dia tem uma coisa que é só nossa. Às vezes a gente dá de forma preliminar e depois aprofunda mais pra frente. Quando damos coisas dos ouvintes também somos muito reconhecidos.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

No caso da empresa que a gente trabalha não tem ser super herói, mas a gente tem uma coisa que às vezes me incomoda um pouco que se chama: assistência social do jornalismo. Que é um pouco diferente de ser super herói, mas se aproxima. Todos os problemas que as pessoas têm no mundo, elas ligam ou mandam msg no wpp da rádio, mas é qualquer coisa mesmo. Esses dias ouvinte ligou pra dizer que estava preso no computador. E nós fomos ultra cobrados por não tentar tirar o cara do elevador.

Jornalista é um bicho muito vaidoso, né? É coisa de maluco isso. Então depende muito da vaidade das pessoas porque tem jornalista que veste a capa do vaidoso mas tem problema de auto estima, você vê que às vezes é uma questão de autoafirmação. Todo mundo que escolhe ser jornalista é um pouquinho vaidoso, né? A gente gosta de ouvir que a gente escreve bem, se expressa bem. Mas quando a gente vê que somos explorados, nosso salário é baixo e nossa vida não é fácil, a gente tenta sustentar nossa vaidade com o que aparece, tipo dá para fazer 300 milhões de coisas e eu consigo, olha peguei essa informação exclusiva, e tem um apego com essa palavra exclusivo no jornalismo, mas acho que tem a ver com a personalidade. Tem uma hora que todo mundo percebe que está sendo explorado. A capa não fica muito tempo no ar, ela cai rapidinho. E principalmente se você é novo na profissão, você chega muito inflado, agora estou na rua, agora estou fazendo não sei o que, arrumei emprego na imprensa... depois vê que não é bem assim.

- *Usa equipamentos próprios? Celular.*

Eles instalaram computador aqui em casa porque 80% do meu trabalho como chefe de reportagem é editar texto. O resto é logística das equipes, definir pauta, fazer prévia do dia seguinte, o programa que eu faço... mas 80% eu to gerenciando texto de estagiário e repórter.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Faço terapia.

- *Para mães e pais: Como é ser jornalista de hard news e mãe/pai? Como divide o tempo? Como se sente?*

Eu acabei dando sorte depois que eu fui mãe. Mesmo no período que foi complicado para mim psicologicamente, eu conseguia separar. Alice me deu muito trabalho de saúde, e foi bom que eu estivesse no Grupo Globo. Quando descobri que estava grávida, saí da rua no dia seguinte. Fui para o site. Não era o mar de rosas, eu tinha uma chefe muito exigente, a gente ficava muito tenso, era muita pressão para que as coisas não acontecessem com erros. Então eu saía de lá com dores homéricas no pescoço, mas eu estava lá dentro, com horário para entrar e sair, hora para comer, banheiro à disposição. Fiquei 1 mês em casa antes dela nascer, ela nasceu prematura, quando Alice foi para casa, depois ainda emendei férias, não tinha medo de ser demitida. Então nesse sentido não foi um problema. Estar com ela sempre foi tão bom que enquanto eu estava com ela, estava preocupada com as coisas dela, as roupas dela, com a saúde dela, e me afastava dos problemas do trabalho, não ficava misturando as estações. A coisa mais difícil foi quando eu mudei de emprego e precisava buscar ela lá na creche, porque tem pessoas que entendem e pessoas que não entendem. Então ficou mais difícil em algum período, imaginei sair, mas depois as coisas foram se ajustando. O fato de eu estar muito chateada, e estar com ela me ajudava, me distraía. Ela me tirava do meu estresse.

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Sinto um pouco de saudade do trabalho se encerrar no expediente. Na função que eu tô hoje eu não desligo, celular, Whatsapp, mas apesar disso, nunca mais senti aquela pressão que eu sentia. O problema não é o jornalismo nem a empresa, e sim você se adequar às políticas do lugar que você decidir trabalhar. Se a empresa tem parâmetros que você não vai alcançar, se você não está disposto a enfrentar, melhor você procurar outro lugar.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu acho que a gente está se descobrindo o tempo todo. Estamos lidando com dificuldades que são novas o tempo todo. É descobrir como a gente reage, como a gente sai de determinadas situações. Apesar de toda política nacional, local, e todo comportamento das pessoas em relação ao ódio ser cíclico, a gente está sempre aprendendo, até em relação às redes sociais. A gente está enfrentando problemas antigos até de maneira nova porque a gente tem novas maneiras das pessoas se expressarem, então a gente está sempre aprendendo. E é um lugar onde a gente sempre vai estar, não é um caminho linear, você vai estar sempre correndo atrás de dar conta daquele papel, mas sempre sem sair do lugar, porque estamos sempre aprendendo.

Entrevista 16:

Entrevista de TV aberta - 28 anos - 8 anos de jornalismo.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Eu me pergunto se eu sei responder a essa pergunta. Acho que no contexto de hoje, em que as instituições são questionadas; em que as redes sociais dão voz àqueles que realmente estão a fim de enganar as pessoas, porque para mim não existe outro conceito, pessoas que inventam uma notícia, algo que não aconteceu para enganar, então enquanto você tem uma plataforma que dá voz a esse tipo de gente, o jornalismo é mais do que necessário. E mesmo assim ainda é muito difícil você se declarar como jornalista porque as pessoas questionam a sua credibilidade apenas por você dizer que faz parte de uma empresa, por estar ligado a uma empresa grande de comunicação, porque tudo é questionado, e não de uma forma positiva. Sabe quando você tem todas as informações, e você tem acesso a informações verdadeiras e você questiona? Isso é ótimo, porque você está formulando um pensamento em você. Agora quando você não tem informação de nada e recebe alguma coisa na sua rede social, sem fonte, sem credibilidade, e você acredita, toma aquilo como verdade, e a partir daí questiona veículos que se solidificaram durante anos no cenário da comunicação pela credibilidade, é complicado. A gente vive num momento em que você está com sua equipe na rua, e as pessoas passam te xingando. E não é um xingamento contra a minha empresa, elas me xingam, são xingamentos pessoais de pessoas que nem me conhecem. O primeiro sentimento que me vem é de ódio, de muita raiva, a vontade é de questionar: "Quem é você para falar comigo dessa forma? Quem você pensa que você é para falar de mim dessa forma?" Só que ali a gente está com microfone na mão, não somos nós que estamos ali, eu sou repórter da [empresa atual]. Então a gente precisa ter muita paciência. Mas eu entendo colegas que extrapolam, tenho colegas que já caíram ali fisicamente juntos por causa de uma pessoa dessas. Mas quando você está representando que sua empresa, no seu ambiente de trabalho que é a rua, então eu preciso ter uma postura e paciência, e entender que quando eu passo por esses episódios eu consigo ter uma noção maior do quanto meu trabalho é necessário; nesse sentido, do quanto uma apuração bem feita, com fontes, o quanto isso é necessário.

Sim, porque a gente está ali trabalhando com o dia a dia do Rio, com o factual, e pipocam muitas coisas. E essa semana especificamente foi muito tensa, teve tiroteio, mais de 24h de tiroteio, sequestro, operação grande, governador afastado; e eu acho que no dia a dia quando essas coisas surgem, surgem também muitas informações equivocadas. Então eu consigo trazer aquelas informações bem apuradas, é o papel do jornalista.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Depois que eu passei alguns meses, no meu segundo ano na tv, eu consegui ter uma rotina para mim. Então eu consigo agora ter um horário de entrada, e até consigo ter um horário de saída porque é muito difícil dar um problema enorme na cidade a noite que a pessoa precise ficar ali estourando o horário. Mas quando eu entrei; eu era a novinha, um dia eu estava pegando 4 da manhã, no outro 1 da tarde... tem duas que eu não suporto na nossa profissão: cair com folga, mexer na nossa folga, por causa de nada, se não for o dedo mindinho do Cristo redentor que cair não me chama, e horários que não são constantes. E eu comecei a bater o pé, porque isso me matava; eu não poder ter a minha rotina. E era assim também; o horário do dia seguinte por volta das 8 da noite, e a emissora começou a ter esse cuidado de mais

ou menos manter. Os repórteres da manhã são os que têm mais alteração por causa das operações, na parte da tarde eventualmente se acontecer alguma coisa.

Fico ansiosa. Meu horário é hora do fechamento do jornal. Às vezes pego duas pautas a uma da tarde para entregar às 17h30, para correr e escrever texto. A passagem pela rádio me trouxe uma agilidade. Eu consigo fazer um texto para entregar, não é de prêmio Esso, é para entregar a informação. Em relação à ansiedade, eu tenho tido princípios de crise de ansiedade, todos relacionados ao meu trabalho. Eu tenho percebido isso, que cada vez que se aproxima o horário de chegar ao trabalho, isso me causa nervosismo, como é que vai ser hoje, o que vou fazer, eu não sei te explicar. Eu gosto do que eu faço, mas ao mesmo tempo o que eu gosto me causa um certo mal, e a gente fica nessa faca de dois gumes.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Sim, muito. A rotina mudou bastante lá. A gente começou a trabalhar separado. Os repórteres que iam para a rua ficavam separados numa redaçãozinha no quarto andar, que era uma sala que estava vazia. E a gente tinha todos os equipamentos de higienização ali, álcool em gel, lysoform, papel, máscara, tudo para a gente fazer a limpeza do local e tentar se proteger e resguardar as outras pessoas. Com o espaçamento, a gente começou a fazer as entrevistas por skype, dando prioridade às entrevistas por videoconferência, então mudou ali o relacionamento com o entrevistado, porque nessa conversa que você tem antes da gente dar o REC na câmera, a gente conversa a respeito de muita coisa, né? E você se aproxima daquela fonte. Quando você tá ali na câmera, bom pelo menos eu já ia direto no assunto, tinha mais outras 20 pessoas tendo que usar também o computador então não dava para ficar ali. Então senti que isso também foi algo que mudou bastante assim essa nossa relação com as fontes. Não mudou salário nem horários, mas tiraram plano odontológico, e estavam descontando do nosso contracheque sem avisar. A gente só descobriu quando uma pessoa precisou usar o plano odontológico, foi lá, senão eles não iam avisar. Houve atrasos também no pagamento de benefícios, vale transporte, alimentação, refeição, tiveram atrasos mas foram pagos. Salário não atrasou, não houve corte, não sei porque não tiveram corte de Salários daqui do Rio. Parece que em São Paulo tiveram cortes mas parece que em uma reunião o diretor da [empresa atual] disse que não poderia atrasar os salários porque a multa para [empresa atual] seria muito pior do que ter que pagar os salários. Mas tiveram muitas demissões. desde o início da pandemia, devem ter rodado entre 30 e 60 pessoas em todos os setores. secretárias, chefes, chefes do setor de operações. tivemos algumas perdas de covid na [empresa atual] também. O s. Roberto, motorista dos diretores, E na verdade assim eu não sei se foi por causa do coronavírus, eu não sei. Você chegou a trabalhar com Roni, cinegrafista? Ele faleceu. Cara, foi bem difícil, foi bem difícil. Ele deveria ter uns 40 e pouco, perto de 50. Ele teve infarto A gente não sabe o que que aconteceu, se foi ansiedade porque estavam já rolando aqueles rumores de demissões, e pelas conversas anteriores que a gente já teve com ele, ele tava se sentindo um pouco ansioso em relação a isso. Aí ele acabou tendo esse infarto e não resistiu. Foi fulminante. E justamente nesse dia tiveram as demissões. Então olha a situação que a gente fica. A gente tá no meio de uma pandemia, a gente tá tendo que trabalhar todos os dias com todo o risco que isso envolve, eu passei a ir de carro, outra mudança na minha

rotina foi essa, eu usava os transportes públicos e com esse medo, as pesquisas mostrando que a maior fonte de contaminação é o transporte público, então eu passei a ir de carro, e aí começa a ter um gasto maior com gasolina com manutenção, etc. Você tem todo aquele medo de ser contaminado, de contaminar alguém da sua família, aí você tem a incerteza provocada pela crise econômica, devido ao isolamento social e além disso tudo você perde pessoas ao seu redor por causa da doença ou de outras questões mas que acaba não deixa de ser ligada a doença. Porque eu acredito que essa morte do Roni não foi pelo coronavírus, mas ela foi uma morte por causa dessa pandemia, por causa dessa crise.

MUITO EMOCIONADA

Muito (mexeu muito comigo) porque aquele dia a gente chegou lá na redação, eu ainda fico até um pouco emocionada, porque o Roni era um cara maravilhoso. Eu trabalhei pouco com ele porque ele era do esporte, mas as poucas vezes que eu trabalhei com ele a gente se deu super bem... a gente no meio do plantão, calor do caramba, comprava uma cervejinha escondido, sabe? Naquele dia para gente chegou na redação, eu cheguei na redação nem lembro o horário, acho que cheguei era 10 horas da manhã e colegas comentaram "Roni morreu e tal", e tive o mesmo baque que você teve agora. Naquele mesmo dia tinha rumores de demissões e a gente não sabia se ia acontecer de fato. Até que começaram a chegar os cinegrafistas, as pessoas que iriam ser demitidas, em horários que não eram compatíveis com que elas faziam. Então quem chegava 7 horas da manhã, 6h, 4h, chegou 10, e começou a dar aquela desconfiança. Como o Roni morreu e ele estava na lista dos demitidos, deixaram o Charles ficar, que também seria demitido. Eu trabalhei como Charles nesse dia, e ele nem conseguia dirigir o carro. Ele tinha perdido um amigo e ele estava na lista de pessoas que seriam demitidas E além disso, na rua, mais porrada, mais gente que vem gritando e vem fazendo escândalo, estardalhaço. Eu olhei para o Charles e ele tremia; ele não estava ali. Foi um dia muito difícil. Esse foi o pior dia que eu me lembre dentro da [empresa atual] porque juntou tudo, e você fica naquela "E aí eu também vou entrar nessa? O que que vai acontecer? Como é que vai ficar minha situação no meio de uma pandemia? ninguém tá contratando", e tudo isso vai virando uma bola de neve no seu pensamento. Esse foi um dos piores dias que eu trabalhei, foi o pior, eu só queria entregar o meu texto e sair.

- *O que é violência no trabalho para você? (aqui imaginei falar não só nos tópicos relacionados à precarização do trabalho, como também violência nas ruas, insegurança para trabalhar, agressões de pessoas comuns, etc)*

Eu acho que é a forma como nós funcionários somos tratados. Eu acho que quando você tá na rua, um cara vem e te ataca e diz que você é isso ou aquilo, aquilo me dá uma raiva na hora, uma indignação. Mas eu tenho a consciência de que a pessoa não me conhece. Agora a forma como a gente é tratado (dentro da redação) isso é o que pode caracterizar uma violência. Quando eu não consigo ter a minha rotina, isso já é uma violência contra mim. Quando eu preciso fazer coisas que eu não concordo dentro da empresa, isso também para mim é uma violência. Então eu acho que é o respeito ou a falta dele que caracterizaria para mim essa violência.

- *Como lida com isso?*

Eu não lido, eu fico com crises de ansiedade. Eu fico aqui chorando com meu marido "ai cara, de novo isso, ontem foi exatamente dessa forma". E eu mandando mensagem para ele falando: "Cara, não aguento mais isso. Isso está errado, não se faz". Você precisa desabafar com alguém, é o máximo que eu posso fazer, falar com a minha chefia: "ó, tá errado, gente, não tá certo", e ela me responde "Ah, tá bom". Isso para mim é uma violência.

Exemplo: Eu estava fazendo um vt ontem sobre o São Carlos e aí a TV Globo veio com um vídeo, como sempre a TV Globo tem uma apuração foda, tem fontes, e eles conseguiram no vídeo do prédio em que os sequestradores entraram depois da confusão lá no São Carlos, para poder mostrar uma família, o porteiro foi atingido porque os bandidos tentaram arrombar o portão, e eles entraram na casa de uma família e isso a gente viu nas imagens, são ótimas imagens. Imagens da Globo e que foram colocadas nas redes sociais e publicadas no site do G1. o meu chefe em São Paulo já passa pela jurisdição do rio, simplesmente copiou o vídeo da Globo estava com o off da Beth Lucchesi, e mandou que eu colocasse na minha matéria. E eu falei "gente, pelo amor de Deus, gente, é a minha cara que tá aparecendo, copiando o trabalho dos outros, pelo amor de Deus alguém me, escuta está errado porque se fosse com a gente isso, p**** ,vocês iam ficar loucos, como ficam quando alguém copia alguma coisa da rádio, que a rádio principalmente que dá os juros, né? Tem muitas fontes também. Enfim, não adiantou. A desculpa que eu ouvi foi que o vídeo já tinha sido replicado em outras agências e que a gente poderia replicar. Eu falei com a minha chefe direta, mas ela disse que a ordem tinha vindo lá de cima, e a gente quer manter nosso emprego, né? Essas coisas tornam o trabalho muito difícil.

- *Sente algum destes sintomas?*

insônia

sentimentos de fracasso e insegurança - no topo da lista

negatividade constante

sentimentos de derrota e desesperança - derrota mais, desesperança nao

sentimentos de incompetência

alterações repentinas de humor - todos os dias, marido fica louco

alteração de batimentos cardíacos

dores de cabeça

cansaço físico e mental - demais

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Eu não sei se eu consigo ver essa consequência porque meu marido também é jornalista. A gente entende as frustrações e tal, e eu acho que a gente consegue dividir no sentido de não trazer essa chateação para dentro de casa ou para dentro do nosso relacionamento. É óbvio que vão ter dias que a gente vai estar de saco cheio e tudo mais, mas a gente a gente tenta não descontar isso um no outro.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Não, claro que não. Hahahaha NEM UM POUCO.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

Meu telefone, meu fone, roupa, maquiagem. Eu que tenho que pagar para fazer unha, sobancelha, um cabelo diferente, eu que tenho que pagar.

- *Como é seu relacionamento com seus gestores? Bom relacionamento com gestores.*
- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Todos os dias. Vamos lá, vou te dar um exemplo. Na quinta-feira, a gente foi lá para o São Carlos para poder fazer essa cobertura da invasão que teve lá, tiroteio, e só estava eu e o meu cinegrafista. A gente foi com colete e capacete. Eu com meu microfone, e ele com câmera de 15 quilos, tripé + equipamento de Vivo e mais uma mochila com cabos e coisas ali que eventualmente se ele precisar trocar, ele vai precisar. Então ele deveria estar carregando ali junto entre 20 a 25 kg somando tudo. E quando a gente olha para outras equipes na rua, a gente vê um auxiliar, a gente vê um motorista, a gente vê pessoas que auxiliam. É isso, né? O auxiliar é para tentar tirar de cima dos dois aquele peso de responsabilidade, e não é só peso físico, mas a responsabilidade de você tomar conta de todos aqueles equipamentos, de tudo, além de prestar atenção na imagem, que é a função dele, e eu na notícia, no que tá acontecendo, no entrevistado, etc. Quando você reduz as equipes, você não está reduzindo o quadro de funcionários, você está reduzindo a qualidade do serviço que você vai entregar. E nesses 8 anos o que a gente vê é isso.

- *Como você vê a relação entre rede social e jornalismo*

As redes sociais foram positivas no sentido de você amplificar o teu número de pessoas que vai ter acesso ao teu trabalho, mas ainda assim você ainda tem que produzir conteúdo para essas redes sociais e você perde um tempo. Você acumula mais uma coisinha para fazer no seu dia. Eu acho que o que deve passar assim na cabeça das pessoas é que não, mas "é só um videozinho que você vai gravar, ah mas é só um post que você vai fazer, não tem nada demais". É uma coisa que só vai acumulando, acumulando, e "são coisinhas pequenas que não tem importância, não tem nada a ver, você tá reclamando demais". Ninguém enxerga como mais uma coisa.

- *Você falou que sofre com insônia?*

Essa insônia ela não é todos os dias, ela não é frequente. mas eu tenho visto que quando eu fico assim naqueles dias que deu mais problema, sabe? e vai me crescendo uma ansiedade em relação ao dia seguinte, então às vezes eu não consigo dormir. Mas não é tão frequente quanto por exemplo cansaço, cansaço no corpo. Parece que o corpo sente quando chega a folga. Eu acordo cedo todos os dias, eu procuro dormir cedo também, e hoje (dia de folga) eu acordei e parecia no meu

corpo que eu tinha entrado numa máquina de lavar. Eu acordei com meu corpo dolorido, pesado, eu não queria abrir o olho, e eu senti que o meu sono não foi tão bom, eu não descansei a noite. As noites não parecem que foram bem dormidas. A minha fuga é a cozinha, adoro cozinhar, passo o dia todo pensando no que vou cozinhar no fim de semana.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não tenho, mas acho importante e necessário. Mas eu não faço e nem sei te explicar porque.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Com preguiça. Eu vejo isso com uma preguiça assim enorme, que eu olho e falo "cara, larga de ser babaca, sabe? essa empresa vai botar o pé na tua bunda daqui a pouco, assim que ela achar que ela precisa cortar o teu salário, entendeu?" Tive muitos amigos ali dentro que se doaram para [empresa atual] e a [empresa atual] simplesmente demitiu essas pessoas. E quando você demite uma pessoa, você não está cortando um salário, você está perdendo a qualidade do seu trabalho. Tem uma repórter que é isso que você acabou de falar. A [nome do jornalista] é isso. Ela está apresentando o jornal, ela agora é apresentadora oficial, e ela gosta muito de fazer coisas policiais, operações, ela tem muitas fontes dentro da Polícia Civil, principalmente. E aí essa semana ela entrou 4 horas da manhã para poder fazer uma operação, para apresentar o jornal que vai ao ar às 6:50 da tarde para sair de lá às 7:20 da noite, 7:30 da noite, e posta foto "ah, primeiro tempo. Não, agora o segundo tempo, aí agora agora eu vou apresentar o jornal..." Eu olho para aquilo e falo: "cara, que isso". Eu vejo muito essa romantização, da pessoa achar que aquilo é maravilhoso e exaltar isso, sendo que a você não ganha para isso. Aquela 4h da manhã que ela entrou não vai para a folha de ponto dela, ela não vai ganhar aquele adicional noturno, ela não vai ganhar a interjornada. E não adianta você dizer para mim que é algo pessoal, que ela está fazendo algo para ela, não só para o crescimento profissional, eu sinto que é para mostrar para as pessoas: "olha, como eu trabalho". Sim, como ego.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Lá na [empresa atual] não tem isso. Na rádio tinha bastante. Como a gente não tem equipe, fica muito difícil a gente conseguir dar o furo.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Sim, para gastronomia! Vou virar uma chefe, ter meu restaurante, é meu sonho!!! Eu sei fazer uma matéria, fazer uma entrada ao vivo, apresentar um jornal no final de semana, e isso tudo é muito legal. Só que todos esses pormenores que a gente encontra no nosso dia a dia, todas essas violências que a gente tem no nosso dia a dia, isso tudo me faz estar infeliz dentro da minha profissão. E aí se eu conseguir no meu mundo perfeito, aliar o que eu sei fazer ao que eu gosto de fazer seria incrível.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu acho que a gente tá remando para a mesmice. Eu acho que as coisas não vão mudar, acho que as coisas só tendem a piorar. A gente tem aí emissoras surgindo só com vídeo-repórteres, pessoas que vão trabalhar com uma câmera, celularzinho, tripé, sem nenhum tipo de suporte. Nenhum. Deu uma merda, explodiu uma bomba, alguém veio com uma arma, mas tu não tem um carro, tu vai chamar um Uber para poder te tirar daquele lugar, não tem uma equipe. As vagas de trabalho já surgem dentro dessa condição. Eu não acho que vai mudar, eu não acho que vai melhorar. Ao longo dos últimos anos a gente tem visto essa precarização aumentar e vai sempre ter gente disposta a aguentar mais do que a gente aguenta, mais do que a gente suporta. Então são essas pessoas que vão estar no nosso lugar. Essa pessoa vai estar no seu lugar porque ela vai estar disposta a não ter a rotina, entendeu?

Entrevista 17:

Entrevista repórter de rádio - 27 anos - 6 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Hoje eu acho que mais do que nunca o nosso papel é muito relevante. Sou um pouco contra essa visão da objetividade, acho que a gente deveria abandonar um pouco isso. Eu não me considero uma jornalista imparcial e objetiva. Eu hoje cubro assuntos que exigem engajamento, e o papel do jornalista é crucial para combater os ataques à democracia no Brasil e no mundo, então acho que o jornalista é mais do que simples transmissor de informações, a gente é um agente defensor da democracia, nosso ofício é diretamente ligado à liberdade e à defesa dos direitos, especialmente os direitos humanos. Eu individualmente tento fazer um tijolinho nesse muro todos os dias, fazendo um trabalho responsável e pensando que vidas eu posso ajudar e atrapalhar com meu trabalho, e não podemos perder isso de vista.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Há quase quatro anos eu trabalho pela manhã, eu acordo bem cedo, 6h30, estou de home office (vai pra rua e volta pra casa, mas só vai pra rua em casos especiais). Nossa equipe é muito pequena e eles têm medo de que a gente fique doente e não tenha ninguém pra cobrir o dia a dia. Tem 2 repórteres de manhã e 2 de tarde. Tenho me sentido muito sobrecarregada, este ano mais do que nunca, principalmente porque não tem gente suficiente para fazer o que a redação se propõe a fazer, então acho que a chefia ainda não percebeu que a gente não tem braço, que a gente tem que escolher o que vai cobrir, não dá pra cobrir tudo, e por isso estou muito sobrecarregada, inclusive eu já ouvi da chefia que estou carregando a reportagem nas costas pela manhã, e eu não acho que isso seja um elogio porque isso adocece as pessoas. E eu tenho histórico de ansiedade, eu tenho TAG, Transtorno de Ansiedade Generalizada, é um diagnóstico clínico, e a chefia tem ciência disso. No meu caso é um pouco pior porque eu já tenho essa doença, fui diagnosticada na época do vestibular, e eu tenho vários sintomas de ansiedade no dia-a-dia por causa do trabalho mesmo, enxaqueca ao longo do dia. Ao fim de um dia cheio, eu costumo sentir muita dor de cabeça, à tarde e à noite, o que me incapacita para outras

atividades, eu fico só trabalhando. E o tempo que eu não estou trabalhando eu estou juntando energias para trabalhar mais no dia seguinte. Trabalho 8h por dia, mas são 8h sem parar, sem descanso, poucos momentos de descanso mesmo em casa.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Cubro tudo, também faço mestrado, minha dissertação é em divulgação científica na Fiocruz. Tenho interesse específico em saúde e ciência. Então antes da pandemia, essas pautas ligadas à ciência, saúde e problemas em hospital quase sempre ficavam comigo, eu também sempre sugeri pautas nesses assuntos, e aí veio a pandemia. E aí eu me senti mais cobrada do que o normal porque esperavam de mim que eu tivesse sempre ideias, só que eu também sou um ser humano normal, também estou sofrendo com toda essa angústia que as pessoas estão sentindo. Eu cheguei a fazer muita matéria sobre coronavírus no início, meio que ficou só comigo esse assunto no início, aí quando começou a ganhar grandes proporções, com as medidas de restrição à circulação, fechamento de comércio, todo mundo só fechava todo dia esse assunto, uns dois meses, não tinha outra coisa na cobertura. Aí eu consegui sentir menos peso e pressão de ter que cobrir uma pandemia, com todos cobrindo esse assunto. Agora tenho feito mais impeachment, eleição, etc.

Eu moro com meu marido e nós não temos questões de saúde. O que mais pegou pra mim foram as consequências do isolamento, mais do que o medo da doença em si. E ainda sinto isso, porque ainda estamos em home office, e é um esquema que eu gostaria muito que acabasse porque a gente perdeu muito o olho no olho com a galera, e essa comunicação à distância eu não acho que seja a melhor possível. As mensagens não dizem tudo, não dão o tom da conversa. Então às vezes acontece falha de comunicação e mal entendidos entre as pessoas, principalmente porque todos estão no whatsapp o tempo todo, as pessoas nem se ligam mais, não tem nem ligação pra discutir coisas necessárias do trabalho. Nunca houve nesse tempo todo uma reunião no zoom com a equipe. Eu sinto falta, mas a gente nem tinha reunião presencial antes, a equipe é muito mal articulada. É um trabalho em equipe, porque não tem como fazer rádio sozinho, mas a gente se fala por mensagem, às vezes nem se fala, tudo meio que no automático, estou bem cansada disso, isso tem me feito mal em termos de saúde mental. Eu gostaria que voltasse a convivência, pelo menos a gente tava vendo a cara um do outro.

- *O que é violência no trabalho para você?*

A primeira coisa que me vem à cabeça é assédio moral, que eu considero um tipo de violência. Você se sentir chantageado, ou na obrigação de fazer algo que nem é sua obrigação por medo de ficar mal visto, ou de repente perder uma oportunidade no futuro, não dizer não para coisas do tipo caçarem sua folga de véspera com aquele tom de "você pode fazer amanhã?" e você tem que poder né? Até hoje, são seis anos na rádio, eu não me sinto à vontade pra dizer que eu não posso alguma coisa. Às vezes eu até nem posso, mas dou um jeito, e faço. Eu vejo isso também com outros colegas. Eu só penso em assédio moral. E de uns tempos para cá... Já passei por situações de chantagem descarada, tipo: "eu que botei você aqui, você tem que fazer do jeito que eu quero. Olha, acabei de demitir fulana, o que você quer? Uma vez eu passei por uma trainee que tinha acabado de ser demitida, ela

saiu da sala do chefe e ele olhou pra mim e disse: "tá vendo? Demiti ela. Mas eu não vou te demitir hoje não".

São vários episódios. Foi por pouco que eu não fui ao RH denunciar ele. Me sinto covarde, mas eu precisava do emprego. Mas eu precisava do emprego, né? Eu não trabalho por hobby. E de uns tempos pra cá eu tenho pensando na violência do público com a gente. É um segundo tipo de violência. De ouvir coisas agressivas, etc. No dia da eleição do Bolsonaro ouvimos de uns apoiadores dele que a gente ia passar fome, que a gente ia morrer, porque quando o Bolsonaro assumisse a gente não ia ter mais emprego pra ser jornalista. Foi bem hostil. São intimidações. Fora do ambiente do trabalho é isso com o público, mas dentro do trabalho é na relação com a chefia.

- *Como é seu relacionamento com seus gestores?* O relacionamento com gestores é bom, são jornalistas. A demissão do assediador foi alívio para todos.
- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?*

Uso o celular próprio o tempo inteiro no trabalho, minha internet. Na quarentena deixaram celular comigo, mas não dá pra usar só ele. Mas eu só me comunico com a chefia pelo whatsapp. Não é opção não ter WhatsApp, deveria ter. Inclusive eu comprei um computador novo pra poder trabalhar de casa. Entra no ar pelo telefone.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Meu marido já sugeriu que eu saísse da rádio pra não fazer nada. Ele acha que a nossa vida seria melhor, e talvez fosse mesmo. Ele é militar da Marinha, e eu acho que sou mal remunerada, tenho pouca disponibilidade, Trabalho feriado, fim de semana, isso prejudica a convivência familiar, já perdi vários eventos de família porque estava de plantão, e nem sempre as pessoas entendem. Teve uma época em que trabalhei de madrugada e isso foi bem ruim. Não estar presente, não poder viajar.

Pautas pesadas me fazem mal, já me impactaram muito, hoje acho que menos, estou um pouco no automático. Me faz mal também perceber que alguma coisa muito grave não me choca mais. Mas pauta em enterro e IML eu sempre ficava na merda por bastante tempo, me sentia mal por ter que entrevistar uma pessoa naquela situação, ficava muito tempo pensando nisso.

- *Sente que a profissão traz impactos para a saúde mental?*

A profissão tem impactos na saúde mental, principalmente por causa do meu quadro de TAG na época do [nome de jornalista] eu tive que tomar remédio, fiquei com acompanhamento psicológico bem próximo, gastei a maior grana.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Retorno financeiro não compensa de maneira alguma, inclusive eu penso em deixar a profissão o mais breve possível.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e mental
 dificuldades de concentração
 sentimentos de fracasso e insegurança - muito
 sentimentos de derrota e desesperança
 sentimentos de incompetência - já sentiu, hoje menos, porque está no automático
 - dar conta, sempre dá no fim das contas
 alterações repentinas de humor
 sensação de isolamento - principalmente depois do home office
 dores musculares - muito
 problemas gastrointestinais - prisão de ventre, gastrite
 alterações de batimentos em situações específicas - em protestos, em pautas pesadas, apressada pra entrar no ar, sim, sente
 dores de cabeça - todo dia

Eu tenho sensação de estafa mesmo.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

É visível, diariamente. Redução da equipe é o primeiro ponto, cada vez menos pessoas pra fazer as mesmas coisas ou mais. Essa é a principal precarização. Considero precarização não ter motorista e pegar uber pra ir pra pauta. Vira um “control C control V” dos colegas, ou simplesmente a gente ignora coberturas porque não deu.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho péssimo. Tem um monte de colega que vive reclamando do salário, a gente ganha mal, a gente é muito fudido, to sem comer desde ontem, aí posta um monte de stories "jornalismo por amor", ah, vai se foder. Hahahah É o fim da picada, hiper contraproducente, você ir contra sua própria causa. A profissão é legal pra quem tá ouvindo, não é tão legal assim. É por isso que eu quero sair da profissão, porque um dia eu acreditei nisso. Achava que seria divertido e interessante não ter rotina, e é realmente legal, mas também você não saber o que vai fazer todos os dias me causa muita aflição, angústia e ansiedade.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Eles já desistiram disso lá porque a gente não faz nem o mínimo. É claro que a gente valoriza quando acontece. Furo só pontualmente, cair na sua cabeça por sorte alguma informação. Faz muito tempo que a [empresa atual] não dá um furo.

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Poderia ser melhor - é média. Não tem como ter qualidade de vida com muita dor de cabeça e dor nas costas.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Quero mudar de carreira, mesmo que não seja saindo do jornalismo, que seja saindo do hard news. Não sei o que eu quero, mas sei o que eu não quero, e eu não quero continuar nisso-

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria? Faça análise.*

- *Como vê a relação entre rede social e jornalismo?*

Rede social dá mais trabalho pra gente. Não tem como não usar, eu vejo com bons olhos, só acho que a gente deveria estar melhor preparado para usar da melhor forma - temos comentários com conteúdos agressivos, enfim, a gente tinha que saber usar melhor, até pra poder interagir com a audiência.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?()*

Tem poucos veículos fazendo hardnews aqui, a gente tem pouca opção se quiser continuar trabalhando com isso, entrou a CNN, deu uma esquentada no mercado, bastante gente mudou de lugar, mas é um mercado muito pequeno, e a tendência acho que continuar assim ou diminuir mais, ainda mais no Rio. Se eu quiser sair da [empresa atual], eu só tenho a Globo e a CNN, os outros veículos são tão pequenos ou menores, tem a Band que tem tamanho e relevância... Acho que o futuro é continuar assim, pequeno, impenetrável, Pra quem se forma em jornalismo é praticamente impossível se você não conhecer alguém. A maioria que se forma em jornalismo não vai ser repórter, vai ser frustrado também, porque ninguém entra na faculdade de jornalismo para ser assessor de imprensa ou alimentar a rede social de alguém. E paga mal ainda por cima, todo mundo quer fazer, mas não sabe que além de difícil, é muito mal remunerado. Eu gosto muito de fazer séries, mas demora muito e você fica muito sozinho, até porque é difícil ficar fora da pauta..hoje em dia está impossível, tem que acumular, trabalhar mais horas, fazer hora extra, e não vale a pena, né? Pra mim já não vale mais, eu nem gosto mais do que eu faço. Foi terapêutico falar. Quando eles dizem que eu levo a reportagem nas costas de manhã, eles me dizem que eles têm consciência de que estou sendo explorada. Olha que loucura, hoje eu sou a pessoa mais experiente na reportagem da rádio e eu só tenho 27 anos, eu não quero carregar esse peso. meu salário é o mesmo desde sempre. todo dia termina com a gente dizendo "ufa, mais um dia da rádio no ar".

Entrevista 18:

Entrevista repórter de jornal - 29 anos, quase 10 anos de jornalismo

“Eu tive ontem uma crise de choro dentro do quarto. Até pensei: ‘Não aguento mais’. É foda”.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

A situação hoje está tão difícil no Brasil, de fake news, que eu acho que a gente está perdendo muito tempo desmentindo fake news. Nosso papel não é fazer esse checklist, nosso papel é noticiar. Infelizmente no Brasil você está fazendo checklist todo dia, desmentindo informação, às vezes o cara pega uma informação que você deu e edita ela, os políticos do Rio tem feito isso para atacar os jornais.

Há uma disputa entre as organizações Globo e o pessoal da Record, e às vezes eu me sinto usado. Não sinto a necessidade da gente estar embarcando aqui e ali. Mas por causa de um editorial, você tem que fazer. E às vezes eu me sinto usado em algum tipo de matéria. É bem difícil porque isso te deixa cansado, estressado, e você acaba que perde um pouco, me sinto usado pelos empresários. E os caras estão ganhando e a gente se lascando, pq o salário ó (símbolo Chico Anysio).

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Fico com fadiga, tem dia que eu tenho ânsia de choro, tem dia que eu tenho vontade de largar a pauta e ir embora, e principalmente quando a pauta é muito difícil, por exemplo, ontem eu fiz uma grávida de 9 meses que foi morta por um desentendimento entre ela e um cara com que ela tinha tido um relacionamento, e a carga é tão pesada que você acaba absorvendo muita coisa. E quando eu chego em casa me pergunto que cansaço é esse, por que que eu estou com esse cansaço? Mas não é um cansaço físico, sabe? É um cansaço emocional, te dá fadiga, choro... um dia desses eu me peguei à noite tendo pesadelos e eu não conseguia dormir, fiquei quase uma semana com medo, porque eu fiz uma matéria e aquilo me deixou muito mal. Aí eu acordo todos os dias às 6h e pouco, tenho que ler os jornais, porque às 7h minha chefe vai me cobrar o que tem, o que tenho que apresentar, eu tenho que apresentar pauta, se não tiver, tenho que me virar...então é uma rotina que acaba muito desgastante. Aí eu vou até 3h, mas 15h só teoricamente, porque 4, 5, 6,7,8 da noite o editor tá te ligando... um editor, 2 editores, 3 editores estão te ligando pra saber a mesma coisa que você já tinha falado com o primeiro retorno às quatro horas da tarde. Aí chega 22h, você quer dormir e não consegue dormir porque você está dando retorno para a chefia. O cara não lê, ele também está fechando quatro, cinco, páginas, e o repórter que vai sendo pressionado 24h por dia.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

O trabalho aumentou na pandemia, tanto em número de horas como na densidade do trabalho. Temos trabalhado mais. O jornal adotou a redução de 25% do salário, então foi prejudicado por 3 meses, e depois voltou a receber normalmente. Houve muito estresse, teve uma época que a gente se perguntava "Meu Deus, o que está acontecendo com a gente?" Eu olhava para a janela e perguntava: "Meu Deus, será que eu pulo daqui?" Em abril foi o pico mais difícil, a gente indo pra rua todo dia. Eu tive que ir pra Volta Redonda fazer matéria, conversei com pessoas, e na volta a gente descobre que o motorista estava com covid e agente estava com o motorista no carro. Quando eu descobri, eu entrei em pânico, eu liguei pra minha chefe, acho que eu chorei uns 40 minutos direto, e pra mim aquilo foi o auge. Eu fiquei afastado

por 14 dias, e aquilo me afetou muito, a minha cabeça. Se me perguntar se eu tive pensamentos suicidas na pandemia, é óbvio que eu tive. Eu assim como outras pessoas que fazem hardnews. Porque foi um momento de tanto estresse, você está convivendo com aquilo dia a dia. Quando você vê gente morrendo e está lidando com família que não pode enterrar seu ente querido, aquilo vai te angustiando, eu entrei num hospital de campanha... mas eu disse que eu não ia entrar em determinadas áreas. Como estava indo muito para a rua, tive um desentendimento com a pessoa que mora comigo. Aí depois eu falei que não iria mais pra rua. Porque na verdade eles colocam alguns como bucha, sabe?

Aí você diz que não tem racismo? Claro que tem racismo, porque o repórter negro vai fazer as piores coisas? Mas eu não comento nada, me finjo de besta... o que eu fiz, eles não mandariam outro repórter fazer. E aí eu vi que naquele momento eu estava sendo colocado em risco e disse que não iria mais, e eu fiquei um tempo sem ir pra rua.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Na rua eu acho que com o governo brasileiro legitimando ataques. O cara olha seu crachá, ele se acha no direito de gritar com você. Na rua eu acho que isso.

Se eu for falar sobre violência dentro do jornal, há algumas ameaças veladas, como demissão. "Se não fizer isso, corre o risco de ser demitido", estes tipos de ameaças. "Ah, mas o fulano de tal faz tal coisa, se você não fizer pode entrar na próxima lista de demissão".

Sobre o salário na pandemia, a gente teve que assinar um papel dizendo que aceitava diminuir salário. Algumas pessoas estavam receosas, e os editores falavam "Ah, mas se não aceitar, vocês não estarão na lista dos que terão estabilidade por 3 meses". Tenho medo de violência na rua também, porque o jornal não te dá estrutura, não tem segurança.

- *Como lida com a violência?*

Eu lido porque eu sou obrigado a lidar com eles, eu tenho que pagar as minhas contas. Mas eu tento abstrair daquilo, e vou indo. Só não pode ter violência física, eu não aceito. Eu faço ouvido de mercador e vou seguindo a vida.

- *Sente algum destes sintomas?*

insônia

dificuldades de concentração - muito

sentimentos de fracasso e insegurança - todo santo dia

negatividade - algumas vezes

sentimentos de derrota e desesperança - muita

sentimentos de incompetência - sim - chefe fica comparando - você se acha insuficiente - o chefe diz que o outro fez desse jeito, fez melhor, aí eu fiquei lá me fudendo, e o sentimento é terrível

alterações repentinas de humor

isolamento - nem sempre

pressão alta - aos 29 anos

dores musculares

alteração de batimentos cardíacos - bate uma ansiedade, eu começo a tremer

cansaço excessivo físico e mental; - muito muito

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho?* Celular e internet
- *Como é seu relacionamento com seus gestores?* Relacionamento com gestores é bom - alguns não são ponderados, mas não tenho como discutir com eles
- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?* Não recompensa nada.
- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Nos últimos anos eu não consegui estar ao lado de quem eu gostava, meu aniversário, aniversário da minha mãe.... Nos últimos 8 anos eu não fui a qualquer aniversário da minha mãe, e passei um único Natal com minha família. É horrível. Você prioriza o trabalho em detrimento da sua família, e isso me deixa triste. Você faz isso a vida inteira e te demitem como se nada acontecesse. Na hora que a barca tem que passar, o cara não quer saber se você se dedicou, se passou seu aniversário trabalhando, se deixou de ver seu filho nascer, porque eu tenho amigos que deixaram de ver o filho nascer, ficou no jornal 20, 30 anos, e foi cortado na hora.

- Como classifica sua qualidade de vida?

Eu não faço esporte, não faço porra nenhuma, vou lá, bebo a minha cerveja, só bebo, e tá bom.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Precarizou muito. Dos últimos 4, 5 anos pra cá a situação está degradingando. Antigamente você tinha 5 pessoas numa equipe. Hoje em dia você tem uma pessoa, com um celular na mão, aí ela filma, ela apura, ela escreve, ela relata, ela dirige, ela faz a porra toda. Isso não é qualidade profissional, não é qualidade pra nada. Você não vai ter uma apuração barba, cabelo e bigode, certinha, você está preocupado em fazer várias coisas, a imagem, seu chefe lá pressionando pra você entrar ao vivo. Ou seja, a emissora não dá estrutura, não tem carro, o cara vai de uber, a empresa não quer pagar o uber, você tem que ir de trem ou metrô... vejo repórteres indo de trem, aí você vai com vários quilos de equipamentos, live u, tripé, 2 celulares, assim, tá muito precário.

A equipe do jornal já teve 300 repórteres, hoje se tiver 100 é muito. Um jornal que não tinha cadeira pros repórteres. Hoje eu não consigo fazer uma matéria produzida por semana, porque não tem repórter suficiente, entendeu? Então você tem que fazer seu dia a dia, e o chefe ainda fica te pressionando pra fazer matéria dominical. E hoje mais do que nunca com a pandemia, chefes e empresários que botaram as pessoas em casa e viram que você consegue fazer um jornal de 50 páginas de casa,

vai voltar , a gente sabe que a gente vai voltar pro jornal o globo e vai ter uma grande demissão em novembro.

Vou pra rua e volta pra casa. Empresário viu que dá certo. Só que não dá porque você não consegue apurar direito, há muitos erros de ortografia, porque as pessoas estão sendo pressionadas e nós não somos máquinas, nós temos o nosso tempo. Uma pressão danada.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

O cara acha que é bonito, que ele é o fodão de fazer tudo sozinho. Eu também até me boto nessa situação, porque às vezes eu romantizo uma situação que não pode ser romantizada, a gente não pode aceitar isso, mas a gente acha que é glamour. Essa moçada nova que está saindo da faculdade não quer mais isso. Porque ele vai se deparar com um chefe que vai gritar com ele, e ele vai dizer, vai tomar no cú, eu nao quero isso, eu tenho 20 anos, vou fazer outra coisa. Tem gente que acha lindo o chefe gritar, mas ela tá se achando porque vai dar capa, e no fim do mês o salário é mil reais.

- *Como vê a relação entre jornalismo e rede social?*

Acúmulo de função - cara tem que apurar, bater, e ainda pensar no texto da rede social para ter engajamento. Rede social é bênção, mas é maldição ao mesmo tempo, é dupla função.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Me sinto muito pressionado pela cultura do furo, e é uma pressão constante. Chega a ser um assédio, as pessoas te assediando moralmente "tem que dar, tem que dar o furo", "como assim você não sabia disso?". O chefe acha que a gente tem que saber de tudo.

E por você trabalhar num veículo de grande circulação, o cara acha que você vai conseguir todas as informações e não é assim, às vezes o cara quer dar pro jornal de bairro.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

A gente não é unido, esse é o maior problema. Tem uma porrada de gente lá fora querendo a sua vaga. já cansei de ouvir isso de chefe. Então enquanto a gente não se proteger, judiciário se protege, médicos se protegem, por que que a nossa profissão, a gente que vive numa eterna penúria, ninguém acredita mais na gente, a gente não tem mais a credibilidade pra tirar e colocar um presidente. Patrão é unido. Você acha que dono do estadão, o Globo não vão pra charutada, uísque, por que a gente não tem que ser unido pra gente se defender, lutar pela gente? O sindicato não luta pela gente, é fraqueza. Um tem que defender o outro, não podemos aceitar atrocidades, não podemos aceitar político mandando repórter calar a boca, aceitar frases como cala a boca, voce é burro, ou voc tem cara de viadinho, eu tenho vontade de encher tua cara de porrada. Enquanto a gente aceitar esse tipo de

atrocidade, a gente vai ser desacreditado e a nossa profissão vai seguir ladeira abaixo.

Entrevista 19:

Entrevista repórter de rádio e de um portal de notícias - 36 anos - 12 anos de jornalismo

“No [nome do portal] sempre foi home office, a não ser quando tem alguma coletiva, alguns plantões infernais, aí eram combinados. Já na rádio, o sai do aeroporto de Jacarepaguá, decola às 17h, 19h volta. Então todo dia de 17h às 19h30 fazendo trânsito, e [nome do portal] as matérias normais, mais durante a manhã. O [nome do portal] se tiver algum factual grande que eles precisem mais de mim eles fecham esquema de diária, aí eu recebia por diária. Mas já aconteceu de em casa ter tanto trabalho e eu receber mais, e ser menos desgastante do que a rua. É uma coisa bagunçada, não tem roteiro. No [nome do portal] faço umas 4h por dia. Começo às 6h30, se for um dia muito importante, aí vou direto.

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Eu vejo obviamente garantia da democracia, o acesso à informação de confiança, um papel ainda muito importante mas ao mesmo tempo sem reconhecimento, muito questionável, eu sinto que a gente vai perdendo, não e credibilidade, mas as pessoas já nos olham sem aquele prestígio, todo mundo acha que pode questionar você, que pode fazer o seu trabalho melhor que você, eu acho que tem a ver com a questão das redes sociais, da informação, da internet, entendeu? Me sinto muito questionável o tempo todo por pessoas que nem são do meio. Tudo é muito criticado, a forma, a matéria, tudo, e isso me deixa bem angustiada e triste porque meu papel é super importante para o fortalecimento da democracia, no processo de informação, ainda mais agora que a gente vive fake news, então papel sempre importante. Mas ao mesmo tempo sofre muito com a opinião dos outros. Todo mundo quer dizer na nossa cara o que pode, o que não pode.

- *Como você vê a relação entre o jornalismo e as redes sociais?*

Acho que é recente. Acho que primeiro a questão das redes sociais, que é uma coisa nova. O Uol, o Globo, todos têm páginas no Instagram, no Facebook, para divulgar as matérias e ali ninguém tem cara, CPF, identidade, então a pessoa vai, fala o que quer, te critica. Eu acompanhava muito comentários das matérias que eu publicava tentando de repente tirar uma coisa positiva para mim, para o meu trabalho, mas aí eu fui vendo que é uma coisa que só me faz mal, não só em relação à opinião dos outros, mas as críticas que eles fazem, tentam atingir o repórter diretamente, e eu acho que é recente por causa disso, da internet, aplicativo, redes sociais, que não tem tanto tempo, e as pessoas acham que podem falar e fazer o que quer, e elas ficam sem consequência ao se expor. Eu fico muito triste ao ponto de hoje não ler, para aquilo não me consumir. Não por não saber lidar com crítica, não é por isso, mas por preferir não olhar para não me fazer mal, porque eu fico remoendo aquilo, aquele pensamento autoritário, aquela crítica só por criticar, pelo prazer de falar mal do seu trabalho, colocar o seu profissionalismo em jogo, isso acontece muito, principalmente na internet.

Eu acho que existem dois lados, é uma moeda. O lado bom é que muita gente passou a consumir informação a partir da rede social, você tem um amigo que compartilhou, que fez um story sobre uma matéria, você vê a publicação de um jornal na rede social, você vê o lide, o resumo, e aí a pessoa se sente satisfeita, acho que nesse ponto deve ser positivo, começou a invadir a casa, o celular das pessoas, e deixou elas mais próximas da informação oficial, apesar de erros e tal. O lado ruim é a aproximação que isso trouxe sem a devida educação, ao devido cuidado, isso aproximou o público de um repórter específico, e aí ele procura a página pessoal do repórter para agredir, sabe? Acho que em termos individuais a rede social deixou a gente muito exposto.

Eu não tenho problema de ter que pensar na rede social. O [nome do portal] tem equipe que faz rede social. Mas na cbn por exemplo eu tinha que fazer tudo pensando em plataformas diferentes, tinha a rádio, tinha o site, pensar no site, pensar na foto, que tinha que ser assim, assada, que tinha que publicar no Facebook da cbn, Instagram veio depois... já tive bastante essa preocupação.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Eu me sinto bem cansada, bem exausta. Não queria ter dois trabalhos, mas foi a maneira que eu encontrei de ter um salário ok, acima da média, e paciência né? Tenho as minhas demandas, um filho pequeno, que cada ano que passa me exige mais financeiramente, tem escola particular, enfim... não queria ter dois trabalhos, queria ter um que me pagasse bem. Tem dias que são tranquilos, agora tem outros que são enlouquecedores. Não são a maioria os dias enlouquecedores, mas eles são bem presentes, já fiquei sem tomar café e sem almoçar várias vezes, fazendo a primeira refeição, um pãozinho no meio da tarde; é isso acontece comigo dentro de casa, às vezes estou numa cobertura dentro de casa, não é só antes da pandemia não. E está tudo tão alucinado, tudo tão em cima de mim, parece que só tem eu naquela empresa inteira, que as vezes quando eu vejo são duas da tarde e eu não comi nada ainda.

Ansiedade até entregar o que me pedem. É muito ruim você dizer que não conseguiu alguma coisa. Como é que um colega conseguiu e você não conseguiu? Como é que ele tem e você não tem? É muito rotineiro, então eu fico muito ansiosa até conseguir e entregar algum material, fico muito ansiosa. Aí depois vou acalmando, desacelerando. Mas até entregar eu fico muito ansiosa, mal humorada, e como eu tô em casa, isso é uma coisa que eu tive que aprender a lidar porque como estou com meu filho em casa, eu acabava descontando muito nele. Aquela ansiedade, as pessoas não atendem, parece que às vezes parece que está tudo dando errado. E aí quando eu via que eu tinha sido grosseira, eu nossa, me acabava de tanto chorar, porque literalmente estou envolvendo meu filho na minha rotina de trabalho, não tô sabendo separar, estou passando problemas que não são meus, se as pessoas não atendem o telefone o problema não é meu, a gente não consegue tudo o tempo todo. E essa frustração de não conseguir eu acabava descontando nele.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Trabalho em política, economia, cotidiano... e com a pandemia esse assunto ficou mais forte. Nesse ponto eu dei sorte porque quando o uol demandou que eu fosse para a rua, e eu disse que não me sentia muita bem, por ter filho pequeno, aí eu precisava que minha mãe viesse para cá para ficar com ele, e ela é grupo de risco, ia acabar expondo ela, eles entenderam. Eles não forçaram a barra. O helicóptero também dei sorte porque eles começaram home office e não retornaram ainda por falta de confiança, voa mais de uma pessoa por vez, voam 3 repórteres. Mas realmente não fui para a rua, fiz tudo de casa, precisei contar com a ajuda de amigos que estavam na rua, é isso foi bem legal porque a galera ajudou bastante; a galera se ajuda bastante, então dei sorte. Mas eu tenho mais trabalho, né? Eles acham que você fica disponível 24 horas por dia, e aí é o tempo todo. Uol por exemplo sabia que meu horário era até 13h. Por mais que eles saibam que meu horário é até 10h30, eles sabiam que até 13h podiam contar comigo. Agora é qualquer horário. 7, 8 da noite.

- *Como é ser jornalista de hard news e mãe/pai? Como divide o tempo? Como se sente?*

A gente vai se acostumando, né? Até com péssima qualidade de vida a gente se acostuma. E é como eu me sinto hoje. Eu me acostumei a ter uma qualidade de vida, como jornalista, meio montanha russa, ora legal, ora péssima, e meu filho também. Ele reclama e tal, mas ele entende. Eles acham que estou mais tempo disponível. Um dia eu estava vendo filme com meu filho e me ligou um colunista que queria fazer uma coluna em cima de uma matéria que eu fiz, ele tinha uma dúvida, e ele me ligou as 23h30 de uma sexta feira, aí eu tive que parar o filme, abrir meu computador, é meio absurdo né? É bem absurdo.

Quando engravidei eu estava terminando a faculdade. Encerrei meus estágios, fiquei com Enzo até 6 meses e depois voltei. Mas sempre contei com minha mãe, nos plantões, e o pai dele também, que mora em outra cidade, mas eu estava no início de carreira e para conquistar alguma coisa eu precisava abraçar aquela oportunidade. E não podia ficar tentando muito. Eu tinha que me acostumar na marra. Aqueles fins de semana intermináveis, aquelas semanas seguidas de plantão, não tinha muito jeito. Eu acho que a gente acostuma a ter qualidade de vida ruim, mas ok, sabe?

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Assim, eu consegui arrumar uma forma de ganhar dinheiro sendo repórter, mas é desgastante. Eu me pergunto até quando eu vou conseguir ter essa dupla jornada, mas por enquanto eu vou levando. Hoje sim, mas eu passei por muita coisa para chegar até aqui, passei por salários muito baixos com jornadas longuíssimas, na cbn eu ganhava menos que um motorista de ônibus. Depois de 6 anos, eu ganhava quase 3 mil reais lá, que é quase o valor da escola do meu filho. Você não tem feriado, final de semana, nada, fim de ano ou é ano novo ou natal. É uma profissão bem cruel.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Primeiro, a relação desumana que se tem dentro de uma redação. De você estar ali há não sei quantos dias se dedicando, saindo tarde por motivos diferentes e você só ouvir aporrinhção. Essa relação chefe e repórter é complicada. A pessoa vir reclamar da tua matéria lá de longe, vir falando alto, te expondo na redação, e nem sempre a pessoa está certa, mas é uma relação baixa, é isso é muito agressivo. Hoje, graças a Deus, eu não tenho esse tipo de aporrinhção. E no uol, não sei, eu acho mais respeitoso, a gente tem uma relação mais ponderada. As coisas são faladas individualmente. Mas como eu não estou na redação, pode ser que seja diferente lá. Mas como no uol todo mundo é home office, existe aquela distância e acho que as pessoas acabam te desrespeitando, mas a medida em que elas te conhecem mais. Então há uma barreira que não é quebrada. Mas na cbn era uma sensação ruim, era escrota a exposição que eles faziam a gente passar.

- *Como é seu relacionamento com seus gestores? Relação com gestores é boa*
- são jornalistas
- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Usa notebook, telefone, internet, câmera, celular próprios*
- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço físico e psicológico- mais psicológico do que físico

Insônia

Dificuldades de concentração as vezes

Sentimentos de fracasso e insegurança

Sentimentos de derrota e desesperança

Sentimentos de incompetência

Alterações repentinas de humor muito

Sensação de isolamento muito

Alterações de batimentos cardíacos pontualmente

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Essa coisa de mudar de humor, por exemplo, é uma coisa bem constante comigo e que eu acabo descontando em quem está à minha volta. Como estou isolada com meu filho, tadinho, ele acaba sendo alvo.

- *Fala um pouco mais sobre sua insônia...*

Acho que muito tempo olhando para o computador, aquela correria, conectada, aquela matéria que você agendou, especial para o dia seguinte, aí você fica: “Será que foi tudo bem?”, dá aquela insegurança que acaba interferindo no sono.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não tenho ajuda, mas estou procurando uma terapia. Estresse, essa coisa de conseguir separar os ambientes, estava querendo melhorar nesse ponto, para mim e para o meu filho.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

Sim, bastante. De várias formas. Desde a apuração, a maneira como você apura, vamos colocar porque fulano deu; a pressa, a internet, a rede social disse que tem não sei quantos mortos, então tem uma relação precária da informação, você se virar com seu material próprio, a empresa achar cada vez menos que tem que proporcionar, é tipo, você se vira. Eu acho que tinha uma preocupação maior, de todas as formas, em termos de informação, de equipamentos, a maneira com que se importam com você, seus direitos, eles rasgam nossos direitos na nossa cara o tempo todo, e tudo isso entra em precarização.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho que isso sempre teve. As pessoas enxergam glamour onde não tem. As pessoas não sabem na realidade qual é a rotina de um repórter, não sabem que eles se alimentam mal, não sabem que para fazer uma matéria eles passaram 12 horas se socando e se batendo para conseguir pegar uma fala de alguém, de alguma autoridade. As pessoas não sabem o que acontece no dia a dia e isso também é muito culpa nossa. A gente fala muito dos outros e pouco da gente. A gente defende muito os outros e pouco se defende. E aí eu acho que isso contribui para essa romantização, de achar que você é uma pessoa distante, inacessível, é isso é uma culpa nossa mesmo. É isso porque as pessoas não sabem o que é ser jornalista, como é ser jornalista, o que o jornalista passa. Ninguém consegue fazer tantas coisas ao mesmo tempo bem, né? Então a correria, a quantidade de matéria que pedem para você dar conta. Acaba ficando muita coisa de lado, você coloca o que acha o mais importante na hora, ninguém consegue dar conta de tanta coisa, de rede social, de site, não dá conta...e sempre lutando contra o relógio, né? Também tem isso.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Sim, existe essa cultura do furo. Hoje não sou tanto, mas já fui muito pressionada.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual? Nunca me vi fazendo qualquer outra coisa.*
- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Eu vejo o jornalismo muito numa corda bamba, sabe? Tipo um slack line, a gente vai tentando se equilibrar ali para não cair. É assim que eu me sinto e que eu vejo a nossa profissão. A gente vai cair e a gente não sabe o que vai esperar a gente lá

embaixo. É instável e a gente fica suscetível a qualquer coisa. Suscetível ao leitor, a autoridade, é muito frágil o jornalismo hoje em dia. Isso eu acho que incomoda a todo mundo, não só a mim. A gente é alvo por todo lado, é todo mundo empurrando a gente ali pro meio da corda, sabe?

Entrevista 20:

Entrevista repórter canal de notícias - 35 anos, 14 anos no jornalismo

**Estava impactado pela notícia da grávida baleada

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Como jornalista, eu me vejo como alguém que quer dar notícias leves, eu gosto disso. E nos últimos anos eu já consegui mostrar para a minha chefia que eu rendo bem em assuntos leves. Isso foi uma conquista pra mim, porque eu sei que o principal objetivo do hard news é você cobrar o que não está correto, a nossa função também é fiscalizar, e sei que esse papel eu tenho também, ainda mais na [nome do canal], um canal que vive de notícia e vive de cobrança também. Eu gosto de dar notícias leves e gosto das situações em que eu tenho que interagir com o público. E eu me esforcei para caprichar em coberturas assim porque eu sei que de fato eu vou melhor. Mas eu sei também que o grosso do hard news é mostrar onde não está funcionando para fazer funcionar.

Conta aqui que recebeu uma mensagem com denúncia de telespectador - e indicou ela para buscar um jornal local. Isso me mostrou que o jornalista, quando a função pública não está funcionando, ele é como que alguém que pode ajudar, uma tentativa de salvação. A gente está aí para ajudar ou pelo menos cobrar alguma coisa pública que não esteja funcionando.

Quando eu consigo fazer alguma diferença, eu fico orgulhoso. Às vezes a gente tem que lidar com situações muito tristes. Eu estava de férias, e tive que largar aquela minha vida de fantasia que eu estava viajando, logo na primeira semana eu fui ao IML para falar sobre um jovem morto por bala perdida aqui no Rio. Depois eu fui no enterro de um menino que desapareceu de perto da casa dele em Botafogo, estudava na UFRJ, o corpo dele foi encontrado a 40km de distância na baixada fluminense, então aqui no Rio o índice de resolução de crimes é muito baixo, a polícia civil não tem recursos, e a gente às vezes continua acompanhando como uma novela para que isso se resolva. E aí eu fico pensando que uma das nossas funções é essa, e eu me orgulho quando consigo resolver.

E eu me virando sozinho eu consegui cavar um lugarzinho ali naquela reportagem, o time não era grande. Eram 8 no máximo. E eu consegui profissionalmente com aquilo e com outras situações parecidas também cavar um lugarzinho. Depois de um mês, eu voltei nesse IML e essa situação era melhor, e isso me deixa orgulhoso.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Eu estou a cada dia descobrindo na noite anterior que horas eu vou fazer no dia seguinte. Comigo sempre foi assim porque eu não tenho nenhum outro compromisso fixo fora do meu expediente. Meu filho ainda não vai à creche. Então, há seis anos sempre eu to esperando a pauta ser enviada por email para descobrir o

que eu vou fazer no dia seguinte. Isso é bom e é ruim. Ao mesmo tempo em que não ter rotina é agradável para mim, que sou uma pessoa desprogramada (se eu to com vontade de ir no shopping almoçar ou jantar no meio da semana, a gente vai, a gente não tem rigidez, eu e fernanda), ao mesmo tempo você não consegue se programar porque você não tem horário previsto, então você não pode dali a 3 dias participar do convite de uma live que estão te chamando porque você não sabe a hora que vai entrar. Tem outra coisa, quando eu descubro que não gosto da pauta do dia seguinte, e isso acontece com certa frequência, eu já começo a sofrer por antecipação. Gera uma ansiedade, fico bem ansioso quando é uma coisa que eu não gosto. Por exemplo, eu vejo às 20h que no dia seguinte eu tenho que checar a falta de atendimento no hospital geral de Bonsucesso, aí eu vou ter que ficar na porta do hospital, caçando povo fala, ver o que não está funcionando... eu sei que acabei de falar que acho importante, mas você acaba acusando o golpe também. Você acaba levando para casa aquela pessoa que você entrevistou e que está com dificuldade de marcar hemodiálise, depois na volta para casa fica pensando o que vou fazer com aquela pessoa, a gente acaba vivendo os problemas das pessoas. Então isso gera uma ansiedade de ser jornalista. Sendo jornalista de hard news.

A gente na rua entra ao vivo em todos os jornais na [nome do canal]. A gente hoje em dia quase não faz VT mais. A gente faz vivo, vivo, vivo, e o jornal hoje virou praticamente jornal de comentarista. Às vezes você tá fazendo vivo, e quem entra a tarde assume a tua pauta e faz vivo para os jornais da noite. Não tem mais reportagem passando.

Em relação a alimentação, ele diz que já era desorganizado.

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

O [nome do filho] nasceu em 2 de março. A pandemia chegou nessa época. Então assim que ele nasceu, começaram os primeiros casos no Brasil. Ainda teve aglomeração no hospital, visitas, as pessoas sem máscara porque naquela época não se sabia quem deveria usar máscara. O primeiro “mesversário” dele já foi com distanciamento. A partir dali a [nome do canal] começou a revezar, semana a semana por equipes, para diminuir os encontros. Eu ia trabalhar com muita dúvida, se o vírus era prejudicial para as criancinhas, se eu ia trazer o vírus aqui para casa, eu me senti sim desconfortável para trabalhar na rua. Inclusive o Vitor Ferreira, teve um filho também um dia depois, e aí a gente trocava muito, e falávamos: "não é muito absurdo, não, a gente com filho em casa e ter risco de sair? Mesmo assim não liberaram a gente não, a gente ia para a rua, de máscara, e aos poucos a [nome do canal] foi trocando as entrevistas na rua por entrevistas por skype. A gente ficou meio neurótico com isso, a gente que tem filho pequeno, pq mesmo assim tinha que fazer deslocamento de casa para a redação, sempre passando de 5 em 5 min o álcool gel, você sair de casa você imaginava que poderia pegar em qualquer lugar, a gente não sabia muito bem, e depois que a [nome do canal] deixou que a gente fizesse as entrevistas todas por Skype a situação acalmou um pouco e a gente ficou menos preocupado de ficar circulando na rua.

- *O que é violência no trabalho para você?*

Fizemos entradas ao vivo da frente [nome do canal] e também de dentro da emissora porque no mesmo momento que a gente tinha que fazer skype, houve um aumento de agressividade a jornalistas da [nome do canal] porque os negacionistas, a turma do Bolsonaro, forçando que as pessoas fossem às ruas, atacavam quem divulgava notícia. Então a gente passou a ser mais agredido mais ainda naquele momento. Agressão física nem tanto, às vezes sim, entravam na frente da câmera, tentando abaixar o microfone, em algumas situações até com os repórteres ao vivo.

Se você ficasse parado com o microfone da [nome do canal] na rua, sempre passava alguém que era pró Bolsonaro no carro gritando, até por isso também a gente passou a andar sempre na rua com seguranças, nenhuma equipe mais saía sem seguranças. Foi estranho aquele momento, agora já não está mais assim, mas foi estranho. Essa exposição num país que estava muito dividido depois da eleição do Bolsonaro, hoje em dia com a eleição do Eduardo Paes dá para ver que os partidos de centro estão ganhando mais votos. A tendência, segundo os analistas da própria [nome do canal], é de que aquele radicalismo que a gente viu em 2018 esteja diminuindo. Mas a gente veio de 2 anos de muito extremos, de muito ódio entre direita e esquerda que refletia na gente. A gente não sabe o que é, porque quem é fã do PT diz que a gente ajudou a derrubar a Dilma, e quem é fã do Bolsonaro diz que a gente é de esquerda, então fico na dúvida, mas não sei o que sou. Mas a gente fica no meio atacado pelos dois. Isso também ajudou a gente a ficar bem apreensivos de trabalhar na rua, e isso também foi parte do cenário da pandemia exclusivamente aqui no Brasil e principalmente para jornalistas da [nome do canal]. A gente saía na rua olhando para todos os lados, principalmente na hora dos vivos, se alguém ia atrapalhar a gente. Foi bem tenso.

Eu já passei também por uma situação desesperadora. Em 2017, PMs estavam fazendo motins na porta de batalhões porque queriam aumento. Isso aconteceu principalmente no ES, para onde eu fui. Só que como os PMs não podem fazer greves e motins, aí eles colocaram as esposas, mães, mulheres, para ficar na porta dos quartéis fazendo protesto por eles, e eles não saíam dos quartéis dizendo assim: "a gente não pode passar por cima das nossas esposas. Se elas estão cobrando aumento pra gente, o que podemos fazer, nós estamos aqui." Espírito Santo era o estado com a situação mais grave. À noite, eu fui num determinado quartel e fui à paisana. Deixei os seguranças e cinegrafista no carro e fui ver a situação. Quando eu cheguei perto, vi que tinha muita gente, fui assuntar com um morador que estava com uma cadeira de praia na calçada. Eu perguntei como estava a situação e ele me perguntou se eu era da imprensa. Disse que sim, e ele me disse que era melhor ir embora porque tinham acabado de bater uma repórter de uma afiliada da [nome do canal]. Aí quando eu estava saindo, esse grupo grande que estava na frente do quartel, alguns deles começaram a se aproximar de mim, e me perguntaram "Você é da onde? Você quer o que aqui?". E eu: "Não sou de nenhum lugar não". Aí começou uma confusão e todos, todos vieram em cima de mim, e eu fiquei contra um muro, com as costas no muro. Aí os seguranças saíram do carro nessa hora e começaram a apaziguar: "calma aí, gente, deixa o cara". Ninguém chegou a encostar em mim, mas todos queriam saber da onde eu era, e aí começaram a me xingar. E eu pensava que bastava um começar a me agredir que já era pra mim. Não sabia o que eu ia fazer, se era melhor falar ou não que eu era jornalista. Aí eu estava com um papel no bolso, e esse papel era a pauta, E a pauta, quando a gente imprimia, vinha lá em cima "[nome do canal]", não sei o que, e eu usava o verso da pauta para

escrever as minhas informações, sempre usava essa colinha pra entrar no ar. E essa colinha, mesmo que eu não ficasse lendo no ar, ela me ajudava a organizar meus pensamentos, desenhando, foi um macete que eu desenvolvi para entrar sem me preocupar em esquecer, porque eu sou muito esquecido. Se por acaso eu esquecesse, eu poderia bater o olho na minha colinha bem organizada e lembrar de alguma. Aquilo me ajudava a estudar e entender o assunto. Então um dos 50 caras, colocou a mão no meu bolso de trás da calça e pegou esse papel: "que papel é esse? Pega o papel do bolso dele". Eu segurei o papel e nesse momento um deles colocou a mão no meu pescoço, para me forçar a segurar o papel, mas o cara botou a mão certinho assim, policial, né? E começou a apertar. Quando eu vi que ia ser um problema, eu soltei o papel. Quando eu soltei o papel, foram todos ver o que tinha no papel, e eu saí andando. Eles acharam, Gabi, que eu não era jornalista, e sim que eu era um x9 que estava anotando o nome de todos os policiais para denunciar para a corregedoria. Quando eles viram que não tinha nada, eu pude andar, andei apressado para o carro e fui embora. Mas foi traumático porque enquanto eles estavam me cercando, eu sentei no chão e pensei "que que eu faço?", comecei a pensar na Fernanda, que eu só quero ir para casa, só quero estar em casa de novo. Aí fui para o hotel, contei essa situação para o [nome dos superiores], e eles me perguntaram se eu me sentia confortável de estar ali e eu disse que não. Porque se eles me vissem outro dia, isso poderia ser um problema para mim. Aí liguei para a Fernanda, e ela começou a chorar. Esta é uma situação que a gente está exposto, e é uma situação de violência que eu vivi e que faz parte da nossa profissão.

- *Já sofreu assédio moral?*

Na [nome do canal] temos um chefe, não chego a chamar de assédio moral, mas ele dá uns esporros meio desconcertantes, sabe? Esporros que você leva para casa e que depois você fica mastigando aquilo, especialmente se você for ansioso, e você fica tentando pensar no que fazer para melhorar sua performance outro dia. Então eu quando erro, ou quando não vou muito bem, ainda que eu não seja chamado atenção, eu fico me martirizando, sabe? Fico pensando "que droga". Eu fico sofrendo até que as próximas vezes eu vá bem e apague aquilo. Eu acho também que isso faz parte da ansiedade, fica relembando e remoendo e pensando como poderia ser se eu tivesse agido diferente.

- *Como lida com tanta ansiedade?*

Eu fiz um programa chamado "Desacelera" que foi um programa que fiz para tentar melhorar e ajudar as pessoas que também são ansiosas assistam e tentem pegar carona que eu estava buscando. Eu conversei com muitos especialistas, psicólogos, psiquiatras, nutricionistas, endocrinologistas, eu queria mesmo quase fazer uma consulta com cada um e fazer um dossiê sobre como acabar com a ansiedade. Fazer exercício, meditação, mindfulness,... Primeiro eu me concentrei em editar o meu material que eu gravei, e disse que assim que eu acabasse eu ia começar a fazer as dicas que recebi. Mas já passou um ano e eu ainda não comecei a botar essas dicas em prática. Exercício eu faço sempre. Meditação sem disciplina não adianta, e disciplina não é meu forte. E igual dieta. Então eu ainda estou tentando ser menos ansioso. O Benjamin tá me ajudando. Quando estou com ele, eu consigo às vezes ficar só com ele, tem que concentrar para dar banho, ele me ajudou a trabalhar isso.

Mas como eu lido com ficar remoendo, eu não sei, ainda estou aprendendo. Eu fico remoendo sim até que as próximas vezes dê tudo certo.

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Sou ansioso, mas não tenho transtorno. Não chego a sentir que minha vida fica prejudicada por isso. Só minha qualidade de vida que não é tão boa quanto eu gostaria se eu fosse uma pessoa mais calma, menos apressada. Sou feliz, classifico como boa. Mas eu estou sempre apressado. Se eu tiver num rodízio de pizza, eu to comendo a salgada mas pego a doce pq fico com medo da doce demorar a aparecer. Na rua com a Fernanda não damos mais a mão porque eu estou sempre na frente. Quando eu vou ao cinema, hoje em dia nem tanto, no primeiro crédito eu ia levantando porque queria ser o primeiro a pagar o estacionamento. Antigamente, em vez de andar certos trechos que eu não tava afim, eu corria.

- *Tem bom sono?*

Se eu tenho algum compromisso no dia seguinte, eu não durmo bem. Se eu durmo às 22h para acordar às 4h da manhã, eu começo a contar as horas que tenho pra dormir, aí abro o olho e penso "só tenho cinco horas para dormir", e não consigo. Em geral durmo bem, mas quando tenho compromisso ou alguma coisa aconteceu tenho insônia. Tenho dificuldade de engrenar.

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Fernanda vê todos os meus vivos. E ela dá uma nota para cada um deles. Geralmente ela dá 10, mas às vezes ela fala "totalmente desconcentrado, 9.8" aí eu já fico mal. Toda a família já entendeu que vai ter ano novo que vou passar com eles, e no ano seguinte, não. Eu gostaria de dizer pra quem está começando agora que não vai ter feriado, fim de semana, isso não existe. Ou então você só vai ter metade deles. A gente se acostumou com isso. E quando eu trabalhava no esporte era um sim, um não. Viajar é um bônus do jornalismo, e não estar nos lugares onde você gostaria com sua família é o principal ônus. Minha família nem cobra mais.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?(ficou sem graça)*

Claro que a gente está sempre querendo ganhar mais, mas acho que consigo viver uma vida confortável com o que estou ganhando, longe de conseguir juntar um dinheiro bom para ser rico, não dá, mas pelo que eu faço e as horas que eu trabalho que não são muitas (e trabalho na rua, a hora passa rápido), são sete horas só, eu sei que tem gente que trabalha em escritório que trabalha dez horas por dia, então acho que estou ganhando o suficiente para viver num bairro da zona sul do rio, do lado da [nome do canal], sem precisar pegar transporte, vou de skate, o que também me ajuda na ansiedade.

- *Sente algum destes sintomas?*

cansaço mental sinto muito, físico só se tiver que ficar em pé por horas e horas fazendo vivo. ficou umas quatro horas sozinho ao vivo, em situações com pressão

do vivo, por longas horas, o cansaço mental também vira físico. ter que fechar um vt me irrita. a gente faz tanto vivo, tanto vivo, que se tenho que fechar um vt com imagens que nem tenho, sem entrevistas legais, e queimar muito a cabeça, isso me deixa estressado e cansado mentalmente. e depois ele falam: valeu, obrigado, mas o vt caiu.

distúrbios do sono

alterações repentinas de humor - muito

sensação de isolamento - lá na [nome do canal] é muito cada um por si, e eu vou fazendo o meu também. temos alguns amigos, que não são tantos. há muita competição nesse meio. há sensação de isolamento.

dores de cabeça

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria?*

Não faço terapia, mas acho que deveria fazer. Eu internalizo muito e tento resolver sozinho.

- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Nunca pensei, mas gostaria de viver viajando, fazer vídeos por conta própria e jogar na internet e viver disso.

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Não me sinto pressionado, nunca quis ser alguém que precisasse dar os furos, pra mostrar meu valor. Ainda bem que eu não tenho isso senão seria ainda mais ansioso.

- *Como é ser jornalista de hard news e mãe/pai? Como divide o tempo? Como se sente? Como foi lidar com o trabalho e os filhos na pandemia? Como você se sentiu?*

O [nome do filho] me faz querer voltar para casa mais rápido. Quero ficar em casa mais tempo. Fiquei pensando se quando a gente tem filho a nossa produção cai. Eu, por mim, posso dizer que acho que sim. Porque a profissão até então era o que você tinha de mais importante. Tem uma coisa tão mais legal para fazer em casa que talvez a chegada do Benjamin pelo menos nesse primeiro momento tenha me deixado um pouco mais distante da minha profissão. Me deixou mais desligado. Em relação às pautas, vejo tudo de maneira mais humana, especialmente as ligadas às crianças.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

O jornalismo hoje em dia está usando muito mais o repórter por conta própria. Lá na [nome do canal] e na [nome do canal] praticamente não tem mais operadores, exceto para as pautas que eles consideram mais importantes nas quais o áudio não pode falhar de jeito nenhum. Está enxugando o tamanho da equipe. Tem menos gente participando das reportagens. A gente tá tendo que entregar o mesmo material com menos gente ajudando, especialmente na rua. Porque se você não tem quem

faça o áudio, o cinegrafista que deveria focar nas imagens, também tem que pensar no áudio. Talvez ele não entregue o conteúdo na mesma velocidade ou não com a mesma qualidade que ele podia entregar antes. Ainda que o fato de saber trabalhar sozinho tenha me ajudado a chegar onde eu cheguei porque lá no início eu quis aprender a filmar e a editar, não sei se intuitivamente, mas isso me ajudou a entrar na [nome do canal]. A minha vaga era para o tal de Núcleo de Reportagens especiais com pessoas que faziam tudo sozinhas, com essas habilidades.

Então se a profissão está mais precarizada, o que eu recomendo para todo mundo que está começando no jornalismo é aprenda a fazer muita coisa sozinho. hoje em dia tem tutorial de tudo no youtube. Tudo que precisar fazer no jornalismo, faça sozinho.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eles valorizam quem consegue fazer tudo. Eu consigo fazer tudo sozinho porque eu gosto de deixar as reportagens que eu faço com a minha cara. Eu gosto de editar.

- *Como você vê a relação entre rede social e jornalismo?*

Importantíssimas, só vieram para ajudar, principalmente para quem faz produção. Às vezes o chefe pede pro produtor: eu preciso encontrar um personagem que tenha ido morar na lua e que tenha levado seis latas de tinta. Jogam um pepino na mão do produtor. Os produtores de antigamente tem uma lista telefônica que é como se fosse um tesouro. Quem começa hoje tem a rede social como aliada. Eu produzo algumas reportagens minhas e consegui achar especialistas que eu estava procurando simplesmente mandando uma mensagem inbox no instagram. Facilitou muito. Ou ajuda o produtor pedir no facebook pra ver se alguém conhece alguém que tenha ido à lua com latas de tinta. A rede social também é outro campo em que o jornalista pode trabalhar por conta própria, fazendo seu canal no instagram, no youtube. Então tem muita gente que largou sua vaga de repórter e abriu seu próprio canal de notícias no youtube. É mais uma oportunidade de trabalhar, além de mídias ou assessoria.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Pergunta difícil. Eu acho que o jornalista repórter de hard news vai ser sempre a voz de confiança para quem esteja ouvindo e acredite nas mídias tradicionais. Então você tem muita informação e também muita fake news nas redes sociais, então a pessoa que está comprando o jornalismo tradicional, ela sabe que ela pode ouvir e confiar. Para quem não acredita em teorias da conspiração, você sabe que em jornais que tradicionalmente são sérios, e emissoras de tv também, ali você tem uma informação próxima do que é a verdade. E o repórter do hard news tem essa função, se ele está com aquele microfone ali, ele tem a tarefa de passar a apuração dele mais próxima possível da verdade. E isso nunca vai ser extinto.

Entrevista 21:

Entrevista repórter de TV aberta - 29 anos - 10 anos de jornalismo

- *Qual o papel do jornalista hoje e como se vê nesse papel?*

Eu acho que o jornalista tem um papel social de informar. E esse papel social ele é importantíssimo para uma democracia e para a sociedade em modo geral porque a partir da premissa de que informação gera conhecimento, informação gera discernimento, a informação permite ao cidadão se colocar perante as questões que se colocam na sociedade em que ele vive. Então, eu acho que especialmente nas culturas ocidentais, quero dizer nas culturas democráticas ocidentais, apesar que no ocidente tem culturas pouco democráticas, mas enfim, eu acho que ele (o jornalismo) tem papel importante de ser um primeiro passo para gerar cidadania. Acho que esses conceitos estão muito bem relacionados: você está bem informado, você poder cumprir seu papel como cidadão, e isso tudo está muito inserido junto, eu acho, ninguém consegue cumprir seu papel como cidadão sem estar bem informado, e o jornalismo é o caminho que permite, que viabiliza esse acesso à informação. Claro que todo cidadão também pode se informar sozinho. Eu posso ser o louco que lê todos os diários oficiais, que faço mil requerimentos a Lei de Acesso à Informação, que solicita todas as informações para todos os órgãos públicos... mas isso, além de ser muito inviável, do ponto de vista prático do dia a dia, em algum momento há também uma certa limitação. Tem informação de bastidor que talvez eu não vá ter, vou ter só as informações públicas oficiais que eu assim requerer. Então acho que o jornalismo cumpre esse papel de levar, de permitir o acesso à informação, que por sua vez facilita o acesso à cidadania.

Eu acho que quando você está muito inserido, você tem uma dificuldade de fazer uma leitura de fora, e do todo. Meu mestrado me permitiu ter uma visão distanciada, apesar de estar dentro, pela discussão e percepção das práticas, como a gente acaba reproduzindo essas práticas, enfim, mas eu acho que no meu tijolinho de cada dia, está muito automatizado. Os processos são aqueles, porque economicamente são mais viáveis, do ponto de vista de celeridade são os mais adequados, então a gente se questiona muito pouco sobre o nosso papel social. Mas acho que ninguém escolhe jornalismo porque quer ganhar dinheiro. Todo mundo que quer trabalhar em redação está muito focado em de alguma maneira fazer a diferença, revelar o que não está revelado, contribuir para a informação melhor da sociedade. Eu fico me questionando às vezes em que ponto às vezes um furo, uma coisa que a gente está correndo atrás interessa a todo mundo ou é apenas uma manifestação da nossa vaidade. Claro que toda a informação é sempre bem-vinda e útil, mas nem toda informação vai para aquele princípio. Na prática do dia a dia do jornalismo, em que ponto a gente às vezes está tão imersa na rotina produtiva, se aquilo que a gente gasta tanto tempo, tanta energia, é de fato relevante para a construção da cidadania ou nada mais é do que um capricho jornalístico. Porque estamos imersos na rotina, queremos dar o furo, dar aquela informação primeiro, só que existem informações que você não dá primeiro mas são as mais relevantes, e outras que não interessam a vida de ninguém.

No meu trabalho, que eu tenho acompanhado mais política, eu tenho ido numa linha de acompanhar e apresentar certos personagens que o grande público não conhece muitas vezes. Na televisão a gente dialoga com todo mundo. O jornal, por mais povão que ele seja, ele tem uma limitação, você precisa saber ler, ser alfabetizado (citou Molicca no Dia, dizendo isso). Então, eu acho que com o passar do tempo a política gerou um distanciamento muito grande da sociedade. E essa é uma autocrítica que a própria política tem que fazer. Mas por outro lado a sociedade ficou mais politizada, fosse pelo fenômeno de fake news, fosse pelo whatsapp... Apesar dos políticos terem se distanciados, a sociedade passou a gostar de discutir política. Então eu trabalho hoje é tentar revelar quem são esses personagens, muitas

vezes são pessoas conhecidíssimas no mundo político, mas que as pessoas não conhecem, revelar os fenômenos que estão ali acontecendo, quem está cobrando o que de quem, quem é a empresa que está se favorecendo. Tento ao máximo simplificar o processo legislativo, que é difícil entre nós mesmo de entender, quanto mais pra quem está assistindo de casa. Acho que jornalista tem que tentar ser um pouco professor, bem didático, ainda mais quando trabalha com temas mais difíceis como economia e política. Tenho essa preocupação de ser claro, e que o telespectador possa a partir daí tomar a sua decisão e cumprir seu papel de cidadão.

- *Como você se vê/sente na sua rotina de trabalho? (Quantas horas trabalha, se para pra almoçar, fica nervoso, ansioso?)*

Me alimento bem porque para mim é muito importante. Eu não fico sem almoçar. Não como no McDonalds, o entrevistado pode esperar. No começo a gente fica muito "vamos", mas depois você fala: "espera, ah, mas vai passar do horário, então vou passar do horário" (ahahaha) Sem almoçar eu não fico. Posso almoçar tarde, quando tem alguma matéria produzida, eu prefiro gravar tudo e almoçar depois, mas sempre almoço. Minha refeição vale muito. Eu acho que eu tenho uma rotina mais pesada do que a dos meus pares. Mas é uma escolha porque eu fui produtor e quando eu virei repórter... muitos repórteres chegam e por não terem sido produtores, não dominam muito esse processo de marcar, etc. Eu como fui, eu chamo muito a responsabilidade pra mim. Eu gosto disso, porque muito do espaço que eu consigo é porque eu trouxe minhas próprias histórias. Se eu ficasse esperando alguém de dar uma história, talvez eu não tivesse chegado até aqui. Trabalho pra mim não é um fardo: eu gosto. Por isso eu tenho até uma rotina mais pesada do que eu poderia ter.

Em geral, eu pego ou 10h ou 13h. Quando pego às 10h, eu faço um vivo pro [nome do jornal], e pro [nome do jornal], e quando entro às 13h só faço [nome do jornal]. Acordo 6h, 7h, malho (com personal), depois de malhar dou uma lida nos jornais, tipo 8h da manhã dou uma lida em todos os jornais, leio Globo, Extra e Folha. Leio também uma coluna de política que tem no Correio da Manhã, que não tem circulação grande, mas virou coluna onde os políticos trocam recados, onde os políticos se pautam...

Quando estou uma da tarde, aí no meio da manhã eu falo com o Eduardo Teixeira, que é o editor do [nome do jornal] e dou uma despachada com ele de uma meia hora. Quando eu vou pra redação eu já faço isso de lá.

Tenho algumas fontes, estou em alguns grupos, que já me ajudam na leitura do DO, mas eu leio mesmo assim. Aí eu já despacho logo tudo na parte da manhã, vejo se tem algo de política, no que a gente vai investir. O [nome de jornalista] ama política, também já foi produtor, e o [nome do jornal] tem muito espaço para política. Então todo dia a gente basicamente tem uma matéria de política. Fico sempre até o [nome do jornal] acabar independente da hora que eu entrei. Aí quando acaba o jornal sempre bato uma bolinha com o Eduardo e com o [nome de jornalista], que é o produtor do jornal, pra ver o que vamos fazer pro dia seguinte. Eu era muito ansioso, mas acho que eu amadureci um pouquinho e fiquei mais tranquilo. Eu avalio se devo gastar energia com certas coisas. O [nome do companheiro] inventou a ansiedade, e eu ainda aprendi a lidar com ele, e pensei que alguém tem que ser mais sóbrio, né?

- *Está trabalhando com assuntos relacionados ao coronavírus? O que mudou nas rotinas de trabalho pós-covid? Como você se sentiu? Teve redução salarial? Redução de horas de trabalho? Sentiu medo de contrair a covid?*

Quando começou a pandemia, todos foram cobrir isso. Eu tive zero medo, eu e Erick pegamos logo no começo. Eu trabalhei de casa porque precisava me distrair. Erick dormia, acordava com febre, dormia de novo. Então eu comecei a trabalhar, logo no começo o legislativo tava muito bombando, apresentando projetos, e as sessões se tornaram virtuais. Então de casa eu acompanhava as sessões, entrava ao vivo. Teve uma época que eu fazia [nome do jornal], [nome do jornal] e [nome do jornal], os 3 jornais, todos os dias. Estava trabalhando mais do que se estivesse na redação. Eu não tenho muitos medos. Eu tenho inseguranças pessoais, mas com relação ao trabalho eu sou muito tranquilo. Eu aprendi que o repórter tem que ser o ponto forte ali da relação. Porque querendo ou não, oficialmente ou não, o repórter lidera uma equipe. Se o repórter fica inseguro, o cinegrafista fica inseguro, a coisa não anda. Por mais que eu às vezes não esteja tão seguro, eu estou sempre um poço de segurança.

Em relação à covid, eu vi que ali seria um momento único da nossa história, uma guerra que a nossa geração nunca passou, está passando pela primeira vez. Se você parar para comparar, é bem parecido mesmo com um período de guerra, um período que você não sabe quando vai acabar, a única diferença é a velocidade de informação que a gente não tinha na segunda guerra. É um período de indefinição e incerteza sobre o amanhã. Eu percebi que ali era uma cobertura que ia marcar a nossa carreira e que eu estava muito focado no trabalho. Sabia que o vírus poderia chegar na gente, não imaginava que ia ser tão rápido, mas eu via ali uma oportunidade de fazer uma cobertura histórica, eu sabia que muitos colegas iam ficar fora pq seriam contaminados, então a gente sabia que teríamos que ficar focados no trabalho. Eu não tive medo. Os métodos e processos mudaram muito. O uso do zoom e do skype era muito difícil da gente usar, e hoje virou rotina. Até porque a gente pedia pras pessoas não saírem de casa. Então como íamos invadir a casa das pessoas? Era pra nos proteger, e também era um método pra gente continuar trabalhando dentro das recomendações das autoridades. O ambiente do trabalho ficou mais frio, a gente é muito caloroso, as pessoas se abraçam, se cumprimentam... a gente teve que pular uma baia entre nós, deixar uma sempre vazia, então aquele papo com a pessoa do lado ganhou distância.

A pandemia também virou uma desculpa perfeita. Por exemplo, autoridade que não quer dar entrevista, não vai dar entrevista porque não quer aglomerar. O funcionário fantasma não dá pra fazer pq até segunda ordem ele está de home office. A essência do jornalismo continua a mesma, mas o modo de fazer foi modificado pela pandemia. Na editoria houve uma avaliação com a qual eu concordo que o nosso trabalho é muito presencial. Não dá. Quando eu fazia matéria de casa, não era a matéria que abria o jornal. Tem certos limites que são difíceis.

- *O que é violência no trabalho para você?*

A primeira coisa que vem na minha cabeça é a questão da segurança. Não sei te dizer se numericamente o Rio de Janeiro é o estado onde há mais violência contra jornalistas, mas eu tenho impressão de que os repórteres do Rio são os que mais se preocupam com isso. Porque está na nossa cultura.

Quem xinga vai continuar xingando, eu fico lá fazendo minha cara de paisagem. Eu regravei umas dez vezes, que até a décima a pessoa já desistiu, ou então uma sai boa, vou regravando que nem um louco. Dá mais preguiça do que medo.

Eu acabo, em política, fazendo muita matéria com gente ligada à polícia, milícia, então eu fico receoso. Isso preocupa. Naquela cobertura da Rocinha, a gente ouviu um barulho de tiro e vimos que bateu uma cápsula do nosso lado. A gente entrou pra dentro da delegacia, mas nada contra mim. Eu tento não dar mole, não posto nada da minha casa, da minha varanda para evitar identificar onde eu moro, eu fico esperto, especialmente depois de certos tipos de matérias.

- *Já sofreu assédio moral?*

Assédio moral já sofri. O conceito de assédio moral é muito amplo, e depende da percepção da pessoa que é assediada. Quando eu era produtor, a gente tinha um chefe, falava que estava tudo uma merda. Teve uma vez que havia uma promessa que tinha sido feita para mim por um diretor, mas a promessa acabou sendo diferente do que havia sido combinado, e eu comecei a trabalhar com essa pessoa. E eu falei: "olha, aqui não está legal". [Pedro relata um disse me disse entre ele, o diretor e outra pessoa da redação, que lhe rendeu um esporro por parte desta chefia, e relata que ficou bastante chateado.]

- *Como é seu relacionamento com seus gestores?*

O relacionamento com os gestores é bom. Eu tento, quando há oportunidade, ter um relacionamento de igual para igual, entendendo que eu tenho direito de questionar, e quando bem recebido, me sinto bem. Às vezes as pessoas se colocam de maneira muito subservientes, porque elas acabam se distanciando e colocando barreiras na relação, e graças a Deus hoje tenho boa relação na editoria.

- *Quais equipamentos próprios você costuma usar no trabalho? Ganhei um celular da empresa, tudo é da empresa.*

- *Quais são os impactos do seu trabalho na vida pessoal/ relacionamento familiar?*

Eu sou meio workaholic, eu trabalho bastante, eu não tenho preguiça pra conseguir o que eu quero. E às vezes eu acho que isso incomoda um pouco o [nome do companheiro]. Eu estava acompanhando um assunto, eu sabia que um secretário de saúde do Rio ia ser exonerado no fim de semana e eu não estava no plantão. Chegou domingo e eu fui trabalhar. Isso é o tipo de coisa que incomoda o [nome do companheiro] profundamente. Uma coisa que ele reclama muito é que tipo estamos em casa vendo Netflix e aí me ligam, tipo uma fonte, eu vou falar pra fonte não me ligar? Eu tento ter um equilíbrio. Tipo, no dia do aniversário de namoro, mas no dia a dia a informação não tem hora pra chegar, pode chegar a qualquer momento. Mas de outra maneira eu vejo ele fazendo as mesmas coisas que eu faço. Ele reclama que eu trabalho 10 horas por dia, mas outro dia ele ficou uma semana trabalhando de 4h30 da manhã até 8 da noite. Não sei se eu sirvo de exemplo, mas na construção dele como repórter ele tem muitos excessos iguais aos meus, que me deixam orgulhoso. Excessos não, características. Rs.

- *Como é o retorno financeiro? Ele recompensa seu esforço?*

Acho que recompensa sim, porque acho que sou uma exceção. Tive sorte porque tive matéria finalista do Emmy, a situação de Barcelona me ajudou muito. Eu sou repórter especial e acho que cheguei longe em pouco tempo. O grosso reclama com razão.

- *Sente algum destes sintomas?*

Cansaço físico e mental- mais mental do que físico - o cansaço físico você resolve em um fim de semana descansando, o mental não. esse ano foi difícil, eu não tirei férias, por uma escolha pessoal - teve covid, eleição, processo de impeachment quando está cansaço, dia inteiro de trabalho, sente dificuldades de concentração sentimento de fracasso e insegurança
alterações repentinas de humor
sensação de isolamento
dores de cabeça sempre - neosaldina - toma 2 comprimidos, média 2 vezes/semana

- *Como classifica sua qualidade de vida?*

Não acho boa não é uma escolha e não me arrependo porque tenho meus objetivos, mas eu não tenho a qualidade de vida de um funcionário que trabalha 7 horas por dia porque continuo resolvendo problemas de trabalho em casa, não tenho meus fins de semana, posso ser chamado para trabalhar a qualquer momento. Agora, sou grato ao meu trabalho. Morava lá no Caxambi, hoje moro na zona sul, melhorou meu deslocamento, quantidade de lazer que eu tenho perto, mas acho minha qualidade vida média, não é boa não.

- *Você tem ajuda psicológica ou acha que precisaria? Não, não faço terapia.*
- *Você já pensou em mudar de carreira? Para qual?*

Penso num plano b para a política, mas não pensa em mudar de carreira

- *No veículo para o qual trabalha existe a cultura do furo? Como você lida com ela? Se sente pressionado?*

Sim, isso me pilha, mas eu não sofro por isso. Eu corro atrás. Eu não acho que a TV Globo tenha cultura do furo. Mas tem uma coisa muito grande de concorrência interna, vários repórteres muito bons, e é uma disputa saudável do ponto de vista empresarial. Só que eu passei a ser muito mais cobrado do que eu era. Então eu ganhei a promoção e passei a ser muito mais cobrado, nível de cobrança é enorme e é direta e sem filtro, de história assim, assado. O que eu acho positivo porque significa grande responsabilidade mas eu me sinto nessa cultura do furo, sofro essa pressão.

- *Você entende que, ao longo do seu tempo de atuação, houve uma precarização do jornalismo?*

A carreira como um todo ela precarizou pela quantidade de demissões de salários mais altos, os jornais impressos, disseram que o dia nem vai voltar a ser presencial porque economiza. E em relação ao meu trabalho, eu acho que a gente teve mudanças tecnológicas que precarizaram o trabalho do jornalista. Vejo mudanças em outras áreas da empresa que impactam no trabalho do jornalista. Exemplo: não tem mais operador, mudanças de sistemas de ingest de material, problemas técnicos que acabam atingindo a gente, Mudanças que vieram com proposta de agilizar e facilitar, mas que acabaram atrapalhando o nosso trabalho.

- *Como você enxerga essa ideia do jornalista super herói (romantização da precarização)?*

Eu acho a nossa profissão tão sem glamour. As pessoas misturam as coisas. Elas acham que especialmente quem aparece na televisão é cheio de glamour. Eu não vejo glamour. Não é que eu não goste, eu sou apaixonado pelo meu trabalho, mas eu não vejo glamour nenhum em ver a realidade como ela é. O maior glamour do mundo é ser ignorante. Televisão mexe com a nossa vaidade, por mais que você não queira. E não existe repórter de tv que não seja vaidoso. Mas eu tento controlar isso porque a gente tem que estar no nosso lugar. Não é porque você senta com um político pra conversar, que você está numa rodinha apurando que você é um deles. E eu acho que o jornalista é um grande intruso do bem dos lugares, ele está sempre em meio a situações às quais ele é alheio, ele é observador. Então, eu tento pensar assim pq diminui a vaidade, da gente achar mais do que a gente é. Eu super sou apaixonado pela nossa profissão, acho que a gente tem uma contribuição imensa para sociedade, mas não sei se a gente é heróis, a gente cumpre o nosso papel, como os médicos, os enfermeiros, professores.

Vejo jornalistas acumulando, mas eu não acho isso coisa de super herói. pelo contrário, acho que o super heróis resolveria esse problema e faria o trabalho dele bem feito e não ficaria pegando esses trabalhos que não são dele pra resolver, Exatamente pela nossa carreira estar precarizada, o jornalista tem mais de sobrevivente do que de herói. Porque eu acho que o herói tem uma coisa de super poderes, de ser o cara que faz a diferença, mas qual a nossa diferença pro gari? A gente tende a achar que a gente é mais do que a gente é por causa da nossa rede de contatos, mas não estamos fazendo nada além da nossa obrigação.

- *Onde é que nós jornalistas estamos hoje? Para onde vamos?*

Esse fenômeno das redes de uma maneira geral colocou em cheque a questão do jornalismo profissional, da necessidade das grandes empresas, mas se você parar para pensar, ele é a consagração da produção de conteúdo. A produção de conteúdo nunca esteve tão forte. Ela hoje é diferente. Muitas vezes o conteúdo é fake news, com objetivos, mas é produção de conteúdo, pelo blog, pelo post no twitter, mas as pessoas estão consumindo muita informação.

Qual a diferença entre o coronavírus e a segunda guerra mundial, eu acho? É o fato de a informação hoje ser plena, rápida, as pessoas estão consumindo informação o tempo todo. Meu medo é que com essa mudança da forma de comunicar, eu ainda não vi fora das empresas uma forma de você produzir conteúdo conseguindo monetizar. Não vi ninguém ganhar dinheiro com jornalismo produzindo informação. Quanto menos financeiramente viável numa sociedade capitalista, mais você dá espaço para pessoas menos comprometidas, menos qualificadas, a

peessoa vai procurar outra área. Acho que o futuro é imenso e tem espaço para a produção de informação. O dia de hoje mostra como a gente está consumindo muita informação, mas prefiro ser otimista.